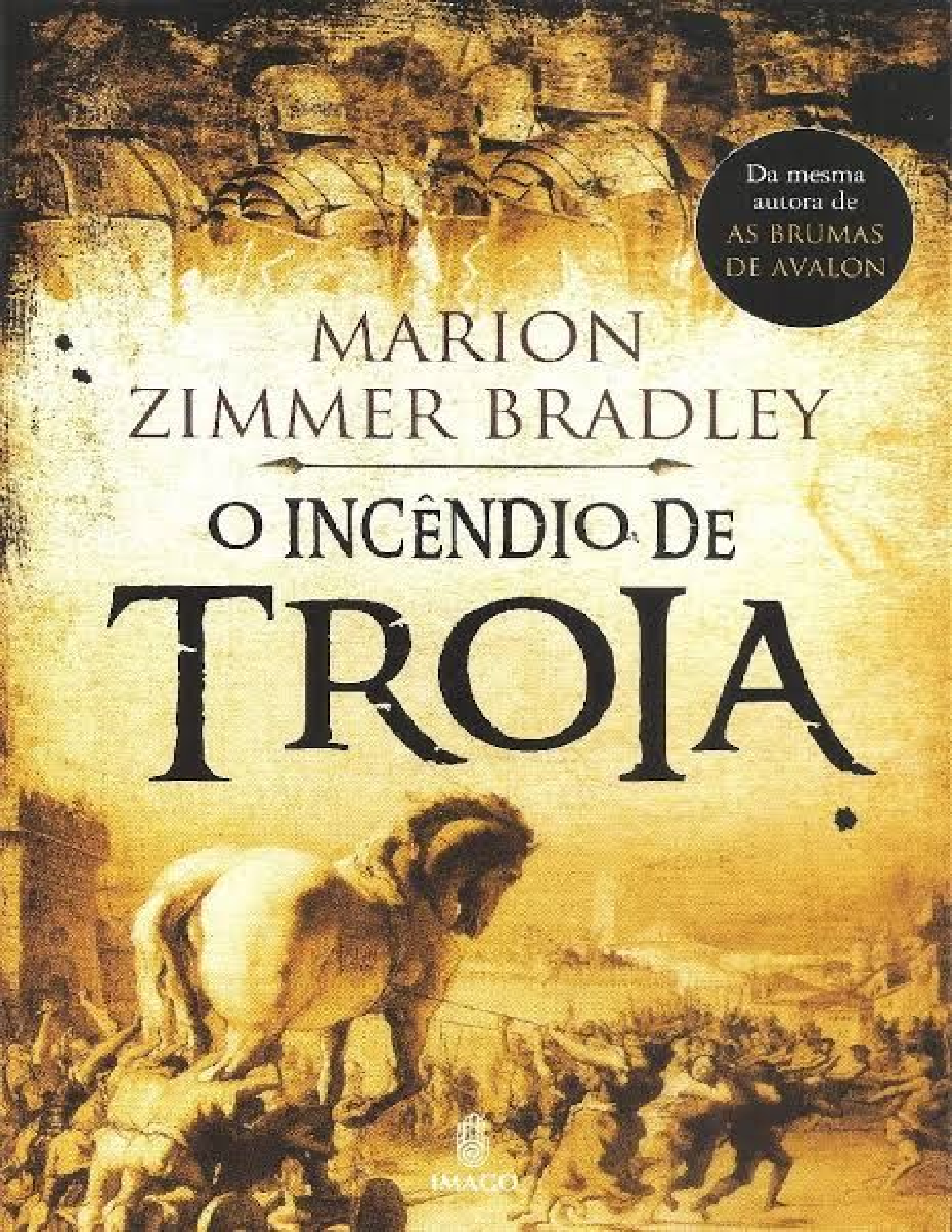
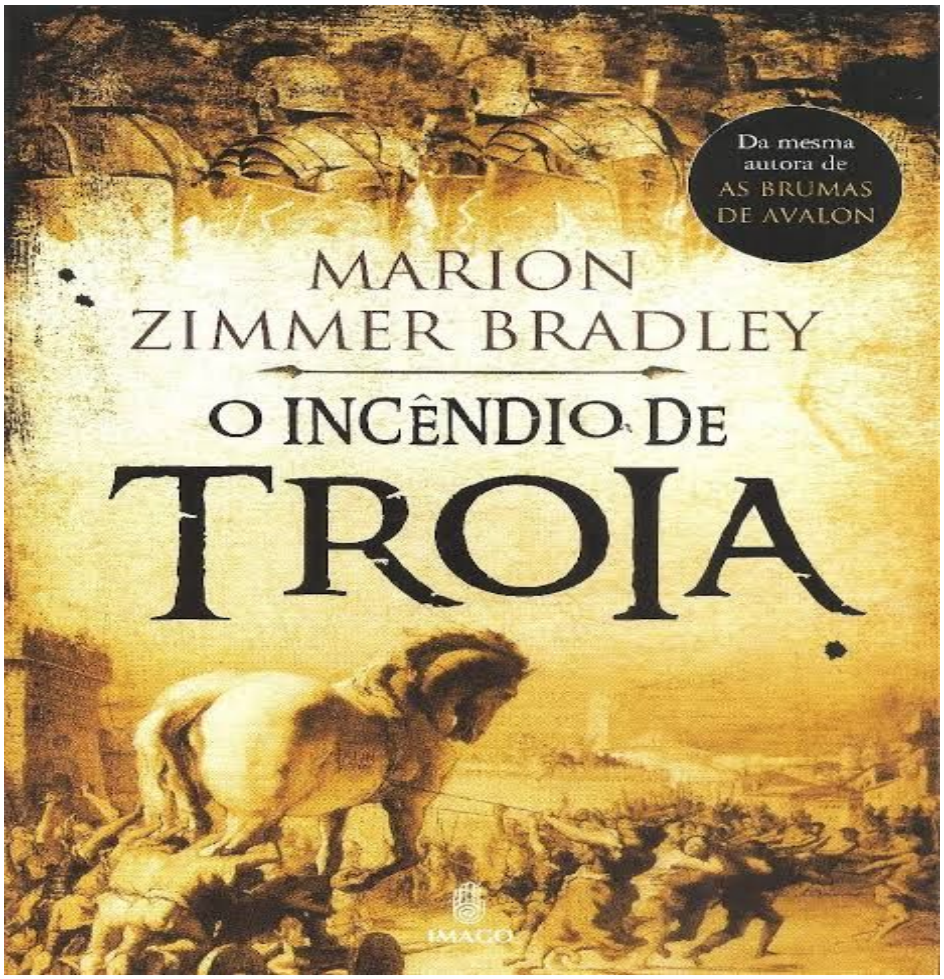
Da mesma autora de AS BRUMAS DE AVALON

MARION ZIMMER BRADLEY

O INCÊNDIO DE TROIA



IMAGO


Da mesma autora de
AS BRUMAS DE AVALON
MARION ZIMMER BRADLEY
O INCÊNDIO DE
TROIA
IMAGO

MARION ZIMMER BRADLEY

O INCÊNDIO DE TRÓIA

“Oh, Cidade de Tróia! A grande Tróia está em chamas! ” Rossetti *“Antes do nascimento de Páris, Hécuba, rainha de Tróia, sonhou que tinha dado à luz um facho que destruiria pelo fogo as muralhas de Tróia.”*

- PRÓLOGO
- VOLUME UM - O CHAMAMENTO DE APOLO
- UM
- DOIS
- TRES
- QUATRO
- CINCO
- SEIS
- SETE
- OITO
- NOVE
- DEZ
- ONZE
- DOZE
- TREZE
- CATORZE
- QUINZE
- DEZESSEIS
- DEZESSETE
- DEZOITO
- DEZENOVE
- VINTE

- VOLUME DOIS - O DOM DE AFRODITE
- UM
- DOIS
- TRES
- QUATRO
- CINCO
- SEIS
- SETE
- OITO
- NOVE
- DEZ
- ONZE
- DOZE
- TREZE
- CATORZE
- QUINZE
- DEZESSEIS
- DEZESSETE
- DEZOITO
- DEZENOVE
- VINTE
- VINTE E UM
- VINTE E DOIS
- VINTE E TRES
- VOLUME TRÊS - A MALDIÇÃO DE POSÍDON
- UM
- DOIS
- TRES
- QUATRO
- CINCO
- SEIS
- SETE
- OITO
- NOVE
- DEZ
- ONZE
- DOZE

- TREZE
- CATORZE
- QUINZE
- DEZESSEIS
- DEZESSETE
- DEZOITO
- EPÍLOGO
- POST-SCRIPTUM
- AGRADECIMENTOS

PRÓLOGO

A chuva caíra o dia inteiro; ora densa, ora em finos aguaceiros, mas nunca cessando por completo. As mulheres levaram os seus fusos para dentro, para junto da lareira, e as crianças amontoaram-se sob as sacadas do pátio. Aventuravam-se a sair por breves minutos entre dois aguaceiros para chapinhar nas poças rodeadas por fiadas de tijolo e patinhar de lama o caminho até a lareira. Ao fim da tarde, a mais velha das mulheres que se encontravam junto ao fogo julgava enlouquecer com o som dos gritos e do chafurdar, das cargas dos pequenos exércitos, do embate das espadas de pau nos escudos de madeira, com o som dos estilhaços e das brigas causadas pelos brinquedos quebrados, as lealdades deslocadas de chefe para chefe, os gritos de "morto" e "ferido" quando alguém era excluído da brincadeira.

A chuva que caía pela chaminé era ainda demasiada para permitir cozinhar em condições na lareira; com o escurecer do dia de inverno ia se acendendo o lume nos braseiros. À medida que o cheiro bom da carne e do pão a cozer se ia espalhando, as crianças vinham uma após outra acocorar-se como cachorros famintos, inspirando ruidosamente e discutindo ainda, a meia voz. Pouco antes do jantar uma visita apareceu à porta: um menestrel, um caminhante cuja lira, suspensa do ombro, lhe garantia o bom acolhimento e o alojamento onde quer que fosse. Depois de lhe terem oferecido comida, um banho e roupas secas, o menestrel veio e tomou o lugar destinado aos convidados mais bem-vindos, perto do fogo. Começou a afinar o seu instrumento, encostando o ouvido às cravelhas de tartaruga e testando o som com o dedo. Em seguida, sem pedir licença - já nesse tempo um bardo fazia o que entendia -dedilhou um único e sonante acorde e declamou:

"Cantarei as batalhas e os grandes homens que nelas combateram; Os homens que permaneceram por dez anos defronte das muralhas de Tróia, erigidas por gigantes;

E os Deuses que derrubaram, por fim, essas muralhas: Apolo, Senhor do Sol, e Posídon, O que Faz Tremer a Terra.

Cantarei a lenda da vida do poderoso Aquiles, nascido de uma Deusa, tão forte que arma alguma o poderia destruir. E mesmo a história do seu

orgulho e arrogância e aquela batalha em que ele e o grande Heitor lutaram ao longo de três dias nas planícies, frente às altas muralhas de Tróia;

O orgulhoso Heitor e o galante Aquiles, os Centauros e as Amazonas, Deuses e heróis,

Odisseu e Enéias, todos os que combateram e foram mortos nas planícies, diante de Iroia...

— Não! — exclamou a velha bruscamente, deixando cair o fuso e levantando-se. — Não o permitirei! Não quero ouvir esses disparates contados na minha sala!

O menestrel deixou a mão esquerda tombar sobre as cordas, num tanger dissonante; o seu ar era de desalento e surpresa, mas o tom de voz foi cortês.

— Senhora?

— Digo que não permitirei que essas estúpidas mentiras sejam contadas junto à minha lareira! — disse ela veementemente.

As crianças soltaram sons de desapontamento; ela silenciou-as com um gesto imperioso.

— Menestrel, és bem-vindo a tomar a tua refeição e a sentar-te ao pé do meu fogo; mas não permitirei que enchas os ouvidos das crianças com essas mentiras sem sentido. Isso não foi, de todo, assim.

— Verdade? — inquiriu o tocador de harpa. — Como o sabes, senhora? Eu canto a lenda como me foi ensinada pelo meu mestre, tal como é cantada em todos os lugares desde Creta a Cálcis...

— Pode ser cantada dessa forma desde aqui até a ponta do mundo — disse a velha —, mas não foi, de todo, assim que aconteceu.

— Como sabes? — perguntou o menestrel.

— Porque estava lá e assisti a tudo — replicou a velha. As crianças murmuraram e gritaram.

— Nunca nos contaste isso, avó. Conheceste Aquiles, e Heitor, e Príamo, e os heróis

todos?

— Heróis! — disse ela com desdém. — Sim, conheci-os; Heitor era meu irmão.

O menestrel inclinou-se para diante e olhou-a insistentemente.

— Sei agora quem és — disse ele por fim.

Ela assentiu inclinando a cabeça branca.

— Então talvez tu, senhora, devesses contar a história; eu, que sirvo o Deus da verdade, não mais cantaria mentiras para serem escutadas por todos os homens.

A velha ficou por longo tempo em silêncio. Por fim, disse:

— Não, não consigo viver tudo aquilo de novo.

As crianças lamentaram-se, desapontadas.

— Não tens outra lenda para cantar?

— Muitas — disse o tocador de harpa — mas não queria contar uma história da qual escarnecesses como de uma mentira. Por que não contas a verdade para que eu possa cantá-la em outros lugares?

Ela sacudiu energicamente a cabeça.

— A verdade não é uma boa história.

— Não podes ao menos dizer-me quais são os desvios da minha história, para que eu a possa emendar?

Ela suspirou.

— Houve um tempo em que eu teria tentado — disse — mas nenhum homem quer acreditar na verdade. Porque a tua história fala de heróis e reis, não de rainhas; e de Deuses, não de Deusas.

— Não é bem assim — disse o tocador de harpa — pois grande parte da história fala da bela Helena, raptada por Páris; e de Leda, a mãe de Helena, e sua irmã Clitemnestra, seduzida pelo grande Zeus, o qual tomou a forma de seu marido, o rei...

— Sabia que não poderias compreender — disse a velha mulher — já que, para começar, nesta terra a princípio não existiam reis, mas somente rainhas, as filhas das Deusas e estas escolhiam os seus consortes onde queriam. Mas, depois, os adoradores dos Deuses do Céu, a tribo dos cavaleiros, os utilizadores do ferro, desceram à nossa terra; e quando as rainhas os tomaram como consortes, eles intitularam-se reis e exigiram o direito de governar. E assim os Deuses e Deusas se tornaram rivais; e chegou o tempo em que Tróia foi palco das suas disputas... — deteve-se abruptamente. — Basta! — disse ela. — O mundo mudou. Vejo que me julgas uma velha cujo espírito divaga. Este foi sempre o meu destino: falar a verdade e nunca ser acreditada. Sempre foi assim e sempre assim será. Canta o que quiseres; mas não zombes da minha verdade junto à minha lareira. Há muitas lendas. Conta-nos a de Medéia, Senhora de Cálcis, e do tosão dourado que Jasão roubou do seu santuário, se é que o fez. Ousaria dizer que também para essa lenda existe outra verdade, mas eu não a conheço nem me interessa saber qual será; há muitos e longos anos que não ponho pé em Cálcis. — Apanhou o seu fuso e, calmamente, começou a fiar.

O tocador de harpa baixou a cabeça.

— Seja como queres, Cassandra — disse ele. — Todos pensamos que morreras em Tróia ou, pouco depois, em Micenas.

— Então isso devia provar-te que, pelo menos em certos detalhes, a lenda não diz a verdade — disse ela, mas em voz baixa.

“Mantém-se a minha sina: falar sempre a verdade e ser apenas julgada louca. Até hoje, o Senhor do Sol não me perdoou... ”

VOLUME UM

O CHAMAMENTO DE APOLO

UM

Nessa altura do ano, a luz durava até tarde; mas o último reflexo do pôr do sol tinha-se já dissipado a ocidente e a bruma começara a avançar a partir do mar.

Leda, Senhora de Esparta, levantou-se da cama onde o seu consorte, Tíndaro, permanecia imóvel. Como de costume, depois de manterem relações, ele caíra num sono pesado. Não deu por nada quando ela abandonou a cama e, lançando um agasalho leve sobre os ombros, saiu para o pátio dos aposentos das mulheres.

"Aposentos das mulheres", pensou a rainha, zangada, *"tratando-se do meu próprio castelo; poderia pensar-se que eu, e não ele, era a intrusa aqui; que ele, e não eu, detém o direito às terras de Esparta. A Mãe Terra nem o nome dele conhece. "*

Ela mostrara-se bastante agradada quando ele viera e pedira a sua mão, embora se tratasse de um dos invasores vindos do Norte, adoradores do trovão e do carvalho e dos Deuses do Céu; um homem grosseiro e peludo, exibindo o odiado ferro negro nas lanças e na armadura. E, no entanto, agora os seus semelhantes estavam por todo o lado e exigiam o casamento segundo as suas novas leis, como se o Deus deles tivesse derrubado do seu trono celestial a Deusa possuidora da terra e das colheitas e das gentes. A mulher desposada por esses homens cobertos de ferro devia juntar-se a eles na adoração dos seus Deuses e entregar o seu corpo a esse homem apenas.

"Um dia, " pensou Leda, *"a Deusa castigaria esses homens por proibirem as mulheres de prestar a devida homenagem às forças da Vida. Eles diziam que as Deusas estavam subordinadas aos Deuses; tal coisa afigurava-se a Leda como uma horrível blasfêmia e uma inversão demente da ordem natural das coisas. Os homens não possuíam qualquer poder divino; não amamentavam nem pariam; porém achavam-se, de qualquer modo, detentores de um direito natural ao fruto dos corpos das suas mulheres, como se o fato de acasalar com elas lhes conferisse o direito de*

propriedade, como se as crianças não pertencessem naturalmente à mulher cujo corpo as abrigou e alimentou"

Porém Tíndaro era seu marido e ela amava-o; e porque o amava estava disposta até a mostrar-se indulgente face à sua loucura e ciúme e a arriscar-se a enfurecer a Mãe Terra por se deitar somente com ele.

Mas, no entanto, desejava fazê-lo entender que era errado fechá-la nos aposentos das mulheres; que, como sacerdotisa, ela tinha de sair e percorrer os campos para se assegurar de que à Deusa eram prestados os cultos devidos; que os seus dons de fertilidade deveriam contemplar todos os homens e não apenas o seu consorte; que a Deusa não podia limitar a concessão dos Seus dons a um qualquer homem, mesmo que esse homem se dissesse rei.

O ressoar distante de um trovão vibrou, vindo do fundo, como se se erguesse do mar, ou como se a Grande Serpente que de tempos a tempos fazia tremer a terra se agitasse nos seus domínios profundos.

Uma rajada de vento agitou o fino agasalho sobre os ombros de Leda e o cabelo dela esvoaçou em liberdade, como um pássaro solitário em vôo. Um relâmpago pálido iluminou subitamente o pátio e, recortado no quadrado luminoso da moldura da porta, avistou o seu marido que vinha procurá-la. Leda retraiu-se interiormente; iria ele censurá-la por ter abandonado os aposentos das mulheres, mesmo àquela hora da noite?

Mas ele nada disse. Avançou em direção a ela e algo nos seus passos, na forma decidida como se movia, lhe disse que, apesar da figura e das feições familiares (e agora claramente visíveis à luz do luar) aquele não era o seu marido. Não sabia dizer como tal era possível, mas havia uma réstia errante de luz que parecia brincar em torno dos ombros dele e, à medida que caminhava, os seus pés batiam nas lajes com o som abafado de um trovão distante. Parecia mais alto, a cabeça lançada para trás contra o clarão luminoso que lhe faiscava no cabelo. Leda percebeu, num estremecimento que encrespou cada pêlo do seu corpo, que um dos Deuses estrangeiros se movia dentro da imagem do seu marido, cavalgando-o do mesmo modo que ele próprio montaria um dos seus cavalos. A auréola luminosa disselhe que

aquele era o Zeus do Olimpo, Domador dos Trovões, Senhor dos Relâmpagos.

Nada disto era novo para ela; conhecia a sensação provocada pela Deusa ao preencher e percorrer o seu corpo, enquanto abençoava as colheitas ou se deitava nos campos, transfundindo às sementes o poder divino do crescimento. Recordou a sensação de se apartar do seu eu familiar e de ser a Deusa que se movia durante os ritos, dominando todos os outros com o poder que encerrava dentro Dela.

Sabia que Tíndaro deveria estar nesse momento a observá-la do seu íntimo, enquanto Zeus, dono do seu corpo, avançava para a sua mulher. Sabia, porque Tíndaro lhe tinha uma vez dito que, de entre todos os seus Deuses, era pelo Senhor dos Trovões que ele sentia maior devoção.

Encolheu-se; talvez Ele não reparasse nela e se pudesse manter sem ser vista até o Deus abandonar o corpo do marido. A cabeça que era agora a do Deus moveu-se, com aquela réstia de luz perseguindo o movimento solto e esvoaçante dos cabelos. Ela soube que Ele a tinha visto; mas não foi a voz de Tíndaro que falou, mas uma voz mais cava, mais suave, num ecoar grave e profundo impregnado do som de trovões distantes.

— Leda — disse o Zeus dos Trovões — chega-te a mim.

Estendeu a Sua mão para receber a dela e ela, obedientemente, dominando um súbito e íntimo pavor *(se este Deus trazia consigo os relâmpagos, a atingiria o Seu toque com a força de um trovão?)* pousou a mão na Dele. A Sua pele era fria e a mão dela tremeu ligeiramente ao tocar-lhe. Erguendo o olhar, pressentiu a sombra de um sorriso no Seu rosto, em tudo diferente do severo e inflexível rosto de Tíndaro, como se o Deus estivesse a rir — não, não dela, mas com ela. Ele puxou-a para debaixo do Seu braço, lançando-lhe por cima a ponta do manto para que ela sentisse o calor do Seu corpo. Não voltou a falar, mas arrastou-a consigo para a sala que ela deixara havia apenas alguns momentos.

Depois a puxou e encostou-a a Si, dentro do manto, para que sentisse o sexo Dele erguer-se contra o seu corpo.

"Será que as leis contra o dormir com qualquer outro homem interditam um Deus com o mesmo aspecto e forma do meu marido?", interrogou-se ela ansiosamente. O verdadeiro Tíndaro, algures no seu íntimo, estaria certamente a vê-la: enciumado ou satisfeito por a sua mulher ter recebido os favores do seu Deus? Não tinha forma de o saber; pela força com que Ele a abraçou, sabia que seria impossível protestar.

De início o Seu corpo desconhecido parecera-lhe frio; agora o sentia agradavelmente quente, como que febril.

Ele ergueu-a do chão e deitou-a; um único e rápido toque e, sem saber como, o seu corpo abriu-se, latejante e ansioso. De repente Ele estava sobre e dentro dela, os relâmpagos brincando em torno da Sua silhueta e do Seu rosto, ecoando fundo nos golpes ritmados do Seu corpo. Por momentos pareceu-lhe não se tratar de um homem, não ser de fato nada de humano, mas sim que estava sozinha num lugar altíssimo varrido pelo vento, rodeada pelo bater de asas ou cercada por um enorme anel de fogo; ou que alguma besta a rondava e violentava confusa e arrebatada; asas batendo, um trovão; e, ao mesmo tempo, uma boca quente e imperiosa apossou-se da sua.

Subitamente chegou o fim e era como algo acontecido há muito tempo, uma memória esbatida ou um sonho; e ela estava sozinha na cama sentindo-se muito pequena, gelada e abandonada e só, enquanto o Deus se erguia acima dela até, parecia-lhe, ao céu. Ele curvou-se e beijou-a com enorme ternura. Ela fechou os olhos e quando acordou Tíndaro dormia profundamente a seu lado; e ela não tinha a certeza de alguma vez ter saído da cama. Era Tíndaro; quando estendeu a mão para se certificar, a pele dele estava morna, ou fresca, e não havia o menor traço do brilho dos relâmpagos no cabelo pousado sobre a almofada a seu lado.

"Teria, então, apenas sonhado?" Enquanto este pensamento lhe cruzava o espírito ouviu ao longe, no exterior da casa, o murmúrio do trovão; para onde quer que tivesse partido, o Deus não a tinha abandonado por completo.

Sabia agora que, por mais tempo que vivesse com Tíndaro como sua mulher, não mais olharia para o rosto do marido sem nele procurar algum sinal do Deus que a tinha visitado sob a sua forma.

DOIS

Sempre que Hécuba, a rainha, saía das muralhas de Tróia, olhava para trás, com enorme orgulho, para a cidade-fortaleza erguendo-se, socalco a socalco, sobre a planície fértil do verde rio Escamandro, por trás do qual se estendia o mar. Sentia-se sempre maravilhada com a ação dos Deuses que lhe haviam dado a soberania de Tróia. Ela, a rainha; e Príamo como seu marido e consorte.

Era ela a mãe do príncipe Heitor, o herdeiro de Príamo. Um dia os seus filhos e filhas herdariam aquela cidade e as terras para além dela, até onde o olhar alcança.

Mesmo que a criança que em breve teria fosse uma filha, Príamo não teria razões de queixa suas. Heitor tinha agora sete anos, idade suficiente para aprender a manejar as armas. A sua primeira armadura havia já sido encomendada ao ferreiro que servia a casa real. A filha, Políxena, tinha quatro anos e um dia seria bonita, com um longo cabelo avermelhado como o de Hécuba. Viria a ter tanto valor como qualquer filho, pois uma filha podia casar-se com um dos reis rivais de Príamo e cimentar uma sólida aliança. A casa de um rei deve ser rica em filhos e filhas e as mulheres do palácio tinham-lhe dado muitos filhos e poucas filhas. Mas Hécuba, como sua rainha, tinha a cargo os filhos do rei, e era seu dever — não, seu privilégio — decidir como todos eles deveriam ser educados, tivessem nascido dela ou de qualquer outra mulher.

A rainha Hécuba era uma mulher atraente, alta, de ombros largos, o cabelo castanho-avermelhado alisado para trás, descobrindo-lhe a testa, e penteado em longos caracóis à altura do pescoço. Caminhava como a Deusa Hera, com a criança (pesada e prestes a nascer) orgulhosamente na sua frente. Envergava o corpete decotado e a saia de folhos com riscas brilhantes que eram o vestuário habitual das mulheres nobres de Tróia. Um colar de ouro, da largura da palma da sua mão, brilhava-lhe em torno da garganta.

Quando percorria uma rua sossegada perto do mercado, uma mulher do povo, baixa, morena e grosseiramente vestida de linho cor de terra, correu a

tocar o seu ventre murmurando, como que assustada com a sua própria temeridade, *"A tua bênção, ó rainha"*.

— Não sou eu — respondeu Hécuba — mas sim a Deusa quem te abençoa.

Ao mesmo tempo em que estendia as mãos, Hécuba sentiu a sombra da Deusa sobre ela, como um formigueiro no alto da cabeça; e era visível no rosto da mulher o infalível reflexo do respeito e admiração face à súbita mudança.

— Que tu possas gerar muitos filhos e filhas para a nossa cidade. Peço-te que me abençoes também, filha — disse Hécuba gravemente.

A mulher levantou os olhos para a rainha — ou será que viu somente a Deusa? — e murmurou:

— Senhora, que a fama do príncipe que vais dar à luz ofusque a própria fama do príncipe Heitor.

— Assim seja — murmurou a rainha, e perguntou-se porque teria sentido um pequeno estremecimento premonitório como se, de algum modo, entre os lábios da mulher e os seus ouvidos, a bênção se tivesse transformado em maldição.

Deve também ter sido visível no seu rosto, pensou ela, pois a sua camareira aproximou-se e disselhe ao ouvido:

— Senhora, estás pálida; será o princípio do trabalho de parto?

A confusão da rainha era tal que por momentos se chegou a perguntar se o estranho suor frio que a envolveu não seria de fato o primeiro sinal do processo do nascimento. Ou seria apenas o resultado do seu breve ensombramento pela Deusa? Não se lembrava de nada de semelhante quando do nascimento de Heitor, mas, na altura ela era uma menina pouco consciente do processo que se desenrolava dentro de si.

— Não sei — disse ela. — É possível.

— Então tens de voltar para o palácio e o rei deve ser avisado — disse a mulher.

Hécuba hesitou. Não tinha a menor vontade de voltar para dentro de casa, mas se estava realmente em trabalho de parto era seu dever (não só para com a criança e o marido, como também para com o rei e todo o povo de Tróia) salvaguardar o príncipe ou princesa que ia nascer.

— Muito bem, voltemos para o palácio! — disse ela, virando-se em sentido contrário.

Uma das coisas que a perturbavam quando percorria a cidade era a multidão de mulheres e crianças que sempre a seguiam pedindo bênçãos. Desde que a sua gravidez se tornara visível elas imploravam a bênção da fertilidade como se ela pudesse, tal como a Deusa, conceder o dom da maternidade. Acompanhada da sua camareira passou sob as leoas gêmeas, guardiãs das portas do palácio de Príamo, atravessando o enorme pátio que se estendia para além delas e onde os soldados se reuniam para se exercitarem nas armas. A sentinela do portão ergueu a lança, saudando-a.

Hécuba observou os soldados lutando, dois a dois, com armas embotadas. Sabia tanto de armas como qualquer um deles, pois tinha nascido e crescido nas planícies, filha de uma tribo nômade cujas mulheres montavam a cavalo e se treinavam com a espada e a lança como os homens das cidades.

A sua mão ansiava por uma espada, mas esse não era o costume em Tróia, e embora a princípio Príamo lhe permitisse manejar armas e praticar com os seus soldados, quando ficara grávida de Heitor ele tinha-o proibido. Em vão lhe dissera que as mulheres da sua tribo andavam a cavalo e faziam uso de armas até poucos dias antes de terem as suas crianças; ele não lhe dera ouvidos.

As parteiras reais disseram-lhe que o simples fato de tocar em armas de gume causaria dano à criança e talvez mesmo aos homens possuidores das armas. A mão de uma mulher, diziam, especialmente de uma mulher no seu estado, inutilizaria a arma para a batalha. Aos ouvidos de Hécuba isto soava como uma refinada idiotice, como se os homens receassem a idéia de que uma mulher pudesse ser suficientemente forte para se proteger a si própria.

— Mas tu não tens necessidade de te proteger, meu amor adorado — dissera Príamo. — Que espécie de homem seria eu, se não fosse capaz de proteger a minha mulher e o meu filho?

Isto tinha dado o assunto por encerrado e, desde então, Hécuba não tinha sequer tocado o punho de uma arma. Ao imaginar o peso de uma arma na sua mão esboçou um esgar, apercebendo-se de que estava enfraquecida devido ao trabalho doméstico destinado às mulheres e amolecida pela falta de exercício. Príamo não chegava ao extremo dos reis argivos, que mantinham as mulheres confinadas no interior das suas casas, mas não ficava satisfeito quando ela se afastava muito do palácio. Ele tinha crescido entre mulheres que viviam sempre dentro de casa e um dos seus comentários mais cáusticos acerca de uma mulher era *"tisnada de tanto vadiar*

A rainha atravessou a pequena porta, penetrando nas sombras frescas do palácio, e percorreu as salas de chão de mármore. O leve som das suas saias arrastando pelo chão e,

atrás de si, os passos leves da sua camareira, ouviam-se no silêncio.

Nos seus aposentos ensolarados, com todas as cortinas afastadas, como ela gostava de mantê-los, as criadas expunham as roupas ao sol e ao ar; quando ela entrou pararam para saudá-la. A camareira anunciou:

— A rainha vai dar à luz; mandem chamar a parteira real.

— Não, espera! — A voz suave mas decidida de Hécuba cortou os gritos de excitação. — Não há assim tanta pressa; não temos certeza. Sentime esquisita e não percebia o que me estava a incomodar; mas não quer dizer, de modo algum, que seja isso.

— De qualquer modo, senhora, se não tens certeza, devias permitir que ela viesse para junto de ti — insistiu a mulher e a rainha acabou por concordar. Com certeza que não havia motivo para aflições. Se estivesse em trabalho de parto, em breve teriam a confirmação; mas se não estivesse, também não lhe faria mal nenhum falar com a mulher. A sensação estranha tinha desaparecido e não voltara; era como se nunca tivesse existido.

O sol foi baixando e Hécuba passou o dia ajudando as mulheres a dobrar e arrumar as roupas postas a arejar. À hora do pôr do sol, Príamo mandou dizer que passaria o serão com os seus homens; ela comeria com as mulheres e deveria deitar-se sem esperar por ele.

Cinco anos atrás, isto a teria desapontado; não conseguiria dormir sem que ele a envolvesse nos seus braços fortes e carinhosos. Agora, e especialmente naquele estado avançado de gravidez, agradava-lhe a idéia de ter a cama só para si. Mesmo quando havia a hipótese de que talvez ele estivesse partilhando o leito de outra mulher da corte, quem sabe o de uma das mães dos seus outros filhos, não ficou perturbada; sabia que um rei tem de ter muitos filhos e ele tinha pelo seu filho Heitor uma nítida preferência.

Não entraria em trabalho de parto, pelo menos não nessa noite; por isso chamou as suas aias para que a viessem ajudar a deitar com a cerimônia prevista. Por qualquer razão a última imagem no seu espírito, antes de adormecer, foi a da mulher que, nesse dia, lhe pedira a bênção na rua.

Um pouco antes da meia-noite, o guarda que vigiava os aposentos da rainha, tendo-se deixado adormecer, foi acordado por um grito lancinante de desespero e horror que pareceu vibrar por todo o palácio. Completamente acordado pelo susto, o guarda entrou nos aposentos chamando até que uma das aias aparecesse.

— Que aconteceu? A rainha está a dar à luz? A casa está a arder? — perguntou ele.

— Um mau presságio — gritou a mulher — o pior dos sonhos... — e nesse momento a própria rainha apareceu à entrada da porta.

— Fogo! — berrou e o guarda olhou assombrado para a figura geralmente majestosa da rainha, com o seu longo cabelo avermelhado solto, caindo descuidadamente até as ancas, a túnica desatada no ombro e descomposta, deixando-a seminua da cintura para cima. Ele nunca havia reparado que a rainha era bela.

— Senhora, que posso fazer por ti? — perguntou. — Onde é o fogo?

E então presenciou algo de espantoso: num abrir e fechar de olhos a rainha alterou-se, deixando de ser aquela estranha perturbada para se tornar na senhora real que ele conhecia. A sua voz tremia de medo, embora tenha conseguido dizer calmamente:

— Deve ter sido um sonho. Um sonho com o fogo, nada mais.

— Diz-nos, senhora — insistiu a camareira, aproximando-se da rainha, os seus olhos atentos e cautelosos enquanto se movia em direção ao guarda. — Vai-te. Não devias estar aqui.

— É meu dever certificar-me de que tudo está bem com as mulheres do rei disse ele firmemente, com os olhos no rosto, agora calmo, da rainha.

— Deixa-o estar; ele não faz mais do que a sua obrigação — disse Hécuba à mulher, com a voz ainda trêmula. — Asseguro-te de que não passou de um sonho mau, guarda; as mulheres verificaram todas as divisões. Não há fogo.

— Temos de mandar buscar uma sacerdotisa ao templo — advertiu uma mulher que se encontrava ao lado de Hécuba. — Temos de saber que perigo é anunciado por tão terrível sonho!

Um passo enérgico soou e a porta abriu-se bruscamente; o rei de Tróia parou na soleira; um homem alto e forte rondando os trinta anos, solidamente musculado e de ombros largos, mesmo sem a armadura, de cabelo escuro e encaracolado e com uma barba crespa e escura cuidadosamente aparada exigindo que lhe dissessem, em nome de todos os Deuses e Deusas, que agitação era aquela em sua casa.

— Senhor... — as criadas recuaram quando Príamo avançou, cruzando a porta.

— Senhor meu marido, lamento esta agitação. Tive um sonho terrível.

Príamo acenou às mulheres.

— Vão certificar-se de que tudo está bem nos quartos das crianças reais — ordenou e as mulheres saíram correndo. Príamo era um homem amável,

mas não era aconselhável irritá-lo nas raras ocasiões em que se descontrolava. — E tu — disse ele para o guarda — ouviste o que disse a rainha: vai imediatamente ao Templo da Grande Mãe. Diz que a rainha teve um sonho de mau augúrio e necessita de uma sacerdotisa que lho interprete. Já!

O guarda apressou-se a descer as escadas e Hécuba estendeu a mão para o marido.

— Não passou então, realmente, de um sonho? — perguntou ele.

— Nada mais que um sonho — disse ela, mas a sua simples recordação continuava a fazê-la tremer.

— Diz-me, meu amor — disse ele, conduzindo-a de volta ao leito, sentando-se a seu lado e inclinando-se para a frente para segurar os dedos dela, pouco menores que os seus, entre as suas palmas calosas.

— Sinto-me tão idiota por ter incomodado toda a gente por causa de um pesadelo — disse ela.

— Não, tinhas toda a razão — disse ele. — Quem sabe? O sonho pode ter sido enviado por um Deus teu inimigo... ou meu. Ou por um Deus amigável, como aviso de catástrofe. Conta-me, meu amor.

— Sonhei... Sonhei... — Hécuba engoliu em seco, tentando libertar-se da sensação de pavor que a sufocava. — Sonhei que a criança tinha nascido (um rapaz) e eu estava deitada a olhá-lo enquanto lhe punham as fraldas, quando de repente um Deus apareceu no quarto...

— Que Deus? — interrompeu Príamo abruptamente. — Com que forma?

— Como hei de saber? — respondeu Hécuba justificadamente. — Sei muito pouco dos Olímpicos. Mas tenho a certeza de que não ofendi qualquer deles nem cometi desonra alguma.

— Fala-me da sua forma e aspecto — insistiu Príamo.

— Era jovem e imberbe; apenas seis ou sete anos mais velho do que o nosso Heitor — disse Hécuba.

— Então deve ter sido Hermes, o Mensageiro dos Deuses — disse Príamo.

Hécuba gritou:

— Mas por que havia um Deus dos Argivos de vir até mim?

— Não nos compete questionar os atos dos Deuses — disse Príamo. — O que posso dizer? Continua.

Hécuba falou, a voz ainda insegura:

— Hermes então, ou fosse que Deus fosse, debruçou-se sobre o berço e pegou no bebê... — Hécuba estava branca, com a testa coberta de gotas de suor —... não era um bebê, mas... uma criança... uma criança nua, a arder... quero dizer, estava toda em chamas, ardendo como um archote. E, à medida que se movia, o fogo vinha e invadia o castelo, queimando tudo e invadindo a cidade... — não agüentou e começou a soluçar. — Oh, o que quereria isto dizer?

— Só os Deuses o sabem ao certo — disse Príamo e segurou a mão dela na sua, com

firmeza.

— No meu sonho — balbuciou Hécuba — o bebê corria à frente do Deus... um recém-nascido correndo, em chamas, pelo palácio afora e, logo após a sua passagem, os quartos pegavam fogo. Depois desceu e correu através da cidade; eu fiquei no terraço que dá sobre a cidade; e o fogo, ao mesmo tempo em que ele corria, ia-se ateando atrás de si; Tróia estava a arder, toda em chamas, desde o alto da cidade até a praia e até o mar estava todo incendiado na sua frente...

— Por Posídon! — murmurou Príamo entredentes — que terrível presságio... para Tróia e para todos nós!

Ficou sentado em silêncio, afagando a mão dela até que um leve som fora do quarto anunciou a chegada da sacerdotisa. Ela penetrou no quarto e disse em voz calma e amistosa:

— Paz para todos nesta casa. Rejubilem, ó Senhor e Senhora de Tróia! O meu nome é Sarmático. Trago-vos a bênção da Mãe Sagrada. Que serviço poderei prestar à rainha?

Era uma mulher alta e robusta, provavelmente ainda em idade de ter filhos, embora o seu cabelo escuro exibisse já alguns fios cinzentos. Sorrindo disse para Hécuba:

— Vejo que a grande Deusa já te abençoou, rainha. Estás doente ou para dar à luz?

— Nem uma coisa nem outra — disse Hécuba. — Não te contaram nada, sacerdotisa? Um Deus qualquer me enviou um sonho mau.

— Conta-o — disse Sarmático — e não tenhas medo. Os Deuses querem o nosso bem, disso estou certa. Por isso fala e nada receies.

Hécuba contou de novo o seu sonho, começando a achar, ao mesmo tempo em que o contava, agora completamente desperta, que este, mais do que horrível, era absurdo. Ainda assim, tremia com o terror que sentira no sonho.

A sacerdotisa escutava com as sobrancelhas levemente franzidas. Quando Hécuba terminou, perguntou-lhe:

— Tens certeza de que não houve mais nada?

— Não que eu me lembre, senhora.

A sacerdotisa franziu a testa e, de uma bolsa atada à cintura, retirou uma pequena mão-cheia de seixos; ajoelhou-se no chão e lançou-os como se jogasse o jogo das pedrinhas, estudando-os e murmurando sobre a sua disposição, dispondo-os uma vez e outra e ainda uma terceira, para finalmente os recolher e voltar a colocá-los na bolsa.

Ergueu então os olhos para Hécuba.

— Eis o que te disse o mensageiro dos Deuses do Olimpo. Tu geras um filho, um filho que há de destruir a cidade de Tróia.

Hécuba susteve a respiração, consternada, mas sentiu os dedos do marido apertarem os

seus, fortes, quentes e transmitindo-lhe segurança.

— Poder-se-á fazer alguma coisa para evitar essa maldição? — perguntou Príamo.

A sacerdotisa encolheu os ombros.

— Ao procurar evitar o destino, os homens muitas vezes o precipitam. Os Deuses enviaram-te um aviso, mas não quiseram dizer-te o que fazer para evitar essa maldição. Talvez seja mais seguro não fazer nada.

Príamo franziu o sobrolho e disse:

— Então a criança deve ser exposta à nascença — e Hécuba soltou um grito horrorizado.

— Não! Não! Foi apenas um sonho, um sonho...

— Um aviso de Hermes — disse Príamo severamente. — Expõe o rapaz logo que ele nasça; já disse! — E acrescentou, daquele modo inflexível que dava às palavras a força de leis gravadas na pedra: — Disse o que tinha a dizer; que assim seja feito!

Hécuba tombou a chorar sobre as almofadas e Príamo disse, com ternura:

— Nem em troca de Tróia inteira te daria este desgosto, minha querida, mas os Deuses não podem ser ignorados.

— Deuses! — gritou Hécuba desvairada. — Que espécie de Deus é esse, que envia pesadelos enganadores para destruir uma criancinha inocente, um recém-nascido ainda no berço? Entre o meu povo — acrescentou indignada

— uma criança pertence à sua mãe e ninguém, além dela, que o carregou perto de um ano e o trouxe a este mundo, pode decidir o seu destino; se ela se recusar a amamentá-lo e a criá-lo, a escolha é sua. Que direitos sobre uma criança pode ter um homem?

Ela não disse um simples homem, mas o tom da sua voz tornava-o óbvio.

— O direito de um pai — disse Príamo secamente. — Sou o dono desta casa e tal como eu ordenei assim será feito! Está dito, mulher!

— Não me chames mulher nesse tom — gritou Hécuba. — Sou uma cidadã livre, uma rainha, e não uma das tuas escravas ou concubinas!

Porém, apesar de tudo, ela sabia que Príamo levaria a melhor; quando escolhera casar-se com um desses homens que habitavam as cidades e assumiam direitos sobre as suas mulheres, havia consentido naquilo. Príamo levantou-se e deu à sacerdotisa uma moeda de ouro; ela fez uma vênia e partiu.

Três dias mais tarde Hécuba entrou em trabalho de parto e deu à luz dois gêmeos: primeiro um filho, depois uma filha, tão parecidos como dois botões de rosa nascidos do mesmo pé. Eram ambos saudáveis e perfeitos, e gritavam energicamente, embora fossem tão pequeninos que a cabeça do menino cabia na palma da mão de Hécuba e a menina era ainda menor.

— Olha para ele, meu senhor — disse ela furiosa para Príamo, quando ele chegou. — Não é maior do que um gatinho! E tu receias que isto tenha sido enviado por um Deus para trazer a desgraça à nossa cidade?

— Tens alguma razão naquilo que dizes — admitiu Príamo. — Afinal, sangue real é sangue real e é sagrado; ele é o filho do rei de Tróia... — Ponderou por momentos. — Sem dúvida será suficiente entregá-lo a alguém que o adote, longe da cidade; tenho um velho servidor da minha confiança, um pastor das encostas do monte Ida, e ele criará a criança. Ficas satisfeita deste modo, minha esposa?

Hécuba sabia que a alternativa era abandonar o filho nas montanhas e ele era tão pequeno e frágil que não tardaria a morrer.

— Assim seja então, em nome da Deusa — disse resignada, entregando o rapaz a Príamo, que o segurou desajeitadamente, como é próprio de quem não está habituado a lidar com bebês.

Príamo olhou para o filho:

— Salve, meu filho!

Hécuba suspirou de alívio; depois de ter reconhecido formalmente uma criança, um pai não poderia mandá-la matar, nem abandoná-la para que morresse.

Heitor e Políxena tinham sido autorizados a ir falar com a mãe.

— Vais dar ao meu irmão um nome real, pai? — perguntou Heitor.

Príamo franziu o sobrolho, pensativo. Depois disse:

— Alexandre. E que a menina se chame Alexandra, então.

Saiu levando consigo Heitor. Hécuba ficou deitada, com a menina de cabelos escuros na curva do seu braço, pensando que encontraria conforto no fato de saber que o filho estava vivo, mesmo não podendo ser ela a criá-lo, enquanto pudesse ficar com a sua filha. *"Alexandra ",* pensou, *"a chamarei de Cassandra. "*

A princesa ficara no quarto com as mulheres e viera encostar-se ao corpo de Hécuba.

— Gostas da tua irmãzinha, minha querida?

— Não. É vermelha e feia; nem consegue ser tão bonita como a minha boneca — disse Políxena.

— Todos os bebês são assim, quando nascem — disse Hécuba. — Tu eras tão vermelha e feia como ela; em breve será tão bonita como tu.

A criança fez um ar amuado.

— Para que queres outra filha se já tens a mim, mãe?

— Porque, minha querida, se uma filha é uma coisa boa, duas filhas são uma dupla

bênção.

— Mas o pai não achou que dois filhos eram melhor do que um — contrapôs Políxena e Hécuba recordou a profecia feita pela mulher, na rua.

A sua tribo considerava os gêmeos um mau presságio e invariavelmente executava-os. Se ela tivesse ficado com os seus teria tido de aceitar o sacrifício de ambas as crianças.

Hécuba sentia ainda restos desse medo supersticioso: o que poderia ter acontecido de errado para lhe serem dadas duas crianças no mesmo parto, como as ninhadas dos animais? As mulheres da sua tribo acreditavam que o sacrifício dos gêmeos era necessário; no entanto, tinham—lhe dito que a única razão desse sacrifício era a impossibilidade de uma mulher amamentar dois filhos ao mesmo tempo. Os seus gêmeos, pelo menos, não tinham sido sacrificados à pobreza da tribo. Em Tróia havia muitas amas de leite; poderia ter ficado com ambas as crianças. Não tinha sido, porém, essa a decisão de Príamo. Perdera uma criança, mas pelas graças da Deusa, só uma e não as duas.

Uma das suas camareiras murmurou, quase imperceptivelmente:

— Príamo está louco! Rejeitar um filho e ficar com uma filha para criar?!

“Entre os meus ”, recordou Hécuba, *“uma filha não tem menos valor do que um filho; se esta pequenina tivesse nascido na minha tribo, poderia educá-la para ser uma mulher guerreira! Mas se tivesse nascido na minha tribo não teria sobrevivido. Aqui só será apreciada pelo dote que possuir quando casar, como eu me casei, com um rei qualquer. ”*

Mas o que seria do seu filho? Viveria ele na sombra, como pastor, a vida inteira? Era, provavelmente, melhor do que a morte, e o Deus que enviara o

sonho, tornando-se assim responsável pela sua sina, poderia ainda protegê-lo.

TRES

A luz refletia-se no mar e nas pedras, branca com um brilho que feria os olhos. Cassandra semicerrou os seus para defendê-los da claridade e puxou devagarinho a manga de Hécuba.

— Por que vamos hoje ao templo, mãe? — perguntou ela.

Que isso não lhe interessava, ela mantinha em segredo. Ser permitido sair dos alojamentos das mulheres era, para ela, uma aventura invulgar e mais invulgar ainda sair do próprio palácio. Qualquer que fosse o destino, a excursão era bem-vinda.

— Vamos rezar para que a criança que vou ter este inverno seja um filho — disse Hécuba baixinho.

— Por que, mãe? Já tens um filho. Pensei que preferisses ter outra filha; só tens duas meninas: Eu antes queria ter outra irmã.

— Estou certa que sim — disse a rainha, sorrindo — mas o teu pai quer outro filho. Os homens querem sempre filhos para, quando crescerem, poderem lutar nos seus exércitos e defender a cidade.

— Há alguma guerra?

— Não, agora não; mas há sempre guerras quando uma cidade é tão rica como Tróia.

— Mas se eu tivesse outra irmã ela podia ser uma mulher guerreira, tal como tu quando eras menina e aprender a usar armas e defender a cidade tão bem como qualquer filho. — Fez então uma pausa para refletir. — Não creio que a Políxena pudesse ser um soldado: é muito delicada e tímida. Mas eu gostava de ser uma mulher guerreira. Como tu.

— Estou certa que gostarias, Cassandra; mas isso não é costume entre as mulheres de

Tróia.

— Por que não?

— O que é que queres dizer com *"por que não?"* Os costumes são assim. Não existe qualquer razão para eles.

Cassandra dirigiu à mãe um olhar cético, mas tinha aprendido já a não questionar quando ela falava naquele tom. Secretamente considerava a mãe a mulher mais bela e majestosa do mundo: alta e forte, com o seu corpete decotado e a sua saia de folhos, mas já não a julgava onisciente como a Deusa. Ao longo dos seus seis anos de existência tinha ouvido coisas semelhantes quase todos os dias e a cada ano que passava menos acreditava que assim fosse; mas quando Hécuba falava assim, Cassandra sabia que não conseguiria obter mais nenhuma explicação.

— Fala-me dos teus tempos de guerreira, mãe.

— Sou da tribo nômade das mulheres cavaleiras — começou Hécuba. Estava quase sempre disposta a falar sobre a sua juventude; mais ainda, pensou Cassandra, desde esta última gravidez. — Os nossos pais e irmãos são também cavaleiros e muito corajosos.

— São guerreiros?

— Não, criança. Entre as tribos de cavaleiros as mulheres é que são as guerreiras. Os homens são curandeiros e mágicos e possuem todo o gênero de sabedoria; conhecem a arte

das árvores e das ervas.

— Quando for mais velha posso ir viver lá?

— Com os Centauros? Claro que não; as mulheres não podem ser adotadas por uma tribo de homens!

— Não, eu queria dizer com a tua tribo, das mulheres cavaleiras.

— Não creio que o teu pai gostasse — disse Hécuba, pensando que aquela sua filha, pequena e sisuda, poderia muito bem crescer para se tornar uma chefe entre a sua gente nômade — mas talvez isso se possa arranjar um dia. Na minha tribo um pai só tem autoridade sobre os filhos; é a mãe que decide o destino de uma filha. Terias de aprender a montar e a usar armas.

Tomou entre as suas a mão pequena e macia, pensando que aquela dificilmente seria a mão de uma mulher guerreira.

— Que templo é aquele... ali em cima? — perguntou Cassandra, apontando para o alto do mais alto dos socalcos que se erguiam sobre elas, indicando um edifício que brilhava ofuscante sob o sol. Do ponto em que se encontravam, Cassandra, debruçando-se no muro que protegia a escada sinuosa que subia, podia olhar para baixo e ver os telhados do palácio e as pequenas figuras das mulheres pondo a roupa a enxugar, pequenas árvores em canteiros, as vestimentas coloridas das mulheres e os colchões onde se deitavam para descansar ao sol; e, muito mais abaixo, os muros da cidade vigiando a planície.

— É o Templo de Palas Atena, a mais ilustre das Deusas do povo do teu pai.

— É a mesma que a Grande Deusa, aquela a que tu chamas Terra Mãe?

— Todas as Deusas são uma, assim como todos os Deuses são um; mas mostram-se à humanidade com diferentes rostos, em cidades diferentes e em tempos diferentes. Aqui, em Tróia, Palas Atena é a Deusa enquanto virgem, porque no seu templo, sob o cuidado das suas virgens, está guardado o objeto mais sagrado da nossa cidade. Chama-se Paládio.

Hécuba fez uma pausa, mas Cassandra, pressentindo uma história, estava calada como um rato e Hécuba continuou, como quem recorda.

— Dizem que quando a Deusa Atena era jovem tinha uma mortal por companheira de folguedos: Palas, uma virgem libanesa; e quando Palas morreu, Atena chorou tanto a sua morte que juntou o nome dela ao seu e passou a ser conhecida por Palas Atena. Modelou uma imagem da sua amiga e colocou-a no Templo de Zeus no Olimpo. Naquela época, Erecteu,

que era rei de Creta (um antepassado do teu pai do tempo em que a sua gente ainda não tinha vindo para esta parte do mundo), tinha uma manada de um milhar de belas cabeças de gado, e Bóreas, o filho do Vento Norte, gostava delas e visitava-as sob a forma de um grande touro

branco; e estas reses sagradas transformaram-se nos Deuses-touros de Creta.

— Não sabia que os reis de Creta eram nossos antepassados — disse Cassandra.

— Há muitas coisas que não sabes — disse Hécuba reprovadora e Cassandra susteve a respiração; teria a sua mãe ficado muito irritada para acabar a história? Mas as rugas na testa franzida de Hécuba depressa desapareceram e ela continuou.

— Ilo, o filho de Erecteu, veio a estas paragens e aqui tomou parte nos Jogos Sagrados. Foi ele o vencedor dos jogos e recebeu, como prêmio, cinqüenta rapazes e cinqüenta virgens. E em vez de fazê-los seus escravos disse: *"Vou libertá-los e com eles fundar uma cidade. "* E assim partiu num barco ao sabor da vontade dos Deuses; e sacrificou ao Vento Norte para que este o levasse até ao lugar certo para a sua cidade a que ele tencionava chamar Ílion, que é outro nome dado à cidade de Tróia.

— E o Vento Norte empurrou-o até aqui? — perguntou Cassandra.

— Não; ele foi desviado da sua rota por um furacão, e quando veio descansar no estuário do nosso sagrado Escamandro, os Deuses enviaram-lhe uma vaca, uma bela vitela, uma filha do Vento Norte, e Ilo ouviu uma voz que gritava: *"Segue a vaca! Segue a vaca! No local onde a vaca se deitar, ergue a tua cidade! "* E dizem que a vaca vagueou até à curva do rio Escamandro e lá se deitou; ali Ilo construiu a cidade de Tróia. E uma noite acordou ouvindo uma outra voz dos Céus que lhe dizia: *"Preserva a imagem que te ofereço; pois enquanto Palas habitar a tua cidade, a tua cidade nunca cairá*." E ele acordou e contemplou a imagem de Palas com uma roca numa mão e uma lança na outra, como a própria Atena. Assim, quando a cidade foi erigida, ele construiu primeiro este templo no lugar mais alto, aqui em cima, e dedicou-o a Atena. Ela era então a nova face da

Deusa, uma das grandes do Olimpo, adorada mesmo pelos que honram os Deuses do Céu e o Senhor do Trovão; ele a fez patrona da cidade. E ela trouxe-nos a arte da tecelagem e as dádivas da vinha e da oliveira, o vinho e o azeite.

— Mas nós hoje não vamos ao templo Dela, mãe?

— Não, meu amor, embora a Deusa Virgem seja também a patrona dos nascimentos e eu devesse sacrificar também a ela. Hoje procuramos Apolo, Senhor do Sol. Ele é também o Senhor dos Oráculos; matou a Grande Píton, a Deusa do Mundo Subterrâneo, e tornou-se Senhor do Mundo Subterrâneo também.

— Diz-me, se a Píton era uma Deusa, como é que ele a pode ter matado?

— Oh, suponho que é porque o Senhor do Sol é mais forte que qualquer Deusa — respondeu a mãe, quando começavam a subir a colina no centro da cidade.

Os degraus eram íngremes e as pernas de Cassandra iam ficando fatigadas à medida que se esforçava para subi-los. Olhou uma vez para trás; estavam tão alto, tão perto da casa do Deus, que ela conseguia ver para lá da muralha da cidade até aos grandes rios que corriam através das planícies e até onde eles se juntavam numa grande massa prateada correndo na direção do mar.

Então, por um momento, pareceu-lhe que a superfície do mar se ensombrava e que avistava navios manchando o brilho das ondas. Esfregou os olhos e disse:

— Aqueles são os navios do meu pai?

Hécuba olhou para trás e perguntou:

— Que navios? Não vejo navios nenhuns... Estás a brincar comigo?

— Não; estou mesmo a vê-los. Olha ali, um tem uma vela cinzenta... Não, era só o sol nos olhos; agora já não consigo vê-los.

Os olhos doíam-lhe e os navios tinham desaparecido, ou nunca teriam passado de reflexos na água?

O ar parecia-lhe tão claro, cheio de pequenas bolhas como se fosse um véu muito fino que de um momento para o outro se pudesse rasgar ou abrir, descobrindo uma passagem para outro mundo para além deste. Não se lembrava de alguma vez ter visto uma coisa assim. Sentiu, sem saber como, que os navios que ela vira estavam naquele outro mundo. Talvez ela os viesse a ver, um dia. Era suficientemente pequena para não considerar aquilo, de forma alguma, estranho. A mãe continuou a subir e Cassandra achou que a rainha ficaria perturbada se ela voltasse a falar nos navios que tinha visto e agora já não via. Apressou-se a ir atrás da mãe, com as pernas doendo ao mesmo tempo em que galgava os degraus.

O Templo de Apolo Hélio, o Senhor do Sol, situava-se a mais de meio caminho do cume do monte sobre o qual se erguia a cidade de Tróia. Era apenas dominado pela grande altura do Templo da Virgem Atena, muito mais acima; mas era o mais belo dos templos da cidade. Construído em mármore branco e brilhante, com altas colunas de ambos os lados, sobre fundações de alvenaria erigidas, como haviam dito a Cassandra mais do que uma vez, por titãs, antes mesmo do nascimento dos homens mais velhos da cidade. A luz era tão crua que Cassandra protegeu os olhos com as mãos. Bem, se aquela era realmente a morada do Deus Sol, qual poderia ser a sua essência senão a luz intensa e eterna?

No pátio exterior, onde os mercadores vendiam todo o tipo de coisas: animais para sacrifícios, pequenas estátuas do Deus, em barro, comidas e bebidas diversas, a mãe comprou-lhe uma fatia de melão doce. Sentiu-a deslizar deliciosamente pela garganta que a longa e poeirenta subida deixara seca. O espaço sob o pórtico do pátio seguinte era fresco e sombrio; aí, alguns sacerdotes e funcionários, reconhecendo a rainha, fizeram-lhe sinal para que

avançasse.

— Bem-vinda, senhora — disse um deles — e a princesinha também. Não quererás sentar-te aqui e descansar por alguns momentos até que a sacerdotisa te possa receber?

A rainha e a princesa foram conduzidas a um banco de mármore, à sombra. Cassandra sentou-se calmamente ao lado da mãe, por alguns momentos, contente por se abrigar do calor; acabou de comer o melão e limpou as mãos na saia, olhando depois em volta à procura de um lugar para jogar a casca; não lhe parecia correto atirá-la para o chão debaixo do olhar de sacerdotes e sacerdotisas. Deslizou de cima do banco e descobriu um cesto onde se encontrava uma quantidade de peles e cascas de frutos; pôs a sua junto com as outras.

Depois passeou calmamente em volta das salas, perguntando a si própria o que iria ver e se a casa de um Deus seria muito diferente da casa de um rei. Aquela, é claro, era apenas a sua antecâmara, onde as pessoas esperavam audiência; havia uma sala como aquela no palácio, onde os peticionários aguardavam quando queriam pedir um favor ao rei ou oferecer-lhe um presente. Indagava-se sobre se ele teria um quarto ou se dormiria e tomaria banho noutro lugar. Cassandra espreitou para o interior da sala principal, a qual, pensou, deveria ser a sala de audiências do Deus.

Ele estava lá. As cores com que fora pintado eram tão naturais que Cassandra não percebeu que estava a olhar para uma estátua. Parecia lógico que um Deus fosse um pouco maior do que um ser normal, aprumado e austero, com um sorriso distante mas acolhedor. Cassandra penetrou subrepticiamente na sala até ficar mesmo ao pé do Deus e, de repente, pareceu-lhe que o ouvira falar; depois percebeu que era apenas uma voz dentro da sua cabeça.

— Cassandra, disse ele, e ela achou perfeitamente natural que um Deus soubesse o seu nome sem que ninguém lho tivesse dito, — queres ser Minha sacerdotisa?

Ela murmurou, sem saber nem se importar se teria realmente falado:

— Queres-me, meu Senhor Apolo?

— Sim. Fui Eu quem te chamou aqui — disse ele.

A voz era intensa e esplendorosa, exatamente como ela imaginara que devia ser a voz de um Deus; e tinham-lhe dito que o Senhor do Sol era também o

Deus da música e das canções.

— Mas eu ainda sou só uma menina, nem sequer tenho idade para deixar a casa do meu pai — sussurrou ela.

— Mesmo assim ordeno-te que, quando esse dia chegar, te lembres de que és Minha — disse a voz e, por instantes, os grãos de poeira dourada sobre os fios oblíquos de sol fundiram-se num único e enorme raio de luz através do qual o Deus parecia chegar até ela, num toque abrasador... subitamente o brilho desapareceu e ela compreendeu que era apenas uma estátua fria e imóvel, em nada semelhante ao Apolo que falara com ela.

A sacerdotisa tinha chegado para conduzir a sua mãe até junto da estátua, mas Cassandra puxou pela mão da mãe.

— Está tudo bem — segredou-lhe repetidamente. — O Deus disseme que te daria o que pediste.

Não fazia idéia de quando ouvira tal coisa; sabia simplesmente que a criança da mãe era um rapaz e se ela o sabia agora e não sabia antes, então devia ter sido o Deus que tinha lhe dito. Por isso, apesar de não ter ouvido a voz do Deus, ela sabia que o que dizia era verdadeiro.

Hécuba olhou para ela com ceticismo, soltou-lhe a mão e entrou com a sacerdotisa para a sala de dentro. Cassandra foi dar uma volta pela sala.

Ao lado do altar estava um pequeno cesto de junco e quando Cassandra espreitou para dentro dele, captou indícios de movimento. A princípio pensou que eram gatinhos e perguntou-se por que, já que os gatos não eram sacrificados aos Deuses. Olhando mais de perto viu que eram duas pequenas cobras enroladas. Sem parar para pensar estendeu os braços e agarrou uma em cada mão, puxando-as até junto do rosto. Eram macias, quentes e secas, levemente escamosas entre os seus dedos e não conseguiu resistir a beijá-las. Sentiu-se estranhamente eufórica e ligeiramente indisposta; o seu pequeno corpo tremendo da cabeça aos pés.

Nunca soube por quanto tempo ficou ali agachada, segurando as serpentes; nem tão-pouco saberia contar o que lhe disseram. Sabia apenas que as

escutaria atentamente o tempo todo. Ouviu então a voz da sua mãe, num grito de horror e desaprovação. Levantou os olhos, sorrindo.

— Não faz mal — disse ela, olhando para além da mãe, para o rosto perturbado da sacerdotisa que se encontrava atrás de Hécuba. — O Deus disseme que eu podia.

— Larga-as depressa! — disse a sacerdotisa. — Não estás habituada a lidar com elas; podiam muito bem ter te mordido.

Cassandra fez uma última carícia a cada uma das serpentes e colocou-as de novo no cesto de junco. Parecia-lhe que sentiam relutância em deixá-la e ela, debruçando-se, prometeu que voltaria para brincar com elas.

— Menina má e desobediente! — gritou Hécuba quando ela se levantou, agarrando-a por um braço e apertando com força.

Cassandra recuou, perturbada; não se lembrava de alguma vez a sua mãe ter se zangado com ela daquela maneira e não conseguia imaginar por que razão ela estaria a fazer tanto espalhafato por uma coisa assim.

— Não sabes que as cobras têm veneno e são perigosas?

— Mas elas pertencem ao Deus — argumentou Cassandra. — Ele não deixaria que elas me mordessem.

— Tiveste muita sorte — disse a sacerdotisa gravemente.

— Tu as pegas e não tens medo — disse Cassandra.

— Mas eu sou sacerdotisa e fui ensinada a lidar com elas.

— Apolo disse que eu iria ser sua sacerdotisa e disseme que eu podia tocar-lhes — retorquiu, e a sacerdotisa olhou-a, franzindo o sobrolho.

— Isso é verdade, criança?

— Claro que não é verdade — disse Hécuba rispidamente. — Ela está a inventar uma história! Passa a vida a imaginar coisas.

Aquilo era tão injusto e sem razão que Cassandra começou a chorar. A mãe agarrou-a pelo braço com firmeza e arrastou-a para fora, empurrando-a na sua frente pelos íngremes degraus abaixo com tal rudeza que ela tropeçou e quase caiu. O dia parecia ter perdido todo o seu brilho dourado. O Deus desaparecera; já não conseguia sentir a sua presença e isso lhe dava ainda mais vontade de chorar do que a dor provocada pela mão da sua mãe na parte superior do braço.

— Por que é que foste fazer uma coisa destas? — ralhou Hécuba de novo. — Será que és tão bebê que eu não possa deixar-te sozinha vinte minutos sem que arranjes confusões? Brincar com as serpentes do templo! Não sabes como elas podiam ter te machucado?

— Mas o Deus disseme que não deixaria que elas me fizessem mal — afirmou Cassandra, teimosamente, e a mãe beliscou-a de novo, deixando-lhe uma marca no braço.

— Não deves dizer tal coisa!

— Mas é verdade — insistiu a menina.

— Disparates! Se voltares a dizer uma coisa dessas — disse a mãe irritada — eu te

bato!

Cassandra ficou silenciosa. O que acontecera, acontecera; não tinha vontade nenhuma de apanhar, mas sabia a verdade e não podia negá-la. Por que não havia a mãe de confiar nela? Ela dizia sempre a verdade.

Não suportava que a sacerdotisa e a mãe pensassem que ela estava a mentir e enquanto seguia calada, já sem protestar, pela longa escadaria abaixo, com a mão apertada dentro da mão da rainha, apegava-se à imagem do rosto de Apolo a sua voz suave na memória. Sem que

disso tivesse consciência, alguma coisa lá bem no fundo, dentro de si, esperava já por esse som.

QUATRO

Na altura da lua cheia seguinte, Hécuba deu à luz um filho, o qual seria a sua última criança. Deram-lhe o nome de Troilo. Cassandra, de pé junto à cama da mãe, na sala do parto, olhando o rosto do seu pequeno irmão, não se sentia surpreendida. Mas quando recordou à mãe que sempre soubera, desde o dia da sua visita ao templo, que a criança seria um menino, Hécuba pareceu contrariada.

— Pois sabias, e o que tem isso? — disse ela zangada. — Mas estás realmente convencida que um Deus falou contigo? Estás apenas a querer se fazer de importante — ralhou ela — mas eu não vou dar-te ouvidos. Não és assim tão pequena. Parecem coisas de um bebê.

"Mas isso ", pensou Cassandra zangada, *"era o mais importante; ela soubera; o Deus tinha-lhe falado. Falaria Ele com bebês, então? E por que é que isso faria zangar a sua mãe?"* Ela sabia que a Deusa falava com a mãe; tinha visto a Senhora descer sobre Hécuba quando ela A invocava, no tempo das colheitas e nas bênçãos.

— Escuta, Cassandra — disse a rainha gravemente — o maior crime de todos é dizer algo de não verdadeiro acerca de um Deus. Apolo é o Senhor da Verdade; se pronunciares o Seu nome em vão Ele punir-te-á e a Sua ira é terrível.

— Mas eu estou a dizer a verdade; o Deus falou realmente comigo! — disse Cassandra com veemência, coisa que não era invulgar nela e que fez a mãe suspirar, desesperada.

— Bom, suponho então que tenho de te deixar em Suas mãos. Mas, aviso-te, não fales disto a mais ninguém.

Agora que havia outro príncipe no palácio, outro filho de Príamo e da sua rainha, toda a cidade se rejubilava. Cassandra era deixada, grande parte do tempo, entregue a si própria e perguntava-se por que razão um príncipe seria tão mais importante que uma princesa. Não valia a pena perguntar à

mãe porque é que isso acontecia. Poderia ter perguntado à sua irmã mais velha, mas Políxena parecia não se interessar por nada para além da tagarelice com as camareiras acerca de roupas bonitas e jóias e casamentos. Para Cassandra estas coisas afiguravam-se enfadonhas, mas elas garantiam-lhe que, quando fosse mais velha, iria interessar-se pelas coisas importantes da vida de uma mulher. Ela tentava perceber por que razão seriam essas coisas assim tão importantes. Não se importava nada de ver roupas bonitas e jóias, mas não sentia o mínimo desejo de usá-las; preferia vê-las em Políxena ou na sua mãe. As camareiras da mãe achavam-na tão estranha como Cassandra as achava. Uma vez tinha-se recusado, obstinadamente, a entrar numa sala, gritando: *"O teto vai cair!"* Três dias depois houve um pequeno tremor de terra e o teto caiu, de fato.

À medida que o tempo foi passando e a uma estação se sucedia outra estação, Troilo começou a engatinhar e depois a andar e a falar. Mais depressa do que Cassandra pensara ser possível, ele estava quase tão alto como ela. Entretanto, Políxena tornou-se mais alta do que Hécuba e foi iniciada nos Mistérios das mulheres.

Cassandra desejava ardentemente a chegada do tempo em que também ela seria reconhecida como mulher, embora não achasse que isso tivesse tornado Políxena mais sensata. Voltaria o Deus a falar-lhe quando ela tivesse sido iniciada nos Mistérios? Durante todos aqueles anos não voltara a ouvir a voz Dele; talvez a sua mãe tivesse razão e ela tivesse apenas imaginado tudo. Ansiava por ouvir a Sua voz, mesmo que fosse só para lhe devolver a certeza de que tinha sido verdade. Porém a sua ansiedade continha um misto de relutância: ser mulher, segundo parecia, era mudar tão irreversivelmente que seria como perder aquilo que a fazia ser ela. Políxena estava agora limitada à vida nos aposentos das mulheres e dava a impressão de estar bastante satisfeita com isso; já nem parecia ressentir-se da perda da sua liberdade e deixara de planejar com Cassandra as escapadelas até a cidade.

Em pouco tempo, Troilo ficou suficientemente crescido para passar a dormir nos alojamentos dos homens e ela própria tinha já doze anos. Nesse ano cresceu mais e, devido a certas modificações no seu corpo, soube que

também ela iria, em breve, ser considerada como uma das mulheres do palácio e não lhe seria permitido correr por onde lhe apetecia.

Obedientemente Cassandra permitiu que a velha ama da sua mãe lhe ensinasse a fiar e a tecer. Com a ajuda de Hesíona, a irmã solteira do seu pai, deixou-se convencer a preparar o fio e a tecer uma túnica para a sua boneca de barro, da qual continuava a gostar. Detestava aquela labuta que lhe fazia doer os dedos, mas sentiu-se orgulhosa do seu trabalho quando ficou pronto.

Ocupava agora um quarto nos alojamentos das mulheres com Políxena, já com dezesseis anos e idade suficiente para se casar, e Hesíona, uma mulher jovem e alegre na casa dos vinte anos, de cabelo escuro e encaracolado como o de Príamo e olhos verdes e brilhantes. Segundo as normas de conduta, aparentemente sem sentido, estabelecidas por sua mãe e por Hesíona, Cassandra deveria ficar em casa e ignorar todas as coisas interessantes que pudessem acontecer no palácio ou na cidade. Mas havia dias em que ela conseguia iludir a vigilância das mulheres e fugir, sozinha, para um dos seus lugares secretos.

Um dia, de manhã, escapuliu-se para fora do palácio e seguiu pelas ruas que subiam em direção ao Templo de Apolo.

Não sentia qualquer desejo de subir até ao templo em si ou qualquer sensação de ter sido convocada pelo Deus. Dizia a si mesma que, quando esse dia chegasse, ela saberia. Quando subia, a meio do caminho voltou-se para olhar o porto e viu os navios. Estavam tal e qual como os tinha visto no dia em que o Deus falara com ela; mas agora sabia que eram navios do Sul, dos reinos insulares dos Aqueus e de Creta. Tinham vindo negociar com os países hiperbóreos, e Cassandra pensou, numa excitação quase física, que iriam chegar às terras do Vento Norte, de cujo sopro tinham nascido os Deuses-touros de Creta. Desejou poder navegar para o norte com os navios; mas isso jamais seria possível. Nunca era permitido às mulheres viajar em qualquer desses grandes navios de comércio que, para navegar através dos estreitos, eram obrigados a pagar tributo ao rei Príamo e a Tróia. E enquanto fixava os navios, um estremecimento, uma sensação física diferente de qualquer outra que antes experimentara percorreu-lhe o corpo...

"Estava deitada a um canto de um barco, flutuando para cima e para baixo ao sabor das ondas; nauseada, doente, exausta e aterrorizada, ferida e magoada; porém, quando olhava para cima, para o céu sobre a grande vela reluzente, este era azul e brilhante à luz do Sol de Apolo. O rosto de um homem olhava-a de cima com um sorriso triunfante, odiento e feroz. Num momento de terror, aquela imagem ficou para sempre impressa na sua mente. Cassandra nunca tinha, em toda a sua vida, conhecido verdadeiramente o medo ou a humilhação, mas apenas o constrangimento momentâneo face às brandas reprimendas do seu pai ou da sua mãe. Agora conhecia o limite máximo de ambos. Uma parte do seu cérebro sabia nunca ter visto aquele homem e, no entanto, sabia também que nunca mais, na sua vida, esqueceria aquele rosto, com o seu grande nariz adunco como o bico predador de uma ave de rapina, os olhos brilhantes como os de um falcão, o sorriso feroz e cruel e o queixo áspero e proeminente; um rosto de barbas negras que a enchia de medo e horror. "

Breve como o ritmo da respiração, a visão desvaneceu-se; estava novamente de pé nas escadas, os navios distantes no porto por baixo de si. No entanto, ela sabia que, há um minuto atrás, estivera deitada num daqueles barcos, cativa; o duro convés sob o seu corpo, o vento salgado a envolvê-la, o som do bater da vela e o ranger das pranchas de madeira do navio. Sentiu de novo o terror e a estranha euforia que não conseguia entender.

Não tinha, no momento, forma de saber o que lhe acontecera ou porque.

Voltou-se e olhou para cima, para o ponto onde o Templo de Palas Atena se erguia, branco e sobranceiro ao porto, e pediu à Deusa Virgem que tudo aquilo que vira e sentira não fosse mais que um pesadelo, um sonho acordado. Ou iria tudo, realmente, acontecer um dia... e ela seria aquela prisioneira ferida no navio, a presa daquele homem feroz com cara de falcão? Não se assemelhava a nenhum troiano que tivesse visto...

Afastando deliberadamente aquele horror paralisante do seu pesadelo (visão?), Cassandra voltou-se para a terra e olhou para o alto cume do sagrado monte Ida. Em algum lugar nas encostas daquela montanha... não, tinha sonhado. Nunca pisara as encostas do Ida. Lá no alto viam-se as neves eternas e, mais abaixo, as verdes pastagens onde, segundo lhe haviam dito,

pastavam as muitas manadas do seu pai, sob os cuidados dos pastores. Esfregou os olhos com as mãos, impaciente. *"Se ao menos pudesse ver o que se escondia para além do olhar.. "*

Nem mesmo anos mais tarde, quando tudo o que se relacionava com profecia e com visão era para ela como uma segunda natureza, Cassandra teve a certeza de onde lhe viera o súbito conhecimento do que deveria fazer em seguida. Nunca pensou ou afirmou ter ouvido a voz do Deus; isso ela teria sabido e reconhecido imediatamente. Estava simplesmente ali, era parte do seu ser. Virou-se e correu rapidamente de volta ao palácio. Ao passar por uma rua conhecida olhou, quase com ansiedade, para uma fonte; não, a água não estava suficientemente imóvel para isso.

No pátio exterior avistou uma das camareiras da mãe e escondeu-se atrás de uma estátua, temendo que a mulher tivesse sido enviada à sua procura. Agora havia sempre um grande alarido cada vez que ela saía dos alojamentos das mulheres.

"Que tolice! Ficar dentro de casa não serviu de nada a Hesíona ", pensou ela sem saber o que queria dizer com aquilo. Pensar em Hesíona fê-la, sem saber porque, sentir um súbito pavor e ocorreu-lhe que a devia avisar. *"Avisá-la? De que? Por que? Não, não serviria de nada. O que tivesse de ser assim seria. "* Algo dentro de si a fez desejar correr para junto de Hesíona (ou da sua mãe, ou de Políxena, ou da sua ama, ou para junto de quem quer que fosse que pudesse acalmar aquele terror indescritível que lhe fazia tremer os joelhos e revolvia o estômago). Mas, fosse qual fosse, a sua missão era para ela mais importante do que quaisquer perigos, previstos ou imaginados, que pudessem ameaçar quem quer que fosse. Mantinha-se ainda agachada, escondida atrás do pilar; mas a mulher já não estava visível. *"Estava com medo que ela me visse. "*

"Medo? Não! Eu não conhecia o significado da palavra!" Depois do horror da visão no porto, Cassandra sabia que somente algo de semelhante alguma vez a faria sentir medo.

Apesar disso não queria que a vissem naquela ansiedade; alguém poderia impedi-la de fazer o que tinha de ser feito. Correu para os alojamentos das

mulheres e encontrou uma taça de barro; encheu-a com água fresca da cisterna e ajoelhou-se na sua frente.

Com os olhos fixos na água, a princípio viu apenas o seu próprio rosto que a olhava, como num espelho. Depois, à medida que as sombras na superfície da água se alteravam, percebeu que estava a olhar para o rosto de um rapaz muito parecido consigo: o mesmo cabelo liso, espesso e escuro, os mesmos olhos fundos protegidos por pestanas longas e grossas. Ele olhava para o longe, fixando algo que ela não conseguia ver...

*"A preocupação dele pelas ovelhas, o nome de cada uma delas aprendido de cor, o enorme cuidado dispensado a cada passo; o conhecimento íntimo de onde se encontravam e do que era necessário fazer por cada uma delas como se fosse guiado por qualquer secreta sabedoria*Cassandra deu por si desejando ardentemente que lhe pudesse ser confiado um trabalho com tanta responsabilidade e significado como aquele. Por algum tempo se manteve de joelhos junto da bacia, tentando entender porque lhe teria sido dado vê-lo e o que poderia isso significar. Não percebeu de que o seu corpo estava a ficar entorpecido e frio, nem de que os joelhos lhe doíam devido à sua postura imóvel; vigiava com ele, partilhando do seu aborrecimento quando um dos animais tropeçava, partilhando do prazer que encontrava na luz do Sol, a sua mente aflorando à superfície os medos ocasionais, dos lobos ou de bichos maiores e mais perigosos... ela era o rapaz desconhecido cujo rosto era como um reflexo de si própria. Perdida nesta identificação apaixonada foi despertada por um súbito alarido.

"Ei! Socorro! Eh, fogo, assassínio, violação! Socorro! " Por um instante pensou ter sido ele quem gritara. Mas não. Era um tipo de som algo diferente, captado pelos seus ouvidos reais, que a arrancou ao seu transe.

"Outra visão, mas esta isenta de dor ou de medo. Serão enviadas por um Deus?" Num sobressalto doloroso recuperou a consciência de onde se encontrava: no pátio dos alojamentos das mulheres.

E de repente cheirou-lhe a fumaça; a taça na qual o seu olhar permanecia fixo turvou-se, tombou para o lado e a água espalhou-se pelo chão. Com ela desapareceu também a imobilidade visionária e Cassandra percebeu que se podia mover.

Passos estranhos soaram no pavimento; ouviu a mãe gritar e precipitou-se para o corredor. Estava vazio, preenchido apenas pelos gritos das mulheres. Viu então dois homens com armaduras e capacetes adornados por grandes cristas. Eram altos, mais altos do que seu pai ou que o jovem Heitor; homens grandes, peludos, de aspecto selvagem, ambos com cabelos louros e compridos a aparecer por debaixo dos elmos; um deles segurava uma mulher

aos gritos. Com estupefação e horror, Cassandra reconheceu a mulher: a sua tia Hesíona.

Cassandra não fazia idéia do que estava a acontecer nem porque; encontrava-se ainda sob o efeito do distanciamento causado pela visão que tivera. Os soldados passaram por ela a correr, tão veloz e impetuosamente que um deles quase a deitava ao chão. Ela deitou a correr atrás deles com a vaga sensação de que talvez pudesse, de alguma forma, ajudar Hesíona; mas eles já tinham desaparecido, descendo rapidamente as escadas do palácio; como se a sua visão interior os seguisse, ela viu Hesíona ser levada, ainda a gritar, pelas escadas abaixo e através da cidade. As pessoas escondiam-se à passagem dos intrusos. Era como se o olhar daqueles homens possuísse, como a cabeça da Górgona, o dom de transformar as pessoas em pedra; não só tinham de evitar olhar os Aqueus, como também fugir a serem olhados por eles.

Havia uma tremenda gritaria vinda da baixa da cidade e parecia que todas as mulheres do palácio tinham sido contagiadas pelos gritos.

A gritaria continuou por algum tempo, esbatendo-se depois num lamento carregado de dor. Cassandra correu em busca da mãe, subitamente receosa e sentindo remorsos por não ter pensado antes que também Hécuba podia ter sido levada. Conseguia ouvir, sumidos na distância, os sons do embate das armas; conseguia distinguir os gritos de guerra dos homens de seu pai, combatendo os intrusos no regresso aos navios. Sem saber como, Cassandra teve a noção de que aquela luta era vã.

“Aquilo que eu vi, o que senti, seria o mesmo que vai acontecer a Hesíona? Aquele homem terrível, com cara de falcão vai fazê-la sua prisioneira? Terei visto e pior, terei sentido o que vai acontecer-lhe?”

Não sabia se deveria ter esperança de não ter de sofrer tudo aquilo, ou envergonhar-se de desejar que tal coisa se abatesse sobre a sua jovem e adorada tia.

Entrou no quarto da mãe. Hécuba estava sentada, branca como a morte, segurando no seu colo o pequeno Troilo.

— Até que enfim apareces, malandra! — disse uma das guardiãs. — Estávamos com medo que os atacantes aqueus te tivessem apanhado também.

Cassandra correu para a mãe e caiu de joelhos a seu lado.

— Vi-os levarem a tia Hesíona — murmurou. — O que vai acontecer-lhe?

— Vão levá-la para a terra deles e a manterão lá até que o teu pai pague um resgate por ela — disse Hécuba, limpando as lágrimas.

Junto da porta ouviu-se aquele passo sonante que Cassandra sempre associava ao seu pai e Príamo entrou no quarto vestido para a batalha, mas com algumas das tiras da sua couraça meio desapertadas, como se se tivesse equipado à pressa.

Hécuba ergueu os olhos e viu, atrás de Príamo, a figura de Heitor, de armadura, um esbelto guerreiro de dezenove anos.

— Está tudo bem contigo e com as crianças, meu amor? — perguntou o rei. — Hoje o teu filho mais velho combateu a meu lado como um autêntico guerreiro.

— E Hesíona? — perguntou Hécuba.

— Levaram-na. Eles eram muito numerosos para nós e conseguiram chegar aos navios antes que pudéssemos alcançá-la — disse Príamo. — Sabes perfeitamente que eles não têm qualquer interesse na mulher; foi apenas por ela ser minha irmã e eles acharem que podiam pedir concessões e isenção dos tributos de aportagem; só isso. — Afastou a lança para o lado, numa expressão de repulsa.

Hécuba chamou Heitor e acariciou-o ansiosamente até que ele se afastou e disse num tom irritado:

— Basta, mãe! Já não sou nenhum menininho, agarrado às tuas saias!

— Queres que peça para trazerem vinho, meu senhor? — perguntou Hécuba, pousando a criança no chão e levantando-se respeitosamente; mas Príamo abanou a cabeça.

— Não te incomodes — disse ele. — Não teria vindo perturbar-te se não achasse que gostarias de saber que o teu filho regressou honrado e ileso da sua primeira batalha.

Saiu do quarto e Hécuba disse, entredentes:

— Grande batalha! Está ansioso por ir ter com a sua nova mulher, é o que é. E ela dar-lhe-á vinho não diluído e ele vai ficar doente! Quanto a Hesíona... bem se importa ele! Desde que não incomodem a sua preciosa frota, os Aqueus podem levar-nos a todos e serão bem-vindos!

Cassandra não se atreveu a fazer mais perguntas à sua mãe naquele momento; mas nessa noite, quando se reuniram na grande sala de jantar do palácio (Príamo mantinha ainda o velho costume pelo qual homens e mulheres comiam juntos, em vez da nova moda em que as mulheres tomavam as refeições separadamente, nos seus aposentos, *"para que as mulheres não tivessem de se mostrar aos homens de fora"*, como diziam os escravos aqueus), esperou que Príamo se mostrasse de bom humor, partilhando o seu melhor vinho com Hécuba e acenando a Políxena para que se aproximasse e se sentasse junto dele. Depois Cassandra avançou e Príamo, indulgentemente, virou-se para ela.

— Que queres tu, Olhos Brilhantes?

— Fazer-te uma pergunta pai, sobre uma coisa que vi hoje.

— Se é acerca da tia Hesíona... — começou ele.

— Não, senhor; mas achas que os Aqueus vão pedir um resgate por ela?

— Provavelmente não — disse Príamo. — Provavelmente um deles vai casar com ela e tentará reclamar direitos sobre Tróia por causa disso.

— Que horrível para ela! — murmurou Cassandra.

— Não é assim tão mau afinal; terá um bom marido aqueu e isso talvez acabe, por este ano, com as guerras por causa dos direitos comerciais — disse Príamo. — Antigamente, muitos casamentos eram feitos assim.

— Que horror! — disse timidamente Políxena. — Eu não queria ter de ir para tão longe de casa para me casar. E preferia ter um casamento como deve ser e não ser levada daquela maneira!

— Bem, tenho a certeza que isso se arranjará, mais cedo ou mais tarde — disse Príamo indulgentemente. — Há o jovem Aquiles, parente da tua mãe; dizem que dá mostras de ser um valoroso guerreiro...

Hécuba abanou a cabeça:

— Aquiles foi prometido à sua prima Deidamia, filha de Licomedes; e eu preferia que a minha filha nunca entrasse naquela família.

— Mesmo assim, se ele está destinado à fama e à glória... ouvi dizer que o rapaz é já um magnífico caçador de leões e javalis — retorquiu Príamo. — De boa vontade o receberia como genro. — Suspirou. — Bom, temos muito tempo para pensar em casamentos e maridos para as meninas. O que foi que viste hoje, minha pequena Cassandra, que me querias perguntar?

Ao mesmo tempo em que as palavras lhe cruzavam os lábios, Cassandra sentiu que talvez devesse ter ficado calada, que aquilo que vira na taça-das-visões não pudesse ser contado; mas a sua confusão e a sua sede de conhecimento eram tão grandes que não conseguiu deter-se. As palavras se precipitaram:

— Pai, diz-me, quem é o rapaz que eu vi hoje com uma cara tão igual à minha?

Príamo olhou-a com tal ferocidade que ela estremeceu de terror. Por cima da sua cabeça ele fixou Hécuba e disse, com uma voz terrível:

— Onde é que tens andado a levá-la?

Hécuba olhou Príamo com uma expressão ausente:

— Não a levei a lugar nenhum. Não faço a mínima idéia de que é que ela está a falar!

— Vem cá, Cassandra — disse Príamo, franzindo ameaçadoramente o sobrolho e afastando Políxena dos seus joelhos. — Fala-me mais acerca disso; onde é que viste o rapaz? Estava na cidade?

— Não, pai, eu só o vi na taça-das-visões. Ele guarda as ovelhas no monte Ida e é

igualzinho a mim.

Assustou-se com a súbita mudança no rosto do seu pai. Ele rugiu:

— E o que estavas tu a fazer com uma taça-das-visões, minha malvada?

Voltou-se para Hécuba com um gesto de fúria; por instantes, Cassandra pensou que ele ia bater na rainha.

— Isto, senhora, é obra tua! Entrego-te a educação das meninas e eis uma das minhas filhas envolvida com visões, feitiços, oráculos e outros...

— Mas quem é ele? — insistiu Cassandra. A sua necessidade de uma resposta era maior que o medo. — E por que se parece tanto comigo?

Como resposta o seu pai soltou um brado e atingiu-a no rosto com tal força que ela perdeu o equilíbrio e tombou pelos degraus junto do seu trono, estatelando-se e batendo com a cabeça.

Hécuba gritou indignada, correndo a levantá-la.

— Que fizeste à minha filha, grande bruto?

Príamo olhou duramente para a mulher e pôs-se de pé, furioso. Ergueu a mão para lhe bater e Cassandra gritou por entre soluços:

— Não! Não batas na mãe; ela não fez nada!

Pelo canto do olho via Políxena olhando-os com os olhos muito abertos, mas muito assustada para falar, e pensou, com mais desprezo do que raiva: *"Irá ela ficar ali parada e deixar o rei bater na nossa mãe? "*

— Não foi culpa da mãe! — gritou. — Ela nem sequer sabia! Foi o Deus que me disse que eu podia; Ele disse que quando eu fosse grande iria ser Sua sacerdotisa e foi Ele quem me mostrou como se usava a taça-das-visões...

— Silêncio! — ordenou Príamo, lançando por cima da cabeça dela um olhar a Hécuba.

Cassandra não conseguia perceber porque estava ele tão furioso.

— Não permitirei bruxedos no meu palácio, senhora. Ouviste-me? — disse Príamo. — Manda-a embora e trata da sua adoção antes que ela espalhe estes disparates entre as outras meninas, as realmente puras...

Olhou em volta e o seu cenho suavizou-se quando os seus olhos pousaram na tímida Políxena. Depois deitou novamente um olhar a Cassandra, que se encontrava encolhida no mesmo lugar, agarrada à cabeça que sangrava. Agora ela tinha a certeza que existia realmente um segredo qualquer relacionado com o rapaz cujo rosto tinha visto.

Príamo não queria falar de Hesíona. *"Ele não quer saber. Para ele basta que ela se case com um dos invasores que a levaram. "* A idéia, junto com o medo e a vergonha da visão, se era realmente disso que se tratava, a fez sentir um súbito pavor. *"O pai não vai dizer-me. Bom, então perguntarei ao meu Senhor Apolo. "*

"Ele sabe ainda mais do que o pai. E disseme que eu estava destinada a ser Sua; se tivesse sido eu e não Hesíona, Ele não teria permitido que eu fosse

levada por aquele homem. Para o pai basta que ela se case; se aquele homem tivesse fugido comigo, ele deixaria ter um casamento assim?"

A visão daquele homem com rosto de águia nunca a abandonaria. Mas, para impedi-la, ela fechou os olhos e tentou alcançar a voz do Senhor do Sol, dizendo *"Tu és Minha."*

CINCO

As equimoses de Cassandra tinham ainda um aspecto amarelo-esverdeado; a lua tinha se reduzido a um pálido crescente matinal. Cassandra estava de pé junto da mãe, que colocava algumas das suas túnicas, bem como umas sandálias novas e uma capa quente de inverno, dentro de um saco de couro.

— Mas ainda não é inverno! — protestou ela.

— Nas planícies faz mais frio — disselhe Hécuba. — Acredite que vais precisar dela para andar a cavalo, meu amor.

Cassandra encostou-se à mãe, à beira das lágrimas:

— Não quero ir para longe de ti!

— Eu também vou sentir saudades tuas, mas creio que vais ser feliz —disse Hécuba. — Quem me dera ir contigo!

— Então por que não vens, mãe?

— O teu pai precisa de mim.

— Não, não precisa — protestou Cassandra. — Ele tem as suas outras mulheres; podia muito bem passar sem ti.

— Estou certa que sim — disse Hécuba, esboçando um esgar. — Mas eu não o quero deixar nas mãos delas; elas não têm tanto cuidado com a sua saúde e a sua honra como eu. Além disso, há o teu irmão menor que precisa de mim.

Para Cassandra isto não fazia sentido; Troilo tinha sido mandado para os alojamentos dos homens no Ano Novo. Mas se a sua mãe não queria partir, não havia nada que ela pudesse dizer. Cassandra desejou nunca vir a ter filhos, se isso significava nunca se fazer

aquilo de que se tinha vontade.

Hécuba ergueu a cabeça ao ouvir ruído no pátio.

— Acho que vêm aí — e agarrou na mão de Cassandra.

Juntas, elas apressaram-se a descer o longo lanço de escadas.

Muito do pessoal da casa estava reunido olhando as mulheres que tinham entrado com os seus cavalos, um negro, um branco e um baio, mesmo para o meio do pátio. A sua chefe, uma mulher de rosto escuro e sardento, saltou do dorso da sua montada e correu a apertar Hécuba nos braços.

— Irmã! Que alegria ver-te — gritou ela.

Hécuba abraçou-a e Cassandra sentiu-se maravilhada ao ver a sua austera mãe rindo e chorando ao mesmo tempo. Alguns instantes depois a alta desconhecida largou-a e disse:

— Tornaste-te gorda e frágil com a vida doméstica; e a tua pele está tão branca e pálida que mais pareces um fantasma!

— E isso é assim tão mau?

A mulher fez-lhe uma careta.

— São estas as tuas filhas? — perguntou. — Também são ratos domésticos?

— Isso terás de ser tu a decidir — disse Hécuba, empurrando as meninas para a frente. — Esta é Políxena. Já tem dezesseis anos.

— Parece-me muito frágil para uma vida ao ar livre como a que nós levamos, Hécuba. Acho que a mantiveste tempo demais dentro de casa; mas faremos dela o que pudermos e havemos de devolvê-la saudável e forte.

Políxena escondeu-se, encolhendo-se por trás da mãe; a alta amazona deu uma gargalhada.

— Não?

— Não; vais levar a menor, a Cassandra — disse Hécuba.

— A menor? Que idade tem ela?

— Doze anos — respondeu Hécuba. — Cassandra, filha, vem saudar a tua parente Pentesileia, a chefe da nossa tribo.

Cassandra olhou a mulher mais velha atentamente. Era alguns dedos mais alta que Hécuba, embora esta já fosse uma mulher alta. Usava um chapéu pontiagudo e Cassandra conseguia ver, presos debaixo dele, os cachos de cabelo de um tom de gengibre muito claro; usava também uma túnica curta e justa; tinha pernas longas e secas dentro de uns calções de couro que lhe chegavam abaixo do joelho. O seu rosto era magro e marcado; a pele, além de escura e bronzeada pelo sol, era salpicada por milhares de sardas castanhas. Parecia mais um guerreiro que uma mulher, pensou Cassandra; mas o seu rosto era suficientemente parecido com o de Hécuba para que não restassem dúvidas a Cassandra de que era sua parente. Ela sorriu amigavelmente a Cassandra.

— Achas então que vais gostar de vir conosco? Não tens medo? Acho que a tua irmã tem medo dos nossos cavalos — acrescentou.

— Políxena tem medo de tudo — disse Cassandra. — Ela quer ser aquilo a que o meu pai chama uma menina como deve ser.

— E tu não queres?

— Não, se isso significar ficar fechada em casa o tempo todo — disse Cassandra, e Pentesileia sorriu. — Como se chama o teu cavalo? Ele morde?

— Chama-se *Racer*[1] e até hoje ela nunca me mordeu — disse Pentesileia. — Podes fazer amizade com ela, se fores capaz.

Cassandra avançou corajosamente e ergueu a mão com a palma virada para cima como lhe tinham ensinado a fazer com os cães desconhecidos para que eles pudessem cheirá-la. A égua baixou a sua grande cabeça e resfolegou; Cassandra acariciou-lhe o nariz sedoso e olhou os seus olhos grandes e

meigos. Sentiu, nesse olhar, que já tinha feito uma amiga entre as desconhecidas.

— Estás então pronta para vir conosco? — perguntou-lhe Pentesileia.

— Oh, sim! — disse Cassandra fervorosamente.

O rosto magro e severo de Pentesileia tinha um ar mais amigável quando sorria.

— Achas que consegues aprender a montar?

Amigável ou não, a égua parecia um animal muito grande e muito alto; mas Cassandra disse corajosamente:

— Se tu conseguiste aprender e a minha mãe conseguiu aprender, não vejo por que razão eu não hei de conseguir.

— Não querem subir aos alojamentos das mulheres e tomar um refresco conosco antes de partirem? — perguntou Hécuba.

— Sim, claro, se mandares alguém tomar conta dos nossos cavalos — respondeu Pentesileia.

Hécuba chamou um dos criados e deu ordens para que os cavalos de Pentesileia e das suas companheiras fossem levados para os estábulos. A chefe das Amazonas apresentou as duas mulheres que a acompanhavam; estavam vestidas como ela: uma chamava-se Cáris, a outra Melissa. Cáris era pálida e magra, quase tão sardenta como a rainha, mas o seu cabelo

[1] - Corredora. (N. da T.) era cor de latão; Melissa tinha cabelos castanhos encaracolados, um corpo roliço e faces rosadas. Cassandra calculou que elas deviam ter quinze ou dezesseis anos. Pensou que talvez fossem filhas de Pentesileia, mas não se atreveu a perguntar.

Enquanto subiam para os alojamentos das mulheres, Cassandra perguntava-se por que razão nunca teria reparado que o interior da casa era tão escuro. Hécuba chamara as criadas para que trouxessem vinho e doces e, enquanto as convidadas comiam, Pentesileia chamou Cassandra para junto de si.

— Se vens conosco tens de te vestir de forma adequada, minha querida. Trouxemos uns calções para ti. Cáris vai ajudar-te a vesti-los. E tens de ter uma capa quente para andar a cavalo; quando o Sol se põe, o tempo arrefece muito rapidamente.

— A mãe fez-me uma capa quente — disse Cassandra e foi com Cáris ao quarto buscar o saco com os seus haveres.

Os calções de couro ficaram um bocadinho grandes; Cassandra perguntou-se quem os teria usado antes, pois tinham o traseiro polido pelo uso intenso. Mas, uma vez habituada à sua dureza contra as pernas, eram espantosamente confortáveis. Pensou que agora podia correr veloz como o vento sem tropeçar nas saias. Estava a passar o cinto de couro pelas presilhas quando ouviu os passos do pai e a sua voz tempestuosa.

— Bom, cunhada, vieste aqui para conduzir os meus exércitos até Micenas e recuperar Hesíona? E que cavalos esplêndidos...! Vi-os nos estábulos. São como os cavalos imortais da manada de Posídon! Onde os foste descobrir?

— Negociamos com Idomeneu, o rei de Creta — disse Pentesileia. — Não soubemos nada de Hesíona; que aconteceu?

— Os homens de Agamenon de Micenas, ou pelo menos assim pensamos — disse Príamo. — Aqueus, em todo o caso; atacaram de surpresa. Dizem os boatos que Agamenon é um rei perverso e cruel. Nem os seus próprios homens gostam dele; mas o temem.

— É um guerreiro poderoso — disse Pentesileia. — Espero defrontá-lo um dia, numa batalha. Se tu próprio não quiseres conduzir os teus exércitos até Micenas para recuperar Hesíona, espera só até que eu reúna as minhas mulheres. Terias de nos fornecer os navios, mas eu podia trazer-te Hesíona de volta na próxima lua nova.

— Se fosse viável lutar contra os Aqueus neste momento, não precisaria que mulher alguma conduzisse o meu exército — disse Príamo mal-humorado. — Prefiro esperar para ver que exigências ele irá fazer-me.

— E o que será de Hesíona, nas mãos de Agamenon? — perguntou Pentesileia. — Vais abandoná-la? Sabes bem o que lhe acontecerá entre os Aqueus!

— De qualquer forma, eu teria de arranjar-lhe um marido — disse Príamo. — Assim, ao menos poupo o dote, pois uma vez que foi Agamenon quem a levou, não vai ter a insolência de pedir um dote por uma presa de guerra.

Pentesileia franziu o sobrolho; Cassandra também ficou chocada. Príamo era rico; por que havia de regatear um dote?

— Príamo, Agamenon já tem mulher — disse Pentesileia — Clitemnestra, filha de Leda e do seu rei, Tíndaro. Ela deu a Agamenon uma filha que deve ter agora sete ou oito anos. Não acredito que eles tenham tanta falta de mulheres em Acaia, que tenham de recorrer a roubá-las... nem que Agamenon esteja necessitado de uma concubina a ponto de roubar uma, assim, quando podia ter a filha de qualquer um dos chefes do seu reino.

— Então ele casou-se com a filha de Leda? — Príamo franziu a testa por momentos e disse: — Será aquela que, segundo dizem, era tão bonita que faria inveja a Afrodite e obrigou o pai a ter de escolher entre os seus quase quarenta pretendentes?

— Não — disse Pentesileia. — Eram duas gêmeas, o que dá sempre má sorte. Uma era Clitemnestra; a outra filha, Helena, era a beldade. Agamenon conseguiu convencer Leda e Tíndaro (Deus sabe como!) a casar Helena com o seu irmão Menelau, enquanto ele casava com Clitemnestra.

— Não invejo Menelau — disse Príamo. — O homem que possui uma mulher bela está amaldiçoado. — Sorriu a Hécuba, distraidamente. — Graças a todos os Deuses por nunca me teres trazido esse tipo de problemas, minha querida. E as tuas filhas também não são perigosamente belas.

Hécuba olhou o marido com frieza. Pentesileia disse:

— Isso é uma questão de opinião. Mas pelo que sei de Agamenon, a menos que os boatos mintam, ele preocupa-se menos com a beleza das mulheres

do que com o poder. Através das filhas de Leda, ele planeia reivindicar Micenas inteira, bem como Esparta, e intitular-se rei. Suponho que depois tentará ganhar mais poder para norte... e fará com que tu tenhas de zelar pela tua própria cidade, aqui em Tróia.

— Acho que estão a tentar forçar-me a negociar com eles — disse Príamo e a reconhecê-los como reis; coisa que só farei quando Cérbero abrir as suas portas e deixar os mortos saírem do reino de Hades.

— Duvido que o que eles querem seja ouro — disse Pentesileia. — Há ouro suficiente em Micenas, embora os boatos digam que Agamenon é um homem ganancioso. Se tivesse de adivinhar, apostaria que aquilo que Agamenon te vai exigir é que lhe dês direitos de comércio e passagem através do estreito mais distante — apontou o mar — sem pagar o tributo que

cobras.

— Nunca! — disse Príamo. — Um Deus trouxe o meu povo até as margens do Escamandro; e seja quem for que pretenda passar para lá delas, para as terras do Vento Norte, terá de pagar tributo aos Deuses de Tróia. — Fixou Pentesileia, zangado e perguntou: — Que tens tu a ver com isso? Que tem uma mulher a ver com o governo de territórios e o pagamento de tributos?

— Também eu vivo em terras onde os guerreiros Aqueus se atrevem a fazer incursões — disse a rainha amazona. — E se eles raptassem uma das minhas mulheres, eu os faria pagar por isso; e não só em ouro e dotes, mas também com sangue. E visto que não os conseguiste impedir de levarem a tua própria irmã, eu repito: as minhas guerreiras estão às tuas ordens se as quiseres comandar contra aqueles piratas.

Príamo deu uma gargalhada, mas cerrou os dentes ao fazê-lo, e Cassandra percebeu que ele estava furioso, embora não o dissesse a Pentesileia.

— No dia em que eu tiver de pedir auxílio a mulheres, sejam ou não da família, para defender a cidade, Tróia estará em grandes dificuldades, cunhada; que esse dia esteja muito, muito longe. — Virou-se e viu Cassandra a entrar na sala com os seus calções de couro e a capa pesada. —

O que é isto, filha? A mostrar as pernas como um rapaz? Decidiste tornar-te amazona, Olhos Brilhantes?

A voz dele soou surpreendentemente bem-disposta; Hécuba apressou-se no entanto a retrucar:

— Ordenaste-me que a enviasse para fora da cidade a fim de que fosse adotada, marido, e eu achei a tribo da minha irmã tão boa como qualquer outra.

— Sempre te considerei a melhor das esposas, apesar de teres vindo de onde vieste; não tenho dúvidas de que a tua irmã cuidará bem dela — disse Príamo, e curvou-se para Cassandra. Ela encolheu-se temendo outra pancada, mas ele apenas a beijou na testa, com meiguice. — Seja boa menina e nunca esqueças que és uma princesa de Tróia.

Hécuba tomou Cassandra nos braços e abraçou-a com força.

— Vou sentir a tua falta, filha; porta-te bem e volta para mim sã e salva, minha querida.

Cassandra agarrou-se à mãe, esquecendo como ela tinha sido severa, consciente apenas de que ia partir com pessoas que lhe eram estranhas. Então Hécuba soltou-a.

— Tenho as minhas próprias armas para te dar, filha — e estendeu-lhe uma espada em forma de folha e uma lança curta com a ponta em metal. Eram tão pesadas que Cassandra quase não conseguiu erguê-las, mas fazendo apelo a toda a sua força e orgulho, conseguiu apertar os cintos em torno da cintura. — Eram minhas quando cavalgava com as Amazonas — disse Hécuba. — Usa-as sempre com dignidade e valentia, minha filha.

Cassandra reprimiu as lágrimas que se formavam nos seus olhos. Príamo ficara carrancudo, mas Cassandra estava habituada às desaprovações do pai. Num gesto de desafio, agarrou na mão que Pentesileia lhe estendia. Afinal, a irmã de sua mãe não podia ser muito diferente dela.

Quando as amazonas mandaram trazer os seus cavalos para o pátio inferior, Cassandra ficou desapontada ao ser puxada para o dorso da *Racer,* atrás de Pentesileia.

— Pensei que ia ter um cavalo só para mim — disse ela, com o lábio a tremer.

— Hás de tê-lo, quando souberes montar, minha filha; mas não temos tempo para te ensinar neste momento. Queremos já estar longe desta cidade quando anoitecer; não nos agrada dormir entre muros, e não queremos acampar em terras governadas por homens.

Para Cassandra aquilo fazia sentido; os seus braços fecharam-se com força em torno da cintura estreita da mulher e puseram-se a caminho.

Durante os primeiros minutos, precisou de toda a sua força e atenção para se agüentar, sacudida para cima e para baixo pelos solavancos do cavalo sobre as pedras. Depois começou a aprender a deixar o corpo balançar e ajustar-se ao andamento, e pôde então olhar em volta e ver a cidade da sua nova perspectiva. Teve ainda tempo para lançar um rápido olhar para trás, para o templo lá no alto, acima da cidade; pouco depois estavam fora das muralhas e começavam a descer em direção às águas verdes do Escamandro.

— Como vamos atravessar o rio, senhora? — perguntou ela, chegando a cabeça para a frente, para junto do ouvido de Pentesileia. — Os cavalos sabem nadar?

A mulher rodou ligeiramente a cabeça:

— Podes estar certa que sim, mas hoje não vão precisar nadar; existe um baixio a uma hora de viagem daqui, subindo o rio.

Tocou ligeiramente com os tacões nos flancos do cavalo e o animal começou a correr, tão velozmente que Cassandra teve de se agarrar com todas as suas forças. As outras mulheres galopavam ao lado dela e Cassandra sentiu uma espécie de euforia percorrer-lhe todo o corpo. Atrás de Pentesileia estava um tanto abrigada do vento, mas o seu cabelo

esvoaçava tão freneticamente que ela chegou a pensar se alguma vez seria capaz de penteá-lo e alisar de novo. Não importava; a excitação da corrida a fez se esquecer disso.

Cavalgavam já havia algum tempo quando Pentesileia fez estacar o cavalo e soltou um assobio; um grito agudo como o de um pássaro estranho.

De uma pequena moita, na sua frente, surgiram três cavalos montados por mulheres

amazonas.

— Sejam bem-vindas — saudou uma das recém-chegadas. — Vejo que voltaste sã e salva da casa de Príamo; demoraste tanto tempo que nós já começávamos a ficar admiradas! Como está a nossa irmã?

— Bem, mas está a ficar gorda e velha e cansada de parir crianças para a casa do rei — disse Pentesileia.

— É esta a nossa protegida, a filha de Hécuba? — perguntou uma das recém-chegadas.

— É — disse Pentesileia, voltando a cabeça na direção de Cassandra — e se for realmente como a mãe, será mais do que bem-vinda entre nós.

Cassandra sorriu timidamente para as desconhecidas, uma das quais estendeu os braços e se curvou para abraçá-la.

— Eu era a amiga mais chegada da tua mãe, quando éramos meninas — disse ela.

Prosseguiram a marcha, ao encontro do reflexo brilhante do rio Escamandro. Caía a noite quando detiveram os cavalos junto ao baixio; numa última réstia de luz Cassandra pôde ver o breve cintilar do sol na ondulação do baixio e as pedras cortantes do leito onde o rio corria, rápido e pouco profundo. Sufocou um grito quando o cavalo avançou pela margem íngreme e entrou na água; foi de novo admoestada para que se segurasse com firmeza.

— Se caíres vai ser muito difícil apanhar-te outra vez antes de ficares toda cortada.

Sem vontade nenhuma de cair sobre aquelas pedras pontiagudas, Cassandra segurou-se com toda a força e em breve o cavalo trepava já pela outra margem. Galoparam durante os poucos minutos em que ainda dispunham de luz; pararam então, juntaram os cavalos em círculo e desmontaram.

Cassandra observou fascinada a forma como, sem qualquer discussão, uma das mulheres fez uma fogueira e outra tirou das bolsas da sela uma tenda que começou a desdobrar e a montar.

Passado pouco tempo já a carne seca fervia no caldeirão e espalhava um cheiro delicioso.

Estava tão dolorida que, quando tentou aproximar-se do fogo, coxeava como uma velha. Cáris começou a rir-se, mas Pentesileia ralhou com ela.

— Não faças pouco da criança; ela não se queixou e foi uma cavalgada muito longa para quem não está habituada a montar. Tu não fazias melhor figura quando te juntaste a nós. Dá-lhe de comer.

Cáris tirou do panelão uma caneca de guisado e passou-a a Cassandra num prato de

madeira.

— Obrigada — disse ela, mergulhando a colher de osso que lhe deram dentro da comida. — Posso comer uma fatia de pão, por favor?

— Não temos pão — disse Pentesileia. — Não podemos cultivar a terra vivendo como vivemos, nas nossas tendas com as nossas manadas.

Uma das mulheres deitou-lhe uma substância branca e espumosa na caneca; Cassandra provou-a.

— É leite de égua — disselhe a mulher que se tinha apresentado como Elaria, a amiga de Hécuba.

Cassandra bebeu com curiosidade, não muito certa de gostar quer do sabor, quer da idéia; mas como as outras mulheres também bebiam, concluiu que não lhe faria mal.

Elaria deu uma risada ao ver a expressão cautelosa, de nojo dissimulado, no rosto de Cassandra.

— Bebe-o — disse ela — e te tornarás tão forte e livre como as nossas éguas e a tua crina ficará tão sedosa como a delas. — Acariciou o longo cabelo escuro de Cassandra. — Vais ser minha filha adotiva enquanto viveres conosco. Na nossa aldeia viverás na minha tenda; tenho duas filhas que serão tuas amigas.

Cassandra deitou a Pentesileia um olhar um pouco triste; mas supunha que, se a mulher era uma rainha, devia estar muito ocupada para tomar conta de uma criança, mesmo tratando-se da filha da sua irmã. E Elaria parecia ser bondosa e simpática.

Quando acabaram a refeição, as mulheres juntaram-se em torno da fogueira. Pentesileia designou duas delas para ficarem de vigia.

— Por que pomos sentinelas? Não há nenhuma guerra, não é? — murmurou Cassandra.

— Não no sentido em que a palavra é usada em Tróia — respondeu-lhe Elaria, também num murmúrio. — Mas ainda estamos em terras governadas por homens e, nestas terras, as mulheres estão sempre em guerra. Muitos homens... a maioria dos homens nos trataria como troféus legítimos, e aos nossos cavalos também.

Uma das mulheres tinha começado a cantar e as outras se juntaram a elas. Cassandra escutava-as sem conhecer nem a música nem o dialeto, mas ao fim de algum tempo já trauteava o refrão com as outras. Sentia-se cansada e recostou-se para descansar, olhando as grandes estrelas brancas lá no alto; quando deu por isso estava a ser levada ao colo no meio da escuridão. Acordou sobressaltada.

— Onde estou?

— Deixaste-te adormecer junto da fogueira; estou a levar-te para a minha tenda para dormires — disse a voz de Elaria baixinho e Cassandra ajeitou-se e adormeceu de novo, para só voltar a acordar quando a luz do dia já entrava na tenda.

Alguém lhe tirara os calções de couro e as suas pernas estavam esfoladas e doloridas. Elaria entrou na tenda quando ela estava a acordar. Espalhou-lhe bálsamo nas zonas doloridas e deu-lhe um par de ceroulas de linho para vestir por baixo dos calções de couro, o que a fez sentir-se bastante melhor. Depois Elaria pegou num pente talhado em osso e começou a desembaraçar os nós do longo e sedoso cabelo de Cassandra; depois o penteou em tranças apertadas e prendeu-as em cima, sob um chapéu pontiagudo em couro como o que todas elas usavam. Os olhos de Cassandra encheram-se de lágrimas enquanto o pente desfazia os nós, mas não chorou e Elaria fez-lhe uma festa aprovadora na cabeça.

— Hoje vais montar atrás de mim — disse Elaria — e talvez ainda hoje alcancemos as nossas pastagens e possamos escolher uma égua para ti e ensinar-te a montar. Chegará o tempo, e não está muito distante, em que serás capaz de passar o dia inteiro sobre a sela sem te cansares.

O café foi um bocado de carne seca dura como couro que foi roendo, agarrada à sela, atrás de Elaria. À medida que avançavam, as características das terras mudavam gradualmente; da fertilidade verde das margens do rio para a estéril planície, varrida pelo vento, que se elevava mais e mais a partir das terras baixas. Ao fundo da planície viam-se colinas redondas e nuas, completamente castanhas, com grandes pedregulhos projetando-se das encostas e, por trás delas, erguendo-se a pique, penhascos escarpados. Na encosta de uma das colinas, Cassandra avistou vultos, maiores que ovelhas, que se moviam. Elaria virou-se e apontou.

— Ali pastam as nossas manadas de cavalos — disse ela. — Ao cair da noite estaremos em casa, na nossa própria terra.

Pentesileia cavalgava ao lado delas. Disse muito baixinho:

— Não são as nossas manadas. Olha para ali e repara nos Centauros no meio delas.

Cassandra conseguia agora ver mais claramente; distinguiu os corpos peludos e as cabeças barbudas dos homens erguendo-se acima dos animais. Como todas as crianças da cidade, Cassandra tinha sido criada no meio das histórias de centauros; criaturas selvagens e sem lei, com troncos e cabeças de homem e a parte de baixo do corpo como o dos cavalos. Podia agora ver qual a origem das velhas histórias. Eram homens pequenos, de pele castanha devido à vida ao ar livre; os cabelos longos e despenteados que lhes caíam pelas costas davam a nítida sensação de uma crina de cavalo, e os seus corpos castanhos fundiam-se com os corpos das montarias, as pernas curvas enroladas em torno dos pescoços dos cavalos: tronco de homem, parte de baixo de cavalo. Como a muitas outras meninas, tinha sido dito a Cassandra que eles raptavam as mulheres das cidades e das aldeias e a sua ama costumava admoestá-la, *"se não fores uma menina boazinha, os Centauros vêm e levam-te*

Murmurou assustada:

— Eles vão fazer-nos mal, tia?

— Não, não, claro que não; o meu filho vive com eles — disse Pentesileia. — E se esta é a tribo de Quíron, são nossos amigos e aliados.

— Eu pensava que as tribos das Amazonas só tinham mulheres — disse Cassandra, surpreendida. — Tens um filho, tia?

— Tenho, mas vive com o pai; como todos os nossos filhos — disse Pentesileia. — Por que, minha tonta, ainda acreditas que os Centauros são monstros? Vê, são só homens; cavaleiros como nós.

Apesar de tudo, à medida que os cavaleiros se aproximavam, Cassandra foi se encolhendo; os homens estavam praticamente nus, e tinham um ar realmente selvagem e incivilizado; encolheu-se sobre o cavalo, por trás de Elaria, de forma a que eles não pudessem vê-la.

— Salve, Senhora das Mulheres Cavaleiras! — gritou o cavaleiro mais adiantado. — Como te deste na cidade de Príamo?

— Bastante bem; como vês, voltamos sãs e salvas! — gritou-lhe Pentesileia. — Como estão os teus homens?

— Encontramos esta manhã uma árvore com abelhas e tiramos um barril de mel — disse o homem, aproximando-se e abraçando Pentesileia de cima do cavalo. — Partilharemos contigo, se quiseres.

Ela afastou-se dele e disse:

— O preço do teu mel é sempre muito alto; o que queres de nós, desta vez?

Ele endireitou-se e cavalgou a seu lado, sorrindo bem-disposto.

— Podes fazer-me um favor — disse ele — se quiseres. Um dos meus homens ficou obcecado por uma moça da aldeia há já algumas luas e trouxe-a sem se dar ao trabalho de pedir ao pai dela. Mas ela não serve para nada a não ser para a cama dele. Nem sequer sabe mungir uma égua ou fazer um queijo, e passa o tempo a chorar e a lamentar-se; agora ele está farto daquela cabra chorona até aos cabelos e...

— Não me peças para te livrar dela! — interrompeu-o Pentesileia. — Também não serviria para nada nas nossas tendas.

— O que eu quero — disse o homem — é que tu a leves de volta ao pai dela.

Pentesileia resfolegou.

— E deixar que sejamos nós a enfrentar a ira dos homens da sua tribo? Nem pensar!

— O problema é que a camponesa está grávida — disse o centauro. — Não podem ficar com ela até o bebê nascer? Parece-me que ela era capaz de se sentir mais feliz entre mulheres.

— Se ela vier conosco sem causar problemas — disse Pentesileia — ficamos com ela até o bebê nascer; se for uma filha, ficamos com as duas. Se for um rapaz, o queres?

— Certamente que sim! — disse o homem. — Quanto à mulher, depois de o bebê nascer, podes ficar com ela ou mandá-la de volta para a aldeia ou, pelo que me toca, até a podes afogar.

— Tenho de fato um coração bom demais — disse Pentesileia. — Por que hei de ter de vos livrar dos problemas que vocês próprios arranjam? — Por meio barril de mel?

— Por meio barril de mel — disse Elaria — eu própria olharei pela jovem, a ajudarei a ter a criança e a levarei de volta para a aldeia.

— Todas nós ajudaremos — disse Pentesileia — mas na próxima vez que um dos teus homens quiser uma mulher, manda-o às nossas tendas, e sem dúvida que uma de nós o satisfará sem todas essas complicações. De cada vez que um dos teus homens anda atrás de uma mulher fora de estação e vai às aldeias, todas as tribos sofrem as conseqüências; mais histórias de como vivemos sem lei, homens e mulheres por igual.

— Não me ralhes, senhora — disse o homem, escondendo brevemente o rosto com as mãos. —Todos nós somos apenas humanos. E quem é aquela que se esconde por trás da tua companheira? — Olhou por trás de Elaria e piscou o olho para Cassandra; tinha um ar tão cômico com a sua cara peluda toda franzida sob o cabelo emaranhado, que ela começou a rir às gargalhadas. — Roubaste uma criança da cidade de Príamo?

— Nada disso — disse Pentesileia. — É a filha da minha irmã, que vem viver conosco por umas quantas estações.

— Uma coisinha bonita — disse o centauro. — Em breve todos os meus homens mais novos brigarão por causa dela.

Cassandra corou e escondeu-se de novo atrás de Elaria. No palácio de Príamo, até a sua mãe admitia sem problemas que Políxena era *"a bonita*" e Cassandra *"a inteligente*". Cassandra tinha decidido que não se importava; de qualquer modo, era agradável pensar que alguém achava que ela era bonita.

— Bom — disse Pentesileia — deixa-nos ver esse mel e a mulher que querem que vos

tiremos das mãos.

— Querem partilhar do nosso banquete? Estamos a assar um cabrito para a refeição da noite — disse o centauro e Pentesileia lançou um olhar às suas mulheres.

— Esperávamos dormir nas nossas tendas esta noite — contrapôs ela — mas o cabrito parece estar bem assado e, pelo cheiro, saboroso; seria uma pena não aceitar um pouco.

E Elaria acrescentou:

— Por que não descansar aqui por uma ou duas horas? Se não chegarmos hoje a casa, amanhã é outro dia.

Pentesileia encolheu os ombros.

— As minhas mulheres responderam por mim; aceitamos a vossa hospitalidade com prazer; ou talvez apenas por gula.

O centauro acenou e trotou em direção à fogueira central do acampamento; Pentesileia fez sinal às mulheres para que o seguissem. Uma mulher jovem estava ajoelhada junto ao fogo, rodando o espeto onde o carneiro assava. Os pingos de gordura sobre a chama cheiravam maravilhosamente e a pele tostada crepitava.

As mulheres deslizaram de cima dos cavalos e, algum tempo depois, os homens fizeram o mesmo.

Pentesileia dirigiu-se imediatamente para a mulher que rodava o espeto. Cassandra reparou, horrorizada, que os tornozelos dela tinham sido perfurados e que os seus pés estavam presos um ao outro por uma corda que passava através dos ferimentos de forma a não lhe permitir dar passadas largas.

A rainha amazona olhou para ela, sem animosidade, e perguntou:

— És tu a prisioneira?

— Sou. Roubaram-me de casa do meu pai, no verão passado.

— Queres voltar para lá?

— Ele jurou, quando perfurou os meus pés, que iria amar-me e cuidar de mim para sempre; vai rejeitar-me agora? Irá o meu pai receber-me de novo em sua casa assim, aleijada e com o filho de um centauro a crescer no meu ventre?

— Ele diz que não és feliz aqui — disse Pentesileia. — Se quiseres vir conosco, poderás viver na nossa aldeia até que o teu filho nasça e depois irás para casa do teu pai ou para onde te aprouver.

O rosto da mulher contorceu-se de pranto.

— Assim? — disse ela, apontando os tornozelos mutilados.

Pentesileia voltou-se para o chefe dos Centauros:

—Eu a levaria de boa vontade se ela estivesse ilesa. Mas não podemos mandá-la de volta para a aldeia do pai neste estado. Já não bastava ao teu jovem tê-la raptado e desvirginado?

O centauro abriu as mãos, num gesto de impotência.

— Ele jurou que a queria para sempre, para sustentá-la e proteger, e receava apenas que ela conseguisse fugir-lhe.

— Devias saber, depois destes anos todos, quanto tempo dura esse tipo de amor — admoestou-o a rainha das Amazonas. — Raramente dura além do defloramento. Um amor eterno resiste, às vezes, meio ano, mas nunca sobrevive à gravidez. Que vamos fazer com ela, agora? Sabes tão bem como eu que não a podemos devolver assim à aldeia do pai. Desta vez te metestes numa coisa da qual não te podemos safar.

— Nestas circunstâncias o meu homem pagaria para se ver livre dela — disse o centauro.

— E tem de fazê-lo! Que daria ele, então, para se desfazer dela?

— Uma bela potra como indenização para o pai ou como dote, se ela quiser casar.

— Talvez, em troca disso, nós consigamos ver-nos livres dela logo que possa voltar a andar — disse Pentesileia — mas garanto que esta é a última vez que nós resolvemos os vossos problemas amorosos. Mantém os teus homens afastados das mulheres das aldeias e talvez não nos voltes a forçar a todas estas vergonhas. E é bom que seja mesmo uma boa égua, caso contrário não valerá o trabalho. — Fungou, apreciativamente. — Mas seria uma pena deixar o cabrito queimar-se ou ficar passado demais enquanto estou para aqui a ralhar-te. Vamos comer uma fatia ou não?

Um dos centauros pegou numa grande faca e começou a cortar grandes nacos de carne e pele tostada do cabrito. As mulheres reuniram-se e sentaram-se sobre a erva enquanto a comida era passada de mão em mão, acompanhada com vinho em odres de couro e pedaços de favo de mel. Cassandra comeu vorazmente; estava cansada da cavalgada e com vontade de se estender na erva depois de ter comido e bebido o vinho. Passado algum tempo sentiu-se tonta e deitou-se para trás, fechando preguiçosamente os olhos. Em casa era-lhe apenas permitido beber vinho muito aguado, e agora ela sentia-se um pouco indisposta. Apesar disso, parecia-lhe que refeição alguma tomada em casa lhe soubera tão bem.

Um dos jovens que cavalgara ao lado do chefe dos Centauros veio encher de novo o copo que ela tinha na mão. Cassandra abanou a cabeça.

— Não quero mais, obrigada.

— O Deus do Vinho ficará zangado contigo se recusares as Suas oferendas — disse o rapaz. — Bebe, Olhos Brilhantes.

Era o que o pai lhe chamava, nos seus raros momentos de afabilidade. Sorveu mais alguns goles e depois sacudiu a cabeça.

— Já estou tonta demais para me sentar no cavalo!

— Então descansa — disse o rapaz, e puxou-a para trás, deitando-a de encontro ao seu ombro, os braços em volta dela.

Os olhos de Pentesileia pousaram-se nele e, secamente, disse para o rapaz: — Deixa-a em paz, ela não é para ti! É a filha de Príamo, princesa de Tróia.

O chefe dos Centauros riu, dizendo:

— Ele não lhe fica muito atrás, senhora; é filho de um rei.

— Eu conheço as tuas adoções reais — disse Pentesileia. — Lembro-me muito bem de quando Teseu nos levou a nossa rainha Antíope, para viver entre paredes e aí morrer. Seja como for, esta virgem está aos meus cuidados, e qualquer um que lhe toque terá de se haver comigo.

O rapaz riu e soltou Cassandra.

— Talvez quando fores crescida, Olhos Brilhantes, o teu pai tenha melhor opinião de mim do que a nossa parente; a tribo dela não gosta dos homens nem de casamentos.

— Nem eu — disse Cassandra, afastando-se dele.

— Bom, talvez quando fores mais velha mudes de idéias — disse o rapaz.

Inclinou-se e beijou-a nos lábios. Cassandra afastou-se e limpou vigorosamente a boca, enquanto os centauros riam. Cassandra viu a mulher aleijada da aldeia olhando para ela, com uma expressão sombria.

A rainha amazona chamou as mulheres para os cavalos, ajudando uma delas a colocar o prometido mel sobre o dorso da sua égua. Depois cortou a corda que prendia os tornozelos da mulher aleijada e ajudou-a a subir para cima de um cavalo, falando-lhe suavemente. A mulher já não chorava; de livre vontade foi com elas. O centauro chamou Pentesileia quando esta se montou no cavalo.

— Não vos conseguiremos convencer a passar a noite nas nossas tendas?

— Noutra altura, talvez — prometeu Pentesileia, devolvendo-lhe o abraço com sinceridade. — Por agora, até à vista.

Cassandra estava confusa; eram estes homens e rapazes os terríveis Centauros de que falavam as lendas? Pareciam bastante amigáveis. Mas gostaria de saber qual era a sua relação com as Amazonas. Eles não tratavam as mulheres da mesma forma que os soldados de seu pai se dirigiam às mulheres da casa. O rapaz bonito que a tinha beijado aproximou-se a olhar para ela, sorrindo.

— Talvez te veja quando reunirmos o gado? —disse ele.

Cassandra desviou os olhos, corada; não sabia o que havia de lhe dizer. À exceção dos seus irmãos, ele era o primeiro rapaz com quem falava.

Pentesileia fez sinal às mulheres para que a seguissem e Cassandra viu que se dirigiam para o interior e que as encostas do monte Ida se erguiam na sua frente. Pensou na Visão que tivera, do rapaz com a sua cara conduzindo as ovelhas nas encostas.

"Ele pode guardar ovelhas, mas eu vou aprender a montar a cavalo ", pensou, ainda tonta devido ao vinho a que não estava acostumada, encostou-se para a frente, equilibrando-se de encontro a Elaria, e adormeceu, embalada pelo passo oscilante do cavalo.

SEIS

O mundo era maior do que alguma vez pensara; embora cavalgassem desde o raiar do dia até a escuridão as impedir de ver, Cassandra tinha a impressão de que se arrastavam, simplesmente, pelas planícies. As colinas de Tróia eram ainda visíveis atrás delas, não muito mais distantes do que anteriormente; a limpidez do ar dava-lhe por vezes a idéia de que lhe era possível esticar-se e tocar o topo brilhante da cidade.

Em poucas semanas Cassandra sentia-se como se a sua vida sempre tivesse sido vivida com as cavaleiras da tribo. Levava o dia, do princípio ao fim, sem assentar pé no solo e, mesmo ainda em jejum, já estava em cima da sela da égua castanha que lhe fora entregue para seu uso, à qual chamara *Southwind* . Com as outras jovens da sua idade montava sentinela contra possíveis invasores e, à noite, mantinha os cavalos agrupados enquanto olhava as estrelas.

Gostava muito de Elaria, que olhava por ela como pelas suas filhas, duas jovens de onze e dezessete anos; adorava Pentesileia, embora a rainha das Amazonas raramente falasse com ela exceto para se inteirar diariamente sobre a sua saúde e bem-estar. Tornara-se forte, bronzeada e saudável. No eterno sol ardente das planícies, vira a face de Apolo, Senhor do Sol, e parecia-lhe que a sua vida era vivida debaixo do Seu olhar.

Estava a viver com as mulheres-cavaleiras havia mais de uma lua, quando a tribo desmontou um dia, à vista do agora longínquo monte Ida, para tomar a sua frugal refeição do

[2] -Vento Sul. (N. da T.) meio-dia, composta por pedaços de queijo forte de égua; Cassandra deu por si a contar a Pentesileia tudo sobre a sua curiosa visão.

— O rosto dele era tão parecido com o meu, como o meu rosto é parecido com o seu próprio reflexo na água — disse ela. — No entanto, quando falei dele o meu pai atirou-me ao chão; e estava zangado com a minha mãe também.

Pentesileia fez uma longa pausa antes de responder e Cassandra pensou se o silêncio dos seus pais iria se repetir. Depois a mulher disse devagar:

— Consigo perceber que a tua mãe, e especialmente o teu pai, não queiram falar disso; mas não vejo razão para não te contar o que meia Tróia já sabe. Ele é teu irmão gêmeo, Cassandra. Quando nasceste, a Terra Mãe, que é também a Mãe Serpente, enviou a Hécuba um mau presságio: gêmeos. Deveriam ter sido ambos mortos — disse ela com rudeza.

Cassandra retraiu-se, os lábios trêmulos, e ela estendeu a mão e acariciou-lhe o cabelo.

— Estou contente por não terem sido — disse ela. — Sem dúvida que algum Deus te protegeu. O teu pai talvez tenha sentido que podia escapar à sua sina se expusesse a criança, mas como seguidor do princípio da paternidade (que é, na verdade, a veneração do poder masculino e do direito do pai aos filhos homens) não se atreveu a renunciar totalmente a um filho e a criança foi enviada para longe do palácio para que fosse adotada. O teu pai não queria saber nada sobre ele devido ao mau presságio ligado ao seu nascimento; por isso se zangou quando falaste dele.

Cassandra sentiu um tremendo alívio. Parecia-lhe que toda a sua vida tinha andado sozinha quando deveria haver outra pessoa a seu lado, alguém muito semelhante a ela e no entanto muito diferente.

— E não é errado querer vê-lo na taça mágica?

— Tu não precisas da taça mágica — disse Pentesileia. — Se a Deusa te deu a Visão, basta-te olhar para dentro do teu coração e o encontrarás aí. Não me surpreende que sejas tão dotada; a tua mãe tinha esse dom quando era jovem e perdeu-o quando casou com um homem da cidade.

— Eu acreditava que... a Visão... era uma dádiva do Senhor do Sol — disse Cassandra. — A primeira vez que desceu sobre mim foi no seu templo.

— Talvez — disse Pentesileia. — Mas lembra-te, criança: muito antes de Apolo, Senhor do Sol, ter vindo reinar sobre estas terras, já a nossa Mãe

Cavalo, a Grande Égua, a Mãe Terra de quem todos nascemos, aqui chegara.

Virou-se e pousou as duas mãos na terra escura; Cassandra imitou o gesto sem o perceber inteiramente. Pareceu-lhe que sentia uma força misteriosa erguendo-se da terra e fluindo através dela; era o mesmo tipo de força inebriante que sentira ao segurar nas mãos as serpentes de Apolo. Perguntou-se se não estaria a ser desleal para com o Deus que a chamara.

— Disseram-me no templo que Apolo, Senhor do Sol, tinha morto a Píton, a Grande Deusa do Mundo Subterrâneo. É essa a Mãe Serpente de quem falas?

— Ela, a Grande Deusa, não pode ser morta, pois é imortal; pode decidir retirar—se por algum tempo, mas Ela é e será para sempre — disse a rainha amazona; e Cassandra, sentindo a força da terra sob as suas mãos, recebeu aquelas palavras como uma verdade absoluta.

— A Mãe Serpente é, então, a mãe do Senhor do Sol? — perguntou.

Pentesileia, numa inspiração profunda, disse:

— Ela é a mãe de Deuses e de homens, é a mãe de todas as coisas; portanto Apolo é filho Dela também, como eu e tu.

"Então... se Apolo, Senhor do Sol, a tentou matar, estava a tentar matar a sua própria mãe?" Ao pensar em tal iniqüidade, Cassandra susteve a respiração. Mas poderia um Deus fazer algo de perverso? Se um dado feito era mau para os homens, seria também para um Deus? Se uma Deusa era imortal, como poderia então ser morta? Todas estas coisas eram mistérios para ela e ela, de alma e coração, tomou a firme resolução de que um dia iria desvendá-los. Apolo, Senhor do Sol, tinha-a chamado; tinha-lhe dado as suas serpentes; um dia ele a conduziria também ao conhecimento dos mistérios da Mãe Serpente.

As mulheres acabaram a sua refeição do meio-dia e estenderam-se a descansar na erva verde. Cassandra não tinha sono; não estava acostumada a dormir assim, a meio do dia. Observou as nuvens deslizando no céu e

olhou para as encostas do monte Ida erguendo-se imponentes sobre a planície.

O seu irmão gêmeo. A idéia de que toda a gente sabia da sua existência e que ela, a quem esse fato mais diretamente dizia respeito, tinha sido mantida na ignorância, a fez sentir-se zangada.

Tentou, deliberada e conscientemente, lembrar-se do estado em que se encontrava quando vira pela primeira vez o seu irmão nas águas da taça mágica. Ajoelhou-se imóvel na relva, com os olhos voltados para cima fixando o céu, a mente vazia, procurando o rosto que tinha visto uma única vez e apenas na visão. Por momentos, os seus pensamentos de busca fixaram-se no seu próprio rosto, que vira como um reflexo na água, e no bruxulear dourado que continuava a identificar, na sua mente, com o rosto e a inspiração de Apolo, Senhor do Sol.

Então, as feições alteraram-se e o rosto era o de um rapaz (era o seu rosto e, no entanto, algo de sutil fazia com que não o fosse) cheio de uma malícia que lhe era totalmente desconhecida, e ela soube que encontrara o seu irmão. Perguntou-se como se chamaria e se conseguiria vê-la.

Vinda de qualquer ponto dessa sua misteriosa ligação, a resposta surgiu: poderia, se o desejasse, mas não tinha razão alguma para procurá-la, nem qualquer interesse em especial. *"Por que não?",* interrogou-se Cassandra, não sabendo ainda que esbarrara com o maior defeito de caráter do seu irmão gêmeo: uma total falta de interesse por tudo o que não se relacionasse com ele ou de alguma forma contribuísse para o seu conforto e satisfação.

Isto a deixou tão perplexa que, por uns momentos, perdeu um fragmento da visão; concentrou-se então para trazê-lo de volta. Os seus sentidos estavam repletos do odor intoxicante do tomilho das encostas da montanha, onde a luz brilhante e o calor da presença do Senhor do Sol misturavam os óleos perfumados das ervas e concentravam o seu aroma no ar.

Desviando os olhos dos olhos do rapaz, viu na mão dele a escova dura com que escovava o corpo sedoso de um enorme touro, alisando o brilhante pêlo branco dos flancos e formando desenhos semelhantes a ondas. O animal era maior do que ele; tal como Cassandra, ele era esguio e leve, mais seco do

que musculoso. Os seus braços estavam castanhos, queimados do sol como os de qualquer pastor, e os dedos calejados e endurecidos pelo trabalho árduo e constante. Ela ficou ali de pé, com ele, fazendo desenhos nos flancos do touro, e quando o pêlo estava adequadamente macio e ondulado, ele largou a escova. Mergulhou outra escova num pote de tinta que tinha ao seu lado, espalhando uma camada dessa tinta fina e dourada nos chifres. Os grandes olhos escuros do touro pousaram-se nos dela com meiguice, confiança e um laivo de espanto que fez com que o animal mudasse de posição, inquieto. Cassandra perguntou-se se, de alguma forma, os instintos do bicho lhe diriam o que o seu irmão ignorava: que não era apenas o seu dono que se encontrava na sua frente.

Terminado o penteado e a pintura, Páris (não perguntou a si mesma como sabia o nome dele, mas sabia como se fosse o seu) prendeu fitas e uma grinalda de folhas verdes em volta do largo pescoço do animal e afastou-se para apreciar a sua obra, orgulhoso. O touro estava lindo, de fato, mais bonito que todos os que já vira antes. Acompanhava Páris enquanto este pensava que podia, honestamente, considerar aquele magnífico animal, cujo aspecto e robustez não lhe poupara esforços ao longo de todo o ano anterior, como o mais belo touro da feira. Atou cuidadosamente uma corda à volta do pescoço do animal e pegou num cajado e numa bolsa de couro contendo um naco de pão, algumas tiras de carne seca e uma mão-cheia

de azeitonas maduras.

Depois de ter atado a bolsa à cintura, dobrou-se para enfiar os pés nas sandálias. Deu ao enorme touro enfeitado uma leve bastonada no flanco e partiu pelas encostas do monte Ida abaixo.

Cassandra deu consigo, para sua surpresa, regressada ao seu próprio corpo, ajoelhada na planície, entre as amazonas adormecidas. O sol começara a baixar um pouco em relação ao seu zênite e ela sabia que a tribo não tardaria a acordar e a estar pronta para partir.

Tinha ouvido dizer que nos reinos insulares do Sul o touro era tido como animal sagrado. Tinha visto no templo pequenas estátuas dos touros sagrados e alguém lhe contara a história da rainha Pasífae de Creta, por quem Zeus se enamorara. Ele visitara-a sob a forma de um grande touro

branco e ela, diziam, dera mais tarde à luz um monstro com cabeça de touro e corpo de homem. Tinham-lhe chamado Minotauro e aterrorizara todos os reis das ilhas até ser morto pelo herói Teseu.

Quando Cassandra era pequenina acreditava nessa história; agora perguntava-se qual a verdade, se era que existia alguma, que estaria por trás dela. Tendo conhecido a realidade por trás da lenda dos Centauros, acreditava que deveria haver um fundo de verdade, por mais obscuro, em todas as histórias desse tipo.

Existiam homens deformados, animalescos quer no aspecto quer nas atitudes; perguntava-se se o Minotauro não teria sido um desses homens, marcado, no corpo ou na alma, pelo disfarce animal de seu pai.

Estava ansiosa por ver o que acontecera a Páris e ao seu touro branco. As mulheres jovens, especialmente as da casa real, nunca eram autorizadas a assistir às feiras de gado que se realizavam por toda a região, mas ela ouvira falar delas e sentia uma curiosidade intensa.

Mas as mulheres começavam a despertar e, em poucos instantes, as vozes e o movimento à sua volta abalaram a tranqüilidade de que necessitava para se manter no estado que lhe permitia segui-lo. Levantou-se, apenas ligeiramente desapontada, e correu a buscar a sua égua.

Nos dois dias seguintes, por uma ou duas vezes conseguiu vislumbrar o seu irmão conduzindo o touro engalanado, atravessando um rio (onde estragou as sandálias) e juntando-se a outros viajantes que conduziam gado enfeitado como o seu touro; mas nenhum dos animais era tão puro nem tão belo.

A lua arredondou-se, iluminando o céu desde o ocaso ao nascer do sol. Durante o dia o sol cegava, o pó branco cintilava. Dormitando sobre a sela enquanto as éguas se moviam constantemente, pastando num círculo apertado, Cassandra olhava os redemoinhos de poeira seca que subiam e rodopiavam sobre as ervas para depois se desfazerem. Pensou no turbulento Deus Hermes, Senhor dos Ventos, da ilusão e dos artifícios.

Num sonho desperto, viu um dos pequenos turbilhões vibrar e estremecer, começar a erguer-se e a endireitar-se até ganhar a forma de um homem;

seguiu o vento instável e endiabrado através das planícies, para oeste, até junto do sopé do monte Ida. Sob o sol ofuscante, uma centelha dourada surgiu, transmutando-se na silhueta de um homem; mas era mais alto e mais brilhante do que qualquer homem comum, e tinha o rosto de Apolo, Senhor do Sol; e à frente dos dois Deuses ia um touro.

Cassandra tinha ouvido a história dos touros de Apolo: grandes animais reluzentes, mais belos que qualquer animal terreno; e este era decerto um deles: flancos largos, chifres lustrosos, sem necessitar de pinturas ou fitas para fazê-los brilhar. Uma das mais velhas baladas cantadas pelos menestréis da corte de seu pai falava de como o jovem Hermes havia roubado a manada sagrada de Apolo e depois aplacara a ira do Deus construindo-lhe uma lira da carapaça de uma tartaruga. Agora, o brilho dos olhos do touro sagrado e o intenso lustro da sua pelagem esfumavam a memória do touro que Páris havia decorado com tanto esmero. Não era justo; como poderia um touro vulgar ser comparado com as reses sagradas de um Deus?

Deitou-se para a frente de olhos fechados; tinha aprendido a dormir sobre o cavalo, abandonando frouxamente o corpo ao sabor do movimento do animal. Dormitava agora, enquanto a sua mente se estendia em busca do irmão. Talvez tivesse sido a visão do touro de Apolo que a transportou até ao animal que Páris conduzia para a feira.

Cassandra olhou através dos olhos de Páris para a enorme massa de animais reunidos, observando, com o pensamento dele, os seus defeitos e qualidades. Aquela vaca tinha os flancos muito estreitos; a outra, um feio desenho com malhas castanhas e rosadas nas tetas; aquele touro tinha os chifres torcidos e inclinados para um dos lados, não reunindo condições para proteger a sua manada; o outro, uma bossa por cima do pescoço. Nem de perto, nem de longe, pensava Páris com vaidade, havia algum que igualasse o touro da sua criação, que ele enfeitara com tanto cuidado e trouxera até ali; podia atribuir as honras do dia ao touro do seu próprio pai adotivo. Este era o segundo ano em que ele era escolhido para avaliar o gado e estava orgulhoso da sua aptidão e da confiança que os seus vizinhos e companheiros depositavam nele.

Movia-se no meio das reses, empurrando com cuidado, para trazer uma delas para a frente ou retirar um animal que não merecia ser seriamente considerado, para fora do seu campo de visão.

Escolhera já a melhor bezerra e o melhor cabrito e em seguida, entre murmúrios de aprovação, a melhor vaca; era de fato uma esplêndida vaca, o pêlo de um branco pálido com manchas cinzentas tão sutis que quase pareciam azuis; os olhos eram doces e maternais, as tetas uniformemente rosadas como os seios de uma virgem. Os chifres eram pequenos e bem afastados e o seu hálito impregnado do aroma de tomilho das ervas.

Agora era altura de julgar os touros. Páris dirigiu-se, satisfeito, para o touro do seu pai

º

adotivo, *Snowy* , o animal que ele cuidara e ataviara com tanto esmero. Ao longo de um dia inteiro a avaliar gado sabia, honestamente, que não tinha visto animal algum que se lhe comparasse e considerou ser com justiça que atribuía o prêmio ao touro do seu pai adotivo. Já tinha até aberto a boca para falar quando viu os dois estranhos com o seu touro.

Logo que o mais novo (Páris calculou que era o mais novo) começou a falar, Páris soube que se encontrava na presença de não mortais. Era o seu primeiro encontro deste tipo, mas o brilho dos olhos do homem sob o chapéu e algo na sua voz, que parecia vir de muito longe e ao mesmo tempo de muito perto, disselhe que aquele não era um homem vulgar. Cassandra teria reconhecido, onde quer que fosse, o brilho sobrenatural dos caracóis dourados do seu Deus e talvez, sem que Páris o soubesse conscientemente, algo vindo da mente da sua irmã desconhecida se arrastou até ele.

Disse em voz alta:

— Forasteiros! Trazei o touro para mais perto, a fim de que eu possa vê-lo. Nunca vi tão belo animal!

Talvez o touro tivesse algum defeito encoberto, pensou Páris, movendo-se em volta dele, olhando-o de todos os lados. Não, as pernas eram como

colunas de mármore; até a cauda ao se agitar possuía um toque de nobreza. Os chifres eram lisos e largos, os olhos simultaneamente ferozes e ternos; o animal permitiu até, com um ar entediado, que Páris lhe abrisse a boca com cuidado e lhe examinasse os dentes perfeitos.

"Que direito tem um Deus a trazer as suas reses perfeitas para serem avaliadas entre os mortais? ", perguntou-se Páris. Bem, era o Destino, e seria arrogante afrontar o Destino.

Acenou novamente para os homens que seguravam a corda atada ao pescoço do touro e disse, lançando um olhar desgostoso a *Snowy:*

— Lamento dizê-lo, mas nunca na minha vida vi um touro tão soberbo. Forasteiros, o prêmio é vosso.

O sorriso fulgurante dos imortais confundiu-se com o sol; ao acordar, Cassandra ouviu uma voz, como um eco, na sua mente:

"Este homem é um juiz honesto; talvez seja ele o indicado para decidir sobre o repto [3] - Níveo. (N. da T.) *de Éris."* E de repente estava sozinha sobre a sela e Páris tinha desaparecido, desta vez para lá de qualquer chamamento possível por ordem sua. Por muito tempo não voltou a vê-lo.

SETE

Acabavam de entrar em território das Amazonas, quando o tempo mudou. Num dia o sol brilhava, ofuscante, desde a madrugada até ao ocaso; depois, parecia que, no espaço de uma noite, dava lugar a dias de chuva constante combinados com noites úmidas e orvalhadas. Andar a cavalo não representava prazer, mas sim trabalho duro e exaustão; para Cassandra, cada dia era uma batalha permanente contra o frio e a umidade.

As Amazonas mantinham as fogueiras ateadas nos seus acampamentos abrigados; muitas viviam em cavernas, outras em tendas com paredes de couro grosso, montadas em bosques densos. As crianças pequenas e as mulheres grávidas mantinham-se o dia inteiro dentro dos abrigos, amontoando-se junto das fogueiras fumegantes.

Por vezes, o calor tentava-a, mas, no seio da tribo, as jovens com a idade de Cassandra consideravam—se parte do grupo das guerreiras; assim, ela cobria-se com uma pesada túnica de lã grossa e ensebada, e suportava a umidade o melhor que podia.

Com o arrastar da estação das chuvas, Cassandra cresceu e um dia, ao desmontar para tomar uma das raras refeições quentes junto da fogueira do acampamento, apercebeu-se de que o seu corpo se arredondava e que pequenos seios despontavam sob as roupas soltas e ásperas.

De tempos a tempos, enquanto cavalgavam, visões do rapaz de rosto igual ao seu deslizavam na sua mente. Estava agora mais alto; a túnica tecida que vestia mal cobria as coxas do gêmeo, e ela tiritou em comunhão com ele ao vê-lo tentar cobrir-se com a capa muito curta. Rodeado pelo seu rebanho deitava-se nas encostas da montanha; uma vez, viu-o num festival, num grupo de rapazes engrinaldados que se moviam numa dança. Noutra altura, fundida com ele, sentou-se em frente de uma esplendorosa fogueira, enquanto lhe ofereciam um agasalho novo e lhe cortavam o longo cabelo a fim de ser deposto no altar do Senhor do Sol. Estaria, também ele, sob a proteção de Apolo?

Num dia de primavera, no meio de um bando de rapazes, observava, em silêncio, um grupo de jovenzinhas, embora na sua maioria fossem tão ou mais altas que ele, envoltas em pele de urso, numa dança ritual em honra da Virgem.

Agora, ela raramente pensava na vida de casa, excetuando uma vaga e incômoda memória desse tempo em que estava confinada ao palácio e nunca lhe era permitido sair. Sensações estranhas assaltavam-lhe o corpo; o grosseiro tecido de lã da sua túnica deixava-lhe os mamilos em carne viva e ela pediu a uma das outras mulheres uma camisa interior de um pano macio de algodão. Ajudavam, mas não era o suficiente; os seios estavam quase permanentemente doloridos.

Os dias foram ficando mais curtos e uma lua pálida de inverno apareceu no céu. As manadas circulavam sem destino, em busca de comida. Mais tarde o leite das éguas secou e os animais famintos moviam-se incansavelmente, de uma pastagem esgotada para outra pastagem esgotada.

A perda do leite de égua, alimento básico das Amazonas, significava que havia ainda menos comida; o pouco que havia era guardado, segundo os costumes, para as mulheres grávidas e para as crianças menores. Dia após dia, Cassandra pouco mais conseguia sentir que uma fome lancinante; guardava a sua parca ração de alimentos para comer antes de dormir, a fim de evitar acordar sonhando com o quente e delicioso aroma do pão a cozer nos fornos do castelo de Príamo. Nas pastagens, enquanto vigiava os cavalos, procurava insistentemente frutos secos ou bagas fibrosas agarradas às plantas mortas; como todas as outras jovens, comia tudo o que encontrava, embora sabendo que mais de metade da comida assim encontrada a faria sentir-se doente.

— Não podemos ficar aqui — diziam as mulheres. — De que está a rainha à espera?

— De uma palavra da Deusa — diziam as outras, e as mulheres mais velhas da tribo foram ter com Pentesileia exigindo partir para as pastagens de inverno.

— Sim — disse a rainha — devíamos ter partido há já uma lua; mas há guerra nos campos. Se a tribo partir com todas as crianças e mulheres idosas, seremos capturadas e escravizadas. È isso que querem?

— Não, não! — protestaram as mulheres. — Sob as tuas ordens viveremos livres e morreremos livres, se preciso for.

No entanto, Pentesileia prometeu que, quando a lua voltasse a ficar cheia, pediria conselho à Deusa, para saber qual a Sua vontade.

Um dia, ao olhar o rosto na água, depois de uma forte chuvarada, Cassandra mal se reconheceu; estava alta e seca, a cara e as mãos castanhas, queimadas pelo sol implacável, as feições marcadas e mais semelhantes às de uma mulher do que às de uma menina, ou talvez às de um jovenzinho... Tinha também o rosto coberto de sardas e perguntou-se se a sua família a reconheceria se lhes aparecesse à frente sem ser anunciada; talvez dissessem: *"Quem é esta mulher das tribos selvagens? Fora com ela!"* Ou, quem sabe, a confundiriam com o seu

gêmeo exilado?

Apesar da vida difícil, não tinha qualquer desejo de voltar a Tróia; por vezes sentia saudades da mãe, mas não da vida na cidade fortificada.

Uma vez, ao pôr do sol, quando as jovens regressavam ao acampamento em busca de roupas secas e um quinhão da pouca comida existente, geralmente simples raízes cozidas ou feijões-bravos duros, receberam instruções para não saírem de novo com os cavalos, mas sim para ficarem e se reunirem às outras mulheres. Todas as outras fogueiras, à exceção de uma, tinham sido extintas; estava escuro e frio.

Não havia mais do que um punhado de comida para cada uma e Elaria disse à sua protegida que a rainha declarara que deveriam jejuar antes de ser feito um pedido à Deusa.

— Isso não é novidade nenhuma — disse Cassandra. — Eu diria que nós, neste último mês, já fizemos jejuns suficientes para satisfazer qualquer Deusa. Que mais pode Ela exigir de nós?

— *Sssh!* — fez Elaria. — Até hoje Ela nunca deixou de olhar por nós. Continuamos vivas; houve muitos anos em que havia ataques de surpresa, em que muitos bandidos andavam pelos campos, em que nós só deixávamos as pastagens quando metade das nossas crianças já tinham morrido. Este ano a Deusa não levou sequer um bebê, nem um único potro.

— Tanto melhor para Ela — disse Cassandra. — Não vejo que utilidade teriam, para a Deusa, as mulheres da tribo depois de mortas; a menos que Ela queira que A sirvamos no Além.

Dolorida de fome, Cassandra tirou as úmidas vestimentas de couro que usava para andar a cavalo e enfiou uma túnica enxuta, tecida numa lã áspera. Enfiou um pente de madeira nos cabelos e entrançou-o, enrolando-o depois na base do pescoço. No seu estado de exaustão e quase morta de fome, o simples contato da roupa seca e o calor do fogo davam-lhe um prazer sensual; ficou de pé durante algum tempo, sentindo apenas o calor invadir-lhe o corpo, até que uma das outras mulheres a empurrou para o lado. No ambiente abafado da tenda, a fumaça espalhava-se gradualmente por todo o lado e ela tossiu, engasgada, até ao ponto de sentir que teria vomitado se o seu estômago não estivesse tão vazio.

Na tenda, atrás dela, sentia a pressão dos outros corpos, o movimento silencioso de mulheres, jovens e crianças: todas as mulheres da tribo pareciam estar reunidas no escuro, por trás de si. Agacharam-se em volta do fogo e, vindo de algum lugar, ouviu-se o som suave de mãos batendo em peles retesadas sobre aros, do matraquear das sementes duras das cabaças, agitando-se e restolhando como folhas secas, como chuva tamborilando nas tendas. A fogueira fumegava com uma luz fraca, e Cassandra apenas conseguia sentir leves correntes de

um calor mortiço.

No meio do profundo silêncio que envolvia a fogueira, três das mulheres mais velhas da tribo levantaram-se e lançaram sobre o fogo o conteúdo de um pequeno cesto. As folhas secas incendiaram-se e depois foram se consumindo, libertando grossas nuvens brancas de fumaça aromática. A tenda ficou repleta do seu estranho perfume, seco e adocicado; à medida que o inalava, Cassandra sentia a cabeça flutuar e cores estranhas agitaram-

se na frente dos seus olhos, fazendo-a deixar de sentir a dor constante da fome.

Pentesileia disse, do meio da escuridão:

— Minhas irmãs, eu sei da vossa fome; pois não a sinto eu, também? Se houver alguém que não queira ficar conosco, eu de livre vontade lhe dou permissão de partir para as aldeias dos homens, onde obterá comida se aceitar deitar-se com eles. Mas não tragam para a nossa tribo as filhas assim nascidas; deixem-nas para que sejam escravas, tal como vós próprias o provastes ser. Se houver alguém que deseje partir já, que o faça, pois não é digna de ficar enquanto invocamos a nossa Virgem Caçadora, que ama a liberdade das mulheres.

Silêncio; no interior da tenda repleta de fumaça, mulher alguma se moveu.

— Então, irmãs, nesta hora difícil, chamemos Aquela que zela por nós.

De novo o silêncio, com exceção do som dos dedos nos tambores. Depois, no meio do silêncio, ecoou um uivo longo e sinistro.

"Ouu-ooooo-ooooo-oooooou!" A princípio Cassandra pensou tratar-se de algum animal que andasse a rondar a tenda. Depois viu as bocas abertas, as cabeças das mulheres lançadas para trás. O uivo soou uma e outra vez; os rostos das mulheres tinham deixado de parecer humanos. Os uivos estridentes continuaram, crescendo e decrescendo à medida que as mulheres arqueavam os corpos e gritavam, e a eles se veio juntar um breve e agudo *"Iip-üp-üp-üp-üp... üp-üp-üp",* até que o ruído preencheu inteiramente a tenda; pulsava e açoitava as suas percepções e ela não podia fazer mais do que controlar-se para não se deixar envolver. Tinha visto a sua mãe possuída pela Deusa, mas nunca prisioneira de um transe delirante como aquele.

Nesse momento, pela primeira vez em muitas luas, o rosto de Hécuba surgiu repentinamente ante os olhos de Cassandra, e pareceu-lhe ouvir a sua voz meiga:

"Não é costume...

Por que não?

Não existem razões para os costumes. São assim, e é tudo... ”

Ela não acreditara nisso, naquela altura, e continuava a não acreditar agora. Tinha de haver uma razão para que este uivar estranhíssimo fosse considerado como uma forma adequada de invocar a Virgem Caçadora. *“Teremos nós de tornar-nos semelhantes às feras selvagens que Ela caça? ”*

Pentesileia ergueu-se, estendendo as mãos para as mulheres; num abrir e fechar de olhos, Cassandra viu o rosto da rainha atenuar-se, e o esplendor da Deusa brilhar através da sua pele, a voz alterar-se para além do reconhecível. Ela gritou:

— Não para sul, onde vagueiam as tribos dos homens! Cavalguem para leste, para lá dos dois rios; que aí se mantenham até caírem as estrelas da primavera!

Então tombou para a frente; duas das anciãs da tribo agarraram-na e ampararam-na ao longo de um acesso de tosse tão violento que terminou com uma série de vômitos cansados. Quando se levantou, recuperara de novo o seu rosto.

Perguntou, num murmúrio rouco:

— Ela respondeu-nos?

Uma dúzia de vozes repetiu as palavras que proferira enquanto estivera possuída:

“Não para o sul, onde vagueiam as tribos dos homens! Cavalguem para o leste, para lá dos dois rios; que aí se mantenham até caírem as estrelas da primavera!”

— Então partiremos de madrugada, irmãs — disse Pentesileia, ainda com a voz enfraquecida. — Não há tempo a perder. Não sei de quaisquer rios para

leste, mas se nos voltarmos de costas para o rio Escamandro e seguirmos o Vento Leste, certamente os encontraremos.

— Que queria dizer a Deusa com "*até caírem as estrelas da primavera*?" perguntou uma das mulheres.

Pentesileia encolheu os ombros estreitos.

— Não sei, irmãs; a Deusa falou, mas não explicou as suas palavras. Se seguirmos as Suas ordens, Ela fará com que o saibamos.

Quatro mulheres trouxeram cestos repletos de raízes retorcidas e fizeram passar em volta odres de pele cheios de vinho.

— Celebremos em Seu nome, irmãs, e cavalguemos de madrugada repletas das Suas dádivas — disse Pentesileia.

Cassandra apercebeu-se de que a comida devia ter vindo a ser poupada, por muito tempo, para esta celebração a meio do inverno. Agarrou-se às insípidas raízes cozidas como o animal esfaimado que sentia ser, e bebeu a sua parte do vinho.

Quando os cestos ficaram vazios e depois de espremida a última gota dos odres, a tribo reuniu os seus parcos haveres; as tendas desmontadas e amarradas em conjunto num fardo; alguns caldeirões em bronze, uma série de mantos usados por chefes anteriores.

Cassandra via ainda o rosto da Deusa estampado e retido no de Pentesileia, e continuava a escutar a estranha alteração na voz da sua parente. Cassandra perguntou-se se um dia a Deusa iria falar através da sua voz e do seu espírito.

A tribo de mulheres dispôs os cavalos numa fila de marcha: à cabeça, Pentesileia e as suas guerreiras; bem no centro, as mulheres idosas ou grávidas e as crianças menores, rodeadas pelas mulheres mais jovens e mais fortes.

Cassandra tinha uma lança e sabia utilizá-la, portanto tomou lugar entre as jovens guerreiras. Pentesileia viu-a e fez um ar carrancudo, mas nada disse; Cassandra tomou esse silêncio como permissão para ficar onde estava. Não sabia se ansiava pela sua primeira batalha ou se, intimamente, desejava que a viagem decorresse sem qualquer incidente. Raiava a madrugada quando Pentesileia gritou o sinal de partida; uma estrela solitária brilhava ainda no céu escuro. Cassandra tintava sob a túnica de lã que usara na cerimônia. Esperava que não chovesse naquela noite; tinha deixado na tenda as suas roupas de couro, próprias para montar, e estas haviam sido arrumadas em algum lugar no meio dos sacos de couro e dos cestos.

A sua companheira mais próxima, uma jovem com cerca de catorze anos a quem a mãe chamava *Star*[1], e que cavalgava a seu lado, não escondia que estava desejosa de um combate.

— Houve um ano, era eu pequena, em que tivemos uma guerra com uma das tribos dos Centauros; não era o bando de Quíron, esses são nossos amigos; era uma das tribos do interior. Caíram sobre nós quando deixávamos o nosso antigo acampamento e tentaram roubar o nosso melhor garanhão — disselhe *Star*. — Quase não consegui vê-los; ainda montava com a minha mãe. Mas ouvi os gritos dos homens enquanto Pentesileia corria com eles.

— Vencemos?

— Claro que vencemos! Se não tivéssemos vencido eles nos teriam levado para o seu acampamento e quebrado as nossas pernas para que não pudéssemos fugir — disse *Star,* e Cassandra recordou-se da mulher mutilada no acampamento dos homens. — Mas fizemos as pazes com eles e lhes emprestamos o garanhão durante um ano, para que pudessem melhorar as suas manadas. E concordamos em visitar a aldeia deles em vez da de Quíron, nesse ano; Pentesileia disse que tínhamos criado muitos laços de sangue com a gente dele e, portanto deveríamos esperar alguns anos, pois não é aconselhável dormir com os próprios pais ou irmãos ao longo de muitas gerações. Ela diz que, quando isso acontece, os bebês nascem fracos e por vezes morrem.

Cassandra não entendeu e lhe disse. *Star* riu:

— Não te deixariam ir, de qualquer forma; para que possas ir às aldeias dos homens tens de ser uma mulher, não uma menininha.

— Eu sou uma mulher — disse Cassandra. — Há já dez luas que tenho idade suficiente para ter filhos.

— Ainda assim. Primeiro tens de ser testada como guerreira. Eu já há mais de um ano que sou crescida e ainda não tenho permissão para ir às aldeias dos homens. Mas não tenho pressa; posso acabar por ficar grávida durante nove luas e dar à luz apenas um macho inútil, que terá de ser entregue à tribo do pai — disse *Star*.

— Ir às aldeias dos homens? Para quê? — perguntou Cassandra, e Star disselhe. — Acho que deves estar a inventar! — disse Cassandra. — A minha mãe e o meu pai nunca fariam uma coisa dessas.

Conseguia entender isso entre uma égua e um garanhão; mas a idéia dos seus reais progenitores envolvidos em tais manobras, parecia-lhe repugnante.

Porém recordou, contrariada, que sempre que o seu pai chamava uma das muitas mulheres do palácio para o seu quarto de dormir, mais cedo ou mais tarde (geralmente mais cedo do que tarde) aparecia um novo bebê no palácio. Se era um rapaz, Príamo visitava o ourives do palácio e haveria belos presentes, anéis, correntes e taças de ouro para a nova protegida e para o seu filho.

Por isso, talvez afinal o que lhe dizia fosse verdade, por muito estranho que parecesse. Ela tinha visto nascerem crianças, mas a sua mãe tinha-lhe dito que não era digno de uma princesa dar ouvidos aos mexericos das mulheres do palácio. Lembrava-se agora de algumas piadas obscenas que na altura não tinha entendido e sentiu as faces a arder. A mãe tinha-lhe dito que era a Mãe Terra quem enviava os bebês para os ventres das mulheres e ela perguntara-se por vezes por que razão a Deusa não enviaria um a ela, que gostava tanto de bebês.

— É por isso que os habitantes das cidades mantêm as suas mulheres fechadas em alojamentos especiais para mulheres — disse *Star*. — Dizem

que as mulheres da cidade são tão devassas que não se pode confiar nelas e deixá-las sozinhas.

— Não são nada! — disse Cassandra, sem saber muito bem por que razão estava tão zangada.

— São sim! Senão, que razão teriam os seus homens para mantê-las trancadas dentro de casa? As nossas mulheres não são assim — disse *Star* — mas as mulheres da cidade são como as cabras: fornicam com qualquer homem em que ponham os olhos! — Sorrindo maldosamente para Cassandra, disse: — Tu vens de uma cidade, não vens? Tu não eras

fechada para te manterem longe dos homens?

Os joelhos de Cassandra apertaram-se contra o cavalo; incitou o animal e lançou-se sobre *Star,* urrando de raiva. *Star* agarrou-se a ela e Cassandra puxou pelos cabelos mal entrançados de *Star,* tentando arrancá-la do cavalo. As montarias relinchavam e resfolegavam enquanto elas se batiam, esmurrando-se, arranhando-se e gritando; Cassandra sentiu o cotovelo da outra jovem atingir-lhe o nariz e o sangue começou a pingar ao mesmo tempo em que as suas unhas se cravavam na face de *Star.*

De repente, surgiram Pentesileia e Elaria, rindo e tocando os cavalos para o meio das jovens. Pentesileia arrancou Cassandra da sela e prendeu-a com os braços enquanto ela esbracejava furiosamente.

— Que vergonha, Cassandra! Se lutarmos assim entre nós, como podemos esperar viver em paz com as outras tribos? É assim que tratas as tuas irmãs? Porque estavam a brigar?

Cassandra baixou a cabeça e não respondeu. *Star* continuava a sorrir, com aquele sorriso detestável.

— Eu disselhe que as mulheres das cidades eram mantidas fechadas porque fornicam como as cabras — zombou *Star* — e se não fosse verdade, por que se daria ela ao trabalho de lutar comigo por causa disso?

Cassandra disse, zangada:

— A minha mãe não é assim! Diz-lhe que retire o que disse!

Pentesileia encostou-se a ela e disselhe ao ouvido:

— Será que a tua mãe se torna diferente só porque ela o diz, seja verdade ou mentira?

— Não, claro que não. Mas se ela o disser...

— Se ela o disser tu tens medo que alguém ouça e acredite? — perguntou Pentesileia, arqueando levemente uma sobrancelha. — Para que dares a ela tanto poder assim sobre ti, Cassandra?

Cassandra baixou a cabeça e não respondeu, e Pentesileia, carrancuda, pousou o olhar sobre *Star*.

— É assim que tu tratas uma parente e convidada da tribo, irmãzinha? — Inclinou-se sobre o cavalo e tocou com o dedo no rosto arranhado de Star, que sangrava:

— Não vou castigar-te, pois já foste castigada; ela defendeu-se bem. Para a próxima seja mais cortês para com uma convidada da nossa tribo. As boas graças da mulher de Príamo são valiosas para nós.

Virou as costas a *Star* e debruçou-se sobre Cassandra, segurando-a ainda com força contra o peito. Cassandra conseguia sentir o riso na voz dela:

— És suficientemente crescida para montar sozinha sem arranjar problemas ou tenho de te levar à minha frente, como a um bebê?

— Posso montar sozinha — disse Cassandra amuada, apesar de estar grata a Pentesileia por tê-la defendido.

— Então vou pôr-te de novo no teu cavalo — disse a rainha amazona, e Cassandra sentiu-se satisfeita por sentir o dorso amplo de *Southwind* debaixo de si. *Star* trocou um olhar com ela e franziu-lhe o nariz; Cassandra percebeu que eram outra vez amigas. Pentesileia conduziu o cavalo até a frente da formação de marcha, deu o sinal e partiram.

Caía uma chuva miúda e gelada, que gradualmente ia ensopando tudo. Cassandra puxou a sua túnica riscada de lã para cima da cabeça, mas o seu cabelo continuava úmido e pegajoso. Cavalgaram todo o dia e continuaram pela noite dentro. Cassandra indagava-se acerca de quando alcançariam as novas pastagens. Não fazia idéia de para onde iam, mas cavalgava na escuridão úmida, seguindo o cavalo na sua frente.

Viajava imersa num sonho obscuro, o seu corpo assaltado por sensações estranhas que não conseguia identificar. Depois, o cintilar de uma fogueira surgiu-lhe diante do olhar, mas ela soube que não eram os seus olhos que a viam. Em algum lugar, Páris encontrava-se sentado junto daquela fogueira e, por cima do fogo, olhava uma mulher jovem e esbelta, de longos cabelos claros frouxamente atados à altura do pescoço. Usava um vestido solto e pregueado, próprio das mulheres do continente, e Cassandra percebeu que Páris era incapaz de tirar os olhos dela, sentiu a fome aguda do seu corpo, o que a confundiu a ponto de fazê-la desviar os olhos do fogo e subitamente estava de novo sobre o cavalo, sentindo a umidade da sua capa pingando em gotas frias pelo pescoço abaixo. O seu corpo vibrava ainda sob o efeito do que sabia, sem compreender, tratar-se de desejo. Era a primeira vez que se sentia assim tão inteiramente consciente do seu corpo... e, no entanto, o corpo não era o seu. A lembrança dos olhos grandes da jovem, da curva delicada das suas faces, do volume dos seios jovens no ponto em que o vestido se afastava do corpo, a forma como estas memórias lhe despertavam sensações inteiramente físicas, perturbavam-na; nesse instante começou a associá-las com as coisas inquietantes que *Star* lhe dissera, e sentiu-se invadir pelo receio e por algo mais que era ainda muito inocente para identificar como vergonha.

Com o aproximar da manhã a chuva parou e os farrapos de nuvens escuras dissiparam-se; a lua apareceu e Cassandra pôde ver que atravessavam uma estreita garganta, alta e rochosa. Olhou para baixo, para as vastas planícies lá no fundo, cobertas de pequenas árvores contorcidas e de campos metodicamente arados, cercados por muros de pedra. Desciam devagar pela encosta íngreme e, gradualmente, os cavalos da frente abrandaram e acabaram por parar. As tendas foram desenroladas e o pote contendo as brasas, embrulhado num pano úmido, colocado num ponto central. Os primeiros raios de um sol vermelho começavam já a surgir por trás do

desfiladeiro que haviam atravessado durante a noite. As mulheres mais novas foram mandadas à procura de lenha seca. Não havia muito que encontrar, depois de vários dias de chuva torrencial, mas debaixo das oliveiras densas e retorcidas Cassandra encontrou uns quantos paus secos que a chuva não alcançara e voltou a correr com eles para a fogueira.

Estavam sentadas junto ao fogo quando o sol nasceu numa torrente de vermelhos que anunciava novas chuvas; por isso, permaneceram sentadas desfrutando do calor úmido e enxugando as roupas e os cabelos. Depois as mulheres mais velhas começaram a orientar a montagem de uma tenda, levando para dentro dela uma mulher prestes a dar à luz; as guerreiras disseram às jovens que fossem pôr as manadas a pastar e Cassandra foi com elas.

Estava muito cansada e os olhos ardiam-lhe, mas não tinha sono; uma parte do seu espírito ficara na tenda onde as mulheres se tinham reunido, encorajando a mulher em trabalho de parto; outra parte de si estava ainda mais longe, unida a Páris. Sabia que ele estava na encosta de uma colina com os seus rebanhos e os pensamentos dele haviam ficado com a jovem cuja lembrança o obcecava. Ela sabia o nome da jovem: Enone; conhecia o seu som doce e humano e era perseguida pela noção do modo como Páris se agarrava a essa memória que lhe roubava toda a consciência do que deveria dominar os seus pensamentos: os seus cuidados para com o rebanho. E mesmo antes de o próprio Páris o pressentir, ela ouviu, ou sentiu ou cheirou, a presença da jovem movendo-se furtivamente em direção a ele através dos maciços de árvores na encosta da montanha.

O cheiro acre do zimbro espalhava-se em volta deles. Cassandra mal conseguiu saber qual dos dois, se Páris se a jovem, viu o outro em primeiro lugar, ou qual deles correu primeiro a apertar o outro nos seus braços ansiosos.

O ímpeto dos beijos famintos quase a empurrou de volta ao seu corpo e ao seu lugar, mas, agora, ela já estava preparada e agarrou-se à consciência das emoções e sensações dele. Quando deu por isso, Enone estava estendida sobre a relva macia com Páris ajoelhado por cima dela arrancando-lhe a roupa.

A súbita consciência de que aquele não era um momento para ser partilhado, nem mesmo com uma irmã gêmea, a fez recuar e afastar-se; encontrou-se de novo montada sobre o seu cavalo, com as gotas de um aguaceiro a fustigar-lhe o rosto. Ansiava pelo sol do seu país, o sol brilhante de Apolo, e pela primeira vez, desde que andava com as Amazonas, pensou no regresso.

Sentia-se doente; os olhos ardiam-lhe e uma náusea invadiu-a. A memória do que partilhara respondia-lhe a algumas das muitas perguntas que tinha em mente, mas não sabia ao certo se fora com o seu irmão que vivera esta curiosa experiência, ou se fora com Enone, a jovem; se fora amante ou amada.

Não tinha ainda certeza se estava dentro do seu próprio corpo ou se continuava deitada na relva macia do monte Ida, com o irmão e a jovem, os corpos ainda envoltos pela auréola do desejo. A sua mente não se conseguia confinar ao seu corpo e estendia-se muito além dele, fazendo com que uma parte do seu ser estivesse ali, no círculo de cavalos e das mulheres jovens, e outra parte se estendesse descendo até a tenda dos partos, onde a mulher continuava ajoelhada dentro de um anel de outras mulheres que a olhavam, gritando instruções e palavras de encorajamento. As dores lancinantes pareciam atacar o seu corpo inexperiente. Assustada pela confusão, sentiu o sangue fugir-lhe das faces, ouviu a sua própria respiração a arranhar-lhe a garganta.

Deu meia-volta, desvairada; puxou pelas rédeas com tal violência que fez com que a égua quase se desequilibrasse e enterrou os calcanhares nos flancos do animal, disparando através da planície como se, através de um esforço físico brutal, lhe fosse possível trazer toda a consciência de volta ao seu corpo. Pentesileia viu-a galopar para longe do acampamento e, rapidamente, saltou para cima do cavalo e partiu atrás dela.

Cassandra, estendida ao comprido sobre o dorso do cavalo, tentava desesperadamente apagar tudo o que lhe era exterior; pressentiu a perseguição e cravou os calcanhares com mais força. Porém, o cavalo de Pentesileia tinha pernas mais longas e ela era, de longe, melhor cavaleira; gradualmente, o espaço entre as duas encurtou e a amazona acabou por ficar

ombro a ombro com a jovem, olhando consternada para o rosto congestionado e o olhar aterrorizado de Cassandra.

Estendeu os braços e tirou Cassandra de cima da égua, segurando-lhe o corpo frouxo sobre a sela, à sua frente.

Conseguia sentir na testa da jovem um calor escaldante como se tivesse febre. Quase em delírio, Cassandra debatia-se contra ela, e a mulher mais velha segurou-a com firmeza entre os seus braços robustos.

— Sssh! *Sssh!* Que se passa contigo, Olhos Brilhantes? Por que é que a tua testa parece abrasada pelo sol, quando o dia nem sequer está quente?!

A voz dela era meiga, mas Cassandra sentiu que a mulher mais velha zombava dela e lutou freneticamente para se libertar.

— Não se passa nada... Eu não queria...

— Não, está tudo bem, filha. Ninguém te vai fazer mal; ninguém está zangada contigo — disse Pentesileia enquanto a abraçava, tentando acalmá-la.

Momentos depois Cassandra parou de se debater e abandonou-se nos braços da sua parente.

— Conta-me o que aconteceu.

Cassandra explodiu:

— Estive... com ele. Com o meu irmão. E uma jovem. E não conseguia desligar-me deles, nada, em lugar nenhum do acampamento...!

— Que a Deusa nos valha! — murmurou Pentesileia.

Também ela na idade de Cassandra tinha sido portadora do dom (ou da maldição) da visão sem limites. Partilhar experiências para as quais a mente ou corpo não estavam preparados podia raiar a loucura interior, e nem sempre existia um regresso seguro. Cassandra estava deitada nos seus

braços apenas semi-consciente e a sua parente não sabia ao certo o que fazer por ela.

Primeiro tinha de voltar para o acampamento; estavam longe das outras mulheres e dos cavalos, era provável a presença de homens estranhos e sem lei naqueles ermos e, no estado em que Cassandra se encontrava, um encontro desse tipo poderia conduzi-la além dos limites da sanidade. Deu meia-volta segurando as rédeas da égua de Cassandra, obrigando-a a segui-la. Embalou a jovem de encontro ao peito e quando entravam no perímetro do acampamento tirou-a de cima do cavalo e levou-a para o interior da tenda onde a mulher que acabara de dar à luz descansava ao lado do bebê adormecido. Pentesileia estendeu Cassandra sobre uma manta e sentou-se a seu lado, com a mão firme pousada na testa da sobrinha, cobrindo-lhe os olhos, encorajando-a a expulsar do seu espírito todas as interferências.

Os soluços foram enfraquecendo e ela foi ficando progressivamente mais calma, escondendo o rosto como um bebê na mão de Pentesileia e enroscando-se contra o seu corpo.

Passado longo tempo, a rainha amazona perguntou:

— Estás melhor agora?

— Sim, mas... Será que vai voltar?

— Provavelmente. É um dom da Deusa e tu tens de aprender a viver com ele. Pouco posso fazer para te ajudar, filha. Talvez a Mãe Serpente te tenha chamado a falar pelos Deuses; existem sacerdotisas e videntes entre nós. Talvez quando chegar a altura de desceres ao Mundo Subterrâneo e ao Seu encontro...

— Não estou entendendo — disse Cassandra.

Depois se lembrou de quando Apolo lhe falara e pedira que fosse Sua sacerdotisa.

Contou isto a Pentesileia e a amazona mais velha pareceu aliviada.

— Verdade? Não sei nada sobre o vosso Senhor do Sol; parece-me estranho que uma mulher prefira um Deus à Mãe Terra ou à nossa Mãe Serpente. É Ela que habita as entranhas da terra e reina sobre todos os domínios das mulheres: o mistério do nascimento e da morte. Talvez também Ela te tenha chamado e tu não tenhas ouvido a Sua voz. Ouvi dizer que por vezes isso acontece com aquelas que nascem sacerdotisas: quando elas não ouvem o Seu apelo, Ela contata-as através de enigmas, em sonhos ruins, para que elas aprendam como escutar a Sua voz.

Cassandra não sabia ao certo; conhecia pouco acerca da Mãe Serpente de Pentesileia, mas lembrava-se, no entanto, das belas serpentes da casa de Apolo e de como ela ansiara por acariciá-las. Talvez esta Mãe Serpente a tivesse chamado também e não apenas o esplendoroso e amado Senhor do Sol.

Tivera a esperança de que a sua tia, que sabia tanto sobre a Deusa, lhe dissesse o que deveria fazer para se livrar dessa visão indesejada. Agora começava a perceber que teria de ser ela própria a controlá-la, que teria de encontrar, dentro de si, uma forma de fechar as comportas antes que as visões a devorassem por completo.

— Vou tentar — disse ela. — Existe alguém que saiba destas coisas?

— Talvez entre os servidores dos Deuses. Tu és uma princesa de duas casas reais: a nossa das Amazonas e a do teu pai; não sei nada desses Deuses, mas há de chegar o tempo em que, por seres uma de nós, terás de descer ao Mundo Subterrâneo para que encontres a Mãe Serpente, e uma vez que Ela já te chamou, é preferível que seja mais cedo do que mais tarde. Talvez na próxima lua; falarei com as anciãs e verei o que dizem de ti.

"Talvez", disse Cassandra para consigo, *"fosse essa a razão por que o Deus me chamou para O servir "*. No entanto fora ela quem abrira essas portas; não podia lamentar-se por lhe ter sido concedido o dom que pedira.

Dia após dia a tribo cavalgava, entre ferozes ventanias e chuvas geladas e agrestes. O tempo ia ficando cada vez mais frio e à noite as mulheres embrulhavam-se com todas as suas roupas e mantas de lã. Cassandra enroscava-se junto do cavalo, refugiando-se no calor do seu corpo grande e

macio. Os céus acabaram por se tornar mais claros e brilhantes e a chuva cessou. Sempre para leste, a tribo seguia viagem; quando as mulheres perguntavam às suas chefes quando iriam descansar e encontrar pastagens para os seus cavalos, Pentesileia apenas suspirava:

— Temos primeiro de atravessar dois rios, como a Deusa ordenou.

A lua já enchera e voltara a minguar quando, pela primeira vez desde que a viagem começara, avistaram seres humanos: um pequeno grupo de homens vestidos com peles ainda com pêlos agarrados, o que fez com que as mulheres percebessem que a arte de curtir as peles era ainda desconhecida entre eles.

"Existem pastagens aqui", pensou Cassandra; *"este poderá ser o lugar para pararmos e descansarmos as nossas manadas. Mas não com estes homens..."* Os homens olhavam para as mulheres, boquiabertos e apalermados, e Pentesileia parou o seu cavalo ao lado deles.

— Quem é o dono destes rebanhos? — perguntou, apontando os carneiros e as cabras que pastavam sobre a vegetação verdejante.

— Somos nós. Que espécie de cabras vós montar? — perguntou um dos homens. — Nós nunca ver cabras tão grandes e saudáveis.

Pentesileia ia dizer que aquilo não eram cabras, mas sim cavalos; depois decidiu que a ignorância deles poderia ser vantajosa para a tribo.

— São as cabras de Posídon, Deus do Mar — disselhe ela.

— Que ser o mar? — perguntou ele.

— Água como daqui até ao horizonte — disse ela e ele conteve a respiração. — Eia! Nunca nós ver água senão nalgum buraco lamacento que seca no verão! Não admira que sejam boas e gordas!

Depois sorriu maliciosamente e perguntou, no seu tosco dialeto, se as senhoras gostariam de apascentar os seus rebanhos juntamente com os dele.

— Talvez por uma ou duas noites — disse Pentesileia.

— Onde estarem os vossos homens? — perguntou ele.

— Não temos nenhum; estamos livres de todos os homens — disse a amazona — mas aceitaremos a hospitalidade da vossa pastagem por esta noite, pois viajamos há já muito tempo. Os nossos animais estão cansados e apreciarão um pouco da vossa boa erva.

— São bem-vindos — replicou um dos homens, que parecia um pouco mais limpo do que os outros e tinha as roupas um pouco mais compostas. Quando desmontaram, Pentesileia sussurrou a Cassandra que deveriam precaver-se e não se deixar dormir, e sim vigiar os cavalos mesmo durante a noite.

— Porque eu não confio nestes homens, nem um bocadinho — murmurou ela. — Acho que assim que adormecermos, ou que eles pensem que adormecemos, vão tentar roubar-nos os cavalos, e talvez mesmo atacar-nos.

Os homens tentaram abrir caminho para o interior do círculo de mulheres e conseguir alguns contatos furtivos e Cassandra pensou que. se elas fossem mulheres das cidades, inexperientes e ingênuas, não teriam percebido o que os homens estavam a fazer. Levantou-se com as outras jovens para começar a estender as mantas. Passou um laço pelas patas do cavalo para que ele não pudesse afastar-se muito durante a noite, desapertou o cinto de couro e deitou-se na sua manta entre Elaria e Star.

— Gostava de saber até onde iremos — murmurou *Star,* aconchegando a manta em torno dos ombros magros para protegê-los da umidade. — Se não encontrarmos comida brevemente, as crianças começarão a morrer.

— Não estamos assim tão mal! — protestou Elaria. — Ainda nem começamos a sangrar os cavalos. Podemos viver do sangue deles durante pelo menos um mês, até começarem a enfraquecer. Uma vez, quando tivemos um mau ano, vivemos do sangue das éguas durante dois meses. A minha primeira filha morreu e nós estivemos tão perto de morrer de fome que depois, quando fomos às aldeias dos homens, nenhuma de nós engravidou durante quase meio ano.

— Tenho tanta fome que era capaz de beber sangue de égua, ou o que quer que fosse — resmungou *Star,* mas Elaria disse:

— Isso não é possível enquanto Pentesileia não der ordens; e ela sabe o que faz.

— Não tenho assim tanta certeza — disse *Star,* entredentes. — Deixar-nos dormir aqui, no meio destes homens todos...

— Não — disse Elaria. — Ela ordenou que não dormíssemos.

Lentamente, a lua surgiu por cima das árvores, subindo cada vez mais alto. Depois, através das pálpebras descidas, Cassandra viu formas escuras movendo-se furtivamente através da clareira.

Esperava o sinal de Pentesileia quando, de repente, uma sombra escura encobriu as estrelas lá no alto e o corpo de um homem pesou subitamente sobre o seu; mãos arrancavam-lhe os calções e remexiam no seu peito. Ela tinha a mão sobre a sua espada de bronze; lutou para se libertar, mas estava esmagada contra o solo. Deu pontapés e mordeu a mão que lhe cobria a boca; o agressor uivou, como verdadeiro cão que era, pensou ela com raiva e ela lançou com força o punho da espada para cima, atingindo-o na boca. Ele uivou novamente e Cassandra sentiu jatos de sangue e pragas saírem-lhe dos lábios rebentados. Depois soltou a espada e golpeou-o; ele soltou um urro e caiu por cima dela no momento em que Pentesileia gritava e, por todo o bosque, as mulheres se punham de pé. Alguém atirou um archote para o meio das brasas e o fogo reacendeu-se, refletindo-se nos punhais de bronze, nus, nas mãos dos homens.

— É esta a vossa hospitalidade para com os convidados?

— Eu já apanhei um deles, tia! — gritou Cassandra.

Desembaraçou-se do homem que gemia, empurrando-o de cima do seu corpo. Pentesileia avançou na sua direção e olhou para baixo.

— Acaba com ele — disse ela. — Não o deixes morrer lentamente em agonia.

“Mas eu não o quero matar”, pensou Cassandra; *“ele agora já não pode fazer-me nada e não chegou realmente a fazer-me mal. ”* No entanto ela conhecia a lei das Amazonas: morte para qualquer homem que tentasse violar uma amazona; e não podia infringir a lei. Sob o olhar frio de Pentesileia, Cassandra curvou-se com relutância sobre o homem ferido e deu uma forte estocada com a espada, atravessando-lhe a garganta. Ele gorgolejou e morreu.

Cassandra, enjoada, endireitou-se e sentiu a mão de Pentesileia apertando-lhe com força o ombro.

— Bom trabalho. Agora és, realmente, uma das nossas guerreiras — murmurou e dirigiu-se a passos largos para os homens reunidos à luz do archote. — Os Deuses decretaram que um hóspede é sagrado — disselhes Pentesileia com severidade. — No entanto, um dos vossos homens teria violado uma das minhas virgens contra a vontade dela. Que desculpa podem invocar por esta falta de hospitalidade?

— Mas quem já ouviu falar de mulheres que andar assim a viajar sozinhas? — argumentou o chefe. — Os Deuses só protegem as mulheres que são esposas decentes, e vocês não são; vocês não pertencerem a ninguém.

— Qual foi o Deus que te disse isso? — inquiriu Pentesileia.

— Nós não precisamos que um Deus nos diga aquilo que é evidente para a razão. E como não terem maridos, decidimos ficar com vocês e dar a vocês o que mais precisam: homens para cuidar de vocês.

— Não é isso o que nós precisamos nem o que nós procuramos — declarou a amazona, e fez sinal às mulheres que, armadas, cercavam os homens.

— Apanhem-nos!

Cassandra deu por si a lançar-se para a frente com as outras, a espada erguida. O homem sobre quem se precipitou não fez nenhum esforço em especial para se defender; ela derrubou-o e ajoelhou-se sobre ele, a lâmina na sua garganta.

— Não nos matem! — gritou o chefe dos homens. — Não vos faremos mal!

— Agora não! — disse Pentesileia ferozmente —, mas quando dormíamos e vocês pensavam que estávamos indefesas, nos teriam morto ou violado!

Pentesileia encostou a lâmina da sua espada à garganta do homem e ele encolheu-se.

— Juram pelos vossos Deuses que nunca mais molestarão uma mulher das nossas tribos, ou de qualquer outra, se vos deixarmos viver?

— Não, não juramos — disse o chefe. — Os Deuses enviaram-vos até nós e nós vos usamos e eu acho que o que fizemos estava certo.

Pentesileia encolheu os ombros e abriu-lhe a garganta. Os outros homens gritaram que jurariam e Pentesileia fez sinal às mulheres para que os soltassem. Um a um, eles ajoelharam e juraram como lhes tinha sido exigido.

— Mas eu não confio nem mesmo nos seus votos — disse Pentesileia — quando perderem as nossas armas de vista.

Deu ordens para que os haveres da tribo fossem reunidos e os cavalos selados para que pudessem partir de madrugada.

Depois da noite em claro, os olhos de Cassandra ardiam-lhe e doía-lhe a cabeça; tinha a sensação de ter ainda as mãos ásperas do homem na sua pele. Quando tentou mover-se, não conseguiu. O seu corpo estava rígido, preso; ouviu alguém chamar pelo seu nome, mas o som estava muito distante.

Pentesileia veio até junto dela e o toque da sua mão trouxe Cassandra de volta à realidade.

— Consegues montar?

Sem dizer nada, Cassandra assentiu com a cabeça e içou-se para a sela. A sua mãe adotiva veio ter com ela e abraçou-a:

— Te portastes bem! Agora que mataste um homem, és uma guerreira, já podes lutar por nós. Não és mais uma criança.

Pentesileia deu o sinal de partida e Cassandra, tremendo, incitou o cavalo para a frente. Embrulhou a manta em torno dos ombros.

"Pfff", pensou, *"cheira a morte "*

Cavalgavam, a chuva gelada nos rostos; ela invejou as mulheres que levavam potes cobertos de barro, contendo carvões quentes. Para leste e ainda mais para leste, cavalgaram geladas pelo vento cada vez mais frio. Depois de muito tempo o céu clareou, passando a um cinzento pálido, mas havia, de fato, alvorada. Cassandra ouvia à sua volta os resmungos das mulheres, e sofria com a fome e o frio.

Finalmente Pentesileia deu sinal para parar e as mulheres prepararam-se para montar as tendas pela primeira vez em muitos dias. Cassandra agarrou-se ao seu cavalo, necessitada do calor do corpo do animal; o frio doloroso parecia penetrar cada músculo e osso do seu corpo. Algum tempo depois, ardiam fogueiras no centro do acampamento e ela, como as outras, foi acocorar-se perto das línguas de calor.

Pentesileia apontou para junto do lugar por onde tinham passado com os cavalos e as mulheres olharam, com espanto, os campos verdes de cereal ainda não amadurecido. Cassandra nem podia crer nos seus olhos. Cereal, naquela altura do ano?

— É trigo de inverno — disse Pentesileia. — Esta gente planta os seus cereais antes da queda das primeiras neves, os deixam todo o inverno debaixo da neve e eles amadurecem antes das colheitas de cevada. Nas épocas frias têm dois cereais, e aquele que eu procuro é o centeio.

A rainha amazona acenou à sua sobrinha e Cassandra foi colocar-se a seu lado.

— Que terra é esta em que estamos, tia? — perguntou.

— Estas são as terras dos Trácios — disselhe Pentesileia — e para o norte — apontou

— fica a antiga cidade de Cálcis.

Cassandra recordou-se de uma das histórias de sua mãe.

— Onde Jasão encontrou o velo dourado com a ajuda da feiticeira Medéia?

— Essa mesma. Mas, hoje em dia, há lá pouco ouro, embora haja muita feitiçaria.

— Vivem pessoas aqui à volta? — perguntou Cassandra. Parecia-lhe impossível que alguém escolhesse aquele local desolado para viver.

— Os campos de trigo e centeio não se plantam a si próprios — retrucou Pentesileia.

— Onde existem cereais, existe sempre alguém, homem ou mulher, para plantá-los. E aqui existem pessoas e também — indicou — cavalos.

Lá longe, no horizonte, Cassandra distinguiu pequenas manchas em movimento, que pareciam não ser maiores do que carneiros; mas pela forma como se moviam, bem via que eram cavalos. À medida que a distância ia diminuindo e os via com maior nitidez, Cassandra reparou que aqueles eram muito diferentes dos cavalos que ela e as outras amazonas montavam: pequenos e ruços, com corpos atarracados e pêlo espesso e comprido quase como uma peliça.

— Cavalos selvagens do Norte; nunca foram montados ou domados — disse Pentesileia. — Nenhum Deus os tocou para destiná-los a homens ou mulheres. Se acaso pertencem a algum Deus ou Deusa, é à caçadora Ártemis.

Como que comandada por um espírito comum, a manada inteira deu meia-volta e afastou-se; a égua que conduzia a manada fez uma pausa, levantando a cabeça e fixando as mulheres, as narinas dilatadas e os olhos brilhantes.

— Sentem o cheiro do nosso garanhão — disse Pentesileia. — Ele tem de ser vigiado; se farejar uma manada de éguas é capaz de tentar juntá-las às nossas, e estes cavalos não nos

servem para nada. Não os poderiamos alimentar e não haveria pasto suficiente.

— O que estamos a fazer aqui? — perguntou Cassandra.

— A Deusa é sábia — respondeu-lhe a sua parente. — Aqui, no país dos Trácios, podemos negociar ferro e retemperar as nossas armas. Encontraremos cereais à venda na cidade de Cálcis, ou até mesmo mais perto; e nós temos produtos para vender: objetos de couro: selas, rédeas e ainda outras coisas. Iremos esta tarde à aldeia e veremos se conseguimos comprar comida.

Cassandra olhou para o céu cinzento e perguntou-se como conseguiria alguém dizer se era de manhã ou de tarde. Supunha que Pentesileia tinha uma forma qualquer de o saber.

Mais tarde, Pentesileia chamou Cassandra e uma das outras meninas mais novas, Evandra, e saíram a cavalo em direção à aldeia, situada no meio das searas. Quando as mulheres entraram na aldeia, apenas umas quantas casas pequenas e redondas, construídas em pedra, e um edifício central, a céu aberto, onde mulheres trabalhavam na moldagem de potes, os habitantes saíram à rua para vê-las.

Muitas das mulheres seguravam fusos com lã ou pêlo de cabra enrolado. Usavam saias longas e soltas, tecidas com pêlo de cabra e tingidas de azul ou verde; os seus cabelos eram escuros e crespos. Algumas traziam crianças nos braços ou agarradas às saias.

Cassandra viu, com um pequeno frêmito de horror, que muitas das crianças eram estranhamente deformadas. Uma menininha tinha, no lábio, uma fenda que parecia estar em carne viva e se estendia pelo rosto até a narina, que tinha o aspecto de uma ferida aberta; outra possuía apenas o polegar e outro dedo deformado na pequena mão, que mais se assemelhava a uma garra. Nunca tinha visto, com vida, crianças como aquelas; em Tróia, uma

criança que nascesse deformada era imediatamente exposta nas encostas do monte Ida para que os lobos e outros animais selvagens a devorassem. As mulheres e as crianças mantiveram-se afastadas e silenciosas, mas olhando com curiosidade para as Amazonas e seus cavalos.

— Para onde vão?

— Para o norte, segundo a vontade da nossa Deusa; mas agora vamos até Cálcis — disse Pentesileia. — Gostaríamos de negociar algum cereal.

— O que têm para trocar?

— Utensílios em couro — disse Pentesileia, e as mulheres abanaram a cabeça.

— Nós fazemos o nosso próprio couro a partir das peles dos nossos cavalos e cabras — disse uma mulher que parecia ser a chefe do grupo. — Mas vendam-nos uma dúzia das vossas jovens e nós daremos todo o cereal que puderem transportar.

O rosto de Pentesileia ficou pálido de ira.

— Jamais mulher alguma da nossa tribo será vendida como escrava!

— Não as queremos para escravas — disse a mulher. — Queremos adotá-las como nossas filhas. Uma doença assolou estas paragens; muitas mulheres morreram de parto e outras não conseguem gerar bebês saudáveis; por isso, como podes ver, as mulheres são para nós muito preciosas.

Pentesileia estava mais pálida que nunca. Disse baixinho para Evandra:

— Fala às de trás para que nenhuma mulher desmonte do cavalo nesta aldeia por um instante que seja e por razão nenhuma, seja qual for a necessidade. Continuaremos a viagem.

— Que se passa, tia? — perguntou Cassandra.

— Não devemos tocar em nenhuns dos seus cereais — disse Pentesileia; e depois, dirigindo-se à mulher: — Lamento a vossa doença; mas nada

podemos fazer para vos ajudar. No entanto, se quiserem ver-se livres dela, ceifem os cereais que estão plantados e queimem-nos; não os deixem sequer no chão como fertilizante para os campos. Arranjem novas sementes de milho em algum lugar ao sul daqui. Examinem as sementes cuidadosamente e procurem qualquer vestígio de praga; foi isso que envenenou os ventres das vossas mulheres.

Enquanto se afastavam da aldeia, cavalgando através dos campos de centeio, Pentesileia curvou-se e arrancou alguns pés verdes. Levantou-os apontando para o lugar onde as sementes viriam a formar-se.

— Olha — disse ela, indicando as fibras arroxeadas e filiformes nas extremidades dos pés, enquanto os estendia a Cassandra. — Cheira-os. Como sacerdotisa deverás ser capaz de reconhecer isto onde quer que o encontres. Não o proves em circunstância alguma nem o comas, mesmo que estejas a morrer de fome.

Cassandra cheirou e sentiu um odor estranho, bafoso, pegajoso, algo semelhante ao do

peixe.

— Este trigo envenenará qualquer uma que coma os grãos frescos, ou mesmo o pão que seja feito com ele; e a pior forma de envenenamento é aquela que mata as crianças no ventre e pode destruir a fertilidade de uma mulher durante anos. Esta aldeia pode já estar condenada. É pena. As mulheres deles parecem bonitas e trabalhadoras, e o seu trabalho de fiação e tecelagem é notável. Fazem também belos potes e taças.

— Vão morrer todas, tia?

— É provável. Muitas delas irão comer os cereais envenenados sem que morram por isso; mas não nascerão mais crianças saudáveis naquela aldeia e quando estiverem suficientemente desesperadas para impor um ano de fome à sua gente, talvez já seja tarde demais.

— E os Deuses permitem isto? — perguntou Cassandra. — Qual a Deusa que estará suficientemente zangada para mandar uma praga sobre os cereais

da aldeia?

— Não sei; talvez nem seja por ação de qualquer Deusa — disse a sua parente. — Só sei que ela vem, ano após ano, sobretudo quando chove demais.

Nunca tinha ocorrido a Cassandra duvidar de que os cereais dos campos eram vigiados e cresciam sob a ação direta da Mãe Terra; esta era uma heresia assustadora e ela varreu-a do espírito o mais depressa possível. Estava de novo consciente da sua fome; tinha passado tanto tempo sem alimentos substanciais que, por dias a fio, quase deixara de senti-la.

Enquanto cavalgavam, começaram a ver pequenos animais saltando para fora e para dentro de tocas abertas no chão. Uma jovem esticou rapidamente o seu arco e lançou uma flecha de caça - talhada em madeira endurecida ao fogo, em vez de metal - e o animal atingido tombou e ali ficou a espernear. A arqueira saltou do seu potro e deu-lhe uma paulada na cabeça. Um enxame de setas seguiu a primeira, mas apenas uma ou duas atingiram o alvo. A idéia da lebre assada no espeto fez crescer água na boca a Cassandra.

Pentesileia deteve as cavaleiras com um gesto.

— Acampamos aqui e prometo-vos que não prosseguiremos até que todas estejamos alimentadas de uma maneira ou de outra — disse ela. — Vocês, guerreiras, peguem nos vossos arcos e cacem; as restantes preparem os alvos e treinem com as vossas flechas. Temos descuidado a prática das nossas técnicas de caça e luta nestes dias de viagem. Houve demasiadas flechas a passar longe dos alvos. No tempo da minha mãe aquela quantidade de flechas teria abatido lebres suficientes para nos alimentar a todas. — E acrescentou: — Sei como todas estão esfomeadas; não gosto mais de jejuar do que qualquer uma de vocês e passou-se tanto tempo para mim como para qualquer outra, desde a última vez que comi uma boa refeição. E no entanto peço-vos, minhas irmãs, se encontraram (ou roubaram) algum cereal ou qualquer coisa feita a partir dele, ou comida de qualquer tipo, naquela aldeia, deixem-me vê-la antes de a comerem. Os cereais deles estão amaldiçoados e aquelas que comerem pão feito com

eles, poderão abortar ou então as vossas crianças podem nascer sem um olho ou só com um dedo.

Uma mulher tirou, desafiadora, um pão duro e algo bolorento de dentro da sua túnica.

— O darei a uma mulher que já não tenha idade para ter filhos e que o possa comer sem correr risco. Não o roubei — acrescentou — troquei-o por uma fivela velha.

Uma das mulheres mais velhas da tribo disse:

— Ficarei com ele em troca da minha parte da lebre que abati com a minha seta; passou já muito tempo desde a última vez que comi pão e com certeza nunca mais terei filhos

para poderem ser afetados por isso.

A visão do pão fez Cassandra sentir tanta fome que ela pensou que preferiria arriscar-se a abortar ou a afetar a criança que poderia vir a gerar um dia, num futuro distante; mas nunca desobedeceria à sua tia. Outras amazonas entregaram diversos alimentos que tinham obtido por troca (ou por roubo) na aldeia, a maior parte dos quais Pentesileia confiscou e atirou para o fogo.

Cassandra foi atirar nos alvos enquanto as guerreiras experientes partiam em busca de caça e as mulheres idosas se espalhavam pelos campos planos à procura de qualquer tipo de comida. O inverno ia avançado demais para permitir encontrar bagas ou frutos, mas poderia haver, em algum lugar, raízes ou alguns fungos comestíveis.

O curto dia de inverno escurecia e aproximava-se do crepúsculo, quando as caçadoras voltaram. Em pouco tempo as lebres esquartejadas ferviam num caldeirão juntamente com insípidos feijões-bravos e algumas raízes; nacos cortados de um animal maior que tinha sido esfolado, mas Cassandra suspeitava ser um dos peludos cavalos selvagens e tinha fome demasiada para se preocupar com isso - assavam por cima de uma grande fogueira.

Pelo menos, naquela noite, poderiam comer até se fartar e Pentesileia havia prometido que em Cálcis encontrariam comida em abundância.

1

- Estrela. (N. da T.)

OITO

— Ei-la! — disse Pentesileia, apontando. — A cidade de Cálcis.

Habituada às ciclópicas muralhas fortificadas de Tróia que se erguiam muito acima dos rios da planície fértil, Cassandra não ficou impressionada à primeira vista pelas muralhas construídas com tijolos cozidos ao sol, de aspecto baço sob a luz nublada. Esta cidade, pensou, seria vulnerável a um ataque vindo de qualquer dos lados. No ano passado, com as Amazonas, ela tinha aprendido alguma coisa, não em termos formais, mas sim através das histórias de cercos e guerras contadas pelas outras mulheres, de estratégia militar.

— Esta é como as cidades egípcias e hititas — disse Pentesileia. — Eles não constroem fortificações imponentes; não têm necessidade delas. No interior dos seus portões de ferro verás os templos e as estátuas dos seus Deuses. Estes são maiores que os templos e as estátuas de Tróia, assim como as muralhas de Tróia são maiores que as muralhas de Cálcis. A história conta que a cidade foi fundada por um antigo povo navegador do longínquo Sul; mas eles aqui são diferentes de todos os outros povos, como verás quando entrarmos na cidade.

São estranhos; têm muitos costumes e hábitos curiosos. — Deu uma gargalhada. — Mas suponho que eles dizem o mesmo de nós.

De tudo isto Cassandra só ouviu *"portões de ferro"*. Tinha visto muito pouca quantidade desse metal; uma vez o seu pai havia lhe mostrado um anel de um metal negro que lhe dissera ser ferro.

— É excessivamente caro e muito difícil de trabalhar para ser utilizado em armas — dissera-lhe ele. — Um dia, quando se souber mais sobre a arte da sua forja, o ferro poderá ser utilizado para arar a terra, pois é muito mais duro que o bronze.

Cassandra, agora, recordando-se, pensou que um povo e uma cidade que sabiam o suficiente sobre o ferro para serem capazes de forjar portões com

ele, deviam ser realmente sábios.

— É por os portões serem em ferro que a cidade nunca foi tomada? — perguntou ela.

Pentesileia olhou-a e disse com alguma surpresa:

— Não sei. Eles são um povo feroz, mas muito raramente se envolvem em guerras. Suponho que é por estarem longe das principais zonas de comércio. No entanto, as pessoas vêm do fim-do-mundo em busca de ferro.

— Vamos entrar na cidade ou acampamos fora dos muros?

— Esta noite dormiremos na cidade; a rainha deles é praticamente uma de nós — disse Pentesileia. — É filha da irmã da minha mãe.

"Então ", pensou Cassandra, *"ela é parente da minha mãe e minha parente também. "*

— E o rei?

— Não existe rei nenhum — disse Pentesileia. — Imandra reina aqui e ainda não decidiu tomar um consorte.

Por trás da cidade erguiam-se montes de um vermelho-ferruginoso que fazia os portões parecerem pequenos. O caminho que conduzia até a cidade estava pavimentado com gigantescos blocos de pedra e as casas, com arcos e escadas de pedra, tinham sido construídas com tábuas e barrotes e rebocadas e pintadas de cores alegres. As ruas da cidade não estavam empedradas e apresentavam-se lamacentas e espezinhadas, e eram percorridas por estranhos animais de carga, peludos e com cornos, que se moviam entre as casas, carregados com enormes cestos e potes. Os seus donos tocavam-nos para o lado enquanto as Amazonas, dispostas numa formação quase militar, percorriam as ruas. Cassandra, consciente de todos aqueles olhos postos nela, empunhou a lança e endireitou-se na sela, lutando contra a fadiga da cavalgada e tentando parecer uma guerreira.

A cidade era muito diferente de Tróia. As mulheres circulavam livremente pelas ruas levando potes e cestos à cabeça. Os seus trajes eram compridos, grossos e pesadões, mas apesar das suas saias desajeitadas e dos olhos pintados, tinham um ar forte e competente. Viu também uma forja onde trabalhava uma mulher, com músculos fortes como os de uma guerreira, e o rosto escuro e manchado pela fuligem. Nua da cintura para cima a fim de suportar o calor intenso, martelava uma espada. Uma mulher jovem, pouco mais do que uma menina, fazia funcionar os foles. Cassandra tinha visto, nos meses que passara com as Amazonas, as mulheres fazerem muitas coisas estranhas, mas esta era a mais estranha de todas.

As sentinelas das muralhas eram também mulheres e podiam muito bem fazer parte do grupo das Amazonas, pois estavam armadas, usavam couraças de bronze sobre o peito e seguravam longas lanças. À medida que as Amazonas percorriam as ruas, as sentinelas soltavam um longo e ululante grito de guerra; em breve meia dúzia delas, com as lanças baixas em sinal de paz, apareceu na rua à sua frente. A comandante aproximou-se e, montada, abraçou Pentesileia.

— Saudamos-te exultantes, Pentesileia, rainha das Éguas! — disse ela. — A senhora de Cálcis envia-te os seus cumprimentos e saúda o teu retorno ao nosso seio. Convida as tuas mulheres a instalarem-se nos campos junto ao Muro Sul e convida-te, a ti, a seres sua hóspede no palácio com uma ou duas amigas, se assim o desejares.

A rainha amazona transmitiu para a retaguarda as notícias que a sentinela trouxera.

— E mais — disse a mulher de Cálcis — a rainha mandou duas ovelhas e um cesto de pão cozido nos fornos reais como presente para as tuas mulheres; que as tuas mulheres celebrem aqui enquanto tu te reúnes a ela no palácio.

Ao pensar naquela comida que há tanto tempo não provavam, as Amazonas soltaram grandes gritos de aplauso.

Pentesileia vigiou a instalação das suas mulheres no campo, a armação das tendas e a matança das ovelhas. Cassandra, observando uma boa porção de

pernil ser queimada em homenagem à Caçadora, reparou que as ovelhas tinham um aspecto muito normal, em tudo semelhante ao dos carneiros de Tróia. Pentesileia, observando-a, disse:

— Que se passa? Esperavas que as ovelhas de Cálcis tivessem lãs de ouro? Elas não nascem assim; nem mesmo os rebanhos de Apolo, Senhor do Sol, nascem assim. As gentes de Cálcis estendem os seus velos nos rios, para que estes apanhem o ouro que ainda vem arrastado nas correntes; e apesar de haver talvez menos ouro do que no tempo de Jasão, verás um desses velos antes de deixares Cálcis. Agora vamos vestir-nos para jantar à mesa da rainha.

A rainha amazona entrou na sua tenda, despiu as roupas de montar e vestiu a sua melhor saia, calçou umas botas de pele de gamo e pôs uma túnica que lhe deixava nu um dos seios, como era o costume naquela terra. Tendo-lhe sido dito para vestir as suas melhores roupas, Cassandra vestiu o seu vestido troiano — estava agora muito curto e chegava só a meio da canela — e calçou as sandálias.

Pentesileia tinha tirado do seu saco um pouco de *Kohl*[5] e estava a espalhá-lo nos olhos; virou-se e disse:

— É esse o único vestido que tens, filha?

— Receio que sim.

— Isso não serve de forma alguma — disse Pentesileia. —Cresceste mais do que eu pensava. — Procurou dentro das bolsas da sua sela e retirou um vestido usado, tingido de açafrão-pálido. — Este vai ficar grande, mas faz o melhor que puderes.

Cassandra enfiou o vestido pela cabeça e apertou-o com os seus velhos alfinetes de bronze. Sentia-se tão desconfortável e tão estorvada pelas saias em torno dos joelhos, que era difícil recordar que já usara este tipo de vestuário quotidianamente.

Caminharam juntas pelas ruas empedradas de Cálcis. Tinha se passado muito tempo desde que Cassandra estivera no interior das muralhas de uma

cidade e percebeu que olhava embasbacada para as casas altas, como se fosse um bárbaro.

O palácio tinha sido construído, à semelhança do palácio de Tróia, com o mármore cinzento local. Erguia-se no lugar mais alto no centro da cidade e nem mesmo os templos se erguiam acima dele; Cassandra, educada de acordo com os costumes da sua terra, segundo os quais as habitações dos homens não se podem erguer ao nível dos templos dos Deuses, ficou um pouco chocada.

Paradas nas escadas do palácio conseguiam ver até ao mar. *"Tal como em Tróia",* pensou Cassandra; só que este mar não era de um azul intenso tal como recordava o da sua terra, mas cinzento-escuro e oleoso. Havia homens a carregar e a descarregar pacificamente os navios ancorados no porto; não eram piratas nem invasores, mas sim mercadores. Tantos navios nas proximidades de Tróia seriam sinal de desastre ou guerra.

"E no entanto ela podia vê-los estendendo-se na frente de Tróia; tantos barcos que o azul do mar escurecera... "

Fazendo um esforço, voltou ao presente. Aqui não havia perigo... Pentesileia tocou-a no braço.

— Que foi? Que viste? [1]

— Navios — murmurou Cassandra. — Navios ameaçando Tróia...

— Sem dúvida, se Príamo continuar como começou — disse a sua tia secamente. — O teu pai tem tentado adquirir poder que não é suficientemente forte para manter e um dia esse poder será testado. Mas agora não podemos fazer esperar a rainha Imandra.

Cassandra nunca pusera em causa as políticas do seu pai; no entanto via que o que Pentesileia dissera era verdade. Príamo cobrava tributo a todos os navios que passavam pelo estreito em direção ao mar; até a data os Aqueus tinham pago sempre, porque isso era mais fácil do que organizar uma armada para se opor a eles Olhou os portões de ferro e percebeu que estes

significavam, mais cedo ou mais tarde, um modo de vida completamente novo.

Disse a si própria que não estava a ser realista; o seu pai era forte, tinha muitos guerreiros e aliados; podia manter Tróia para sempre. *"Talvez Tróia venha um dia a ter também portões de ferro, como esta cidade de Cálcis."* À medida que passavam pelos longos corredores, as guardas, com proteções peitorais de bronze e capacetes de couro com incrustações em metal, erguiam os punhos em gesto de saudação. Entraram então para uma sala de teto alto, com uma clarabóia com embutidos de pedra translúcida verde, e, ao centro, uma alta cadeira de mármore onde se encontrava sentada uma mulher.

Tinha também aspecto de guerreira, com uma couraça peitoral em prata martelada; mas, por baixo, estava vestida com uma soberba túnica de brocado vindo do Extremo Sul e uma fina camisa de gaze do Egito, conhecida como *"tecido de vento"*. No rosto exibia uma barba postiça, dourada e presa como as cabeleiras dos rituais: um símbolo, pensou Cassandra, de que ela governava não como uma mulher, mas como o rei da cidade. Em torno das ancas usava um cinto com incrustações de pedras verdes e dele pendia uma bela espada. Calçava botas de pele, tingidas e decoradas com bordados, que lhe chegavam à barriga da perna. Logo abaixo do peitoral, na cintura, um estranho cinto que parecia mover-se, para cima e para baixo, ao ritmo da sua respiração; quando se aproximaram, Cassandra percebeu que era uma cobra viva.

Quando chegaram junto da rainha, ela levantou-se e disse:

— Saúdo-te com regozijo, prima. As tuas guerreiras foram condignamente recebidas e festejadas? Haverá mais alguma coisa que eu possa fazer para te dar as boas-vindas, Pentesileia, rainha das Cavaleiras?

Pentesileia sorriu:

— Fomos, de fato, bem recebidas, senhora; diz-me então o que queres de nós. Eu conheço-te desde os tempos da nossa juventude e sei bem que quando eu, bem como todas as minhas guerreiras, somos assim tão bem recebidas e nos são oferecidos banquetes, não é só por uma questão de boa

educação. Os nossos laços de parentesco, só por si, fariam com que eu me pusesse a mim e às minhas guerreiras à tua disposição, Imandra; fala livremente e diz o que desejas que nós façamos.

— Como tu me entendes, Pentesileia! Tenho de fato necessidade da amizade das tuas guerreiras — disse Imandra na sua voz rouca e agradável — mas jantemos primeiro. Diz-me, prima, quem é a virgem? É jovem demais para ser uma das tuas filhas.

— É a filha da nossa parente Hécuba de Tróia.

— Oh!? — as sobrancelhas delicadamente pintadas de Imandra ergueram-se, arqueando-se elegantemente.

Acenou a uma criada e estalou levemente os dedos; era o sinal para que numerosos escravos avançassem, trazendo travessas decoradas com jóias, repletas das mais variadas comidas: carne assada e carne de aves acompanhadas por molhos variados e deliciosos, frutos com mel e doces tão abundantemente condimentados que Cassandra não fazia idéia de que seriam feitos.

Tinha passado fome por tanto tempo que toda aquela comida a fazia sentir-se levemente enjoada; comeu um pouco da galinha assada e alguns pãezinhos depois; por insistência da rainha, provou uma suculenta carne doce, temperada com canela. Percebeu que Pentesileia também comia pouco, e quando os tabuleiros foram retirados e água de rosas vertida sobre as suas mãos, a rainha de Cálcis disse:

— Prima, pensei que Hécuba há muito tinha esquecido os seus tempos de guerreira. E afinal a sua filha é uma das tuas cavaleiras? Bom, eu não tenho qualquer disputa com Príamo de Tróia. Ela é bem-vinda. É ela a destinada a casar com Aquiles?

— Não, não ouvi falar nisso — disse Pentesileia. — Creio que Príamo descobrirá, quando lhe tentar arranjar um marido, que os Deuses a reivindicaram para si.

— Então talvez seja uma das suas irmãs — disse Imandra com indiferença. — Se viermos a precisar de um rei em Cálcis, talvez eu case a minha filha com um dos filhos de Príamo; tenho uma filha em idade de casar. Diz-me, filha de Príamo, o teu irmão mais velho já foi prometido em casamento?

Cassandra disse timidamente:

— Não que eu saiba, senhora, mas o meu pai não me faz confidências acerca dos seus planos. Pode muito bem ter feito algum desses acordos já há muitos anos, sem que eu tenha tido conhecimento.

— Falaste com sinceridade — disse Imandra. — Quando voltares a Tróia irão contigo enviados meus que proporão Andrômaca ao filho do teu pai; se não ao mais velho, a outro;

creio que ele tem cinqüenta filhos e muitos deles filhos da tua real mãe, não é verdade?

— Não creio que sejam cinqüenta — disse Cassandra — mas tem muitos.

— Que assim seja, então — disse Imandra, e quando estendeu a mão para Cassandra, a serpente que trazia enrolada na cintura começou a mover-se; rastejou pelo seu braço, e quando Cassandra estendeu a sua própria mão, a serpente lançou para a frente a cabeça seguida do seu corpo anelado; começou a enrolar-se em torno do pulso de Cassandra como uma fina pulseira.

— Ela gosta de ti — disse Imandra. — Foste ensinada a lidar com cobras?

Cassandra disse, recordando-se das serpentes do Templo de Apolo, Senhor do Sol:

— Não me são estranhas.

— Tem cuidado; se ela te mordesse ficarias muito doente — disse Imandra.

Cassandra não sentiu medo, mas antes uma sensação de euforia à medida que a cobra rastejava pelo seu braço; o deslizar seco e suave das escamas transmitindo à sua pele uma intensa volúpia.

— E agora passemos às coisas sérias — disse Imandra. — Pentesileia, viste os navios no porto?

— Quem não veria? São tantos...

— Estão carregados com estanho e ferro vindos do Norte, das terras dos Hiperbóreos — disse ela. — E, naturalmente, são cobiçados pelos outros reis. Visto que eu, segundo eles dizem, não lhes vendo estanho suficiente para fazerem o bronze (dizem que eu temo as armas que eles fariam, quando a verdade é que eu não tenho que chegue para mim e eles não têm nada de que eu necessite), começaram a atacar as minhas caravanas de estanho e a levá-lo sem pagar. Não há um número suficiente de guerreiras treinadas nesta cidade. Qual a paga que me pedirás para que as tuas guerreiras protejam as minhas remessas de metal?

Pentesileia ergueu o sobrolho.

— Seria mais simples (e, parece-me, mais barato) vender-lhes o que eles querem.

— E deixar que eles se armem contra mim? É mais vantajoso que os meus ferreiros façam as armas e que eles paguem em ouro pelas que quiserem. Eu envio algum estanho, chumbo e também ferro para o Sul, para os reis hititas; os que restam deles. Essas caravanas também são assaltadas. Se quiserem, haverá nisto ouro para ti e para as tuas mulheres.

— Posso escoltar as tuas caravanas — disse Pentesileia — mas o preço não vai ser baixo. As minhas mulheres viajaram até aqui devido a um sinal divino e não anseiam por guerra; tudo o que queremos é voltar às nossas pastagens na primavera.

Cassandra perdeu o fio à conversa; estava absorvida pela cobra que se enrolava no seu braço e deslizava para dentro do seu vestido, enroscando-se entre os seus seios tépidos. Olhou para o lado, onde uma escrava fazia malabarismos com três bolas douradas e perguntou-se como conseguiria a jovem fazer aquilo. Quando voltou a prestar atenção ao que estava a se passar, Pentesileia e Imandra abraçavam-se.

— Esperarei as tuas guerreiras depois de amanhã — disse Imandra. — Por essa altura, as caravanas estarão carregadas e os navios navegarão de novo em direção às minas secretas das terras do Norte. As minhas guardas te escoltarão de volta ao local onde as tuas mulheres estão acampadas. Que a Deusa te dê uma boa noite, e a ti também, pequena parente. — Depois estendeu a mão. — A minha cobra abandonou-me. Pede-lhe que volte para mim, Cassandra.

Com uma certa relutância, Cassandra mergulhou a mão no corpo do vestido e retirou a cobra, que volteou solta sobre a sua mão e se enrolou no seu pulso. Ela soltou-a desajeitadamente com a outra mão.

— Tens de voltar para brincar com ela; habitualmente, se eu peço a alguém para segurá-la, ela morde — disse Imandra. — Mas contigo simpatizou como se fosses uma sacerdotisa. Vais voltar?

— Seria um prazer para mim — murmurou Cassandra, ao mesmo tempo em que Imandra lhe retirava a cobra do pulso; ela coleou velozmente pelo braço da rainha e deslizou para o interior do seu vestido.

— Então terei todo o prazer em te receber um outro dia, filha de Hécuba. Adeus.

Quando voltavam ao acampamento, com as guardas caminhando dois passos atrás de si, Cassandra pensou que mais pareciam prisioneiras sob escolta do que convidadas de honra sob proteção. No entanto, à medida que percorriam as ruas movimentadas ouviu, vindo dos becos, o barulho de brigas e um grito abafado; sentiu que aquela cidade estranha era capaz, afinal, de não ser inteiramente segura para as mulheres que não pertenciam a Cálcis.

1

- Pó cosmético usado no Oriente para escurecer as pálpebras. (N. da T.)

NOVE

Dez dias mais tarde, Pentesileia saiu de Cálcis com um grupo selecionado de guerreiras amazonas; entre elas estava Cassandra. Acompanhariam as caravanas de estanho descarregado dos barcos que se encontravam no porto, na sua viagem para sul até ao distante país dos reis hititas.

Secretamente, Cassandra recordava as palavras da profecia: *"Mantenham-se aí até que caiam as estrelas da primavera!"* Estaria então a sua parente a desdenhar das ordens da Deusa? Mas não lhe competia fazer perguntas. Levava ao ombro um arco *cita*, formado por uma dupla curvatura em chifre e uma corda feita com os pêlos entretecidos da cauda do seu cavalo. Segurava junto a si a lança curta de ponta metálica das guerreiras Amazonas. Cavalgando ao lado de *Star,* recordou que a sua amiga já tinha participado numa batalha.

No entanto a manhã parecia cheia de paz, o ar límpido brilhando sob a luz pálida do sol, nuvens dispersas deslizando lá no alto. Os cascos dos cavalos ecoavam na estrada com um som abafado em contraponto com o ruído intenso dos carros, cada um puxado por duas parelhas de mulas, carregados com pilhas de fardos enrolados e barras do metal baço-brilhante cobertos com panos negros pesados como velas de navio.

Na noite anterior, com as outras guerreiras, ficara de vigia ao carregamento dos vagões; recordando o negro profundo das barras de ferro e o tom baço dos pedaços de estanho, pensou porque seria que aqueles metais tão feios teriam tanto valor. Certamente que havia nas profundezas da terra metal suficiente para que todos os homens pudessem ter a sua parte; porque haviam os homens (e as mulheres) de se envolver em guerras por causa do metal? Se não havia o suficiente para todos aqueles que o queriam, seria por certo fácil trazer mais das minas. No entanto, parecia que a rainha Imandra sentia orgulho no fato de não haver o suficiente para todos aqueles que queriam uma parte.

Naquele dia nada se passou; as Amazonas cavalgavam em fila indiana, ao ritmo lento do rodar das carroças. Cassandra cavalgava ao lado de uma das

ferreiras de Cálcis, conversando com ela acerca do seu curioso oficio; descobriu, com surpresa, que a mulher era casada e tinha três filhos adultos.

— E nunca tive uma filha a quem pudesse ensinar o meu ofício!

— Por que não podes ensinar aos teus filhos o teu ofício de ferreiro? — perguntou Cassandra.

A mulher pequena e musculosa olhou-a franzindo o sobrolho.

— Pensei que vocês, mulheres das tribos Amazonas, percebessem — disse ela. — Vocês nem sequer criam os vossos filhos homens por saberem como eles são inúteis. Ouve, jovem: o metal é arrancado do ventre da Mãe Terra; como não seria imensa a Sua cólera se qualquer homem se atrevesse a tocar ou moldar o fruto da Sua generosidade? É trabalho de mulher moldá-lo em formas terrenas para que os homens o usem. Nenhum homem pode seguir o ofício de ferreiro ou a Mãe Terra nunca perdoará a sua intromissão.

"Se a Deusa não deseja que esta mulher ensine aos seus filhos a sua arte ", pensou Cassandra, *"por que não lhe terá dado filhas? "* Mas estava a aprender a não dizer tudo o que lhe vinha à cabeça. Murmurou: *"Talvez ainda venhas a ter uma filha",* mas a ferreira resmungou: *"O quê? Arriscar outra gravidez quando já vivi quase quarenta invernos?",* e Cassandra não respondeu. Em vez disso, conduziu o seu cavalo para a frente para ficar ao lado de *Star.* A menina mais velha estava a limpar a sujeira das unhas com uma pequena faca talhada em osso.

— Pensas realmente que vamos ter de lutar?

— E interessa o que eu penso? A senhora acha que sim e ela sabe disso melhor que eu.

Tendo sido repelida de novo, Cassandra recolheu-se nos seus próprios pensamentos. O tempo estava frio e ventoso; puxou a sua capa grossa sobre os ombros e pensou em lutar. Desde que vivia com as Amazonas, tinha sido mandada praticar o tiro com o arco todos os dias, e adquirira uma certa perícia com a lança e até mesmo com a espada. O seu irmão mais velho, Heitor, fora treinado para ser um guerreiro desde que tivera idade suficiente

para agarrar uma espada com a mão; a sua primeira armadura havia sido feita de propósito quando tinha sete anos. A sua mãe também fora uma virgem guerreira; no entanto, em Tróia, nunca tinha ocorrido a ninguém que Cassandra ou a sua irmã, Políxena, devessem aprender o que quer que fosse relacionado com armas ou guerra. E apesar de ter sido, como todos os filhos de Príamo, embalada ao som de histórias de heróis e glória, às vezes parecia-lhe que a guerra era algo de vil e que passava muito melhor sem ela. Mas se a guerra era uma coisa muito horrível para as mulheres, porque seria, então, boa para os homens? E se era uma coisa boa e honrosa para os homens, porque seria errado para as mulheres partilharem da honra e da glória?

A única resposta a que conseguiu apelar perante a sua perplexidade foi o comentário de Hécuba: *"Não é costume. " "Maspor que? "* tinha ela perguntado, e a única resposta da sua mãe tinha sido: *"Não há qualquer razão para os costumes, eles são assim, simplesmente. "* Não acreditava nisso agora, como não tinha acreditado então.

Retirando-se para dentro de si, deu por que buscava no interior de si o seu irmão

gêmeo.

Tróia e as encostas ensolaradas do monte Ida pareciam-lhe muito distantes. Pensou no dia em que ele havia perseguido e apanhado a jovem Enone e as estranhas sensações apaixonadas que tinham provocado nela enquanto faziam amor. Pensou onde se encontraria ele agora e o que estaria a fazer.

Mas à exceção de um breve e inócuo relance dos carneiros e das cabras pastando nas encostas do monte Ida, não havia nada para ver. Habitualmente, pensou ela, são os homens que viajam e as mulheres que ficam em casa; mas aqui estou eu bem longe de casa e o meu irmão ficou nas encostas da montanha sagrada. Bem, porque não havia de ser assim uma vez

na vida?

Talvez devesse ser ela então a heroína, em vez de Heitor ou Páris?

Mas nada se passou; os carros rodavam lentamente e as Amazonas seguiam atrás

deles.

Quando o breve sol de inverno se pôs, distorcendo as sombras em formas defeituosas e inconstantes, as Amazonas juntaram os cavalos num círculo apertado em torno das carroças, para acampar. Pentesileia deu voz àquilo que andara no espírito de todas.

— Com a caravana assim guardada, talvez eles não cheguem a atacar; talvez acabemos simplesmente por fazer uma viagem longa e cansativa inutilmente.

— E isso não seria o melhor que podia acontecer? Que eles nunca atacassem e a caravana chegasse em paz ao fim da viagem? — perguntou uma das mulheres. — Assim resolvia-se o problema sem guerra...

— Não ficava absolutamente nada resolvido; nós saberíamos que eles ainda se mantinham emboscados e que, no momento em que a guarda fosse retirada, cairiam novamente sobre as caravanas; possivelmente perderíamos aqui todo o inverno — disse outra. — Quero ver estes piratas liquidados de uma vez por todas!

— Imandra quer que eles fiquem bem cientes de que não devem atacar as caravanas de Cálcis — disse uma das mulheres com ferocidade. — É bom que lhes ensinemos essa lição.

Fizeram um guisado com carne seca nas fogueiras e dormiram em círculo à volta das carroças; muitas das mulheres, notou Cassandra, convidaram os homens das carroças para os seus cobertores. Ela sentia-se só, mas nunca lhe ocorreu fazer o mesmo. Pouco e pouco ouviu o acampamento quedar-se em silêncio até não haver outro som senão o do vento eterno das planícies; todos dormiam.

Parecia que os dias se repetiam, sempre iguais, sem cessar; arrastavam-se como uma lagarta numa folha, movendo-se ao ritmo das pesadas carroças e Cassandra, olhando a vasta planície que ficava para trás, pensou que, ao fim

de todo aquele tempo, não parecia que estivessem mais longe da Cálcis dos portões de ferro e do porto cheio de navios, do que a distância que teriam percorrido numa boa cavalgada de um dia com um cavalo bom e rápido.

Tinha perdido a conta aos dias entediantes que se arrastavam e que não forneciam emoções mais fortes do que a queda de um fardo de cima de uma carroça, forçando a fila inteira a parar enquanto o fardo era recolhido e laboriosamente içado de novo.

No décimo-primeiro ou décimo-segundo dia (tinha perdido a conta por não ter qualquer referência para a passagem do tempo) Cassandra observava um dos fardos escorregar lentamente para trás sob a lona que cobria a carga. Sabia que devia conduzir o cavalo até a frente e avisar o chefe da caravana ou, pelo menos, o condutor da carroça para que o fardo fosse mais bem amarrado; mas se ele caísse, pelo menos haveria uma quebra na monotonia. Contou os passos até o fardo se desequilibrar e cair aos trambolhões.

— Guerra! — resmungou ela para *Star*. — Isto nem chega a ser uma aventura, guardar as caravanas; será que vamos fazer o caminho todo até ao país dos Hititas? E o país dos Hititas é mais interessante que isto?

— Quem sabe? — *Star* encolheu os ombros. — Sinto que fomos enganadas; prometeram-nos uma batalha e boa paga. E até aqui não tem havido mais nada senão esta cavalgada enfadonha. — Encolheu de novo os ombros. — Pelo menos no país dos Hititas terá alguma coisa para ver. Ouvi dizer que lá nunca chove; as casas são todas feitas com tijolos de lama, por isso se alguma vez chovesse realmente, as casas, os templos, os palácios, tudo iria por água abaixo e o seu império inteiro se desmoronaria. Mas aqui há tão pouca coisa em que pensar que me sinto quase tentada a convidar aquele tratador de cavalos bonito para a minha cama.

— Não te atreverias!

— Não? Por que não? E que teria eu a perder? Só que é proibido para as guerreiras — disse *Star* — e se tivesse uma criança passaria os próximos quatro anos a amamentar o fedelho e a lavar fraldas em vez de lutar e conquistar o meu lugar como guerreira.

Cassandra sentiu-se um pouco chocada; *Star* falava com tanta facilidade daquelas

coisas.

— Não o viste a olhar para mim? — insistiu *Star*. — Ele é bonito e tem uns ombros fortes. Ou será que vais ser uma dessas virgens que fazem votos de se manterem castas como a Virgem Caçadora?

Cassandra não tinha pensado nisso seriamente. Tinha partido do princípio de que ficaria pelo menos alguns anos com as guerreiras Amazonas para quem a castidade era um dado adquirido.

— Mas por toda a vida, Cassandra? Viver sozinha? Isso está muito bem para uma Deusa que pode ter os homens que quiser — disse *Star* — mas mesmo a Virgem, dizem, olha de vez em quando lá dos Céus cá para baixo e escolhe um jovem bonito para partilhar a sua cama.

— Não acredito nisso — disse Cassandra. — Acho que os homens gostam de contar essas histórias porque não lhes agrada pensar que uma mulher lhes consegue resistir; não querem pensar que mesmo uma Deusa pode escolher permanecer casta.

— Bem, eu acho que eles têm razão — disse *Star*. — Deitar-se com um homem é o que qualquer mulher deseja; só que entre nós não somos forçadas a ficar seja com que homem for, nem a tratar da sua casa ou satisfazer os seus desejos; mas sem os homens também não teríamos filhos. Estou desejosa de escolher o meu primeiro; e apesar de toda a tua conversa tenho a certeza de que não és diferente de todas nós.

Cassandra lembrou-se do pastor rude que tentara violá-la e sentiu-se enjoada. Pelo menos aqui, entre as Amazonas, ninguém insistiria para que ela se entregasse a um homem a não ser que ela assim o escolhesse; e ela não conseguia imaginar por que razão qualquer mulher escolheria tal coisa.

— É diferente para ti, Cassandra — disse *Star*. — Tu és uma princesa de Tróia e o teu pai te arranjará casamento com qualquer homem que

desejares; um rei ou um príncipe ou um herói. Não existe nada de semelhante no meu futuro.

— Mas se queres um homem — perguntou Cassandra — por que cavalgas com as Amazonas?

— Não me foi dado escolher — replicou *Star*. — Não sou uma amazona porque o tenha desejado, mas porque a minha mãe e a sua mãe antes dela escolheram este tipo de vida.

— Não consigo imaginar vida melhor que esta — disse Cassandra.

— Então é porque tens falta de imaginação — disse *Star* — pois praticamente qualquer outra vida que eu possa imaginar seria melhor que esta; prefiro ser uma guerreira a ser uma mulher de aldeia com as pernas partidas, mas preferia viver numa cidade como Cálcis e escolher um marido do que ser guerreira.

Isto não soou a Cassandra como sendo o tipo de vida que desejaria para si e não conseguiu pensar em mais nada para dizer. Retomou a observação das alterações nos fardos nas pesadas carroças e seguia já meio adormecida na sela quando um grande grito a sobressaltou e o condutor da carroça aterrou de cabeça no caminho com a garganta atravessada por uma seta.

Pentesileia gritou às suas mulheres e Cassandra puxou rapidamente a corda do arco para o peito, ajustou uma flecha e atirou-a o mais próximo possível dos homens esfarrapados que tinham invadido repentinamente a planície e que pareciam ter brotado da areia como dentes-de-dragão. A seta voou direta ao seu alvo. O homem que tinha surgido ao lado do condutor caiu aos gritos ao mesmo tempo em que os pesados fardos tombavam sonoramente no caminho pedregoso esmagando um dos atacantes que tentava içar-se para cima da carroça. Homem e metal rolaram juntos pela encosta abaixo e uma das guerreiras saltou do cavalo lançando-se atrás dele, golpeando-o rapidamente com a lança.

Um dos homens, na corrida, agarrou as correias da sela de Cassandra e puxou-lhe pela perna; ela deu-lhe um pontapé, mas ele arrastou-a para o chão e ela lutou para conseguir sacar a faca.

Golpeou-o de baixo para cima e ele caiu sobre ela com sangue a jorrar-lhe pela boca; outro golpe, desta vez com a lança, e o homem tombou sem vida sobre o corpo dela. Esforçou-se por se libertar do seu peso. Viu então uma lança apontada à sua garganta; levantou a faca para desviar o golpe e sentiu uma dor dilacerante na face.

A mão de um homem prendia-lhe o cotovelo; lançou o cotovelo contra a boca dele e sentiu sangue e dentes aspergindo-lhe o rosto. Por cima do ombro conseguiu ver muitos homens puxando os fardos de metal, lançando-os na estrada; ouvia em algum lugar os gritos de Star e o vôo sibilante das setas. O estridente grito de guerra das Amazonas chegava-lhe de todos os lados. Cassandra golpeou com a lança e o homem que a atacava caiu morto; puxou pela arma libertando-a e viu que estava coberta de sangue e entranhas. Com rapidez sacou novamente o arco e começou a atirar sobre os invasores, mas a cada seta que voava, temia que a atingida fosse uma das suas companheiras.

De repente tudo estava terminado; Pentesileia correu em direção à carroça fazendo sinal às suas mulheres para que a seguissem de perto. Cassandra apressou-se a agarrar o seu cavalo que, para espanto seu, tinha saído incólume da espessa nuvem de setas. O condutor da carroça estava morto, caído de costas na estrada. *Star* jazia meio esmagada por baixo do seu cavalo caído; o animal tinha sido morto por meia dúzia de setas dos intrusos. Chocada, Cassandra correu a tentar tirar o cavalo de cima do corpo da sua amiga. *Star* jazia imóvel, a túnica rasgada, a parte de trás da cabeça esmagada numa papa avermelhada, olhando fixamente em frente.

"Ela queria uma batalha", pensou Cassandra. *"Bem, teve a sua batalha. "* Curvou-se sobre a amiga e fechou-lhe os olhos suavemente. Só então percebeu que também ela estava gravemente ferida; tinha a face aberta, o sangue pingando da pele e da carne rasgadas.

Pentesileia aproximou-se dela e debruçou-se sobre o corpo de *Star.*

— Era muito nova para morrer — disse a rainha amazona docemente. — Mas bateu-se com bravura.

“Isso agora não servia de grande coisa a Star ”, pensou Cassandra. A rainha amazona olhou-a diretamente no rosto e disse:

— Mas tu também estás ferida, filha. Vem cá, deixa-me tratar-te da ferida. Cassandra disse sombriamente:

— Não tem importância; não me dói.

— Mas vai doer — disselhe a sua parente e levou-a para uma das carroças onde

Elaria lhe lavou com vinho a face rasgada, fazendo-lhe em seguida um penso com óleo doce.

— És agora uma verdadeira guerreira — disse Elaria e Cassandra lembrou-se de que lhe tinham dito o mesmo na noite em que matara o homem que a tentara violar. Mas supôs que uma verdadeira batalha a tornava, mais ainda, numa guerreira a sério. Exibia a ferida com orgulho; marca da sua primeira batalha.

Pentesileia, com a cara coberta de sangue, curvou-se para observar de perto a ferida depois de limpa e franziu a testa.

— Liga-a cuidadosamente, Elaria, ou ficará uma horrível cicatriz e isso não pode acontecer.

— Que importa? — perguntou Cassandra com cansaço. — A maioria das guerreiras Amazonas têm cicatrizes. — A própria Pentesileia escorria sangue de um golpe aberto no queixo. Cassandra tocou cuidadosamente a face com os dedos. — Quando ficar boa quase que não se dará por ela. Para quê tanto alarido?

— Pareces esquecer-te de que não és uma amazona, Cassandra.

— A minha própria mãe foi uma guerreira — protestou Cassandra. — Compreenderá um honroso ferimento de batalha.

— Ela já não é uma guerreira — disse Pentesileia com ar severo. — Escolheu o que iria ser a muitos anos; viveria com o teu pai, tomaria conta

da sua casa, pariria os seus filhos. Por isso, se o teu pai ficar zangado (e ficará, acredita-me, se te mandarmos de volta com a tua beleza manchada), a tua mãe ficará muito infeliz, e a sua boa vontade tem muito valor para nós. Voltarás para Tróia quando viajarmos para o Sul na primavera.

— Não! — protestou Cassandra. — Só agora começo a ser de alguma utilidade para a tribo e a deixar de ser um fardo. Por que é que hei de voltar à vida de rato doméstico — pronunciou as palavras com desdém — logo agora que demonstrei ter capacidade para me tornar uma guerreira?

— Pensa, Cassandra, e saberás porque tens de partir — replicou Pentesileia. — Estás a tornar-te uma guerreira, o que estaria bem e seria ótimo se fosses passar o resto da tua vida conosco. De bom grado te receberia na nossa tribo como verdadeira guerreira e minha filha enquanto vivesse. Mas não pode ser; mais cedo ou mais tarde terás de voltar à tua vida de Tróia; e se isso tem de acontecer, para teu próprio bem é melhor que seja em breve. Já tens idade suficiente para casar; de fato, é possível que o teu pai já tenha escolhido um marido para ti. Não iria mandar-te de volta mudada a ponto de seres infeliz toda a vida por teres de viver dentro dos muros da cidade.

Cassandra sabia que aquilo era verdade, mas sentia-se como se estivesse a ser punida

por estar a tornar-se uma delas.

— Não fiques tão abatida, Olhos Brilhantes; não te vou mandar embora amanhã — disse a tia, encostando a jovem contra o seu peito e afagando-lhe o cabelo. — Ficarás conosco pelo menos mais uma lua, ou talvez duas, e voltarás conosco para Cálcis. Também não esqueci a promessa que te fiz. A Deusa chamou-te para o Seu serviço; marcou-te com a Sua mão como sacerdotisa nata. De qualquer forma, nunca te poderíamos reclamar como guerreira. Antes que vás para longe de nós, trataremos de te apresentar a Ela.

Cassandra continuava a sentir que fora enganada; trabalhara longa e corajosamente para ser considerada como guerreira amazona, e fora precisamente esse esforço e bravura que lhe haviam roubado esse objetivo tão cobiçado.

O cenário da batalha estava a ser limpo. Os corpos das amazonas - além de *Star,* duas outras mulheres haviam sido trespassadas por flechas e uma esmagada debaixo de um cavalo abatido - estavam a ser retirados para serem queimados. Pentesileia, com suavidade, empurrou Cassandra para baixo quando esta fez menção de se levantar.

— Descansa, estás ferida.

— Descansar? O que estão as outras guerreiras a fazer, feridas ou não? Não poderei eu desempenhar o meu papel de guerreira, pelo menos enquanto ainda estou com vocês?

Pentesileia suspirou.

— Como queiras, então. Tens o direito de ver aqueles que enviaste para o Senhor das Profundezas. — Tocou com ternura a face ferida da jovem. "Deusa, Mãe das Éguas, senhora que moldas as nossas sinas", pensou ela, "por que não me enviaste tu esta verdadeira filha do meu coração para o meu ventre em lugar de a dares a minha irmã, que escolheu entregá-la ao domínio de um homem? Aí ela não conhecerá a felicidade e eu vejo apenas trevas na sua frente; trevas, e a sombra da sina de outrem."

O seu coração sofria por Cassandra como nunca sofrera pelas suas próprias filhas; no entanto, percebeu que a filha de Hécuba teria de carregar o seu próprio destino, do qual ela não poderia aliviá-la, e a Senhora das Trevas marcara a jovem com a Sua mão.

"Mulher nenhuma pode fugir ao seu destino", pensou, *"e é nocivo tentar privar a Mãe Terra do sacrifício por ela esperado. Porém, por amor a ela, preferia mandá-la servir a Mãe Terra, nas profundezas, do que condená-la a servir a Senhora das Trevas aqui, em terras de mortais. "*

DEZ

Cassandra presenciou a entrega das suas companheiras às chamas sem qualquer traço visível de emoção; quando nessa noite montaram o acampamento estendeu a sua manta entre Elaria e Pentesileia, por insistência destas.

A sua mente captou a decisão que havia sido tomada, sem que tivesse sido consultada. Agora que o pior do perigo já passara, elas pareciam ter subitamente se lembrado de que ela era uma princesa de Tróia, e tinha de ser cuidadosamente protegida. Mas ela não era nem mais nem menos princesa do que há dois ou três dias atrás.

Sentia a falta de *Star,* embora não tivessem sido, supunha, verdadeiramente amigas. Porém, Cassandra sentia um horror reprimido perante a idéia de que naquela viagem, noite após noite, estendera o seu cobertor nos caminhos ao lado daquela jovem cujo corpo jazia agora, reduzido a cinzas, depois de ter sido desfigurado e trespassado por flechas.

Um pouco menos de sorte, um adversário algo mais hábil, e o dardo que lhe rasgara a face teria atravessado a sua garganta; seria o seu corpo que estaria naquela pira nessa noite. Sentiu-se vagamente culpada e era muito novata no mundo das guerreiras para saber que cada uma das mulheres deitadas à sua volta se sentia exatamente como ela: culpada e perturbada pelo fato de ser ela que estava viva e que a sua amiga morrera.

Pentesileia tinha falado de a Deusa ter pousado a Sua mão sobre ela como se isso fosse um fato como outro qualquer, e Cassandra deu por si a questionar-se se teria sido poupada porque a Deusa via nela alguma utilidade para si própria.

A ferida na sua face dava-lhe uma comichão violenta e enlouquecedora, mas quando levantou a mão para tentar aliviá-la coçando ou esfregando, uma dor aguda impediu-a de lhe tocar. Ajeitou a capa que enrolara debaixo da cabeça e tentou arranjar uma posição confortável para dormir. Que Deusa a teria escolhido? Pentesileia dissera-lhe uma vez, casualmente, que

todas as Deusas eram a mesma, embora cada aldeia e tribo tivesse o seu próprio nome para Ela. Havia muitos: a Senhora da Lua, cujos ciclos e ritmos diários imprimiam a sua força em todas as fêmeas animais; a Mãe das Éguas, que Pentesileia invocava; a Virgem Caçadora, sob cuja proteção se encontravam todas as virgens e todos aqueles que atiravam com o arco e que era a guardiã das guerreiras; a Mãe das Trevas, do fundo da Terra, Mãe Serpente das Profundezas... *"mas Ela",* pensou Cassandra confusa, à medida que os seus pensamentos se diluíam no sono, *"tinha sido trespassada pelas flechas de Apolo... "*

Como acontecia freqüentemente antes de adormecer, procurou no seu espírito o toque familiar dos pensamentos do seu irmão gêmeo. Ali estava o sopro dos ventos da sua terra e o ar do monte Ida, impregnado do cheiro do tomilho, flutuava através dos seus sentidos; a escuridão da cabana de pastor, onde fisicamente nunca entrara, rodeava-a; perguntou-se o que teria ele pensado da batalha. Na sombra escura, ao lado dele, podia ver, ou pressentir, uma silhueta adormecida que identificou como Enone, a mulher que por tanto tempo estivera no centro das fantasias dela (das fantasias dele). Tinha se acostumado, nos últimos meses, a esta sua curiosa divisão entre si própria e o seu irmão embora não mais estivesse certa de quais sensações eram suas e quais eram de Páris. Estaria ela a dormir e a sonhar? E ele?

O luar iluminou os contornos suaves e brilhantes de uma mulher parada na ombreira da porta da cabana e Cassandra percebeu que aquela era a silhueta da Senhora; uma rainha, majestosa e reluzente. A figura brilhante moveu-se e a luz jorrou do arco de prata em flechas de luar que encheram o pequeno quarto.

A luz da lua parecia atravessar o seu corpo (ou o dele) correndo-lhe nas veias, tecendo uma rede à sua volta, atraindo-a para a silhueta junto à porta. Tinha a impressão de estar de pé, voltada para a Senhora, e de que uma voz falava, vinda de trás do seu ombro esquerdo...

— Páris, haveis mostrado serdes um juiz justo e honesto. — Cassandra viu de novo, por instantes, o touro ao qual Páris atribuíra o prêmio na feira. — Julgai pois, de entre as Deusas, qual a mais bela.

— Na verdade — ela sentiu a resposta de Páris como se saísse da sua própria boca — a Senhora é muitíssimo bela sob qualquer das suas formas...

Um riso alegre ecoou junto do seu ombro.

— E conseguis adorá-la em todas as Deusas de forma exatamente igual, sem terdes preferência por uma acima das outras? Até o Pai dos Céus vacila perante tal equilíbrio!

Algo macio, frio e muito pesado foi colocado entre as mãos de Páris e uma luz dourada projetou-se, brilhando sobre o seu rosto.

— Tomai esta maçã e oferecei-a à Deusa mais bela.

A silhueta junto à porta moveu-se ligeiramente; a lua cheia coroava-a com um halo resplandecente e as suas vestes brilhavam como mármore polido. A rainha do Pai dos Céus ali estava parada; Hera, altiva e majestosa, enraizada na terra, mas reinando acima dela.

— Serve-me, Páris, e serás poderoso. Reinarás sobre todos os territórios conhecidos e a riqueza do mundo será tua.

Cassandra sentiu Páris curvar a cabeça.

— És na verdade bela, Senhora, rainha Todo-Poderosa. — Mas a maçã continuava pesadamente pousada na sua mão.

Ela ergueu cautelosamente os olhos, receando a ira da Deusa, mas a lua parecia agora brilhar através de uma neblina dourada, cintilando no elmo e no escudo que a Deusa ostentava. A luz dourada irradiava também Dela e mesmo a coruja pousada no seu ombro direito brilhava com gloriosos reflexos.

— Terás muita sabedoria, Páris — disse Atena. — Sabes já que não podes dominar o mundo sem que primeiro te domines a ti próprio. Dar-te-ei o conhecimento de ti mesmo e sobre ele construirei todo o restante conhecimento. Possuirás sabedoria para viver bem e alcançar a vitória em todas as batalhas.

— Agradeço-te, Senhora, mas eu sou um pastor, não um guerreiro. E não há guerra nestas paragens; quem ousaria desafiar o império do rei Príamo?

Cassandra pensou ter visto um esgar de desdém no rosto da Senhora, mas depois Ela moveu-se, aproximando-se tanto que Cassandra teve a sensação de que se estendesse a mão A poderia tocar. O elmo e o escudo tinham desaparecido, bem como as suas vestes claras, e a luz irradiava do Seu corpo perfeito. Páris levantou as mãos, apertando ainda a maçã, para proteger os olhos.

— Esplendorosa Senhora... — murmurou ele.

— Há outras batalhas que um pastor pode ganhar facilmente; e será que pode haver vitória sem amor e uma dama com quem a partilhar? Sois belo Páris e muito agradável aos sentidos. — A Sua respiração afagou-lhe a face e ele sentiu-se tonto, como se a montanha inteira rodopiasse à sua volta. O ar em torno de si estava quente; ele brilhava, reluzente, banhado pelo fulgor dourado da Senhora. A voz Dela continuou, suave e sedutora, puxando-o para Si. — Sois um homem que qualquer mulher desposaria com orgulho, mesmo uma mulher como Helena de Esparta, a mais bela mulher do mundo.

— Certamente que nenhuma mortal se pode comparar contigo, Senhora.

Páris olhou Afrodite nos olhos e Cassandra teve a estranha sensação de que ela e ele se afundavam juntos, arrastados pela enxurrada de luz que brotava dos olhos da rainha do Amor.

— Mas Helena não é inteiramente mortal; ela é filha de Zeus, e a sua mãe era suficientemente bela para tentá-lo. Ela é quase tão bela como eu e é também dona de Esparta. Todos os homens a desejam; todos os reis entre os Argivos pediram a sua mão. Ela escolheu Menelau, mas asseguro-te que bastaria olhar-te uma só vez para esquecer essa escolha. Porque tu és belo, e a beleza atrai o que é belo.

Cassandra pensou em Enone, dormindo encantada ao lado de Páris. *"Que quererá ele de uma mulher bela? Já tem uma"* — mas Páris parecia ignorar a sua presença. A maçã parecia leve como uma pena na sua mão quando a

entregou à Deusa Afrodite, e o brilho dourado ganhou intensidade, como se fosse consumi-lo...

A luz do sol brilhava nos seus olhos, entrando pela porta da tenda que Elaria acabara de abrir.

— Como te sentes esta manhã, Olhos Brilhantes?

Cassandra esticou-se com cuidado franzindo os olhos sob a luz; simples luz do sol, afinal, e não as flechas brilhantes de luar da Deusa. Teria sido uma visão ou apenas um sonho? E teria sido ela a sonhá-lo ou o seu irmão? Três Deusas, mas nenhuma delas era a Virgem Caçadora. Por que?

"Talvez Páris não se interesse por virgens", pensou ela irreverentemente. Mas também não houvera sinal algum da Mãe Terra, ou seria que a Mãe Terra e Hera eram a mesma? Não, pois a Mãe Terra é Deusa por direito próprio; não é mulher de ninguém nem mesmo de um Deus, e aquelas Deusas eram todas definidas como esposas ou filhas do Pai dos Céus. Seriam aquelas, então, as mesmas que as Deusas de Tróia?

Não, não podiam ser; porque aceitaria uma Deusa ser julgada por qualquer homem, ou mesmo por qualquer Deus?

"Nenhuma destas Deusas é a Deusa tal como A conheço: a Virgem, a Mãe Terra, a Mãe Serpente; nem mesmo a Mãe das Éguas de Pentesileia. Talvez que nas terras onde reinam os Deuses dos Céus só possam ser vistas aquelas Deusas que são entendidas enquanto servidoras do Deus? " Isto a deixou mais confusa que nunca.

"Não pode ter sido um sonho meu, pois se eu tivesse sonhado com Deusas teria sonhado com aquelas que venero e honro. Já ouvi falar destas Deusas; a mãe falou-me de Atena e das suas dádivas da azeitona e da vinha; mas não são as minhas Deusas, nem as das Amazonas. "

— Cassandra? Ainda estás a dormir? — perguntou Elaria. — Temos de regressar a Cálcis e Pentesileia tem estado a perguntar por ti.

— Vou já — disse Cassandra, enfiando os calções. À medida que se mexia, a tensão provocada pelo sonho, ou visão, parecia desvanecer-se, de modo que no seu espírito restava apenas a curiosa memória das Deusas estrangeiras. *"A visão é do meu irmão, não minha. "*

— Diz à minha tia que eu vou já — disse Cassandra. — Deixa-me só escovar o

cabelo.

— Deixa-me ajudar-te — disse Elaria, e ajoelhou-se ao lado dela. — Dói-te a cabeça? A ligadura caiu-te da cara. Ah, bom; não há sinal de cicatriz; está a sarar sem marcas. A Deusa foi benevolente para contigo.

Cassandra perguntou, de si para si, *"Qual Deusa? ",* mas não fez a pergunta em voz alta. Em poucos minutos estava sobre a sela, e quando se voltaram em direção de Cálcis para a longa cavalgada, Cassandra viu diante de si, sob o sol brilhante, os rostos e as formas de todas as Deusas do Mundo. "*Mas o que quereriam estas Deusas dos Aqueus do meu irmão ou de mim? Ou de Tróia? "*

ONZE

Cavalgando ao seu ritmo próprio e não mais presas ao lento arrastar das trôpegas carroças carregadas de estanho, Cassandra e as outras que regressavam a Cálcis, deixaram para trás a caravana na sua viagem para as longínquas terras dos Hititas. O rosto de Cassandra estava dolorido, e o sacolejar do cavalo fazia-a sentir-se ainda pior. Perguntava-se qual a sorte do resto das guerreiras na sua viagem, e quase desejou poder seguir com elas para essa terra desconhecida, nem que fosse só para estar a seu lado na batalha ou na morte. *"Mas",* pensou, *"não devo queixar-me; já viajei para mais longe de casa do que qualquer outra mulher de Tróia algum dia viajou, mais longe que qualquer dos meus irmãos, ou mesmo que o próprio Príamo. "*

Pentesileia não parecia preocupada com possíveis ataques enquanto percorriam, agora em sentido inverso, o caminho para a cidade; talvez as Amazonas, sem o metal que escoltavam, não justificassem um ataque. *"E quem",* pensou Cassandra, *"escoltaria a caravana seguinte quando tantas Amazonas se encontravam a proteger aquela?"* Mas sabia que isso não era da sua conta.

Agora que pensava nisso, estava ansiosa por ver mais da cidade de Cálcis; o oráculo de Pentesileia tinha-lhe ordenado que ficasse durante algum tempo. Tudo o que ela poderia esperar depois disto era o regresso a Tróia. Percebia agora o que a sua parente quisera dizer ao afirmar que ela deveria regressar antes de ficar completamente incapaz de levar a vida normal de uma mulher de Tróia. Mas, pensou Cassandra, é já tarde de mais para isso. *"Enlouquecerei, presa dentro das paredes de uma casa para o resto da minha vida. "*

Então recordou a visão que tivera das Deusas e do seu irmão. Com esse dom, ela teria sempre uma forma de ultrapassar as suas limitações imediatas e era, portanto, mais afortunada que muitas outras mulheres.

Mas conseguiria isso substituir a verdadeira mudança? Ou seria apenas uma ironia, a sua mente poder escapar-se à prisão das paredes quando o seu

corpo não podia fazê-lo?

Sentiu que gostaria de ter uma longa conversa sobre isto com a sua mãe, que vivera os dois tipos de vida e poderia compreendê-la. Mas estaria a sua mãe disposta a falar abertamente sobre isso, tendo ela própria feito uma escolha irrevogável? O que ganhara a sua mãe em troca de tudo quanto abdicara? Faria ela hoje a mesma escolha?

No entanto, Cassandra sabia que nunca lhe seria dada essa oportunidade. Para Hécuba era importante ser olhada como poderosa e para tal nunca admitiria perante Cassandra, ou quem quer que fosse, ter feito uma escolha que não fosse absolutamente perfeita.

Com quem mais poderia falar? Existiria alguém a quem confiar a sua confusão e angústia? Não conseguia lembrar-se de ninguém. Não era provável que Pentesileia estivesse disposta a uma discussão como aquela; Cassandra tinha a certeza de que a sua parente a amava, mas ela via em Cassandra uma criança e não uma igual com quem pudesse falar à vontade.

Embora viajassem à maior velocidade permitida pelos cavalos, a viagem para Cálcis parecia interminável. Apesar de ao fim do primeiro dia terem começado a avistar as altas muralhas da cidade dos portões do ferro, ainda havia um longo caminho a percorrer: dias e dias sobre a sela desde o romper da aurora, apenas com uma pausa a meio do dia para os habituais queijo ou coalho de leite. Pelo menos era melhor que a fome nas pastagens do sul. Punha-se já o sol do terceiro ou quarto dia, quando finalmente as cavaleiras exaustas passaram sob os enormes portões e torres. Soltaram vivas a que Cassandra se juntou, mas abrir a boca para gritar fazia-lhe doer o corte ainda ligado que tinha no rosto. Estava a ficar frio e ameaçava chover.

Já dentro da proteção dos muros, uma mensageira do palácio aproximou-se e falou com Pentesileia, depois do que esta fez sinal a Cassandra.

— Tu e eu somos chamadas ao palácio, Cassandra; as restantes que se juntem às outras no acampamento.

Cassandra perguntou-se o que quereria delas a rainha.

Trotaram devagar pelas ruas empedradas, entregaram os cavalos às portas do palácio e foram conduzidas pelas mulheres da rainha Imandra até a sua majestosa presença.

Ela esperava-as na mesma sala onde as acolhera anteriormente. Uma jovem com cachos de caracóis escuros apanhados junto à base do pescoço encontrava-se a seu lado, recostada sobre um tapete.

— Fizeram um bom trabalho — disse Imandra, acenando-lhes para que se aproximassem; segurando a mão de Pentesileia; fez deslizar para dentro dela uma pulseira formada por folhas esculpidas em ouro e ligadas por pedaços de pedra verde. Cassandra nunca vira nada tão belo. — Não vou demorar-vos — disse a rainha. — Devem estar ansiosas por tomar um banho e jantar depois da vossa longa jornada. No entanto, queria falar um pouco

convosco.

— O prazer é nosso, prima — disse Pentesileia.

— Andrômaca — disse a rainha Imandra, voltando-se para a jovem no tapete a seu lado — esta é a tua prima Cassandra, a filha de Hécuba de Tróia. É irmã de Heitor, o teu prometido esposo.

A jovem dos cabelos escuros sentou-se, lançando os seus longos caracóis para um

lado.

— És irmã de Heitor? — perguntou ela avidamente. — Fala-me dele. Como é que ele é?

— É um mandão — disse Cassandra prontamente. — Tens de ser muito firme com ele ou ele te tratará como um capacho e te passará por cima, e tu não serás mais que uma coisinha tímida, dizendo-lhe eternamente que sim a tudo, como a minha mãe faz com o meu pai.

— Mas isso é próprio entre marido e mulher — disse Andrômaca. — Como querias tu que um homem se comportasse?

— É inútil falar com ela, Cassandra — disse a rainha Imandra. — Ela devia ter nascido de uma das vossas mulheres que habitam as cidades. Eu tinha-a destinado a ser uma guerreira, como podes ver pelo nome que lhe dei.

— Não vale a pena dizer isso a Cassandra —disse Pentesileia — ela não fala nenhuma língua senão a sua.

— É horrível — disse Andrômaca. — O meu nome significa *"Aquela que luta como um homem* "; e quem é que quereria tal coisa?

— Eu quero — disse Pentesileia — e luto.

— Não quero ser incorreta contigo, parente — disse Andrômaca — mas não gosto absolutamente nada de lutar. A minha mãe não me perdoa eu não ter nascido uma guerreira nata como ela, para lhe oferecer todo o tipo de feitos guerreiros.

— A desgraçada da menina — disse Imandra — não quer nada com armas! É preguiçosa e acriançada; só o que quer é ficar dentro de casa e vestir roupas bonitas. E já tem a cabeça cheia de homens. Quando eu era da idade dela mal sabia que havia homens no mundo à exceção do meu mestre de armas e mesmo desse só queria que ele tivesse orgulho em mim. Cometi o erro de deixá-la ser educada em casa pelas mulheres; devia tê-la entregue a ti, Pentesileia, mal ela teve idade para montar um cavalo. Que rainha é esta para Cálcis? Não presta para nada senão para se casar; e isso para que serve?

— Oh, mãe! — disse Andrômaca zangada. — Tens de aceitar que eu não sou como tu. Quem te ouvir, pensará que não há nada na vida a não ser guerras e armas e o governo da tua

cidade, e fora isso, para lá das fronteiras do teu mundo, comércio e navios.

Imandra sorriu e disse:

— Nunca encontrei nada melhor. Tu encontraste?

— Então e o amor? — perguntou Andrômaca. — Tenho ouvido as conversas das mulheres; verdadeiras mulheres e não mulheres que fingem ser guerreiras...

Imandra cortou-lhe a palavra, debruçando-se sobre ela e dando-lhe uma bofetada na

cara.

— Como te atreves a dizer *"fingem "* ser guerreiras? Eu sou uma guerreira e não sou menos mulher por isso!

O sorriso de Andrômaca era malicioso, apesar de ter levado a mão à face avermelhada.

— Os homens dizem que as mulheres que se dedicam às armas fingem ser guerreiras porque não são capazes de tecer e fazer tapeçarias e gerar crianças...

— Eu não te encontrei debaixo de uma oliveira — interrompeu Imandra.

— E onde está o meu pai para confirmá-lo? — perguntou a jovem, descaradamente.

Imandra sorriu.

— E que diz a nossa convidada? Cassandra, tu que já viveste das duas maneiras...

— Pelas vestes da Deusa — disse Cassandra — prefiro ser guerreira a esposa!

— Isto me parece uma tolice — disse Andrômaca — pois não trouxe felicidade à minha mãe.

— Porém eu não trocava a minha vida pela de mulher nenhuma desta costa, casada ou não casada — disse Imandra — e não sei o que queres dizer com

felicidade. Quem te meteu essas idéias sentimentais na cabeça?

Pentesileia, falando pela primeira vez, disse:

— Deixa-a em paz, Imandra; visto já teres decidido que ela vai casar, é bom que ela se sinta satisfeita com essa situação. Uma jovem desta idade não sabe o que quer, nem por que; isso é assim tanto entre as nossas jovens como entre as tuas.

Cassandra baixou o olhar para a jovem de pele macia e rosto rosado, junto de si.

— Acho-te bastante perfeita tal como és; não consigo imaginar-te de outra maneira.

Andrômaca ergueu a mão na direção da face ligada de Cassandra.

— Que te aconteceu, prima?

— Nada que valha a pena mencionar — disse Cassandra. — Não passa de um arranhão. — E de fato, sob os olhos meigos de Andrômaca, ela sentia que aquilo era realmente insignificante, um acidente trivial que teria vergonha de mencionar.

Imandra inclinou-se para a frente, e quando o fez, Cassandra viu a pequena cabeça

quadrangular deslizar para fora do seu corpete. Esticou a mão.

— Posso? — perguntou, em tom suplicante, e a cobra deslizou para a frente para se enrolar no seu pulso.

Imandra guiou a cobra até a mão de Cassandra.

— Será que ela te vai reconhecer?

Andrômaca olhou de sobrolho franzido.

— Bem! Como consegues tocar nessas coisas? Tenho-lhes um asco tão grande!

Cassandra chegou a cobra ao rosto numa carícia.

— Mas isso é uma tolice! — disse ela. — Ela não morde e se mordesse não me fazia grande mal.

— Não tem nada a ver com o medo de ser mordida — disse Andrômaca. — Não está certo, não é normal não ter medo de cobras. Mesmo um macaco que tenha passado toda a sua vida numa jaula e nunca tenha visto uma cobra viva, desata aos guinchos e a tremer mal se atira um pedaço de corda para dentro da jaula, pensando tratar-se de uma cobra. E eu acho que os homens, por natureza, também devem ter medo de cobras.

— Bom, então talvez eu não seja normal — disse Cassandra com brusquidão.

Chegou a cabeça junto da cobra, falando-lhe em murmúrios. Imandra disse suavemente:

— Não é para qualquer pessoa, Cassandra. É só para aqueles que, como tu, nascem ligados aos Deuses.

— Não entendo — disse Cassandra, sentindo-se amuada e apetecendo-lhe contrariar tudo quanto lhe diziam. Fazendo festas à cobra, disse: — Uma noite destas sonhei (ou talvez tivesse sido qualquer espécie de visão) com as Deusas. Mas a Mãe Serpente não era uma delas.

— Sonhaste? Conta-me como foi — disse Imandra, mas Cassandra hesitou.

Em parte, sentia que o fato de contar o sonho poderia diluir a sua magia; aquilo tinha sido enviado como um segredo sagrado e não se destinava a mais ninguém. Lançou um olhar implorante a Pentesileia, pois também não queria ofender a rainha que tinha sido tão boa para elas.

— Aconselho-te a que lhe contes, Cassandra — disse a rainha amazona. — Ela própria é uma sacerdotisa da Mãe Terra e talvez te possa dizer qual o

seu significado para o teu destino.

Assim encorajada, Cassandra começou o seu relato, detalhando cada momento da sua visão e terminando a falar da sua confusão pelo fato de nem a Virgem, nem a Mãe Terra, nem

a Mãe Serpente, terem aparecido entre as Deusas.

Imandra ouviu atentamente, mesmo quando Cassandra, momentaneamente dominada pela memória, deixou a voz reduzir-se a um murmúrio.

Quando ela terminou, Imandra perguntou-lhe calmamente:

— Foi este o teu primeiro encontro com um dos Imortais?

— Não, senhora; vi a Mãe Deusa de Tróia falar pela boca da minha mãe, embora eu devesse ser muito pequena, na altura. E uma vez — engoliu, baixando a cabeça e tentando controlar a voz, sabendo que se não o fizesse rebentaria em pranto sem saber por que — uma vez... no Seu próprio templo... Apolo, Senhor do Sol, falou-me claramente.

Sentiu os dedos meigos de Imandra pousarem nos seus cabelos.

— É, de fato, como eu pensei quando falei contigo pela primeira vez; foste chamada para sacerdotisa. Sabes o que isso significa?

Cassandra abanou a cabeça e tentou adivinhar.

— Que tenho de viver no templo e cuidar dos oráculos e ritos?

— Não, não é assim tão simples, filha — disselhe Imandra. — Significa que de hoje mesmo em diante deves ficar entre os homens e os Imortais, para explicar uns aos outros... Não é uma vida que eu escolhesse para a minha própria filha.

— Mas por que fui eu escolhida?

— Só Aqueles que te chamaram sabem a resposta, pequenina — disse Imandra, e a sua voz era muito meiga. — Eles pousam a Sua mão sobre

alguns de nós de uma forma inconfundível. Eles não nos explicam as Suas ações. Mas se tentarmos escapar à Sua vontade, Eles têm formas de nos forçar a servi-Los, nunca o esqueças... Ninguém procura ser escolhido; são os Deuses que nos escolhem, não nós que procuramos pôr-nos ao Seu serviço.

"E no entanto", pensou Cassandra, *"acho que eu teria buscado este serviço. Pelo menos não parto para ele contra a vontade. "*

A cobra parecia ter adormecido num enorme emaranhado no seu braço; Imandra inclinou-se para a frente e agarrou-a ainda a dormir, deixando-a deslizar, como se derretesse, pela frente do seu vestido.

— Quando brilhar a próxima lua cheia, irás procurá-La — disse ela.

E Cassandra sentiu um augúrio na forma como ela falou.

DOZE

— Sei tão pouco do que é ser sacerdotisa — disse Cassandra. — Que tenho de fazer?

— Se a Deusa te chamou, Ela te indicará — disse Pentesileia — e se não chamou, pouco importa o que fazes ou não fazes; será exatamente o mesmo. — Passou a mão pela cabeça de Cassandra e disse: — Tens de arranjar uma cobra e um pote para a guardares.

— Preferia guardá-la dentro do vestido, como faz a rainha.

— Isso está tudo muito bem — disse Pentesileia — mas qualquer animal tem de ter um lugar que seja só seu, onde se possa refugiar.

Cassandra entendia aquilo muito bem. E assim foi ao mercado com a sua parente procurar um pote para a cobra; amanhã, disse para consigo, iria ao campo em busca de uma cobra para si. Não lhe parecia apropriado comprar uma no mercado em troca de dinheiro, embora supusesse que podia falar com as pessoas que criavam cobras para o templo. Talvez Imandra se convencesse a dizer-lhe o que ela devia saber.

Correu os vendedores de potes do mercado e encontrou finalmente um recipiente pintado de um azul-esverdeado e decorado com criaturas marinhas; num dos lados via-se uma sacerdotisa oferecendo uma serpente a uma Deusa que não Lhe era familiar. Pareceu a Cassandra que aquele era o pote ideal para guardar a sua cobra e comprou-o imediatamente com o dinheiro que Pentesileia lhe tinha dado. Havia muitos potes decorados exatamente como aquele, e Cassandra perguntou-se se seriam todos utilizados para o mesmo fim.

Naquela noite, enquanto o sol se punha, ela e Andrômaca ficaram no telhado do palácio, olhando para a escuridão da cidade enquanto, uma a uma, as luzes se acendiam lá em baixo.

— Não podes apresentar-te à Deusa com esses calções de couro à amazona — disse Andrômaca. — Eu empresto-te uma túnica.

Cassandra fez uma careta.

— A Deusa é alguma tola? Eu sou o que sou; achas que A iludo pelo fato de mudar de vestimenta?

— Tens razão, claro — disse Andrômaca, apaziguadora — isso não teria qualquer importância para a Deusa. Mas outros devotos podem ver e ficar escandalizados, não compreender.

— Isso é outra questão — concordou Cassandra — e eu entendo o que queres dizer; vestirei uma túnica, se quiseres fazer o favor de me emprestar uma.

— Com certeza, minha irmã — disse Andrômaca, e depois hesitou, dizendo quase defensivamente: — Serás minha irmã se eu casar com o teu irmão e, quando eu for para Tróia, terei uma amiga na vossa estranha cidade.

— Claro! — Cassandra passou o braço em volta da jovem e assim ficaram, juntas, na escuridão. — Mas Tróia não é mais estranha que a tua cidade.

— Para mim é mais estranha, em todo o caso — disse a jovem. — Estou acostumada a uma cidade onde é uma rainha quem governa. É verdade que a tua mãe, Hécuba, não governa a cidade?

Cassandra soltou uma curta gargalhada, quando pensou em Hécuba dando ordens ao seu severo pai.

— Não, não governa. E a tua mãe, ela não tem nenhum marido?

— Que faria ela com um marido? Por duas ou três vezes, desde que o meu pai morreu, ela tomou um consorte por uma estação e mandou-o embora quando se cansou dele. É isto que uma rainha deve fazer quando sente desejo de um homem; pelo menos na nossa cidade.

— Apesar disso tu desejas casar com o meu irmão e sujeitar-te a ele tal como as nossas mulheres se sujeitam aos seus homens?

— Acho que vou gostar disso — disse Andrômaca com uma risadinha, e em seguida gritou: — Oh! Olha!

Um traço de luz brilhante rasgou o céu e desapareceu. Logo a seguir surgiu outro, e outro, tão brilhantes que, por momentos, parecia que a própria terra rodopiava e, simultaneamente, o céu se movia. Estrelas e mais estrelas, uma após outra, pareciam soltar as suas amarras e cair, ante o olhar das duas jovens. Cassandra murmurou: — *"... que aí permaneçam até que caiam as estrelas da primavera ".*

Na escuridão, uma sombra destacou-se, desdobrou-se em duas e a rainha Imandra e Pentesileia surgiram no telhado.

— Ah, pensei que eram capazes de estar aqui, meninas. É como Ela nos disse — lembrou Pentesileia, erguendo o olhar para o firmamento bruxuleante, onde uma estrela após outra parecia desprender-se do céu e tombar, tremeluzente; uma chuva de estrelas cadentes.

— Mas como é possível as estrelas caírem? Irão todas cair do céu? — perguntou Andrômaca. — E o que acontecerá quando todas tiverem desaparecido?

Pentesileia disfarçou o riso e disse:

— Não tenhas medo, criança. Tenho assistido a chuvas de estrelas todos os anos, e há muitos anos; ainda ficam sempre imensas no céu.

— Além disso — acrescentou Imandra — não vejo em que é que nos afetaria aqui na terra, se elas caíssem todas; exceto o fato de eu ficar com pena de não ter a sua luz.

— Uma vez — disse Pentesileia — quando eu era muito nova, estava com a minha mãe e a sua tribo; cavalgávamos numas planícies muito para norte daqui, entre as montanhas de ferro, e uma estrela caiu próximo de nós, com grande estrépito e soltando sons e luzes incandescentes. Procuramos toda a noite, rodeadas pelo cheiro do ar queimado e; por fim, encontramos uma enorme pedra negra, ainda vermelha e em brasa; é por isso que muitos crêem que as estrelas são fogo liquefeito que se transforma em rocha

quando arrefece. A minha mãe deixou-me esta espada, que eu vi forjar com metal de céu.

— O ferro do céu é melhor que o ferro tirado da terra — confirmou Imandra — talvez por não estar debaixo da maldição da Mãe; não foi arrancado à terra, é uma dádiva dos Deuses.

— Quem me dera encontrar uma estrela caída... — murmurou Andrômaca — são tão bonitas!

Estava ainda rodeada pelo braço de Cassandra e havia um desejo tão grande na sua voz que Cassandra murmurou:

— Quem me dera encontrar uma e oferecer-te como um presente digno de ti, irmãzinha.

Pentesileia disse:

— Somos livres de voltar para as nossas planícies e pastagens; não sabemos ainda por que razão a Deusa nos mandou para aqui.

— Fosse qual fosse a razão — disse Imandra — foi uma sorte para mim; talvez a Deusa soubesse que eu precisava de vocês aqui. Quando partirem para o sul, levarão convosco as minhas ofertas. E se algumas das tuas mulheres quiserem ficar e instruir as mulheres da minha escolta, serão bem pagas. — Olhou para cima, onde as estrelas continuavam a tombar e a bailar pelos céus, e murmurou: — Talvez a Deusa as tenha enviado como presságio para a tua viagem até Ela, Cassandra. Não houve nenhum sinal como este para mim, quando busquei os Seus longínquos domínios para oferecer os meus serviços — acrescentou ela, com uma ponta de inveja.

— Aonde tenho de ir? — perguntou Cassandra. — E tenho de viajar sozinha?

Imandra afagou-lhe levemente a mão, no escuro. Disse:

— Esta é uma viagem do espírito, prima; não precisas dar um passo que seja. E embora vás ter muitas companheiras, cada candidata viaja sozinha,

pois a alma está sempre só perante os Deuses.

Os olhos de Cassandra estavam ofuscados pelas estrelas cadentes e, no estranho ambiente daquela noite, as palavras de Imandra pareciam ter um significado profundo, mais forte do que o contido nas próprias palavras.

— Conta-me mais coisas acerca do metal do céu — disse Andrômaca. — Não deveriamos procurá-lo, já que está a cair à nossa volta? Assim não precisaríamos extraí-lo, nem mandar navios a buscá-lo às terras do Norte.

— Os astrólogos da minha corte — disse Imandra — previram esta chuva de estrelas e estarão de vigia, com cavalos velozes para, no caso de uma estrela cair por perto, partirem à sua procura. Seria um sacrilégio deixar perder assim uma dádiva dos Deuses ou permitir que caísse nas mãos de alguém que não a tratasse com a reverência devida.

A Cassandra parecia terem caído centenas de estrelas; mas olhando para o escuro firmamento salpicado de luzes por cima de si, viu tantas estrelas como de costume. Talvez, pensou ela, cresçam novas estrelas quando outras caem. O espetáculo começava a parecer quase vulgar e ela, suspirando, desviou os olhos do céu.

— Devias ir para a cama — disse Pentesileia — pois amanhã serás levada com as outras que irão procurar a Deusa aos Seus domínios. E come bem antes de dormir, porque amanhã será exigido que jejues todo o dia.

— Esta noite ela dorme no meu quarto — disse Andrômaca — porque eu prometi emprestar-lhe uma túnica para amanhã, mãe.

— Foi uma idéia simpática para com a tua prima — disse Imandra. — Vão então para a cama, meninas, e não fiquem acordadas até muito tarde em conversas e risotas.

— Prometo! — disse Andrômaca, e arrastou Cassandra para as escadas que desciam até ao interior do palácio. Levou Cassandra para os seus aposentos e chamou uma das criadas para que lhes desse banho e trouxesse pão, frutos e vinho. Depois de terem tomado banho e comido, Andrômaca debruçou-se no peitoril da janela

— Olha, prima, as estrelas continuam a cair.

— Sem dúvida irão cair durante toda a noite — disse Cassandra. — A menos que uma entre pela janela do nosso quarto, não vejo que isso nos faça alguma diferença.

— Pois é, suponho que não — disse Andrômaca. — Se uma caísse aqui, Cassandra, podias ficar com ela para fazer uma espada como a de Pentesileia; não tenho o mínimo desejo de ter uma arma.

— Penso que também não tenho necessidade delas, já que parece que não irei ser guerreira, mas sim sacerdotisa — disse Cassandra, suspirando.

— Preferias ser guerreira toda a tua vida, Cassandra?

Mas Cassandra cerrou os dentes e disse:

— Creio que o que eu prefiro nunca terá importância; o meu destino está traçado e ninguém pode lutar contra a sina, quaisquer que sejam as armas que use.

Quando ambas as jovens se encontravam deitadas lado a lado na cama de Andrômaca, e até mesmo a luz intermitente das estrelas cadentes se esbatera com o aproximar da manhã, Cassandra pressentiu, no meio do seu sono irrequieto, que estava alguém parado à porta; soergueu-se para sussurrar uma pergunta, mas estava ainda envolta pelo sono e percebeu que não tinha emitido qualquer som. No seu torpor percebeu ser Pentesileia quem deslizava silenciosamente pelo quarto, parando a olhá-las um longo momento à luz do luar, curvando-se depois para tocar por instantes o seu cabelo, como que numa bênção. Em seguida, embora Cassandra não a tivesse visto sair do quarto, partira e ficara apenas o luar.

TREZE

A madrugada mal começava a clarear no céu quando, sem ser anunciada, uma mulher entrou no quarto e afastou os cortinados. Andrômaca enterrou a cabeça sob os cobertores, protegendo-se da luz, mas Cassandra sentou-se na cama e olhou para ela. Era uma mulher de Cálcis, morena e de compleição robusta, com o porte autoconfiante das mulheres guerreiras de Pentesileia; vestia uma longa túnica de linho branqueado, de um branco puro e sem adornos. No seu pulso enrolava-se uma pequena serpente verde e Cassandra percebeu que ela era uma sacerdotisa.

— Quem és tu? — perguntou Cassandra.

— O meu nome é Evadne, e sou a sacerdotisa enviada para te preparar — disse ela. — És tu ou a tua companheira quem se vai encontrar com a Deusa hoje? Ou serão as duas?

Andrômaca destapou um olho e disse:

— Eu fui iniciada no ano passado; é só a minha prima. — Fechou os olhos e pareceu adormecer de novo. Evadne dirigiu a Cassandra um sorriso divertido, ficando depois, de novo, muito séria.

— Diz-me — disse ela — todas as mulheres devem serviço aos Imortais e todos os homens também; tens intenção de Os servir quando Eles to pedirem ou pretendes dedicar a tua vida ao Seu serviço?

— Estou disposta a dedicar a minha vida a esse serviço — disse Cassandra — mas não sei o que Eles me pedem.

Evadne estendeu-lhe a túnica que Andrômaca pousara em cima de um banco.

— Vamos para o outro quarto, para não incomodar a princesa — disse ela. Quando se encontravam no quarto exterior disse: — Diz-me então, por que desejas tornar-te sacerdotisa?

Cassandra contou de novo a história do que lhe sucedera na casa do Senhor do Sol, falando pela primeira vez sem a mínima hesitação; esta mulher conhecia os Imortais e se existia alguém capaz de compreender, era ela. Evadne ouviu sem comentar, esboçando um sorriso no final.

— O Senhor do Sol é um amo ciumento — disse por fim — e parece-me que Ele te chamou. De qualquer modo, todas as mulheres pertencem à Mãe e eu não te posso negar o direito de te encontrares com Ela.

— A minha mãe — disse Cassandra — contou-me que a Mãe Serpente e o Senhor do Sol eram velhos inimigos. Diz-me, senhora — a expressão de respeito veio-lhe naturalmente aos lábios — ela disse que Apolo, Senhor do Sol, lutou com a Mãe Serpente e A matou; é verdade? Estarei a ser, então, desleal ao Senhor do Sol se servir a Mãe?

— Ela, a Mãe de Tudo, nunca nasceu; portanto não pode ser morta — disse Evadne com um gesto de reverência. — Quanto ao Senhor do Sol, os Imortais compreendem-Se uns aos outros, e Eles não vêem estas coisas da mesma forma que nós. A Mãe Terra, segundo dizem, teve a princípio o Seu santuário no local onde Apolo construiu o Seu oráculo; e dizem que, enquanto o santuário estava em construção, uma enorme serpente ou um dragão surgiu do próprio umbigo da terra, e o Senhor Sol (ou talvez o Seu sacerdote, não interessa) matou o animal com as Suas setas. E assim, penso eu, alguns ignorantes fizeram constar que Ele tivera uma disputa com a Mãe Serpente; mas o Senhor do Sol, como todas as criaturas, é Seu filho.

— Então, embora tenha sido o Senhor do Sol que me chamou, posso responder ao chamamento da Mãe?

— Todas as criaturas Lhe devem serviço — disse a sacerdotisa, repetindo o seu gesto de reverência — e mais do que isto não posso dizer às não iniciadas. Agora, penso que devias lavar-te e aprontar-te para te juntares às outras que irão fazer contigo esta viagem. Mais tarde, se quiseres, posso contar-te algumas histórias da Deusa tal como Ela é aqui adorada.

Cassandra apressou-se a obedecer, compondo cuidadosamente a túnica que enfiara à pressa. A túnica de Andrômaca era muito comprida para ela, e caía-lhe solta até aos tornozelos; entalou-a no cinto por forma a poder

caminhar sem dificuldade. Depois penteou o cabelo escuro e deixou-o solto, tal como Lhe havia sido dito ser próprio das virgens naquela cidade, apesar de incomodá-la senti-lo à solta e esvoaçando ao vento em vez de cuidadosamente entrançado.

Ouvir, vindos da rua, os sons dos festejos; as mulheres saíam das casas e corriam de um lado para o outro com pernadas de verdura e ramos de flores. Evadne veio e conduziu-a à sala do trono, onde uma quantidade de jovens, aproximadamente da sua idade, estavam reunidas; nesse dia o trono estava vazio, coberto com o pano de ouro tecido, sobre o qual se

enrolava a grande serpente de Imandra.

— Olha! — murmurou uma das jovens. — Dizem que a rainha também é uma sacerdotisa que consegue transformar-se numa cobra.

— Que disparate! — disse Cassandra. — A rainha está noutro lugar qualquer e deixou a serpente dela no trono como símbolo do seu poder.

Pentesileia encontrava-se entre as mulheres que aguardavam. Cassandra deslizou para junto da sua parente e a rainha amazona pegou-lhe na mão e apertou-a; embora Cassandra não estivesse propriamente amedrontada, sentiu-se satisfeita pela confiança transmitida por aquele contato. Imandra estava também entre elas, mas a princípio Cassandra não a reconhecera, pois a rainha envergava um vulgar vestido de sacerdotisa. Isto pareceu razoável a Cassandra; era também costume em Tróia que a rainha fosse a representante legal da Grande Deusa.

Ficou surpreendida por Andrômaca não se encontrar entre elas; se a sua prima havia sido iniciada no ano anterior, por que não se juntava às outras sacerdotisas? Porém, parecia que Andrômaca não se interessava especialmente pela religião; seria esta, perguntou-se, outra das razões por que Imandra hesitava em ter a sua filha a sucedê-la como rainha? Até àquele momento, desconhecera ser esse o pensamento de Imandra; mas estava a ficar acostumada a saber ouvir o que não era dito e a ver o invisível.

Imandra, com um gesto, silenciou a tagarelice das jovens; as mulheres que eram já sacerdotisas iniciadas reuniram-se à sua volta. Cassandra percebeu de que era a mais velha das candidatas; provavelmente era costume naquela cidade iniciar mulheres um pouco mais jovens. Interrogou-se sobre se todas aquelas jovens iriam dedicar as suas vidas à Deusa ou apenas *"oferecer o seu serviço quando tal lhes fosse pedido",* segundo as alternativas sugeridas por Evadne. Fosse como fosse; esta era uma iniciação preliminar e, segundo parecia, seguramente considerada como um primeiro passo no serviço dos Imortais.

As mulheres mais velhas juntaram as jovens não iniciadas num círculo interior, com Imandra no centro. Por trás delas Cassandra ouviu, vindo de algum lugar, a batida de um tambor; um som brando e incessante como o pulsar de um coração.

— Nesta altura do ano — recitou Imandra — celebramos o regresso da Filha da Terra do subsolo onde esteve prisioneira durante os frios da estação do inverno. Reconhecemos a Sua chegada quando o verde da primavera se espalha pelas terras estéreis, vestindo os prados e os bosques com o brilho das folhas e das flores.

Silêncio, exceto para o interminável vibrar dos tambores tocados pelas mulheres, lá

atrás.

— Aqui estamos, sentadas na escuridão, esperando o regresso da Luz; aqui iniciaremos a descida, cada uma de nós, em busca da Filha da Terra no reino da escuridão. Cada uma de nós será purificada e aprenderá os caminhos da Verdade.

A história prosseguiu no mesmo tom, contando a lenda da Filha da Terra, o modo como Ela fora atraída para as profundezas e como as serpentes a haviam confortado e jurado que jamais alguma delas Lhe faria mal. Antes, Cassandra ouvira apenas fragmentos da história, tanto devido a esta não ser conhecida por não iniciados, como por não ser considerado conveniente que ela fosse ouvida por estranhos. Escutava-a atentamente, fascinada, a cabeça

dolorida devido ao som dos tambores que continuava sempre, sem cessar, por trás das vozes.

Começava a parecer-Lhe estar imersa num sonho que se arrastava dia após dia, sabendo-se acordada, mas nunca plenamente consciente. Algum tempo depois percebeu, sem fazer a menor idéia de onde ou como isso acontecera, de que já não estavam na sala do trono, mas sim numa imensa caverna negra onde a água escorria nas paredes úmidas que se erguiam até muito acima, em vastos espaços ecoantes que tornavam cavo o som das vozes e abafavam o próprio som dos tambores.

Em algum lugar, uma flauta de cana sussurrava uma discreta melodia, chamando por ela numa voz quase familiar. Então sentiu (estava escuro de mais para ver fosse o que fosse) uma taça achatada de cerâmica, com desenhos em relevo, que estava a ser passada de mão em mão; cada jovem levava a taça aos lábios, bebia e passava-a à seguinte. Nunca conseguiria lembrar-se, depois, do que haviam dito quando chegara a sua vez de beber. Ela pensara, até ao momento em que os seus lábios tocaram na infusão, que fosse vinho.

Sentiu um gosto estranho e ligeiramente amargo que lhe lembrou o cheiro do centeio empesteado, que Pentesileia ordenara que nunca esquecesse; enquanto bebia, pensou que o seu estômago iria revoltar-se, mas, num esforço violento, controlou a náusea e centrou de novo a sua atenção nos tambores. A história terminara; nunca, em toda a sua vida, conseguiu recordar como terminara; ou qual fora o destino da Filha da Terra.

Após algum tempo, a sua desorientação tornou-se de tal modo grande que teve a impressão de já não estar dentro do círculo de mulheres, na gruta; não fazia idéia de onde se encontrava, mas não se interrogou acerca disso. A idéia de que talvez a infusão fosse alguma espécie de droga cruzou-lhe o espírito, mas também não se interrogou a esse respeito. Tocou o chão gelado e úmido e ficou surpreendida ao sentir que este era de um empedrado vulgar; teria chegado a deslocar-se? Cores estranhas deslizavam diante dos seus olhos e pareceu-lhe, por momentos, que caminhava através de um enorme túnel negro.

“Partilha com a Filha da Terra a descida até a escuridão”, orientou-a uma voz distante; se era uma voz real ou não, nunca o soube. “Uma por uma, terás de abandonar todas as coisas que te são queridas neste mundo, pois agora não há lugar para elas.”

Descobriu que trazia consigo as suas armas; seria capaz de jurar que não as pusera naquela manhã. Através do som dos tambores, a voz-guia soou de novo: *“Esta é a primeira das portas do Mundo Subterrâneo; aqui terás de abandonar tudo o que te liga à Terra e aos reinos da Luz. ”*

Cassandra debateu-se com a faixa pouco familiar da túnica que trazia vestida e desapertou o cinto decorado com jóias que prendia a espada e a lança. Lembrou-se de Hécuba advertindo-a para que as usasse sempre com honra; mas isso fora lá longe, e nada tinha a ver com aquela câmara mergulhada na escuridão. Teria Pentesileia chegado também àquela porta escura e entregado as suas armas? Ouviu a espada e a lança deslizarem para o chão e baterem contra ele com um som metálico, por entre o barulho dos tambores.

Por que se moveriam as suas mãos tão devagar; e tê-las-ia movido de fato? Seria tudo uma ilusão provocada pelos tambores, ou estaria ela agachada e imóvel no círculo escuro, mesmo enquanto avançava audaciosamente pela escuridão do túnel, vestida com a comprida túnica de Andrômaca, agora desatada, que incompreensivelmente não constituía qualquer estorvo?

Havia, em algum lugar, um olho de fogo. Chamas por baixo de si? Ou estaria a fixar o olho rasgado da serpente?

Este observou-a sem pestanejar e uma voz ordenou:

“Esta é a segunda porta do Mundo Subterrâneo, onde deverás abandonar os teus medos, ou seja o que for que te impeça de viajar neste reino tal como essas cujos pés conhecem e trilham o Caminho, seguindo as Minhas próprias pegadas. ”

O olho da serpente estava agora próximo; movia-se acariciando-a e, num lampejo de memória (há séculos, numa outra vida talvez?) recordou como acariciara as serpentes na casa do Senhor do Sol e as cingira sem medo. Era

como se as abraçasse de novo e o olho aproximou-se mais e mais; o mundo foi se estreitando até nada mais existir à exceção de si própria e do abraço da serpente no escuro. Uma voz cortante trespassou-a inteira, até que ela teve a certeza de que estava a morrer e se abandonou à morte quase com alívio.

Mas não estava morta; movia-se ainda sozinha através da escuridão escaldante; mas havia uma voz que Lhe chegava por entre o pulsar contínuo dos tambores, o qual se arrastava até toda a sua cabeça pulsar com eles.

"Agora estás no Meu Reino, e esta é a terceira e última porta do Mundo Subterrâneo. Aqui já nada te resta senão a tua vida. Sacrificá-la-ás também para Me servir?"

Cassandra pensou desvairada: *"Não entendo o que Lhe servirá a minha vida, mas se cheguei até aqui não é agora que vou voltar atrás. "* Pensou ter falado em voz alta, mas uma parte da sua mente repetia-lhe que não produzira som algum, que a fala era uma ilusão, como tudo o que lhe acontecera naquela viagem; se era de fato uma viagem e não um estranho sonho.

"Não voltarei atrás, ainda que isso me custe a própria vida; já dei tudo o resto; toma-a também, Senhora das Trevas. "

Flutuava na escuridão, inconsciente, trespassada de fogo, rodeada pelo som de um frenético bater de asas.

"Deusa, se vou morrer por Ti deixa-me, ao menos uma vez, contemplar o Teu rosto! "

A escuridão clareou um pouco; diante dos seus olhos surgiu um turbilhão esbranquiçado, do qual gradualmente se destacou um par de olhos escuros, um rosto pálido. Já vira aquele rosto antes, refletido num riacho... era o seu próprio rosto. Uma voz, muito perto de si, por entre o bater dos tambores e o lamento das flautas, murmurou:

"Não sabes ainda que tu és Eu e Eu sou tu?"

Foi então que as asas irrequietas a levaram e tudo se esfumou. Asas, e misteriosos ventos ciclônicos impelindo-a para cima, cada vez mais para cima, em direção à luz, enquanto protestava: *"Mas há tantas outras coisas a saber... "*

Os ventos rasgavam-na em pedaços; o clarão de um relâmpago revelou olhos e bicos cruéis rasgando, dilacerando; era como se algo de estranho a percorresse, como se águas profundas e turvas a preenchessem totalmente, expulsando de si o pensamento e a consciência. De uma imensa altura olhou para baixo, para alguém que era (e ao mesmo tempo não era) ela própria e soube que fixava o rosto da Deusa. Depois, a tênue ligação com a consciência cedeu e, protestando ainda, caiu num silencioso e infinito abismo de luz ofuscante.

Alguém lhe tocava o rosto docemente.

— Abre os olhos, minha filha.

Cassandra sentia-se doente e fraca, mas abriu os olhos para o silêncio e para o ar fresco e úmido. Estava de novo na gruta... alguma vez a deixara? Tinha a cabeça pousada no colo de Pentesileia; o rosto da mulher mais velha esbatia-se sob uma aura de luz tão intensa que Cassandra protegeu os olhos com as mãos e exclamou:

— Mas tu... tu és a Deusa... — depois quedou-se num respeitoso silêncio face à sua parente.

— Claro — murmurou a mulher mais velha — e tu também, minha filha. Nunca o

esqueças.

— Mas o que aconteceu? Onde estou? Eu estava...

Pentesileia cobriu prontamente os lábios de Cassandra num gesto de aviso.

— *Chiu...* é proibido falar no Mistério — disse ela. — Mas tu chegaste realmente bem longe; a maioria das candidatas não vai além da Primeira

Porta. Vem — murmurou Pentesileia. — Vem!

Cassandra levantou-se, cambaleante e a sua tia amparou-a.

Os tambores estavam silenciosos; havia apenas o fogo e um tênue queixume. Podia ver agora a tocadora de flauta, uma mulher magra, acocorada por trás do fogo. Os seus olhos estavam vazios e ela balançava-se levemente, como que em êxtase; mas o fogo e a flauta, pelo menos, tinham sido reais. Num círculo à sua volta, cerca de metade das virgens jazia ainda em transe, cada uma vigiada por uma das sacerdotisas mais velhas. Havia espaços vazios no círculo. Pentesileia incitou-a a percorrer o seu caminho com cuidado, sem tocar em ninguém, em direção à entrada da gruta. Lá fora chovia, mas, pela fraca luminosidade, ela pôde perceber que o dia estava quase no fim. Sentia as gotas geladas e puras da chuva no rosto. Sentiu-se enjoada e com uma sede terrível; tentou recolher a chuva nas mãos e sorver as gotas, mas Pentesileia conduziu-a através de uma porta que ela se lembrava vagamente de ter visto, e encontrou-se sob a luz das candeias da sala do trono de Imandra, onde a viagem começara. Continuava a caminhar cuidadosamente, como se o seu corpo fosse um jarro frágil, cheio até a borda de um vinho estranho que se entornaria se fizesse um movimento mais brusco. A rainha Imandra surgiu de repente e abraçou-a, apertando-a fortemente nos braços.

— Bem-vinda, irmãzinha, de regresso dos reinos onde a Senhora das Trevas caminhou a teu lado. A tua viagem foi longa, mas regozijo-me por teres regressado ilesa — disse a rainha. — És agora uma de nós, as que Lhe pertencemos.

Pentesileia disse:

— Ela passou as três Portas.

— Eu sei — respondeu Imandra. — Mas esta iniciação foi muito tardia. Ela é uma sacerdotisa nata e é tarde para ela.

Recuou um pouco e agarrou Cassandra pelos ombros, como a sua mãe teria feito.

— Estás pálida, filha; como te sentes?

— Por favor — disse Cassandra — tenho tanta sede.

Mas quando Pentesileia fez menção de lhe servir um pouco de vinho, o cheiro enjoou-a e ela pediu água. Era límpida e fresca e aliviou-lhe a sede, mas como tudo o que iria comer e beber nos dias seguintes tinha um leve sabor viscoso a peixe.

Imandra disse:

— Assegura-te de que reparas no sonho que tiveres esta noite; será uma mensagem especial da Filha da Terra. — Depois perguntou a Pentesileia: — Voltas em breve para o Sul, agora que já recebeste o Seu sinal?

— Assim que Cassandra possa montar e Andrômaca esteja preparada para voltar com ela para Tróia — respondeu a rainha amazona.

— Assim seja — disse Imandra. — Já aprontei o dote de Andrômaca e muita gente para acompanhá-la. E para a nossa jovem parente, a sacerdotisa, tenho um presente.

A prenda era uma serpente; pequena e verde, muito parecida com a de Imandra, mas não mais comprida do que o antebraço de Cassandra e aproximadamente da grossura do seu polegar. Cassandra agradeceu, quase sem fala. Imandra disse, suavemente:

— Um presente adequado para uma sacerdotisa oferecer a outra, filha. Nasceu de um ovo de uma das minhas próprias serpentes; aliás, que havia eu de fazer com ela? Dá-la a Andrômaca, que fugiria dela? Penso que ficará feliz por viajar contigo para o sul naquele lindo pote e por servir contigo no santuário de Tróia.

Nessa noite Cassandra ficou muito tempo acordada, perturbada pela idéia daquilo que iria sonhar; mas quando adormeceu viu apenas as encostas do monte Ida, batidas pela chuva, e as três Deusas estrangeiras; e parecia-lhe que elas lutavam umas com as outras, não pelos favores de Páris, mas sim pelos seus, e por Tróia.

CATORZE

Partiram em carroças tão toscas e lentas como aquelas em que havia sido transportado o metal, carregadas com os presentes de noivado de Andrômaca, com o seu dote e preciosidades de Cálcis, ofertas da rainha para os seus parentes Troianos: armas de ferro e de bronze, peças de tecido, cerâmicas e ouro e prata e até jóias.

Cassandra não conseguia imaginar porque estaria a rainha Imandra tão desejosa por ver a filha ligada a Tróia, e muito menos ainda por que razão Andrômaca se mostrava disposta, ou antes, ansiosa, a consentir. Mas já que tinha de voltar para Tróia, estava satisfeita por ter com ela algo desse mundo imenso que ali descobrira. Além disso, acabara por gostar de Andrômaca; e se tinha de deixar Pentesileia e as mulheres da tribo, pelo menos teria a seu lado, em Tróia, a sua única verdadeira amiga e parente.

A viagem parecia interminável, com as carroças arrastando-se dia após dia, a passo de caracol, através das extensas planícies; luas e luas enchendo e minguando, sem que aparentemente se encontrassem mais perto das montanhas distantes. Cassandra ansiava por montar e cavalgar velozmente ao lado das guardas Amazonas, deixando que as carroças prosseguissem como pudessem; mas Andrômaca não sabia ou não queria montar, e queixava-se de ficar sozinha nas carroças. Queria a companhia de Cassandra: assim, embora com relutância, Cassandra aceitava aquela reclusão e viajava com ela, entre intermináveis jogos de *gato e rato*[1] num tabuleiro de ônix esculpido e escutando a tagarelice fútil da sua parente sobre vestidos e jóias e enfeites para o cabelo e o que iria fazer quando estivesse casada; assunto que Andrômaca considerava inesgotável e fascinante (tinha até decidido já quais os nomes para as suas primeiras três ou quatro crianças) até Cassandra ficar convencida de que ia ficar louca.

Na sua primeira viagem (parecia-lhe que era, então, imensamente mais jovem), Cassandra não percebera as enormes distâncias que tinham percorrido; só quando chegou de novo o verão e começaram a avistar as colinas distantes por trás de Tróia, teve a verdadeira noção de quão longa havia sido aquela viagem. Em Tróia, Cálcis era vulgarmente considerada

como ficando do outro lado do mundo. Agora, ela tinha idade suficiente para contabilizar os muitos meses de viagem; e, claro, com as carroças, viajavam mais devagar do que os grupos a cavalo. Não tinha qualquer pressa de ver terminada a viagem, sabendo que a sua chegada a Tróia faria com que as paredes dos aposentos das mulheres se fechassem de novo à sua volta, mas perguntou-se como iriam as coisas na cidade; e uma noite, enquanto Andrômaca dormia, distendeu a sua mente para ver, se não Tróia, pelo menos a mente do seu irmão gêmeo, o qual não visitava havia tanto tempo. E, pouco depois, imagens começaram a formar-se na sua mente, primeiro pequenas e longínquas, depois aumentando e preenchendo-lhe todos os sentidos...

Muito para o sul, nas encostas do monte Ida, onde um jovem de cabelos escuros chamado Páris seguia os touros e o gado do seu pai adotivo, apareceu naqueles morros, num dia de fim do outono, um grupo de jovens bem vestidos; Páris, atento aos possíveis perigos para a manada que guardava, aproximou-se deles com prudência.

— Salve, forasteiros; quem sois, e como posso servi-vos?

— Somos filhos e servidores do rei Príamo de Tróia — respondeu um deles — e viemos à procura de um touro. O melhor da manada, pois se destina a um sacrifício para os Jogos Fúnebres de um dos filhos de Príamo. Mostra-nos o teu melhor.

Páris sentiu-se um tanto perturbado pelos seus modos arrogantes; no entanto, Agelau, o seu pai adotivo, tinha lhe ensinado que os desejos do rei eram leis, e ele não queria ser olhado como irreverente.

— O meu pai é servidor de Príamo — disse — e tudo o que temos está à sua disposição. Ele hoje está fora; se desejarem esperar o seu regresso, ele poderá mostrar-vos o que temos. Se aceitarem repousar em minha casa, abrigados do calor do sol do meio-dia, a minha mulher trará vinho ou coalho de leite; ou, se preferirem, calda de mel dos favos das nossas abelhas. Quando o meu pai voltar, mostrará as manadas e poderão levar o que quiserem.

— Agradeço-te; um pouco de calda de mel seria bem-vinda — respondeu um dos recém-chegados e, enquanto os conduzia à pequena casa onde vivia com Enone, Páris ouviu outro deles sussurrar: *"Um sujeito generoso; e nunca pensei encontrar alguém com estes modos tão longe da cidade."*

Enquanto Enone, alegre e bonita na sua túnica de trabalho, com o cabelo preso sob o pano que usava de manhã para varrer a casa, trazia a calda de mel em taças de madeira, ele ouviu o outro dizer baixinho:

— E se nas montanhas existem em abundância ninfas tão adoráveis como esta, por que haverá um homem de ficar dentro dos muros da cidade?

Enone olhou de lado para Páris, como que perguntando quem eram aqueles homens e o que queriam; mas ele pouco mais sabia do que ela, embora não quisesse, de todo, dizê-lo na presença deles.

— Estes homens têm negócios com o meu pai, minha querida — disse ele. — Agelau estará de volta antes do meio-dia e poderão então acertar as coisas com ele, seja lá o que for.

Se quisessem cabras, ou mesmo carneiros, se sentiria apto a negociar pessoalmente com eles, mesmo tratando-se de um caso especial de sacrifício; mas o gado era o principal orgulho e prazer do seu pai. Assim, sorveu a bebida que Enone servira e esperou, perguntando por fim:

— São todos filhos do rei Príamo?

— Somos — respondeu o mais velho. — Eu sou Heitor, filho mais velho de Príamo e da sua rainha, Hécuba; e este é o meu meio-irmão, Deífobo. Heitor era invulgarmente alto, quase uma cabeça mais alto que Páris, que não era um homem baixo. Possuía ombros largos próprios de um lutador nato, e o seu rosto tinha feições enérgicas e atraentes, com os olhos castanhos bem separados por sobre os malares salientes e uma boca e um queixo audaciosos. Usava à cintura uma espada de ferro que Páris imediatamente cobiçou, embora até aí tivesse achado que não existia arma mais bela do que o punhal que Agelau lhe oferecera, como um presente especial, quando ele saíra para o meio de uma tempestade, em pleno

inverno, e trouxera de volta uma dúzia de borregos fracos que, de outro modo, teriam perecido.

— Fala-me desses Jogos Fúnebres — disse finalmente.

Reparou na forma como Heitor olhava para Enone e não gostou. Mas notou também que Enone não estava a reparar em nenhum dos intrusos. *"Ela é minha",* pensou; *"é uma mulher boa e decente, não é de andar a olhar para desconhecidos. "*

— Realizam-se todos os anos — disse Heitor — e são como todos os outros jogos e festivais. Tu pareces forte e atlético; nunca competiste em jogos destes? Estou certo de que arrebatarias muitos prêmios.

— Compreendeste-me mal — disse Páris. — Não sou um nobre como vocês, com tempo livre para os desportos; sou um humilde pastor e um servidor do vosso pai. Jogos e coisas desse tipo não são para mim.

— Falas com modéstia — disse Heitor. — Mas os jogos estão abertos a qualquer homem que não tenha nascido escravo; serias bem-vindo.

Páris pensou naquilo.

— Falaste de prêmios...

— O prêmio máximo é um tripé e um caldeirão em bronze — disse Heitor. — Por vezes, o meu pai oferece uma espada, por um especial valor demonstrado.

— Gostaria de ganhar esse prêmio para a minha mãe — disse Páris. — Talvez, se o meu pai me der permissão, eu vá.

— És um homem feito; deves ter quinze anos ou mais — disse Heitor — suficientemente crescido para entrar e sair sem autorização.

Ao ouvir estas palavras, Páris pensou que, de fato, assim era; mas ele nunca fora a lado nenhum sem o conhecimento de Agelau e nunca pensara em fazê-lo. Reparou que Heitor o olhava fixamente e ergueu as sobrancelhas, interrogativamente.

Heitor tossiu nervosamente.

— Pergunto-me onde te terei visto antes — disse. — Os teus olhos... parecem recordar-me alguém que conheço bem, mas não me lembro de onde.

— Às vezes vou ao mercado fazer recados ao meu pai ou à minha mãe — disse Páris, mas Heitor abanou a cabeça.

Pareceu a Páris que sobre ele pairava uma estranha sombra; sentia uma instintiva antipatia por aquele jovem corpulento. E, no entanto, Heitor não tinha sido ofensivo de modo algum, tendo-o tratado sempre com toda a cortesia, pelo que ele não compreendia aquele sentimento.

Levantou-se, irrequieto, e foi até a porta da casa, espreitando para fora. Após alguns momentos, disse:

— O meu pai adotivo chegou em casa — e pouco depois Agelau, um homem pequeno e esguio que, apesar da sua idade, se movia com rapidez, entrou na sala.

— Príncipe Heitor — disse ele, com uma vênia — sinto-me honrado; como tem passado o meu senhor, teu pai?

Heitor explicou-lhe a sua missão e Agelau disse:

— É o meu rapaz quem melhor pode ajudar-te nisso, meu príncipe; sabes, ele conhece o gado melhor que eu, pois faz todas as avaliações de gado nas feiras e acontecimentos do gênero. Páris, leva estes senhores até as pastagens e mostra-lhes o que temos de melhor.

Páris escolheu o mais belo touro da manada e Heitor aproximou-se olhando o focinho do animal.

— Sou um guerreiro e sei pouco de gado — disse ele. — Por que a escolha deste

touro?

Páris fez-lhe notar a amplitude das suas espáduas, a largura dos seus flancos.

— E a sua pelagem é macia, sem cicatrizes ou imperfeições — disse ele, e pensou intimamente: *"Bom demais para um sacrifício; devia ser conservado para criação. Qualquer touro velho serviria para ser decapitado e sangrado sobre um altar. E este príncipe arrogante chega, acena com a mão e leva a melhor rês do gado que eu e o meu pai criamos com tanto e tão duro trabalho. Mas ele tem razão: todo o gado pertence a Príamo e nós somos seus servos."*

— Sabes mais destes assuntos que eu — repetiu Heitor. — Por isso, aceito a tua palavra de que este touro é o mais adequado para um sacrifício ao Senhor do Trovão; agora, preciso de uma bezerra virgem para a Senhora, Sua consorte.

Instantaneamente, Páris viu surgir na sua mente a bela e imponente Deusa que lhe oferecera fortuna e poder. Perguntou-se se Ela não lhe guardaria rancor por ele não Lhe ter entregado a maçã; talvez se escolhesse para Ela a melhor criatura de toda a manada, Ela o perdoasse.

— Esta bezerra — disse ele — é a melhor de todas; repara na macieza do seu pêlo castanho e no focinho branco, e vê como são belos os seus olhos; parecem quase humanos.

Heitor deu umas palmadas na espádua do pequeno animal e pediu um laço de corda.

— Não precisas, meu príncipe — disse Páris. — Levando tu o touro da manada, ela seguirá atrás como um cachorro.

— Então as vacas não são diferentes das mulheres! — disse Heitor com uma gargalhada grosseira. — Agradeço-te e espero que consideres a hipótese de ires aos jogos. Estou certo de que conseguirias a maior parte dos prêmios; me pareces um atleta nato.

— És muito amável em dizer isso, meu príncipe — disse Páris, e ficou a olhar Heitor e a sua comitiva enquanto desciam a montanha, em direção à

cidade.

Mais tarde, nessa noite, quando foi com o seu pai adotivo buscar as cabras para mungir, mencionou o convite de Heitor. Não estava, de modo algum, preparado para a reação do velho.

— Não! Proíbo-te! Não penses nisso sequer, meu filho; algo terrível aconteceria, decerto!

— Mas por que, pai? O príncipe garantiu-me que não tinha importância eu não ter nascido nobre; que mal poderia acontecer? E eu gostaria de ganhar o caldeirão e o tripé para dar à mãe, que foi sempre tão boa para mim e não tem nada dessas coisas.

— A tua mãe não quer caldeirão nenhum; queremos o nosso filho a salvo aqui em casa, onde nada lhe pode acontecer.

— O que poderia acontecer-me, pai?

— Estou proibido de te dizer — disse o velho, seriamente. — De fato, devia ser suficiente para ti que eu o proíba; sempre foste um filho bom e obediente para comigo, até aqui.

Agelau cerrou os lábios com severidade.

— Pai, já não sou uma criança — disse Páris. — Agora, quando me proibires de alguma coisa, já tenho idade para saber a razão.

— Não tolerarei insolências e não tenho que te apresentar razão nenhuma; farás o que eu digo.

Páris soubera sempre que Agelau não era o seu verdadeiro pai; desde o seu sonho com as Deusas, começara a suspeitar de que a sua linhagem era mais elevada do que alguma vez pensara. Agora, começava a pensar que a proibição de Agelau tinha algo a ver com isso. Mas quando pôs a questão, Agelau pareceu mais obstinado do que nunca.

— Não posso dizer-te absolutamente nada sobre isso — disse, e saiu de rompante para mungir as cabras. Páris seguiu o seu exemplo e não disse

mais nada; mas, por dentro, estava furioso.

"Não passarei eu de um servidor pago para ser mandado para aqui e para ali? Mesmo um criado contratado tem direito à sua folga, e o pai até hoje nunca me negou a autorização. Irei aos jogos; a minha mãe, pelo menos, irá perdoar-me se eu lhe trouxer o caldeirão e o tripé. Mas se eu trouxer o prêmio e ela não o quiser, o darei a Enone. "

Naquela noite nada disse; mas logo cedo, na manhã seguinte, pôs a sua melhor túnica dos dias de festa (que era, de fato, bastante vulgar, embora Enone a tivesse tecido com a melhor lã que possuíam e tingido de um vermelho-claro, usando suco de bagas) e foi ter com Enone para lhe dizer adeus. Ela olhou-o, a boca contorcida pela inquietação.

— Então sempre vais? Apesar das advertências do teu pai?

— Ele não tem o direito de me proibir — replicou Páris, defensivamente. — Ele nem sequer é meu pai, por isso não é ímpio desobedecer-lhe.

— Mesmo assim, ele tem sido um pai bom e compreensivo para contigo — disse ela, com o lábio a tremer. — Isso não está certo, Páris. Por que desejas, afinal, ir aos jogos deles? O que tem o rei Príamo a ver contigo?

— Porque é o meu destino! — retrucou ele, calorosamente. — Porque já não acredito que seja vontade dos Deuses que eu fique aqui sentado até ao fim dos meus dias, a guardar cabras nas encostas. Vamos, menina, dá-me um beijo e deseja-me boa sorte.

Enone ergueu-se nas pontas dos pés e beijou-o obedientemente, mas disse:

— Aviso-te, meu amor, a sorte não estará do teu lado nesta jornada.

Ele zombou:

— O que, vais começar a falar como uma profetisa!? Não gosto nada desses avisos.

— Mesmo assim devo fazê-lo — disse Enone, e lançou-se a chorar nos braços dele.

— Páris, peço-te, por amor de mim, fica! — Pousou, embaraçada, a mão sobre a sua pequena barriga em crescimento e suplicou timidamente: — Para o bem dele, senão para o meu?

— É acima de tudo para o bem dele que eu tenho de ir procurar a fortuna e a fama — disse Páris. — O seu pai há de ser algo mais do que um guardador do gado de Príamo.

— O que há de errado em ser o filho de um pastor? — perguntou Enone. — Eu tenho orgulho em ser mulher de um pastor.

Páris lançou-lhe um olhar mal-humorado e disse:

— Minha amada, se não me deres a tua bênção, terei de ir mesmo sem ela; me desejarás mal?

— Nunca, meu amor — disse ela muito séria — mas tenho uma terrível sensação de que se fores não mais voltarás para mim.

— Ora, esse é o maior disparate que eu já ouvi — disse ele, e beijou-a de novo.

Ela permaneceu agarrada a Páris, até que por fim ele se desprendeu das mãos que o apertavam e partiu pela montanha abaixo; mas sentiu que ela o seguia com o olhar até ele desaparecer do seu campo de visão.

Lentamente, Cassandra retomou a consciência de onde estava: na escuridão da carroça e não sob o sol brilhante de outono no monte Ida. E nem sequer estavam ainda no verão; alcançariam Tróia no outono, talvez. A seu lado Andrômaca continuava a dormir tranquilamente; dolorida e com frio, Cassandra deslizou debaixo dos cobertores para junto dela, grata pelo calor do corpo da prima.

"*Ele está em Tróia. Talvez esteja em Tróia quando eu lá chegar; irei vê-lo finalmente. "* O pensamento era quase excitante demais para ser suportável; Cassandra não dormiu mais, naquela noite.

1

- *Houd and Jackal* no original - cão de caça e chacal. (N. da T.)

QUINZE

Foi Andrômaca, e não Cassandra, quem primeiro avistou as imponentes muralhas de Tróia erguendo-se ao longe. Parecia impressionada ao dizer:

— É realmente maior do que Cálcis!

— Já tinha te dito — lembrou Cassandra.

— Já, mas eu não acreditei em ti; não podia acreditar que uma cidade pudesse ser realmente maior do que Cálcis. O que é aquele edifício brilhante mesmo no alto da cidade? É o palácio?

— Não, é o Templo da Virgem; em Tróia, os lugares mais altos são reservados aos Imortais. E Ela é a nossa Deusa protetora, que nos deu a oliveira e a vinha.

— O rei Príamo não pode ser um rei realmente poderoso — disse Andrômaca. — Em Cálcis é proibido que qualquer casa (mesmo a de uma Deusa) esteja acima do palácio real.

— E, no entanto, eu sei que a tua mãe é uma mulher crente, que respeita a Deusa — disse Cassandra.

Lembrou-se de ter achado, na primeira vez que entrara em Cálcis, que era uma blasfêmia construir a casa de um mortal tão acima.

Os seus olhos buscaram a casa do Senhor do Sol, com os seus telhados de ouro, erguendo-se num socalco acima do palácio; apontou o palácio a Andrômaca.

— Não está construído muito em cima; mas é tão bonito como qualquer palácio de Cálcis — disse ela a Andrômaca.

Agora que conseguiam realmente avistar a cidade, Cassandra examinava os seus sentimentos cuidadosamente como se receasse reabrir uma ferida: não sabia como se sentia em relação ao seu regresso a Tróia, depois daquele

período de liberdade. Percebeu que estava quase dolorosamente ansiosa por rever a sua mãe e a sua irmã, Políxena e, quase sem esforço, sentiu a sua mente partir em busca dessa frágil e misteriosa conexão com o irmão gêmeo que, por vezes, conseguia ser mais real do que ela própria.

"Não serei de novo prisioneira. " Depois corrigiu ligeiramente: *"Não deixarei que me prendam de novo. Ninguém poderá aprisionar-me, a menos que eu aceite ser aprisionada. "*

Olhou em volta para a sua escolta, meio desejosa de poder voltar com elas para as terras das Amazonas. Pentesileia não se encontrava no grupo; dissera que, depois daquela longa ausência, teria de ficar para tratar dos assuntos da tribo. Cassandra sabia que se estivesse atualmente a viver com as Amazonas seria mandada, juntamente com as outras mulheres em idade de procriar, para as aldeias dos homens a fim de gerar uma criança para a tribo. Sentiu que estaria disposta a seguir esse costume, se fosse esse o preço para ficar com a tribo de Pentesileia; mas essa não fazia parte das escolhas que lhe eram oferecidas.

— Mas que se passa? — perguntou Andrômaca. — É dia de festival?

Cortejos passavam através dos portões da cidade, longas filas de homens e mulheres vestidos com as roupas dos dias de festa, animais enfeitados com fitas e flores, os quais não sabia dizer se se destinariam a um espetáculo ou a um sacrifício. Viu então Heitor e alguns dos seus outros irmãos, cobertos apenas pela pequena tanga com que competiam no campo e percebeu que devia haver jogos. Não eram coisas para mulheres, apesar de a sua mãe lhe ter dito uma vez que, nos tempos antigos, as mulheres tinham competido nas corridas, no lançamento de lanças e também com o arco. Cassandra, que era uma boa arqueira, desejou ter ainda os seios suficientemente pequenos para se fazer passar por um rapaz e competir com os arqueiros; mas se tal disfarce já lhe fora possível, não o era agora. Resignadamente, pensou: *"Bem, um dia a minha perícia com as armas poderá ainda vir a ser útil à minha cidade: na guerra, e não em jogos",* e depois viu, quase no fim do cortejo, um carro de guerra, transportando a agora mais curvada, mas ainda impressionante personagem que era o seu pai, Príamo. Estava quase a lançar-se de cabeça de cima da carroça para abraçá-lo, mas a visão do seu

cabelo branco chocou-a; aquele velho era praticamente um desconhecido para ela.

Atrás dele, num carro menor e ostentando as insígnias da Deusa, Cassandra viu a mãe; Hécuba parecia estar exatamente na mesma. Cassandra desceu da carroça e avançou, curvando-se perante o seu pai em sinal de respeito e correndo depois a lançar-se nos braços da sua mãe.

— Chegaste em boa altura, minha querida — disse Hécuba. — Mas estás uma mulher! Dificilmente reconheceria nesta alta amazona a minha filhinha. Puxou Cassandra para o seu

lado no carro. — Quem é a tua companheira, minha filha?

Cassandra olhou para Andrômaca, ainda sentada no banco da frente da carroça. Estava com um ar muito solitário e deslocado. Não era assim que ela planeara apresentar a sua amiga a Tróia.

— É Andrômaca, filha de Imandra, rainha de Cálcis — disse Cassandra com lentidão. — Imandra, a nossa parente, enviou-a para que desposasse um dos meus irmãos. Ela tem um carroção cheio de tesouros de Cálcis como dote — acrescentou, e enquanto falava as suas palavras soaram-lhe rudes, como se se tratasse de uma mera questão de negócios e de oportunismo real, como se Imandra tivesse enviado a sua filha para subornar Príamo. Andrômaca merecia melhor que aquilo.

— Vejo agora que ela se parece com Imandra — disse Hécuba. — Quanto ao casamento, isso cabe ao teu pai decidir; mas ela aqui é bem-vinda, com ou sem casamento, como minha parente.

— Mãe — disse Cassandra com ar sério; depois de ter feito todo aquele caminho, Andrômaca não podia ser rejeitada — ela é a única filha da atual rainha de Cálcis; o meu pai tem filhos de sobra, e se ele não conseguir fazer com que um dos meus irmãos case com ela, em favor de uma aliança como esta, é porque não é tão inteligente como dizem.

Apressou-se a ir buscar Andrômaca, ajudando-a a descer da carroça e apresentando-a a Príamo e Hécuba; Hécuba beijou-a e Andrômaca sorriu e

arqueou o corpo numa vênia submissa. Príamo afagou-lhe a face e levou-a consigo para cima da tribuna, tratando-a por filha, o que parecia ser um bom começo. Sentou-a entre ele e Hécuba, enquanto Cassandra se interrogava sobre a razão de Andrômaca agir com tanta humildade. Perguntou:

— Onde está a minha irmã Políxena?

— Ficou em casa, como uma jovem decente e recatada — sussurrou Hécuba, reprovadora. — Naturalmente que ela não tem qualquer interesse em ver homens nus a competir com armas.

"Bem ", pensou Cassandra, *"se alguma vez tive dúvidas, agora tenho a certeza de que voltei a casa. Terei de passar o resto da minha vida como uma jovem decente e recatada? "* Este pensamento deprimiu-a.

Cassandra assistia ao concurso de abertura, uma corrida pedestre, com um interesse morno, tentando descobrir os filhos de Príamo que conhecia de vista. Reconheceu imediatamente Heitor e Troilo, o qual deveria ter agora pelo menos dez anos. Quando partiram, Heitor tomou rapidamente o comando, e aí se manteve ao longo da primeira volta; depois, vindo de trás, um jovem mais magro, de cabelos negros, começou a aproximar-se.

Quase sem dificuldade, ultrapassou-o como um raio, e tocou a meta um instante antes da mão estendida de Heitor.

— Esplêndida corrida! — gritaram os outros concorrentes, amontoando-se à sua volta.

— Minha querida — disse Príamo para Hécuba, debruçando-se sobre Andrômaca — não conheço aquele jovem, mas se ele consegue bater Heitor, é um concorrente de valor. Descobre quem ele é, está bem?

— Com certeza — disse Hécuba, e acenou a um criado. — Vai lá abaixo e descobre para o rei quem é o jovem que ganhou a corrida pedestre.

Cassandra colocou a mão em pala sobre os olhos para procurar o vencedor, mas ele tinha desaparecido na multidão. Os concorrentes encontravam-se

agora a ajustar as cordas dos seus arcos. Cassandra, que se tornara uma arqueira exímia, observava fascinada; e subitamente, encandeada pelo sol, sentiu-se confundida: era ela própria quem se encontrava no campo, colocando uma flecha na corda do arco, *"Os meus pais vão ficar tão furiosos... "* depois, olhando o robusto braço nu, bem mais musculoso do que o seu, percebeu o que acontecera: os seus pensamentos tinham se enredado novamente nos do seu irmão gêmeo. Sabia agora por que razão o jovem vencedor da corrida lhe parecera quase penosamente familiar: era o seu irmão gêmeo, Páris. Tal como antevira, ele estava presente no seu regresso a Tróia.

Nessa estranha e dupla visão, parecia-lhe estar, ao mesmo tempo, no campo e no seu lugar, olhando Príamo como se fosse a primeira vez, vendo-o simultaneamente como seu pai e como um estranho, um velho assustador com o porte pouco familiar e majestoso da realeza. Havia também outros velhos cujos nomes desconhecia. Páris deduziu, acertadamente, que deviam ser conselheiros do rei troiano; uma mulher idosa de rosto doce que ele estava certo de ser a rainha; um grupo de rapazinhos com roupas vistosas e caras, que supôs corretamente serem os filhos mais novos de Príamo, ainda sem idade suficiente para tomar parte naqueles concursos, e algumas jovens bonitas que lhe atraíram especialmente a atenção por serem muito diferentes de Enone. Perguntou-se o que estariam a fazer ali; talvez às mulheres do palácio fosse permitido assistir aos jogos. Bom, ele iria oferecer-lhes algo para ver. Estava agora a ser chamado para atirar no alvo.

O primeiro tiro de Páris subiu muito, devido ao seu nervosismo, e o segundo passou muito além do alvo.

— Deixem o forasteiro atirar de novo — disse Heitor. — Não estás habituado aos nossos alvos; se consegues atirar tão alto e tão longe, decerto que será capaz de um tiro mais perfeito. — Apontou para o alvo e explicou-lhe os preceitos.

Páris preparou-se para atirar de novo, profundamente surpreendido com a cortesia de Heitor. Soltou a flecha, desta vez diretamente para o centro do alvo. Os outros arqueiros atiraram, um por um, mas nem mesmo Heitor conseguiu fazer melhor. Heitor já não sorria; parecia furioso e amuado, e Cassandra sabia que ele lamentava aquele impulso de generosidade.

Houve outros concursos e Cassandra, obrigando-se através de um esforço violento a regressar a si própria, em corpo e mente, presenciou, com interesse e prazer, a vitória do seu irmão gêmeo em todos eles. Derrubou Deífobo, quase sem esforço, na luta corpo-a-corpo, e quando Deífobo se levantou e se atirou a ele, Páris estendeu-o inconsciente, para só se voltar a levantar quando os jogos já estavam terminados. Lançou o dardo ainda mais longe do que Heitor, recebendo os gritos de *"Ele é tão forte como Heracles!"* com ingênuos sorrisos de prazer.

Um criado aproximou-se do rei e da rainha com um recado e Cassandra ouviu o seu pai repetir em voz alta:

— Ele diz que o jovem forasteiro se chama Páris; é o filho adotivo de Agelau, o

pastor.

Hécuba ficou branca como a cal.

— Devia ter adivinhado; ele se parece contigo. Mas quem poderia acreditar? Foi há tanto tempo, tanto tempo...

Os concursos haviam agora terminado e Príamo fez sinal a Páris, o vencedor, para que avançasse. Depois se levantou.

— Agelau — chamou em voz alta — meu velho tratante, onde estás? Trouxeste o meu filho de volta.

O velho servidor avançou timidamente, pálido e pouco à vontade. Curvou-se diante do rei e balbuciou:

— Não o autorizei a vir aqui hoje, alteza; veio sem a minha permissão e eu compreendo perfeitamente que estejas zangado comigo, com nós dois.

— Na verdade, não — disse Príamo afavelmente, e Cassandra viu os nós dos dedos da sua mãe aliviarem a tensão do punho sobre o coração. — Ele é um motivo de orgulho para ti e para mim também. A culpa foi minha, ao dar ouvidos a esses disparates supersticiosos; só posso agradecer-te, velho

amigo. —Tirou um anel de ouro da sua mão e colocou-o no dedo, deformado pelo trabalho, de Agelau.

— Mereces maior recompensa do que esta, meu velho amigo, mas é tudo o que posso dar-te neste momento. Antes de regressares aos teus rebanhos, terei um presente melhor para

ti.

Cassandra presenciava, boquiaberta, o seu pai, que a atirara ao chão com uma bofetada só por ter inquirido sobre a existência daquele irmão, abraçando Páris e entregando-lhe todos os prêmios do dia. Hécuba chorava e aproximou-se para abraçar o filho que havia perdido.

— Nunca pensei ver este dia — murmurou. — Oferecerei à Deusa uma bezerra imaculada.

Heitor franziu as sobrancelhas ao ver o seu pai ofertando generosos presentes a Páris: o prometido tripé (que Páris declarou querer enviar à sua mãe adotiva); um manto carmim com bandas bordadas, tecido pelas mulheres do palácio; um belo capacete em bronze lavrado; uma espada de ferro.

— E claro que vens para o palácio e jantas comigo e com a tua mãe — convidou ele por fim, sorrindo expansivamente.

Quando Príamo se levantou, com o manto no braço, um dos homens idosos que o rodeavam avançou e falou-lhe num murmúrio insistente. Cassandra reconheceu o homem como um dos velhos freqüentadores do palácio, um dos sacerdotes-adivinhos das relações de Príamo.

Príamo zangou—se e afastou o homem.

— Não me venhas falar de presságios, velho agourento! Superstições disparatadas; nunca lhes devia ter dado ouvidos!

Cassandra sentiu o choque, e também o medo, que percorreu Páris ao ouvir aquelas palavras. Era evidente que ele conhecia os presságios que o haviam

exilado do palácio e despojado daquilo a que tinha direito por nascimento; ou seria que só agora deles tomava conhecimento?

Heitor disse ao ouvido do pai, mas ao alcance dos ouvidos de Páris:

— Pai, se os Deuses decretaram que ele é um perigo para Tróia...

Príamo interrompeu-o:

— Os Deuses? Não; uma sacerdotisa, uma leitora de entranhas de galinha e de sonhos; só um louco se privaria de um belo filho só para agradar a alguém assim. Um rei não dá ouvidos aos presságios de uma mulher prestes a parir, nem aos seus caprichos...

Cassandra sentiu-se dividida entre a simpatia pelo gêmeo, cujo medo e insegurança não podia deixar de sentir como se fossem seus, e o terror da sua mãe. Quis avançar e atrair sobre si a ira do seu pai; mas antes de abrir a boca, os olhos de Príamo pousaram-se de novo em Andrômaca.

— E agora vou fazer justiça, emendando o meu velho erro e trazer para casa o meu filho perdido. Que dizes, Hécuba: casamos a filha da rainha de Cálcis com o nosso novo e maravilhoso filho?

— Não podes fazer tal coisa, pai! — disse Heitor, no momento em que Cassandra sentia os olhos de Páris pousarem-se, gulosos, em Andrômaca. — Páris já tem uma mulher; eu próprio a vi em casa de Agelau.

— Isto é verdade, meu filho? — perguntou Príamo.

Páris pareceu ficar de mau humor, mas percebeu a ameaça implícita. Disse com bons

modos:

— É verdade, a minha mulher é uma sacerdotisa do Deus-Rio Escamandro.

— Então tens de mandá-la chamar, meu filho, e apresentá-la à tua mãe — disse Príamo, e voltou-se para Heitor. — E a ti, Heitor, meu filho mais

velho e meu herdeiro, a ti eu dou a mão da filha da rainha Imandra; celebraremos esta noite o casamento.

— Mais devagar, mais devagar — disse Hécuba. — A criança precisa, como qualquer outra jovem, de tempo para fazer as roupas para o casamento; e as mulheres do palácio precisam de tempo para preparar esta festa tão importante na vida de uma mulher.

— Disparate! — disse Príamo. — A partir do momento em que a noiva está pronta e o dote combinado, quaisquer roupas servem para o casamento. As mulheres estão sempre preocupadas com coisas insignificantes.

"Tudo isto pode ser um disparate", pensou Cassandra, *"mas este menosprezo é grosseiro da parte de Príamo. Que diria a rainha de Cálcis se soubesse que o casamento da filha tinha sido encaixado no meio de um festival? "*

Aproximou-se de Andrômaca e murmurou:

— Não os deixes apressarem-te assim. Tu és uma princesa de Cálcis, não um manto velho, para ser dada como um prêmio especial dos jogos ou como consolação para Heitor por não ter vencido!

Andrômaca sorriu e sussurrou a Cassandra:

— Acho que gostaria de apanhar Heitor antes que o teu pai mude outra vez de idéias ou decida usar-me como prêmio para outra pessoa qualquer.

Ela ergueu os olhos e disse numa vozinha tímida que Cassandra nunca a tinha ouvido usar, tão falsa que Cassandra não percebeu como Príamo não riu na sua cara:

— Meu Senhor Príamo... pai de meu marido... a Senhora de Cálcis, a rainha minha mãe, enviou juntamente comigo todo o tipo de roupas e linhos; assim, se isso te der prazer, podemos celebrar o casamento no momento que achares adequado.

Príamo sorriu exultante e deu-lhe uma palmadinha no ombro.

— Linda menina! — disse ele, e Andrômaca corou e baixou modestamente os olhos, enquanto Heitor se aproximava e a olhava de cima a baixo, *("tal como olhara a bezerra virgem que Páris escolhera para o sacrifício",* pensou Cassandra).

— Ficarei muito contente por tomar a filha da rainha Imandra por esposa.

O longo dia estava a aproximar—se do fim. Príamo e Hécuba foram auxiliados a subir para os seus carros a fim de voltarem ao palácio. Cassandra deu por si caminhando ao lado de Páris; estava profundamente perturbada pelo fato de ele ainda não lhe ter dirigido uma única palavra nem ter reconhecido de qualquer forma o laço que os unia e que era, para ela, tão importante. Como podia ele ignorá-lo?

Perguntou-se se também ele estaria sob a proteção especial do Senhor do Sol, de forma a poder vir enfrentar o pai que tencionara expô-lo à nascença e que agora o reconhecia e pretendia devolver-lhe o lugar na família que era seu por direito.

Heitor seguia perto de Andrômaca; virou-se e pousou a mão no ombro de Cassandra, dando-lhe depois um brusco abraço de boas-vindas.

— Viva, irmã Cassandra! Como estás morena e queimada pelo sol; se bem que depois de todos estes anos com as Amazonas não seja de admirar. Por que não pegaste no teu arco e não foste até ao campo para competir com os outros arqueiros?

— Ela podia tê-lo feito, não duvides — disse Andrômaca — e fazer uma marca melhor que a tua.

— Não duvido — disse Heitor. — Eu hoje não estava nos meus dias e — tossiu e baixou a voz lançando um rápido olhar por cima do ombro na direção de Páris — preferia ser vencido por uma mulher a ser vencido por um arrivista.

Virou-se para Deífobo, que ainda estava agarrado à cabeça como se esta lhe doesse.

— Diz-me, irmão — disse ele — que havemos de fazer com este sujeito? Cresci ao som da velha história de como o pai o tinha exposto por ele ser uma ameaça para Tróia. Será que o devo ignorar só porque o pai achou apropriado subornar-me com uma bela mulher?

Deífobo disse:

— Parece que o pai já está enfeitiçado por ele. Devia aprender a lição com o rei Pélias, quando este foi confrontado com o seu filho desaparecido, Jasão; lembro-me de que ele enviou Jasão ao fim do mundo em busca do Tosão de Ouro...

— Mas já não há nenhum ouro em Cálcis — disse Andrômaca.

— Bem, temos de encontrar uma forma de nos vermos livres dele — disse Heitor. — Talvez consigamos persuadir o pai a enviá-lo a Agamenon e usar com ele algum do seu encanto para convencê-lo a devolver Hesíona.

— Uma boa idéia, essa — disse Deífobo: — E se isso falhar, poderemos mandá-lo... oh, convencer as sereias a darem-nos os seus tesouros marítimos, ou ferrar os Centauros lá nas terras deles ou a atrelá-los e fazê-los puxar os nossos carros de guerra...

— Ou o que quer que seja que o leve para mil léguas de distância de Tróia — -concordou Heitor. — E isto para benefício do próprio pai; se os Deuses decretaram que ele não é benéfico para Tróia...

— Nem, certamente, para nós — disse Deífobo.

Mas Cassandra já ouvira o suficiente. Saiu do caminho e voltou para o lado de Páris.

— Tu... — disse ele, olhando-a sem delicadeza — tu... pensei que fosses um sonho.

E quando os seus olhos se encontraram pela primeira vez, ela sentiu o laço estabelecer-se de novo entre eles; estaria também ele consciente de como estavam ligados, na alma?

— Pensei que fosses um sonho — repetiu — ou talvez um pesadelo.

A rudeza das suas palavras foi como uma pancada; ela esperara que ele a abraçasse dando-lhe as boas-vindas.

Ela disse:

— Irmão, sabes que conspiram contra ti? Para os nossos irmãos, não és bem-vindo em Tróia. — Ela tentou de novo o contato, mas apenas o sentiu afastar-se de novo, zangado.

Ele disse:

— Eu sei; achas que sou idiota? E daqui em diante, irmã, guarda para ti os teus pensamentos... e mantém-te afastada dos meus!

Ela recuou magoada pela crueldade de ter sido expulsa da sua mente. A partir do momento em que soubera da sua existência e do laço que os unia, tinha imaginado que quando se encontrassem ele a acolheria com alegria e que a partir daí seria muito especial, preciosa até, para ele. Agora, em vez disso, ele repelia-a, encarava-a como uma intrusa. Não via ele sequer que ela era, ali, a única pessoa pronta a recebê-lo com uma aceitação e amor ainda maiores que os de Príamo?

Não choraria nem lhe imploraria o seu amor.

— Como queiras — disse com rispidez. — Nunca foi meu desejo estar assim ligada a ti. Pensas, então, que talvez o nosso pai tenha exposto o gêmeo errado? — Lançou-se para longe dele, apressando-se a descer o caminho e a voltar para junto de Andrômaca, com toda a alegria do retorno a casa destruída.

DEZESSEIS

Ao longo de todo o serão, Cassandra pensou que aquela era mais a celebração do acolhimento de Páris na família do que uma festa de casamento para Heitor e Andrômaca, apesar de Príamo, uma vez decidido a celebrar o casamento, não se ter poupado a esforços para que nada faltasse. Mandou buscar o melhor vinho às adegas reais e Hécuba foi às cozinhas a fim de providenciar as delicadas iguarias a adicionar à refeição da noite: frutos, favos de mel, todo o gênero de doçarias. Músicos, malabaristas, dançarinos e acrobatas foram chamados para o entretenimento.

Uma sacerdotisa do Templo de Palas Atena foi convocada para superintender os sacrifícios, os quais eram parte fundamental de um casamento real. Cassandra ficou junto de Andrômaca que agora, perante a evidência do fato, estava pálida e amedrontada; ou talvez, pensou Cassandra com uma ironia que a deixou espantada, fosse esta a idéia que Andrômaca tinha de como uma mulher decente e recatada deveria comportar-se no dia do seu casamento.

Quando se encontravam juntas no pátio, presenciando solenemente a preparação dos sacrifícios, Andrômaca encostou-se a Cassandra e murmurou: *"Pensava que os Deuses já tivessem tido sacrifícios suficientes para um só dia. Achas que eles nunca se fartam de ver pessoas a matar animais em sua honra? A mim um matadouro não me divertiria nada. "* Cassandra teve de sufocar uma risadinha que teria sido escandalosa; mas era verdade: já tinha havido sacrifícios suficientes durante os jogos.

O casal estava lado a lado, as mãos fechadas em torno da faca dos sacrifícios, e Heitor curvou-se e sussurrou algo a Andrômaca. Ela abanou a cabeça, mas ele insistiu e foi a mão dela que, sem hesitação, enterrou a faca na garganta da vitela branca. Para Cassandra, que não comera nada desde manhã cedo, o cheiro da carne a assar era como ambrosia.

Depois disso, bastaram alguns minutos para que se retirassem e Hécuba enviasse as criadas para vestir Andrômaca e Cassandra para a festa. Estavam no quarto que Cassandra costumava partilhar com Políxena

quando eram pequenas; mas já não era um simples quarto de crianças. As paredes tinham sido pintadas segundo a moda cretense, em murais com criaturas marinhas, estranhos moluscos curvilíneos e polvos de muitos tentáculos enleados em espirais de algas marinhas, nereidas e sereias. As mesas eram em madeira esculpida, repletas de cosméticos e frascos de essências em vidro azul soprado em forma de peixes e sereias. As cortinas das janelas eram de algodão egípcio, tingido de verde, através do qual o sol do fim da tarde, ao entrar no quarto, parecia sair das ondas do mar espalhando uma estranha luz

subaquática.

O carregamento dos presentes de Cálcis tinha sido descarregado e levado para o palácio e Andrômaca vasculhou os fardos em busca de um presente de casamento adequado para o seu recém-desposado. A rainha mandara levar a Cassandra um elegante vestido de gaze do Egito, e Andrômaca encontrou, numa das arcas de Cálcis, um vestido de seda comprido, mas tão fino que era possível fazê-lo passar por dentro de um anel, e tingido com o incalculavelmente valioso carmim de Tiro.

A rainha enviou também as suas próprias criadas, que trataram de preparar tinas de água aquecida, dar banho e perfumar ambas as jovens. Encaracolaram-lhes o cabelo com pinças aquecidas e em seguida fizeram-nas sentar e pintaram-lhes o rosto com cosméticos. Puseram-lhes nos lábios um creme próprio, vermelho, que cheirava a maçãs frescas e a mel; depois aplicaram *kohl* do Egito para escurecer as sobrancelhas e sublinhar os olhos, e pintaram-lhes as pálpebras com uma pasta azul, semelhante a giz ao tato, mas que tinha o odor do mais puro azeite. Andrômaca recebia todas aquelas atenções como se sempre, na sua vida, tivesse sido acostumada a elas; mas Cassandra ia dizendo piadas nervosas enquanto as mulheres tratavam dela.

— Se eu tivesse chifres, tenho a certeza de que vocês os enfeitariam também — disse ela. — Sou uma convidada ou uma das sacrificadas?

— A rainha ordenou-o, senhora — disse uma das camareiras.

Cassandra supôs que Hécuba havia ordenado tudo aquilo para que a princesa de Cálcis não pensasse que Tróia era menos suntuosa do que a sua longínqua cidade. A camareira disse:

— Ela ordenou que não vos deixássemos menos elegantes do que ela própria; e com toda a razão, pois como diz a velha canção, toda a dama é uma rainha quando vai no carro de núpcias. E é assim que eu tenho vestido a princesa Políxena para todos os festejos desde que ela passou a ter idade para isso.

Franziu a testa ao massagear as mãos de Cassandra com óleo perfumado que cheirava a lírios e a rosas.

— As tuas mãos estão calejadas, senhora — disse ela, reprovadora. — Nunca ficarão tão macias como as mãos da princesa, que são como pétalas de rosa; como devem ser as de uma dama.

— Lamento, mas não posso fazer nada — disse Cassandra, contorcendo as mãos assim tão criticadas.

Foi nesse momento que teve consciência de quando iria sentir a falta da vida ao ar livre, tal como sentia já a falta do seu cavalo. Pentesileia havia lhe oferecido uma magnífica égua, como presente de despedida; mas no fim da viagem, a última decisão de Cassandra tinha sido mandá-la de volta com a escolta de amazonas. Sabia que não lhe seria permitido cavalgar livremente e não queria ver a sua nobre companheira enjaulada nos estábulos ou, pior ainda, entregue a um dos seus irmãos para puxar um carro de combate.

O sol estava a pôr-se e as camareiras acenderam archotes. Depois puseram um pregador de ouro no ombro da túnica de Cassandra e colocaram-lhe sobre as costas um manto novo de lã riscada. Andrômaca enfiou os pés em sandálias douradas.

— E eis aqui um par exatamente igual a ti — disse ela, curvando-se para calçá-las nos pés de Cassandra.

— Vais estar tão bonita como a noiva — disse a camareira; mas Cassandra pensava que Andrômaca, com os seus caracóis escuros e brilhantes, era mais bela do que qualquer outra mulher em Tróia.

As duas jovens dirigiram-se apressadamente para as escadas; mas Cassandra não conseguia correr com aquelas sandálias requintadas e tiveram de descer cuidadosamente, degrau a degrau, o comprido lanço de escadas.

O grande salão de festas brilhava à luz dos muitos archotes e candeias. Príamo já se encontrava sentado no seu alto trono e parecia aborrecido por elas estarem atrasadas. Mas quando o arauto anunciou "A *Princesa Cassandra e a Princesa Andrômaca de Cálcis",* Príamo, bem-humorado, fez sinal com a mão para que as jovens se aproximassem dele. Sentou Andrômaca no lugar de honra a seu lado, partilhando com ela o prato e a taça de ouro.

Hécuba fez sinal a Cassandra para que se sentasse a seu lado e murmurou: *"Agora pareces realmente uma princesa de Tróia e não uma mulher das tribos selvagens, minha querida. Como estás bonita...!"*

Cassandra pensou que devia parecer uma boneca pintada, como as pequenas efígies que vinham do Egito e se destinavam aos túmulos de reis e rainhas. Era esse o aspecto de Políxena; mas se a sua mãe estava satisfeita, não iria protestar.

Quando todos se sentaram, Príamo propôs o primeiro brinde levantando a sua taça.

— Ao meu novo e esplêndido filho Páris, e à boa sorte que o devolveu a mim e à sua mãe, um conforto para a velhice.

— Mas, pai — protestou Heitor a meia voz — esqueceste a profecia que acompanhou o seu nascimento, segundo a qual ele atrairia uma calamidade sobre Tróia? Nessa altura eu era uma criança, mas lembro-me muito bem.

Príamo pareceu contrariado; Hécuba ficou à beira das lágrimas. Páris não pareceu ficar surpreendido; Agelau devia ter lhe contado. Mas era grosseiro

da parte de Heitor mencionar a

profecia durante a festa.

Heitor exibia as suas melhores roupas: uma requintada túnica com bordados a ouro nos quais Cassandra reconheceu o trabalho das mãos da própria rainha; a Páris também tinha sido dada uma bela túnica e um manto novo como o de Cassandra, e ele estava magnífico. Príamo observou a ambos com satisfação, enquanto dizia:

— Não, meu filho, não esqueci o presságio enviado não a mim, mas sim à minha rainha. Mas as mãos dos Deuses devolveram-no e homem algum pode argumentar contra o Destino ou contra a vontade dos Imortais.

— Mas estás certo — insistiu Heitor — de que foram os Deuses e não alguma Parca perversa decidida a destruir a nossa Casa Real?

O rosto moreno de Páris ensombrara-se, mas Cassandra já não conseguia ler os pensamentos do seu gêmeo.

Príamo disse com um ameaçador franzir de sobrolho que fez Cassandra estremecer:

— Paz, meu filho! Este é o único assunto em que não te darei ouvidos! Preferia, se necessário, ver Tróia inteira perecer do que ver algum mal atingir este magnífico filho que reencontrei.

Cassandra sentiu um arrepio percorrê-la. Príamo, ao escarnecer da profecia, acabava de proferir outra.

Ele sorriu com benevolência a Páris, que se encontrava sentado do outro lado de Hécuba, os dedos firmemente apertados nos dela. O rosto da rainha desfazia-se em sorrisos e Cassandra sentiu uma dor cortante; a descoberta de Páris fazia-a perder as atenções de boas-vindas que poderia ter recebido da rainha. Sentia-se triste e magoada, mas disse para si própria que era Pentesileia quem se tornara a sua verdadeira mãe; entre as Amazonas uma filha era útil e bem-vinda, enquanto aqui em Tróia pensava-se sempre numa filha apenas como não sendo um filho.

Príamo insistia com Andrômaca para que esta bebesse cada vez que a taça passava em volta, esquecendo que ela era apenas uma jovenzinha a quem, normalmente, não seria permitido, ou encorajado, beber daquela maneira. Cassandra percebia que a sua amiga já estava um pouco tonta e embriagada. *"Talvez seja bom ",* pensou ela, *"pois no fim da festa vai ser enviada, praticamente sem preparação, para a cama do meu irmão Heitor. E ele também está bastante bêbado. "*

Ocorreu-lhe de repente que devia sentir-se satisfeita por Andrômaca não se casar com Páris como tinha sido sugerido; com o laço que os unia, ela provavelmente não conseguiria evitar partilhar a consumação do casamento. A idéia a fez sentir calor e frio alternadamente;

os seus sentidos estavam em chamas. Onde estava Enone? Por que não a teria Páris convidado, como sua mulher, para o casamento?

Heitor, talvez por estar bêbado, decidiu continuar com o mesmo assunto.

— Bom, meu pai, decidiste honrar o nosso irmão; não levarás em consideração que talvez devêssemos dar-lhe a oportunidade de merecer as honras que lhe concedeste? Suplico-te que, pelo menos, o envies numa expedição entre os Aqueus; assim, se a profecia maligna ainda vigorar, pode ser que se desvie para eles.

— Essa é uma boa idéia — murmurou Príamo, também ele já sob o efeito de uma boa quantidade de vinho. — Mas tu não queres nos deixar já, pois não, Páris?

Páris murmurou, corretamente, que se encontrava sempre à disposição do seu pai e do

seu rei.

— Ele encantou a todos — replicou Heitor, não sem malícia. — Por que não deixá-lo tentar o seu charme irresistível em Agamenon e persuadi-lo a pedir resgate pela senhora Hesíona?

— Agamenon — disse Páris, levantando repentinamente a cabeça. — Não é ele o irmão desse Menelau que casou com Helena de Esparta? E não é ele próprio casado com a irmã da rainha espartana?

— É isso mesmo — disse Heitor. — Quando os Aqueus vieram do Norte com os seus carros de guerra e os seus Deuses do Trovão, Leda, a Senhora de Esparta, desposou um desses reis, e correram rumores, quando ela lhe deu duas filhas gêmeas, que uma delas era filha do próprio Senhor do Trovão.

— E Helena desposou Menelau — continuou Heitor — apesar de dizerem que ela era bela como uma Deusa e que poderia ter casado com qualquer rei, da Tessália a Creta. Houve segundo ouvi, muitas desavenças em torno do casamento de Helena, que iam resultando numa guerra, ali, naquele momento. Tu não és mal parecida, minha Andrômaca — disse ele, aproximando-se e olhando-lhe atentamente o rosto — mas não és tão bela, penso eu, que eu tenha de te manter encerrada para evitar que todos os homens me invejem e te cobicem. — Ele tomou-lhe o queixo nas mãos e olhou-a.

— O meu senhor é bondoso para com a sua humilde esposa — disse Andrômaca com um breve sorriso, que somente Cassandra identificou como sarcástico.

Páris observava Heitor com tal atenção, que Cassandra não pôde deixar de reparar. Que estaria ele a pensar? Teria ele ciúmes de Heitor, que não era nem tão belo nem tão inteligente como ele? Com uma mulher tão bonita como Enone, dificilmente poderia cobiçar Andrômaca a Heitor, só porque ela era princesa de Cálcis. Ou teria ele inveja de Heitor por este ser o mais velho e o favorito confirmado do pai? Ou estaria ele zangado porque, no fundo, Heitor o tinha insultado?

Bebericou lentamente o vinho da sua taça, perguntando-se como Andrômaca se sentiria, realmente, em relação a este casamento; não conseguia imaginá-la louca de alegria por estar casada com o tirânico Heitor, mas supunha que a Andrômaca não desagradava a idéia de vir a ser, eventualmente, rainha de Tróia. Discretamente (a sua mãe sempre lhe havia dito que não era decente olhar os homens no rosto) olhou em torno da sala,

pensando se haveria ali algum homem com quem casasse de boa vontade. Certamente que com nenhum dos seus irmãos, mesmo supondo que não era irmã deles; Heitor era bruto e antipático; Deífobo era dissimulado e tinha um olhar matreiro; mesmo Páris, sendo belo como era, já tinha esquecido Enone. Troilo era ainda uma criança, mas quando crescesse era capaz de vir a ser bastante suave e gentil. Recordou como, mesmo entre as Amazonas, as jovens passavam o tempo a falar do rapazes, e também aí ela tinha sentido o peso da diferença no seu coração. Por que não se preocuparia minimamente com o que, para elas, era tão importante?

"Deve haver alguma coisa que valha a pena no casamento, caso contrário porque estariam todas as mulheres tão ansiosas por casar? " Depois recordou as palavras da rainha Imandra: ela era uma *"sacerdotisa nata"*. Pelo menos isso era uma razão válida para a sua diferença.

As pálpebras de Cassandra desciam e ela pestanejou e sentou-se direita, desejando que aquilo terminasse; antes do raiar do dia já ela estava acordada e a caminho, e fora um dia muito longo.

Príamo chamara Páris para junto de si e conversava com ele sobre navios, a rota de navegação até as ilhas Aquéias e qual a melhor forma de abordar as gentes de Agamenon. Andrômaca estava meio adormecida. Aquela era, pensou Cassandra, a festa mais entediante que já vira, embora, de fato, não tivesse ido a muitas.

Finalmente, Príamo propôs um brinde aos recém-casados e mandou buscar archotes para escoltarem Heitor e a sua noiva até ao quarto nupcial. À frente das mulheres, Hécuba conduzia o cortejo segurando na mão um archote flamejante. A chama agitava-se e projetava luzes coloridas ao longo das paredes, à medida que as mulheres, com Cassandra e Políxena ladeando Andrômaca, a acompanhavam pela escada acima, seguidas por todas as outras mulheres do palácio: esposas e filhas de importância secundária e todas as criadas do palácio, incluindo as da cozinha. Os archotes fumegavam e faziam doer os olhos a Cassandra. Pareceu-lhe que ardiam em altas chamas, que havia um fogo tremendo por detrás das paredes, mesmo no quarto nupcial e que conduziam Andrômaca para uma morte terrível...

Cobrindo os olhos com as mãos, como que para afastar a visão, ouviu-se a si mesma gritando:

— Não! Não! O fogo! Não a levem para aí!

— Cala-te! — Hécuba apertou-lhe os pulsos até Cassandra se contorcer de dor. — Que se passa contigo? Estás louca?

— Não ouves os trovões? — sussurrou Cassandra. — Não, não, ali só há sangue e morte... fogo lá dentro, relâmpagos, destruição...!

— Fica quieta! — ordenou Hécuba. — Que augúrio para uma noite de núpcias! Como te atreves a fazer uma cena destas?

— Mas será que não ouvem, que não vêem...?!

Cassandra sentiu-se invadir pelas trevas, não conseguindo ver nada para além da escuridão cruzada pelo fogo. Comprimiu as mãos de encontro aos olhos, tentando apagar aquela imagem. Teriam sido apenas os archotes fumegantes distorcendo-lhe a visão?

— Que vergonha! — a mãe continuava a ralhar-lhe enquanto a arrastava consigo. — Pensei que a princesa de Cálcis fosse tua amiga; queres estragar-lhe a noite de núpcias com este espalhafato? Sempre foste ciumenta quando alguém, que não tu, é o centro das atenções; mas pensei que com a idade tivesses ultrapassado isso...

Levaram Andrômaca para o quarto nupcial. Também este tinha sido pintado com criaturas marinhas, tão realistas que pareciam ondular e nadar sobre as paredes. Hécuba dissera-lhe, ao jantar, que alguns artífices de Creta tinham passado um ano no palácio a redecorar as paredes segundo o estilo cretense e que a mobília esculpida fora tributo da rainha de Cnossios.

Sobre a mesa-de-cabeceira encontrava-se uma pequena escultura da Mãe Terra, com os Seus seios nus por sobre o corpete apertado, uma saia de folhos e uma serpente em cada mão. Andrômaca, enquanto as mulheres lhe retiravam os ornamentos nupciais e lhe vestiam uma camisa de gaze do Egito, sussurrou a Cassandra:

— Olha, é a Mãe Serpente, mandaram-Na da minha terra para que me abençoe nesta

noite...!

Por momentos, no interior de Cassandra, a torrente de águas negras ameaçou agitar-se e inundá-la de novo. Afundava-se no medo; era tudo o que conseguia fazer para se impedir de gritar todo o terror e a apreensão que começava a estrangulá-la: *"Fogo, morte, sangue, maldição para Tróia... para todos nós... "*

O rosto de sua mãe, grave e zangado, manteve-a em silêncio. Entorpecida pelo terror, abraçou Andrômaca, empurrando contra ela a bonita estatueta e murmurando:

— Que Ela te dê, então, a bênção da fertilidade, irmãzinha!

Andrômaca parecia ser apenas uma criança crescida, dentro da sua camisola, com os cabelos escovados, e já sem os elegantes caracóis, caindo-lhe sobre os ombros; os seus olhos pintados, enormes e escuros devido ao *kohl* espalhado em volta das pálpebras. Cassandra, imersa ainda nas águas negras da sua visão, sentiu-se velha e definhada no meio de todas aquelas jovens que brincavam nos casamentos sem fazer a mínima idéia do que as esperava.

Ouviam-se agora, pela escada acima, os cantos dos homens que acompanhavam Heitor, o qual vinha reclamar a sua noiva. Andrômaca agarrou-se a ela e murmurou:

— És a única pessoa que não é estranha para mim, Cassandra. Peço-te, deseja-me felicidade.

A garganta de Cassandra estava tão seca que ela mal conseguia falar. *"Quem me dera que conceder felicidade fosse tão fácil como desejá-la. "* Murmurou, por entre os lábios ressequidos:

— Desejo-te toda a felicidade, irmã.

“Mas não existirá felicidade; apenas maldição e os maiores sofrimentos deste mundo... ”

Quase conseguia ouvir os gritos estridentes da angústia e os lamentos, por entre o canto alegre do hino nupcial; e no momento em que Heitor, escoltado pelos seus amigos, entrou no quarto, os laivos vermelhos da luz dos archotes mancharam as suas faces com o carmim do sangue... ou seriam somente os ossos dos seus rostos que a luz assemelhava a caveiras?

A sacerdotisa que se encontrava junto à cama deu-lhes a taça do matrimônio. Cassandra pensou: *“Aquela deveria ter sido a minha tarefa*”, mas o seu rosto estava gelado de pavor e ela sabia que jamais teria tido coragem de colocar a taça na mão da sua amiga.

— Não fiques tão acabrunhada, irmãzinha — disse Heitor, tocando os seus cabelos de leve. — Em breve será a tua vez; ao jantar, o nosso pai estava a falar em arranjar, a seguir, um marido para ti. Sabias que o filho do rei Peleu, Aquiles, fez uma oferta por ti? O pai diz existir uma profecia segundo a qual ele há de ser o maior herói de todos os tempos. Talvez o casamento com um aqueu acabasse com estas estúpidas guerras, embora eu preferisse bater-me com Aquiles e cobrir-me de glória.

Cassandra agarrou furiosamente os ombros de Heitor.

— Tem cuidado com aquilo que pedes — disse entredentes — pois algum Deus pode conceder-te! Reza para que nunca tenhas de enfrentar Aquiles em combate!

Ele olhou para ela com desagrado e retirou as mãos dos seus ombros com firmeza.

— Como profetisa, és uma ave agourenta, irmã, e eu preferia não ter de ouvir os teus grasnidos na noite do meu casamento. Vai para a tua cama e deixa-nos na nossa!

Ela sentiu que as águas escuras se escoavam, deixando-a oca, vazia e indisposta, sem a mínima noção do que estivera a dizer. Murmurou:

— Perdoa-me, não é por mal. Sabes com certeza que só desejo o bem para ti e para a nossa parente de Cálcis...

Heitor roçou os lábios pela sua fronte.

— Foi um dia longo e a tua viagem foi grande — disse ele. — E só os Deuses sabem que loucuras te ensinaram em Cálcis. Não é para admirar que estejas quase a delirar de fadiga. Boa noite então, irmãzinha e... isto para os teus presságios! — Pegou no archote que se encontrava junto à cama e apagou rapidamente a chama. — Que todos eles se reduzam a nada, tal como isto!

Ela voltou-lhe as costas, vacilante, enquanto as vozes das mulheres que ali permaneciam se elevavam numa última canção nupcial. Sabia que deveria juntar-se a elas, mas sentia que mesmo que disso dependesse a própria vida, não conseguiria soltar uma única nota. Em passos trôpegos avançou às cegas, afastando-se da cama, e saiu do quarto dos noivos, precipitando-se para o seu. Deixou-se tombar sobre a cama, sem sequer se preocupar em tirar os seus enfeites ou limpar o rosto dos cosméticos gordurosos. Caiu no sono, ao mesmo tempo em que as águas negras se encapelavam de novo à sua volta, afogando por completo os ecos reminiscentes dos hinos de alegria.

DEZESSETE

Havia já muitos dias que o porto vibrava com o som dos martelos e enxós, à medida que o navio crescia sobre o berço onde tinha sido assentada a quilha; tocadores de harpa vinham quase todas as noites ao Grande Salão, para cantar a balada de Jasão e da construção do Argo.

As provisões para a viagem vinham sendo carregadas havia semanas, enquanto os fabricantes de velas cosiam, com as suas agulhas enormes, a volumosa vela estendida sobre a areia branca da praia; para secar ou defumar as barricas de carne, mantinham-se fogos acesos no pátio, noite e dia; foram trazidos cestos com frutos e potes de vinho e azeite e sempre mais e mais armas. Parecia às mulheres que havia meses que todos os ferreiros do reino não paravam de martelar pontas de flecha em bronze, espadas de bronze ou de ferro, armaduras de

todos os tipos.

Dúzias dos melhores guerreiros de Príamo partiriam com Páris; não para fazer a guerra, mas para o caso de encontrarem piratas quando atravessassem o Egeu, fosse o famoso pirata Odisseu (que vinha por vezes ao palácio de Príamo para vender o seu saque, ou apenas para pagar o tributo que este cobrava a todos os navios que cruzavam os estreitos em direção ao norte) ou qualquer outro pirata. Esta expedição, carregada de presentes para Agamenon e para os outros reis aqueus, não poderia correr o risco de ser pilhada; a sua missão, pelo menos segundo dizia Príamo, era negociar um resgate honroso pela senhora Hesíona.

Cassandra observava o navio crescendo sob as mãos dos construtores e desejava ardentemente partir nele com Páris e seus companheiros.

Por duas ou três ocasiões em que os guerreiros se treinavam no pátio, ela vestiu uma das túnicas curtas de Páris e, escondendo o rosto sob um capacete, treinou com eles com a espada e o escudo. A maioria pensava ser Páris quem lutava; e já que ele raramente aparecia no campo de treinos, ela nunca foi descoberta. Apesar de saber que era um atrevimento, sentia um

imenso prazer e, durante bastante tempo, a sua agilidade e força muscular mantiveram-na incógnita.

Mas um dia um amigo de Heitor defrontou-a e deitou-a por terra, e a túnica curta levantou-se descobrindo-a até a cintura. O próprio Heitor veio e arrancou-lhe o capacete da cabeça; depois, zangado, tirou-lhe a espada da mão, virou-a ao contrário e deu-lhe com ela uma forte pancada nas costas.

— Agora vai para dentro, Cassandra, e trata de tecer e fiar — disse ele com rispidez. — Há trabalho de mulher que chegue para ti; se te apanho outra vez aqui disfarçada, dou-te uma sova com as minhas próprias mãos.

— Deixa-a em paz, grande bruto — gritou Andrômaca, que observava de um dos lados do pátio; tinha estado a ajustar uma almofada carmim no carro de Heitor e a pregar-lhe os últimos pedaços de fio de ouro. Heitor virou-se para ela, zangado.

— Tu sabias que ela estava aqui, Andrômaca?

— E se soubesse? — perguntou Andrômaca com rebeldia. — A minha própria mãe (e a tua também) luta como uma guerreira!

— Não é próprio para a minha irmã, nem para a minha mulher, estarem aqui sob os olhares dos soldados — disse Heitor, repreendendo-a. — Vai para dentro e cuida do teu trabalho; e não quero mais conivências com esta desgraçada atrevida!

— Suponho que pensas que também me podes dar uma sova! — disse Andrômaca, insolentemente. — Mas já sabes o que te espera se tentares!

Cassandra viu, com espanto, um rubor de embaraço espalhar-se pelo rosto do irmão.

O cabelo escuro de Andrômaca esvoaçava solto ao vento em torno do seu rosto; vestia uma túnica quase da cor do seu vestido de casamento, e estava muito bonita. Heitor disse por fim, de um modo tão formal que Cassandra percebeu que ele reprimia fosse o que fosse que lhe apetecia dizer, por não

ser próprio dizê-lo perante uma terceira pessoa, mesmo tratando-se de uma irmã:

— Pode ser que assim seja, esposa. Mesmo assim seria mais decoroso se fosses para os alojamentos das mulheres e tratasses do teu tear; há muito trabalho de mulher para ser feito e eu preferia que o fizesses em vez de vires cá para fora aprender os modos de Cassandra. No entanto, se isso te fizer sentir melhor, eu desta vez não lhe bato. Quanto a ti, Cassandra, vai para dentro e trata das tuas tarefas, ou eu digo ao pai e ele talvez ponha as coisas nuns termos tais que te forcem a levar em conta as tuas palavras. — Ela percebeu que o ressentimento espelhado no seu rosto o tocava, pois ele disse com um pouco mais de gentileza: — Vá lá, irmãzinha, pensas que eu estaria para aqui a cansar-me até a exaustão, com a espada e o escudo, se pudesse ficar dentro de casa, fresco e confortável? As batalhas podem parecer-te muito atraentes enquanto se trata de brincar com lanças e flechas com os teus amigos e os teus irmãos; mas olha — descobriu o braço, enrolando a manga da túnica de lã acima do debrum bordado e mostrou-lhe uma costura longa e avermelhada, ainda supurando no meio. — Continua a doer-me quando mexo o braço; quando há realmente que ferir e ser ferido, a guerra já não parece tão excitante!

Cassandra olhou para a ferida que marcava o corpo macio e musculoso do seu irmão e sentiu uma estranha sensação de enjôo que a apertava por baixo do diafragma; vacilou e recordou-se de quando golpeara a garganta do homem que a tentara violar. Quase sentiu vontade de contar esse episódio a Heitor; ele era um guerreiro e iria decerto compreendê-la. Depois o olhou nos olhos e percebeu que não; ele nunca seria, pensou ela, capaz de ver nada além do fato dela ser uma mulher.

— Alegra-te por ter sido eu o único a ver-te assim despida, irmãzinha — disse ele sem rudeza — porque se descobrissem uma mulher no campo de batalha... Já vi mulheres guerreiras serem violadas sem que nenhum homem protestasse. Se uma mulher recusa a proteção legítima para esposas e irmãs, não existe mais nenhuma proteção para ela.

Enfiou o seu elmo e afastou-se, deixando as mulheres com os olhos pregados nele: Cassandra zangada e sabendo que deveria sentir-se

envergonhada, Andrômaca reprimindo o riso. Momentos depois deixou escapar uma risada.

— Oh, ele estava tão zangado! Cassandra, se ele se zangasse assim comigo, eu ficava aterrorizada! — Sentindo o vento fresco, puxou a mantilha para os ombros. — Vem, vamos sair daqui para fora. Ele tem razão; se outro homem qualquer te tivesse visto... — torceu a boca numa careta e disse com um estremecimento exagerado: —... algo de terrível teria certamente acontecido.

Não vendo nenhuma alternativa, Cassandra foi atrás dela e Andrômaca enfiou o braço por dentro do braço da cunhada.

Cassandra, pela primeira vez desde vários dias, percebeu que a escuridão profética a preenchia por dentro.

Enquanto estivera no terreiro com uma arma, não tivera consciência daquilo que a fizera gritar na noite do casamento. Agora, através dessas águas escuras, ela via Andrômaca e, em torno dela, algo distinto, envolvendo-a como um fogo frio e assustador de sofrimento e pânico; mas havia, antes da dor; alegria bastante para levá-la a pousar a mão, ansiosamente, no braço de Andrômaca e perguntar com doçura:

— Esperas uma criança?

Andrômaca sorriu; ou antes, pensou Cassandra, resplandeceu.

— Achas que sim? Eu ainda não tenho certeza; pensei que talvez devesse perguntar à rainha como poderia certificar-me. A tua mãe tem sido tão boa comigo, Cassandra! A minha mãe nunca me compreendeu nem aceitou por eu ser covarde e não querer ser uma guerreira; mas Hécuba gosta de mim e eu acho que ficará feliz se isso for verdade.

— Pelo menos disso eu tenho a certeza — disse Cassandra; e depois, porque sabia que Andrômaca ia perguntar *"Como é que sabes? ",* procurou atrapalhadamente palavras que lhe permitissem explicar as águas negras e a terrível coroa de fogo.

— Por momentos, pareceu-me ver-te com o filho de Heitor nos braços.

O sorriso de Andrômaca era radiante e Cassandra sentiu alívio ao ver que, desta vez, causara prazer em vez de medo com o seu dom indesejado. Nos dias que se seguiram não voltou a pegar nas armas, mas saía freqüentemente, sem ser repreendida, para ver os progressos no navio. Ia crescendo diariamente, no berço sobre a areia e, pouco antes da gravidez de Andrômaca se tornar visível para os olhares menos treinados, estava pronto a ser lançado à água; um touro branco foi sacrificado no momento em que ele deslizava suavemente pela rampa abaixo, em direção à água.

Nesse momento, Heitor, de pé entre a sua mulher e Cassandra, disse:

— Tu que estás sempre a profetizar sem que to peçam, que prevês para este navio?

Cassandra disse, em voz baixa:

— Não vejo nada. E talvez esse seja o melhor de todos os presságios. — Ela conseguia ver o navio regressar, envolto numa aura dourada como o rosto de um Deus, e nada mais. — Mas creio que é bom que tu não partas, Heitor.

— Que assim seja, então — disse Heitor.

Páris veio despedir-se deles, apertando calorosamente a mão de Heitor e abraçando Cassandra com um sorriso. Beijou a mãe e saltou para bordo do navio; a sua família continuou junta, vendo o barco deslizar para fora do porto, a grande vela enfunando-se ao vento. Páris ia de pé, junto à barra do leme, muito reto e esguio, com a face iluminada pelo sol que ia avançando para oeste. Cassandra soltou o braço da mãe e afastou-se pelo meio da multidão entusiasmada; dirigiu-se imediatamente para o local onde se encontrava uma mulher alta, fixando com os olhos a vela cujas dimensões se iam, progressivamente, assemelhando às de um brinquedo.

— Enone — disse ela, reconhecendo-a do momento em que, com Páris, abraçara a jovem como se fosse com os seus próprios braços — que fazes

aqui? Por que não foste dizer-lhe adeus juntamente com o resto da sua família?

— Quando me apaixonei por ele, não fazia idéia de que ele era um príncipe — disse a jovem. A sua voz era tão encantadora como ela, clara e musical. — Como seria possível uma mulher vulgar como eu aproximar-se do rei e da rainha enquanto eles estavam a dizer adeus ao seu filho?

Cassandra pôs o braço em volta de Enone e disse suavemente:

— Tens de vir e ficar no palácio. Tu és mulher dele e a mãe do seu filho, portanto eles gostarão de ti tal como gostam de Páris. — *"E se não gostarem ",* pensou, *"podem pelo menos agir como se gostassem, pela honra da família. Pensar que ele partiu sem se despedir dela!"*

A face de Enone estava inundada de lágrimas. Cravou os dedos no braço de Cassandra.

— Dizem que és profetisa, que podes ver o futuro — disse ela a chorar. — Diz-me que ele vai voltar! Diz-me que ele vai voltar para mim!

— Oh, ele vai voltar! — disse Cassandra. *"Ele vai voltar. Mas não para ti. "*

A intensidade das suas próprias emoções a confundia. Disse:

— Deixa-me falar com a minha mãe a teu respeito — e dirigiu-se com Enone para junto de Hécuba.

Andrômaca disse, em tom de meiga censura:

— Oh, Cassandra, como é possível? Uma camponesa... trazê-la para o palácio?

— Não; ela é tão bem-nascida como qualquer de nós — disse Cassandra. — Basta olhar para as mãos dela para perceber isso. O pai dela é um sacerdote do Deus-Rio Escamandro.

Repetiu este argumento a Hécuba, cujo primeiro impulso foi dizer:

— Claro, se ela traz em si o filho de Páris. Mas como podes estar certa disso, querida? Temos de garantir-lhe todas as providências e que nada lhe falte. Mas levá-la para o palácio?

Apesar de tudo, quando conheceu Enone foi instantaneamente cativada pela sua beleza e levou-a para uma suíte clara e arejada, com vista sobre o mar, na parte mais alta do palácio. Estava vazia e cheirava a ratos, mas Hécuba disse:

— Ninguém utilizou estes quartos desde que a mãe de Príamo aqui viveu; chamaremos os artífices e mandaremos redecorar para ti, minha querida, se conseguires arranjar-te com eles tal como estão por uma ou duas noites.

Os olhos de Enone estavam muito abertos e quase incrédulos:

— És tão boa comigo... isto é muito para mim...

— Não sejas tonta! — interrompeu Hécuba. — Para a mulher do meu filho (e, em breve, para o seu filho) nada é muito, acredita-me. Chamaremos os artífices de Creta; eles estão na cidade, a pintar frescos em algumas casas, e alguns a decorar vasos e potes para azeite. Mandarei uma mensagem a eles amanhã.

Ela cumpriu a sua palavra e, passados um dia ou dois, os cretenses chegaram para rebocar os quartos e pintar cenas festivas nas paredes: imponentes touros brancos e saltitantes touros-bailarinos de Creta, em tons realistas. Enone estava deliciada com a beleza dos quartos e quase infantilmente feliz quando Hécuba mandou mulheres para servi-la.

— Não deves fatigar-te, pois o meu neto pode sofrer com isso — disse Hécuba asperamente, quando Enone tentou agradecer-lhe, atrapalhada.

Andrômaca era também amável para Enone, embora de um modo indiferente, e a princípio Cassandra passava uma grande parte do seu tempo com elas, confundida pelos seus sentimentos. Andrômaca pertencia agora a Heitor e Enone a Páris; ela não tinha amigas chegadas e embora todos os dias Príamo mencionasse a necessidade de lhe arranjar um marido, ela não

tinha a certeza de ser isso o que desejava ou do que responderia se lhe perguntasse; o que provavelmente ele não faria.

Não compreendia por que razão a presença de Enone a afetava daquela maneira; supunha que fosse por ter partilhado as emoções de Páris (mas se Páris sentia o mesmo em relação a Enone, por que se mostrava pronto a deixá-la?) pela jovem quando ele a fizera sua mulher. Sentia um enorme desejo de acariciar a outra mulher e confortá-la, ao mesmo tempo em que se afastava dela, embaraçada até pelos abraços casuais, vulgares entre moças.

Confusa e assustada, começou a evitar Enone, o que significava evitar Andrômaca também, pois as duas jovens esposas passavam agora grande parte do tempo juntas, conversando sobre os bebês que vinham a caminho e tecendo roupas para eles, passatempo que não seduzia minimamente Cassandra. A sua irmã Políxena, que nunca fora uma amiga, ainda não estava casada, embora Príamo andasse a tentar negociar a melhor aliança possível para ela, e ela não pensasse ou falasse em outra coisa.

Cassandra esperava que quando Páris regressasse, ela deixasse de andar tão obcecada por Enone, mas não fazia idéia de quando isso iria acontecer. Sozinha sob as estrelas, no terraço superior do palácio, soltou os seus pensamentos em busca do irmão gêmeo, mas não obteve mais do que as frias aragens marítimas e uma visão deslumbrante das profundezas do mar, tão clara que lhe era possível distinguir os seixos lá no fundo.

Um dia, aproveitando um momento em que Príamo estava de bom humor, foi ter com ele e, imitando as atitudes coquetes de Políxena, perguntou docemente:

— Diz-me, pai, por favor, até onde irá Páris e quanto tempo levará até ele estar de

volta?

Príamo sorriu com indulgência e disse:

— Olha, minha querida. Aqui estamos nós, na ponta do estreito. Dez dias a navegar nesta direção, para o sul, e encontra-se um magote de ilhas

governadas pelos Aqueus. Se ele evitar o naufrágio aqui, nos bancos de areia — esboçou a linha da costa — pode navegar para o sul, até Creta, ou para noroeste, para o continente dos Atenienses e Micenenses. Se os ventos lhe fossem favoráveis e não apanhassem tempestades violentas, poderia regressar antes do final do verão; mas ele vai negociar e provavelmente será convidado de um ou mais dos reis aqueus... como eles chamam a si mesmos. Eles chegaram a pouco tempo a estas terras; a família de alguns deles não remonta mais atrás do que os seus pais. As cidades deles são novas; a nossa é antiga. Existiu uma outra Tróia aqui, antes dos meus antepassados construírem a nossa cidade, sabias, filha?

— Sério? — fez uma voz doce e admirada como a de Políxena e ele sorriu e falou-lhe da antiga cidade cretense que em tempos se erguera a menos de um dia de viagem por mar, ao longo da costa.

— Nessa cidade existiam depósitos de vinho e azeite e pensa-se que poderá ter sido por isso que a cidade ardeu quando o grande Posídon, O que Estremece a Terra, fez o mar levantar-se e o chão tremer. Durante um dia e uma noite abateu-se sobre o mundo uma imensa escuridão que chegou ao Egito, para o sul; e a bela ilha Calisto afundou no mar, arrastando consigo o Templo da Mãe Serpente enquanto os Templos do Zeus dos Trovões e de Apolo,

Senhor do Sol, se mantiveram intatos. É por isso que agora, nas terras civilizadas, há menos adoradores da Mãe Serpente.

— Mas como podemos saber que foram os Deuses que estremeceram as terras? — perguntou Cassandra. — Enviaram mensageiros a avisar-nos?

— Não sabemos — disse Príamo — mas quem mais poderia ser? Se não fossem os Deuses, existiria somente o caos. Posídon é um dos Deuses mais poderosos de Tróia e nós rogamos-Lhe que conserve a terra firme sob os nossos pés.

— Que Ele o faça por muito tempo — murmurou Cassandra fervorosamente, e logo que viu que as atenções do seu pai se haviam desviado para a taça de vinho, pediu delicadamente para se retirar; o seu pai aquiesceu com a cabeça e ela saiu para o pátio com muitas coisas em que

pensar. Se de fato ocorrera o grande terremoto (do qual ouvira falar na sua infância; acontecera vários anos antes do nascimento de Príamo), então era possível que isso fosse razão suficiente para a adoração da Mãe Terra estar desacreditada, exceto talvez entre as mulheres das tribos.

O pátio estava animado; estava um dia esplêndido. Os artífices andavam de um lado para outro. Os homens que pintavam os frisos lá em cima, nos aposentos destinados a Enone e Páris, moíam novos pigmentos e misturavam-nos com óleo; os contadores de mercadoria contavam potes de vinho trazidos como dízimo cobrado a um dos navios ancorado no porto; alguns soldados treinavam com as armas. Bem longe da cidade, Cassandra avistou uma nuvem de poeira, provavelmente provocada por Heitor exercitando os cavalos do seu novo carro de combate. Ela movia-se por entre as pessoas como um fantasma; *"é como se eu fosse uma feiticeira e me tivesse tornado invisível",* pensou, e perguntou-se se o conseguiria de verdade, e se isso faria alguma diferença.

Sem nenhum motivo, os seus olhos pousaram ociosamente num rapaz que, com todo o zelo, fazia entalhes num pedaço de madeira e colocava cera sobre as cordas que selavam os enormes potes de azeite ou de vinho, depois a calcava com o selo indicativo de que estes se destinavam à Casa Real.

Ele pareceu um pouco incomodado com aquela inspeção minuciosa e desviou o olhar; Cassandra, corando (fora-lhe ensinado que era impróprio para uma moça olhar fixamente os rapazes) olhou para o outro lado. O rapaz como que resplandeceu. Os olhos tornaram-se estranhos, quase vazios; depois focaram algo e ele endireitou-se. Parecia crescer, agigantar-se; sim, era ela, Cassandra, quem ele fixava com o olhar e, num lampejo, ela reconheceu o Deus que o possuía: tinha de novo ante os seus olhos o rosto de Apolo, Senhor do Sol.

A voz dele reverberou como um trovão e ela interrogou-se, num rasgo de consciência difusa, como seria possível os outros trabalhadores continuarem tranquilamente os seus trabalhos.

"Cassandra, filha de Príamo, será que Me esqueceste? "

Ela sussurrou entredentes:

— Nunca, Senhor.

"Esqueceste que Eu te escolhi e te chamei para Mim?"

Ela sussurrou de novo:

— Nunca.

"O teu lugar é no Meu templo; vem, Eu to ordeno. "

— Irei — disse ela, meio em voz alta, olhando extasiada a forma luminosa.

Então o capataz atravessou o pátio e a imagem do rapaz esbateu-se, tremeluzindo ao sol e toldando o olhar de Cassandra...

A visão tinha desaparecido e, por um instante, Cassandra duvidou se teria realmente sido chamada ao Templo do Senhor do Sol. Deveria ir buscar a sua capa e a serpente e subir imediatamente ao Cume dos Deuses? Hesitou; se ela tivesse mesmo sonhado e aquilo nunca tivesse acontecido, que iria dizer às sacerdotisas e sacerdotes do templo? Decerto existiriam punições para aquele tipo de blasfêmias... Não. Ela era filha de Príamo, princesa de Tróia, e tinha-se tornado sacerdotisa da Grande Mãe. Podia estar enganada, mas aquilo não era, decerto, uma blasfêmia nem algo que pudesse ser ignorado. Em silêncio, dirigiu-se ao palácio, murmurando entredentes:

— Se eu não fui chamada, Senhor do Sol, envia-me um sinal.

Nas escadarias encontrou Hécuba, vestida com uma roupa de trabalho; as duas rugas vincadas entre as sobrancelhas faziam-na parecer mais velha.

— És preguiçosa, filha! — repreendeu Hécuba. — Se não consegues encontrar nada com que te manter ocupada, eu mesma te arranjarei uma tarefa; de hoje em diante, não sairás dos aposentos das mulheres manhã nenhuma, sem que a tua parte da fiação e da tecelagem esteja concluída. Que vergonha, deixares o teu trabalho para a tua irmã! Não conseguiste aprender nada entre as mulheres da minha tribo a não ser a preguiça?

— Não sou preguiçosa! — respondeu Cassandra, zangada. Seria este o sinal que pedira? — Fui procurada pelo Deus e a minha presença é requerida no

Seu templo.

Hécuba fixou-a com uma expressão dura, semicerrando os olhos.

— Cassandra, os Deuses escolhem as suas sacerdotisas entre a gente simples; não chamariam uma princesa de Tróia.

— Achas-me menos merecedora do que qualquer outra? — explodiu Cassandra. —

Desde criança, eu sempre soube que Apolo, Senhor do Sol, me queria para Si, e agora Ele convocou-me!

— Oh, Cassandra! — suspirou Hécuba. — Por que é que dizes esses disparates?

Mas Cassandra já não estava a ouvi-la: voltou-lhe as costas e correu pelas escadas abaixo, saindo os grandes portões, e galgando a encosta em direção ao Templo de Apolo.

DEZOITO

Cassandra subiu a correr os degraus da rua que cruzava a cidade de cima a baixo, sem ter consciência de que as mulheres que viviam nas casas superlotadas, construídas ao longo da rua íngreme, tinham todas saído para a rua, numa profusão de vestidos de cores garridas, para ver a sua corrida precipitada. o bater do coração obrigou-a a abrandar o passo e depois a parar por completo.

Dobrou-se, um tanto enjoada. Tinha sido rigidamente educada no sentido de manter sempre o decoro perante estranhos; comprimiu contra a boca a manga longa do vestido, tentando controlar a náusea e a dor aguda no peito, e procurou um degrau onde se pudesse sentar e recuperar o fôlego. Não queria aparecer à porta do Deus como uma fugitiva desgrenhada.

Uma voz gentil disse:

— Princesa... — e ao levantar os olhos viu uma mulher de meia-idade curvada sobre si, segurando numa mão uma taça de barro. — Subiste muito e mais depressa do que devias, com este sol. Posso oferecer-te um pouco de água? Ou talvez prefiras que vá buscar algum vinho fresco, se te apetecer entrar.

A idéia de entrar na casa sombria e fresca era tentadora, mas Cassandra tinha vergonha de mostrar ou admitir fraqueza.

"Como poderei eu ser vencida pelo sol? Eu sou a amada de Apolo, Senhor do Sol... "", mas não o disse em voz alta; murmurou um agradecimento e levou a taça aos lábios. A água tinha um pouco o sabor de barro e não estava muito fresca, mas foi um alívio para os seus lábios e garganta ressequidos.

— Quererás descansar uns instantes em minha casa, princesa?

— Não, obrigada. — Desviou os olhos. — Estou bem; vou ficar aqui sentada a descansar um pouco.

A luz feria-lhe os olhos; protegeu-os com a mão olhando para os reflexos claros e resplandecentes do porto. Por alguns instantes, o sol toldou-lhe a visão; depois voltou a ver claramente e quase deixou escapar um grito: o azul claro do mar estava obscurecido pelas velas de muitos navios.

"Tantos! De onde tinham vindo? "

Não eram os navios de seu pai e, ao tentar fixar qualquer um deles, deixou repentinamente de ter a certeza de estarem ali. Depois de alguns instantes assim, o porto brilhou, vazio, o mar de um azul ofuscante, manchado apenas pelos contornos de um velho barco cretense que descarregava tintas e madeiras havia já três dias.

"*Tinha então sido apenas uma visão; uma alucinação... "*

Desviou bruscamente os olhos doloridos do mar enganador, levantou-se com lentidão e recomeçou a subida. Mantinha os olhos semicerrados sob o sol que brilhava como fogo espalhado sobre os muros de Tróia, e continuou a subir devagar, contrariando a crescente sensação de que fugir assim era um disparate, que não devia correr daquela maneira para um Deus, como se fosse uma cabra extraviada, fugindo do rebanho. Oh, sim, ela devia ter vindo; mas devia ter vindo como princesa de Tróia, devidamente acompanhada e trazendo os presentes adequados para a casa do Deus.

No entanto, seria errado voltar agora para trás. *"A não ser que a visão enganadora dos barcos tivesse sido enviada como aviso...?"* Não; mesmo assim não podia voltar atrás no seu compromisso com o Deus.

Continuou a subir, aproximando-se do Templo do Senhor do Sol. Um clarão luminoso, envolvendo o raio de uma tempestade de verão, atraiu-lhe o olhar para as alturas, onde se erguia o Templo de Palas Atena e, subitamente, foi assaltada pela dúvida. Tinha sido feita sacerdotisa da Deusa, enviada a buscá-la no Mundo Subterrâneo, e sido aceita não tinha sido a Mãe Terra quem a chamara desde a mais tenra infância e lhe falara com a voz da profecia? Estaria ela, então, esquecendo a sua lealdade à Mãe Divina, Virgem e Protetora das Virgens, trocando-A pelo belo Senhor do Sol?

Um pânico súbito invadiu-a de tal forma que, por instantes, pensou de novo que iria vomitar e engoliu espasmodicamente; o seu corpo estava repleto de um medo tão grande que quase conseguia sentir-lhe o sabor. Ouviu passos pesados que a perseguiam e o céu ficou momentaneamente escuro sobre a sua cabeça; um só pensamento preencheu por completo o seu espírito, imerso em águas profundas: *"Tenho de alcançar o Templo da Virgem; só lá estarei segura... Nenhum homem se atreveria a pôr as mãos em cima de ninguém sob a Sua proteção..."*

Cassandra pestanejou incrédula. Não havia qualquer perigo, qualquer chama, qualquer perseguidor. O porto brilhava vazio e azul; na rua à sua volta havia apenas algumas mulheres, observando-a subir calmamente na direção das portas do Templo do Senhor do Sol.

"Terá sido o Deus que lançou a loucura sobre mim? " Fez uma pausa para recuperar o fôlego e dirigiu-se à porta, entrando no Templo de Apolo.

Sentiu-se atingida por uma repentina rajada de vento, como se uma mão gigantesca a empurrasse através da porta. Cassandra, ajeitando distraidamente o cabelo com a mão, olhou à sua volta, quase desapontada por ninguém reparar nela. *"Que esperava eu? Que o próprio Deus saísse para me dar as boas-vindas? "*

Uma mulher idosa trajada com as roupas usuais das sacerdotisas, uma túnica branca e um véu tingido com açafrão até ficar da cor dourada do sol, ergueu a cabeça e olhou para Cassandra e depois se levantou caminhando na sua direção. Disse:

— Bem-vinda, filha de Príamo; vieste para pedir um oráculo, um presságio ou para oferecer um sacrifício?

— Por nenhuma dessas razões — disse Cassandra embaraçada, sem saber como dizer aquilo que tinha para dizer. — Vim... porque o Deus me chamou... para ser Sua sacerdotisa...

— E calou-se, sentindo-se um tanto idiota.

Mas a mulher mais velha sorriu com gentileza e disse:

— Sim, claro; recordo-me de aqui teres vindo uma vez eras ainda uma criancinha e de teres te sentido perfeitamente à vontade; pensei que talvez um dia o Senhor do Sol te chamasse. Vem então para dentro, minha querida, e conta-me tudo a esse respeito. Primeiro, que idade tens? — perguntou ela. — Pareces-me bastante adulta.

— A minha mãe diz que vou fazer dezesseis anos um pouco depois do meio do verão

— respondeu Cassandra, enquanto passavam para o interior do templo.

Lembrava-se da sala de espera onde, há muitos anos, comera uma fatia de melão doce enquanto a sua mãe esperava pelo oráculo, e custou-lhe a entender que tivesse mudado tão pouco em tantos anos. Perguntou-se o que seria das serpentes que agarrara e acariciara naquela altura. Eram de uma das espécies que viviam pouco tempo; provavelmente, há muito tinham morrido. A idéia entristeceu-a.

A sacerdotisa fez-lhe sinal para que se sentasse.

— Fala-me de ti — disse ela. — Diz-me tudo o que te fez pensar teres sido chamada ao nosso templo.

Quando Cassandra terminou, a sacerdotisa falou de novo.

— Bem, Cassandra — disse ela — se desejas ser uma de nós, terás de viver um ano aqui no templo para aprenderes a interpretar os oráculos e os presságios e a falar pelo Deus.

Cassandra disse, percorrida por uma onda de intensa felicidade:

— Ficarei muito feliz por viver na casa do Deus.

— Então tens de mandar um dos criados do templo buscar as tuas coisas: apenas algumas mudas de roupa e talvez um manto quente, pois vais ter de usar um vulgar vestido de sacerdotisa; aqui somos todas irmãs, e não poderás usar jóias nem ornamentos enquanto viveres no santuário.

— Eu não dou importância a jóias — disse Cassandra — e, de fato, tenho muito poucas. Mas por que razão não são permitidas?

A mulher idosa sorriu.

— É uma regra do templo — disse ela — e eu não sei qual a sua razão. Talvez seja porque muita gente que aqui vem para nos consultar é pobre e se nós estivéssemos enfeitadas com jóias, eles poderiam pensar que nós estávamos a enriquecer à custa das suas ofertas. O meu nome — acrescentou ela — é Cáris, que é um dos nomes da Senhora da Terra. Vivo na casa do Senhor do Sol desde que tinha nove invernos, e já tenho setenta e quatro. Nós aqui temos vidas longas, a menos que sejamos escolhidas para gerar uma criança para o Deus e morramos de parto; mas isso não acontece freqüentemente, e muitos dos nossos irmãos e irmãs são sacerdotes-curandeiros. Tens permissão do teu pai ou da tua mãe para viver na casa do Deus?

Cassandra disse:

— Penso que a minha mãe concordará. Quanto ao meu pai, ele tem tantos filhos e filhas, que eu penso que ele não saberá nem quererá saber se eu vivo na casa do Deus ou na dele. Nunca fui uma das suas favoritas. Mas, diz-me — perguntou ela à velha sacerdotisa — posso trazer a minha serpente para viver comigo no templo? Foi um presente de Imandra, rainha e sacerdotisa de Cálcis, e ninguém mais em Tróia gosta dela; temo que não cuidem dela se não me tiver a mim por perto.

— Será bem-vinda — disse Cáris. — Podes mandá-la trazer para aqui.

A velha sacerdotisa chamou então uma criada e Cassandra deu-lhe instruções sobre o que pretendia que lhe fosse trazido do palácio.

— E procura a minha mãe, a rainha Hécuba — disse ela — e diga que imploro a sua

bênção.

A criada fez uma vênia e partiu.

— E agora, se o desejares — disse Cáris — te mostrarei os aposentos onde dormem as virgens de Apolo.

Começaram assim os tempos que Cassandra recordaria mais tarde como os mais felizes e tranqüilos de toda a sua vida. Aprendeu a consultar os oráculos, a ler os presságios e a servir o santuário com oferendas escolhidas. Tratava das serpentes sagradas e aprendeu a interpretar o significado dos seus movimentos e comportamentos.

Como tinha previsto, a sua mãe não levantou objeções; enviou pela criada as bênçãos pedidas e uma mensagem: *"Diz à minha filha Cassandra que a abençôo e aprovo o que fez; diz-lhe que lhe envio muitos beijos e abraços."*

Em pouco tempo fez vários amigos no santuário e passados alguns meses apenas eram muitos os visitantes e os suplicantes que a procuravam e que preferiam que fosse ela a aceitar as suas oferendas e a dar-lhes conselho. Uma vez ela perguntou a um sacerdote mais velho:

— Não percebo porque é que procuram o Deus para fazer perguntas idiotas para as quais não precisam de conselho do Deus, mas apenas do juízo com que nasceram?

— Porque muitos deles nasceram idiotas ou pior — disse o velho sacerdote com brusquidão. — Pensam que os Deuses não têm mais que fazer do que preocupar-se com os problemas dos humanos. Eu, por mim, creio que os Deuses têm problemas suficientes na terra dos Imortais, para não se preocuparem muito com as questões dos homens comuns. Talvez se preocupem com as ações dos reis e dos grandes; mas — baixou os olhos e falou quase num murmúrio — mesmo disso tenho tido poucas provas, filha de Príamo.

Cassandra ficou um pouco chocada com aquela blasfêmia, mas sentiu que o sacerdote tinha pouca fé no Deus e que era ele próprio, mais do que ninguém, quem perdia com isso. Quanto a si própria, vivendo no santuário, sentia intensamente, e muitas vezes de um modo avassalador, a presença do seu Deus, tal como no momento em que Ele a chamara pela primeira vez.

Isso não significava que o tempo passado no templo fosse totalmente desprovido de preocupações. Algumas das virgens do santuário mostravam-se manifestamente ciumentas por ela ser a favorita dos sacerdotes e sacerdotisas mais velhos e falavam-lhe, ou falavam dela, com antipatia ou despeito; mas ela, a não ser entre as Amazonas, nunca fora popular entre as jovens da sua idade, nem mesmo com a sua irmã e meias-irmãs, e já se tinha resignado a esse fato mesmo antes de ter saído da infância.

Sentia-se, a maior parte do tempo, rodeada de atenções carinhosas; aliás, como poderia assim não ser, vivendo ela na casa do seu Deus? Havia muitas mulheres no santuário que falavam do Senhor do Sol como outras jovens falavam do marido ou do amante; de fato, um dos nomes que vulgarmente se dava às sacerdotisas era *"noivas do Deus"*. Uma das mulheres, Fílidas, era tida como tendo sido, realmente, noiva do Deus: tinha dado à luz uma criança que fora aceita como sendo filha de Apolo.

Quando Cassandra ouviu falar disso pela primeira vez, sentiu-se irritada e aborrecida com o que Lhe pareceu ser um disparate evidente.

"Seria a jovem, simplesmente, uma ingênua enganada por um vulgar sedutor? Ou estaria a inventar uma história para encobrir alguma aventura proibida?", perguntou-se Cassandra, pois às virgens do Deus era proibido manter relações com homens; eram cuidadosamente vigiadas e não lhes era permitido receber visitas ou parentes, ou terem encontros nem mesmo com os próprios irmãos ou pais, exceto na presença de uma das zeladoras que acompanhavam e cuidavam das virgens do Senhor do Sol. *"Se eu desejasse ficar noiva de qualquer mortal",* pensou ela, *"o meu pai ficaria felicíssimo por me arranjar um casamento. "*

Por vezes, Cassandra ficava meio acordada durante a noite, ouvindo a voz inconfundível do Deus tal como a ouvira quando Ele a tinha chamado pela primeira vez: um imortal esplendoroso que era algo mais que um homem. Mais do que uma vez sonhou que desfalecia nos braços do Deus, os sentidos varridos por um êxtase sobre-humano; ao ouvir as conversas das outras jovens (apesar de, por modéstia, não se envolver muito nesses mexericos), ficou a saber que não era a única a ser contemplada com esses sonhos.

Uma vez, quando uma das jovens virgens lhe contava o seu último sonho, repleto de detalhes eróticos, que Cassandra pensou não passarem de fantasias românticas, disse:

— Se tens tantos sonhos acerca de dormir com um homem, Esiria, porque não mandas chamar o teu pai e não Lhe pedes que te arranje um marido? Caso contrário, não conseguirás encontrar outra coisa que te ocupe os pensamentos e algo de mais útil sobre que falar?

— Tu estás é com ciúmes por Ele não te procurar para se deitar contigo nem mesmo em sonhos — retrucou Esiria. — E se Ele te procurasse, o recusarias então?

Um estranho arrepio percorreu Cassandra.

— Se Ele me procurasse para se deitar comigo — declarou — tentaria ter a certeza absoluta de que era de fato o Deus e não algum homem perverso, determinado a enganar uma mulher tonta e crédula, ou uma jovem romântica, que toma um mero devasso por enviado do Deus. Sei que há homens neste templo que não desdenhariam aproveitar-se dessa forma de uma rapariga pateta; ou pensas que os sacerdotes são eunucos só por terem feito um voto de castidade?

Esiria não lhe disse mais nada e Cassandra assegurou o seu sossego; mas no dia seguinte, quando as mulheres foram buscar água no poço, procurou Fílidas e pediu-lhe para ver o seu filho. Como todas as mães, a jovem mulher (ainda não tinha a idade de Cassandra) estava desejosa de mostrar o seu rapazinho.

Ele era de fato bonito, com grandes olhos azuis de pestanas muito longas e caracóis dourados que tornavam fácil acreditar ser, realmente, um filho do Senhor do Sol. Cassandra admirou-o e beijou-o, perguntando depois a Fílidas num tom suficientemente admirativo:

— Como soubeste que era o Deus quem te procurava?

— Ao princípio não sabia — disse a jovem. — Pensei que era um homem com a máscara do Deus e abri a boca para gritar por uma das zeladoras.

Mas depois... já alguma vez ouviste a voz do Deus, filha de Príamo?

Cassandra sentiu um nó na garganta ao recordar essa voz. Disse:

— Ouvi... — e não conseguiu continuar.

— Então, se acontecer contigo, saberás se é Ele — disse Fílidas abruptamente, e não disse mais nada.

Cassandra olhou outra vez para o rapazinho e disse:

— Ele é lindo; posso pegar-lo um pouquinho?

— Certamente.

A criança tinha adormecido, embora a sua boca de bebê, como uma rosa semi-aberta, se agarrasse ainda ao mamilo da mãe; Fílidas levantou-o e colocou-o nos braços de Cassandra. Ele mexeu-se e chorou, mas ela embalou-o um pouco como tinha visto a sua mãe fazer e ele calou-se. O volume dele, úmido e macio nos seus braços, era diferente de tudo o que já sentira; mesmo entre as Amazonas, nunca tinha pegado num bebê tão pequeno. Dobrou-se sobre ele, tocando a pele macia com os lábios; transmitia exatamente a mesma sensação das pétalas de rosa.

Por alguns instantes sentiu-se invadida por uma enorme satisfação; depois, foi como se uma nuvem tivesse encoberto o sol e um vento frio varreu-lhe o corpo apesar de ainda se encontrar sentada no pátio quente e luminoso sob o sol quase ardente que a fizera puxar a ponta do véu para cobrir o bebê, não fosse o sol ferir-lhe os olhos ou queimar-lhe a pele. Reconheceu o mistério da Visão e, imóvel, esperou aquilo que não podia evitar.

Sofrimento e dor era a sua essência. Tinha, de alguma forma, deslizado no tempo e percebeu que haviam passado anos sobre aquele momento de calma; a criança que tinha deitada contra o peito era sua, a pequena cabeça junto ao seio era escura e encaracolada, e mesmo quando aquele estranho impulso de felicidade interior a tocou, estava manchado de desespero, da memória daquele mesmo momento e de uma repulsa feroz. A visão foi tão intensa que, por momentos, ficou paralisada; depois recuperou a noção de

onde se encontrava. Mais uma vez tinha conseguido evitar que as águas escuras a submergissem.

Viu nos grandes olhos infantis de Fílidas algo que se assemelhava a terror, enquanto

devolvia o bebê aos braços da mãe. Fílidas murmurou:

— Parecias tão distante e tão estranha, Cassandra. Dizem que vês o futuro. Que viste para o meu filho? — E como Cassandra ficasse silenciosa, ela disse, suplicando: — Não serias capaz de amaldiçoar o meu bebê?

— Não, não, claro que não, pequenina! — disse Cassandra. — Lhe darás então a tua bênção, filha de Príamo?

Cassandra desejava tranqüilizá-la e buscou dentro de si o toque vago da Deusa, procurando o poder da bênção. Em vez disso ouviu-se dizer:

— Ai de mim! Não existe bênção para qualquer criança nascida neste ano nefasto; mas talvez Apolo, seu pai, o abençoe apesar de eu o não poder fazer.

Ergueu-se de repente e foi embora, deixando Fílidas a olhar na direção em que partira num mudo desalento.

DEZENOVE

Dias mais tarde chegou um mensageiro, transportando oferendas para o templo, da parte da casa do rei Príamo, e uma mensagem para Cassandra.

— O teu pai e a tua mãe pediram que faças uma visita à sua casa para as bodas da tua meia-irmã Creúsa.

— Terei de pedir para me ausentar — disselhe Cassandra, mas a permissão foi prontamente concedida; talvez com demasiada prontidão.

Cassandra sabia que não teria sido concedida tão rapidamente a qualquer das outras jovens sacerdotisas, e ela queria ser, de fato, tratada como uma delas. Mas não podia culpar os sacerdotes e sacerdotisas por não quererem ofender o rei de Tróia. Apenas insistiram, dado ela não ser ainda uma verdadeira sacerdotisa e se encontrar no ano de noviciado, que fosse devidamente acompanhada e vigiada por uma sacerdotisa mais velha, caso quisesse pernoitar em casa de seu pai. A sacerdotisa que ouviu o seu pedido disse:

— Está nas tuas mãos conceder essa graça, filha de Príamo: quem desejas que te acompanhe?

Este tipo de intrigas palacianas não lhe eram totalmente estranhas; fosse quem fosse a escolhida, as outras poderiam sentir-se menosprezadas. Optando por uma escolha que ninguém poderia criticar ou invejar, designou a velha Cáris, que fora quem primeiro a acolhera na casa do Deus.

Vestindo a roupa mais festiva entre os poucos e simples vestidos que tinha consigo, e com a mulher mais velha a seu lado, caminhou calmamente pelas ruas, escoltada apenas por um dos escravos do templo.

Cáris, apesar de ter vivido toda a sua vida na casa do Senhor do Sol, não deixou de se mostrar impressionada, à medida que se aproximavam da Grande Cidadela de Príamo, e mal falava.

Cassandra seguia também silenciosa; ao olhar lá do alto sobre o porto, avistou de novo os navios escuros, ignorando se eles se encontrariam realmente ali ou se estariam ainda para chegar.

Quando entraram no átrio principal, Hécuba saiu a saudá-las. Cassandra curvou-se para abraçar a mãe. Hécuba era uma mulher alta, mas agora Cassandra estava ainda mais alta e Hécuba lamentou-se enquanto levantava a cabeça para olhar a filha:

— Não é possível que continues a crescer! Estás mais alta do que muitos guerreiros, Cassandra! Um homem é capaz de não gostar de te ter junto de si...

— Que interessa isso, mãe? Uma vez que eu não estou destinada a casar, mas sim a viver na casa do Deus...

— Isso eu nunca irei aceitar! — disse Hécuba bem-humorada. — Quero ver os teus filhos antes de morrer.

"Mas nunca os verás", soube Cassandra subitamente. Junto com a recordação de quando segurara a criança de Fílidas ao colo, chegou-lhe a dolorosa certeza de que, antes de poder pegar no seu neto (a amargura, o desespero), os olhos de Hécuba já se teriam fechado definitivamente para este mundo.

— Mãe, não vamos falar disso. Se queres umas bodas, tens agora Creúsa para casar e Políxena é mais velha do que eu e ainda está solteira. Arranja-lhe um marido — disse ela — e não te preocupes comigo. Fala-me do noivo de Creúsa.

— Ela vai desposar Enéias, filho de Anquises — disse Hécuba —... tão belo que dizem ser um autêntico filho de Afrodite, que nasceu da espuma do mar.

— Essa é uma Deusa da qual eu nada sei — disse Cassandra antes de recordar a beldade do sonho de Páris: a Deusa do Amor e da Beleza.

— Se o pai dele afirma ser amante de Afrodite, suponho que os Deuses ficarão zangados com ele — disse Cassandra. — Gostava de ver essa maravilha de homem.

— Bem, Creúsa está satisfeita com ele e o teu pai também — disse Hécuba. — E eu, na minha juventude, teria ficado mais do que feliz com um marido assim. — Voltou-se, um pouco ansiosa, para Cassandra, e disse: — Por favor, tenta não profetizar nenhuma desgraça

neste casamento, querida; isso transtorna tanto as pessoas.

"Pensará ela que eu profetizo por prazer?" pensou Cassandra, numa súbita vaga de irritação. Mas a sua mãe parecia tão perturbada que a sua fúria se desvaneceu; beijou-a de novo e disse:

— Decerto tentarei não ver nenhuma catástrofe; se os Deuses forem bondosos, talvez possa prever algo melhor.

— Que os Deuses o permitam! — murmurou Hécuba piamente. — Bem, entra minha querida; senti muito a tua falta.

Após uma lua passada na casa do Senhor do Sol, tudo no palácio se afigurava menor e espalhafatoso, mas, apesar disso, querido e familiar. Andrômaca, vestida para o casamento, com um vestido cor-de-fogo, correu a receber Cassandra. A gravidez era evidente e ela balançava-se nessa forma de andar típica das mulheres grávidas, inclinando o corpo para trás para manter o equilíbrio. Cassandra, recordando a graciosa jovenzinha que vira em casa de Imandra, sentiu-se entristecida, mas Andrômaca abraçou-a alegremente.

— Oh, estou tão contente por te ver! Estou desejando que te cases e voltes para casa, para podermos estar juntas! Imagina só, daqui a uma lua terei o meu filho nos braços!

— Onde está Enone? Não deveria estar entre nós? Uma mulher grávida é, de todos os convidados de um casamento, quem mais sorte traz.

— Ela já não está grávida — disse Andrômaca. — Não ouviste falar? Há quatro dias, ela deu a Páris um filho, e ainda está de cama; passou horrivelmente mal, pobrezinha; a tua mãe disse que ela era tão estreita que nunca deveria ter se arriscado a ter um filho. Mas quando eu lhe perguntei como poderia ela tê-lo evitado, a tua mãe não quis dizer-me; disse que Heitor não iria gostar. Enone chamou ao filho dela Córito... Por isso, se Creúsa quiser uma mulher grávida no seu casamento, terá de contentar-se comigo.

— Creúsa tem sorte em ter-te entre os seus convidados — disse Cassandra. Andrômaca sorriu com um ar de gatinho que lambeu o leite e disse:

— Espero que ela pense o mesmo.

— Devia ir ver Enone — disse Cassandra.

Andrômaca pegou na mão de Cassandra e conduziu-a ao longo das escadas.

— Talvez seja melhor não — disse ela. — Enone tem estado muito estranha ultimamente. Quando fui vê-la, não quis falar comigo. Disse que eu era inimiga do marido dela, porque Heitor tinha-o mandado para longe.

Dirigiram-se para a suíte, no andar de cima, onde as mulheres estavam a preparar a noiva. Era o belo quarto de murais cretenses com touros-bailarinos e Cassandra disse:

— Mas este é o quarto que a minha mãe preparou para Enone!

— Ela não quis aqui ficar — disse Andrômaca. — Disse que não queria ficar aqui deitada, dia após dia, a olhar esse mar que levou Páris para longe dela; por isso insistiu em mudar-se para um quarto nos fundos, de onde pudesse ver o monte Ida, a sua casa. Mas isso não interessa agora, vem ajudar a vestir a noiva.

Vindo de baixo chegava-lhes o ruído dos homens no salão, bebendo e brindando ao casamento.

Creúsa estava a ser coberta com um véu bordado; puxou-o para trás por momentos e avançou para saudar Andrômaca com uma vênia, beijando depois Cassandra friamente, dizendo:

— Bem-vinda, irmã.

Ela não era filha de Hécuba, mas de Príamo e de uma das mulheres mais importantes do palácio. Para falar com rigor, segundo a etiqueta da corte, devia ser Cassandra a primeira a tratá-la como irmã; mas naquele momento ela não estava interessada em cumprir os protocolos. Devolveu calorosamente o abraço de Creúsa e disse:

— Que a Mãe Terra e os Esplendorosos te abençoem, irmã!

— Consegues antever boa sorte para mim, Cassandra, tu, que és profetisa?

— Saberei depois de ver o teu marido — disse Cassandra.

— Quando o vires, acho que vais invejar-me — disse Creúsa.

Cassandra sorriu e disse:

— Espero realmente que assim seja, irmã. A mãe falou-me do quanto ele é belo.

— É rico também e é um príncipe na sua terra — disse Creúsa. — Estou certa que nenhuma mulher é mais afortunada do que eu.

— Não digas essas coisas, não vão os Imortais sentir ciúmes! — repreendeu Cáris. — Lembrem-se do destino daquela mulher que disse que a sua fiação era tão fina como a de Palas Atena; Atena transformou-a numa aranha, que haveria de fiar eternamente as suas teias para serem destruídas pelas donas de casa!

— Venham, venham — disse Andrômaca, que era a primeira das damas de honor. — Vamos acabar de vesti-la depressa, ou os homens já estarão todos embriagados quando ela descer. Cassandra, os teus dedos são mais hábeis: importas-te de lhe pôr as flores no cabelo?

Cassandra atou rapidamente as flores numa grinalda e prendeu-a nos caracóis brilhantes de Creúsa.

— Agora está pronta; vamos levá-la para baixo.

Segurando-lhe nas mãos, as mulheres rodearam a noiva e conduziram-na pelas íngremes escadarias do palácio, segurando-a cuidadosamente; não fosse ela tropeçar e iniciar o seu casamento com um passo em falso: o pior dos augúrios.

As suas vozes elevaram-se num dos mais antigos hinos nupciais dedicado à Mãe Terra, e Cassandra sentiu-se envolvida por tanta alegria e júbilo como se do seu próprio casamento se tratasse. *"Desta vez, pelo menos, "* pensou, *"posso estar tão despreocupada como qualquer jovenzinha."* Teve a súbita noção de que as outras não olhavam para si mesmas desse modo; qual seria a diferença? Mas desta vez ela tinha uma resposta para essa dolorosa sensação de diferença. *"Eu sou uma sacerdotisa e não tenho de ser como as outras; se conseguir de alguma forma parecer igual às demais, será o suficiente."*

Encontravam-se precisamente à entrada do salão de festas quando ouviram um grito de surpresa e satisfação.

Príamo chamou:

— Odisseu, velho malandro! Mesmo a tempo! Sabes exatamente quando aparecer para provar o nosso melhor vinho dos casamentos! Entra e bebe qualquer coisa, velho companheiro!

Cassandra estendeu o braço e puxou Creúsa para trás.

— Deixa primeiro o nosso pai dar as boas-vindas ao seu convidado.

Creúsa disse, com ar amuado:

— Eu não queria aquele pirata velho no meu casamento!

Andrômaca sussurrou:

— Toda a minha vida, eu ouvi falar das histórias que ele conta; ele navegou até mais longe que Jasão e tem muitas histórias de viajante. Visitou a minha mãe, em Cálcis, e levou-lhe um pente de madrepérola que lhe fora oferecido por uma sereia.

— Talvez também te tenha trazido um presente de casamento, Creúsa — disse Cassandra. — Seja como for, até os Deuses têm de se mostrar hospitaleiros. Vamos entrar.

Ela cantou o primeiro verso do hino à Virgem, sempre cantado nos casamentos, e as outras jovens se juntaram a ela. Príamo ergueu o olhar e acenou-lhes para que avançassem. Cassandra viu um homem jovem e belo, alto e esguio, com o cabelo encaracolado, de um castanho claro e com algumas sardas dispersas a enfeitar-lhe o rosto. Supôs tratar-se do noivo, pela túnica carmim ornamentada que tinha vestida. Dirigindo-se para o trono, viu um homem de meia-idade, baixo, entroncado, de cabelo crespo aos caracóis e uma cara vermelha, tisnada, com um nariz adunco e olhos azuis encovados que pareciam perscrutar enormes distâncias. Calculou, mesmo antes de ver o reconhecimento nos olhos de Andrômaca, que ele era o famoso marinheiro e pirata Odisseu, o velho amigo de seu pai. O marinheiro voltou-se e

gritou:

— Que belo grupo de beldades, velho amigo. Não podem ser todas tuas filhas, Príamo; ou será que podem? Parece que me estou a lembrar que tu tens sempre mais mulheres do que as que te cabem.

Príamo chamou-as para junto dele, acenando com a mão. Cassandra deu por si envolvida num forte abraço de urso.

— É a tua segunda filha, não é? É esta a noiva? E por que não, com todos os demônios? — Cheirava a ar salgado e (ligeiramente) a vinho. Não podia ficar ofendida com aquele abraço; fora tão afável e entusiástico como uma rajada de vento do mar.

— Gostarias de ter uma tão bela como esta, não era, Enéias, meu amigo?

Cassandra reparou que os olhos de Enéias se pousavam nela, apreciativos, e que Creúsa estava quase a chorar.

Afastou-se de Odisseu suavemente e disse:

— Não, senhor. Não me destino a homem algum; sou uma virgem de Apolo, Senhor do Sol, e estou feliz assim.

— Pelo fogo dos infernos! — A forma como praguejava era desmedida, como tudo nele. — Que desperdício, beleza! Eu mesmo casaria contigo, se não fosse ter já uma mulher lá em Ítaca; e Hera, a minha Deusa protetora, é uma Deusa da fidelidade conjugal. Teria problemas com ela se andasse a rondar outras mulheres. Não que eu não tenha tido a minha dose; mas não poderia casar com mais ninguém; e, além disso, tu queres um jovem bonito, não uma velha morsa como eu. — Ela deu uma risadinha; com os seus bigodes enormes, ele parecia realmente uma morsa. — E esta é a esposa de Heitor? — perguntou ele, voltando-se para Andrômaca. — Heitor, não te importas que um velhote beije a tua mulher, pois não? É costume, na parte do mundo onde eu vivo, sabias? Segurou Andrômaca pelos braços, deu-lhe palmadinhas na sua barriga saliente. — Não posso aproximar-me o suficiente para te dar um beijo a sério, não é, minha jovem? Bem, talvez noutra altura. — Beijou-a sonoramente na face. — Trouxe algumas coisas na minha bagagem (saque de um navio cretense): prendas de noivado para a tua filha, Príamo, e presentes para esse belo neto que esta bonita jovem te há de dar... dentro de poucos dias, não é? E já que esta não vai casar, lhe darei presentes para o Templo do Senhor do Sol.

— Em nome de Apolo eu te agradeço senhor — disse Cassandra polidamente, mas Odisseu puxou-a para baixo, para que se sentasse a seu lado.

— Senta-te aqui ao pé de mim, bebe da minha taça; és a única jovem aqui que não está comprometida, e o namoro que eu posso ter contigo na presença do teu pai e da tua mãe não

poderá fazer-te mal algum, hem?

— A minha irmã Políxena não é casada — disse Cassandra com uma ponta de malícia, e Odisseu disse, rindo:

— Não por muito tempo, se bem conheço o teu pai, menina; Políxena é bastante bonita, mas, aqui para nós, eu gosto de jovens com um pouquinho mais de carne em cima dos ossos. Tu serves perfeitamente.

Ela pegou a taça e misturou-lhe o vinho e, quando os criados passaram, encheu-lhe o prato; descobriu que sentia uma simpatia benevolente por aquele velho homem.

Príamo disse:

— Agora conta-nos as tuas novidades, Odisseu. E preciso também do teu conselho, amigo: tenho uma oferta para Políxena, de parte de Aquiles, filho de Peleu. Se estivesses no meu lugar, aceitarias? Ele é nobre e também, segundo ouvi, corajoso...

— Corajoso ele é certamente — disse Odisseu — mas não tem prazer em nada senão em matar. Se eu tivesse uma filha, preferiria cortar-lhe o pescoço a casá-la com esse tarado.

— Ele tem a força de Héracles... — começou Heitor.

— E muitos dos seus defeitos — interrompeu Odisseu. — Tal como Héracles, não é homem para ter mulheres; interessa-se por uma agora e logo é capaz de matá-la num momento de loucura. Eu naveguei com Héracles; uma só vez chegou; fiquei farto de ouvi-lo lamentar-se por acusados seus amigos, e das suas súbitas fúrias. Aquiles é muito parecido com ele para meu gosto. Há muitos rapazes em Tróia; ou mesmo aqueus, bons e honrados, se é isso que pretendes para ela. Políxena parece ser uma boa jovem; arranja-lhe outra pessoa. Este é o meu melhor conselho. — Depois gritou a chamar um criado, ordenando que os seus baús fossem trazidos para o salão e, de dentro de cada um deles, retirou objetos estranhos e belos que foi oferecendo generosamente a Príamo e aos seus filhos e filhas. Hécuba recebeu uma pequena taça, que não era maior que um punho fechado, em ouro martelado.

— Veio da Casa dos Touros de Creta — disse ele. — Eu próprio a encontrei entre as ruínas daquilo que foi o Labirinto; só os Deuses sabem como escapou às pilhagens anteriores.

— Talvez algum Deus a tenha preservado para ti.

— Talvez — disse Odisseu. — Vês os touros?

Hécuba olhou apreciativamente para a taça e depois passou-a em volta, no círculo de mulheres que admiravam os presentes. Cassandra, quando chegou a sua vez, examinou a taça soltando uma exclamação ao ver as esculturas finamente cinzeladas: um touro delicadamente gravado, num trabalho semelhante a fios de uma renda; rapazes num carro de combate e uma vaca para atrair o touro.

— Mas isto é um tesouro sem preço! — disse ela. — Devias guardá-la para a tua

mulher.

— Tenho outras tantas coisas belas — disse Odisseu com grande jovialidade — para a minha mulher e para o meu filho. Não pensem que eu iria dar tudo o que tenho de melhor.

Para Andrômaca ele tinha um pente de ouro e para Creúsa um espelho de bronze debruado por contas com banho de ouro.

— Um espelho digno da própria Afrodite — disse ele. — Me foi dado quando pernoitei na gruta de uma ninfa marinha. Amamo-nos a noite inteira e, quando de manhã nos separamos, ela deu-me isto, pois dizia que nunca mais olharia para ele, já que não era suficientemente bonita para fazer com que eu ficasse com ela. — Pestanejou e disse: — Por isso, agora que és noiva, podes pôr-te bonita para o teu marido.

A prenda de Cassandra era um colar de contas azuis que se assemelhavam a vidro, de forma oblonga e simples, com engastes lisos, em ouro, nas pontas.

— É uma coisa pequena — disse ele — mas tenho idéia de que as sacerdotisas não estão autorizadas a usar ornamentos elaborados e este é talvez suficientemente simples para que possas usá-lo em memória do velho amigo do teu pai.

Sensibilizada por aquelas palavras, Cassandra beijou-o na face, coisa que dificilmente teria ousado fazer ao seu próprio pai.

— Não precisarei de presentes para me lembrar de ti, Odisseu; mas o usarei sempre que me for permitido. Onde foi feito?

— No Egito, a terra onde reina o faraó e onde os reis constroem túmulos imensos que fazem com que toda a cidade de Tróia pareça uma pequena aldeia — disse ele, e ela estava já tão acostumada às suas histórias fantásticas que só muitos anos mais tarde veio a saber que ele, daquela vez, estava a dizer a pura verdade. Distribuídos os presentes, ele perguntou a Príamo:

— Quando é que vais deixar de me cobrar o imposto do estreito, para eu poder ir e vir sem pagar taxas como os outros aqueus?

— Tu és sem dúvida diferente dos outros — contemporizou Príamo —e eu seria muito ingrato se depois de tantas ofertas fosse exigir mais de ti, meu amigo. Mas eu não posso autorizar todo e qualquer um a viajar através das minhas águas. A taxa que te cobro é apenas que me contes o que acontece no mundo distante. Há paz nas ilhas onde reinam os Aqueus?

— Quando o sol nascer a oeste, talvez haja paz por lá — disse Odisseu. — Tal como acontece com Aquiles, os reis consideram a guerra como a sua maior diversão. Eu só irei para a guerra quando as minhas terras e a minha gente estiverem ameaçadas; mas eles vêem as batalhas como um passatempo mais virtuoso do que quaisquer jogos... o grande jogo no qual eles de boa vontade passariam a vida inteira. Eles acham-me fraco e covarde por eu não gostar de lutar, embora seja melhor lutador do que a maior parte deles.

— Há anos que eles tentam provocar-nos para uma guerra — disse Príamo — mas eu optei por uma política de ignorar insultos e provocações, mesmo

quando eles raptaram a minha própria irmã. Tu vives entre os Aqueus, velho amigo; se eles nos fizessem guerra, virias também combater contra nós?

— Tentarei não ser arrastado para nenhuma guerra desse tipo — disse Odisseu. — Só existe um voto que me prende. Quando a mulher que é atualmente rainha de Esparta se casou, tinha tantos pretendentes e nenhum deles disposto a ceder face aos outros que parecia que só uma guerra resolveria o assunto. Então eu estabeleci um compromisso e orgulho-me dele.

— Que foi que fizeste? — perguntou Príamo.

Odisseu exibiu um largo sorriso.

— Imagina só: talvez a mulher mais bela que alguma vez usou a faixa de Afrodite e um grande número de homens à sua volta, anunciando quais os presentes que dariam a seu pai, e oferecendo-se para lutar por ela; o vencedor levaria a noiva e o dote de Esparta... e eu sugeri que fosse ela própria a escolher e que todos os pretendentes jurassem proteger a sua escolha.

— Quem escolheu ela? — perguntou Hécuba.

— O irmão de Agamenon, Menelau; um triste. Mas talvez ela pensasse que ele era tão sabedor e forte como o irmão — disse Odisseu. — Ou, quem sabe, terá sido apenas por amar a sua irmã, que casara com Agamenon no ano anterior. Irmãs casadas com irmãos... cria confusões na família ou, pelo menos, eu suponho que cria.

— Mesmo assim, se Enéias tivesse um irmão, eu estaria disposta a casar com ele — segredou Políxena ao ouvido de Cassandra — se o irmão tivesse metade da sua beleza e da sua gentileza.

— Também eu — segredou Cassandra em resposta.

Hécuba sussurrou num tom implicativo:

— É falta de educação dizer segredos, meninas; falem para toda a gente ou fiquem caladas. O que não é próprio para ser dito em voz alta, não deve ser dito.

Cassandra estava cansada das regras de cortesia da sua mãe. Disse em voz alta:

— Por mim, não tenho vergonha do que estávamos a dizer; dizíamos que qualquer uma de nós casaria de boa vontade com um irmão de Enéias, se ele se parecesse minimamente com ele.

Foi recompensada com um imediato e fulgurante olhar de Enéias, que disse sorrindo:

— Lamento, filha de Príamo, sou o único filho de meu pai; mas tu fazes-me desejar ser gêmeo ou mesmo tríplice, pois de boa vontade partilharia a taça nupcial com vocês três. Que pensas disto, meu senhor? — perguntou ele a Príamo. — Será apropriado para mim ter tantas mulheres como tu? Se estás desejoso de casar as tuas filhas, eu com satisfação ficarei com as três, se Creúsa permitir.

Políxena baixou os olhos e corou; Cassandra deu consigo a soltar um risinho. Creúsa ficou vermelha e disse:

— Preferiria ser a primeira e única esposa, porém a lei te permite ter tantas mulheres quantas desejares, meu esposo.

— Basta; isto não é nenhuma brincadeira! — disse Príamo. — As filhas de um rei, genro, não servem para esposas menores ou concubinas.

Enéias sorriu de modo amigável e disse:

— Não era minha intenção insultar de qualquer modo as tuas filhas, senhor — e Príamo respondeu, tomando-lhe a mão num aperto amigável e algo embriagado:

— Eu sei bem disso; no meio de um banquete, quando o vinho já correu um pouco mais do que seria razoável, gracejos bem mais impróprios do que

esse seriam perdoados. E agora talvez seja altura de as mulheres levarem a tua noiva daqui, antes que a festa se torne muito rude para os ouvidos de uma virgem.

Hécuba reuniu as mulheres, que rodearam Creúsa com os seus archotes, e Cassandra, cuja voz era a mais clara, iniciou o hino nupcial. Creúsa beijou o pai e este pousou a mão dela na de Enéias; depois as mulheres conduziram-na pelas escadas acima. Creúsa, junto a Cassandra, murmurou:

— Podes profetizar boa sorte para o meu casamento, irmã?

Cassandra apertou-lhe a mão e sussurrou:

— Gosto do teu marido; ouviste-me dizer que de boa vontade eu própria o desposaria. E toda a fortuna que possa existir para qualquer casamento neste ano, será certamente tua; vejo uma vida longa e boa fama para o teu marido e para o filho que lhe hás de dar.

Andrômaca tocou no ombro de Cassandra e segredou-lhe:

— Por que não tiveste uma profecia assim para mim, Cassandra? Somos amigas e eu gosto de ti.

Cassandra voltou-se para a amiga e disselhe suavemente:

— Eu não profetizo o que desejo, Andrômaca, mas o que os Deuses me enviam para dizer. Se eu pudesse escolher as profecias, te desejaria vida longa e honra, e muitos filhos e

filhas para te rodearem, e a Heitor, na vossa respeitável velhice no trono de Tróia.

"E só os Deuses sabem quanto eu desejava que fosse essa a profecia que me enviaram... "

Andrômaca sorriu e pegou na mão de Cassandra.

— Quem sabe, minha querida, a tua boa vontade conte mais que as tuas profecias — disse ela. — E consegues ver suficientemente longe no futuro

para saber quanto tempo falta para nascer o filho de Heitor e se é um rapaz? A minha mãe iria preferir que eu desse à luz uma filha primeiro; mas Heitor não fala de mais nada senão do seu filho, por isso eu também quero um rapaz; e sobreviverei eu ao parto para ver o seu rosto?

Com um enorme alívio, Cassandra apertou os dedos frágeis da amiga entre os seus.

— Oh, é um rapaz! — disse. — Irás ter um rapaz belo e forte, e viverás para orientá-lo até a idade adulta...

— As tuas palavras dão-me mais coragem — disse Andrômaca, e Cassandra sentiu um nó na garganta, ao recordar que tudo o que conseguira ver no casamento de Andrômaca tinha sido fogo.

"Talvez", pensou ela, *"fosse, afinal, apenas um delírio e não verdadeira profecia; era o que a minha mãe achava. Preferia estar louca a acreditar que, neste lugar sossegado sob a tranqüilidade destas estrelas, o fogo e a desgraça se irão abater sobre todos os que eu amo. "*

— Cassandra, estás outra vez a sonhar acordada; vem cá e ajuda-nos a desfazer estes nós que tu fizeste nos cabelos de Creúsa.

— Vou já — disse Cassandra subitamente, e foi ajudar as outras jovens a aprontar a sua irmã para a chegada do marido. De todo o coração, estava feliz por não ter previsto desgraça alguma para eles.

VINTE

Depois de todo o barulho e excitação do casamento, a casa do Deus parecia ainda mais silenciosa e calma, mais distante da agitação da vida comum. Dez dias após o casamento de Creúsa, Cassandra foi de novo convocada para uma festa no palácio: celebrava-se o nascimento de um filho de Heitor e Andrômaca, o primeiro neto de Príamo.

— Mas não é o primeiro neto de Príamo — disse Cassandra. — Já há o filho de Enone

e Páris.

— Pode ser que assim seja — disse o mensageiro — mas Príamo prefere chamar ao filho de Heitor o seu primeiro neto e, tanto quanto sei, o rei tem o direito de escolher aquele que será nomeado seu herdeiro depois do príncipe Heitor.

Era verdade; mas, pensou Cassandra, era duro para Enone ver o seu filho preterido, tal como já o pai o fora.

Apreciava a paz e a calma do templo e ressentia-se de tudo o que pudesse interferir com ela, mas lhe deram permissão para fazer uma visita a Andrômaca. Encontrou-a na sua requintada suíte, decorada com murais de criaturas marinhas, recostada em almofadas com o pequeno bebê de rosto avermelhado num cesto de vime a seu lado. Estava com um aspecto saudável e esplendoroso, com boas cores nas faces, e Cassandra sentiu-se aliviada; muitas mulheres morriam ao dar à luz ou pouco depois, mas Andrômaca pareceu-lhe bastante bem.

— Que disparates são estes acerca do filho de Heitor? — perguntou ela num tom que só em parte era de brincadeira. — Foste tu quem teve o trabalho de gestá-lo durante quase um ano, e foste tu quem passou pela dor e pela labuta de fazê-lo nascer. Se fosse eu, o chamaria filho de Andrômaca!

Andrômaca fez uma careta e depois riu.

— Talvez tenhas sorte por estares prometida ao Deus e proibida aos homens! Depois daquilo tudo, não tenho pressa em acolher de novo Heitor na minha cama. Dar à luz crianças é um passatempo muito sobrevalorizado; preferia deixar passar alguns anos antes de repetir a experiência. E ainda dizem que as mulheres são muito frágeis para lidar com armas, devido ao risco de serem feridas... Pergunto-me quão corajoso teria sido o meu querido Heitor nesta batalha! — Depois deu uma risada. — Consegues imaginar? Mudamos todos os costumes e os bardos farão baladas sobre a bravura de Hécuba, mãe de Heitor! Então, e por que não? Ela já triunfou pelo menos uma dúzia de vezes nesta batalha, o que significa que tem mais coragem do que eu alguma vez espero ter! Falam-nos nas delícias do casamento... todas as jovens são educadas de forma a não pensar em mais nada; mas as delícias do parto são deixadas para que as descubramos por nós próprias. Ah, bem... — Inclinou-se para a frente, fazendo uma careta com a dor provocada pelo movimento, e acenou a uma das criadas para que lhe pusesse o bebê nos braços; a expressão de prazer no seu rosto enquanto o segurava contra si desmentia as suas palavras. — Penso — disse ela — que o meu troféu de batalha é mais valioso que o saque de uma cidade!

— Bem, eu também acho — disse Cassandra, tocando no pequeno punho cerrado. — Como lhe vais chamar?

— Astíanax — disse Andrômaca. — É esse o desejo de Heitor. Sabias que quando o levarem para a festa em que lhe será dado o nome, irão deitá-lo no escudo de Heitor e

transportá-lo assim? Imagina só: que berço!

Cassandra tentou visualizar o bebê deitado no centro do grande escudo de guerra de Heitor. De repente estremeceu e ficou rígida, vendo o grande escudo e a criança (com que idade? Certamente que muito novo para ser um guerreiro!)... o corpo destroçado da criança jazendo como que para um funeral. Foi como se uma onda de água gelada a atingisse; mas Andrômaca, amamentando contente o seu bebê, não reparou.

Cassandra fechou os olhos na esperança de que isso afastasse a visão sangrenta.

— Como vai Creúsa? — perguntou.

— Parece-me feliz; diz que está impaciente por ficar grávida. Será que lhe devo dizer o que a espera?

— Não sejas antipática — disse Cassandra. — Deixa-a gozar a sua recente felicidade; mais tarde haverá tempo suficiente para tudo o resto.

— Tens razão; já há bruxas velhas que cheguem a tentar estragar tudo às jovens noivas, avisando-as de tudo o que as aguarda nos anos que estão para vir — concordou Andrômaca. — E apesar de tudo, eu não quereria perder o meu amorzinho pequenino. — Enterrou os lábios no pescoço macio do bebê e cheirou-o extasiada.

Tal como quando vira Fílidas com o seu filho ao colo, Cassandra sentiu-se emocionada e quase invejosa.

— Há mais alguma novidade?

— Sim; o navio de Páris foi avistado; um estafeta do mirante da montanha veio dizê-lo ao rei — disse Andrômaca. — Páris é teu gêmeo, mas não o acho muito parecido contigo.

— Segundo dizem, somos muito parecidos de feições — disse Cassandra, hesitante. — De resto, não nos acham muito parecidos. Há quem o julgue o mais belo homem de Tróia.

Andrômaca disse alegremente, acariciando a mão de Cassandra:

— Eu não me conto entre os que assim pensam, claro; para mim nenhum homem se compara a Heitor, quer em beleza quer no resto.

Isto agradou a Cassandra; sentia-se responsável por aquele casamento e regozijava-se por Andrômaca estar satisfeita com o seu marido. E Heitor também não tinha razão para não se sentir satisfeito.

— E toda a gente te acha bela — continuou Andrômaca — mas não acho que a tua cara ficasse bem a um homem: é muito delicada. Não tenho idéia de serem assim tão parecidos; será que ele é assim tão efeminado?

— Penso que não; e ele é com certeza bastante viril, uma vez que ganhou tantas das competições dos jogos — disse Cassandra. — É um bom arqueiro, um belo atleta e lutador, e com o carro de combate é um verdadeiro demônio. Mas penso — acrescentou com uma certa malícia — que se nos defrontássemos em campo, ele não seria melhor guerreiro que eu.

— A minha mãe disse — comentou Andrômaca — que tu tinhas a alma de uma grande guerreira no corpo de um rato de campo.

Cassandra soltou uma risada e encostou o rosto ao bebê Astíanax; sentia que lhe tinha feito uma injustiça ao deixar-se submergir pelas suas visões. — Que todos os Deuses o abençoem, e a ti também, minha querida! — disse ela.

— Não ficas para a festa da sua nomeação, para beber à sua boa sorte?

— Não, acho que não — disse Cassandra. — Talvez venha a casa por um ou dois dias quando Páris voltar. Agora vou dar um beijo a minha mãe e depois regresso ao templo.

Recebeu as despedidas afetuosas de Andrômaca, sentindo que ela lhe era mais chegada do que Políxena ou qualquer das suas meias-irmãs, e foi fazer uma visita rápida a Hécuba e receber a sua bênção. Depois se dirigiu aos aposentos simples, nos fundos da casa, onde Enone vivia com duas ou três criadas, jovens calmas que haviam sido, segundo soubera, sacerdotisas do Deus-Rio.

Enone estava deitada numa rede, amamentando o seu filho. Cassandra aproximou-se e abraçou-a, consciente da fragilidade da mulher. Era Enone e não ela, pensou, quem tinha o espírito de uma guerreira e o corpo de um rato de campo. Enone parecia-lhe delicada ao ponto de poder partir-se ao mínimo toque.

— Estás bem, minha irmã? — perguntou Cassandra, usando a palavra deliberadamente. De fato, gostava mais de Enone do que de Creúsa ou de Políxena. Mas quando estava perto dela sentia de novo aquele perturbador

impulso de acariciar a jovem, e como não sabia se aquela emoção era sua ou de Páris, sentia-se acanhada e tímida ao pé de Enone.

— Teria vindo aqui visitar-te, quando cá estive para o casamento de Creúsa, minha querida; mas disseram-me que não estavas suficientemente bem para receber visitas — disse ela.

Enone sorriu e disse:

— Bem, agora que o filho de Andrômaca nasceu e o lugar de Heitor está assegurado, não preciso temer pelo meu filho.

Cassandra sentiu-se chocada.

— Certamente que não há necessidade de temer por ele...

— Com certeza eu desejo que não haja — disse Enone — mas Heitor conseguiu ver-se livre de Páris e não penso que ele veja o filho de Páris com bons olhos ou tenha quaisquer

motivos para gostar dele.

— Tenho a certeza de que te enganas acerca de Heitor — disse Cassandra. — Ele nunca demonstrou qualquer ciúme de Páris; pelo menos a mim.

Enone riu e disse:

— Oh, Cassandra, penso que não sabes como toda a gente preza a tua opinião e tenta mostrar-te só o seu melhor lado. Se Heitor sentir ciúmes, serás a última a saber.

Cassandra corou. Para mudar de conversa, agarrou o bebê e embalou-o nos braços.

— Ele é bonito — disse ela. — Achas que é parecido com o pai ou contigo?

— É muito cedo para dizer — disse Enone. — Gostaria que ele fosse como o meu pai: honesto e honrado.

Cassandra sentiu o desapontamento nas suas palavras, talvez mais fortemente do que a própria Enone. Disse:

— Ele pode muito bem vir a ser como tu; nesse caso, ninguém poderá pôr em causa a sua bondade.

— Só o tempo poderá dizer quem teria sido mais adequado para reinar sobre esta cidade: ele ou o filho de Heitor; mas eu regozijo-me sinceramente por ele não ter de carregar tal fardo a tal destino.

Cassandra disse rapidamente:

— Enone, nunca invej es o destino do filho de Heitor.

— Que viste? — perguntou Enone apreensiva. — Não, não me digas; soube que o profetizaste no casamento de Andrômaca. Não desejo tal maldição para o meu filho... para o filho de Páris.

— Sim, estive a falar sobre isso com Andrômaca — disse Cassandra. — Pelo menos, entre as Amazonas, um filho pode usar o nome da mãe; Heitor seria filho de Hécuba...

— É a minha criança, filho de Enone e não filho de Páris ou da casa de Príamo — disse Enone. — Está muito certo; no entanto, na tua cidade, só o filho de uma prostituta tem o nome da mãe e não do pai.

Cassandra disse suavemente:

— Ninguém te poderia chamar uma coisa dessas, Enone, e disso eu serei testemunha.

No entanto, as suas palavras eram destituídas de significado, pois ela não tinha poder para alterar os fatos; Andrômaca havia sido prometida a Heitor perante toda a cidade, enquanto Enone, segundo parecia, era mulher de Páris unicamente porque o aceitara com a bênção do seu pai.

— Enone, quem era a tua mãe?

— Nunca soube o seu nome — disse Enone. — O pai disseme que ela morreu nova. Era, também ela, uma das sacerdotisas do Santuário do Deus-Rio.

"Sim; as mulheres que geram os filhos dos Deuses são ainda mais anônimas do que aquelas que geram os filhos dos homens. " Beijou Enone e prometeu-lhe que enviaria um presente para o seu filho.

No caminho de regresso à casa do Senhor do Sol, Cassandra tinha muito em que pensar. Se existiam no mundo homens como Enéias, talvez houvesse alguns com quem estivesse disposta a casar-se.

Uma manhã foi ao quarto de Fílidas e segurou no bebê louro enquanto a jovem mãe dobrava uma braçada de fraldas e cobertores recém-lavados. Tinha tirado os cueiros do bebê para que ele pudesse espernear livremente e segurava os pequenos pés rechonchudos nas mãos, admirando a macieza perfeita dos minúsculos dedos e unhas; aproximou o rosto dos pequenos pés para beijá-los e acariciar com os lábios. Soprou-lhe na barriga para fazê-lo rir e riu-se ela própria. Naquele momento quase desejava ter o seu próprio bebê para brincar, apesar de não estar de todo interessada em qualquer dos preliminares necessários para ter um.

Fílidas aproximou-se e curvou-se para reclamar o seu filho, mas Cassandra agarrou-se

a ele.

— Ele gosta de mim — disse ela com orgulho. — Acho que sabe quem eu sou — não sabes, beleza?

— Como não havia de saber? — disse Fílidas. — Tu estás sempre pronta a pegar nele e a dar-lhe mimos quando eu estou muito ocupada para lhe dar toda a atenção que ele quer.

Ao ouvir a voz da mãe, o bebê começou a gritar e a tentar agarrá-la.

— Está com fome — disse Fílidas resignadamente, começando a desapertar a túnica junto ao pescoço. — E isso, temo que não possas fazê-lo por mim.

— Eu o faria se pudesse — disse Cassandra quase num murmúrio.

— Eu sei — disse Fílidas, instalando-se com o bebê ao peito.

Observando-a com a criança, Cassandra sentiu as águas profundas das visões erguerem-se e baixarem.

— Cassandra, por que não me dizes o que vês? — perguntou Fílidas, fixando-a, amedrontada.

Cassandra ficou silenciosa.

"Esta manhã segurei nos braços três bebês e não vi futuro para qualquer deles. O que quer dizer isto? Talvez eu vá morrer e por isso não consigo ver o futuro, pois não estarei aqui para ver qualquer deles crescer e tornar-se homem? Se eu soubesse que era apenas isso, me

lançaria das alturas da cidade antes de o sol deste dia se pôr. "

Mas esse não era o seu destino; avizinhava-se uma desgraça e ela teria de estar viva para vê-la e suportar.

Curvou-se para beijar Fílidas e o bebê e disse, sem responder diretamente:

— Todos temos de cumprir a nossa sina; tu e eu e o bebê também. Acredita-me, conhecer o destino não o torna mais fácil de suportar.

— Não te compreendo — disse Fílidas.

— Eu própria não me compreendo — disse Cassandra, e saiu para o pátio do templo, sobranceiro ao mar.

Viu um barco... Sim, Andrômaca dissera que o barco de Páris tinha sido avistado.

Não fazia parte dos seus deveres dar as boas-vindas a Páris na sua chegada à cidade; mas algo mais forte que o dever atraía-a e obrigava-a a descer.

Enquanto descia a longa rua, Cassandra viu cortejos a formarem-se junto do barco, preparando-se para se dirigir ao palácio, e um outro cortejo descendo lentamente do palácio para a praia.

Páris conduzia o seu carro; tinha, sem dúvida, ordenado que o desembarcassem em primeiro lugar para poder fazer uma entrada impressionante na cidade, em contraste com a sua não anunciada participação nos jogos. A seu lado, no carro, via-se uma silhueta feminina, cuja identidade se ocultava sob um longo véu.

Teria então Páris sido bem sucedido em trazer Hesíona de volta para Tróia? Cassandra apressou um pouco o passo e, assim, acabava de sair às portas da cidade quando Páris parou na sua frente. Ao mesmo tempo, Príamo e Hécuba, transportados no melhor dos carros cerimoniais de Príamo, detiveram-se de frente para ele. Heitor encontrava-se de pé um pouco atrás do seu pai, parecendo pouco satisfeito, e Cassandra olhou em torno procurando Andrômaca. Certamente que a sua amiga não quereria perder toda esta excitação? Ergueu o olhar para a janela de Andrômaca e viu-a aí sentada, com Enone de pé a seu lado, cada uma delas com o filho nos braços. Mesmo àquela distância percebeu que Enone se agarrava à moldura da janela com os dedos crispados.

Páris desceu do carro e virou-se para ajudar a mulher velada a descer; em seguida, fez uma pronunciada vênia diante de Príamo, que o obrigou a endireitar-se e o abraçou.

— Bem-vindo a casa, meu filho. — Estendeu a mão à mulher velada (que se mantinha imóvel junto ao carro) num gesto de boas-vindas. — Foste bem sucedido na tua missão, meu filho?

— Muito além das nossas melhores expectativas.

Heitor tentou parecer satisfeito.

— Trouxeste-nos, então, Hesíona de volta, meu irmão?

— Isso não — disse Páris. — Meu rei e meu pai, trago um troféu de longe melhor do que aquele que me enviaste a buscar.

Fez com que a dama se aproximasse e puxou-lhe o véu para trás. Cassandra susteve a respiração: a mulher era bela além do imaginável.

Era alta e delicadamente proporcionada, o seu cabelo tão belo e louro como o ouro mais fino; as suas feições eram como mármore esculpido, e os seus olhos tinham o azul profundo dos céus de tempestade.

— Apresento-te Helena de Esparta, que consentiu em tornar-se minha mulher.

Cassandra ergueu os olhos para a janela onde Enone, tapando a boca com a mão trêmula, se virava e desaparecia, deixando Andrômaca a olhar, consternada, na direção em que partira. Páris olhou de relance para cima; Cassandra não conseguiu perceber se ele tinha visto a rápida retirada de Enone.

Ele voltou-se de novo, rapidamente, para Helena, que o incitou com um murmúrio; depois se virou novamente para Príamo.

— Receberás em Tróia a minha dama, pai?

Príamo abriu a boca, mas foi a voz de Hécuba que primeiro se ouviu.

— Se ela aqui está de sua livre vontade, é bem-vinda — disse a velha rainha. — Tróia não apoiará o rapto e a violação de mulheres, caso contrário não seríamos melhores que aquele homem depravado que nos roubou Hesíona. E por falar de Hesíona, onde é que ela está? A tua missão, meu filho, era trazer Hesíona de volta à nossa família; pelo menos nisso pareces ter falhado. Helena, senhora, vieste até aqui de livre vontade?

Helena de Esparta sorriu e ajeitou o cabelo brilhante. Era longo e caía solto (como só as jovens virgens o usavam em Tróia) semelhante a um véu reluzente e pouco mais claro que o fio de ouro que o afastava da testa. Vestia uma túnica do mais belo linho do país dos faraós, e a sua cintura, que era estreita, estava circundada por uma faixa de discos de ouro martelado com incrustações circulares de lápis-lazúli que condiziam com a cor dos seus olhos.

O seu corpo era cheio, os seios fartos, as pernas, cuja forma se deixava adivinhar sob as pregas soltas do linho, longas. Quando falou, a sua voz era suave e profunda.

— Imploro-te, Senhora de Tróia, que me dês aqui acolhimento e abrigo; a própria Deusa me deu ao teu filho, e nem mesmo Ela pode conhecer maior amor do que aquele que eu tenho por ele.

— Mas tu já tens um marido... — disse Príamo, hesitante — ou será que era falso o

que ouvimos, que tu tinhas desposado Menelau de Esparta?

Foi Páris quem respondeu:

— Ela foi-lhe dada ilegitimamente. Menelau era um usurpador que desposou esta dama por causa das suas terras. A cidade de Esparta pertence a Helena por direito materno; a sua mãe, Leda, recebeu-a da sua mãe e da sua avó. O seu pai...

— Ele não é meu pai — interrompeu Helena. — O meu pai foi Zeus, Senhor dos Trovões, e não aquele usurpador que tomou a cidade de minha mãe pela força das armas e desposou a rainha contra sua vontade!

Príamo ainda estava desconfiado.

— Pouco sei sobre o Senhor dos Trovões — disse ele. — Não é adorado aqui em Tróia. E nós não somos ladrões de mulheres...

— Meu senhor — interrompeu Helena, avançando para Príamo e pegando-lhe a mão num gesto que Cassandra considerou atrevido. — Suplico-te em nome da Senhora que me concedas a proteção e a hospitalidade de Tróia. Por amor do teu filho, exilei-me dos Aqueus, que conquistaram as minhas terras, Me enviarias de volta para ser, entre eles, proscrita?

Príamo olhou os belos olhos e Cassandra viu, pela primeira vez, o efeito que Helena sempre tivera sobre os estranhos; uma espécie de

desvanecimento cruzou o rosto de Príamo. Engoliu em seco e olhou-a de novo.

— Isso me parece razoável — disse ele, mas mesmo numa frase tão curta, teve de respirar duas vezes. — Nunca a hospitalidade de Tróia foi requerida em vão. Certamente que não a podemos devolver a um marido que a tomou pela força...

Cassandra não conseguiu manter-se por mais tempo em silêncio. Gritou:

— Pelo menos nisso, ela mente! Não te recordas de como Odisseu nos contou que ela própria escolheu Menelau entre mais de duas dúzias de pretendentes e fez com que os outros jurassem defender o marido que ela escolhera contra quem quer que recusasse aceitar a sua escolha? Pai, não queiras nada com esta mulher! É ela quem trará ruína e desgraça à nossa cidade e ao nosso mundo! Que quer ela realmente daqui?

A linda boca de Helena abriu-se de espanto; soltou um grito como um animal ferido, pensou Cassandra, endurecendo-se para não sentir pena da rainha espartana.

Páris olhou Cassandra com uma aversão irada.

— Eu sempre soube que eras louca — disse ele. — Minha Senhora, peço-te que não ligues; ela é a minha irmã gêmea a quem os Deuses atingiram com a loucura e os iludidos tomam por profetisa. Ela não fala de outra coisa senão ruína e morte para Tróia e agora decidiu pensar que tu és a causa.

Os grandes olhos de Helena pousaram-se sobre Cassandra.

— Que pena que alguém tão belo sofra de loucura!

— Eu tenho pena dela — disse Páris — mas não temos necessidade de escutar os seus delírios. Não sabes cantar outra música, Cassandra? Todos nós já ouvimos essa e já estamos fartos dela!

Cassandra cerrou os punhos.

— Pai — apelou — vê a razão de uma vez por todas! Esteja eu louca ou não, que tem isso a ver com o que Páris fez? Páris não se pode casar com esta mulher porque ela tem um marido com quem dúzias de testemunhas a viram casar de livre vontade e Páris tem uma mulher. Ou já te esqueceste de Enone?

— Quem é Enone? — perguntou Helena.

— Não é ninguém com quem jamais tenhas que te preocupar, minha amada — disse Páris, olhando Helena nos olhos. — É uma sacerdotisa do Deus-Rio deste lugar, o Escamandro, e eu amei-a por algum tempo, mas saiu para sempre do meu espírito no dia em que pela primeira vez olhei o teu rosto.

— Ela é a mãe do teu filho primogênito, Páris — disse Cassandra. — Atreves-te a negá-lo?

— Nego-o, de fato — disse Páris. — As sacerdotisas do Escamandro arranjam amantes onde lhes apetece. Como posso saber quem é o pai da criança que ela gerou? Por que pensas que não me casei com ela?

— Espera — disse Hécuba. — Aceitamos Enone porque ela gerava o teu filho...

"Enone era suficientemente boa para ser mulher de um pastor, filho de Agelau, mas não suficientemente bem-nascida para o filho de Príamo", pensou Cassandra. Disse em voz alta:

— Se abandonares Enone, és um idiota e um crápula! Mas faça ele o que fizer, pai, te suplico que não te envolvas com esta mulher espartana. Pois posso desde já dizer-te que isso trará, pelo menos, a guerra a esta cidade...

— Pai — disse Páris — vais dar ouvidos a esta louca e não ao teu filho? Pois desde já te digo que se recusares abrigo à esposa que os Deuses me deram, deixarei Tróia para nunca mais voltar!

— Não! — gritou Hécuba, desesperada. — Não digas isso, meu filho! Já te perdi uma

vez...

Príamo disse, parecendo perturbado:

— Não quero ter qualquer disputa com o irmão de Menelau. Heitor — apelou — e tu

que dizes?

Heitor avançou e olhou Helena nos olhos; e Cassandra viu, consternada, que também ele sucumbia à sua beleza. Será que nenhum homem podia olhar para Helena e manter a posse da razão?

— Bem, pai — disse Heitor — parece-me que já tens uma disputa com Agamenon; esqueceste que ele ainda tem Hesíona? Podemos sempre dizer que a mantemos como refém até ao retorno de Hesíona. Ou será que não somos mais do que um campo onde esses aqueus roubam mulheres e gado? Que sejas bem-vinda a Tróia, Helena, senhora... irmã — disse ele, estendendo a mão e apertando-lhe os pequenos dedos na sua grande mão — e prometo-te que um inimigo de Helena de Esparta será um inimigo de Heitor de Tróia e de toda a sua família. Será isso suficiente para te satisfazer, meu irmão?

— Se a receberes nesta cidade, és tu quem está louco, meu pai! — gritou Cassandra. — Não consegues ver, sequer, o fogo e a morte que ela carrega atrás de si? Entregarás às chamas Tróia inteira, só porque um homem é desleal e deseja a mulher de outro homem? — Tinha decidido manter-se calma e sensata, mas quando sentiu as águas negras elevarem-se para lhe tomarem a garganta, soltou um grito de terror. — Não! Não, imploro-te, pai...!

Príamo subiu de novo para o seu carro.

— Tentei ser paciente contigo, menina; mas já não tenho mais paciência. Volta para a casa do Senhor do Sol; Ele é o Deus protetor dos dementes; e reza para que Ele te dê visões mais benéficas. Quanto a mim, que nunca seja dito que Príamo de Tróia recusou hospitalidade a uma mulher que veio até ele como suplicante.

— Oh, Deuses! — gritou ela — nem sequer conseguem ver? Estão todos enfeitiçados por esta mulher? Mãe, não vês o que ela fez ao meu pai, aos meus irmãos?

Heitor avançou e arrastou Cassandra, protestando, para fora do caminho dos carros.

— Não fiques aqui a lamentar-te — disse, bem-humorado. — Acalma-te, Olhos Brilhantes. Supõe que chegamos mesmo à guerra com a súcia dos Aqueus... Pensas que não os conseguiremos enviar a ganir de volta para os pastos de cabras a que eles chamam terra natal? A guerra significaria desgraça, não para Tróia, mas para os nossos inimigos.

A sua voz era compassiva. Ela lançou a cabeça para trás e soltou um grande grito de desânimo e desespero.

— Pobre menina — disse Helena, aproximando-se dela — por que decidiste odiar-me? És a irmã do meu amado; estou pronta para te amar como a uma irmã.

Cassandra saltou para longe das mãos esticadas de Helena; sentia que iria cair e vomitar se a mulher chegasse a tocá-la. Olhou para Príamo cheia de angústia

— Oh, porque não me ouves? Não vês o que isto vai significar? Não são unicamente os homens, mas também os Deuses que lutam aqui; e homem nenhum pode viver quando existe guerra entre os Imortais — gritou. — E, no entanto, tu dizes que sou eu quem está louca! A tua loucura é pior que a minha, garanto-te! — Rodou sobre si mesma e correu na direção do palácio.

O seu coração batia como se tivesse vindo sempre a correr desde a casa do Senhor do Sol; sentia-se enjoada e parecia-lhe correr por entre chamas que se erguiam à sua volta, mergulhando o palácio em fumaça e cheiro de queimado... Quando umas mãos a tocaram, ela gritou de terror e tentou libertar-se; mas as mãos seguraram-na com firmeza e passados alguns instantes encontrava se envolta por braços carinhosos. A escuridão rolou para longe; não havia fogo. Olhou confusa para os olhos escuros de Andrômaca.

— Cassandra, minha querida! Que tens tu?

Cassandra, arrancada ao pesadelo, mas ainda não completamente consciente do que se passava ou de onde se encontrava, fixava-a sem ser capaz de falar.

— Irmã, estás exausta; estiveste muito tempo ao sol — disse Andrômaca.

Pôs o braço em torno de Cassandra e conduziu-a para uma sala fresca e sombria.

— Oh, se fosse só isso — disse Cassandra com voz rouca, enquanto Andrômaca a fazia sentar-se num banco sobre almofadas macias, e lhe chegava aos lábios uma taça de água fresca. — Não achas que eu preferiria pensar estar louca ou com uma insolação, se isso quisesse dizer que eu não precisava ver o que vi?

— Eu acredito em ti — disse Andrômaca. — Não penso que estejas louca; mas também não acredito nas tuas visões.

— Achas que eu ia inventar uma coisa assim? Quão perversa me deves julgar! — gritou Cassandra, indignada.

Andrômaca apertou-a num abraço afetuoso:

— Não, irmã; creio que os Deuses te têm atormentado com falsas visões — disse ela. — Ninguém iria acreditar que és suficientemente maliciosa para fingir uma coisa dessas. Mas, minha querida, escuta a razão. A nossa cidade é forte e está bem defendida; não temos falta de armas nem de guerreiros ou, se fosse caso disso, de aliados; se os Aqueus fossem suficientemente tolos para vir atrás desta cadela com o cio em vez de dizerem *"Bons ventos te levem, nojento pedaço de lixo ",* o que te leva a pensar que os Troianos não lhes trocariam as voltas?

Cassandra via a sensatez daquelas palavras; mas continuava a gemer agarrada ao

coração.

— Sim, Heitor disse qualquer coisa semelhante — murmurou — mas... — ouviu-se gritar de novo, — São os Imortais que estão zangados conosco! — Lutou desesperadamente para vir à superfície e libertar-se das águas escuras. — Pelo menos tu percebes que ela não passa de uma cadela no cio — disse por fim.

— Oh, sim; eu vi os olhos que ela lançou a Heitor e até mesmo ao teu pai — disse Andrômaca. — E é bem provável que ela seja uma praga lançada sobre a nossa cidade por um dos Imortais; mas se é a Sua vontade, nós não podemos evitar.

Cassandra balançava-se para trás e para a frente, angustiada. O conformismo e as palavras calmas de Andrômaca enchiam-na de desespero.

— Acreditas realmente que os Deuses se rebaixariam ao ponto de lutar contra uma cidade dos mortais? Que razão teriam eles para fazê-lo? Nós não somos perversos nem ímpios; não enfurecemos nenhum Deus.

— Talvez — disse Andrômaca — os Deuses não precisem de razões que justifiquem os seus atos.

— Se os Deuses não são justos — disse Cassandra, chorando — que esperança nos

resta?

Como num clarão, viu o rosto da Bela, a Deusa que tentara Páris e fora bem sucedida.

"Dar-te-ei a mais bela mulher do mundo... "

Tal como na altura pensara, ela pensou de novo: *"Mas ele já tem mulher! "*

Levantou o rosto para Andrômaca:

— Para onde foi Enone?

— Não vi; pensei que talvez tivesse ido cuidar do seu filho...

— Não; ela viu Páris com Helena e fugiu — disse Cassandra. — Vou ter com ela.

— Não vejo por que razão Páris havia de abandoná-la, nem mesmo por Helena, bela como ela é — disse Andrômaca —... a não ser que alguma Deusa o tenha ordenado.

— Uma Deusa assim injusta eu jamais serviria! — disse Cassandra com amargura.

Andrômaca tapou os ouvidos com as mãos.

— Não digas isso — implorou. — Isso é blasfêmia; todos nós somos súditos dos Imortais...!

Cassandra erguera a taça que não acabara de beber e esvaziou-a até a última gota; mas as suas mãos tremiam e quase a deixou cair.

— Vou falar com Enone — disse ela, erguendo-se.

— Sim — encorajou-a Andrômaca — vai e diz-lhe que nós a amamos e que nunca aceitaremos que aquela espartana ocupe o seu lugar; nem que ela fosse a própria Afrodite.

Apesar de Cassandra a ter procurado por todo o palácio, Enone não estava em lugar algum; nem nunca mais foi vista na casa de Príamo. Por fim, ouvindo o grupo real nas escadas, preparando-se, pensou ela, para celebrar o casamento de Páris, que, visto Enone não estar presente para objetar, não podia ser impedido, deixou o palácio e voltou sossegadamente para a casa do Senhor do Sol. Não sentia o mínimo desejo de ouvir cantar a Helena os hinos nupciais que haviam sido negados a Enone. Ela teria se disposto a levantar contra eles a sua voz em nome de qualquer Deus, se um Deus Lhe tivesse falado; mas nada aconteceu e ela não sentia vontade de se expor outra vez ao ridículo, gritando a morte e o desastre que não conseguia deixar de ver.

VOLUME DOIS

O DOM DE AFRODITE

UM

Cassandra não falou a ninguém, quer na casa do Senhor do Sol quer noutro lugar, sobre Helena e Páris; mas ela devia saber que notícias como aquela nunca poderiam ser silenciadas. Nem três dias tinham decorrido e já a história de Helena e a profecia de Cassandra andavam em todas as bocas de Tróia.

Houve mesmo alguns que, ao verem a beleza de Helena, acreditaram, ou disseram acreditar, que a Deusa do Amor e da Beleza dos Aqueus, Afrodite, tinha vindo em pessoa para a cidade. Cassandra, quando interrogada acerca disto, dizia apenas que Helena era, de fato, muito bela, o suficiente para dar a volta à cabeça de qualquer homem mortal, e que no país donde vinha acreditavam que o pai dela era um Imortal.

Ela não sabia nem queria saber se alguém acreditava nisso; a sua única preocupação agora era Enone. Esperava que a jovem tivesse simplesmente pegado o seu filho e regressado ao Templo do Escamandro; mas não acreditava que assim fosse. No seu subconsciente havia o medo obsessivo de que Enone tivesse, por qualquer razão, decidido sacrificar a si própria e ao filho ao Deus-Rio. Se Afrodite era verdadeiramente uma Deusa do Amor, por que não teria Ela escolhido proteger o amor entre Enone e Páris?

Interrogava-se sobre esta Deusa Afrodite, que colocava tais tentações no coração dos homens e das mulheres também; não só Páris escolhera e não conseguira resistir a Helena, como também Helena, embora fosse rainha de Esparta por direito materno, escolhera entregar-se a Páris; depois de ter escolhido o seu marido como poucas mulheres no mundo aqueu o puderam fazer. *"Se eu fosse rainha ",* pensou ela, *"'preferiría ser como Imandra e governar sozinha, sem tomar nenhum consorte. "*

As Deusas de Tróia e de Cálcis eram Deusas sensatas, que reconheciam a primazia da terra e da maternidade; mas esta Deusa que destruía tudo em nome de um capricho a que chamava amor. Não, esta não era uma Deusa que ela pudesse, alguma vez, aceitar servir. Depois, uma noite, sonhou que se encontrava num templo desconhecido, diante dessa Deusa aquéia que se

parecia imenso com a rainha espartana. *"Juraste então que não me servirias, Cassandra de Tróia? No entanto, tu entregaste a tua vida aos Imortais... "*

Cassandra estava semi-consciente de que sonhava; olhou para cima, na direção da Deusa, e viu que ela era ainda mais bela do que a espartana Helena; e, por momentos, pareceu-lhe ver no rosto de Afrodite a beleza já meio esquecida de Apolo, Senhor do Sol. Seria capaz de resistir ao apelo daquele amor?

— Jurei servir a Mãe de Tudo — disse ela. — Tu não és Ela e não tens lugar na Sua adoração; porque Tu estás a negá-La, acho eu.

Um riso longínquo soou como um ecoar de sinos.

"Também tu acabarás por me servir, filha de Príamo. Eu tenho mais poder que as Deusas comuns nas vossas cidades. Todas as mulheres Me adorarão e tu também. "

Cassandra gritou *"Não!"* e acordou sobressaltada, encontrando o quarto vazio e apenas a face brilhante do sol na janela, como um simulacro da beleza que tinha visto.

Que estranhos eram estes Aqueus; primeiro escolhiam adorar uma Deusa do casamento, que castigava toda a mulher que se desviasse dele; e depois escolhiam uma Deusa do amor apaixonado, que tentava a mulher a desrespeitar os votos que fizera. Era como se os Aqueus temessem e, ao mesmo tempo, desejassem a infidelidade das suas mulheres; ou talvez apenas ansiassem por um pretexto para abandoná-las.

Quem sabe se não seria melhor para um filho pertencer apenas à sua mãe. Talvez o casamento e a paternidade não fossem bons para os homens. Uma mulher tem de se preocupar com o bem-estar da criança que carregou dentro do seu corpo, mas ter filhos era fácil para os homens; as crianças eram bem penhoráveis para o proveito dos seus pais. Talvez Fílidas tivesse feito, afinal, o melhor negócio; um Deus podia ter tantas mulheres quantas desejasse e não precisava expulsar a antiga quando escolhia uma nova.

Este pensamento recordou a Cassandra que tinha obrigações no templo e que, tal como jurara nunca servir Afrodite, havia feito um voto de servir o Senhor do Sol. Devia descer e

juntar-se às outras sacerdotisas e sacerdotes para saudar o nascer do sol.

Estes já estavam reunidos, desde os veneráveis e anciãos sacerdotes-curandeiros, às mais jovens iniciadas; ela foi praticamente a última a tomar o seu lugar e Cáris lançou-lhe um olhar paciente, mas reprovador. O sacerdote supremo saudou-os a todos e disse:

— Em nome do Senhor do Sol, peço-vos que dêem as boas-vindas a um recém-chegado entre nós. Ele serviu no santuário em Delfos, a ilha do Senhor do Sol. Dêem as boas-vindas ao nosso irmão, que se chama Crises.

Um bom nome para ele, Crises: dourado. Era invulgarmente alto, quase tão alto como Heitor, embora não tão musculoso e bem constituído. As suas feições delicadas estavam como que polvilhadas de pequenas sardas, o cabelo luzia em toda a sua beleza, dado estar bronzeado do sol. O sorriso dele era radioso, mostrando os dentes brancos, e os olhos eram de um brilhante azul-marinho.

Quando falou, a sua voz era forte e timbrada, com ecos ressonantes que fizeram lembrar fortemente a Cassandra as alturas em que ouvira a voz do Deus. *"Que bem ele escolheu o Deus a quem servir",* pensou ela. *"De um mortal como este, o Senhor do Sol poderia bem sentir ciúmes."*

— A quem pertence hoje o serviço — perguntou Cáris — de receber e registrar as ofertas?

Cassandra, recordada das suas obrigações, sobressaltou-se e disse:

— A mim.

— Então vais levar o nosso irmão para o pátio e mostrar-lhe como são feitas as oferendas.

Cassandra baixou os olhos timidamente, como se receasse que Crises pudesse ler os seus pensamentos, os quais lhe pareciam muito impudicos.

— Agradeço-vos este bom acolhimento — disse Crises — mas se fosse possível pedir-vos primeiro um favor, senhora...

— Decerto que podes pedir — disse Cassandra abruptamente, quando se tornou óbvio que Cáris não ia responder. —Mas não posso prometer-te nada até saber o que desejas.

Ele ergueu os olhos de forma a falar para todos os presentes.

— Queria pedir-vos que dessem guarida aqui à minha filha, que é órfã de mãe — disse ele, e acenou a chamar uma menininha que se encontrava escondida no meio do maciço de arbustos na extremidade do pátio.

A princípio, Cassandra pensou que ela deveria ter cerca de onze anos. Vestia uma túnica esfarrapada e muito pequena, que mal lhe chegava aos joelhos; o cabelo, do mesmo dourado assombroso do seu pai, pendia-lhe até meio das costas, numa massa emaranhada e sem brilho.

— Há muito tempo que ando em viagem e é difícil para um homem sozinho cuidar adequadamente de uma filha mulher — disse Crises, seguindo o olhar de Cassandra. — Será possível ela viver aqui, na casa do Senhor do Sol?

— Certamente — disse Cáris — mas ela é ainda muito nova para ser considerada como uma das virgens de Apolo; tem muito tempo, quando for crescida, de escolher esse caminho para si, se assim o desejar. Mas por agora... Cassandra, te importas de levar a criança e de assegurar que cuidam dela convenientemente?

— Então ficarei duplamente grato para com a senhora Cassandra — disse Crises, curvando-se e sorrindo para ela.

Tentando não olhar de novo para Crise, Cassandra estendeu a mão à menina.

— Vem comigo, querida. Tens fome?

— Tenho; mas o pai disseme para eu não pedir nada.

— Bem, te darão de comer; ninguém passa fome na casa do Deus — disse Cassandra e, conduzindo a menina para o seu próprio quarto, chamou uma criada e pediu-lhe que trouxesse pão e vinho e um cesto com fruta.

— Primeiro tens de tomar um banho e vestir roupas limpas — disse ela, pois a roupa da menina estava imunda, além de velha.

Com a ajuda de uma das governantas, deu banho à menina. Enquanto ensaboava o seu corpo franzino, percebeu que a criança não era, nem de perto nem de longe, tão nova quanto aparentava. Os seus seios estavam já bem formados e havia um emaranhado de pêlos dourados no ponto de união das pernas.

Depois de lavada do pó das estradas, possuía a beleza do pai, e Cassandra, ao perguntar-lhe o nome, não ficou surpreendida quando ouviu a resposta.

— A minha mãe, quando nasci, chamou-me Helike, mas o meu pai sempre me chamou Criseide.

— O nome assenta-te bem — disse Cassandra — especialmente se o teu cabelo não estivesse tão embaraçado.

— Suponho que vai ter de ser cortado — disse Criseide.

— Ah, não! Isso seria uma pena — exclamou Cassandra. — É muito bonito para isso.

Pegou num pente e, cuidadosamente, penteou os nós mais difíceis; dois ou três deles eram de fato impenetráveis e ela teve de cortá-los. Depois de escovado até ficar macio e lustroso, o cabelo ondulava, brilhante, sobre os ombros da menina.

Quando já estava vestida, com a túnica branca das noviças e uma faixa de seda tecida, uma das de Cassandra, em volta da cintura, Criseide tocou-a com dedos fascinados.

— Nunca vesti nada tão bonito!

— Agora estás digna de ser uma das virgens do Senhor do Sol — disse Cassandra. — Apolo, o Senhor, ficará satisfeito contigo, pois Ele não gostaria de estar com uma criança suja.

A menina parecia ainda meio faminta; as mãos tremiam-lhe ao lançar-se sobre o pão e as uvas, como se nada tivesse comido durante dias, embora Cassandra percebesse que estava a tentar controlar-se e mostrar boas maneiras. Agradeceu a Cassandra, com lágrimas nos olhos.

— Enquanto viajamos, por vezes davam de comer ao meu pai nos santuários — disse ela — mas ele não queria que homens estranhos me vissem. — Depois, com receio de parecer que estava a criticar o pai, acrescentou:

— Ele guardava alguma coisa para mim sempre que podia.

Contra sua vontade, Cassandra sentiu-se tocada.

— Se a governanta der licença, poderás dormir no meu quarto e eu olharei por ti.

Criseide sorriu timidamente.

— E também terei obrigações no templo?

— Claro, não há ninguém ocioso em casa do Deus — disse Cassandra — mas até descobrirmos aquilo para que tens mais habilidade, te daremos as tarefas adequadas à tua idade. — Voltou-se para a governanta: — Leva-a a Fílidas — sugeriu — e deixem-na ajudar a tomar conta do bebê.

O dia ainda não ia muito avançado quando Cassandra regressou ao pátio onde Cáris e Crises a esperavam. A velha sacerdotisa estava a ajudá-lo a registrar as ofertas deixadas durante a noite no pátio do templo; ofertas que eram feitas, por simples devoção, por habitantes da cidade que não tinham nenhuns pedidos em especial para fazer. Estavam a fazer marcas numa talha: uma marca para um pote de azeite ou vinho, outra para um tabuleiro

de bolos espalmados, outra ainda para o casal de pombos numa gaiola de junco trançado. Cassandra disselhes o que tinha destinado para a criança.

— Foi uma coisa sensata — disse Cáris. — Não lhe fará mal nenhum embalar o bebê, e isso deixará Fílidas livre para retomar as suas funções.

— Não sei como exprimir a minha gratidão — disse Crises. — É quase impossível para um homem cuidar de uma menininha; se ela fosse um rapaz talvez eu tivesse me arranjado. Quando ela era muito pequenina, era mais simples; agora está quase uma mulher, tenho de vigiá-la noite e dia. Aqui entre as virgens do Senhor do Sol não tenho de recear por

ela.

— Podes estar certo de que zelaremos pela sua virgindade — disse Cáris. — Mas isso é assim tão importante neste momento? Julguei que ela tinha apenas uns onze anos.

— Também eu — disse Cassandra — mas quando lhe dei banho, vi que era mais velha do que isso.

Crise considerou a questão.

— A mãe dela morreu há dez anos — disse ele — e tenho a certeza de que ela ainda não tinha três anos. Há quatro meses atrás, tornou-se mulher e eu nem sabia o que dizer a uma menina. Foi então que decidi que tinha de abandonar a vida errante e instalar-me num lugar onde ela pudesse receber os cuidados devidos. Em viagem não me era sequer possível mantê-la alimentada, pois era muito bonita para que eu a pudesse deixar mendigar.

— Pobre criança sem mãe! — disse Cassandra. — Tomarei conta dela como se fosse minha filha.

— Tu não tens crianças tuas, senhora?

— Não — disse Cassandra — sou uma virgem de Apolo.

Sentiu-se corar sob o olhar que ele lhe dirigiu e apressou-se a dizer:

— Estão a começar a trazer ofertas e a consultar o oráculo; tenho de ir aprontar-me para falar com eles.

O primeiro homem trouxera como oferta um pote de bom vinho; perguntou:

— Sacerdotisa, quero perguntar ao Deus como poderei arranjar um bom casamento para a minha irmã; o meu pai já morreu e eu estive afastado da minha aldeia muitos anos, servindo no exército do meu rei.

Questões como esta já tinham sido postas a Cassandra muitas vezes; ela dirigiu-se ao santuário e, obedientemente, repetiu a pergunta. Não acreditava que esta fosse suficientemente importante para que o Deus lhe respondesse; de qualquer modo, aguardou por vários minutos, para o caso de Ele ter algo para dizer. Depois regressou para junto do homem que a esperava e disse:

— Vai ter com o amigo mais antigo do teu pai e pede-lhe conselho em nome da sua amizade por ele; e não esqueças de lhe dar um generoso presente.

O rosto do homem iluminou-se.

— Estou agradecido ao Deus pelo Seu conselho — disse ele, e Cassandra acenou polidamente com a cabeça, fazendo um enorme esforço para se inibir de lhe dizer: *"Se tivesses usado a inteligência que o Deus achou por bem conceder-te, terias poupado a ti mesmo a chateação de vir até aqui, mas uma vez que qualquer pessoa te poderia ter dado*

esta resposta, podemos bem receber um presente em troca."

— Mas nunca te esqueças de ficar em silêncio alguns momentos, para o caso de o Deus ter uma outra resposta para dar. Até as questões mais idiotas (do nosso ponto de vista) por vezes o Deus considera merecedoras de uma resposta — avisou-o ela.

Mais tarde, quando Crises lhe perguntou *"Como sabes o que responder? Me é difícil crer que um Deus se preocupe com assuntos destes",* ela

disselhe que os sacerdotes tinham elaborado respostas adequadas para as perguntas mais comuns.

Passado um momento chegou outro homem, carregando um enorme cesto de excelentes melões, e perguntou:

— O que hei de plantar nas minhas terras viradas para o sul?

— Houve algum incêndio ou inundação, ou qualquer outra grande alteração na tua

terra?

— Não, senhora.

Ela recolheu ao santuário, sentando-se por instantes diante da enorme estátua do Senhor do Sol e recordando-se de como, da primeira vez que a vira, em criança, julgara tratar-se de um homem verdadeiro. Como o Deus não Lhe falou, regressou e disse:

— Planta o mesmo que ali plantaste há três anos.

Esta resposta não poderia prejudicá-lo; se ele tivesse vindo a fazer a rotação das culturas, como os chefes das aldeias atualmente aconselhavam, não entraria em conflito com este conselho; caso contrário, também não pioraria as coisas. Enquanto ele lhe agradecia, ela sentiu a exasperação usual; aquela era a resposta segura para qualquer agricultor em qualquer ano e ela sentia que ele deveria sabê-la sem perguntar. Mas, fosse como fosse, haveriam de regalar-se todos com os melões.

A manhã passou devagar, apenas com uma pergunta que a fez pensar por alguns instantes. Um homem trouxe um belo cabrito como oferta e disse que a mulher dele havia acabado de dar à luz um filho perfeito.

— E tu desejas mostrar-te grato ao Senhor do Sol?

O homem mudou de posição, pouco à vontade, como uma criança apanhada em falta.

— Bem, não exatamente — balbuciou. — Queria saber se esta criança é minha ou se a minha mulher me terá sido infiel.

Aquela era sempre, para Cassandra, a pergunta mais temida; o ano que passara entre as Amazonas ensinara-lhe que as suspeitas de um homem em relação a uma mulher significavam que ele não se sentia merecedor da estima dessa mulher.

Porém, aceitou calmamente a oferta e dirigiu-se ao santuário. Por vezes, e aparentemente ao acaso, esta pergunta era mesmo respondida. *"Se não tens certeza, expõe a criança imediatamente."* Mas não houve qualquer resposta, por isso ela deu a resposta adequada àquelas situações. *"Se podes confiar na tua mulher noutros aspectos, não existe motivo para que duvides dela quanto a este."*

O homem pareceu imensamente aliviado; Cassandra suspirou e disselhe:

— Vai para casa agora e agradece à Deusa pelo teu filho; e não te esqueças de pedir desculpa à tua mulher por teres duvidado dela sem razão.

— Assim farei, senhora — prometeu ele, e Cassandra, vendo que não havia mais peticionários aguardando conselho, voltou-se para dizer a Crises:

— São horas agora de fechar o santuário e descansar até que o sol comece a declinar; é costume comer um pouco de pão e fruta antes de voltarmos para receber quem aparece.

Ele agradeceu-lhe e acrescentou:

— A senhora Cáris disseme que és a segunda filha do rei Príamo e da sua rainha. O teu berço é nobre e és bela como Afrodite; por que razão serves aqui no santuário quando todos os príncipes e nobres desta costa e ainda mais para o sul, até Creta, te devem ter pretendido em casamento?

— Oh, não foram tantos assim! — disse ela, rindo nervosamente. — No meu caso, o Senhor do Sol chamou-me para o Seu serviço era eu mais nova que a tua filha.

Ele mostrou-se cético.

— Ele chamou-te? Como?

— Tu és um sacerdote — disse ela. — Certamente que Ele falou contigo.

— Não fui assim tão afortunado, senhora — disse ele. — Acho que os Imortais só falam com os grandes. O meu pai, que era um homem pobre, prometeu-me para o serviço do Deus quando o meu irmão mais velho escapou à febre que assolou Micenas há muitos anos. Achou que era um bom negócio; o meu irmão era um guerreiro e eu, dizia ele, não servia para nada.

— Isso não está certo — disse Cassandra com veemência. — Um filho não é um escravo.

— Oh, a idéia não me desagradou — disse Crises. — Não tinha vocação para tornar-se guerreiro.

Cassandra riu um pouco.

— Estranho. És com certeza mais forte do que eu, e eu fui guerreira durante um ano entre as Amazonas.

— Ouvi falar dessas mulheres guerreiras — disse ele — e ouvi dizer também que elas

matam os amantes e os filhos rapazes.

— Não é assim — disse ela — mas lá os homens vivem separadamente das mulheres; e os filhos são mandados para junto dos pais logo que deixam de mamar.

— E tu tinhas um amante quando vivias com elas, bela amazona?

— Não — disse ela brandamente. — Como já te disse, tenho um voto de virgindade para com o Senhor do Sol.

— Penso que é uma pena — disse Crises — que tão bela dama deva envelhecer sem ser amada.

— Não precisas de ter pena de mim — disse Cassandra em tom indignado. — Estou bastante satisfeita sem amante algum.

— É isso que me parece lamentável — disse Crises. — És uma princesa e és bonita, e bondosa também; demonstraste-o com a minha filha; no entanto, vives aqui sozinha, à disposição destes peticionários infelizes e serves como qualquer reles virgem o faria...

Abruptamente, puxou-a para si e beijou-a; alarmada, tentou afastá-lo, mas ele apertava-a de tal maneira que não conseguia soltar-se. A sua boca surpreendeu-se com o calor dos lábios dele.

— Não desejo ofender-te, de modo algum — murmurou. — Serei teu amante ou teu marido, se quiseres aceitar-me.

Ela soltou-se, desvairada, e correu para fora da sala, voando pelas escadas acima como que perseguida por demônios, o coração desenfreado e o som do seu próprio sangue a pulsar-lhe nos ouvidos. No quarto de Fílidas encontrou Criseide a embalar o bebê, cantando para ele numa voz baixa e aguda. Fílidas dormia, mas sentou-se assim que Cassandra irrompeu pelo quarto.

Cassandra vinha disposta a despejar toda a história; mas, ao ver Criseide, pensou: *"Se eu me queixar dele, o mandarão embora; e então esta criança ficará de novo à mercê do acaso dos caminhos. "*

Disse apenas:

— Dói-me a cabeça por causa do sol. Fílidas, serias capaz de trocar de funções comigo esta tarde e levar as ofertas para o santuário, se eu ficasse a cuidar do bebê? Posso mandar alguém ir buscar-te quando ele precisar comer.

Fílidas concordou, satisfeita, dizendo que estava cansada de estar dentro de casa com a criança e que esta, de qualquer maneira, já estava em altura de

ser desmamada. Quando ela saiu, Cassandra pós o bebê a brincar ao sol e sentou-se a pensar no que lhe acontecera.

Entrara em pânico sem necessidade, tinha certeza; nenhum sacerdote de Apolo a teria

violado no santuário do Deus.

Decerto ele não quisera, realmente, fazer-lhe mal; não sentira uma repulsa igual à que sentira em relação ao homem da tribo que tentara violá-la, quando ela cavalgava com o bando das Amazonas. Se ela não tivesse fugido, o que teria ele dito ou feito? Ela não teria sentido vontade de matá-lo; mas teria ele levado as coisas até esse ponto? Não queria saber, de fato; gostava de Crises e não sentia raiva verdadeira, apenas uma sensação de impotência. "*Não era aquele o seu destino "*. Sentiu dentro de si a torrente de águas negras e soube que aquilo não era o que a Deusa escolhera para ela.

DOIS

Durante vários dias Cassandra conseguiu esquivar-se à tarefa de receber as ofertas, mas soube através dos outros, que Crises estava a se tornar popular entre as restantes sacerdotisas e sacerdotes. Não só estava familiarizado com a secreta arte das abelhas e de como retirar o seu mel (embora lhe tivessem dito que, em Creta, esse trabalho era interdito aos homens e apenas permitido a certas sacerdotisas), como também dominava muitas das artes conhecidas em Creta e no Egito.

— Ele viajou pelo Egito — disselhe Cáris — e aprendeu lá a arte de anotar as contagens; e disse que a ensinaria a quem quisesse aprender. Isso irá simplificar grandemente o controle dos nossos registros, já que poderemos saber imediatamente o que se encontra nos armazéns sem ser preciso contar os traços na talha.

Outros lhe falaram da sua amistosidade, das suas muitas histórias de viagens e da sua dedicação à filha, até que ela começou a sentir que tinha se comportado como uma idiota. Chegou o dia em que regressou às suas tarefas normais e quando entrou no santuário e aí encontrou Crises para trabalhar consigo, teve vergonha de olhá-lo nos olhos.

— Folgo ver-te de novo, Cassandra, minha senhora. Continuas zangada comigo?

Houve algo na voz dele que fortaleceu a decisão de Cassandra, que lhe disse que, pelo menos, ela não imaginara o que se passara entre eles. *"Por que deverei sentir vergonha de encontrar os seus olhos? Eu não fiz nada de errado; se houve alguma transgressão, foi dele e não minha."*

Disse:

— Não guardo qualquer rancor; mas, peço-te, nunca mais voltes a tocar-me.

Ficou aborrecida consigo mesma, por ter falado como quem pede um favor e não

como quem reclama o direito de recusar um contato indesejado.

— Não sei como exprimir o quanto lamento ter te ofendido — disse ele.

— Não há necessidade de pedir desculpa; não falemos mais nisso. — Afastou-se nervosamente.

— Não — disse ele. — Não posso deixar que isto fique assim. Eu sei que não sou digno de ti; sou apenas um pobre sacerdote e tu és filha de um rei.

— Crises, não é isso — disse ela. — Fiz um voto de não pertencer a homem algum à exceção do Deus.

Ele deu uma gargalhada: um som breve e amargo.

— Ele nunca te procurará nem sentirá ciúmes — disse ele.

— Quanto a isso, não seria eu a primeira...

— Oh, Cassandra — disse ele, rindo — acredito que sejas inocente, mas com certeza que não és tão inocente (ou tão criança) a ponto de acreditares nessas velhas histórias!

Ela interrompeu-o:

— Não falemos nessas coisas; mas quer seja verdade ou falso que o Deus pode reclamar quem lhe pertence, eu não estou destinada a ti.

— Não digas isso! — protestou ele. — Nunca na minha vida desejei uma mulher como te desejo, nem pensei que pudesse querer tanto uma mulher até ter te visto aqui.

— Acredito que assim seja, se tu o dizes — disse ela — mas mesmo que seja verdade, nunca mais me fales sobre isso.

Ele curvou a cabeça.

— Como queiras — disse ele. — Por nada no mundo te ofenderia, princesa; estou em dívida para contigo pela tua bondade para com a minha filha. No

entanto, sinto que Afrodite, que é a Senhora do Desejo, me ordenou que te amasse.

— Essa Deusa só envia loucura — disse Cassandra — a homens e mulheres; eu nunca amaria um homem por Ela o ter ordenado. Pertenço ao Senhor do Sol. E agora não fales mais sobre isto ou iremos brigar realmente.

— Como queiras — disse Crises. — Direi unicamente que se negares o poder Daquela que todas as mulheres devem servir, pode muito bem acontecer que Ela te puna.

"Esta nova Deusa é uma criação dos homens", pensou Cassandra, *"para desculparem a sua própria lascívia; eu não acredito no Seu poder. "* Lembrou-se então do seu sonho, mas encolheu os ombros. *"Tenho pensado tanto nisto que é como se sonhasse com trovões ao ouvir a chuva no telhado. "*

— Há devotos no templo e nós temos de receber as ofertas; ensinas-me o teu novo método de registrá-las por escrito? Já vi a escrita desenhada do Egito, mas é muito complicada, e uma vez, há anos, um velho que lá viveu disseme que os escribas egípcios tinham de estudar toda a vida para aprendê-la.

— É de fato assim — disse Crises — mas os sacerdotes do Egito têm uma escrita mais simples que não é tão difícil de aprender, e o estilo cretense é ainda mais simples, pois cada sinal não é uma imagem ou uma idéia, como nos Túmulos dos Reis, mas um som; e por isso pode ser escrita em qualquer língua.

— Ah! Mas que inteligente! Quem foi o Deus ou o grande homem que criou esse sistema?

— Não sei — disse Crise — mas dizem que o Hermes Olímpico, o Deus mensageiro que viaja nas asas do pensamento, é o Deus patrono da escrita. Crises pegou as suas placas e as talhas. — Vou mostrar-te os sinais mais simples e como escrevê-los; depois podem ser copiados em placas de barro

e assim, quando secarem, terás um registro que nunca desaparecerá e que não depende da memória de qualquer homem.

Ela aprendia depressa; era como se algo nela gritasse por este novo saber e ela absorvia-o como o solo ressequido absorve a chuva depois de uma longa seca. Cassandra aprendeu tão bem a escrita cretense, que ameaçava tornar-se mais expedita do que Crises; foi então que ele insistiu que ela não podia aprender mais.

— É para teu próprio bem — insistiu ele. — Em Creta, nenhuma mulher pode aprender a escrita, nem mesmo a rainha. Os Deuses ordenaram que as mulheres não fossem ensinadas estas coisas, pois prejudicarão as suas mentes, secarão os seus ventres e o mundo todo se tornará estéril. Quando as fontes sagradas secam, o mundo fica sedento.

— Isso é um disparate — protestou ela. — A mim não me fez mal.

— Serás tu capaz de ajuizá-lo? Já recusaste a mim ou qualquer amante; não é isso um insulto à Deusa e um sinal de que já recusaste a tua feminilidade?

— Então me recusas isto por teres ficado ofendido com a minha recusa?

Ele parecia amargamente magoado.

— Não foi só a mim que tu recusaste; foi o grande poder da Natureza que decretou que a mulher é feita para o homem. Só as mulheres têm esse sagrado e precioso poder de gerar...

Aquilo lhe pareceu tão ridículo que Cassandra riu na cara dele.

— Estarás tu a tentar dizer-me que antes de os Deuses e as Deusas darem sabedoria e conhecimentos aos homens, estes podiam gerar crianças e que por o homem ter criado outras coisas lhe foi negado esse poder? Até as Amazonas sabem que isso não é assim. Elas fazem

todo o tipo de coisas que aqui são proibidas às mulheres e, no entanto, também geram filhos.

— Filhas — disse ele com desdém.

— Muitas amazonas tiveram belos filhos.

— Disseram-me que entre as Amazonas matam os filhos machos.

— Não; enviam-nos aos pais. E elas conhecem todas as artes que nas tribos com costumes diferentes são reservados aos homens. Por isso, se às mulheres de Creta não é permitido ler, que é que isso tem a ver comigo? Não estamos em Creta.

— Uma mulher não devia ser capaz de argumentar assim — protestou Crises. — A vida da mente destrói a vida do corpo.

— És ainda mais tolo do que eu pensava! — replicou Cassandra. — Se isso fosse verdade, seria ainda mais importante não ensinar qualquer homem, não fosse isso destruí-lo como guerreiro. Os sacerdotes de Creta são todos eunucos, então?

— Tu pensas demais — disse Crises tristemente. — Isso ainda te destruirá como

mulher.

Os olhos dela brilharam com malícia.

— E se eu me entregasse a ti, isso me salvaria desse destino atroz? És de fato bondoso, meu amigo, e eu sou uma ingrata por não apreciar o grande sacrifício que estás disposto a fazer por mim!

— Não deves zombar destes mistérios — disse Crises sombriamente. — Não acreditas que, se o Deus enviou desejo de ti ao meu coração, isso é uma mensagem do Deus significando que eu te devo possuir?

Erguendo as sobrancelhas com desdém, Cassandra disse:

— Os sedutores sempre falaram assim desde o início dos tempos e todas as mães ensinam as suas filhas a não dar ouvidos a esses disparates e mentiras. Gostarias que eu ensinasse à tua própria filha esse tipo de coisas, que se um homem a deseja é seu dever se entregar a ele?

— A minha filha não tem nada a ver com isto.

— A tua filha tem muito a ver com isto; a minha conduta deve ser para ela um modelo de virtude. Gostarias que ela se desse ao primeiro homem que declarar desejá-la?

— Certamente que não, mas...

— Então és um hipócrita, além de idiota e mentiroso — disse Cassandra. — Houve uma altura em que eu gostei de ti; não completes a destruição de toda a minha boa vontade em relação à tua pessoa.

Afastou-se dele e saiu do santuário. Durante todo o tempo que tinham trabalhado juntos ele não cessara, nem sequer por um dia, de importuná-la. Não o toleraria mais; iria ter com Cáris, ou com o sacerdote responsável, e lhe diria que não voltaria a trabalhar com Crises, pois este em relação a ela só tinha uma intenção, e isso ela não o permitiria.

"Seria mais simples eu mesma deixar o templo. Mas deverei eu permitir que um homem assim me afaste? "

Caía a noite; tentando acalmar a sua exasperação, Cassandra desceu a encosta em direção ao recinto onde estavam alojadas as sacerdotisas. Quando passava pelo edifício, um pequeno som vindo dos arbustos perturbou-a; virou-se e viu duas figuras entrelaçadas na sombra. No impulso do momento dirigiu-se a elas e um homem soltou-se e fugiu. Cassandra não o reconheceu e não se preocupou grandemente com esse fato. A segunda figura já era outra questão; Cassandra avançou rapidamente e agarrou o braço da jovem Criseide.

O vestido da jovem estava amarrotado, enrolado até quase à cintura, deixando-lhe o púbis desnudado; a sua boca estava inchada e marcada; o seu rosto afogueado e aturdido. Chocada, Cassandra pensou: *"Mas ela é uma criança, um bebê!"* E, no entanto, era evidente que, no que tinha estado a fazer (e quanto a isso não havia certamente quaisquer dúvidas) a menina tinha participado de bom grado.

Amuada, a jovem puxou o vestido para baixo e esfregou a cara com o braço. Cassandra explodiu finalmente:

— Desavergonhada! Como te atreves a estar aí nesse lugar? És uma virgem de Apolo!

Em tom de desafio, Criseide murmurou:

— Não olhes para mim dessa maneira, minha solteirona seca e azeda; só porque nenhum homem alguma vez te desejou, como te atreves a reprovar-me?

— Como me atrevo? — repetiu Cassandra, pensando: *"E foi por me preocupar com esta menina que eu encobri as ofensas do seu pai! Não há necessidade de especular sobre como teria ela adquirido este tipo de comportamento. "*

Disse calmamente:

— Penses tu o que pensares de mim, Criseide, não é a minha conduta que está em causa, mas sim a tua; tais coisas são proibidas às virgens. Procuraste refúgio no Templo do Senhor do Sol; tens portanto de obedecer às regras sob as quais vivem as outras virgens.

" *Talvez ",* pensou ela, *"o mais sensato fosse expulsar juntamente estes dois impuros, pai e filha, da casa do Deus. "*

— Vai lá para dentro, Criseide — disse ela, o mais suavemente que conseguiu —, muda de vestido e lava-te, ou não serei eu a única a repreender-te.

A menina havia sido deixada ao seu cuidado; tinha, de alguma maneira, de conseguir que Criseide não desacreditasse a casa do Senhor do Sol ou os ensinamentos dela. Quando Criseide entrou em casa, Cassandra pensou: *"Creio que agora irei ficar à mercê de Afrodite; irá Criseide alegar que também ela está sob a influência dessa Deusa cuja função é atrair mulheres para paixões desenfreadas e ilícitas? "*

Ergueu os olhos para a face do sol, lá nas alturas dos céus.

— Estamos nas Tuas mãos, Meu Senhor, Apolo — orou. — É certo que és Tu quem manda na Tua casa e nos corações e espíritos que a Ti devotaram as suas vidas. Não pretendo desrespeitar nenhum dos Imortais; mas será que não podes manter a ordem na Tua casa e no Teu santuário?

TRES

Não houve qualquer resposta imediata à sua pergunta; mas ela não esperara nenhuma. Durante vários dias evitou o santuário, alegando doença. Era como se a casa do Senhor do Sol, antes tão alegre, se tivesse tornado hostil, pois Crises estava por todo o lado. Finalmente, subiu a colina até mesmo ao topo da cidade e aí ofereceu um sacrifício à Virgem, Deusa protetora de Tróia; os seus pensamentos rodopiavam em turbilhão e ela perguntava a si mesma se aquilo seria uma deslealdade para com o Senhor do Sol, de quem era sacerdotisa. No entanto, fora chamada pela Mãe Terra e tornada Sua sacerdotisa também.

Depois de ofertar o seu sacrifício sentiu-se mais calma, embora a Deusa não lhe tivesse falado diretamente. Regressou à casa do Senhor do Sol e apresentou-se para as cerimônias do final do dia; e quando viu Crises, entre os sacerdotes, a sorrir para ela, não procurou evitar-lhe o olhar. Não fora ela quem procedera erradamente; por que haveria de sentir-se envergonhada?

Nessa noite os seus sonhos foram confusos e apavorantes; uma tempestade assolava Tróia e ela estava na parte mais alta da cidade, na cidadela da Virgem, procurando atrair para si os relâmpagos de modo a que a atingissem primeiro e não caíssem sobre aqueles que amava. O Senhor dos Trovões dos Aqueus irrompeu através das enormes muralhas construídas por gigantes, agitando os punhos. Aquele que Estremece a Terra, Senhor de Tróia, que havia sido chamado para consorte da Mãe Terra, debatia-se e lutava para proteger a sua cidade. Também ali se encontravam os outros Imortais e ela, Cassandra, fizera algo que os enfurecera. *“Mas eu não fiz nada de errado!”,* protestava ela, confusa. Se alguém havia transgredido, tinha sido Páris. Chamou pelo Senhor do Sol para que salvasse a Sua cidade;

Ele mostrou-se mal-humorado e encobriu o brilho do Seu rosto, dizendo, *“Também sou adorado entre os Aqueus ”,* e ela despertou, com um grito de horror.

Quando ficou totalmente desperta, percebeu do absurdo do sonho; com certeza os Deuses, sendo oniscientes, não iriam punir uma cidade tão grande por causa das infrações idiotas de um homem e uma mulher apenas.

Passado algum tempo, adormeceu de novo; e de novo começou a sonhar. Tinha a sensação de ter ao peito o bebê de Fílidas; e sentia outra vez aquele misto de ternura comovente e de horrível repulsa e desespero. Lutou para recuperar a consciência. O contato no seu seio perdurava e sobre ela, curvava-se uma silhueta escura, salvo onde a luz da lua cheia refulgia na máscara dourada de Apolo. Mas ela reconheceu o toque da mão no seu seio e abriu a boca para gritar.

A mão moveu-se rapidamente do seu seio para lhe cobrir a boca.

— És minha, Cassandra! — articulou uma voz muito familiar. — Recusarias o teu

Deus?

Cassandra mordeu a mão, que foi retirada com um grito muito pouco divino, e sentou-se, compondo a túnica.

— Eu conheço a voz do Deus, Crises — rosnou-lhe furiosamente — e não é a tua voz! Blasfemo, pensas que Apolo não sabe proteger os Seus!?

A sua voz elevara-se consideravelmente na última frase e ela ouviu no corredor as vozes das outras sacerdotisas que vinham investigar aquele distúrbio. Atirou-se para fora da cama, tentando alcançar a porta, mas Crises barrou-lhe o caminho e empurrou-a de encontro à parede. As tentativas dele para conservá-la assim, embora bem sucedidas, não eram silenciosas e, no instante seguinte, o quarto foi invadido por um enorme grupo de mulheres, incluindo Cáris, Fílidas e Criseide. Crises rodou a cabeça de forma a que a máscara ficasse de frente para o grupo de mulheres.

— Deixem-nos!

A sua voz era grave e impressionante. Fílidas a princípio ficou boquiaberta, ao ver a máscara do Deus; depois, reconhecendo a voz do homem, olhou para ele e Cassandra com uma expressão horrorizada de entendimento. Criseide ria; as restantes mulheres pareciam inseguras.

Cassandra bateu-lhe com força no estômago e soltou-se das mãos que a prendiam.

— Sacerdote ignóbil! — disse ela num esgar. — Atreves-te a usar a imagem do Deus para satisfazer a tua lascívia?! Tu profanas aquilo que não compreendes! — Tremia numa mistura de fúria e horror. — Pela Mãe Terra! Não me deitaria contigo nem que estivesses

realmente possuído por Apolo!

— Não, Cassandra? — Um estremecimento percorreu o corpo de Crises; e então, inesperadamente, inconfundivelmente, a voz era de Apolo. *"Tu és a minha eleita; decerto não foste capaz de pensar que Eu ia deixar de te proteger de um mortal perverso e insensato? "*

Cassandra ouviu o grito de reconhecimento de Fílidas; mas a maré negra correu sobre ela, preenchendo-a, e sentiu as águas da Deusa encapelarem-se dentro de si. A última coisa que escutou foi a voz da Deusa: *"Tua, Senhor do Sol? Ela foi-Me dada ainda antes de ter nascido para este mundo dos mortais ou de ter sentido a Tua mão!"*

Depois, perdeu os sentidos.

O seu corpo estava apoiado contra a parede e era como se cada palmo da sua pele tivesse sido queimada. Umas unhas cravavam-se na sua face e continuavam a rasgar-lhe o ombro da túnica.

— Assassina! — gritava Criseide ao seu ouvido. — Mataste o meu pai! Te achas boa demais para ele; pensas que, por seres princesa, és melhor que todas nós! Ages como se nem sequer fosses humana! Pois bem, não és! És um animal e uma covarde imunda...

Cassandra abriu os olhos. Crises jazia no chão, branco como um morto e muito quieto. Fílidas estava debruçada sobre ele.

— Ele vai ficar bem, Criseide — disse ela, apaziguadora. — O Deus apoderou-se dele, nada mais.

Mas Criseide não estava a ouvir.

— Ela é uma bruxa! Lançou um feitiço maligno sobre ele!

Cáris puxou a jovem em histeria para longe de Cassandra e empurrou-a para os braços de duas das outras sacerdotisas.

— Levem esta fedelha irresponsável daqui para fora!

Os gritos de Criseide ecoavam, enquanto era arrastada ao longo do corredor e depois, felizmente, esbateram-se na distância.

Cassandra sentiu o corpo deslizar para o chão, mas nada conseguiu fazer para evitá-lo. Os seus olhos estavam abertos, mas tudo lhe parecia distante e não muito real. Só uma parte do seu ser se encontrava no seu corpo; a outra parte pairava acima da cena, observando Cáris e a governanta a erguê-la do chão e a estendê-la de novo sobre a cama. Uma noviça trouxe um copo grande e largo com vinho; Cáris deitou algum pela garganta de Cassandra abaixo. Por instantes aqueceu-a e a fez regressar um pouco ao seu corpo, mas sentia-se pessimamente, com um frio insuportável, como se a maior parte da sua força vital se tivesse esvaído. Podia ver Caris segurando-lhe na mão, mas não conseguia sentir a pressão dos dedos da mulher. De súbito sentiu-se esmagada pela saudade do acampamento das Amazonas, e de Pentesileia, que tinha sido mais mãe para ela do que Hécuba alguma vez fora ou viria a ser. As lágrimas borraram-lhe a visão e desceram em gotas pelas faces.

— *Ssshh!* — sossegou-a Cáris, puxando o cobertor e enrolando-o firmemente em volta dela. — Descansa agora e não te atormentes. De manhã teremos muito tempo para esclarecer as coisas.

Atrás de Cáris, Cassandra viu Fílidas apanhar, reverentemente, a máscara de Apolo.

Dois dos sacerdotes entraram silenciosamente, conferenciaram por instantes com a governanta e levaram Crises. Os seus olhos estavam abertos, mas ele parecia atordoado e apático.

Os sacerdotes falavam um com o outro quando passaram junto da sua cama; Cassandra apanhou as palavras *"possessãogenuína"*. Mas qual? A de Crises ou a sua?

Despertou precisamente antes do nascer do sol, sentindo-se como se todos os músculos e ossos do seu corpo tivessem sido espancados com um bordão; ficou deitada, imóvel, pensando no que acontecera.

Uma coisa era certa: Crises usara, ilicitamente, a máscara do Deus e tentara seduzi-la. Não tinha bem certeza do que se passara a seguir. Recordou Criseide atirando-se sobre ela aos gritos e depois se lembrou da voz de Apolo sobrepondo-se ao ruído e à confusão reinantes no quarto, e as palavras malfadadas que ela lançara a Crises.

"Não me deitaria contigo nem que fosses o próprio Deus... "

Teria ela realmente dito aquelas palavras ao seu Deus? Crises as merecera. No entanto todo o seu corpo se contraía de angústia ao pensar que Apolo, Senhor do Sol, podia tê-las entendido como dirigidas a Ele.

Porém, além do medo e do remorso, ela conhecia agora a origem das águas negras: era a Deusa que a reclamava. Tinha-se dado ao Deus com toda a sinceridade do seu primeiro amor; mas nessa altura já não estava livre.

A porta abriu-se e Cáris entrou, debruçando-se ternamente sobre ela.

— Vais levantar-te, Cassandra? Fomos todos convocados para o santuário, para discutir o que aconteceu realmente aqui na noite passada.

Cáris trouxe-lhe um pouco de vinho e pão com mel, mas Cassandra não conseguia engolir; sentia um aperto na garganta e sabia que se tentasse

comer ficaria enjoada.

Cáris ajudou-a a pôr o vestido e a escovar o cabelo. Cassandra apanhou-o numa trança frouxa e seguiu a sacerdotisa mais velha até ao santuário, onde estavam reunidos os sacerdotes e as sacerdotisas.

Um dos sacerdotes mais velhos, que conhecia Cassandra desde criança, abriu a sessão, dizendo:

— Temos de descobrir a verdade sobre este infeliz incidente. Filha de Príamo, queres dizer-nos o que aconteceu?

— Estava a dormir e a sonhar e quando acordei vi um homem no meu quarto. Tinha posto a máscara do Deus, mas eu reconheci a voz de Crises. Já me pedira antes que eu me entregasse a ele — disse ela — e eu recusei-o. — Ergueu a cabeça, olhando Crises nos olhos. — Perguntem a esse blasfemo devasso se ele se atreve a negá-lo!

O sacerdote perguntou:

— Crises, que tens tu a dizer?

Crises olhou diretamente para Cassandra. Disse:

— Não me lembro de nada; só de acordar no quarto dela, com essa gata selvagem atirando-se a mim!

— Não puseste, deliberadamente, a máscara do Deus, com o objetivo de iludir a

jovem?

— Decerto que não! — disse Crises com indignação. — Chamo o próprio Apolo a testemunhar, mas duvido que Ele apareça para me acusar ou defender.

— Ele mente! — gritou Fílidas. — Eu conheço a voz do Deus, e juro que aquela era apenas a voz de Crises! Cassandra já me tinha feito queixa de

que ele lhe pedira o que não seria legítimo dar a qualquer homem mortal! Mais tarde, ouvi-o falar com a voz do Senhor do Sol...

— Todos nós ouvimos isso — disse Cáris. — A questão agora é saber qual deles, ou se ambos, ou se nenhum, blasfemou.

— Eu afirmo que ela é culpada de ter recusado a palavra de Apolo! — disse Crises. — Ela blasfemou; e em nome do Deus que ambos servimos...

— É certo que ela invocou a Deusa dentro do Templo de Apolo — disse Cáris — e isso é proibido.

— Penso que ambos deveriam ser mandados embora — disse o velho sacerdote — pois criaram um escândalo.

— Não vejo por que razão deva ser punida — disse Cassandra — por me defender de um sacerdote lascivo, capaz de violar uma mulher que se entregou ao Deus que ele finge servir. Quanto à Deusa, eu não busquei a Sua proteção; Ela vai e vem conforme a Sua vontade. Não estou envolvida na Sua disputa com Apolo.

— Chamo Apolo para que testemunhe...! — começou Crises, acaloradamente.

Cassandra disse bruscamente:

— E que farás tu, blasfemo, se Ele vier para te responder? — Arrogantemente, Crises

disse:

— Deus, tal como ela diz que faz...

— Tem cuidado!— disse Cáris em tom cortante.

— Eu corro esse risco!

Cáris disse:

— Nós temos obrigação de proteger Cassandra; as virgens do templo estão prometidas ao Deus e não estão aqui para sofrer abusos de um mero homem, seja ele sacerdote ou não; e muito menos com um artifício destes.

Ouviram-se murmúrios na sala; Cassandra estava grata a Cáris por ter falado em sua

defesa.

— Só pergunto uma coisa — disse o velho sacerdote. — Vem cá, filha de Príamo. Ouviram-te dizer-lhe que não te entregarias a ele mesmo que estivesse possuído pelo verdadeiro Apolo. Querias dizer realmente isso ou falaste possuída pela raiva?

— Dado que o Deus não chegou até mim, eu falei apenas em rejeição daquele que me teria violado em nome de Apolo.

Uma luz forte surgiu e Cassandra levantou os olhos para o clarão que brilhava no lugar que Crises ocupara.

A voz cava e familiar ressoou por todos os cantos da sala:

“ Cassandra... ”

Estava fora de questão que se tratava da voz do Deus. Cassandra sentiu os joelhos fracassar e deixou-se tombar no chão, sem ousar levantar os olhos ou falar.

“Este Meu servo não acreditou que Eu pudesse fazer-lhe o que fiz; mas agora já sabe. Conhecerá o Meu poder antes que possa envelhecer muitos anos mais. Deixem-no Comigo; Eu trato dos Meus. ”

A silhueta brilhante voltou-se para Cassandra; ela estremeceu e baixou a cabeça. *“Quanto a ti, Cassandra, a quem Eu amei: Tu entregaste-te à Minha velha inimiga; e, no entanto, Eu reclamei-te e tu és Minha. Não vou libertar-te; porém, tu ofendeste-Me e, assim, Eu te retiro o Meu divino dom da profecia. Escuta as Minhas palavras!”*

A voz estava cheia de uma tristeza pulsante; Cassandra, ajoelhada, com a cabeça baixa, sentiu dentro de si uma vaga de protesto e ressentimento.

— Senhor do Sol, só desejo que o faças — disse ela em voz alta. — Não quero mais do que ser libertada desse dom que eu não desejei!

Dobrou-se como que açoitada por ventos fortíssimos; o seu corpo era um campo de batalha, os olhos ardiam-lhe, as águas turbulentas da Deusa enfureciam-se contra a explosão da fúria de Apolo.

"Também tu conhecerás o Meu poder! "

Subitamente a Sua presença desapareceu; Cassandra, liberta da contenda entre os Imortais, tombou no solo. Percebeu vagamente que Cáris se curvara para levantá-la. Como se flutuasse num ponto próximo do teto, viu Crises cair, o corpo contorcendo-se violentamente, os calcanhares batendo contra o chão e os dentes rangendo. Uma espuma raiada de sangue jorrou-lhe dos lábios e um grito sinistro esvaziou-lhe os pulmões.

"É o que merece ", pensou ela, *"quem pensa que pode usar os poderes de Apolo para iludir uma das Suas... "*

Como um eco da voz de Apolo, ouviu:

"Mesmo ele me irá ser útil nos tempos que virão... "

Tremendo de frio, sentiu as águas escuras desaparecerem e regressou a si como se voltasse à superfície depois de um profundíssimo mergulho. Continuava a não conseguir falar; os sacerdotes estavam a assistir Crises, enquanto a sua própria cabeça repousava no colo de Cáris.

Cáris embalou-a docemente e sussurrou:

— Não chores; mesmo que a ira de Apolo seja terrível, será bom para ti que fiques livre dessa terrível praga da vidência.

"Como poderia eu dizer-lhe que não chorei a perda do dom da profecia? Ou que não era a ira de Apolo que eu temia, mas a perda do Seu amor? Eu nunca desejei tornar-me o campo de batalha entre os Imortais. "

QUATRO

Se Cassandra pensou que a reprimenda a Crises iria resolver alguma coisa, estava enganada; parecia que a sua paz fora destruída por nada.

Mas não era ela a única que parecia perturbada; Crises estava com um aspecto pálido e exausto. Continuavam a precisar dele no santuário, pois ele não tinha conseguido ainda ensinar a ninguém, exceto a ela, o suficiente do seu novo método de registro para que pudessem substituí-lo. Ele conseguira tornar-se praticamente indispensável. Grande parte dos sacerdotes estava a ficar velhos. Não eram mais do que trinta e ele era o único sacerdote do

Senhor do Sol que ainda estava no auge da sua vitalidade.

Não ajudava nada o fato de Cassandra, cada vez que via o sol refulgir naquele cabelo brilhante e dourado, recordar o momento em que ele lhe falara com a voz do Senhor do Sol. Que idiota tinha sido, afinal, pensou ela desanimada. Decerto que ele era capaz de chamar Apolo... ou teria sido ela quem, ao clamar contra a impostura, chamara o Senhor do Sol para que a protegesse daquele homem que ela tanto desprezava? Ele continuaria a ser Apolo, qualquer que fosse a sua aparência, e se ela não o tivesse recusado, provavelmente teria agora dentro de si o filho do Deus. Mas seria isso o que ela queria? Seria aquele o seu destino, e o teria recusado?

De qualquer forma, o que estava feito, estava feito, e ela só podia dar-se por feliz, ainda que com alguma amargura, pelo castigo da presunção de Crises. *"Ninguém zomba dos Imortais "* e, pelo menos agora, Crises sabia.

"E eu também. O Senhor do Sol escarnece de mim; eu, que falei com respeito contra o que considerava uma blasfêmia incidindo sobre os escolhidos de Apolo. Fui eu quem foi castigada, tão duramente como o infrator. "

Não lhe servia de consolo que Apolo tivesse intervido; agora se dizia (e, é claro, a história havia-se espalhado, primeiro no templo e depois por toda a cidade) que ela recusara o próprio Deus e que, como resposta, Apolo a

amaldiçoara. A verdade era apenas conhecida por aqueles que tinham estado lá naquela noite e, pensou ela à beira do desespero, mesmo esses desconheciam a verdade inteira.

Eles pensavam que Apolo lhe havia retirado o Seu dom da profecia. Mas o dom da previsão, ela sempre o possuíra, desde a sua mais tenra idade, e o Senhor do Sol não podia tirar-lo, pois não era uma dádiva Sua. Ele apenas tinha assegurado que as suas palavras não fossem mais acreditadas.

Também não lhe dava satisfação alguma ver Crises ser olhado com a mesma reverência meio receosa com que ela própria era olhada. Todos os dias, uma vez pelo menos, e, às vezes, duas e três, ele era possuído, tombando no chão com as horrendas contrações próprias dos ataques e aí ficando agitado por convulsões. Ela já vira (embora raramente) homens, mulheres e até crianças assim possuídas; eram geralmente olhados como vítimas ou favoritos do Deus. Cassandra começava a perguntar-se se aquela não seria uma doença como qualquer outra. Mas porque não teria Crises, então, mostrado antes quaisquer sinais dela?

Não tirava a mínima satisfação destas dúvidas interiores; se havia algo que ela desejasse, era recuperar a sua antiga e ingênua fé. Continuava a ser forçada à companhia de Crises. Algum tempo depois, percebeu que aquele episódio fizera com que tivessem ficado associados no espírito da maior parte dos sacerdotes e sacerdotisas, como se ela tivesse, de fato, cometido a infração para a qual Crises tentara seduzi-la, em vez de ambos serem vítimas da ira de Apolo. *"Ou do despeito ",* pensou.

"Que mais pode o Senhor do Sol fazer-me? Eu estou segura do Seu amor... mas e isso que tem? Será que o Seu amor é, de alguma forma, melhor do que a Sua má vontade? Deverei eu agradecer-Lhe por Ele não ter feito, também a mim, vítima dos ataques? "

Um dia foi chamada ao pátio por Criseide, que tinha sido encarregada de levar as mensagens ao santuário.

— Cassandra, tens uma visita, acho que é a princesa de Cálcis.

Ela veio ao pátio e olhou em volta, vendo Andrômaca com o filho ao ombro, vestida com roupas de plebéia. Apressou-se a ir abraçá-la.

— Que se passa?

— Oh, minha querida, é pior do que possas imaginar! — disse Andrômaca. — Estão todos enfeitiçados pela mulher espartana, até o meu estimado marido; tentei repetir-lhe o que tu me tinhas dito acerca de Helena e ele disse que todas as mulheres tinham ciúmes de uma mulher bonita, e nada mais. Eu acho que tu és mais bonita do que Helena — disse Andrômaca — mas ninguém concorda!

Cassandra disse, ponderadamente:

— É como se ela usasse a faixa de Afrodite...

— A qual, todos nós sabemos, faz com que os homens só sejam capazes de pensar com o baixo-ventre — disse Andrômaca com um sorriso sarcástico. — Mas as mulheres também? Acha-a assim tão bela, Cassandra?

— Sim — exclamou Cassandra — ela é tão bela como a própria Senhora da Beleza — e em seguida sentiu-se chocada consigo própria. Murmurou a Andrômaca, quase como quem se desculpa: — Desde criança que eu vejo através dos olhos de Páris — e deteve-se. Não podia dizer nada acerca da estranha intensidade com que reagira a Enone, ou a Helena; nem mesmo Andrômaca, que fora criada entre amazonas, a compreenderia. — Um dia — disse — te contarei tudo; mas, agora, fala-me sobre o que está a acontecer.

— Não sabias que Menelau veio aqui?

— Não. Como é ele?

— Parece-se tanto com o irmão, Agamenon, como eu com Afrodite — disse Andrômaca. — Ele veio dócil e balbuciante e pediu que lhe entregássemos Helena. Príamo disse, a rir, que talvez (talvez, repara) nós lhe devolvêssemos Helena se ele trouxesse Hesíona de volta a Tróia, com um dote para compensar os anos que ela ficou por casar. Menelau disse que

Hesíona tinha um marido, que a tomara sem dote algum, talvez impressionado com o fato de ela ser irmã do rei de Tróia, e que ele, pelo menos, não roubava as mulheres aos seus maridos.

— O pai deve ter ficado muito satisfeito — disse Cassandra, fazendo uma careta.

— Então — continuou Andrômaca — Menelau disselhe que Hesíona não voltaria para Tróia e sugeriu que Príamo mandasse um enviado perguntar à própria Hesíona se ela desejava voltar para Tróia; sem o filho, claro, dado que o filho era um bom espartano e pertencia ao marido de Hesíona.

— E que respondeu o meu pai a isso? — perguntou Cassandra.

— Disse a Hécuba que Menelau jogara a favor dos seus planos; mandou chamar Helena e perguntou-lhe, na presença de Menelau: *"Queres voltar para o teu marido, senhora?"*

— E que respondeu ela?

— Disse: *"Não, meu senhor";* e, claro, Menelau ficou ali parado a olhar para ela como se ela estivesse a cortá-lo aos pedacinhos. Então Príamo disse: *"Bem, Menelau, já tiveste a tua resposta."*

— E o que disse Menelau a isso? — perguntou Cassandra.

— Foi piorar as coisas, dizendo: *"Dás ouvidos à vontade desta puta infiel? Digo-te, ela é minha e eu hei de levá-la";* e tentou agarrá-la pelo pulso e arrastá-la dali.

— E conseguiu? — perguntou Cassandra, pensando que, se de fato Menelau agira com tanta determinação, aquilo devia ter impressionado até o próprio Príamo.

— Oh, não! — replicou Andrômaca. — Heitor e Páris avançaram de um salto e agarraram-no; e Príamo disse: *"Agradece aos teus Deuses, nobre Menelau, o fato de seres meu convidado, senão eu deixaria os meus filhos dar largas às suas vontades; mas ofensa alguma será feita a um hóspede*

debaixo do meu teto”. E Menelau começou a gaguejar (desta vez de raiva) e disse: *“Cuidado com a língua, velho, ou deixarás de ter uma casa de onde eu tenha de levá-la! ”* Depois disse uma obscenidade qualquer a Helena (não iria repeti-la neste recinto sagrado) — acrescentou Andrômaca com um gesto supersticioso — e atirou ao chão a taça de que estava a beber, dizendo que não aceitava a hospitalidade de um... de um pirata que enviava os filhos a roubar mulheres.

Os olhos de Cassandra estavam esbugalhados de espanto; nunca vira ninguém desafiar Príamo, à exceção dos próprios filhos. Andrômaca prosseguiu.

— Então Príamo perguntou: *“Não? Então como é que vocês, Aqueus, conseguem arranjar esposas?”* Menelau lançou-lhe pragas, disse não sei o quê, deu um berro a chamar os criados dele e saiu como um furacão, dizendo que, se Príamo não dava ouvidos a ele, talvez desse ouvidos a Agamenon. E Páris teve a última palavra... — Neste ponto Andrômaca começou a rir. — Príamo disse: *“Pois é: quando eu era uma criança, às vezes dizia aos outros que me arreliavam, que o meu irmão mais crescido viria bater-lhes.”* E Páris disse: *“Se vamos por aí, Menelau, eu também tenho um irmão mais velho. Será que tu ou o teu irmão gostariam de acertar as coisas com Heitor?”* Aí Menelau saiu de rompante e foi a rogar pragas ao longo de todo o caminho de volta ao barco.

Cassandra, abatida, mal escutara as últimas frases; tudo o que conseguiu pensar foi *“Aconteceu”*. Já podia ver o porto repleto da negritude dos navios estrangeiros; o mundo que conhecia desfeito em pedaços. Não conseguiu impedir-se de interromper Andrômaca e gritou:

— Orem aos Deuses! Orem e sacrifiquem! Eu disse ao meu pai que ele não devia querer nada com essa mulher espartana!

A voz de Andrômaca soou delicada, ignorando a interrupção.

— Não te enerves assim, Cassandra, minha querida.

“Então até ela pensa que eu estou louca... ”

— O que te leva a crer que nós não mandaremos os Aqueus de volta para as ilhas onde reinam? Uma coisa foi essa gente derrotar os simples pastores e homens sem terra que eram donos daquelas ilhas... outra coisa muito diferente é enfrentar o poder de Tróia inteira! O que eu digo é que temos de fazer com que esses Aqueus olhem para si mesmos! Achas que vamos deixar que eles pensem que podem continuar a roubar as nossas mulheres sem serem punidos, mas que, se tocarmos nas deles, poderão castigar-nos?

— Andrômaca, será que tu também estás cega? Não vês que Helena é apenas um pretexto? Há anos que Agamenon anda a tentar encontrar uma desculpa assim para iniciar uma guerra entre nós e nós fomos precisamente cair na armadilha dele. Agora vamos ter esses homens vestidos de ferro a tentar conquistar todas as terras para o sul daqui. Ele irá reunir todo o poderio dessa gente amante da guerra para... oh, que importa? — Cassandra abateu-se sobre um banco. — Tu não consegues ver porque tu és como Heitor... pensas que a guerra só conduz à fama e à glória!

Andrômaca ajoelhou-se ao lado de Cassandra e pôs-lhe os braços em volta dizendo:

— Não penses mais nisso. Não devia ter-te amedrontado; eu devia ter pensado.

Cassandra quase podia ouvi-la pensar: *"Pobrezinha, está louca; afinal, Apolo amaldiçoou-a mesmo!"*

Não havia forma de argumentar contra aquilo, por isso ela desistiu do seu aviso e perguntou a Andrômaca:

— O que é feito de Enone?

— Voltou para a montanha e levou o filho com ela — disse Andrômaca. — Páris queria ficar com o bebê (o seu primeiro filho, apesar de tudo), mas Enone disse que ele não podia ter as duas coisas; se a criança era filho dele e ele decidisse reconhecê-lo, então ela seria, por direito, a sua primeira esposa e aquela mulher estrangeira apenas uma segunda mulher ou concubina.

— E é bem feito para ele! — disse Cassandra. — Parece que Páris não tem o mínimo de honra ou de pudor; o pai devia tê-lo deixado no monte Ida com os carneiros dele, se eles o aceitassem. — Estava profundamente desapontada com o seu irmão; queria que Páris fosse, aos olhos das pessoas da cidade, o que era Heitor: o seu campeão, o seu herói, tanto pela sua generosidade e comportamento honroso, como pelo seu rosto atraente.

— Tenho de voltar para o palácio. Mas diz-me, o que faremos se houver uma guerra, Cassandra? — perguntou-lhe Andrômaca.

— Lutar, claro; até eu e tu iremos sentir-nos gratas pelas nossas armas, caso se voltarem contra nós tantos Aqueus quantos os que Agamenon tem em mente — disse Cassandra, desesperada.

Andrômaca abraçou-a e despediu-se. Quando ela desapareceu da sua vista, Cassandra saiu pela porta de cima da casa de Apolo, subindo sempre e mais em direção ao Templo de Palas Atena. À medida que avançava, sob o calor, com o suor a ensopar-lhe a túnica, tentava desesperadamente articular uma oração. Mas nada lhe vinha à cabeça e continuou a subida. Olhou para baixo, na direção do porto, escurecido pelos barcos, tal como o vira muitas vezes antes. Não sabia se os navios estavam ou não realmente ali, mas, neste caso, isso não era importante. Se não estavam lá nesse momento, iriam chegar muito em breve.

"Meu Senhor Apolo! Senhor do Sol adorado! Se não podes retirar-me este dom e afastar de mim esta Visão indesejada, pelo menos não me lances a maldição de nunca mais ser acreditada! "

Subiu até ao alto Templo de Palas Atena, mesmo no topo da cidade, e entrou no santuário. Reconhecendo-a, ou como filha de Príamo ou como sacerdotisa (ou, talvez, como as duas coisas) as sentinelas afastaram-se, deixando-a passar para o interior do santuário, para a presença da enorme imagem da Deusa, sob a forma de uma mulher jovem exibindo o cabelo em cachos soltos e a grinalda das virgens.

"Virgem, Tu que amaste Tróia, Tu que nos trouxeste as preciosas dádivas da uva e da azeitona, Tu que chegaste aqui antes dos arrogantes adoradores do Trovão e das suas armas, protege agora a Tua cidade."

Olhou para as cortinas fechadas do santuário interior, que continha a imagem de Palas, expulsa dos céus, antiga e tosca, e recordou-se da Deusa das mulheres Amazonas.

"A Ti que és uma Virgem Caçadora, Te procuro eu, uma virgem que sofreu a injustiça do Senhor do Sol; deverei continuar a servi-Lo desta forma, quando Ele me rejeitou e escarneceu? "

Não esperara, realmente, obter resposta, mas, nas profundezas do seu espírito, sentiu o movimento agitado das águas negras da Deusa.

Vagamente confortada, desceu a colina até ao templo para cumprir a sua tarefa de registro das ofertas.

Crises lá estava, como de costume, marcando os seus símbolos em placas de cera, anotando o número de potes de azeite, de cereais (cevada e milho miúdo), as ofertas de vinho ou favos de mel, de lebres e pombos e bezerros. Continuava sem vontade de olhar para ele, apesar de dizer a si própria que não era ela quem devia sentir vergonha.

Uma das sacerdotisas mais novas, ao transportar um pote, tinha-o deixado cair quebrando outro, e um monte de cevada e o conteúdo pegajoso de um favo de mel misturavam-se no chão; os esforços da jovem para limpá-los só tinham aumentado a confusão. Cassandra mandou-a buscar uma vassoura de ramagem e um pote de água e ela própria se encarregou da limpeza. Estava a dizer à jovem que tirasse uma gaiola com pombos do caminho, quando ouviu a voz conhecida e detestada.

— Não devias ser tu a fazer isso pessoalmente, princesa Cassandra; isso é trabalho para um escravo.

— Somos todos escravos aos olhos dos Imortais, tanto tu como eu, Crises — disse Cassandra, com os olhos postos na vassoura.

— Uma afirmação correta; mas quando deixou a princesa Cassandra de ter razão, seja qual for o custo para ela ou para qualquer outra pessoa? — disse Crises. — Cassandra, não podemos continuar assim, contigo eternamente receosa de olhar para mim.

Ofendida, ela encarou-o, zangada.

— Como te atreves a dizer que tenho medo?

— Se não tens, por que razão evitas sempre os meus olhos?

A voz dela soou cáustica:

— És assim tão belo para achares que eu devia sentir prazer em olhar para ti?

— Vamos, Cassandra — disse ele — será que não pode haver paz entre nós?

— Não tenho, em relação a ti, nenhuma má-vontade em especial — disse ela, continuando sem olhar para ele. — Mantém-te afastado de mim e eu retribuirei a cortesia, se é

isso o que pretendes de mim.

— Não — disse Crises — sabes bem o que eu pretendo de ti, Cassandra.

Cassandra suspirou.

— Crises, eu não quero nada de ti a não ser que me deixes em paz; será isto suficientemente claro para ti?

— Não — disse o homem apertando-lhe as mãos nas suas. — Eu quero-te, Cassandra; a tua imagem habita dia e noite no meu espírito. Enfeitiçaste-me; se não me podes amar, então me liberta pelo menos do teu feitiço.

— Não sei o que dizer-te — disse ela, desalentada. — Não te lancei qualquer feitiço; por que haveria eu de fazer tal coisa? Eu não te desejo; não gosto mesmo nada de ti, e se as coisas fossem como eu queria, tu estarias em Creta, ou num dos infernos, ou ainda mais longe do que isso. Não sei como poderei tornar isto mais óbvio para ti, mas se conseguisse pensar numa forma mais clara de o dizer, diria. Fiz-me entender?

— Cassandra, não consegues perdoar? Não pretendo desonrar-te. Se for da tua vontade irei, sacerdote pobre e humilde que sou, pedir ao teu pai a tua mão em casamento. Tens de sentir alguma simpatia por mim, pois foste bondosa para a minha filha que não tem mãe...!

— Faria exatamente o mesmo por qualquer gatinho perdido — interrompeu Cassandra. — Pela última vez, não me casaria contigo, nem que fosses o último dos homens criados pelos Deuses! Se a alternativa fosse viver virgem o resto da minha vida, ou casar com um pedinte cego desses que estão estendidos no mercado, ou mesmo com um... um aqueu, eu o escolheria em vez de ti.

Ele afastou-se, o rosto branco como as paredes de mármore do santuário. Disse através dos dentes cerrados:

— Um dia vais arrepender-te disto, Cassandra! Talvez eu não seja toda a vida um sacerdote sem poderes!

O seu rosto estava transtornado; ela perguntou-se subitamente se ele não teria estado a beber vinho sem água àquela hora tão matutina. Mas o vinho da mesa dos sacerdotes era sempre muito aguado; e ele também não tinha o aspecto congestionado que teria se fosse esse o caso. Não lhe parecia que o seu hálito cheirasse a vinho, mas havia um odor estranho que parecia estar agarrado às roupas dele. Ela não conseguia identificá-lo, mas supôs tratar-se de algum remédio que os sacerdotes-curandeiros lhe tivessem dado para os ataques.

Ela virou-se para se afastar, mas ele agarrou-a pela mão e puxou-a para junto de si, encostando-a contra a parede. O seu corpo encostava-se com força contra o dela e uma das mãos dele prendeu-lhe as duas mãos, forte e dolorosamente. Com a mão que tinha livre, tentou abrir-lhe o vestido, a sua boca esmagando a dela com violência.

— Tu me deixas doido! — arquejou — e nenhum homem pode ser censurado por punir uma mulher que o tenha conduzido a tal delírio!

Ela lutou e tentou gritar; finalmente mordeu-o no lábio. Ele saltou para trás e ela empurrou-o com ambas as mãos, fazendo-o tropeçar e cair. Ele

agarrou-a, fazendo-a cambalear, mas ela libertou, furiosa, as suas mãos das dele e fugiu. Crises tentou levantar-se e ela deu-lhe um pontapé nas costelas. Correu para fora do santuário e não parou até estar a salvo no seu próprio quarto.

CINCO

Cassandra acordou a meio de um sonho em que um incêndio subia, devastador, a colina de Tróia em direção ao palácio, e um cheiro de fumaça, verdadeiro; e um clamor de vozes enchia as salas da casa do Senhor do Sol. Era o período mais escuro da noite, quando a lua está já oculta e as estrelas se apagam; mas sentia-se o cheiro de archotes. Pegou numa capa para cobrir a túnica curta que usava para dormir e correu para o pátio.

Ao longe, no porto lá em baixo, podia ver luzes pálidas de navios e archotes, presumivelmente transportados por mãos humanas, abrindo caminho pela colina acima.

Tudo o que conseguiu pensar foi: *"Aconteceu."* Soltou um grito e foi então que ouviu o barulho do alarme, uma enorme matraca de madeira, tocar no castelo de Príamo. Chamava as mulheres, as crianças e os velhos para que se refugiassem na cidadela principal e os soldados para que se apresentassem.

Ficou de pé, observando as luzes que se moviam na cidade por baixo de si, ouvindo o som metálico das armas a serem empunhadas, e por fim as vozes sonoras dos oficiais dando ordens aos soldados para que fossem para os seus postos.

Sentiu um leve puxão na manga e viu que Criseide estava ao seu lado.

— O que é isto, Cassandra?

— São os Aqueus; vieram, como tínhamos previsto — disse ela, e ficou espantada por se sentir tão calma. — Temos que nos aprontar para nos refugiarmos na cidadela.

— O meu pai...

— *Sssh,* querida; ele tem de se juntar aos soldados. Vai depressa e veste-te.

— Mas ele tem aqueles ataques...

— Se os Aqueus o apanharem, terá algo pior. Depressa, filha!

Pegou a mão de Criseide e conduziu-a para dentro, vestindo-a rapidamente com uma túnica grossa para defendê-la do frio da noite, apertando-lhe a capa e enfiando-lhe umas sandálias nos pés. Assim que Criseide ficou vestida, saíram para o pátio. Cáris reunia as mulheres em torno de si e dizia-lhes que descessem em direção à cidadela principal do palácio.

Cassandra, com a mão da jovem presa na sua, caminhou rapidamente pela rua íngreme abaixo. Parecia-lhe errado caminhar ao encontro dos archotes e do estrépito das armas; certamente os Aqueus nunca subiriam até onde ela se encontrava: o que eles buscavam estava no palácio, não ali em cima, no templo. Podia ouvir agora os arrepiantes gritos de guerra e os brados de Heitor enquanto reunia os seus homens.

As outras mulheres agruparam-se em torno delas enquanto Cassandra as conduzia através dos portões do palácio. Os guardas e os soldados apressavam as mulheres para que entrassem, tirando depois, cada um deles, uma lança de uma enorme pilha amontoada à porta do armeiro.

Cassandra pensou em pegar numa lança e descer com os soldados; mas Heitor ficaria zangado. *"No entanto, talvez chegue o tempo em que ele não irá desprezar a minha perícia com as armas. "* No momento, decidiu ir com as mulheres. Eram um grupo desalinhado, na sua maioria semi-despidas por terem sido obrigadas a levantar-se no meio do sono. Muitas não se tinham dado ao trabalho de se vestir, ou fazer mais do que lançar um cobertor sobre a sua nudez, tal como aos seus filhos; bebês gritavam ou choravam nos braços das suas mães ou amas de leite. Cassandra e as outras sacerdotisas de Apolo eram praticamente as únicas adequadamente vestidas para aparecer em público e que mantinham a compostura. A maioria das mulheres tinha o rosto marcado de lágrimas ou choravam ainda, lamentando-se ou pedindo, aos gritos, explicações ou ajuda.

Também Helena permanecia serena no meio da histeria das mulheres. Todos os seus cabelos se encontravam alinhados e tinha o aspecto de quem acabara de sair das mãos da criada que a ajudava a banhar-se. Segurava pela mão um rapazinho de cinco ou seis anos; as roupas dele estavam em ordem,

o cabelo penteado e no lugar e, apesar de ter os nós dos dedos brancos de apertar a mão dela, o rosto estava lavado e não chorava.

Olhou em torno da sala com profunda tranqüilidade e os seus olhos encontraram os de Cassandra. Atravessou então a sala, abrindo calmamente caminho por entre as mulheres queixosas e dirigiu-se a Cassandra.

— Lembro-me de ti — disse ela — és a irmã gêmea do meu marido. É bom ver que houve alguém que não se deixou estupidificar pelo terror. Por que não estás a chorar e a gritar como toda a gente?

— Não sei — disse Cassandra. — Talvez não me assuste assim tão facilmente; e talvez prefira não chorar até ter sido magoada.

Helena sorriu.

— Ah, bom! A maioria das mulheres é tão idiota. Achas que há perigo?

— Por que me perguntas? — contrapôs Cassandra. — Certamente não se esqueceram de te dizer que eu sou louca.

— Não tens aspecto de louca — disse Helena. — Seja como for, prefiro ser eu a tirar as minhas conclusões.

Cassandra franziu o sobrolho e voltou-se para se afastar. Não queria gostar daquela mulher ou encontrar nela o que quer que fosse de admirável. Era suficientemente mau que, ao olhá-la, visse nela algo do que Páris via.

— Então podes tirar as tuas próprias conclusões quanto ao fato de haver ou não perigo — disse ela bruscamente. — Eu só sei que fui acordada pelo alarme da sentinela e que obedeci ao sinal vindo para aqui. Suponho, dado que vi barcos aqueus no porto, que tudo isto tem algo a ver contigo; e assim, apesar de poder haver razões para termos medo, tu não tens, certamente, nada a temer.

— Achas que não? —disse Helena. — Agamenon não é, com certeza, meu amigo; ele só pensaria em me entregar a Menelau e este certamente ficaria por perto para se assegurar de que eu não escapava impune.

O invulgarmente asseado rapazinho agarrado à mão de Helena estremeceu; Helena sentiu e olhou-o meigamente. Cassandra não percebeu por que razão isto a surpreendeu; porque teria pensado que a mulher espartana não podia ser também uma mãe meiga e dedicada?

Perguntou:

— Que idade tem o teu filho?

— Faz cinco anos no meio do verão — disse Helena, acenando para o outro lado da sala superlotada, para uma mulher magra, de aspecto aristocrático, vestida com a saia comprida e o corpete curto das mulheres cretenses. — Etra, minha querida, levas o Nikos e deita-o em qualquer lado para que durma? — Beijou a criança, que se agarrou a ela; mas Helena disse com meiguice: — Agora vai e dorme como um lindo menino — e ele foi sem protestar, correndo obedientemente ao lado da alta mulher.

— É o filho de Menelau? — perguntou Cassandra.

— Talvez tu penses assim — disse Helena com indiferença. — Eu digo que ele é meu filho. Em qualquer dos casos decidi não o deixar com o pai; não gosto da maneira como ele trata os filhos. Não fará mal à minha filha Hermíona o fato de não ser mais do que o seu precioso brinquedo enfeitado, mas a única coisa que Menelau tem na cabeça é moldar Nikos à sua imagem, ou ainda pior: à imagem do seu precioso irmão. Mandei o Nikos embora porque houve alguém que, imprudentemente, disse ao alcance dos seus ouvidos que, se o seu pai nos apanhasse, mataria a ambos; Etra também tem razão para temer.

— Etra tem mais ar de rainha que de camareira — disse Cassandra.

— Ela é uma rainha — disse Helena — é a mãe de Teseu e ele enviou-a para junto de mim. Creio que eles tiveram uma disputa qualquer. Etra prefere continuar comigo e trata o meu filho como se fosse seu próprio neto, coisa que ela não faria pelo filho da Rainha Cavaleira — disse Helena. — Agora que a criança está segura, gostaria de saber o que se passa.

Cassandra disse:

— Aqui não há perigo, pelo menos agora; creio que teria sido mais sensato deixar as mulheres da casa do Deus lá em cima. Certamente os invasores não subirão mais alto do que a fortaleza do palácio.

Lado a lado com Helena, saiu para o pátio, de onde se via Tróia inteira e o porto. O sol estava a nascer precisamente naquele momento; Cassandra podia ver homens lutando, subindo através da cidade.

— Olha — disse Helena. — Os vossos soldados Troianos, sob as ordens de Heitor, cortaram o caminho que sobe até ao palácio; e agora os Aqueus estão a saquear e a queimar a parte baixa da cidade. Aquele é um dos barcos de Agamenon e não duvido de que Menelau esteja com ele.

O tom indiferente em que Helena falou fascinou Cassandra. Não teria ela qualquer tipo de sentimentos pelo seu anterior marido?

Agora se erguiam chamas das casas à beira-mar e dos edifícios em baixo; as casas mais pobres, construídas com toras e pranchas empilhadas, estavam a ser consumidas pelas chamas. As casas construídas na parte mais alta da colina eram todas em pedra e não havia maneira de poderem ser incendiadas, mas os soldados aqueus corriam para o interior das casas e levavam tudo o que conseguiam encontrar.

— Não encontrarão grandes tesouros ou espólios ali em baixo — disse Cassandra, e Helena assentiu com a cabeça.

Encostaram-se ao parapeito observando os homens na parte baixa da cidade.

Cassandra reconheceu um dos aqueus, um homem robusto que se destacava, praticamente uma cabeça mais alto que os seus homens, o elmo de crista brilhando, sob o sol que se erguia, como se tivesse sido banhado com ouro. Ele invadira uma vez o palácio e carregara consigo Hesíona, que se debatia. Isso tinha sido há quanto tempo? Sete anos, talvez? Apesar disso, estremeceu e sentiu o estômago contrair-se.

— Aquele é Agamenon — disse Helena.

Cassandra respondeu, com a voz reduzida a um murmúrio:

— Sim, eu sei.

— Olha; Heitor e os seus homens estão a tentar bloquear-lhes os caminhos de volta ao barco; achas que o vão incendiar?

— Vão tentar — disse Cassandra, observando os soldados Troianos tentando isolar o chefe aqueu e fazendo-o lutar a cada passo do caminho de regresso ao barco.

O sol estava agora mais alto e elas não conseguiam ver nada além do brilho ardente dos reflexos do mar; Cassandra virou-se, protegendo os olhos.

— Vamos para dentro; está frio. Não será às mãos de Agamenon que Heitor cumprirá o seu destino — disse ela.

Entraram na sala onde as outras mulheres se encontravam agora mais calmas. As crianças tinham adormecido sobre cobertores e meia dúzia de parteiras estava reunida em torno de Creúsa. que lhes tentava dizer que estava perfeitamente bem e que não ia entrar em trabalho de parto só para lhes fornecer algo com que se distraírem naquela noite.

Hécuba, embrulhada num dos seus xales mais velhos, com um vestido de andar em casa também ele velho e roto, tinha encontrado alguns pedaços de lã e rodava negligentemente uma roca; Cassandra percebeu, avaliando a irregularidade do fio, que ela apenas fazia passar o tempo.

— Oh, aqui estão vocês, jovens; perguntava-me onde teriam ido. Que se passa lá em baixo, filha? Os teus olhos são melhores que os meus. O que foi que disseste sobre Heitor, Cassandra?

— Disse que não será às mãos de Agamenon que ele cumprirá o seu destino, mãe.

— Espero que não! — disse ela irritada. — Aquele aqueu grande e bruto faria melhor se seguisse o conselho de evitar o nosso Heitor!

Algumas das mulheres tinham saído para a varanda e Cassandra ouvia-as agora soltar

vivas.

— Estão a ir embora; alcançaram o navio e estão a largar a vela! Os Aqueus partiram!

— E não podem ter levado grande saque das casas junto ao mar; uns quantos sacos de

azeitonas, umas quantas cabras, talvez. Estás salva, Helena — disse Hécuba.

— Oh, eles certamente voltarão de novo! — disse Helena, e Cassandra, que ia dizer exatamente a mesma coisa, perguntou-se como o saberia ela. Não era tola nenhuma, esta mulher aquéia, e isso perturbou Cassandra. A última coisa que queria era sentir afeto ou respeito por Helena e, no entanto, não conseguia evitar gostar dela.

Criseide chegou-se ao pé de Cassandra e sussurrou:

— Cáris disse que podemos voltar para o santuário; estás pronta?

— Não, querida; vou ficar um pouco com a minha mãe, as minhas irmãs e as mulheres dos meus irmãos, se Cáris me permitir — disse Cassandra. — Voltarei quando puder.

— Oh, eles deixam-te sempre fazer tudo o que queres! — disse Criseide maliciosamente. — Tenho certeza de que não te censurariam se decidisses ficar sempre fora.

Hécuba tinha ouvido aquela frase por acaso, mas ela era também uma pessoa muito boa para captar a malícia na voz da jovem.

A rainha disse:

— Sim, eles têm sido muito bons no que respeita a deixar-te vir para junto de nós, Cassandra. Não te esqueças de dizer a Cáris o quão grata eu lhe

estou. Suponho que, com todas estas pessoas que foram mandadas para o palácio, eu deveria tentar arranjar-lhes comida; podes ajudar-me, Cassandra, se as tuas obrigações no templo não te reclamarem imediatamente?

— Claro, mãe — disse Cassandra, e Helena ofereceu-se de imediato:

— E eu também ajudo.

Cassandra ficou espantada ao ver Hécuba dar a Helena uma palmadinha afetuosa na

face.

— Vou falar com Cáris — disse, e afastou-se rapidamente.

— Claro que deves ficar, se a tua mãe tem necessidade de ti — disse Cáris — com Creúsa grávida e Andrômaca com uma criança ainda de peito. Não te apoquentes, Cassandra; fica o tempo que a tua mãe precisar de ti.

— O que foi aquilo!? — disse Andrômaca com voz trêmula, escondendo a cabeça do filho debaixo do xale, ao ouvir uma pancada fortíssima na porta.

Várias outras mulheres estremeceram e gritaram de medo.

— Não sejam tontas! — disse Helena, olhando-as com uma expressão de desdém. — Vimos os Aqueus partir.

Ela avançou e escancarou a porta; o seu rosto iluminou-se tornando-a ainda mais radiosamente bela e Cassandra soube quem estava ali, mesmo antes de ver o seu irmão gêmeo.

— Páris!

— Quis certificar-me de que tu e o menino estavam bem — disse Páris, olhando em volta do quarto à procura da criança. — Decerto não o deixaste lá em baixo enquanto te refugiavas aqui?

— Claro que não; está a dormir ali, nos braços de Etra — disse Helena, e Páris sorriu. Um sorriso, pensou Cassandra, que não deveria ter sido visto

fora do quarto deles.

— Estavas assustada, meu amor?

— Não, sabendo que estávamos tão bem protegidas, meu querido — murmurou ela, e ele apertou-lhe a mão.

— Disse a Heitor que ele devia vir comigo para se assegurar de que as nossas mulheres e crianças estavam bem — acrescentou Páris — mas ele estava muito ocupado, preocupando-se com o vinho e as rações para a guarda do palácio.

— Heitor — disse Andrômaca rispidamente — nunca negligenciaria o seu dever para com os seus homens; nem eu gostaria que ele o fizesse.

"O que está Páris a fazer aqui entre as mulheres numa ocasião como esta?" Cassandra sabia que Heitor se comportara corretamente; no entanto, naquele momento, ela sabia, todas as mulheres de Tróia invejavam a Helena o seu marido.

— Menelau estava lá? — perguntou ela em voz baixa.

— Se estava, não o vi — disse Páris. — Eu te disse que ele era muito covarde para vir pessoalmente. E agora estamos todos mais que livres de Agamenon.

— Nem penses nisso! — exclamou Cassandra — ele estará de volta mal tenha tido tempo para reorganizar os seus homens e da próxima vez não te verás livre dele tão facilmente.

Páris olhou-a com uma indulgência bem-humorada.

— Ainda andas a profetizar desgraças, pobre criança? És como um menestrel que só sabe uma canção e acaba com o bom acolhimento que lhe era dispensado a todas as lareiras

— disse ele — mas lamento que te tenhas assustado com esses aqueus nojentos. Esperemos que seja a última vez que os vemos.

“Eu também o espero; nem ele sabe quanto eu espero que seja assim. ”

— Tenho de ir ajudar a mãe a providenciar alguma comida para estas mulheres todas

— disse ela, e virou costas.

Parecia incongruente pensar numa festa depois de todo aquele horror e confusão; mas os homens também estavam a festejar, celebrando o fato de Agamenon ter sido, de momento,

afastado.

— Preferia ficar contigo — disse Páris — mas se não vou para junto de Heitor e dos homens, vou ter de ouvi-los até ao fim dos meus dias. Perdoa-me, amor. — Beijou a mão de Helena e saiu apressado;

Cassandra ficou imóvel até que Andrômaca a chamou e ela foi ajudar a preparar a comida para os inesperados hóspedes do palácio.

SEIS

Aquele fora apenas o primeiro assalto; durante o resto do inverno, Cassandra teve a sensação de que sempre que olhava para o porto os navios aqueus lá estavam e os seus tripulantes andavam pelas ruas, lutando. Por fim, a maior parte dos objetos de valor foram levados para a cidadela do palácio, ou ainda para mais longe, para a casa do Senhor do Sol, e a cidade estava sob um cerco permanente.

Uma vez os Aqueus contornaram discretamente a cidade e assaltaram o monte Ida. Antes que o exército pudesse ser chamado, já tinham capturado a maior parte do gado de Príamo e a maioria das suas ovelhas. Nessa altura, Cassandra cumpria os seus deveres no templo, contando potes de azeite e reparando que a quantidade, ainda que não a qualidade, das ofertas havia decaído. Foi possuída por uma onda de raiva, dor e desespero, vinda não sabia de onde e tão súbita que ela explodiu num enorme uivo de angústia. Não conseguiu perceber o que se passara até que reconheceu aquele tipo peculiar de emoção intensa que sempre a levava a se comunicar intimamente com a mente do seu irmão; ela (ou antes, ele) encontrava-se na encosta da montanha e diante de si, já coberto por ruidosos enxames de moscas, jazia o corpo de Agelau, o velho pastor.

— Parece que ele tentou pôr o seu velho corpo, sozinho, entre os rebanhos de Príamo e os soldados de Agamenon — balbuciou Páris, e Cassandra, embora só tivesse visto o velho por instantes, nos jogos em que Páris fora recebido na cidade, sentiu toda a mágoa e toda a raiva do irmão.

— Ele não tinha mais nenhum filho. Eu devia ter ficado com ele para protegê-lo na velhice — disse Páris por fim, colocando com delicadeza a sua capa, ricamente tecida, sobre o corpo. Face a isto, Cassandra conseguiu distanciar-se o suficiente do seu irmão para pensar: *"Quem dera que tivesses ficado com ele, de fato! Teria sido melhor para ti, para Agelau, para Enone e melhor também para Tróia! "*

Páris mandou levar o corpo para dentro das muralhas de Tróia e Príamo deu ao honrado ancião um funeral de herói (tinha, de fato, tido uma morte de

herói, protegendo os rebanhos do rei), com festejos e jogos. Uns quantos forasteiros haviam sido apanhados no mercado, no dia do primeiro ataque. Tinham sido sepultados condignamente, no Templo de Hermes, que era o Deus dos viajantes e dos estrangeiros; mas ninguém aparecera a reclamar os seus corpos e não houvera quaisquer ritos além dos necessários para aplacar a ira dos seus espíritos. O velho pastor foi o primeiro cidadão troiano a morrer naquela guerra e Páris, pelo menos, nunca o esqueceria; cortou o cabelo em sinal de luto e quando Cassandra voltou a vê-lo, na festa de atribuição do nome ao primeiro filho de Creúsa, mal reconheceu o seu gêmeo.

— Isso era necessário? Ele era apenas um criado — disse ela — embora fosse um criado antigo e honrado. Mas ainda assim...

— Era o meu pai adotivo. Durante toda a minha infância foi o pai que eu tive. — Tinha os olhos vermelhos de chorar e ela nunca pensara que ele fosse capaz de sentir tanta mágoa. — Que os Deuses me abandonem, se algum dia eu me esquecer de venerar a sua memória!

— Não quis insinuar que ele não era merecedor do teu luto — disse Cassandra, e sentiu que, naquele momento, algo o tornava mais verdadeiramente seu irmão do que alguma vez havia sido.

Ela tinha sido sempre aquela que, contra vontade, partilhava os sentimentos dele, uma intrometida; agora começava a conhecer a pessoa que ele era, com defeitos e virtudes, e a compreendê-lo um pouco.

Permaneciam ainda lado a lado quando o alarme soou de novo e, do exterior, surgiu a avalancha de mulheres e crianças que vinham refugiar-se na cidadela; Cassandra foi dar uma ajuda às mulheres que traziam bebês pesados e crianças que ainda mal andavam, enquanto Páris saiu para se armar e se juntar aos homens de Heitor nas muralhas. Do lado de dentro, junto dos portões da cidade, havia uma escada que conduzia ao interior da enorme muralha, e foi aí que os homens se juntaram; olhando-os, Cassandra sentiu que talvez ela e o irmão fossem mais felizes se pudessem ter trocado de posições.

Passou o dia atarefada, ajudando a distrair as mulheres e a manter as crianças sossegadas. Aquela reclusão tornava-a irascível e às vezes pensava se os homens não estariam a passar um melhor pedaço lá fora, com um alvo contra o qual atirar. Seria com certeza um prazer, pensou, fazer pontaria a alguns daqueles detestáveis fedelhos; depois caiu em si: as crianças não tinham feito nada, exceto comportarem-se como é normal nas crianças. *"Mas que malvada que eu sou, para me sentir exasperada com estes pequenos inocentes. "* No entanto, admitiu intimamente que tinha vontade de agarrar alguns deles e abaná-los, um em cada mão, até que os dentinhos lhes chocalhassem dentro da cabeça.

Criseide estava a comportar-se muito bem; tinha reunido as crianças à sua volta e ensinava-lhes um jogo movimentado. E, claro, isso era exatamente o que uma menina bonita devia fazer; estava a desempenhar aquele papel tão bem, que todas as mulheres do palácio a elogiavam e acarinhavam. Porém, até ela deixou as crianças passado um bocado e veio até ao alto dos muros do palácio, onde Cassandra se encontrava. Desta vez os atacantes não se tinham contentado em assaltar a parte baixa da cidade e batiam-se nas ruas abaixo do palácio, tentando chegar aos celeiros e à tesouraria de Príamo. Em breve, pensou, teriam de reforçar as muralhas e manter os Aqueus fora da baixa da cidade.

"Se ao menos eu tivesse o meu arco; estou destreinada, mas ainda seria capaz de correr com uns quantos antes de eles chegarem perto do palácio. Paciência; esse dia chegará!" Por momentos, Cassandra pensou ter ouvido alguém falar. Criseide tocou-lhe no braço.

— Quem são os chefes aqueus? Conheces alguns deles?

— Conheço alguns, sim; Agamenon, aquele grande, de barbas negras, é o chefe deles.

— Como sempre, ao vê-lo o seu estômago contraiu-se de repulsa. Mas Criseide observava-o com nítida admiração.

— Como ele é forte e bonito! Que pena que não seja nosso aliado, em vez de nosso inimigo.

Tentando não deixar transparecer o seu desagrado e irritação, Cassandra murmurou:

— Nunca pensas em mais nada a não ser em homens?

— Poucas vezes — disse Criseide jovialmente. — Em que mais deveria uma mulher

pensar?

— Mas tu também és uma virgem prometida de Apolo...

— Não para sempre — disse Criseide. — Eu não andei com as Amazonas nem tenho nenhum compromisso de odiar os homens. Sou uma mulher; não pedi aos Deuses que me fizessem mulher, mas já que esse é o meu destino, quer eu queira quer não, por que não hei de tirar prazer disso?

— Ser uma mulher não quer dizer, forçosamente, comportar-se como uma prostituta

— disse Cassandra, irritada.

— Não creio que tu saibas qual é a diferença — disse Criseide. — Tu preferias ser um homem, não preferias? Se as leis o permitissem, creio que tomarias uma esposa.

Cassandra esteve prestes a dar uma resposta desabrida, mas depois se controlou... Talvez Criseide tivesse razão. Secamente disse:

— Esquecemo-nos todos do pobre velho Agelau e da sua pira. Por esta altura, já se deve ter consumido; os seus ossos têm de ser decentemente colocados numa urna para serem sepultados. Irei eu; Páris é meu irmão, e eu celebrarei este último rito de respeito pelo seu pai adotivo.

Durante o resto do inverno e no começo da primavera, os ataques continuaram, dia após dia; finalmente, Príamo mandou instalar acampamentos em cada uma das colinas mais altas a sul da cidade, de onde as suas sentinelas podiam vigiar a aproximação dos navios e acender fogos de alerta. Assim, os Aqueus, ao desembarcar, apenas encontraram paredes

nuas e cumes bem defendidos, e nada obtiveram como recompensa pelo trabalho, para além da viagem.

Mais tarde os homens de Príamo aproveitaram uma longa temporada de chuvas para reparar as paredes exteriores e reforçar os enormes portões; quando os Aqueus começaram a lutar tentando abrir caminho pelos acessos principais e penetrar na cidade propriamente dita, não conseguiram passar. A baixa da cidade era um labirinto de ruas estreitas, construídas em socalcos íngremes, onde um defensor poderia facilmente rastrear um assaltante.

— Esta cidade não está sendo a pêra doce que eles pensavam vir encontrar — disse Enéias triunfante, olhando de cima das muralhas do palácio para as ruas negras de aqueus correndo para cima e para baixo.

Até Heitor, desta vez, ficara satisfeito por deixar que fossem as paredes a defendê-los, e a maior parte das mulheres, segundo parecia, tinham saído para presenciar a frustração dos Aqueus. Andrômaca estava lá com o seu filho, que começava agora a andar, e Creúsa trazia a sua filha pequenina metida dentro do xale. Aqueles alertas tinham se agora tornado um acontecimento tão freqüente que Hécuba já não se preocupava em arranjar comida depois dos combates, para os convidados que contra a vontade se encontravam na cidadela; mas quando Heitor distribuiu punhados de cereais e frascos de azeite aos seus soldados, a regra foi de que qualquer mulher que acompanhasse o seu marido poderia reclamar um quinhão equivalente.

Cassandra estava a assistir à distribuição das rações e disse:

— Diz-lhes que tragam os frascos de volta.

Heitor protestou.

— Os frascos não têm grande valor; para quê ser mesquinho?

— Não tem nada a ver com mesquinhez. Os oleiros saem para lutar como os outros homens. Se isto se prolongar por muito tempo, não haverá oleiros suficientes para fazer mais

para cada dia de combate.

— Entendo o que queres dizer. — Heitor deu a ordem e ninguém protestou.

Os armazéns de Tróia continuavam apinhados de cereal e, de momento, não havia escassez de comida. Cassandra juntava-se, diariamente, às mulheres da casa de Príamo para reencher os frasquinhos de azeite e servir as rações de vinho. Mesmo no final do inverno havia ainda muito cereal nos celeiros do palácio; mas Heitor começava a demonstrar preocupação.

— Como iremos fazer as sementeiras da primavera se eles nos atacam todos os dias? — perguntou ele uma noite ao jantar, no palácio.

— Com certeza que eles não virão durante as plantações de primavera — disse Andrômaca. — Lá no meu país, todas as guerras são suspensas nas sementeiras e colheitas para render honras aos Deuses.

— Mas estes Aqueus não temem a Mãe — disse Enéias — e talvez nem venerem os nossos Deuses.

— Mas os Imortais não são todos um só? — perguntou Cassandra.

— Tu sabes disso. Eu sei disso — disse Enéias. — Se os Aqueus o sabem ou não, isso é outra história. Pelo que ouvi, não me surpreenderia grandemente que considerassem a guerra mais importante para eles do que qualquer Deus. — Sorriu para ela e disse: — Não te preocupes com isso, Cassandra. São assuntos de homens.

— Porém, se eles vierem — disse ela — serão as mulheres que irão sofrer, mais do que os homens.

Ele pareceu surpreendido, por momentos. Depois disse:

— É verdade! Nunca tinha pensado nisso. Um homem enfrenta apenas uma morte honrosa; mas as mulheres têm de enfrentar violações, aprisionamento, escravidão... É verdade; a guerra não é feita para as mulheres, mas para os homens. Pergunto-me como uma mulher conduziria esta guerra.

Cassandra disse, com enorme amargura:

— Uma mulher teria arranjado uma forma de nunca provocá-la. Depois, se os Aqueus quisessem o ouro e os bens de Tróia, viriam combater-nos sabendo que não estavam a lutar por questões de "honra", mas sim por ganância, coisa que os Deuses odeiam.

— Lembra-te, Cassandra, que existem homens que pensam nesta guerra como um imenso terreno de recreio, um campo de jogos em que os prêmios não são mais que coroas de louros e honra.

Cassandra assentiu com a cabeça.

— Heitor atira-se para cada batalha como se o objetivo fosse ganhar um caldeirão de bronze e um touro branco de chifres engalanados.

— Não, estás enganada — disse Enéias. — Heitor não tem nada de insensato ou de imprudente. Acontece é que todos nós temos de viver segundo as regras do Deus que escolhemos; e Heitor pertence ao Deus das batalhas. Mas o Deus dele não é o meu Deus; a guerra pode ser parte da minha vida, mas não será nunca a vida que escolherei para mim. — Tocou-lhe levemente na face e disse: — Estás com um ar exausto, irmã. Não pode haver tanta coisa a fazer aqui que te obrigue a esta fadiga. A rainha tem muitas mulheres e qualquer uma delas podia fazer estes pequenos serviços. Penso que os Deuses destinaram algo de mais importante para ti; e nós, homens, talvez venhamos a necessitar dos teus poderes especiais antes desta guerra chegar ao fim, seja qual for o fim que os Deuses destinaram para nós.

Afastou-se, parando junto da sua mulher. Cassandra viu-o curvar-se para olhar para dentro do xale, tocando o rosto de bebê com o dedo; disse qualquer coisa, rindo, e afastou-se para ir ter com os homens.

"Tão diferente de Crises ", pensou Cassandra, vendo-o descer a colina. *"Eu disse-o no seu casamento: se o meu pai me tivesse arranjado um marido assim, teria ficado satisfeita. Em toda a minha vida (e eu sou praticamente a única mulher desta idade, na casa de Príamo, a quem não foi dado um*

marido) nunca vi um homem com o qual me casasse de boa vontade. Salvo este, e ele é o marido da minha meia-irmã e o pai da sua filha. ”

Endireitou as costas, fatigada, e curvou-se de novo para prosseguir com a tarefa de encher os frasquinhos de azeite.

— Cassandra, estás a deitar o azeite por fora, não enchas tanto a concha! — censurou Creúsa, vindo sentar-se ao pé dela. — O que esteve o meu marido a dizer-te durante tanto tempo?

— Estava a perguntar-me como eu conduziria esta guerra se fosse um soldado — disse Cassandra que, surpreendida, disse a verdade.

Mas Creúsa riu apenas.

— Bem, não me digas, se não queres! — disse ela desdenhosamente. — Não sou o tipo de mulher que fica com ciúmes se o marido troca duas palavras com outra mulher.

— Dissete a verdade, Creúsa, essa foi uma das coisas que ele disse. Além disso, estávamos a pensar no que iríamos fazer se os Aqueus não respeitassem as tréguas de sementeira para as plantações da primavera.

— Oh, suponho que é porque tu és sacerdotisa e deves saber dessas coisas — disse Creúsa. — Mas nem Agamenon poderia ser tão ímpio assim. Não é? — E como Cassandra não respondesse imediatamente, ela protestou: — Tu és profetisa, devias saber! Não pode, não é?

Cassandra não podia responder; mas disse:

— Espero que não. Não conheço o que fazem, nem como servem os Deuses deles.

SETE

Mas ser profetisa não era o suficiente; mais tarde, todo o primeiro ano da guerra se transformou, na sua mente, numa amálgama confusa de incêndios, ataques, homens gritando, queimados vivos por flechas incendiárias. Uma mulher que passeava incautamente descera até o acampamento aqueu, tendo sido violada por uma dúzia de homens. Fora encontrada gritando, em delírio; as sacerdotisas-curandeiras do Templo do Senhor do Sol lutaram para salvá-la, mas no primeiro dia em que ela parecia suficientemente bem para ser deixada por alguns instantes sem vigilância, precipitou-se do alto muro da cidadela; e alguém muito humilde para se poder furtar a essa tarefa teve de descer a retirar o seu corpo despedaçado e informe das pedras em baixo.

Poucos dias antes das sementeiras da primavera, os sacerdotes e as sacerdotisas despertaram com o som alegre de uma trombeta que subia do palácio e se depararam com o porto esvaziado de navios; os Aqueus tinham partido, deixando atrás de si apenas uma longa faixa negra de areia suja e revolvida, no local onde haviam estado instaladas as suas tendas.

A alegria invadiu a cidade, mesmo quando todos os homens de Heitor desceram para limpar todas aquelas porcarias e detritos. O seu filho, o pequeno Astíanax, também foi. Agora que corria por todo o lado e já tagarelava; era o grande favorito dos soldados; aparecia a toda a hora com pedaços de lixo deixado na praia, pensando tratar-se de um tesouro: uma brilhante fivela de armadura em bronze, um pente de madeira partido em bocados, um pedaço de pergaminho usado onde alguém rabiscara um mapa rudimentar da cidade. Cassandra tirou este último da criança, apesar dos seus protestos e ficou a olhá-lo durante muito tempo, pensando qual teria sido o inimigo de Tróia que o fizera.

— Dá-me cá isso! — gritou Astíanax, esticando-se para agarrá-lo, e Cassandra disse:

— Não, pequenino, o teu avô tem de ver isto.

— Ver o quê? — perguntou Heitor, tirando o pergaminho da sua mão e devolvendo-o à criança.

Cassandra curvou-se para recuperá-lo, sem prestar atenção aos gritos zangados da

criança.

— Que se passa contigo, Cassandra? Devolve-lhe! Eles partiram; não existe razão para nos preocuparmos com o lixo que eles deixaram — disse Heitor. — Não. Pára de gritar, filhinho, e irás passear no carro do pai.

— Eles não partiram por muito tempo — disse Cassandra — ou achas que tendo isto, eles desistiriam de tão grande vantagem?

— Estás a exagerar a importância disso — disse Heitor. — Que queres tu fazer com essa coisa?

Ela passou o dedo por cima das marcas familiares que não conseguia ler integralmente.

— Foi alguém de Creta que fez isto; pensei que eles eram nossos aliados. Tenho de lhe mostrar isto, a ele... — depois pensou melhor e disse: — Helena tem uma mulher cretense na sua comitiva; vou mostrar isto a Etra. Sendo rainha e sacerdotisa, se há alguma mulher que conheça esta estranha forma de escrita, tem de ser ela.

— Bem, se assim queres — disse Heitor, encolhendo os ombros. — Nunca conheci uma mulher que desse tanta importância a ninharias.

Mas Etra olhou para o mapa sem o compreender e disse que tinha de fato visto aquelas marcas em Creta, mas que não tinha sido ensinada a lê-las.

— Nem sequer consigo adivinhar de quem seria a mão que o traçou — disse ela. — Talvez Crises saiba — e Cassandra teve vergonha de explicar àquela mulher tão imponente porque não desejava enfrentar o sacerdote.

Mas por fim levou-o a Cáris e explicou-lhe o que se passava. Cáris sabia a razão por que ela temia Crises e não gostava dele e concordou em

acompanhá-la enquanto ela consultava o sacerdote.

Crises examinou cuidadosamente o mapa, de sobrolho franzido, os lábios movendo-se, desenhando os símbolos com o indicador; depois ergueu os olhos e disse:

— Isto não é mais que um mapa da cidade; mas tem nomes escritos. Vês? Isto aqui indica os aposentos da rainha, os celeiros, o grande salão de jantar; cada parte do palácio está marcada; vê, e o Templo de Apolo e, aqui, o Templo de Palas Atena.

— Foi o que eu pensei — disse Cassandra. — Podes dizer-me quem o escreveu?

— Não sei dizer quem o escreveu; mas não foi um amigo de Tróia. Só te posso dizer que, provavelmente, não foi um cretense — disse Crises — pois em Creta somos ensinados a fazer as letras de forma ligeiramente diferente.

Até ali, pensou Cassandra, seria ela capaz de adivinhar. Mais tarde levou o mapa a

Príamo, que lhe prestou pouca atenção apesar de ter reconhecido imediatamente do que se tratava.

— Não consigo pensar numa dúzia de homens fora de Tróia que o pudessem ter desenhado; alguém com isso nas mãos, não teria a mínima dificuldade em encontrar qualquer local em Tróia — disse ele. — Só alguém que conhecesse muito bem o palácio e a cidade o poderia ter feito, e não acredito que um de nós o tenha feito. Só se... — Príamo hesitou e depois abanou a cabeça. — Não; ele é meu amigo fiel e foi nosso convidado. Não posso acreditar que ele nos traísse.

— Pai, quem? — perguntou ela, e Príamo, abanando a cabeça, disse:

— Não. Só se... Não!

— Odisseu? — perguntou ela.

— Cassandra, pensas realmente que o meu velho amigo poderia ser tão falso?

Ela não queria pensar isso de Odisseu; mas essa possibilidade existia. Disse apenas:

— Na guerra, os homens esquecem os seus outros votos, pai.

— Pode ser. Mas ele garantiu-me que não seria arrastado para esta guerra — disse Príamo. — Não o acusarei sem o ter ouvido. Os teus pensamentos estão repletos de veneno, Cassandra.

— Pai, não fui eu quem pensou nisso — disse ela — só perguntei se era isso o que pensavas.

— Continuo a estar certo de que estou a ser injusto para com o meu velho amigo ao pensar tal coisa — disse Príamo — e esperarei até lhe perguntar, cara a cara, se isto foi trabalho seu.

No seu íntimo, Cassandra tinha certeza; Odisseu, pelo que ouvira, era cheio dessas manhas e estratagemas. E, no entanto, também ela não queria pensar que ele pudesse trair a sua velha amizade para com Príamo e Tróia.

Não foi necessário esperar muito tempo; os Aqueus ainda não tinham partido há dez dias quando o barco de Odisseu foi visto no porto. Cassandra tinha ido ao palácio visitar Creúsa e fazer uma poção medicinal para a criança, que estava doente com uma febre de verão, e depois foi chamada ao salão. Enéias dirigiu-se de imediato para cumprimentá-la; abraçou-a e beijou-a na face como de costume.

— A criança está bem, irmã?

— Oh, sim; não tem nada de grave; eu devia era fazer uma poção para Creúsa que lhe curasse as suas ansiedades. Cada vez que o vento muda, ela pensa que a pequenina está prestes a morrer. Pelo menos Andrômaca já aprendeu que os bebês têm pequenas indisposições e que o melhor é não lhes dar muitos remédios; eles melhoram por si próprios, e, se não melhorarem, há muito tempo para chamar um curandeiro.

— Fico aliviado por ouvi-lo, mas seja paciente com Creúsa, irmã. Ela é nova e esta é a sua primeira criança. Vem jantar qualquer coisa — disse Enéias, conduzindo-a.

Odisseu ergueu-se do lugar de honra ao lado de Príamo e dirigiu-se a Cassandra; abraçou-a com tal força que a fez encolher-se, e deu-lhe um grande e sonoro beijo.

— Olha a minha bela amiga — disse ele — e que tens tu feito durante estes meses de guerra? Tenho um presente para ti: uma fiada de contas de âmbar que combinam perfeitamente com os teus olhos brilhantes; nunca conheci ninguém que tivesse os olhos desse amarelo com apenas um reflexo vermelho lá ao fundo — acrescentou, retirando o colar de entre as pregas da sua túnica e pondo-lhe em volta do pescoço.

Cassandra suspirou, tirando-o e segurando-o entre as mãos, examinando as contas reluzentes gulosamente.

— Agradeço-te; é muito belo, mas não me seria permitido usá-lo. Não deverias oferecê-lo, diretamente, como presente ao Senhor do Sol?

Odisseu pegou de novo no colar, franzindo o sobrolho.

— Fica-te tão bem; e o Senhor do Sol, se bem que eu não tenha qualquer disputa com ele — fez um gesto reverente — não tem a mínima necessidade de presentes como aqueles que eu posso oferecer.

Olhou em torno da sala e os seus olhos caíram sobre Helena, discretamente sentada, meio encoberta por Páris. Helena disse, com a sua voz doce:

— Meu caro e velho amigo, guardarei o colar para Cassandra e ela o terá quando o quiser pedir.

Estava agora visivelmente grávida, mas Cassandra reparou com um suspiro que isso parecia torná-la ainda mais bela. Andrômaca tinha sido forte e saudável durante toda a gravidez, mas ficara com um aspecto pálido e inchado, e Creúsa tinha estado doente durante toda a gravidez, incapaz de agüentar qualquer comida no estômago, e tão debilitada que mais parecia

uma ratazana arrastando um melão roubado. Helena parecia exatamente; pensou Cassandra, uma das esculturas de Deusas grávidas que vira em Cálcis; ou Afrodite, se a Deusa do Amor se permitisse ser vista grávida.

Helena tomou o colar das mãos de Odisseu. Disse suavemente, quase com afeição, a Cassandra:

— Quem sabe, minha irmã? Pode ser que não fiques para sempre ao serviço do Senhor do Sol. Dou-te a minha palavra, este colar será teu quando o quiseres pedir.

Contra sua vontade, Cassandra sentiu-se aquecida pelo esplendor da presença de Helena. Disse, mais afetuosamente do que pretendia:

— Obrigada, minha irmã — e Helena apertou-lhe a mão e sorriu.

Príamo interrompeu, de mau humor:

— É tudo muito bonito, tu estás aqui como meu convidado, a distribuir bugigangas pelas jovens; mas diz-me, Odisseu, não vi eu o teu navio entre os dos invasores, e não te encontravas tu entre os inimigos junto das muralhas? Pensava que me tinhas prometido não ser arrastado pelos Aqueus para esta guerra contra mim.

— Isso é verdade, meu velho amigo — disse Odisseu, sorrindo e bebendo de uma só vez o vinho da sua taça. Políxena aproximou-se para voltar a enchê-lo e ele sorriu-lhe (um sorriso quase malicioso) e deu-lhe uma pancadinha nas nádegas redondas. — Quem me dera ainda não ser casado, coisa linda. Se o teu pai pudesse ter te oferecido a mim (apesar de eu ter idade suficiente para ser teu avô e não ser dado a procurar noivas ainda de berço), Agamenon não teria conseguido, através daqueles estratagemas, colocar-me desta forma contra velhos conhecimentos.

Príamo fez um ar educadamente céptico.

— Confesso meu amigo, que não te entendo.

— Bem — disse Odisseu, e Cassandra pensou que Odisseu faria certamente daquilo uma boa história, fosse ela verdadeira ou falsa. — Recordaste de que eu apoiei os pretendentes de Helena quando ela se casou com Menelau. Helena, penso eu, perdoou-me o fato de eu não ser um dos seus pretendentes; eu queria apenas casar com Penélope, a filha de Icários.

Helena sorriu.

— Possam os Deuses da Verdade perdoar-te com tanta firmeza como eu o fiz, meu amigo. Eu só esperava conseguir um marido que me fosse tão fiel como tu o és à tua Penélope.

Odisseu continuou:

— E quando os pretendentes todos lutavam entre si, fui eu quem criou o compromisso que permitiu sair do impasse: que Helena escolhesse por si própria e que todos nós fizéssemos um voto de defender o marido escolhido contra qualquer adversário. Assim, quando esta guerra rebentou, ali estava eu, apanhado na minha própria armadilha; Agamenon chamou-me para que honrasse o voto que tinha feito a Menelau.

Príamo resmungou, embora Cassandra pudesse ver que o seu pai não estava realmente zangado e queria ouvir o resto da história.

— Então, e os teus votos como meu convidado e amigo?

— Fiz o meu melhor para honrá-los, Príamo, juro-te! — disse o velho homem do mar. — Já vi do mundo o suficiente; queria ficar em casa a cuidar das minhas terras. Por isso fiz com que Penélope enviasse uma mensagem dizendo que eu estava doente e que não podia ir, que tinha perdido o juízo, que era um pobre louco. E quando Agamenon veio, pus um chapéu velho de lavrador, atrelei o meu cavalo e o meu boi juntos e comecei a arar um campo de cardos. E tu sabes o que aquele... — hesitou. — Bem, estão senhoras presentes... aquele Agamenon fez? — deu ao nome a força de uma obscenidade, e olhou em torno de si para observar o efeito da sua história na audiência extasiada. — Agarrou o meu filhinho, Telêmaco (que ainda mal andava, era mais ou menos do tamanho do teu Astíanax, Heitor) e sentou-o no campo, mesmo em frente do local em que eu arava. Que é que

eu podia fazer? Continuar a arar por cima da criança? Desviei a parelha e Agamenon chorou de rir e disse: *"Vamos, velha raposa, não estás mais maluco que eu! "* E exigiu que eu honrasse o meu voto de defender Menelau. Por isso eu vim, mas acredita-me, fui eu quem os mandou para casa fazer as sementeiras da primavera. Depois voltarão. Vim aqui para vos avisar disso.

Príamo rira-se tanto como todos os outros, depois se acalmou e disse:

— Compreendo que não pudesses agir senão como agiste, Odisseu. Por tudo isso, continuas a ser meu amigo.

— E sou — disse Odisseu, servindo-se de pão e peixe.

— E que possas ser sempre — respondeu Príamo — como eu sou teu.

Cassandra semicerrou os olhos, olhando para Odisseu como se buscasse a Visão. Por mais que tentasse, via apenas um velho inofensivo, genuinamente dividido entre velhos amigos e vizinhos indesejados com quem ele tinha, para segurança da sua própria família, de manter-se em paz. Sim, ele seria amigo deles, enquanto isso fosse para ele vantajoso. A não ser que houvesse uma boa anedota ou uma boa história para ser inventada com base na sua esperteza ou mesmo na sua perfídia. Nenhuma amizade resistiria a isso; não para Odisseu.

Cassandra acabou rapidamente a sua refeição e, levantando-se, pediu ao seu pai permissão para se retirar. Ele assentiu distraidamente; ela beijou a mãe e Andrômaca, ergueu o pequeno Astíanax nos braços e beijou-o também, apesar de ele se debater insistindo que era muito crescido para ser beijado, e saiu do salão.

Instantes depois percebeu que alguém a seguia. Pensando tratar-se de alguma das suas irmãs com uma pergunta para fazer a uma sacerdotisa, que fosse muito íntima para ser feita à frente dos homens, parou e esperou. Então uns braços masculinos envolveram-na e por momentos ficou nos braços de Enéias antes de, contra vontade, se afastar dele.

— Enéias, não; tu és marido da minha irmã!

— Creúsa não ia importar-se — disse Enéias num murmúrio. — Desde que a nossa filha nasceu, ela fica transida de medo cada vez que eu vou à sua cama. Ela não sente o mínimo desejo por mim, juro! Ficaria encantada se eu encontrasse amor noutro lugar.

— Não o encontrarás comigo — disse Cassandra tristemente. — Também eu estou comprometida, meu irmão; comprometida com o Senhor do Sol, e seria necessário um homem mais corajoso que tu para disputar com Ele uma mulher.

Enéias disse:

— Serei Seu rival se tu o desejares, Cassandra. Por ti eu desafiaria até mesmo a Sua ira.

— Oh, *sssh!* — disse ela, pondo-lhe os dedos sobre a boca. — Tu não disseste isso. Eu não ouvi. Mas direi isto, meu querido — continuou ela, a ternura escorrendo-lhe dos lábios quase involuntariamente: — Se ambos fôssemos livres, de boa vontade te receberia, como marido ou amante, conforme o que desejasses. Mas conheço a ira de Apolo, Senhor do Sol, e eu não a provocaria conscientemente por homem nenhum, muito menos por ti, a quem bem poderia ter amado.

— Que os Deuses não permitam — disse Enéias reverentemente — que eu desafie um Deus a não ser que tu exijas. Se estás satisfeita por ser noiva do Senhor do Sol e de mais ninguém... — Ele afastou-se. — Seja como desejas. No entanto, juro pelo próprio Apolo — e levou respeitosamente aos lábios a mão bonita — que serei para sempre teu amigo fiel e teu irmão, e se alguma vez desejares a minha ajuda, juro que a terás, contra qualquer homem... ou qualquer Deus.

Ela disse, perturbada:

— Agradeço-te por isso; e eu serei sempre tua amiga e tua irmã aconteça o que acontecer.

Ele segurou-a suavemente pelos ombros.

— Cassandra, minha querida, não me pareces feliz. Estás realmente satisfeita no Templo de Apolo?

— Se estivesse — respondeu ela num sussurro — teria fugido de ti antes de termos chegado a isto.

Afastou-se dele e saiu calmamente do palácio, o coração batendo com tanta força que ela achou que Enéias devia tê-lo ouvido. Enquanto subia a alta colina em direção à casa do Senhor do Sol, sentia as lágrimas não vertidas a queimar-lhe os olhos.

"*Não quero ser falsa para com os meus votos; estou comprometida com Apolo e foi*

Ele quem me abandonou; nunca o trairia com nenhum homem mortal e, no entanto, aquele sacerdote blasfemo desacreditou-me no templo. Por sua causa estou desonrada aos olhos deles, se bem que esteja inocente de quaisquer más ações. "

Teria a Deusa que servira enquanto vivera com as Amazonas tomado o partido de um homem contra a Sua fiel sacerdotisa? Seria que um Deus, quando um homem e uma mulher brigavam, não podia tomar o partido da mulher, quaisquer que fossem as razões em discussão? Ela era propriedade do Deus, exatamente como se tivesse casado com um homem mortal.

"No entanto, eu e Crises pertencemos ambos a Apolo, e deveríamos portanto ser iguais perante os Seus olhos. "

Atravessou os grandes portões de bronze e a sentinela noturna fez-lhe uma respeitosa

vênia.

— Estiveste fora até tarde, princesa.

— Estive no palácio com o meu pai e a minha mãe — disse ela. — Uma boa noite

para ti.

— Boa noite, senhora — disse ele.

Ela dirigiu-se para os quartos das traseiras, onde dormiam as mulheres. Tirou rapidamente as sandálias e o vestido, e deitou-se para dormir.

Os olhos ainda lhe doíam e, ao relaxar os músculos, sentiu lágrimas espontâneas escorrendo-lhe pelo rosto. A memória do abraço de Enéias voltou e, por instantes, ela brincou com essa recordação. Se quisesse, poderia roubá-lo à sua meia-irmã e Creúsa nem sequer ficaria zangada com ela; ficaria satisfeita por se livrar das obrigações conjugais que tinha para com ele...

Quem seria prejudicado se ela se entregasse a Enéias? Deveria ela esquecer verdadeiramente os seus votos, visto estes não lhe terem trazido nada de bom? Ou estaria aquela Deusa estrangeira dos amores ilícitos a procurar tentá-la? Depois, diante dos seus olhos, o rosto de Enéias perdeu-se na recordação ofuscante do rosto do Senhor do Sol, na suave e inesquecível musicalidade da Sua voz quando dissera “Cassandra...”

Enquanto mergulhava no sono perguntava-se: como poderia uma mulher preferir um simples homem a um Deus? Talvez fosse melhor ser esquecida ou ignorada pelo Senhor do Sol do que ser amada ou acarinhada por qualquer homem ao alto da Terra.

OITO

Começaram a correr na cidade rumores de que os Aqueus tinham desistido e não iriam voltar. Cassandra sabia que isso não era verdade, pois continuava a haver momentos em que, ao olhar lá do alto, da casa do Senhor do Sol, via, por instantes, a cidade tragada pelas chamas. Por essa razão sabia que o dom da profecia não a abandonara.

Não tinha qualquer utilidade para ela ou para quem quer que fosse; quando falava sobre isso ninguém queria ouvi-la. *"Porém, ó meu Senhor Apolo, independentemente do que me tenha sido retirado, chegará o dia em que eles se recordarão do que eu disse e saberão que não menti. "*

Pensava por vezes: *"Isto não passa de uma maldição, visto que ninguém acredita no que eu digo; porque terei eu de sofrer por saber e não poder falar?"* E, no entanto, quando estava prestes a rezar para que a Visão lhe fosse retirada, pensava: *"Oh, não! Quão pior seria*

j

caminhar cega e ignorante para o que quer que tenha sido decretado pelas Parcas . "

E, no entanto, se essa era a sina de todos os homens, como seria então que eles a conseguiam suportar?

Dia após dia os mares continuavam livres de navios de guerra e de invasores. Outros navios vieram, viajando na direção de Cálcis e das terras do Vento Norte, pagando o seu tributo a Tróia; e a rainha Imandra enviou de Cálcis presentes e saudações à sua filha e a Cassandra também.

Uma manhã Cassandra encontrou a sua serpente morta dentro do pote; e isto foi por ela entendido como o pior dos augúrios. Havia tido pouquíssimo tempo, ultimamente, para dedicar à criatura, e culpou-se por não ter visto que esta se encontrava doente. Pediu licença para enterrá-la nas terras do templo.

Quando terminou, Cáris mandou-a chamar e encarregou-a de todas as serpentes do Templo de Apolo.

— Mas por que? — perguntou Cassandra. — Não sou digna de tal! Cuidei tão mal da minha que ela adoeceu e morreu.

— Por que te damos nós esta tarefa? Porque tu não és feliz, Cassandra, nos julgas cegos? Eu quero-te bem, querida, todos te querem bem — e quando Cassandra fez menção de protestar, disse: — Não, é verdade! Pensas que não temos consciência do que Crises te fez? Se fôssemos livres de pô-lo da porta para fora, acredita-me, muitos o fariam. E agora temos [1] um pretexto para te incumbir de uma tarefa em que não terás necessidade de encontrá-lo todos os dias e a toda a hora.

Ela continuava sem entender: por que não eram eles livres de expulsá-lo do templo? Ele tentara violar uma virgem do Deus. Era um enigma que não conseguia decifrar; tão-pouco Cáris lhe deu qualquer explicação, não dizendo mais nada; era evidente que eles nem tinham sequer a liberdade de explicar por que razão tinha Crises todo aquele domínio sobre eles.

Havia no templo uma sacerdotisa muito velha que possuía todo o tipo de conhecimentos acerca das serpentes; mais velha do que Hécuba; mais velha que a rainha Hécuba pelo menos tanto quanto Hécuba era mais velha que a filha. Cassandra, ansiosa por evitar às outras serpentes do templo o destino que recaíra sobre a sua própria cobra, habituou-se a passar muitas horas com a anciã, levantando-a, dando-lhe de comer e, quando a sacerdotisa se sentia com forças suficientes para conversar com ela, aprendendo tudo sobre cada espécie de serpente e de cobra, incluindo muitas espécies já não existentes no templo. Por vezes, Cassandra pensava que gostaria de fazer uma longa viagem só para garantir à casa de Apolo a posse de algumas dessas estranhas criaturas: aquelas que viviam nos longínquos desertos do sul, ou uma da espécie chamada*piton,* maior que uma criança e capaz de, em uma refeição, engolir um cabrito ou mesmo uma ovelha inteira. Cassandra não estava completamente segura de acreditar na existência de tais criaturas, mas gostava daquelas histórias e sentava-se dias inteiros a ouvir a velha mulher.

Depois das serpentes estarem alimentadas, pouco havia para fazer, exceto satisfazer as necessidades da velha Melianta, e Cassandra escutava-a e sonhava acordada, pensando no seu encontro com a Deusa, sob a forma de Mãe Serpente, nas Profundezas, e pensando como teria nascido a história de Apolo, Senhor do Sol, ter morto a Píton.

O ano ia já avançado; as chuvas atrasadas do inverno chegaram mansamente arrastadas do mar, e em alguns ramos nus podiam-se ver pequenas protuberâncias onde as folhas eventualmente viriam a brotar. Um dia, encontrava-se no topo bem alto da casa do Senhor do Sol, quando ouviu soar à distância um grito estridente.

— Olha, as garças já estão de novo a voar para o norte!

"Pergunto-me", pensou ela, *"para que terra distante, para lá das terras do Vento Norte, viajarão elas?"*

Mas as suas companheiras tinham o espírito ocupado com questões bem mais práticas.

— Em breve será altura do festival das sementeiras da primavera — disse Criseide, e havia nos seus olhos um lampejo de cobiça. — Estou cansada de estar fechada com mulheres. — Cassandra foi assaltada pelo medo; certamente que, com a primavera, voltariam os

Aqueus.

A última lua de inverno encheu e minguou, e vieram dias cinzentos de chuvas brandas; poucos dias depois da lua nova, Cassandra foi chamada ao palácio e à presença da sua mãe; encontrou-a com as suas mulheres fazendo preparativos para os ritos da sementeira; uma sacerdotisa da Mãe Terra estava presente, supervisionando o trabalho.

Cassandra não teve consciência do que ia dizer até se ouvir dizê-lo:

— Estão a preparar o festival para que os Aqueus possam desfrutar dele? Certamente que organizar agora um festival é o mesmo que estar a convidá-los para que venham e o arrasem!

A sacerdotisa, uma mulher de meia-idade que Cassandra não conhecia bem, mostrou-se mal-humorada.

— Que sugeres como alternativa, princesa Cassandra? Não podemos deixar de plantar as sementes.

— Oh, eu sei que os cereais têm de ser semeados! — disse Cassandra quase frenética — mas teremos nós que atrair as atenções para esse fato, fazendo um festival?

A sacerdotisa perguntou franzindo o sobrolho:

— Esperas usufruir das dádivas da Deusa sem Lhe teres prestado honras?

Cassandra, sem saber bem o que dizer, sentia vontade de gritar. *"Se a Deusa é tão boa e benevolente ",* pensou ela, *"certamente que nos daria cereais sem nos exigir tanto. Será a Mãe Terra uma velha vendedeira do mercado para regatear conosco: um tanto de cereal por tantas canções e danças?"* Visto não poder dizer tal coisa, não disse absolutamente nada, e percebeu que a sacerdotisa a olhava com desaprovação.

— Que tem o festival a ver contigo, tu que escolheste ficar virgem na casa do Senhor do Sol e não dar à Deusa o que Lhe é devido?

— Não foi de modo nenhum uma escolha — disse ela humildemente. — O Senhor do Sol chamou-me e a Deusa Terra não fez qualquer protesto. Se Ela tivesse exigido que eu A servisse, eu teria obedecido.

"E porque não terá Ela, então, usado a corda do Seu arco para me salvar do Senhor do Sol? Não serei eu mais do que um animal em fuga perante a rivalidade destes Deuses?"

Mas a sacerdotisa continuava a olhá-la, carrancuda, como se exigisse uma resposta, e Cassandra disse:

— Visto que também eu me alimento das Suas dádivas, não vejo razão para um festival que tornará as sementeiras inúteis. Porque se os Aqueus vierem destruir o nosso festival, pouco colheremos desta sementeira.

— Estás a tentar dizer-me que os Aqueus nem mesmo a Deusa veneram?

— Só estou a dizer que temo a sua impiedade — disse Cassandra. — Se crês que eles honram a Deusa, por que não pedes a um dos seus devotos, ou envias um mensageiro para que negocie tréguas e a promessa de que eles não interferirão com os ritos da Mãe Terra?

"E por causa deste medo sou atormentada, como se fosse eu a autora do desrespeito; devia aprender a manter-me em silêncio. "

Curvou-se silenciosamente perante a sacerdotisa. Fizera o seu aviso. Não era seu dever dizer mais nada. A sua mãe tinha estado a olhá-las sem falar e Cassandra atravessou a sala para se lhe reunir.

— Não consegues entender o meu medo, mãe?

— Eu confio na bondade da Deusa; certamente que Ela pode erguer a Sua mão contra os Aqueus se essa for a Sua vontade — disse Hécuba reprovadora. — Tu tens muitos medos, Cassandra.

— Tu já há muitos anos que serves a Mãe Terra; Ela já alguma vez ergueu a Sua mão para te proteger? — perguntou Cassandra.

A sua mãe pareceu profundamente contrariada e disse:

— Essas perguntas não devem ser feitas por mulheres; tu, que és sacerdotisa, devias saber que não se deve dizer essas coisas. Os Deuses não tardam a punir aqueles que falam contra Si ou que Os questionam.

"Deveria ter sido eu a dizer isto", pensou Cassandra. *"Tenho vivido na casa do Senhor do Sol e visto como Ele castiga (e como Ele protege) aqueles que Lhe pertencem. "* Suspirou e não disse mais nada.

A sua mãe disselhe suavemente:

— Não te estou a reprovar, Cassandra; mas se não encontraste a felicidade na casa do Senhor do Sol, devias voltar para aqui para junto de nós. Não consigo encarar como uma coisa inteiramente certa o fato de uma jovem da tua idade ter se mantido virgem por todo este tempo; se voltares para a casa

de Príamo, o teu pai encontrará um marido para ti. Me daria muito prazer ver-te casada e com uma criança nos braços. Então não haveria mais sonhos maus nem profecias para te atormentar.

Apesar do tom carinhoso com que a sua mãe falou, Cassandra sentiu uma onda de fúria tal que quase sufocou. *"Ah, é esse o remédio para tudo o que não está bem nas mulheres. Se uma mulher é infeliz, ou se comete um erro ou não faz tudo o que querem que ela faça, então é melhor que arranje um marido; e se tiver uma criança, esse será o remédio para todos os seus males!"* Disse para a mãe:

— Ah, também tu, mãe!? Quando cavalgavas com Pentesileia e as suas mulheres, terias sido tão rápida em dizer que é isso que me atormenta? Terias me dado um marido e feito com que eu engravidasse só para que eu não dissesse a verdade e assustasse as pessoas?

Hécuba ficou consternada pelo seu tom zangado. Deu palmadinhas nos seus dedos crispados e acariciou-os suavemente, tentando descerrá-los.

— Não fiques zangada, minha querida; não sei porque estás sempre tão zangada. Eu só te quero ver feliz, minha filha!

— Estou zangada porque estou rodeada de tolos — disse Cassandra — e a única solução é transformar-me num deles.

Ergueu-se e precipitou-se para fora do quarto. A sua mãe era incorrigível. E no entanto havia sido, em tempos, forte e auto-suficiente; Cassandra tinha as armas dela para prová-lo. E por que tinha ela permitido que a sua mãe a desviasse da verdadeira questão, que eram os perigos para as sementeiras da primavera? A sua mãe escolhera para sua substituta a velha questão do casamento; como se uma mulher casada ganhasse automaticamente sensatez. Andrômaca não ficara certamente mais sensata por se ter casado com Heitor, nem Creúsa por ser casada com Enéias.

"Se eu acreditasse que isso poderia produzir em mim uma tal alteração, não estaria unicamente disposta, mas desejosa por me casar! "

1

- As Parcas davam ao ser humano, à nascença, o bem e o mal. Eram três: Cloto, a Fiandeira, que fiava o Fio da Vida; Láquesis, a Distribuidora da Sorte, que atribuía a cada ser o seu destino; Átropos, aquela que não podia voltar-se, portadora das *"tesouras abomináveis"* que cortavam o Fio da Vida. (N. da T.)

NOVE

Pouco antes do nascer do dia, Cassandra ouviu o repicar dos sinos e sons de agitação vindos da cidade. Ao levantar a cabeça, foi percorrida por uma onda de enjôo; tinha a sensação de que o silêncio do quarto se animava com gritos estridentes e entrechocar de armas. *"Oh, não!",* pensou, tombando de novo na almofada e puxando a manta para cima da cabeça. Por alguns minutos ali ficou, imóvel. Tinha jurado que, se ia acontecer uma catástrofe, ela estaria longe quando ela ocorresse; tinha dado o aviso e isso era o suficiente.

Mas do lado de fora do quarto os sons dos festejos continuavam; em breve viriam chamá-la e, finalmente, ela levantou-se e vestiu-se, indo tratar das serpentes do templo. Quase que ia à espera de, num dia de tão mau augúrio, encontrá-las todas escondidas nos seus potes e buracos; mas elas pareciam ter um comportamento semelhante ao de sempre. Foi à cozinha buscar comida e deu à velha Melianta pão molhado em vinho diluído. Quando já tinha feito tudo o que encontrara para fazer, olhou por cima dos muros e viu centenas de mulheres saindo em torrente pelos portões de Tróia em direção à zona fértil, entre os rios. Não pôs o seu traje de festa, nem se preocupou em tecer uma grinalda para si; mas trançou levemente o cabelo para mantê-lo afastado dos olhos e em seguida saiu do templo. Mais abaixo no caminho, reconheceu uma figura familiar e um cabelo vermelho-dourado. Apressou o passo para alcançar a mulher.

— Enone, que fazes aqui? Não há sementeiras para fazer no monte Ida, minha irmã?

Encorajada pelas suas palavras, Enone sorriu afetuosamente para Cassandra; mas não falou e, momentos depois, Cassandra soube, como se a outra mulher tivesse dito, que ela esperava conseguir vislumbrar Páris. Cassandra não podia encorajá-la ou dar-lhe esperanças sobre isso; assim, levantou as mãos para a criança rechonchuda, suspensa nos ombros da mãe.

— Como ele cresceu! Não é pesado para o transportares assim?

— Os olhos dele são escuros e está cada vez mais parecido com o pai — disse Enone, sem responder à pergunta de Cassandra.

De fato, os olhos do rapazinho, — de um azul baço à nascença, como os de tantos outros bebês, tinham escurecido para um tom de avelã brilhante, não muito diferente da cor dos olhos de Páris ou da própria Cassandra.

"Há de valer-lhe de muito...", pensou Cassandra, tão furiosa que mal conseguia falar. Por não poder censurar a Enone esta procura inútil e absurda, disse mal-humorada:

— Vai para casa, Enone; cuida das sementeiras no monte Ida. Pouco de bom virá das plantações daqui. Os Deuses estão zangados com Tróia. Páris não vai estar aqui; esta celebração é para mulheres; pensei que, por esta altura, conhecesses melhor os nossos costumes.

— Mesmo assim, se for preciso, eu virei com as outras para afastar a ira da Mãe Terra — disse Enone, e Cassandra percebeu que nada do que tinha dito fizera a mínima diferença.

Por isso disse:

— Deixa-me ser eu a transportar o bebê — e estendeu os braços para a criança.

Era pesado, de fato, mas ela tinha oferecido ajuda e não ia recuar. Era uma pena que Páris não viesse carregar o seu próprio filho, pensou. Nesse momento, entre as mulheres que desciam do palácio, viu a sua mãe e Andrômaca com o filho de Heitor, Astíanax, agora crescido o bastante para caminhar ao lado da mãe, agarrado à sua saia.

O bebê de Creúsa, ainda suficientemente pequeno para ir amarrado dentro do seu xale, vinha a tiracolo. Políxena encabeçava o grupo das filhas de Príamo, todas vestidas com a túnica festiva adornada de fitas e tradicional das virgens, os longos caracóis ondulando com a brisa. Viram Cassandra e acenaram-lhe, e ela não se sentia suficientemente intratável para se recusar a retribuir a saudação. Se elas não iam adiar a celebração, ou realizá-la discretamente, de modo a não atrair a catástrofe que previra, mais valia que

se divertissem enquanto podiam. Pela colina acima, alguém começara a cantar a primeira das canções das sementeiras:

Tragam a semente, pelo inverno oculta, Tragam-na com canções e festa e alegria...

Outras mulheres pegaram a canção. Cassandra ouviu a voz forte e doce de Creúsa, e em seguida a voz das outras, mas quando tentou cantar sentiu que sufocava e a sua voz não se projetou.

— Olha — disse Enone, apontando. — Os homens estão na muralha a observar-nos. Lá está o teu pai, meu tesouro — disse ela, tentando atrair a atenção da criança para o ponto onde Páris se encontrava com a sua brilhante armadura onde o sol pálido do princípio da manhã refletia os seus raios como setas.

A criança rodou nos braços de Cassandra, tentando ver o que a sua mãe estava a apontar; o seu peso era suficientemente grande para que Cassandra se desequilibrasse a ponto de quase cair.

— É melhor eu levá-lo — disse Enone, e Cassandra não protestou.

Ela conseguia ver as plumas carmim que adornavam o elmo de Heitor, a armadura brilhante de Príamo, e Enéias, mais alto do que qualquer dos outros homens.

Tinham agora chegado aos campos; o terreno havia sido preparado alguns dias antes. As mulheres curvaram-se e tiraram as sandálias, pois nenhum pé calçado deveria pisar os seios da Mãe Terra durante aquele rito. Hécuba, envergando um vestido escarlate, ergueu as mãos para fazer a invocação; depois se deteve e acenou a Andrômaca; a mulher mais jovem, também vestida com a sua túnica de Cálcis, de um escarlate-vivo, chegou-se à frente para tomar o seu lugar.

Cassandra compreendeu: Hécuba era uma mulher velha, e embora tivesse dado à luz dezessete crianças, mais de metade das quais havia sobrevivido até aos cinco anos (um esplêndido sinal das graças da Mãe Terra), estava já a ultrapassar a idade de gerar filhos e aquele rito tinha de ser celebrado por

uma mulher fértil, uma mãe. Nos últimos anos, isso não tivera grande importância, mas agora, sendo o cereal daquele ano crucial para a sobrevivência da cidade, não podia correr-se o risco de que uma mulher esterilizada pela idade afrontasse a Mãe Terra pela sua presença no mais importante dos ritos.

Andrômaca fez um sinal e todas as virgens e aquelas que nunca tinham dado à luz uma criança com vida abandonaram os campos lavrados. Cassandra fez um gesto de despedida a Enone e encaminhou-se para a pequena cercadura de pedra e altas sebes de arbustos espinhosos e exuberantes, na extremidade do campo. Estes estavam longe de ser estéreis; ela conseguia ouvir, escondidos dentro deles, os sons de pequenos insetos, grilos e escaravelhos, e muitas ervas e plantas, que ela começava a conhecer, cresciam nas margens dos campos. Contemplou uma folha estreita, boa para curar erupções na pele das crianças e de animais pequenos; curvou-se para cortá-la, murmurando num suspiro uma oração à Deusa pela Sua generosidade, mesmo fora das terras oferecidas à Sua graça.

Agora que as mulheres estavam nos campos, os homens vinham descendo. O rei Príamo, pai do seu povo, com a sua tanga tingida com o precioso carmim e sem mais nada vestido, à exceção de uma fiada de pedras púrpura em volta do pescoço, tomou o arado de madeira entre as suas mãos e levantou-o no ar, bem alto; os gritos de aplauso que irromperam eram ensurdecedores. Pelas suas próprias mãos, atrelou um burro branco às hastes do arado; Cassandra sabia que aquele bicho fora escolhido entre todos os animais de Tróia por ser imaculado e o seu dono tinha sido muitíssimo bem pago.

Príamo enterrou a relha do arado na terra e de novo os aplausos se elevaram enquanto ele abria um risco de argila castanho-escura no meio da superfície pálida da terra ressequida pelo sol. As vozes das mulheres erguiam-se agora numa nova canção. Quando Cassandra era ainda uma criancinha, tinham-lhe dito que os cantos se destinavam a abafar os gritos da Mãe Terra ao ser assim violada. Durante a sua estada com as Amazonas fora-lhe ensinada uma teoria mais sofisticada: que a Mãe Terra dava o alimento aos Seus filhos de Sua livre vontade e as canções serviam apenas para louvar e dar

graças; mas mesmo assim ela foi obrigada a reprimir um estremecimento quando o arado penetrou no solo.

Nesse momento todas as mulheres férteis da cidade se precipitaram para o campo; ao mesmo tempo, despiram as suas roupas de cima, expondo os seios e fazendo gestos simbólicos de quem dá o seu leite à terra aberta, para nutrir os campos. Cerca de metade delas estavam grávidas, desde as muito novas, de seios pouco maiores que pêssegos verdes e em cujos ventres começavam a avolumar-se os seus primeiros filhos, até mulheres da idade de Hécuba, que haviam dado à luz uma criança quase todos os anos, com os seus seios alongados e flácidos expostos ao céu e ao sol.

Cassandra juntou-se ao grito que se elevara para os céus:

— Mãe Terra, alimenta os teus filhos, nós te imploramos.

Cestos de sementes foram entregues a todas as mulheres férteis e elas começaram a passá-los ao longo do campo, espalhando as sementes. Príamo, rudemente afastado para a extremidade do campo, tropeçou e estendeu-se ao comprido no solo, sujando a roupa. Ouviram-se gritos sufocados face a tão mau presságio e ele foi levantado e transportado delicadamente para onde o resto dos homens, que rodeavam agora o campo, assistiam à

sementeira. O sol estava alto, abatendo-se com uma força estonteante.

— Talvez a terra produza sem que o que nós façamos ou não tenha importância — sugeriu um homem grande e rude que Cassandra nunca vira antes. — Eu estive em terras gentias onde não sabem nada dos nossos Deuses e lá as plantações também crescem tal e qual como aqui.

— Fica calado Ájax! Não temos necessidade nenhuma das tuas idéias malucas — disse uma voz forte e grave que Cassandra identificou como a de Enéias. — Tenha ou não a ver com os Deuses, esta é a forma como as coisas são feitas por decência e costume; e por que não?

Um trovão ribombou ao longe e as nuvens cruzaram a face do sol. Cassandra sentiu o silenciar dos insetos nas sebes. Depois algumas gotas de

chuva tamborilaram contra os galhos secos das sebes e, em poucos momentos, as finas vestimentas das mulheres estavam coladas aos seus corpos. Lançaram pelos ares um grito: *"Demos graças à Mãe Terra, que manda chuva para nos alimentar! "*

Os cânticos silenciavam à medida que a chuva ia ficando mais forte. As mulheres acabavam de semear o último grão e toda a gente, incluindo as meninas pequenas e as velhas e estéreis, correu para o campo para ajudar a cobrir a última semente. Cassandra começara a correr para se juntar a Enone quando uma vaga negra surgiu na frente dos seus olhos e ela estacou, atordoada, não tendo a certeza de o chão não ter tremido debaixo dos seus pés.

Então se ouviu um grito de guerra e ela viu homens de túnicas escuras precipitando-se em direção aos campos, com brados e gritos. Um homem de armadura agarrou Enone e, lançando-a para cima do ombro, correu na direção da negra linha de navios que surgira enquanto todos os olhos estavam postos na lavra e na sementeira.

Por um costume antigo, os Troianos não tinham trazido quaisquer armas para o campo; a maior parte deles corria agora para as muralhas da cidade, onde as tinham deixado. Páris foi um dos primeiros a reaparecer, disparando flecha após flecha para o meio do ajuntamento de soldados estrangeiros. O homem que segurava Enone caiu, estrebuchando, atingido no coração, e Enone libertou-se. Grande número de dardos foram lançados e muitos dos aqueus tombaram; a maior parte dos que haviam agarrado mulheres largaram-nas e conseguiram alcançar os navios antes que a saraivada de flechas os abatesse. Enone conseguiu chegar até junto de Hécuba e olhou em volta, à procura do filho; vendo-o a salvo, juntou-se ao pequeno grupo de mulheres em volta da rainha. Cassandra continuava protegida pelas sebes. Viu Helena ao lado de Enone e perguntou-se o que teriam as duas mulheres de Páris encontrado para dizer uma à outra; se é que tinham encontrado alguma coisa. Reparou também no corpo bem torneado de Helena; obviamente dilatado pela gravidez. Perguntava-se se Menelau a teria visto. Se assim fosse, Menelau deveria preferir, agora, ir para casa e deixar Helena a Páris; não iria continuar a lutar pela mãe do filho de outro homem.

Cassandra, escolhendo cuidadosamente a oportunidade, saiu da sebe e correu através do campo abrindo passagem, ofegante, para o interior do círculo em torno da rainha, tomando lugar ao lado de Enone. As mulheres todas olhavam para baixo, vendo os Aqueus acercar-se dos seus navios. Distinguia-se o vulto alto de Agamenon; agora já não era nenhum monstro, era apenas um homem mais brutal, mais forte e mais cruel que a maioria, mas a sua imagem continuava a gelar-lhe o sangue.

Hécuba olhava em volta e contava as suas mulheres.

— Estão todas aqui? Alguma foi levada?

Um grupo de mulheres da casa do Senhor do Sol juntara-se em torno das mulheres de Hécuba. Fílidas contava-as, discretamente; soltou um grito.

— Oh, onde está Criseide? Ela não estava contigo, Cassandra? Tinha a impressão de que a vira ao teu lado.

— Sim, estava comigo; talvez ainda esteja nas sebes. Acham que volte lá para ver? Todos os... todos eles já regressaram aos navios, acho eu.

— Não — disse Fílidas com firmeza — tu não deves exporte; lembra-te, és filha de Príamo e serias um prêmio soberbo para qualquer dos invasores. Fica ao pé da tua mãe — respondeu ela, ao mesmo tempo em que Hécuba se aproximou e agarrou a mão de Cassandra.

— Estás ilesa, então? Estava preocupada contigo — disse Hécuba. — Como soubeste que eles nos iam atacar?

— Achei que era provável — disse Cassandra — e assim foi.

— Mas não fizeram nenhum prisioneiro — disse Hécuba — e portanto tiveram todo este trabalho para nada.

— Não, não escapamos ilesos — disse Cassandra. — Eles conseguiram levar uma das virgens do Templo de Apolo.

— Oh, que horror! — disse Hécuba num grito abafado.

Intimamente, Cassandra pensou que a perda não era grande; a jovem tinha sido uma desordeira desde o princípio, e nem sequer havia a certeza dela ser virgem.

Estava grata pelo ataque ter causado tão poucos prejuízos. Decidiu ir procurar Helena e perguntar-lhe quando iria nascer o filho dela. Mais uma vez, parecia que Helena estava sob a magia da Deusa; mesmo no período mais antiestético da gravidez, ela mostrava-se bela e esplendorosa. Não eram apenas os olhos de Páris que a seguiam como os fios de linho seguem

o âmbar.

Helena sorriu a Cassandra com tão intenso agrado que Cassandra quase sentiu que os joelhos lhe falhavam. A proteção da Deusa era algo para ser guardado como um tesouro. Se não fosse ela, as mulheres dali podiam ter feito a rainha espartana em pedaços; afinal, fora ela quem conduzira os homens de Tróia para os perigos daquela guerra. *"Mas eu não tenho marido ou amante",* pensou Cassandra, *"por quem recear. "* Helena abraçou-a e Cassandra retribuiu calorosamente a saudação.

"Estranho; quando ela chegou aqui pela primeira vez, fui eu quem declarou ao meu pai e à minha mãe que não deviam querer nada com ela. Agora gosto dela e se eles tentassem expulsá-la, eu seria a primeira a falar a seu favor. Será por vontade da Deusa que ela encarna? Estarei eu a servi-La ao ser amiga de Helena? Não; agora que traz dentro de si uma criança, ela tem de buscar a proteção da Mãe Terra. "

— Para quando esperas o bebê?

— Para as colheitas de outono.

— E a criança é de Páris? Talvez assim — sugeriu Cassandra — Menelau vá embora e aceda em deixar-te aqui.

Helena sorriu cinicamente.

— Ainda que ele o quisesse, ninguém lhe daria ouvidos — disse. — Vamos, Cassandra, sabes tão bem como eu que o meu corpo e o meu adultério são

apenas um pretexto para esta guerra; Agamenon andou anos à procura de uma boa desculpa para atacar Tróia. Se eu tentasse voltar para Menelau esta noite, a coberto da escuridão, apostava o que quisesses em como o meu cadáver iria ser encontrado pendurado na muralha e os Aqueus continuariam a lutar sob o pretexto de me vingarem.

Aquilo era tão verossímil que Cassandra nem sequer se deu ao trabalho de comentar. Helena disse, irritada:

— Muitas vezes penso que teria sido melhor se eu tivesse sido prometida como donzela à Virgem Lua. Ainda agora me sinto tentada a rejeitar para sempre os homens no Seu santuário; achas que Ela me aceitaria?

— Como posso saber? — replicou Cassandra, hesitante.

— Bem, tu és sacerdotisa...

— Tudo o que eu sei é que Ela não recusa mulher alguma que A procura — disse Cassandra — mas parece-me que o teu destino é tornares-te um símbolo da discórdia entre os homens; e ninguém pode argumentar com o destino.

— Seria muito bom para ser verdade, suponho, que eu pudesse procurar a Deusa e, sob a Sua proteção, evitar o destino que sei estar traçado — disse Helena. — Mas como sei se foi um Deus quem determinou esta sina ou se fui, simplesmente, apanhada entre dois homens obstinados que não ligam nenhuma aos Deuses?

— Penso que isso é o tipo de coisas que nunca ninguém pode saber — disse Cassandra. — Porém, eu sinto que há a mão de um Deus nisto; eu sei como Páris foi levado a procurar-te.

— Queres dizer então que esta guerra entre Tróia e o meu povo foi determinada pelos Imortais? — perguntou Helena. — Por quê? Quer dizer, por que eu e não outra?

— Se eu soubesse — disse Cassandra — seria a mais favorecida profetisa dos Deuses. Apenas posso supor que quando a Deusa que te presenteou

com tanta beleza tinha esse objetivo em mente.

— E eu continuo a perguntar: por que eu e não outra?

— Pergunta as vezes que quiseres — disse Cassandra — e, se receberes uma resposta, vem partilhá-la comigo.

DEZ

Cassandra sonhou que os Deuses estavam zangados com a cidade e se batiam por cima de Tróia; erguiam-se até ao céu, as suas lanças trovejando no embate e as enormes espadas fulgurando como raios. Acordou para um dia de chuva grossa e uma incomodativa dor nos olhos.

Surpreendentemente, sentia a falta de Criseide; tinha se habituado à companhia da jovem e não conseguia deixar de viver com o medo e a revolta pelo que lhe devia ter acontecido entre os soldados aqueus; afinal eles estavam ali havia vários meses, sem as suas próprias mulheres. Embora soubesse que algumas mulheres da cidade escapavam para fora das muralhas para irem vender o seu corpo nos acampamentos costeiros, não lhe parecia que fosse o mesmo. De qualquer forma, quando pensava lamentar Criseide, deu por si a pensar que aquilo fora exatamente o que a jovem desejara; havia já vários meses que ela andava a espreitar os estrangeiros por cima das muralhas.

Afastando a jovem do seu espírito, Cassandra enfiou um vestido e foi cuidar das serpentes e da velha sacerdotisa.

Quando entrou no espaço reservado à velha mulher e às serpentes, encontrou uma grande confusão; duas ou três estátuas tinham sido derrubadas e jaziam partidas pelo quarto, e não havia uma única serpente em lado nenhum. Chamou (ouvira dizer que as cobras eram surdas e incapazes de ouvir alguma coisa, mas ela não tinha a certeza disso, e chamá-las não fazia mal nenhum) e a voz de Melianta soou debilmente, vinda de um quarto adjacente.

— És tu, Cassandra, filha de Príamo?

Cassandra dirigiu-se rapidamente para o escuro quarto interior, onde a velha se encontrava deitada numa enxerga.

— Que se passa contigo, Melianta? Estás doente?

— Não — disse a sacerdotisa idosa — estou a morrer.

Cassandra viu, à luz tênue, que o seu rosto definhara ainda mais; os seus olhos estavam baços e cobertos de uma película branca.

— Não vale a pena chamares pelas serpentes porque elas foram embora; todas elas. Abandonaram-nos e se recolheram às profundezas da terra. As que ainda aqui estão, jazem mortas dentro dos seus potes; olha para lá e vê.

Cassandra foi investigar e viu alguns potes inteiros no lugar; dentro deles as serpentes jaziam frias e imóveis. Voltou junto da velha sacerdotisa para perguntar o que acontecera.

— Não sentiste a fúria Daquele que Estremece a Terra durante a noite? Não só os potes, mas também todas as minhas estátuas estão quebradas.

— Não, não ouvi nada; mas tive sonhos maus acerca da ira dos Deuses — disse Cassandra. — Será a Mãe Serpente que está zangada conosco?

— Não! — disse a velha sacerdotisa desdenhosamente. — Ela não castigaria as Suas serpentes para demonstrar a Sua ira para conosco; mais depressa nos mataria a todos em favor do bem-estar das Suas pequenas companheiras. Seja qual for o Deus que fez isto, a Mãe Serpente não teve nada a ver.

A velha mulher parecia tão agitada que Cassandra quis confortá-la.

— Queres que te dê pão e vinho, senhora?

— Não; não consigo pensar nessas coisas num momento como este — disse a anciã. — Veste-me com as minhas roupas de sacerdotisa e pinta-me o rosto; depois leva-me para o sol, lá no pátio, para que eu possa olhar mais uma vez o rosto do Senhor do Sol, a quem eu dediquei a minha vida.

Cassandra fez como lhe havia sido ordenado, ajudando a velha mulher a vestir a elaborada túnica de linho plissado, tingido de um amarelo brilhante de açafrão. Encontrou um pote de cosméticos e, tal como a mulher desejava, pintou-lhe hesitantemente as faces e os lábios com corante

vermelho, embora achasse aquilo grotesco. Por fim, curvou-se e levantou a velha sacerdotisa nos seus braços, levando-a para o pátio onde a deitou sobre umas almofadas. A velha, exausta, encostou-se para trás e Cassandra podia ver as suas pulsações na veia azul que lhe latejava na têmpora, nervosamente, em direção ao fim.

A sua respiração era exausta e rouca.

— Não era melhor mandar chamar um curandeiro, senhora?

— Não; é tarde de mais para isso — disse Melianta. — Estou satisfeita por não viver para ver os tempos que se aproximam para Tróia. Mas tu tens sido boa para as minhas pequeninas, e eu rezarei com o meu último fôlego para que tu consigas, de algum modo, escapar ao que as Parcas destinaram a esta desgraçada cidade.

Fechou os olhos por momentos e Cassandra curvou-se sobre ela para ver se ainda respirava. Melianta levantou uma mão trêmula.

— Mais perto, minha filha. Não consigo ver o teu rosto — disse ela — porém, ele brilha à minha frente como uma estrela; o Senhor do Sol não te esqueceu. — Depois beijou Cassandra com os seus lábios enrugados e, abrindo os seus velhos olhos velados, gritou: — Apolo, Senhor do Sol! Deixai que veja o Vosso rosto brilhante diante de mim!

Estremeceu violentamente, tombando para trás sobre as almofadas, e Cassandra soube que ela se fora.

Agora, ficar sozinha não iria magoá-la e por isso Cassandra correu a contar a Cáris o que tinha acontecido.

— Ela era a mais velha de todos nós — disse Cáris. — Eu cheguei aqui era uma criança de nove anos e ela já nessa altura era velha. Eu senti O que Estremece a Terra a noite passada, e devia ter ido para junto dela; mas foi a mesma coisa. Eu não poderia ter-lhe feito nada. Bom, temos de sepultá-la como convém a uma sacerdotisa de Apolo — disse ela, e mandou as mulheres buscar flores para fazer grinaldas, e trazer bolos de mel e vinho. — Nós não nos lamentamos quando uma das nossas vai para os reinos da

eternidade — disse ela, repreendendo as mulheres em pranto. — Nos rejubilamos porque, após servir uma vida inteira, a Mãe Serpente a levou. E vejam — indicou as cobras mortas jazendo nos seus potes — as suas pequenas amigas foram adiante para acolhê-la nesses reinos; lá ela poderá vê-las de novo e brincar com elas, como sempre gostou.

Dois dias mais tarde Cassandra ouviu o alarme da cidade anunciando um ataque dos Aqueus e viu os homens de Tróia descer correndo ao encontro dos invasores; o seu irmão Páris no meio deles. Estava espantada com a forma como aquilo começava a parecer um lugar-comum, não apenas para ela, mas, aparentemente, para todo o povo de Tróia. Excetuando os combatentes, ninguém parecia prestar muita atenção aos ataques. A suave rotina do templo não sofreu a mínima alteração e, da muralha, podia ver as mulheres da

cidade dirigindo-se calmamente para as cisternas com os seus cântaros de água.

Um homem não combatente, porém, continuava a interessar-se pelas ações dos Aqueus. Na parte da muralha mais próxima da batalha estava Crises, assistindo ao combate, desdenhoso. Cassandra, não querendo ter de lidar com ele, escapuliu para os quartos das virgens. *"O povo de Tróia",* pensou, *"começa a olhar para os Aqueus com a mesma preocupação com que olha uma chuva de pedra repentina. Será que não vêem que isto vai ser a nossa destruição? Mas suponho que ninguém pode viver anos sem fim num estado de terror. Sem dúvida que eu sentiria a mesma complacência se não tivesse as visões para me inquietar. "*

Pouco depois, um mensageiro da cidade foi ter com ela, dizendo que a senhora Helena estava em trabalho de parto e desejava vê-la. Com a morte de Melianta, Cassandra tinha poucas ou nenhumas obrigações na casa do Senhor do Sol e por isso nem se deu ao trabalho de pedir licença e desceu imediatamente para o palácio. Encontrou a mãe e as irmãs, à exceção de Andrômaca, reunidas nos aposentos de Helena.

Cassandra inquiriu acerca de Andrômaca e foi lhe dito que ela tinha levado todas as crianças menores para o quarto dela para lhes contar histórias e dar-lhes doces.

— Porque se há coisa que não nos faça falta numa câmara de partos — disse Creúsa — são as criancinhas debaixo dos nossos pés.

Cassandra pensou que, provavelmente, ela tinha razão; perguntava-se se teria sido gentileza da parte de Andrômaca ou se ela evitava recordar as suas próprias provações. Não interessava; em qualquer dos casos, alguém tinha de fazer aquilo e as razões de Andrômaca não eram importantes.

A câmara dos partos já estava suficientemente cheia de gente e a maior parte das mulheres era mais um obstáculo para contornar que uma ajuda de qualquer tipo para a mulher que começava a parir; mas a tradição exigia testemunhas num nascimento real. Cassandra interrogava-se se os Aqueus teriam o mesmo costume e resolveu perguntar a Helena quando tivessem tempo livre. De momento, porém, Helena estava rodeada por tantas parteiras, camareiras insistindo em encaracolar-lhe o cabelo e em mostrar-lhe roupas ou peças de joalheria que ela pudesse querer, sacerdotisas segurando amuletos ou recitando rezas de purificação, cozinheiras com acepipes e bebidas para tentar o seu apetite, que Cassandra não conseguia aproximar-se da cama e resolveu esperar até que Helena a chamasse.

Creúsa trouxera consigo uma pequena harpa e sentou-se a um canto produzindo um suave e calmante dedilhado de fundo. Passado algum tempo, Helena reparou em Cassandra e acenou-lhe.

— Vem sentar-te aqui ao meu lado, irmã; isto parece um festival; e calculo que o seja, de fato, para a maioria delas.

— É como um casamento — disse Cassandra. — Grande divertimento para todos exceto para os mais diretamente implicados. Só o que falta aqui são umas quantas acrobatas e dançarinas, alguém exibindo um coelho de duas cabeças a troco de alguns cobres e um comedor de fogo ou engolidor de espadas...

— Tenho a certeza que, se eu os quisesse, Hécuba arranjaria — disse Helena com uma singular elevação das pálpebras.

Cassandra reparou que mesmo naquelas penosas circunstâncias, ela estava arrebatadoramente bela.

— Acrobatas e dançarinas, pelo menos — disse Cassandra. — Príamo tem várias no palácio. Não tenho tanta certeza quanto ao coelho de duas cabeças.

— Oh, pára com isso, Cassandra; a nossa nobre mãe não iria... seria indigno dela reparar nas dançarinas e flautistas de Príamo — disse Creúsa entre dois acordes.

Cassandra riu.

— Não acredites nisso; a tarefa de Hécuba é supervisionar a comida de cada pessoa debaixo deste teto. É provável que saiba quantas azeitonas cada um come ao jantar, quem são as gulosas por bolos de mel, e quais são aquelas que se precatam para nunca arranjarem crianças.

— Claro; uma acrobata pode ser obrigada a deixar o trabalho por um ano se engravidar — disse Helena. — Havia duas jovens irmãs, em Micenas, que costumavam ir dançar para mim. — Era a primeira vez que Cassandra se lembrava de ouvi-la falar do seu antigo país. — Nenhuma jovem que trabalha quer ser sobrecarregada com uma gravidez e um parto. Isso é para senhoras ociosas como nós.

— Talvez sejamos nós quem mais trabalha — disse Cassandra. — A minha mãe deu à luz e amamentou dezessete crianças.

Helena estremeceu.

— Eu já tenho vinte e três anos e apenas tive Hermíone e Nikos; tenho sorte — disse ela; e depois um ar de surpresa passou pelo seu rosto e ela fez uma careta, ficando silenciosa por momentos. — Esta foi violenta — disse. — Creio que já não vai demorar muito. — Olhou em volta do quarto.

Cassandra perguntou:

— Queres que vá te buscar alguma coisa?

Helena abanou a cabeça, mas tinha um ar triste. *"Ela está sozinha aqui",* pensou

Cassandra. *"Entre tantas mulheres, ela não tem nenhuma amiga verdadeira do seu próprio país. "*

— Onde está a senhora Etra?

— Voltou para Creta; não queria obrigá-la também ao exílio — disse Helena, e estendeu a mão para Cassandra. Esta a segurou com força. Helena disse, quase num suspiro: — Ficas comigo, irmã? Eu não conheço estas mulheres, e não há nenhuma na qual eu confie.

Creúsa, com a mão que tinha livre, puxou um banco para junto delas. Cassandra deixou-se cair sobre ele, ajeitando as suas incômodas roupas à sua volta. Notou que a outra mulher estava agora pálida e abatida. Sem estar nesse momento possuída pela sua Deusa, reparou Cassandra com desprendimento, ela era uma mulher pequena cujo cabelo pálido era a principal beleza; mesmo naquela situação, caía em madeixas deslumbrantes de ambos os lados do seu rosto coberto de suor. Os olhos dela denotavam cansaço e estavam um pouco vermelhos. Cassandra sentou-se no banco ao lado da cama, deixando que Helena agarrasse a sua mão. Creúsa tocava baixinho e a música parecia estar a ajudar Helena; ou talvez tivesse tido, de qualquer forma, um momento de alívio. Cassandra estava curiosa, mas não se sentia à vontade para fazer perguntas; aquela experiência continuava a ser algo que parecia não ter nada a ver com ela.

À medida que o sol da tarde ia entrando com maior intensidade no quarto, Hécuba foi mandando sair toda a gente à exceção das duas parteiras mais antigas, uma criada para fazer recados e uma sacerdotisa carregada de amuletos que ia dispondo em volta da cama. Ia mandar Cassandra embora, também.

— Tu és virgem, Cassandra; uma câmara de partos não é lugar próprio para ti.

Mas Helena agarrou-se à mão dela.

— Ela é minha amiga, mãe. E não é apenas uma virgem; é uma sacerdotisa. Nenhuma câmara de partos é interdita a uma sacerdotisa da mãe.

— Trouxeste serpentes sagradas? — perguntou Hécuba.

— Não; as serpentes do templo morreram todas com o tremor de terra — disse Cassandra.

A sacerdotisa, colocando um amuleto por baixo dos seios de Helena com uma reza imperceptível, levantou os olhos para dizer:

— Não falem de maus presságios aqui.

— Não vejo por que razão a morte das serpentes do Templo de Apolo há de ser um presságio, bom ou mau, para a minha criança — disse Helena. — Apolo não é o meu Deus e eu não tenho qualquer relação com Ele, favorável ou desfavorável. Quanto à Mãe

Serpente, ela não é uma das minhas Deusas.

A sacerdotisa captou o olhar de Cassandra e fez um gesto contra a má fortuna. Cassandra concordava com Helena; ela estava acostumada àquela prática de fazer de quase todas as ocorrências casuais um presságio do bem ou do mal, mas continuava a achá-la absurda.

A sacerdotisa foi pôr um pote de água a aquecer sobre a braseira e o quarto encheu-se do vapor perfumado das ervas que ela deitou para dentro dele. Pouco antes do pôr do sol, Helena deu à luz um rapaz pequeno e engelhado ao qual deu o nome de Bíon.

Hécuba olhou para a pequena forma que se remexia, com um ligeiro franzir de testa.

— Há quanto tempo estás conosco, Helena? Ele é pequeno... nunca vi um bebê, nascido no tempo certo, que fosse tão pequeno. Não pesa mais do que uma galinha pronta a pôr no espeto.

— Eu também não — disse Cassandra — como tu já me tens dito muitas vezes. É provável sem dúvida que, com todos os problemas e a excitação (a agitação no festival, o tremor de terra), este pequeno tenha saído alguns dias

ou semanas antes do tempo. Mas que importância tem isso, se ele é forte e saudável?

Helena fez uma careta e murmurou:

— Ela quer apenas ter a certeza de que ele é mesmo filho do seu filho. Posso ser leviana, mas não tanto assim; soube que estava grávida com um filho de Páris antes de termos fugido da casa de Agamenon. Mas não sei como dizer-lhe o que ela quer realmente saber sem a chocar ainda mais.

Cassandra soltou um risinho, mas também não sabia o que dizer. Chegou a vez de Creúsa segurar a criança. Diplomaticamente comentou:

— Acho que vai ter os olhos do pai; os bebês que vão ter cabelo escuro têm os olhos de um azul mais esfumado do que os que vão ser louros.

Cassandra estava atônita; não esperava tal apoio da sua meia-irmã. Em criança, Creúsa sempre tivera um enorme talento para piorar as situações, bem como uma tendência para cair em crises de histeria quando se sentia ignorada.

Quem sabe se o casamento com Enéias estivesse a dar-lhe mais maturidade do que se esperava.

Ouviu-se o barulho de passos junto à porta e Cassandra, reconhecendo-o, foi abrir, dizendo:

— Irmão, tens outro filho.

— Tenho um filho — corrigiu Páris — e se profetizares algo de mau para ele,

Cassandra, eu vou transformar-te os ossos da cara de tal modo que as pessoas fugirão de ti como da Medusa.

— Não te atrevas a fazer-lhe ameaças!— gritou Helena. — A tua irmã é minha amiga.

Cassandra pegou na criança e beijou-a. Depois disse:

— Nenhuma profecia me foi dada para esta criança. Ele é forte e está bem; que destino será o seu quando for homem, não compete a mim dizer.

Depositou a criança nos braços de Páris; ele curvou-se por cima de Helena e Cassandra puxou o véu para o rosto.

— Vais embora, irmã? — perguntou Helena. — Tinha esperanças de que ficasses para tomar a refeição da noite conosco, já que Páris não vai ficar nos aposentos das mulheres.

— Não, tenho de ir ao mercado — disse Cassandra. — Não ouviste dizer? Perdemos todas as nossas serpentes no tremor de terra. As que não morreram, abandonaram-nos e esconderam-se bem fundo na terra; já não voltam. O Templo de Apolo não pode estar sem serpentes; tenho de substituí-las.

— Que estranho presságio! — disse Creúsa. — Que pensas que pode significar?

Relutantemente, ela não queria atemorizá-la, nem enfurecer Páris ou a mãe ao repetir o que eles não queriam escutar, Cassandra disse:

— Acho que os Deuses estão furiosos com a cidade. Este não foi o primeiro mau presságio que tivemos.

Páris riu-se.

— Não é necessário nenhum mau presságio para fazer com que as cobras fujam para as profundezas durante um tremor de terra; é simplesmente próprio da espécie. Vi bastante disso nas montanhas. Mas lamento a perda dos teus animais de estimação. — Deu umas palmadinhas leves no braço de Cassandra. — Vai lá ao mercado, irmã e escolhe-as com cuidado; talvez as tuas novas serpentes se mostrem mais fiéis.

— Que os Deuses o permitam! — disse Cassandra com fervor, saindo rapidamente da

sala.

Decidiu fazer uma breve paragem para ver Andrômaca antes de deixar o palácio.

— Cassandra! — saudou-a Andrômaca, encantada. — Não sabia que estavas aqui. Foste chamada para o parto?

— Sim — respondeu Cassandra, abraçando a amiga. — Helena teve um rapaz e estão ambos bem.

— Já sabia que a criança era um rapaz — disse Andrômaca. — A ama disseme, quando veio buscar as crianças. Mas — fez uma expressão maldosa, "Helena" e não Páris,

tem um rapaz? Que vergonha, Cassandra, insinuar sequer uma coisa dessas!

— Que vergonha, Andrômaca, pôr tal significado nas minhas palavras! — retorquiu Cassandra. — Quem é o teu pai? Sabes muito bem que eu vivi tempo suficiente com as Amazonas para pensar numa criança como pertencendo à sua mãe; especialmente quando acabei de vê-la nascer. Ora, se Páris tivesse estado ali deitado a parir...

As duas mulheres agarraram-se uma à outra, às gargalhadas.

— Isso é que eu gostava de ver — disse Andrômaca — e bem que ele o merecia!

Cassandra acalmou-se subitamente, trêmula. Diante de si via uma imagem de Páris, jazendo em convulsões de dor na enxerga da cabana que partilhara com Enone. Esta estava debruçada sobre ele, limpando-lhe o suor da fronte com um pano e junto a eles, no chão, jazia uma couraça dourada.

— Cassandra! — umas mãos agarraram-na pelos ombros, conduziram-na para um banco e enfiaram-lhe a cabeça entre os joelhos. — Sou uma idiota! Fazer-te estar aqui de pé quando tu, sem dúvida, não comes desde madrugada! Mantém a cabeça para baixo até te passar a fraqueza, que eu vou buscar qualquer coisa para comeres. — Andrômaca dirigiu-se à porta e chamou uma criada; depois encheu um copo com o vinho que estava na outra ponta do quarto.

— Bebe isto — ordenou ela — e come pelo menos uma peça de fruta seca. Estendeu-lhe uma bandeja e Cassandra pegou um punhado de passas, pôs uma na boca e forçou os maxilares a começar a mastigá-la. — Ao menos por uma vez, as crianças não comeram tudo o que se encontrava dentro do seu raio de visão.

— Visão. — Cassandra suspirou. — Quem me dera não a ter!

— Vão trazer pão e carne das cozinhas — disse Andrômaca. — Isso vai ajudar a dissipá-la. A minha mãe costumava comer carne quente e todo o pão que podia a seguir a uma visão importante. E decerto que as sacerdotisas não jejuariam antes dos serviços de ritual, se isso não ajudasse a Visão.

— Sem dúvida — concordou Cassandra. — E, à sua maneira, o nascimento é um

ritual.

— Isso é uma grande verdade — disse Andrômaca, sentidamente. —Helena teve dificuldades?

Cassandra abanou a cabeça.

— Tinha de ser assim, com ela. — Andrômaca fez uma careta. — Bem, mas suponho que se Afrodite vai continuar a fazê-la arranjar amantes, o mínimo que Ela pode fazer é conceder-lhe a arte de dar à luz crianças com facilidade. E por falar em crianças... Será que eu

vi mesmo Enone e o filho nas sementeiras da primavera?

— Viste sim, e eu também — respondeu Cassandra. — Veio para espreitar Páris. Receio bem que ela ainda o ame.

— Há de valer-lhe de muito — disse Andrômaca.

Uma criada entrou, trazendo comida da cozinha. Quando ela se retirou, Cassandra prosseguiu:

— Enone era minha amiga. Sinto remorsos por não conseguir deixar de gostar de Helena. E agora Páris nega até que tem um filho de Enone.

— Acho que toda a gente gosta de Helena — disse Andrômaca. — O próprio Príamo nunca é áspero para com ela, e ele é bastante entendido em estratagemas de mulheres e não é facilmente deslumbrado. Quanto a Páris... bem, o que é que esperavas? Se tivesses a Deusa do Amor no teu leito, irias deixá-la por uma sacerdotisa do Rio? E como iria a Deusa tratar-te se o fizesses?

Cassandra sentiu um arrepio.

— Não gosto dessa Deusa aquéia — disse. — Espero que Ela nunca se apodere de

mim.

Andrômaca ficou muito séria.

— Eu não desejaria tal coisa — disse. — Me entristeceria pensar que tu nunca irias saber o que é o amor.

— O que te leva a pensar que não sei? — perguntou Cassandra, curiosa. — Eu amo os meus irmãos, a minha mãe, as minhas serpentes, o meu Deus...

Andrômaca sorriu, um pouco tristemente.

— Eu tenho sorte — disse ela — o meu amor é pelo homem que me foi dado por marido e não consigo imaginar-me a amar outro. Pelas poucas conversas que tive com Helena, percebi que também era assim com ela antes de a Deusa a ter possuído; depois ela só conseguia pensar em Páris.

— Então, certamente, um amor assim é uma maldição e não uma dádiva — disse Cassandra — e eu rezo para que tal nunca me aconteça.

Andrômaca abraçou-a ternamente e disse:

— Tem cuidado com as orações que fazes, Cassandra. Eu desejei viajar para longe de Cálcis e ter um marido respeitado e célebre. E esse desejo trouxe-

me para aqui, para longe da minha mãe e dos meus Deuses; para uma cidade no fim do mundo nestes tempos obscuros.

Agarrou um pouco do sal que se encontrava à mão sobre o tabuleiro da carne e lançou-o pelos ares murmurando uma palavra que Cassandra não percebeu. Cassandra, cortando uma fatia da carne assada e pondo-a sobre um pedaço de pão, ergueu as sobrancelhas numa interrogação.

— Orei por ti — disse Andrômaca — para que as nossas preces sejam atendidas apenas do modo como as desejamos.

Cassandra abraçou a amiga e disse, num impulso:

— Não sei se os Deuses alguma vez respeitarão tais pedidos; mas estou grata.

Quando terminou a refeição da noite com Andrômaca e depois de ajudá-la a pôr Astíanax na cama, deixou o palácio. Percorria as tendas escuras do mercado noturno, quando se lembrou que tinha intenção de perguntar a Andrômaca o que poderia significar o fato de as serpentes terem abandonado o templo. Depois lhe ocorreu que Andrômaca não podia ver serpentes.

Resolveu perguntar a todas as sacerdotisas que encontrasse se elas sabiam de alguém conhecedor, homem ou mulher, um sacerdote ou sacerdotisa da Mãe Serpente ou da Píton, antes de comprar uma única cobra que fosse para a casa do Senhor do Sol. Algures, naquela enorme cidade de Tróia, tinha de existir alguém versado nesse saber.

ONZE

Desde o ataque nas sementeiras da primavera, Crises caíra numa depressão profunda; negligenciava as tarefas que lhe eram dadas no templo, passando a maior parte do seu tempo parado junto do alto parapeito que dominava o acampamento aqueu, lá em baixo.

— Por favor, vai dizer-lhe que venha para baixo — disse Cáris a Cassandra. — Ele simpatiza contigo; talvez o consigas convencer de que a vida não acabou.

— Não é simpatia o que ele sente por mim — retorquiu Cassandra; mas ela sentia compaixão por aquele homem perturbado e mais tarde, nesse dia, foi ter com Crises ao alto da muralha.

— A refeição da noite está pronta — disse ela — e estão à tua espera.

— Obrigado, Cassandra, mas não tenho fome — disse ele. Não tomara banho nem se barbeara desde o ataque; tinha um aspecto desmazelado e sujo, e cheirava a ervas estranhas. — Como posso eu comer e dormir descansado quando a minha filha foi roubada? Não consigo suportar a idéia de que a minha menina está lá em baixo, no meio daqueles soldados selvagens.

— Não conseguirás melhorar a sorte dela fazendo jejuns e descuidando a tua pessoa — fez notar Cassandra, em tom enfastiado. — Ou pensas que ver-te neste estado vai enternecer o coração dos Aqueus?

— Não, mas talvez enterneça o coração de algum Deus — disse ele, surpreendendo-a com a sinceridade da sua voz.

— Acreditas realmente nisso?

— Talvez não — disse ele, suspirando tão fortemente que o som parecia ter sido arrancado às profundezas do seu corpo. — Mas não tenho disposição para comer ou descansar sabendo-a ali...

— Decerto que ela não foi entregue aos soldados —disse Cassandra — ela será um troféu merecedor da estima de um dos chefes, talvez do próprio Agamenon.

— Achas que isso me serve de algum consolo?

A sua voz soava desesperada; Cassandra teria tentado confortá-lo, mas uma torrente de escuridão agitou-se diante dos seus olhos e, por momentos, ela deixou de saber onde se encontrava ou o que tinha estado a dizer.

— Para que guardei eu a sua virgindade com tanto cuidado durante todos estes anos só para trazê-la para aqui? Podia também tê-la vendido ao dono de um bordel.

Cassandra estava agora zangada.

— Não; vendeste-a a Apolo, Senhor do Sol, em troca de uma vida confortável para ti. Quanto à jovem, se a virgindade não reside na alma, é inútil vigiar o corpo. Se desejas a proteção ou a vingança de Apolo, não posso aconselhar-te. Só te posso dizer que não é provável que Ele intervenha quando tu te transformaste num inútil para todos nós. Se pretendes a Sua ajuda, ou a Sua compaixão, tens de servi-Lo bem; não podes regatear com um Deus.

Olhou por cima do parapeito para o espesso nevoeiro marítimo que encobria, ao fundo, os navios aqueus. Chegara a um ponto em que odiava olhar para o mar, por causa daquela escura orla de navios recortada na linha do oceano. Crises se voltou para ela com tal fúria que, por momentos, Cassandra pensou que ele ia bater-lhe; depois se conteve e afundou-se de novo e visivelmente na sua apatia.

— Tens razão — disse devagar. — Irei à refeição da noite; mas primeiro vou tomar um banho e devolver a mim próprio a aparência que convém a um sacerdote do Senhor do Sol.

Ela disse, suavemente:

— És sensato, meu irmão — e viu algo que preferia não ter visto, atear-se nos olhos dele; amaldiçoando-se pelo seu momentâneo impulso de simpatia, seguiu o seu caminho.

Na manhã seguinte, bem cedo, ouviu bater na sua porta. Foi atender e deparou com um dos jovens sacerdotes, utilizados como mensageiros no interior da casa do Senhor do Sol.

— És tu a filha de Príamo? — perguntou ele, respeitosamente. — A tua presença é requerida imediatamente na sala junto ao portão; é um homem que diz ser teu tio e precisa falar-te sem demora.

Cassandra embrulhou-se na capa, perguntando-se o que, ou quem poderia ser. Não conhecia nenhum dos irmãos do seu pai e estava certa de que Hécuba não tinha nenhum. Tarde demais, começou a indagar-se se não seria algum ardil e quando, no interior da sala, vislumbrou três homens com capas de argivos, recuou, pronta a chamar por socorro.

— Sou eu, Cassandra — disse uma voz familiar, e o homem puxou para trás o capuz que lhe encobria o rosto.

— Odisseu! — exclamou ela.

— Não fales tão alto, minha filha; vais fazer com que nos matem a todos! — implorou ele. — Tenho de ver o teu pai; e tal como as coisas estão agora, não podia desembarcar junto dos Aqueus, passar pelo meio deles e subir em direção às portas de Tróia para conferenciar; eles teriam me linchado. O meu navio está escondido numa enseada que descobri quando andava com os piratas; escapei-me para lá na noite passada a coberto do nevoeiro, e preciso falar com Príamo para ver se existe alguma forma honrosa de deter esta guerra. Pensei que talvez aqui, neste templo, se pudesse engendrar uma solução.

— Mas também não podem sair pela porta da frente e descer para o palácio — disse ela. — Tenho certeza de que há olhos e ouvidos aqueus no mercado e até mesmo aqui, na casa do Senhor do Sol: peregrinos, espiões disfarçados de peticionários. Serias imediatamente reconhecido. Deixa-me ver se consigo imaginar qualquer coisa primeiro. Estou certa de que, por ti,

o meu pai poria de lado o voto que fez de não conferenciar civilmente com nenhum argivo. Mas quem são os teus companheiros?

— Tira a tua capa, Aquiles — disse Odisseu, e o jovem a seu lado pôs o capuz para

trás.

Não era especialmente alto, mas tinha os ombros solidamente musculados de um lutador. Usava o cabelo comprido até aos ombros; não tinha ainda idade suficiente para este lhe ser cortado nos ritos de passagem à idade adulta; o cabelo era de um louro esbatido, quase prateado. O rosto tinha feições fortemente marcadas: ferozes, mas foram os olhos que atraíram pela segunda vez a atenção de Cassandra, uns olhos frios de ave predadora.

Ele disse para Odisseu:

— Prometeste trazer-me para esta guerra com os meus soldados; prometeste e agora falas em evitá-la; como se houvesse algo de honroso no evitar de uma guerra. Isso é conversa de mulher, não é conversa de homem, e eu já ouvi muito disso!

— Fica calado, Aquiles! — disse o outro rapaz, mais alto e de constituição mais frágil, com os músculos suaves e alongados de um corredor ou de um ginasta. Era um pouco mais velho do que Aquiles; tinha cerca de vinte anos. — Uma guerra significa mais do que honra e glória; e decerto que o que Odisseu fizer, seja o que for, é segundo a vontade dos Deuses. Se desejas guerra, descansa que nunca houve falta dela na vida de homem nenhum. Não precisamos correr para a destruição; mas é mesmo coisa tua, lançares-te numa guerra por simples prazer! — Sorriu para Cassandra e disse: — Foi assim que este velho pirata manhoso — voltou afetuosamente os olhos para Odisseu — o convenceu a vir aqui em primeiro lugar.

— Como te atreves a chamar-me manhoso, Pátroclo! — disse Odisseu num tom ofendido. — Hera, a Mãe da Sabedoria, guiou-me em cada passo que dei. Deixa-me contar-te isto, Cassandra.

— Com prazer — disse ela. — Mas vocês devem estar exaustos e com fome. Deixem-me pedir comida e, enquanto comemos, poderás contar-me.

Chamou as criadas, mandou trazer pão e azeite e vinho, e Odisseu contou a sua história.

— Quando Menelau nos convocou para que cumpríssemos o juramento de lutar por Helena — disse ele — eu previ esta guerra e outras também. Tétis procurou saber, através das profecias, o que iria acontecer ao seu filho e a profecia afirmou...

— Estou farto de profecias e lendas de mulheres velhas! — resmungou Aquiles. — São fantasias. Eu amo a minha mãe, mas ela não passa de uma idiota, como todas as mulheres, quando se trata de guerra.

— Aquiles, se parares de me interromper, talvez esta história chegue ao fim — disse Odisseu, molhando calmamente o pão no azeite. — Tétis, que é quase tão sabedora como a Mãe Terra, leu os sinais e soube que se o seu precioso filho combatesse nesta guerra poderia ser morto; o que não exige mais Visão do que para prever neve no monte Ida no Inverno. Porém, pensou em ajudá-lo a escapar à sua sina; vestiu-o com roupas de mulher e escondeu-o entre as muitas filhas do rei Licomedes de Ciro...

— E que linda donzela devia ser! — exclamou Pátroclo. — Com os ombros que tem! Gostaria de ter visto aquela querida com o cabelo encaracolado e preso com fitas...

Aquiles assentou um golpe fortíssimo entre as omoplatas do amigo, fazendo-o cair de joelhos, e rosnou:

— Bem, já riste o bastante, meu amigo; menciona isto de novo e podes ir rir para o

Hades! Nem mesmo tu podes falar assim de mim!

— Não briguem, rapazes! — disse Odisseu com invulgar brandura. — Basta uma piada de mau gosto para afastar amigos fiéis. Mas seja como for, também eu procurei sinais, e a minha Deusa disseme que o destino de

Aquiles era combater nesta guerra; mas pensei que talvez o fato de ter crescido entre mulheres o tivesse efeminado. Assim, arranjei uma série de presentes para as filhas do rei e comecei a espalhá-los todos: vestidos e sedas e fitas; mas no meio deles misturei uma espada e um escudo, e enquanto as outras jovens disputavam todas as coisas bonitas, Aquiles agarrou-se à espada; e então, claro, eu o trouxe.

Cassandra riu.

— Bravo, Odisseu! — disse ela. — Mas o teu teste não era completamente seguro; eu também usei armas; cavalguei com as Amazonas e se eu estivesse entre as filhas desse rei, teria feito exatamente o mesmo. Não é preciso ser herói para ficar completamente farto das intrigas dos aposentos de mulheres.

Aquiles riu, com desdém.

— Pentesileia disse uma vez — observou ela — que só aqueles que odeiam e temem a guerra são suficientemente sábios para combatê-las.

— Uma mulher — disse Aquiles com desprezo. — Que pode uma mulher saber de

guerra?

— Tanto como tu — começou Cassandra, mas Odisseu, parecendo muito cansado, interrompeu:

— Vais ajudar-nos, Cassandra?

— Com prazer — disse ela. — Deixem-me ir avisar o meu pai a fim de se preparar para se encontrar convosco esta noite.

— És boa moça — disse Odisseu, abraçando-a, e ela lançou os braços em volta do velho e beijou-lhe a face curtida. Depois, um pouco espantada com a sua própria ousadia, disse:

— Bem, disseste que eras meu tio, eles não vão estranhar.

Pátroclo disse, meio a rir:

— Eu também serei teu tio se me beijares assim, Cassandra.

Aquiles lançou-lhe um olhar mal-humorado e Cassandra corou. Disse:

— Odisseu é um velho amigo; conhece-me desde criança. Eu não beijo nenhum homem mais novo do que o meu pai.

Odisseu disse:

— Esquece isso, Pátroclo; ela fez o voto de ser uma virgem de Apolo. Eu conheço-te.

Quando vires Páris, o irmão dela, vais esquecê-la; são tão semelhantes como dois pardais num bosque.

— Um homem com a beleza dela? Gostava de ver isso — disse Pátroclo.

Aquiles disse, irritado:

— Oh, Páris é esse? O covarde bonitão?

— Covarde? Páris? — perguntou Cassandra.

— Vi-o ontem na muralha, quando Odisseu me pôs em terra com os meus soldados — disse ele — antes de me escapar, de noite, para ir juntar-me a Odisseu, no local onde o seu navio está escondido. E então disse: estes Troianos são covardes; ficam nas muralhas como as mulheres e disparam flechas para não terem de se colocar ao alcance das nossas espadas.

A única coisa em que Cassandra conseguiu pensar foi: *"O arco é a arma eleita de Apolo. "*

— Não deixa de ser uma arma de covardes — disse Aquiles, e ela pensou: *"É esta, simplesmente, a sua visão do mundo; tudo se define em termos de batalhas e honra. Talvez, se ele viver o suficiente, consiga, com a idade, ultrapassar isto. Mas os homens que vêem o mundo desta forma não vivem*

tempo suficiente para aprender que não é assim. É quase lamentável; mas talvez o mundo seja melhor sem esses homens. ”

As visitas de Cassandra esperavam que ela falasse. Ela sugeriu que se conservassem escondidos enquanto durasse a luz do dia; depois, pela calada da noite, disse ela, os guiaria até ao palácio e à presença de Príamo.

— Isto é contra os meus princípios — disse Aquiles — andar a esconder-me por aí, disfarçado. Ainda está para nascer o troiano que me meta medo; nem mesmo as hordas de filhos e soldados de Príamo. Sou capaz de lutar com eles todo o caminho daqui ao palácio e o de regresso.

— Menino maluco! — disse Pátroclo afetuosamente, batendo-lhe no ombro — ninguém duvida da tua coragem; mas para que hás de desgastar-te com isso quando podes esperar pela grande batalha e desafiar qualquer um (ou todos) dos chefes dos exércitos de Príamo? Tens muitas lutas à tua frente, Aquiles. Não estejas tão impaciente. — Sorriu e enfiou o seu braço no do amigo.

“Será possível ser este o maior dos guerreiros”, pensou Cassandra; *“uma criança orgulhosa da sua nova espada de brincar e da sua armadura reluzente? E será que a sobrevivência de Tróia e do nosso mundo está dependente desta criança demente?”*

Fechou a porta e deixou-os dentro da sala, advertindo-os para que permanecessem escondidos. O sol já ia alto e Cassandra pôs um xale por cima da cabeça antes de começar a descer a colina em direção ao palácio. Raras vezes procurara, deliberadamente, encontrar-se com o seu pai e podia contar pelos dedos de uma mão as vezes que estivera a sós com ele e sem estar a tomar parte numa reunião de família.

“Odisseu não ia acreditar”, pensou, *“mas a mim, que sou filha de Príamo, é mais difícil ter acesso à sua presença do que ao próprio Odisseu. ”* Finalmente dirigiu-se a um velho intendente que lhe disse que o seu pai estava a passar revista às armas distribuídas aos soldados, uma vez que os Aqueus tinham decidido não atacar nesse dia.

— Depois disso, princesa, ele irá banhar-se com os filhos mais velhos e, em seguida, provavelmente, tomará vinho nos seus aposentos; estou certo de que se fosses ter com ele, ele estaria disposto a falar contigo.

Passou as horas que faltavam no quarto de Creúsa, a brincar com o bebê. Creúsa avisou-a na hora em que os homens geralmente regressavam e ela dirigiu-se aos aposentos do pai, meio esperançada, e meio receosa, de encontrar ali a sua mãe. Seria difícil explicar a sua missão a Hécuba, a qual iria achar impróprio que uma mulher tivesse qualquer voz ativa naquela guerra. *"No entanto, se esta cidade cair nas mãos dos Aqueus ",* pensou Cassandra com desespero, *"ela irá sofrer tanto como qualquer outra pessoa e mais do que a maioria. "*

Nos aposentos de Príamo, encontrou o pai sozinho com o armeiro, que lhe mostrava algumas lanças novas; ele interrompeu-se para olhá-la com desagrado.

— Que fazes aqui, Cassandra? Se querias falar comigo, devias ter dito à tua mãe e eu iria ter contigo nos aposentos das mulheres.

Ela não se deu ao trabalho de protestar.

— Seja como for, pai, agora que aqui estou, vais ouvir-me? Aceitarias falar com Odisseu e acabar com esta guerra?

— Para conseguir isso, falaria com o próprio Agamenon — disse Príamo. — Mas não vi o navio de Odisseu entre os barcos dos Aqueus.

— Não; ele está escondido numa enseada secreta — disse Cassandra. — Odisseu está no Templo do Senhor do Sol e deseja falar contigo esta noite. Posso trazê-lo aqui, a ele e a Aquiles, à hora do jantar?

— O quê, Aquiles também!? Será que trazes Agamenon e Menelau escondidos debaixo das saias, prontos para cair sobre nós à traição?

— Não, pai; só Odisseu e Aquiles e o amigo dele; Odisseu pretende apresentar Aquiles aos chefes aqueus amanhã, mas queria conferenciar contigo primeiro devido à vossa velha amizade.

— É verdade; ele tem sido um bom amigo desde muitos anos — disse Príamo, pensativo. — Deixa-o vir, e Aquiles e o amigo dele também; ouvi dizer que ele não dá um passo sem o seu amigo.

— Direi, pai — prometeu Cassandra e, rapidamente, escapuliu antes que Príamo pudesse fazer mais perguntas ou mudar de idéias.

Não se preocupou em avisar a sua mãe ou qualquer outra das mulheres do palácio; havia sempre, à refeição principal, comida suficiente para uma dúzia de bocas extra, e a simples idéia de receber Aquiles assustaria as mulheres da corte.

Regressou à casa do Senhor do Sol bastante fatigada e teve apenas tempo para trocar de roupa: vestiu uma das suas túnicas mais requintadas e pôs o colar de faiança azul que Odisseu lhe dera, antes de se dirigir à sala onde deixara as suas visitas. Pátroclo sorriu-lhe amigavelmente; mas Aquiles caminhava, nervosamente de um lado para o outro, e Odisseu parecia perturbado e impaciente.

— Já te disse, Aquiles: não podemos, pura e simplesmente, atacar a casa de Príamo. Não conseguiríamos passar pela sua guarda. E mesmo que conseguíssemos entrar à força, já não seríamos recebidos cortesmente como embaixadores; e isso é crucial para a nossa missão. Confia em Cassandra; ela vai arranjar-nos uma saída.

— Eu não confio em mulher nenhuma — disse Aquiles, carrancudo. — Pelo que eu conheço, isto pode bem ser uma armadilha e ela ter avisado os guardas Troianos para nos apanhar.

— Estou a dizer-te que ela tem boa-vontade em relação a nós, e ela aqui está — disse Odisseu. — Como correu o teu dia, Cassandra?

— Bastante bem. — Foi direita ao assunto. — O meu pai vai receber-vos aos três, como convidados, à hora do jantar.

“E agora ”, pensou ela, *“o problema está em levá-los dali até ao salão de Príamo sem encontrar os espiões que, possivelmente, se encontrariam na cidade. ”*

— Terão todos de vestir capas de sacerdotes de Apolo, Senhor do Sol — disse ela. — Ninguém vai achar estranho, ou perguntar por que; ou se Príamo vos convocou.

Uma grande capa foi trazida para Odisseu; com ela vestida, parecia completamente diferente do que era. Aquiles resmungou um pouco por ter de enfiar o disfarce: *"como se eu tivesse medo de qualquer troiano, fosse ele um simples sacerdote ou Heitor em pessoa!"*

— Deuses das alturas! Será que este homem não pensa em mais nada? — perguntou Cassandra.

Odisseu disse:

— Basta, Aquiles! Quando te trouxe para esta missão, tu juraste pela tua linhagem que

me obedecerias em tudo, e agora eu ordeno que te disfarces. Cumpre a promessa!

Resmungando Aquiles enrolou a capa em volta do corpo e Pátroclo puxou-a para cima da cabeça.

— Te reconheceriam imediatamente pelo cabelo. Cobre-o, vamos — apressou-o ele, lançando a terceira capa em torno dos seus próprios ombros e puxando-a para cima, a encobrir o rosto. — Mas os sacerdotes do Senhor do Sol andam, realmente, assim cobertos por aí, com este tempo, princesa Cassandra? Vão pensar que estamos todos com dor de dentes!

Ela não pôde deixar de rir.

— Que importa o que eles pensem? Os sacerdotes fazem o que parece estar certo aos seus próprios olhos; podem pensar que vocês andam metidos em alguma intriga, mas não vão fazer perguntas e com certeza não exigirão que mostremos a cara. E isso é o que importa. Venham por aqui; sairemos por uma porta pouco utilizada, que é melhor para dar a idéia que três sacerdotes vão cumprir alguma missão que não querem que seja conhecida.

Aquiles continuava a resmungar entredentes, mas Cassandra não lhe deu atenção. Rapidamente, conduziu-os na descida, a coberto do crepúsculo que ia ficando cada vez mais escuro; o ano ia ainda muito no começo para que a luz não durasse até tarde.

Flamejavam archotes nos degraus de baixo do palácio e o enorme salão estava resplandecente de luz. Príamo estava sentado no seu trono; mas desceu alguns degraus e acolheu cerimoniosamente os três homens. À Cassandra, ignorou-a; ela deslizou para o seu lugar usual, ao lado de Hécuba, de onde podia ver e ouvir bem.

A mãe deu-lhe umas palmadinhas na mão.

— Não sabia que íamos ter-te aqui esta noite — sussurrou. — Esse é que é Aquiles? É bonito, para um aqueu; porém, como dizia a minha mãe, quem vê caras não vê corações. Ele é tão novo como aparenta, ou está apenas muito bem barbeado e parece um rapazinho?

— Não sei, mãe, mas diria que ele é muito jovem para os ritos de maturidade dos Aqueus; dezesseis anos talvez, no máximo dezessete.

— E este rapazinho bonito é o maior guerreiro deles?

— É o que dizem; nunca o vi lutar, mas disseram-me que ele fica possuído pelo Deus da Guerra quando luta — murmurou Cassandra.

Odisseu aproximou-se para beijar a mão de Hécuba, em sinal de respeito.

— Todas as tuas filhas estão mais belas do que nunca — comentou ele. —A adorável Helena não se senta hoje conosco à mesa?

— Ela ainda está na cama, devido ao parto — explicou Hécuba. — E não gosta muito de jantar com os homens.

— Ah, isso é uma perda para todos nós! — disse Odisseu. — Mas se ela deseja manter o costume do seu povo, suponho que temos de lhe conceder esse direito. Teve então um rapaz?

— Oh, sim! Um esplêndido rapaz; não é grande, mas é forte e saudável; é o orgulho de qualquer avó — disse Hécuba, derretida.

Odisseu sorriu e disse:

— Se eu tivesse sabido, teria trazido um presente para o pequenino. Mas talvez o assunto que vamos tratar esta noite, se tudo correr como desejamos, seja um presente melhor para todos os nossos filhos do que qualquer colar de contas.

Fez uma vênia e retomou o seu lugar no momento em que as criadas começavam a circular com o vinho e as bandejas de comida.

Ditava a tradição que em primeiro lugar a fome de um convidado deveria ser satisfeita. Somente depois do cabrito e as aves assadas no espeto, o peixe grelhado, as enormes rodelas de pão e os frutos com mel serem retirados e quando os anfitriões e convidados se entretinham já com as nozes e o vinho, Príamo se voltou intencionalmente para Odisseu e disse:

— É sempre um prazer para mim ter-te como convidado à minha mesa; mas sei que hoje não vieste aqui para partilhar da minha comida. Que outro propósito te traz cá a ti e aos teus amigos do território argivo e das ilhas?

Aquiles comera vorazmente, mas estava inquieto; levantara-se quando terminara e vagueava pelo salão, examinando algumas armas antigas penduradas nas paredes. Pareceu particularmente intrigado por um enorme machado de duas lâminas, cujo cabo tinha o dobro do tamanho de um homem alto. Ele parecia ansioso por tirá-lo para baixo e experimentá-lo.

— É um machado verdadeiro, para ser usado em batalhas ou uma reminiscência dos Titãs, rei Príamo?

Cassandra, em criança, tinha ouvido contar histórias fantásticas do combate dos Titãs, no qual armas como aquela haviam sido usadas; sempre se interrogara sobre se seriam verdadeiras, mas nunca ousara perguntar. Supunha que era preciso alguém como Aquiles para fazer essa pergunta a seu pai e obter uma resposta.

— Não sei — disse ele. — Pelo tamanho, pode bem ser uma relíquia da guerra contra os Titãs, mas não posso afirmar que seja ou não.

— Não é uma arma, pelo menos para batalhas entre mortais ou mesmo entre Titãs — disse Hécuba com firmeza. — É um objeto de ritual da Casa do Machado Duplo das terras minóicas, trazido para aqui depois do grande templo ter caído no mar. Existem machados desses que não são mais compridos do que o meu dedo mindinho; mas há muitos desse tamanho e até, segundo me disseram, maiores. Ninguém sabe qual a sua verdadeira finalidade, nem mesmo em Cnosso; mas disseram-me uma vez que os sacerdotes os usavam para os sacrifícios, quando era preciso cortar a cabeça a um touro de um só golpe.

Aquiles olhou, com ar avaliador, para o comprimento do enorme machado, como que a tentar decidir se seria possível erguê-lo dessa forma, já que a haste tinha mais do dobro da sua altura.

— Esse templo devia ter uns sacerdotes excepcionalmente grandes — disse ele — se não eram titãs, então eram ciclópicos. Acho que nem mesmo o vosso Heitor conseguiria decapitar um sacrificado, homem ou touro, com um machado assim.

Heitor desceu do seu lugar e juntou-se a Aquiles, olhando para a arma.

— Sempre tive vontade de experimentar, para ver se era capaz de fazer o que disseste — disse ele — mas quando era criança foi me dito que seria um sacrilégio manejá-lo. Agora sou um homem e se existe algum Deus que possa ofender-se, não o conheço; estou tentado a experimentar a minha força com ele. — Olhou para Príamo, pedindo permissão. — Podemos, pai?

— Não vejo mal algum nisso — disse o rei. — Nenhum Deus o proibiu; se ele é sagrado para algum Deus, esse jaz no seu templo submerso, a cem braças de profundidade no oceano; e mesmo que ele se ofenda, duvido que possa, ou vá, castigar-nos agora. Façam o que quiserem.

Hécuba abriu a boca de indignação.

— Isto é sacrilégio; a lâmina é sagrada para a Mãe Terra! — disse ela, mas não suficientemente alto para que Príamo ou Heitor a ouvissem.

Heitor arrastou um banco para junto do grande machado; precisou de três tentativas até conseguir retirá-lo dos seus ganchos. Agarrou-o fortemente pelo meio do longo cabo e saltou do banco, segurando-o com ambas as mãos e volteando-o acima da cabeça, no vazio.

Aquiles saltou para diante, mas Heitor gritou:

— Para trás! Sai do caminho! — A lâmina rodava em volta da sua cabeça, cada vez mais depressa; berrou: — Traz o teu touro para o sacrifício! — e depois deixou-o baixar lentamente até ao chão.

— É a minha vez — gritou Aquiles.

— Não sejas tolo — disse Heitor rispidamente. — Tenho a certeza de que és forte, rapaz, mas vais sofrer uma ruptura ou rebentar os tendões só de tentares levantá-lo; tu és nosso convidado e eu não quero ver-te machucado.

— Como te atreves a chamar-me *"rapaz"* nesse tom, troiano? Aposto o que quiseres em como sou mais forte do que tu e em como o que tu consegues levantar eu também consigo — gritou Aquiles, agarrando o cabo do machado; mas se Heitor tivera de descê-lo de cima da cabeça, Aquiles tinha de erguê-lo a partir do chão.

Pátroclo aproximou-se e repreendeu-o em voz baixa, mas Aquiles afastou-o irritado. As suas mãos eram grandes em relação à sua envergadura; ele fechou-as em volta do cabo e apertou com força, puxando para cima. Gemeu, as veias sobressaindo-lhe na testa; parou, cuspiu nas mãos para conseguir uma melhor pega e deu um novo impulso para cima. Lentamente, o machado subiu até ele o segurar em equilíbrio, com os braços estendidos, por cima da cabeça; então começou a volteá-lo no ar até ele descrever grandes e enérgicos círculos, produzindo um zunido. Um aplauso explodiu na mesa superior; todos os filhos de Príamo se lhe juntaram e Heitor, generosamente, conduziu o aplauso.

— Que Deus te presenteou com uma força assim? — perguntou Heitor, e, sem esperar resposta, disse: — Não duvido que és mais forte do que eu! Gostaria de te defrontar um dia, numa competição amigável de luta; preferiria ser teu amigo do que teu inimigo, aqueu.

O lábio de Aquiles arqueou-se num esgar, mas Odisseu interrompeu e disse:

— Foi por isso que eu trouxe aqui estes dois jovens lutadores esta noite, Príamo. Se Aquiles não participar neste combate, então tu poderás fazer as pazes com os Aqueus. Assim o disseram os oráculos.

— Também eu preferiria ter-te como amigo do que como inimigo — disse Príamo. — Teremos, então, que lutar? Vou fazer-te uma oferta: poderás casar com qualquer das minhas filhas, a que escolheres, e serás herdeiro desta cidade em pé de igualdade com Heitor; quando eu morrer, o povo escolherá livremente o seu rei, entre ti e Heitor. Vamos, estarás disposto a evitar esta guerra terrível para seres meu filho e herdeiro? Porque se não te juntares a eles, os Aqueus irão para a sua terra.

— Mesmo Agamenon? Mesmo Menelau? — perguntou Hécuba.

— Menelau sabe que Helena não o quer — disse Páris tranquilamente. — Ele obedecerá ao Destino e a Afrodite, se souber que esse é o desejo da Deusa do Amor.

— E Agamenon tem tido maus presságios — disse Odisseu. — Lutará se os Deuses assim o desejarem, mas em Áulide, onde a sua frota se encontrava imobilizada pela calmaria, foi convencido a oferecer a sua filha mais velha em sacrifício aos ventos. Era a sua favorita; ele sente que o preço foi muito alto e a mulher dele nunca lhe perdoou. Penso que ficará satisfeito em desistir desta guerra, se puder fazê-lo mantendo as aparências. Esta profecia sobre Aquiles lhe daria uma desculpa perfeita e nós poderiamos ter paz. E Aquiles reinaria em

Tróia com Heitor, em lugar de serem ambos mortos na batalha.

— Eu não tenho medo de ser morto na batalha! — disse Aquiles irritado. — Mas talvez me celebrize conseguindo ser rei de Tróia. Quanto às tuas filhas,

rei Príamo... — Calou-se e buscou Cassandra com o olhar: — Que dizes àquela?

Cassandra abriu a boca para protestar; mas Príamo disse:

— Aquela não me pertence, para podê-la oferecer em casamento; ela é uma virgem prometida a Apolo e o Senhor do Sol reclamou-a; queres rivalizar com Apolo?

— De modo algum! — disse Aquiles com um estremecimento de respeito.

Olhou de novo para o banco onde as mulheres estavam sentadas em fila e avançou para elas; curvou-se diante de Andrômaca.

— Esta é, sem dúvida, a mais bela.

Heitor interveio com um grito.

— Não! Ela é minha mulher e a mãe do meu filho!

A boca de Aquiles encolheu-se naquele seu esgar peculiar, que lhe fazia desaparecer os lábios.

— Me baterei contigo por ela — propôs.

Heitor disse:

— De modo nenhum. Ela é filha da rainha de Cálcis.

— Vamos, vamos — disse Odisseu pouco à vontade. — Esta guerra começou por causa de uma esposa roubada; não podemos prolongá-la com o roubo de outra. Aquiles, escolhe uma das filhas virgens de Príamo, uma que esteja livre para casar. Políxena, que é tão bela como a rainha espartana...

— A oferta não é justa — disse Aquiles desdenhosamente. — Eu escolhi não apenas uma, mas duas vezes, e disseram-me que não podia ter nenhuma das que eu queria. Heitor, porque não te bates comigo, numa luta leal, pela tua mulher?

Heitor soltou um risinho e disse:

— Me baterei contigo por qualquer coisa razoável, quando quiseres, mas não usarei a minha mulher para nenhum negócio, seja ele qual for; ela não merece isso de mim.

— São estas as belas ofertas de Príamo — disse Aquiles com um grunhido de raiva. — Esqueçam isso, então; enfrentar-vos-ei no campo de batalha e, quando tiver tomado a cidade, ficarei com a tua mulher.

Heitor deu um passo em frente, numa atitude ameaçadora.

— Só por cima do meu cadáver!

— Mas claro, era essa a idéia! — disse Aquiles. — E estou certo de que ela preferiria

ter a mim do que a ti.

Andrômaca inclinou-se para a frente e murmurou algo a Heitor, que sorriu e lhe afagou ternamente o ombro, dizendo:

— Se esse dia chegar, Aquiles, não o poderei impedir. Mas essa batalha vai tardar muito tempo.

— Está decretado pelos Deuses — disse Aquiles — que, se eu entrar nesta guerra, Tróia se renderá.

Príamo disse:

— Recusas-me então, Aquiles?

Aquiles rosnou:

— Recuso; prefiro ser teu inimigo a ser teu aliado, velhote; eu próprio conquistarei esta cidade e governá-la-ei sem a tua ajuda, ou a de Heitor; e com uma, duas ou três das tuas filhas se assim o decidir.

— A minha irmã Cassandra é profetisa — disse Heitor — e eu aposto que ela é capaz de fazer uma profecia melhor do que qualquer das vossas. — Voltou-se para Cassandra e perguntou: — Em nome de Apolo, irmã, este galo de briga vai conquistar a cidade?

Cassandra sentiu-se vivamente irritada com Heitor, por ele fazer com que todos os olhares se voltassem para ela. Disse:

— Assim dizem os Deuses: Aquiles alcançará a fama diante de Tróia, mas ele que tome cuidado. Aquiles, quando saíres de Tróia, esta noite, não mais voltarás a entrar nela, nem nela reinarás.

Agora, toda a falsa cortesia desaparecera do rosto feroz de Aquiles.

— Oh, nós também temos profetisas — disse, raivoso. — A troco da menor moeda, dão-nos uma dúzia de profecias: maldição ou triunfo, conforme quisermos; a minha mãe é uma profetisa tão boa como qualquer outra, e eu mais depressa escutarei a sua profecia do que a de uma mulher troiana de Apolo. — Sacou a espada da bainha e berrou: — Se quiseres, Heitor, aqui mesmo e agora, tirar-te-ei o trono de Tróia; para que perder tempo com a guerra?

Pátroclo prendeu-lhe os braços e lutou para conseguir segurá-los atrás das costas.

— Um anfitrião é sagrado! — admoestou ele.

E Heitor avançou em grandes passadas, dizendo:

— Lutaria com ele aqui e agora, se ele o desejasse; mas ele é convidado do meu pai.

Príamo rosnou:

— Leva-o daqui para fora, Odisseu; recebi-o porque tu o pediste.

Odisseu aproximou-se para abraçar Príamo e disse:

— Perdoa-me, velho amigo, por ter trazido este louco para o teu salão. Lamento-o de todo o coração.

Hécuba disse, cortesmente:

— Fizeste o que era melhor para todos nós, Odisseu. Com guerra ou sem guerra, és sempre bem-vindo aqui, como nosso convidado. Acredito que virá um dia em que poderás voltar aqui novamente; e sem ser em segredo.

Ele fez uma vênia levando a mão dela aos lábios.

— Rainha Hécuba — disse ele —, que Hera, senhora minha, possa ser testemunha de que só te desejo o bem; e se chegar o dia em que eu possa fazer algo por ti, só Lhe peço que Ela me demonstre como devo fazê-lo.

— Permitam os Deuses que assim seja — disse Hécuba sorrindo bondosamente para ele.

Cassandra sentiu um frêmito; teve vontade de gritar com a sua mãe, mas a oportunidade passou. Odisseu pôs a sua capa; Aquiles e Pátroclo saíam já da sala, com Heitor de olhos fixos neles. Cassandra ficou de pé, tremendo, pois lhe parecia que a luz dos archotes ficara da cor do sangue e o sangue rodeava os louros cabelos de Aquiles como um halo.

Príamo fez sinal a Cassandra logo que os aqueus saíram do salão.

— Recebi estes hóspedes — disse ele num tom irritado e reprovador — porque tu me pediste. Agora não és uma Amazona, nunca mais te atrevas a falar comigo sobre estes assuntos.

Cassandra baixou a cabeça. Teve a impressão de que um cheiro de sangue e carne em decomposição brotava do seu pai, e que ele e ela estavam mergulhados em sangue até o tornozelo. Como era possível que ele não visse nem cheirasse o sangue? Além disso, ordenara-lhe que nunca mais falasse com ele sobre a guerra. *"Nunca. Não enquanto eu viver. Ou depois."*

DOZE

Durante os vários dias que se seguiram, Cassandra observou, das alturas do templo, a chegada dos soldados de Aquiles, tinham a alcunha de Mirmídones (formigas) e daquela altura pareciam de fato tão numerosos e feios como insetos infestando a praia. Até àquele momento, no entanto, não tinham feito qualquer tentativa para atacar a cidade, e marchavam para a frente e para trás sobre a planície, corriam, treinavam e faziam exercícios militares.

Aquiles era claramente visível entre eles, destacando-se não apenas devido à cor viva da sua capa, mas também pelo seu cabelo dourado-prateado e pela postura correta do seu corpo.

Alguns dias mais tarde, desceu para visitar a sua mãe; estava preocupada com os sulcos da idade que se tornavam mais profundos no rosto de Hécuba. À medida que se aproximava dos aposentos da rainha, ficou chocada ao ouvir os sons de uma disputa; não conseguia entender as palavras, apenas ouvia o som de vozes de mulher elevando-se zangadas. Quando entrou na sala principal ao pé do grande tear, ouviu o som de um estalo sonante, um grito abafado e depois a voz de Hécuba, gritando, *"Nunca! "*

— Então — disse uma voz jovem — irei sem a tua permissão, senhora, e sem a tua

bênção.

As vozes das mulheres silenciaram quando reconheceram Cassandra e recuaram para lhe dar passagem. Parecia que todas as mulheres do palácio se tinham juntado ali, rodeando Hécuba (vestida com uma velha túnica, o cabelo caindo em caracóis cinzentos e desgrenhados do coque habitual) e uma das suas costureiras, uma jovem de quem Cassandra não sabia o nome, se bem que tivesse admirado muitas vezes a perfeição do seu trabalho.

— Aqui está a princesa! Ela é uma sacerdotisa, saberá o que lhe dizer.

Cassandra juntou-se ao círculo das mulheres que tinham ficado subitamente silenciosas, tirando um ou outro murmúrio.

— Que se passa, mãe? — perguntou ela. — Que está a acontecer?

A jovem mulher, com a face vermelha da bofetada, falou com dignidade. Era elegante e bonita, com cabelos castanhos e macios, os quais se encontrava a pentear quando fora interrompida e que por isso caíam meio encaracolados até à cintura. Os seus grandes olhos escuros eram sombreados por longas pestanas.

— O Deus falou-me — disse ela — e eu escolhi o meu senhor.

— Esta menina idiota! — disse Hécuba — esta criança estúpida, meteu na cabeça... Oh! Quase que tenho vergonha de te dizer! Como pode uma mulher descer tanto, degradar-se tanto; ela não é nenhuma criada ou escrava, é bem-nascida. É uma das minhas melhores bordadeiras e eu tenho-a tratado como se fosse minha filha aqui no palácio. Nunca lhe faltou nada...

— Bem, diz-me, que fez ela? — perguntou Cassandra. — Abriu os portões para que os Aqueus invadissem a cidade?

— Não, ainda não chegou aí — admitiu Hécuba.

— É louca! — disse Creúsa. — Há alguns dias, na festa, pôs os olhos em Aquiles e desde aí não tem falado noutra coisa: em como ele é forte, quão hábil com as armas, quão belo (se é que um homem pode ser belo) e agora meteu-lhe na cabeça a idéia de ir lá embaixo e oferecer-se...

— Aos Aqueus? — perguntou Cassandra consternada.

— Não — disse a jovem suavemente, os olhos brilhando — ao meu senhor Aquiles.

— Nem mesmo o rei Príamo te enviaria a ele como escrava — disse Cassandra.

— Nunca seria escravidão, porque eu o amo — disse a jovem. — Desde que o vi pela primeira vez, sei que nunca poderá haver outro homem para mim neste mundo.

— A minha mãe tem razão; perdeste o juízo — disse Cassandra. — Ainda não percebeste que ele é um animal, um bruto? Ele não pensa em mais nada senão na guerra, não tem prazer em mais nada senão em matar; certamente na sua vida não há lugar para uma mulher nem para o amor de uma mulher. Se ele ama alguém, é o seu camarada de armas Pátroclo.

— Te enganas — disse a mulher — ele me amará.

— E se amasse seria ainda pior para ti — disse Cassandra. — Digo-te que o homem é louco, tem o espírito doente com a sua ânsia de morte.

— Não, eu vi como ele me olhou — disse a jovem mulher. — Como podes dizer tal coisa? É o mais belo homem que os Deuses já fizeram; uma tal beleza terá de ser bondosa, também. Aqueles olhos...

Com um estremecimento Cassandra recordou a mulher na aldeia dos Centauros, com uma corda atravessada nos tornozelos, defendendo a sua mutilação como um ato de amor. Era praticamente inútil falar com qualquer mulher naquele estado.

E, no entanto, tinha de tentar, que mais não fosse por ambas serem mulheres e, portanto, irmãs.

— Tu... como te chamas? — começou.

— Briseide — disse Hécuba. — Ela é trácia.

— Briseide, ouve-me — disse Cassandra. — Não consegues ver ao menos que te estás a iludir? Isto é apenas um capricho louco metido na tua cabeça por algum demônio, não por um Deus. Inventaste o homem dos teus sonhos e chamaste-o pelo nome de Aquiles. Acreditas realmente que se nos deixares e fores lá para baixo para o meio dos Aqueus, significarás mais para ele do que qualquer prostituta ou escrava?

— Não é possível que eu o ame tanto sem inspirar algum amor! — disse Briseide.

Creúsa foi até ela e abanou-a.

— Escuta-nos, minha doida! Esse tipo de amor é um disparate de uma fantasia adolescente! Se estás simplesmente sedenta de um homem, eu falo com o meu pai e ele arranja-te casamento; há aqui soldados e comandantes de todo o mundo, e o teu pai é um homem respeitado no seu país. O meu pai encontrar-te-á um marido digno.

— Mas eu não quero um marido digno! — disse Briseide. — Eu só quero Aquiles; amo-o. Tu tens ciúmes porque o amor não chegou assim para ti! Se chegasse, saberias que não há nada que eu possa fazer. Para mim não há nada no mundo a não ser Aquiles; não consigo comer ou dormir de tanto pensar nele... nos seus olhos, nas suas mãos...

O próprio som da sua voz quando ela pronunciava o nome, convenceu Cassandra de que era o mesmo que falar para as paredes.

— Deixem-na em paz — disse ela desesperada. — Esta é uma febre como a que Páris teve por Helena, uma maldição da sua Deusa do Amor. Ela recuperará a consciência rapidamente depois de tê-lo tido, mas então será muito tarde.

— Se eu puder tê-lo, não me interessa o que irá acontecer depois — disse Briseide, e Hécuba secou as lágrimas que lhe molhavam os olhos.

— Pobre criança! — disse ela — não te posso impedir. Vai, se queres, e sofre as conseqüências da tua loucura. Vou chamar Príamo e serás levada para baixo numa liteira com uma mensagem dizendo que és um presente para Aquiles; e se ele se dignar aceitar-te, e não te lançar aos soldados vulgares para mostrar o seu desprezo pelos nossos presentes...

A jovem ficou pálida por instantes, mas depois disse:

— Quando ele vir como eu o amo, terá de retribuir o meu amor.

“E se ele retribuir, ficarás pior que antes ”, pensou Cassandra, mas não pronunciou aquelas palavras.

Observou as mulheres a vestirem e adornarem Briseide; Hécuba até lhe pôs um colar de ouro no pescoço. Quando ficou pronta, Cassandra quase a invejou; ela parecia tão feliz.

“As mulheres sonham com este tipo de amor. E depois vem a corda atravessando os tornozelos, a escravidão, a degradação. Eu devia estar no lugar dela”, pensou Cassandra. “*Aquiles pediu a mim e certamente que me receberia de forma adequada à minha condição. E então, enquanto ele dormisse, um punhal na garganta e quem sabe um fim para esta guerra... o grande Aquiles conquistado, não por um herói, mas por uma mulher, pela sua própria paixão, quando todos os guerreiros de Tróia não conseguiram a sua morte. Irá aquela mulher de encontro à minha sina, ao meu destino? Não; os Deuses poderão por vezes dar-nos o que é pertence de outro, como Páris possui a mulher de Menelau; mas o destino alheio, ninguém pode viver, Confio que assim seja, acredito nisso; pois se não for verdade, nunca saberei como suportar a minha culpa. ”*

Alguns dias mais tarde Cassandra desceu outra vez ao palácio de Príamo e encontrou

Helena no pátio, olhando para o acampamento aqueu. O seu filho Bíon já corria por todo o lado e Cassandra, contando, percebeu que Helena já estava com eles havia praticamente dois anos. Era difícil lembrar-se dos alojamentos das mulheres sem a sua presença, ou de que tinha existido um tempo em que não houvera guerra.

“Há três anos atrás eu cavalgava com as Amazonas”, pensou, e desejou estar de novo nas planícies, livre dos muros do palácio e da cidade.

“Deixaria eu a casa do Senhor do Sol? Ele esqueceu-me; já não me fala ” pensou Cassandra; *“não sou mais que qualquer outra mulher. Mas é um Deus que eu amo, não um homem... Suponho que é melhor amar um Deus do que um homem como Páris ou Aquiles... ”*

Pensou em Briseide e procurou a tenda de Aquiles lá no fundo; ao pé dela conseguia ver us enfeites brilhantemente coloridos da liteira em que Hécuba tinha enviado para baixo a rapariga. E agora, de pé junto da entrada da tenda, conseguia distinguir o corpo aprumado e elegante do guerreiro; e junto dele a figura mais arredondada e pequena de uma mulher, vistosamente trajada. Briseide? Então pelo menos ele não desprezara o presente, nem a entregara aos soldados comuns. Cassandra perguntou-se se ela estaria feliz e satisfeita.

— Pelo menos ela tem aquilo que mais queria — disse Helena, encaminhando-se para o muro e apontando a jovem lá em baixo, envolta nos seus véus tingidos de açafrão. — Há, portanto, pelo menos uma mulher em Tróia que tem aquilo que mais desejava.

— Outra além de ti, Helena?

— Não sei — disse Helena. — Eu amo Páris... Pelo menos sob a bênção da Senhora do Amor, amei-o, mas quando Ela não está comigo... não sei.

"Então também ela só ama por vontade de um Deus... Por que será que os Deuses interferem nas nossas vidas? Não terão o suficiente para fazer nos seus reinos divinos, para terem de vir intrometer-se nas vidas dos homens e mulheres mortais?" Mas perguntou apenas:

— Pensas que hoje haverá algum ataque?

— Espero que sim; os homens estão a ficar aborrecidos, encerrados dentro das muralhas — disse Helena. — Se os Aqueus não nos atacarem dentro de um ou dois dias, os nossos homens sairão e atacarão os Aqueus, só para terem alguma coisa com que ocupar o tempo... Que é, Cassandra, que se passa contigo? Empalideceste.

— Ocorreu-me — disse Cassandra, falando com dificuldade — que se esta guerra se prolongar por muito tempo, nenhum filho de Tróia sobreviverá para se tornar um guerreiro.

— Bem, eu preferia que qualquer um dos meus filhos fosse outra coisa que não guerreiro — disse Helena. — Como Odisseu, talvez, para que

pudessem viver em paz no seu país natal e serem juízes sensatos para o seu povo... Se tivesses um filho, Cassandra, que desejarias para ele?

Nisso ela nunca tinha pensado.

— Qualquer coisa — disse ela. — O que quer que fizesse dele um homem feliz. Um guerreiro, um rei, um sacerdote, um lavrador ou pastor... qualquer coisa, exceto escravo dos Aqueus.

Helena virou-se para o seu filho e estendeu-lhe os braços; ele veio a correr ter com ela. Disse como que refletindo:

— Antes de este ter nascido, ainda estava em meu poder (e pensei nisso muitas vezes) pôr fim a esta guerra. Escapar discretamente e ir até ao acampamento ter com Menelau; penso que então ele teria concordado em ir para casa e quando não restasse mais nada por que lutar (ou pelo menos mais nenhum pretexto para lutar) os Aqueus tinham de dar meia-volta e regressar às nossas ilhas. Mas agora — teve um pequeno estremecimento — ele não me receberia de volta; não com o filho de outro homem nos braços.

Cassandra disse calmamente:

— Deixa-o aqui, em Tróia, então; o seu pai cuidará dele, e eu também, se é isso que verdadeiramente queres.

Depois de tê-lo dito, percebeu que Helena era praticamente a única pessoa em Tróia com quem ela podia falar presentemente; a sua mãe já não a entendia, nem tão-pouco as suas irmãs. Sentiria a falta de Helena, se ela voltasse para as terras de Esparta.

Helena franziu o sobrolho. Disse:

— Porque hei de desistir do meu próprio filho, só porque Menelau é um idiota? — Depois de alguns instantes acrescentou: — Para dizer a verdade, Cassandra... a não ser que se esteja sob o feitiço de Afrodite, não há muita diferença entre um homem e outro, mas as crianças não se põem de lado com a mesma facilidade. Eu não sou responsável por esta guerra; e penso

que Agamenon teria entrado em guerra mais cedo ou mais tarde, independentemente do que eu fizesse ou não fizesse. — Suspirou e deixou a mão descansar sobre o ombro de Cassandra. — Minha irmã, não sou tão corajosa como me julgo; eu podia reunir coragem para voltar para Menelau, mesmo para deixar Páris; mas não consigo obrigar-me a deixar o meu filho. — Agarrou a criança que estava encostada ao seu joelho e apertou-a contra o coração.

— Deixar a tua criança? E por que havias, afinal, de fazer isso? — perguntou Andrômaca, que se aproximava do muro com Creúsa mesmo a tempo de ouvir as últimas palavras. — Nenhuma mulher conseguiria convencer-se a deixar uma criança por si gerada...

ou se conseguisse, não seria melhor que uma puta.

— Fico satisfeita por te ouvir dizê-lo — disse Helena. — Estava a tentar dizer a mim própria que era meu dever voltar para Menelau...

— Nem penses em tal coisa — disse Andrômaca, abraçando Helena. — Tu agora és nossa e não te deixaríamos partir nem por todos os aqueus que ali estão em baixo; nem que Páris e Príamo e todos os homens quisessem que tu partisses; e eles não querem. Os Deuses enviaram-te a nós e nós ficaremos contigo... não é, Creúsa? — acrescentou ela, falando com a outra mulher que assentiu e soltou uma gargalhada.

— A Deusa abençoou-te e nós não te deixaremos partir.

Helena sorriu levemente.

— Isso é bom de ouvir. Durante toda a minha vida os homens têm sido bons para mim, mas as mulheres nunca; é bom ter amigas entre vós.

— És muito bela para que as mulheres gostem muito de ti — disse Andrômaca — mas cá estás já há dois anos e, ao contrário de muitas mulheres belas, não fizeste qualquer tentativa de seduzir os nossos maridos.

— Por que havia eu de fazer tal coisa? Já tenho um marido a mais do que preciso; que poderia eu querer dos vossos? — perguntou Helena, rindo. —

Eu não tenho grande amor por Tróia; a verdade é que de boa vontade iria conhecer mais mundo, mas as mulheres não podem viajar.

Sempre que Cassandra ouvia alguém dizer algo como *"As mulheres não podem... "* sentia-se desejosa de fazer exatamente aquilo que era mencionado.

— Mas eu estou prestes a viajar por vontade do meu Deus — disse — e se quisesses vir comigo, Helena, gostaria muito de desfrutar da tua companhia.

— E eu da tua; mas, mais uma vez, não posso deixar uma criança tão pequena — disse Helena. — Aonde vais, e por que?

— Vou a Cálcis; vou procurar a rainha Imandra e indagar sobre a arte das serpentes — disse Cassandra. — Há uma lua as nossas serpentes morreram ou fugiram de nós; não quero substituí-las até ter a certeza de que nada do que eu fiz (ou não fiz e deveria ter feito) foi responsável por isso.

Contou a história e Andrômaca ficou com um ar triste.

— Leva saudações minhas a minha mãe; e diz-lhe que estou bem casada e que tenho um filho de Heitor.

— Por que não vens e não lhe levas tu própria as saudações? O teu filho é suficientemente crescido para ficar com Hécuba e com o pai.

— Quem me dera poder — disse Andrômaca. — Se me tivesses dito isso há um mês... mas estou outra vez grávida. Talvez desta seja uma filha que possa vir a ser uma guerreira de Tróia.

— Uma guerreira?

— Por que não? Tu és uma guerreira, Cassandra, e a tua mãe foi antes de ti.

— Não ouviste o que Páris disse da última vez que eu quis levar o meu arco para as muralhas? — perguntou-lhe Cassandra, desgostosa. — Eu podia disparar neste momento e matar Aquiles; e acabar com esta guerra sem mandar Helena para longe de nós. Mas isso não agradaria aos homens; eles não querem acabar com esta guerra.

— Não — disse Andrômaca — eles querem vencê-la; Heitor reservou Aquiles para si próprio e nunca concordará com outra forma de pôr fim à luta. Poderás dizer-me quando isso irá acontecer e por quanto tempo mais teremos de lutar?

Cassandra sorriu maliciosamente.

— Heitor proibiu-me de profetizar desgraças — disse ela — e, acredita-me, não tenho mais nada para dizer.

— Talvez até seja bom que tu partas para Cálcis — disse Helena. — Cassandra, minha amiga, os Deuses falaram comigo assim como contigo, e eles não me mencionaram nenhuma desgraça.

— Que possam então os teus Deuses dizer a verdade e que seja falso o que os meus Deuses dizem — disse Cassandra. — Nada me agradaria mais do que voltar e encontrar Aquiles morto às mãos de Heitor; e que todos eles tivessem partido de novo. *"Mas não será, não poderá ser assim...*

TREZE

Cassandra acreditara que, uma vez tomada a decisão de partir para Cálcis, o resto seria apenas uma questão de obter a permissão do sacerdote e da sacerdotisa chefes, juntar a roupa que quisesse levar consigo, escolher uma companheira de viagem (ou talvez duas) e pôr-se a caminho.

Mas não foi, nem de longe, tão simples como isso. Foi-lhe recordado que havia um estado de guerra oficial entre os Aqueus e Tróia e que, portanto, teria de se chegar a um acordo (enviando longas mensagens para trás e para a frente, de um para outro templo de Apolo) para que ela viajasse sob a Paz de Apolo, visto ser mulher e sacerdotisa devota, não tendo nada a ver com a guerra quer de um quer de outro lado. Foi-lhe dado a entender que as dificuldades eram maiores por ela ser filha de Príamo e familiar chegada dos principais combatentes dessa guerra. Muito antes de terem obtido os salvo-condutos e permissões oficiais, Cassandra estava já profundamente farta de tudo aquilo e desejando que tal idéia nunca lhe tivesse ocorrido. Por fim, fez um juramento sagrado por todos os Deuses de que ouvira falar (e por alguns de que nunca ouvira) em como não entregaria, de nenhuma das partes, mensagens relacionadas com a guerra, e foi declarada mensageira oficial de Apolo, sendo-lhe permitido viajar por onde desejasse.

Crises queria ir com ela e Cassandra sentia alguma compaixão por ele; chorava ainda o destino da sua filha no acampamento aqueu, e saber que Agamenon escolhera a jovem para sua amante não ajudava nada. Contudo, e apesar de Crises ter jurado a Cassandra que respeitaria a sua virgindade como se ela fosse a sua própria filha, ela não confiava nem mesmo nos seus votos e recusou-se a levá-lo no grupo. Visto ele ser um sacerdote de Apolo, muitíssimo respeitado, durante algum tempo pareceu a Cassandra que não lhe iria ser permitido partir sem ser escoltada por ele; mas, por fim, ela apelou para Cáris dizendo que preferia ficar dentro das muralhas até ter cabelos brancos do que viajar um só passo na companhia dele; e finalmente a questão foi posta de lado.

Depois Príamo quis enviar mensagens a muitos amigos que poderia encontrar ao longo do caminho e ele teve de jurar que se tratava de questões

de família, ou de questões religiosas que nada tinham a ver com a guerra. Compreendia que existiam razões para isso, pois os viajantes sob imunidade religiosa tinham, muitas vezes, aproveitado essa imunidade para espiar para um e outro lado. E, por fim, a sua mãe recusou-se a deixá-la partir sem as damas de companhia adequadas; Cassandra, que teria preferido viajar sozinha ou com uma única acompanhante, de preferência uma cavaleira amazona como Pentesileia, acabou tendo de aceitar duas das mais velhas e medrosas camareiras de sua mãe e prometer que, durante a viagem, partilharia sempre com elas a sua cama.

"Em que estará ela a pensar? ", perguntou a si própria. *"Se eu me quisesse entregar à luxúria, não iria certamente viajar até ao fim do mundo e fazê-lo sobre o chão duro, ao fim de um dia inteiro de viagem, quando o poderia fazer, facilmente, na minha própria cama. "*

Mas ela sabia que era essa a vontade da sua mãe e que não havia, de fato, nada que pudesse fazer quanto a isso; assim, aceitou as mulheres escolhidas por Hécuba.

— Porque se eu recusar — disse ela a Fílidas, quando parecia que, finalmente, todos os obstáculos estavam eliminados e que partiria no dia seguinte ela pensará que eu quero, de alguma forma, escapar à sua vigilância; e não consegue encontrar nenhuma razão para eu querer fazer tal coisa, a não ser que esteja a pensar portar-me mal. O que será que se passa com as mulheres, para serem levadas a suspeitar tais coisas umas das outras, Fílidas?

Fílidas suspirou.

— A experiência, suponho — disse ela. — Não me disseste tu mesma que tinhas Criseide vigiada noite e dia, e que ainda assim não poderias garantir a sua inocência?

Cassandra sabia que isto era verdade; mas sentia-se furiosa. Lembrava-se de *Star* dizendo que as mulheres da cidade eram tão devassas que tinham de ser encerradas entre paredes.

"As mulheres", pensou Cassandra, *"à exceção das Amazonas, passam o tempo sentadas a pensar em quem amam unicamente por não terem mais nada com que ocupar o espírito. Se tivessem um rebanho de ovelhas, ou uma manada de cavalos para cuidar, seria muito melhor para elas. "* Mas isso não tinha evitado que Enone se lamentasse quando Páris a abandonara.

Ficou acordada durante grande parte da última noite pensando nessa misteriosa emoção que transformava mulheres, habitualmente sensatas, numas idiotas incapazes de pensar noutra coisa que não os homens que lhes inspiravam amor.

Tinha sido determinado que partiria ao romper do dia; levantou-se assim que a luz começou a aparecer no céu e comeu um pouco de pão com uma caneca de vinho aguado. Esperara viajar num cavalo veloz; mas as suas companheiras eram muito idosas e circunspectas para isso, assim escolhera um velho e tranqüilo burro e decidira fazer com que as mulheres idosas fossem transportadas em liteiras. Os homens que carregavam as liteiras e os criados — quase seus guardas — eram todos jovens e fortes servos do Templo de Apolo.

Tinha esperado escapulir discretamente, mas quando se aproximou dos portões viu que ali se juntara um pequeno grupo de pessoas: Crises, Fílidas e alguns outros que desejavam dizer-lhe adeus.

Fílidas abraçou-a e beijou-a, desejando-lhe uma boa viagem e um regresso tranqüilo; Crises aproximou-se e abraçou-a também, muito contra a vontade de Cassandra.

— Volta para nós depressa e em segurança, minha querida — murmurou ele, os lábios junto ao seu ouvido. — Vou sentir a tua falta mais do que consigo expressar. Diz que também sentirás a minha.

Ela pensou: *"Vou sentir tanto a tua falta como a de uma dor de dentes",* mas era muito bem educada para o dizer. *"Que os Deuses te guardem em segurança e te tragam Criseide de volta",* disse ela, pensando que não lhe desejava mal, mas que gostaria que ele arranjasse uma mulher e parasse de incomodá-la. Depois incitou o burro e partiram.

Antes de se afastarem do litoral, tinham de passar os barcos aqueus. Aqui seriam testadas pela primeira vez as tréguas de Apolo.

Uma sentinela no exterior do acampamento aqueu ergueu-se e gritou um aviso; e um dos capitães, completamente couraçado com metal decorado a ouro, aproximou-se deles.

— Quem vem lá? Será o rei de Tróia tentando fugir da cidade e do cerco? — provocou ele. — Eu sabia que eles eram uns covardes!

— Não é nada disso — disseram os guardas. — A dama é uma sacerdotisa de Apolo e viaja sob a Sua garantia de paz.

— Ah, sim? — disse o capitão, e olhou para o rosto de Cassandra de uma forma tão direta e grosseira que, pela primeira vez na sua vida, Cassandra percebeu a razão de a tradição ordenar às mulheres aquéias que usassem véus. — Uma sacerdotisa, hã? Da Senhora Afrodite? É suficientemente bela para isso.

— Não; ela é uma das virgens devotas do Senhor do Sol — disse o chefe da escolta de Cassandra — e está proibida a qualquer homem à exceção do Deus. — Uma virgem, *ahã?* Que desperdício! — disse o homem, desgostoso — mas seria necessário um homem mais corajoso que eu para disputar ao Senhor Apolo uma das Suas virgens. E que beldades se escondem dentro das liteiras? — inquiriu ele, afastando as cortinas.

Cassandra estava farta de se esconder por trás da sua escolta.

— Duas das camareiras de minha mãe — disse ela. — Para que cuidem de mim e assegurem que nenhum homem me faça qualquer ofensa.

— Estás bastante segura em relação a mim e, diria, em relação a qualquer homem — disse o soldado, recuando respeitosamente.

— Lamento que as senhoras que me acompanham não mereçam a tua aprovação — disse Cassandra — mas elas estão aqui para minha comodidade e não para tua, senhor; e a minha viagem tem a ver com Apolo e não contigo, por isso peço-te que me deixes passar.

— Aonde vais? E quais são os interesses de Apolo fora do seu templo?

— Vou para Cálcis — disse ela. — E, de fato, a minha viagem deve-se aos assuntos de Apolo; procuro uma mestra na arte das serpentes para que as suas serpentes sejam devidamente tratadas no seu templo.

— Uma pequena senhora como tu viajando sozinha para tão longe? Se fosses minha filha eu não o permitiria; mas suponho que o Deus sabe que quem Lhe pertence está seguro em toda a parte — disse o soldado. — Passa então, senhora, e que Apolo te guarde. Dá-me a sua bênção, peço-te — acrescentou com um gesto reverente.

Aquela era a última coisa que ela esperava, mas estendeu as mãos num gesto de

bênção e disse:

— Que Apolo, Senhor do Sol, te abençoe e te guarde, senhor — e passou por ele.

Conseguia ver até tão longe do alto das muralhas de Tróia, que já se esquecera do tempo que levava a cobrir as distâncias; acamparam naquela noite e em muitas noites depois daquela, à vista da cidade e acordavam vendo o brilho da luz do sol refletindo-se na casa do Senhor do Sol. Lembrava-se da sua viagem com as Amazonas; custava-lhe a crer que desde esse tempo até àquele momento vivera por detrás dos limitadores muros da sua cidade. Tróia, o seu lar e a sua prisão. Voltaria ela a vê-la de novo?

Durante o longo intervalo que existira entre o propor a viagem e, finalmente, ter conseguido partir, tivera muito tempo para preparativos, e mandara fazer duas tendas: uma delas leve, feita de pano de linho ensebado e uma outra igual às que as Amazonas usavam quando chovia. Durante os primeiros dias o tempo esteve bom e sob as estrelas a tenda era agradavelmente fresca, apesar de as suas duas damas de companhia, interpretando literalmente as instruções da sua mãe, a fazerem dormir com a sua manta estendida entre as delas. Cassandra, que sempre tivera o sono agitado, ficava por vezes acordada durante horas, sentindo, sob o chão da tenda, cada pedra e depressão do solo enterrando-se nas suas costas, e

detestando mudar de posição por temer incomodar uma ou outra das suas companheiras. Apesar disso, podia ouvir o vento e sentir a brisa fresca no exterior da tenda, o que pelo menos era diferente dos ventos imutáveis nas alturas de Tróia.

Dia após dia, a sua pequena caravana arrastava-se penosa e vagarosamente pela vasta planície sem qualquer incidente. Encontraram poucos viajantes no caminho, à exceção de uma grande fila de carroções carregados de ferro destinado a Tróia, e quando lhes foi dito que a cidade estava sob cerco, ficaram sem saber se deviam dar meia-volta e dirigir-se para o norte, até a Trácia, ou mesmo voltar para Cálcis.

— Pois os Aqueus não negociarão conosco pelo metal — disse o chefe. — Eles preferem o seu próprio tipo de armas e, muito provavelmente, não nos deixarão de todo entrar na cidade; e então teremos de voltar para trás, sem qualquer outra compensação para o nosso trabalho para além da própria viagem, ou então os Aqueus ainda capturam a caravana inteira.

Cassandra pensou que isso era, de fato, muito provável.

— Conheces alguns dos aqueus que lá estão?

— Aquiles, filho de Peleu; Agamenon, rei de Micenas, e Menelau de Esparta; Odisseu...

— Ah, bom, isso é diferente! — disse o chefe da caravana. — Podemos negociar com Odisseu como o faríamos com Príamo; ele é um homem honesto. — Levantou a voz para os

seus condutores: — Parece que afinal sempre vamos para Tróia, companheiros.

E depois, é claro, quis saber o que fazia ela viajando sem a sua família e, quando ela respondeu, ele deu-lhe a agora já esperada resposta dizendo que se ela fosse sua filha não o permitiria.

— Mas suponho que o teu pai sabe o que faz — concluiu ele em tom de dúvida.

E Cassandra não viu razão para lhe explicar que não fora pedida permissão a Príamo, e que não lhe tinha sido dada oportunidade de consentir ou recusar.

— Quererás que leve alguma mensagem tua para Tróia, pequena senhora?

— Unicamente para que se saiba na casa do Senhor do Sol que estou viva e de saúde. Eles de lá passarão a mensagem ao meu pai e à minha mãe.

E com expressões de mútua boa vontade e bênçãos separaram-se, movendo-se lentamente sobre a vasta planície como dois riachos correndo em direções opostas. Mais algumas noites e, sabia-o, o seu grupo entraria as fronteiras das terras dos Centauros.

— Os Centauros? — disse Adrias, uma das suas damas de companhia. — Oh, os Centauros não! — gritou Car, a outra.

— Claro, ama; eles vivem nestas terras e nós temos de atravessar o seu território. É quase inevitável que encontremos um ou mais dos seus grupos errantes.

Mas as mulheres tinham sido educadas ao som das velhas histórias infantis.

— E tu não tens medo dos Centauros, princesa Cassandra? — perguntou Car, e ela respondeu:

— Não, nenhum.

Supunha que aquela era uma resposta pouco feminina; Car ficara com o ar de quem achava que o próprio fato de qualquer mulher poder escapar ao medo daquilo que a ela própria tanto assustava, era motivo de ofensa. Cassandra suspirou e acabou de beber o vinho que tinha na sua caneca.

— Temos de acabar de beber isto — disse ela — está a começar a azedar e não se vai conservar com o calor. Poderemos arranjar mais algum na próxima aldeia, talvez daqui a um ou dois dias — e o resto da conversa foi sobre coisas triviais.

CATORZE

Confirmando o que previra, avistaram os Centauros no começo do dia seguinte. A princípio, movendo-se por entre um mar de erva sem fim, Cassandra não conseguia ver nada;

depois, muito ao longe no limite do alcance da sua visão, vislumbrou sombras movendo-se e, por fim, distinguiu uma... não, duas... não, três silhuetas escuras, a cavalo, destacando-se contra o ondular dourado das ervas. Pareciam ter visto a pequena caravana e aproximaram-se uns dos outros conferenciando; houve um momento em que pensou que fugiriam todos. Depois deram meia-volta e aproximaram-se, cavalgando em direção aos Troianos.

Cassandra parou o seu burro, mas não fez qualquer outro movimento de recuo. Há muito que sabia que nunca se deveria deixar um centauro pensar que se tinha medo dele ou, implacavelmente, ele tiraria disso vantagem.

Disse baixinho através das cortinas da liteira em que as senhoras viajavam:

— Amas, queriam ver um centauro. Aqui está um.

— Eu? — disse Adrias. — Nem pensar — mas apesar disso esticou a cabeça e espreitou por entre as cortinas. Car imitou-a.

— Que homenzinho tão esquisito e feio! — murmurou ela — e desavergonhado; nu como um animal!

— Por que hão de eles usar roupas se não há ninguém para vê-las ou para se importar com isso? Quando vão até as cidades, têm vestes que podem usar se lhes apetecer — disse Cassandra, e olhou para o grupo que se aproximava.

O mais adiantado de entre eles era grisalho e curvado, as suas pernas ainda menores e abaladas que as dos outros. Usava um colar de presas de leão em

torno do pescoço. Cassandra reconheceu-o, apesar de ele estar velho e mirrado.

— Quíron — disse ela, e ele fez uma vênia por cima do pescoço do cavalo.

— Parente de Pentesileia, saudações. Quando nos encontramos da última vez, tínhamos mel encontrado nos campos. A nossa tribo é pobre nos dias que correm. Há muitos, muitos viajantes na planície; assustam a caça, espezinham as plantas selvagens. As nossas cabras não dão leite nem para os rapazes mais pequeninos. Passamos muita fome.

— Nós viajamos para Cálcis — disse Cassandra. — Podes indicar-nos o caminho?

— Com prazer, se é esse o teu desejo — disse o velho centauro com o seu sotaque bárbaro. — Mas por que é que vocês viajam para longe de Tróia? O mundo inteiro está a dirigir-se para lá, por causa da guerra, parece. Se não para lutar, então para vender algo aos combatentes, quer de um quer do outro lado.

Isto era de tal forma verdadeiro, que ela não viu razão para fazer comentários.

Antes de deixar Tróia, pedira uma boa meia dúzia de pães nas cozinhas, pois sabia que os Centauros não cultivavam nem moíam cereais e que aquele era para eles um luxo muito pouco habitual. Quando foram desembrulhados e oferecidos, os olhos do homenzinho

brilharam, Cassandra pensou que de verdadeira fome, e ele disse:

— A filha de Príamo é generosa. O teu marido combate nas grandes batalhas diante de Tróia? Se combate, o presentearei com flechas mágicas que nunca deixarão de fazer tombar os inimigos dele, ainda que não os atinjam em nenhum ponto vital.

— Eu não tenho marido — disse ela. — Estou prometida ao Senhor do Sol e não aceitarei mais ninguém senão Ele. E não preciso de nenhuma das tuas flechas envenenadas com peçonha extraída dos sapos.

Por instantes o homenzinho olhou-a furioso; depois se inclinou para trás e teve um grande ataque de riso; a seguir fez algo (Cassandra não conseguiu ver o quê) que obrigou o seu cavalo a cabriolar e empinar-se, curvando-se depois.

— *Huh-huh-huh* — riu ele. — A filha de Príamo é boa e esperta; nenhum homem do meu povo lhe fará mal enquanto ela percorrer as nossas terras, nem a ela nem a nada que lhe pertença. Nem mesmo às mulheres velhas que espreitam lascivamente os meus homens atrás das suas cortinas! Mas se não tens utilidade para esses sapos velhos, as dê aos meus homens; não prestam para o *bang-bang* (acompanhou as sílabas sem sentido com um gesto que tornou o seu significado obscenamente evidente) mas podíamos cozê-las para obter veneno para as flechas, *huh-huh-huh*!

Cassandra esforçou-se por manter o rosto sério.

— De modo algum//1; não quero viajar sem as minhas mulheres, elas são boas para mim — disse Cassandra — e eu não viajaria através das tuas terras com mulheres jovens e bonitas.

— *Humm...* inteligente — disse ele e, virando o cavalo, afastou-se rapidamente.

Ela ergueu a mão, fazendo sinal de que ainda não terminara o que tinha para lhes dizer, e ele virou-se e recuou um pouco.

Ela perguntou:

— Saberá o sábio chefe do Povo Cavaleiro onde as mulheres de Pentesileia pastam as suas éguas este verão?

Ele explicou-lhe rapidamente, acompanhando com gestos. Visto que não as faria desviarem-se muito do seu caminho, Cassandra decidiu continuar naquela direção. Mais uma vez se despediu cortesmente de Quíron, que já começara a repartir os pães com os seus homens e já tinha migalhas em volta da boca.

Depois de mais um longo dia, viajando na direção que o centauro indicara, Cassandra viu, à distância, uma figura montada. A desconhecida trazia um arco cruzado sobre as costas, tal como o usavam as mulheres de Pentesileia. Cassandra acenou-lhe e a mulher aproximou-se.

— Quem viaja no nosso país com uma escolta de homens?

— Sou Cassandra, filha de Príamo de Tróia, e procuro a minha parente Pentesileia, a amazona — disse ela.

A mulher, vestida com a túnica e os calções das mulheres da tribo, com o seu longo e áspero cabelo preto preso ao alto, olhou-a desconfiada; e por fim disse:

— Lembro-me de ti em criança, princesa. Não posso deixar as minhas éguas — apontou para a manada esquelética pastando as poucas ervas da planície — e não me compete convocar a rainha. Mas vou enviar um aviso de que lhe querem falar e, se lhe parecer bem, ela virá.

Desmontou e ateou uma pequena fogueira, lançando algo para as chamas que as fez libertar grandes nuvens de fumaça; cobriu o fogo e depois deixou a fumaça subir em nuvens triplas e sucessivas. Depois de algum tempo, Cassandra viu uma figura alta a cavalo, abrindo caminho através da planície. Quando se aproximou, reconheceu a sua parente.

O cavalo de Pentesileia aproximou-se e ela viu o espanto espalhar-se no rosto da amazona; depois de alguns instantes Cassandra percebeu que a sua parente não a reconhecera. Quando Pentesileia a vira pela última vez, ela era uma menina; agora que estava mais velha, vestida e enfeitada como uma princesa, uma sacerdotisa, não passava de uma mulher desconhecida.

Gritou o seu nome.

— Não me reconheces, tia?

— Cassandra!

O rosto de Pentesileia, tenso e bronzeado pelo sol, relaxou, mas continuava com um aspecto duro e envelhecido. Aproximou-se e desmontou, abraçando Cassandra com afeição.

— Porque vieste até aqui, filha?

— Vim procurar-te, tia.

Da última vez que vira a sua tia, Pentesileia tinha um aspecto jovem e forte; agora Cassandra perguntava-se que idade teria ela realmente. O seu rosto estava marcado por centenas de pequenas rugas em torno da boca e dos olhos; ela sempre fora magra, mas agora estava positivamente esquelética. Cassandra perguntou-se se as Amazonas, tal como os Centauros, não estariam verdadeiramente a morrer de fome.

— Como vai a guerra em Tróia? — perguntou a mulher mais velha. — Querem ficar no nosso abrigo esta noite e falar-nos sobre isso?

— Com prazer — disse Cassandra — e poderemos falar à vontade sobre a guerra;

apesar de eu estar farta dela.

Deu instruções aos carregadores para que seguissem a amazona e ela própria acompanhou Pentesileia em direção a uma gruta na encosta de uma colina. Lá dentro encontrava-se uma escassa meia-dúzia de mulheres, na sua maioria idosas, e um pequeno número de jovens. Quando viajara pela última vez na sua companhia, havia uma boa meia centena. Agora não existiam bebês nem mulheres jovens em idade de ter filhos.

Pentesileia percebeu a direção do seu olhar e disse:

— Elaria e mais cinco estão na aldeia dos homens. Tive medo, mas sabia que as tinha de deixar ir agora ou nunca mais me atreveria a deixá-las ir outra vez. É verdade... não soubeste o que aconteceu, não é? Então a nossa desonra ainda não foi contada em Tróia...

— Eu não ouvi nada, tia.

— Vem para aqui e senta—te. Conversaremos enquanto comemos, então. —'Sorriu e fungou apreciativamente. — Não comíamos tão bem havia já a muitas luas. Obrigada.

A sua refeição tinha sido melhorada com carne e pão das provisões de Cassandra.

— No entanto — disse Pentesileia — não estamos tão mal como os Centauros; eles estão a morrer de fome, e em breve não restará nenhum. Chegaste a encontrar algum deles?

Cassandra contou-lhe o seu encontro com Quíron e a mulher mais velha assentiu com a cabeça.

— Sim, podemos confiar sempre nele e nos seus homens. Em nome da Deusa, eu desejava... — calou-se. — No ano passado combinamos ir a uma das aldeias dos homens... fizemos uma combinação para negociar panelas de metal, cavalos e também algumas das nossas cabras leiteiras. Bem fomos como de costume, e tudo parecia ir pelo melhor. Passaram-se duas luas; algumas de nós estavam grávidas, e estávamos prontas para partir. Eles suplicaram-nos que ficássemos mais um mês e nós concordamos. Então, quando estávamos prestes a partir, fizeram-nos uma festa de despedida e trouxeram um vinho novo. Dormimos profundamente e quando acordamos (o vinho estava drogado, é claro) estávamos atadas e amordaçadas e eles disseram-nos que não os podíamos deixar; que tinham decidido que queriam viver como os homens das cidades, com mulheres que tratassem deles durante todo o ano e que partilhassem as suas camas e as suas vidas... — Calou-se, tremendo de indignação e de dor. — Todo o animal tem a sua estação própria para acasalar. Tentamos recordar-lhes esse fato, mas eles não nos deram ouvidos. Então lhes dissemos que consideraríamos essa possibilidade se eles nos soltassem; eles disseram-nos que tínhamos de lhes cozinhar uma refeição, porque os homens nas cidades tinham mulheres para cozinhar para eles e cuidar das suas necessidades. Até forçaram algumas das mulheres que já estavam grávidas a ir para a cama com eles! Então cozinhamos-lhes uma refeição, e podes imaginar o tipo de refeição que era — sorriu com ferocidade. — Mas algumas das mulheres quiseram poupar os pais dos seus filhos... só a Mãe Terra saberá onde terão ido elas buscar tais idéias. Assim alguns deles tinham sido avisados e enquanto eles

vomitavam e se purgavam, nós preparamo-nos para partir, mas uns quantos deles forçaram-nos a lutar. Bem, não os conseguimos matar a todos; e assim perdemos um grande número das nossas mulheres: as traidoras ficaram e não voltaram para nós.

— Ficaram com os homens que... que vos tinham feito isso?

— Sim, disseram que estavam cansadas de lutar e guardar manadas — disse Pentesileia com desdém. — Irão com homens para a cama em troca do seu pão... não são melhores que as putas das vossas cidades. É uma perversão desses Aqueus; eles dizem até que a nossa Mãe Terra não é mais que a mulher do Senhor do Trovão, Zeus...

— Blasfêmia! — concordou Cassandra. — Mas não era a tribo de Quíron?

— Não; nesses podemos confiar. Eles mantêm, como nós, as velhas tradições — disse Pentesileia. — Mas quando Elaria levou este ano as mulheres à aldeia dos homens, as obrigamos a fazer um juramento que não se atreverão a quebrar, e fizemo-las deixar conosco todas as crianças desmamadas. Escondemo-nos aqui nas cavernas porque com as nossas mulheres jovens e fortes ausentes, não temos guerreiras para proteger as nossas manadas...

Cassandra não conseguiu pensar em nada para dizer. Era o fim de um estilo de vida que duraram milhares de anos naquelas planícies; mas o que podiam elas fazer?

— Houve muita seca? Quíron disseme que é muito difícil encontrar comida.

— Isso também; e algumas tribos foram gananciosas e quiseram possuir muitos cavalos, pondo a pastar mais animais do que aqueles que as planícies podiam alimentar, para os poderem vender em troca de potes de metal e tecidos e sei lá que mais... e assim somos nós, aqueles que sempre trataram bem a terra, que estamos a morrer. A Mãe Terra não estendeu a Sua mão para puni-los. Não sei... talvez não existam Deuses que ainda se importem com o que os homens fazem... — O seu rosto tinha um ar fatigado e envelhecido.

— Não entendo — disse Adrias. — Porque é que te preocupa tanto o fato de algumas das tuas mulheres terem escolhido viver como todas as mulheres vivem agora nas cidades? Vocês, mulheres, podiam viver bem, com maridos que olhassem pelos vossos cavalos; e podiam ficar com os vossos filhos assim como com as vossas filhas, e não precisavam passar o tempo todo a lutar para se defenderem. Muitas, muitas mulheres vivem assim e não vêem nisso nada de errado; queres dizer que elas estão todas erradas? Por que queres viver à parte dos homens? Não são vocês mulheres como todas as outras?

Pentesileia suspirou, mas, em vez do comentário desdenhoso e imediato que Cassandra esperara, ficou pensativa por alguns instantes; Cassandra sentiu que ela queria realmente que aquela mulher idosa da cidade, que tão fortemente a desaprovava, compreendesse.

Por fim disse:

— Tem sido nosso costume vivermos entre as nossas iguais e sermos livres. Eu não gosto de viver entre paredes; e porque teremos nós mulheres de tecer, fiar e cozinhar? Será que os homens não usam roupas, para não precisarem fazê-las? E certamente que os homens comem; por que terão as mulheres de cozinhar toda a comida que se come? Os homens nas suas próprias aldeias cozinham bastante bem, quando não há mulheres à mão que cozinhem para eles. Então porque terão as mulheres de viver como escravas dos homens?

— A mim não me parece escravidão — protestou a mulher — unicamente uma troca justa; achas então que os homens são escravizados pelas mulheres quando guardam as cabras e os cavalos?

Pentesileia disse veementemente:

— Mas as mulheres fazem essas coisas como se fosse em troca de partilhar as camas deles e gerar os seus filhos! Como as prostitutas que se vendem nas vossas cidades! Não consegues ver a diferença? Por que terão as mulheres de viver com homens quando elas próprias podem cuidar das suas manadas e alimentar-se dos seus próprios jardins e viver livres?

— Mas se uma mulher desejar ter crianças, precisa de um homem. Mesmo tu, rainha Pentesileia...

Pentesileia disse:

— Poderei perguntar-vos, sem ofensa, senhoras, por que é que não se casaram?

Car falou primeiro, dizendo:

— Teria me casado com todo o gosto; mas prometi que ficaria com a rainha Hécuba enquanto ela desejasse a minha companhia. Não senti a falta do casamento; vi nascerem os seus filhos e partilhei da tarefa de educá-los. E, como a princesa Cassandra, não encontrei nenhum homem a quem amasse o suficiente para me separar da minha amada senhora.

— Respeito-te por isso — disse Pentesileia. — E tu, Adrias?

— Pobre de mim, não era bela nem rica! Por isso nunca apareceu nenhum homem. Assim sirvo a minha rainha e as suas filhas, mesmo que isso signifique seguir a princesa Cassandra até estes lugares selvagens e esquecidos pela Deusa, cheios de centauros e de outras gentes selvagens...

— Então há outras razões para além da simples perversidade, pelas quais uma mulher pode decidir não se casar — disse Pentesileia. — Se está certo vocês não se casarem por lealdade para com a vossa rainha, por que não há Cassandra de manter-se fiel ao seu Deus?

— Não é o fato de ela não se casar — disse Adrias — é o fato de não desejar casar-se. Como é que se pode sentir compreensão por uma mulher assim?

Isto foi muito para Cassandra; explodiu dizendo aquilo que recalcava há dias.

— Eu não pedi a vossa compreensão, assim como não pedi a vossa companhia; não vos convidei a virem comigo e o vosso regresso a Tróia será bem-vindo! Aí estarão rodeadas de mulheres decentes e eu viajarei

para Cálcis com a minha parente e sem uma escolta! — disse ela zangada. — Não tenho necessidade da vossa proteção!

— Bom, realmente! — disse Adrias com ressentimento. — Conheço-te desde bebê, senhora minha, e o que eu disse não é mais do que diria a tua própria mãe; se falo, é tudo para teu próprio bem...

Pentesileia disse apaziguadoramente:

— Peço-vos que não discutam; têm ainda um longo caminho a percorrer. Cassandra, minha querida filha, ainda que eu pudesse acompanhar-te eu própria até Cálcis, não poderia garantir a tua segurança no caminho. Rezo para que o nome de Príamo e de Apolo o façam. Talvez seja esta guerra; talvez seja o alastrar dos costumes dos Aqueus, agora que ruiu o mundo minóico. Tu ainda nem me disseste por que razão viajas para Cálcis; é simplesmente porque a rainha é uma velha amiga tua, ou será que Príamo decidiu chamar aliados mesmo vindos dessa distância?

Ela contou a Pentesileia do tremor de terra e da deserção das serpentes do templo, e a amazona empalideceu perante tal augúrio.

— Mesmo assim confiarei no Senhor do Sol — disse Cassandra. — Não tenho mais ninguém em quem confiar e se conseguir chegar a Cálcis sem outra proteção que não a Sua bênção, tomarei isso como sinal da continuação da Sua boa vontade.

— Que Ele te proteja então e que te guie — disse Pentesileia — e que a própria Mãe Serpente te receba e te abençoe em Cálcis... e em toda a parte, minha querida.

Pouco depois foram descansar, mas Cassandra ficou por longo tempo acordada.

Quando adormeceu os seus sonhos foram irrequietos; procurava qualquer coisa — uma arma perdida, talvez um arco — mas sempre que pensava tê-lo encontrado, não era aquele que procurava, estava quebrado ou tinha a corda rebentada, ou outra coisa no gênero.

Que seria que os Deuses lhe queriam dizer? Era uma sacerdotisa; tinham lhe ensinado que todos os sonhos eram mensagens dos Deuses, desde que se conseguisse encontrar-lhes o sentido. O fato de não conseguir interpretar este sonho significava apenas que ela não era, como já há muito suspeitava, digna de receber as graças do Senhor do Sol, que Ele se retirara dela. Por mais que tentasse, tudo o que conseguia deduzir do sonho era apenas um vago mau augúrio, de que, fosse o que fosse que ela procurasse nesta busca, não o encontraria.

De manhã, Pentesileia ofereceu-lhe presentes bem como às suas mulheres: selas novas e uma manta quente feita de pele de cavalo.

— Precisarás dela, acredita-me, quando atravessares a grande planície — disse ela. — Os invernos ultimamente têm sido mais rigorosos e pode ainda haver neve.

Quando a abraçou despedindo-se, Cassandra sentiu vontade de chorar.

— Quando nos encontraremos de novo, parente?

— Quando os Deuses o desejarem. Se alguma vez for da vontade da Mãe Terra que eu acabe os meus dias numa cidade, irei acabá-los em Tróia. Não creio que a tua mãe deixasse de acolher a última das suas irmãs, nem que Príamo me fechasse a porta. Talvez eu devesse ir lá com as minhas guerreiras e tentar correr com alguns desses aqueus.

— Quando esse dia chegar, lutarei ao teu lado — prometeu Cassandra, mas Pentesileia limitou-se a abraçá-la com grande ternura e disse:

— Esse não é o teu destino nesta vida, meu amor; não faças promessas que não podes cumprir — e afastou-se a cavalo, sem olhar para trás.

QUINZE

O inverno arrastava-se, de fato, longamente na grande planície, e nos quatro dias seguintes a terem passado a noite com Pentesileia e o que restava das suas Amazonas, o céu escureceu e a neve começou a cair tão fortemente que Cassandra se perguntou como conseguiriam os seus acompanhantes seguir o trilho estreito e mal definido. Nevou durante todo aquele dia e o seguinte e, apesar de continuarem a avançar, não encontraram praticamente nenhum sinal de vida humana. Avistaram uma vez, ao longe, através da neve, um centauro de vigia, recortado contra o horizonte, mas quando iam fazer-lhe sinal ele virou-se e afastou-se a galope.

Cassandra não ficou surpreendida; pelo que Pentesileia lhe dissera, sabia que os habitantes da grande planície, nunca muito inclinados a confiar nos estranhos, se sentiam ainda menos inclinados a fazê-lo agora. Era uma sorte ela não precisar negociar com eles por comida ou quaisquer outros artigos. Dia após dia se arrastaram ao longo da planície, os cascos dos seus animais cortando a pesada lama de onde antes existira erva gelada, a neve nunca suficientemente espessa para constituir um perigo e a chuva fraca nunca suficiente para descongelar mais do que umas poucas polegadas de solo gelado. As grandes estepes estavam vazias e estéreis; encontraram a pouca comida suficiente para completar as suas monótonas rações de viagem e Cassandra começou a sentir-se cansada de viajar por terras vazias, arrastando-se sob um céu sem fim que lhe parecia tão cinzento e hostil como os rostos dos seus companheiros.

A um dia sombrio sucedia-se outro, enquanto a lua minguava e se apagava para depois encher de novo; quanto tempo poderia durar este inverno? Mais tarde, pouco depois de ter tido a visão de uma lua cheia entrecortada por farrapos de nuvens, acordou ouvindo ventos fortes e uma chuva pesada que, caindo em grossos cordões, parecia arrastar consigo a própria terra.

A manhã seguinte trouxe consigo uma paisagem transformada, com pequenos riachos correndo por todo o lado à superfície do solo, brilhando sob um sol novo e forte, com ervas despontando por todo o lado sob ventos suaves e quentes. Em breve o tempo se aqueceu tanto que Cassandra dobrou

e guardou a sua túnica de pele de cavalo e cavalgou só com a sua camisa macia de algodão.

Num desses dias de primavera chegaram a uma aldeia. Não passava de um ajuntamento de cabanas redondas de pedra, na planície; mas rodeando-a havia campos de verdejante cereal de inverno descoberto pela neve que, de um momento para o outro, desaparecera. Cassandra lembrou-se da aldeia atacada pela peste, por onde passara com as Amazonas havia já tantos anos, onde tantas crianças eram deformadas. Mas se esta era a mesma aldeia, tinha conseguido de alguma maneira sobreviver à praga, pois todas as crianças que via pareciam ser fortes e saudáveis. Mais tarde, no entanto, viu alguns rapazes e moças mais velhos só com dois dedos numa mão. Antes disto não tinham visto sinais de vida humana durante oito ou dez dias, e quando a chefe da aldeia apareceu para recebê-los, também pareceu satisfeita ao vê-los.

— O inverno demorou-se longo tempo sobre a terra — disse ela — e não vimos quaisquer humanos durante todo o inverno à exceção de um pequeno grupo de centauros, tão enfraquecidos pela fome que nem fizeram quaisquer tentativas com as nossas mulheres, implorando-nos apenas comida de qualquer tipo.

— Acho que isso é triste — disse Cassandra, mas a chefe contorceu o rosto com desdém.

— Tu és uma sacerdotisa; faz parte do teu trabalho sentir compaixão mesmo por gente como eles, suponho. Mas eles aterrorizam-nos com demasiada freqüência para que eu sinta outra coisa que não satisfação quando vejo que desceram tão baixo. Com um pouco de sorte morrerão todos de fome, e então não teremos necessidade de temê-los mais. Tens metais ou armas para negociar? Ninguém passa por aqui para negociar nestes tempos; todos os metais que têm são destinados à guerra em Tróia, e nós não conseguimos arranjar nenhuns.

— Lamento; só tenho as minhas próprias armas — disse Cassandra. — Mas compraremos alguns dos vossos potes, se vocês ainda os fizerem.

Os potes foram trazidos e longamente examinados; a escuridão caiu enquanto o grupo de Cassandra estava ainda a apreciá-los e a chefe convidou-os a jantar à sua mesa e a continuar o negócio pela manhã. Colocou uma das cabanas de pedra à disposição deles e convidou-os para jantar na cabana central. A comida era bastante pobre, uma carne que parecia ser de alguma espécie de esquilo das estepes, guisada com bolotas amargas e umas raízes brancas e insípidas; mas pelo menos tinha acabado de cozinhar. Cassandra, lembrando-se da praga, sentia-se algo relutante em comer fosse o que fosse naquele lugar, mas disse para si própria que não se ia preocupar com isso *"pois embora eu ainda esteja, suponho, em idade de ter crianças, não sou casada, nem é provável que venha a ser. E, de qualquer forma, enquanto tiver estas senhoras a dormir uma de cada lado da minha cama, muito dificilmente conseguiria arranjar uma criança. Se esta aldeia não tivesse, de algum modo, conseguido se recuperar dessa praga",* pensou ela, *"teria desaparecido por morte de toda a gente. "*

Alguns dias mais tarde avistaram os portões de ferro de Cálcis, altos e magníficos como sempre, e Cassandra vestiu-se, não com as suas roupas de montar em couro, mas com um dos seus mais finos vestidos Troianos, tingido de cores brilhantes, e mandou uma das suas camareiras arranjar-lhe o cabelo com o penteado de complicadas tranças que usava no Templo do Senhor do Sol. Pelo menos, a rainha Imandra a receberia como uma princesa de Tróia e não como uma vagabunda suplicante.

Junto aos portões de ferro da cidade foram recebidos como enviados de Tróia e convidados a instalar-se no palácio. Cassandra, dizendo que tinha primeiro que prestar homenagem ao Templo do Senhor do Sol, foi ao Seu enorme santuário, mesmo no centro da cidade, e sacrificou duas pombas a Apolo do Arco e das Flechas. Depois disso foi levada para o palácio e conduzida a um dos luxuosos aposentos de hóspedes, onde havia criadas à sua disposição para a banharem e vestirem. Durante o longo processo que era tomar banho, ou antes, ser banhada, percebeu de que, enquanto durara a longa viagem, quase esquecera o sabor do luxo. Desfrutou o prazer da água fumegante, os óleos perfumados, o massagear suave dos seus músculos com escovas e mãos delicadas de mulher. Depois, vestiram-na com requintadas roupas de convidada e conduziram-na à sala de audiências da rainha Imandra.

Esperava encontrar a rainha com um aspecto mais velho; ela própria já não era a jovenzinha que ali estivera, tímida e calada, ao lado de Pentesileia. Mas a mudança tinha sido maior do que ela alguma vez pudera imaginar; se ela tivesse encontrado aquela mulher noutro lugar qualquer que não exatamente naquela sala do trono, nunca a teria reconhecido como a orgulhosa descendente de Medéia.

Imandra estava descomunalmente gorda; era mais imponente do que balofa, toda coberta de ouro; mas deixara de adornar o seu corpo volumoso com os anéis das serpentes vivas. As suas faces e lábios estavam pintados com corante vermelho e vestia as ricamente decoradas túnicas desse tecido de fios delicados que vinha da terra dos faraós, pelas estradas orientais. O seu cabelo, como sempre, estava coberto de jóias. No meio de todo aquele esplendor, apenas os vivos olhos escuros eram os mesmos, quase perdidos entre as pregas da carne.

Quando Cassandra penetrou no salão e fez uma pausa para fazer a saudação ritual, Imandra levantou-se do trono e caminhou, ou antes, bamboleou-se ao seu encontro.

— Não, minha querida, não quero prostrações da minha parente — disse ela, envolvendo Cassandra num caloroso abraço; o perfume era tão familiar como os olhos. — Não sei dizer-te o quanto estou feliz por te ver, filha de Príamo. Que longa viagem fizeste! Sem dúvida trazes recados da minha filha...

— Da tua filha e do teu neto; Andrômaca já é mãe; e em breve será... não, por esta altura, se tudo correu bem, já tem outra criança — disse Cassandra, e Imandra mostrou-se radiante.

— Eu sabia, eu sabia; eu não te disse, querido, que já passou o tempo suficiente para eu ser duas vezes avó, se a minha filha tivesse cumprido o seu dever? — perguntou ela, dirigindo-se a um jovem esbelto trajado com roupas douradas, e com aspecto de atleta ou de vencedor de jogos, ao qual fora concedido um lugar perto dela. — Amanhã, tenho de ir olhar para o charco de tinta e tentar ver a criança e se tudo está bem com ela.

Pegou nas mãos de Cassandra e conduziu-a à mesa de honra, sentando-se ela própria entre Cassandra e o jovem ricamente vestido.

— Agora conta-me tudo o que aconteceu em Tróia nestes últimos anos, desde que tu saíste daqui levando contigo o meu tesouro mais querido. E o que te trouxe até tão longe sem os teus familiares?

— Talvez — disse o jovem — a princesa Cassandra tenha vindo requerer o nosso

apoio nesta guerra contra os Aqueus.

— Não, se ela viaja protegida pelas tréguas de Apolo — disse a rainha Imandra. — Percebo alguma coisa disso, meu querido menino. — Voltou-se de novo para Cassandra. — Mesmo assim, não precisas de quebrar a tua promessa, se a fizeste; sem qualquer pedido, enviarei a Príamo todos os soldados que arranjar, homens ou mulheres, e todas as armas e o metal que as carroças possam transportar.

— És mais do que generosa — disse Cassandra e explicou-lhe a sua missão.

Imandra sorriu e beijou-a.

— As minhas próprias sacerdotisas e especialistas em serpentes serão consultadas amanhã cedo — disse ela — ou logo que elas me digam qual o dia favorável para esse tipo de coisa. Quase nem preciso te dizer que toda a sabedoria que possa existir na nossa cidade está às tuas ordens e às ordens do Apolo troiano. Serás livre de falar com elas em qualquer altura; mas tens de me prometer que a visita será longa.

— És muito amável, majestade — disse Cassandra; estava cansada de viajar e, de momento, uma longa estada em Cálcis era o que mais desejava.

— De modo nenhum, parente — replicou Imandra. — Pois não és tu também sacerdotisa, e a parente mais próxima da minha filha? E as minhas adivinhas dizem que a criança que tenho dentro de mim agora vai ser outra filha; acho que seria um bom presságio tu estares aqui para o nascimento.

Cassandra não tivera a mínima suspeita de que a rainha estivesse grávida; de fato, se tivesse dedicado alguns momentos de reflexão a esse assunto, teria ficado convencida de que Imandra já ultrapassara a idade de ter filhos. Mas agora, olhando com atenção, via que rainha se encontrava, de fato, nos primeiros tempos de gravidez. Quando conseguiu assimilar a notícia, congratulou a rainha pela criança esperada e perguntou:

— Será esta, então, a herdeira de Cálcis, no lugar de Andrômaca?

— Sim. Andrômaca não está nada interessada em ser rainha; por esta altura já deves ter descoberto isso — disse Imandra — e não é difícil uma mulher esquecer as tarefas de rainha quando se sente feliz; mesmo quando essa mulher já é rainha. Não te disse já isto antes, Agon? — perguntou ela.

E o rapaz bonito disse:

— De fato já, senhora minha.

O rosto largo de Imandra contorceu-se num risinho que Cassandra só conseguia descrever como "tolo", ao mesmo tempo em que os seus olhos se pousavam no seu eleito; e Cassandra, compreendendo subitamente a situação, sentiu-se chocada: a independente rainha

Imandra, senhora de Cálcis, embeiçada por um rapazinho bonito que não era mais velho do que a sua filha? E estava realmente embeiçada; o próprio tom da sua voz o confirmava. Ele partilhava o seu prato e a sua taça de vinho e ela escolhia as mais finas iguarias para lhe dar.

Quando acabaram de jantar, Cassandra mandou buscar os baús que trouxera consigo e tirou os presentes que Andrômaca enviara para a sua mãe: tapeçarias bordadas, peças de tecido ricamente tingido e até mesmo espadas e punhais em bronze requintadamente trabalhado; entre estas, várias foram as que a rainha, com um gesto de indiferença, entregou imediatamente ao seu consorte.

— Mas não me digas que queres ir combater em Tróia! — disselhe ela com firmeza. — Preciso de ti a meu lado para me ajudares a criar a nossa filha; e mais ainda se as videntes tiverem errado e for um rapaz.

— Nunca pensaria em deixar-te, senhora minha — disse ele — e muito menos para ir lutar num país longínquo. Se Agamenon ou outro qualquer se preparassem para vir aqui tentar conquistar Cálcis, isso já seria outra questão.

Imandra voltou-se para Cassandra.

— Fala-me sobre esta guerra e dessa rainha espartana — disse ela. — Apesar de estarmos bem distantes, sei alguma coisa da sua família, claro. Que tipo de pessoa poderá ela ser para ter causado uma guerra tão prolongada como esta?

Cassandra disse, lentamente:

— Nunca esperei gostar dela ou respeitá-la. Mas gosto e respeito; acho que os Deuses foram rudes para com ela quando a atravessaram no caminho do meu irmão Páris.

— Bom, ela tinha todo o direito de tomar um consorte — disse Imandra, lançando um sorriso discreto ao jovem Agon — mas o erro dela foi não ter repudiado Menelau; ou não ter levado a cabo o antigo sacrifício! As coisas têm de ser bem feitas. O erro de Helena, lembra-te, não foi ter arranjado um amante esse era um pleno direito seu que ninguém podia recusar-lhe. A mãe dela era rainha de Micenas por direito, e pertencia a Helena governar Esparta; o seu crime (e é um verdadeiro crime para uma rainha) foi deixar Esparta nas mãos de Menelau. Foi isso que complicou o assunto. Terão eles entregue a cidade à filha dela, para que esta a sucedesse no trono? Aposto que não; Hermíone é muito pequena para ter consciência de que é rainha. Estes Aqueus selvagens que tentam me trazer essa história dos "reis" para o nosso mundo civilizado, e esse falatório constante acerca da paternidade... como se algum homem pudesse gerar vida. A Deusa, por si só, dá vida às crianças; porém, alguns destes homens são suficientemente arrogantes para dizer que a mulher não é mais do que um forno no qual o filho deles (o filho deles, já alguma vez ouviste semelhante disparate?) é cozido. Esse

Agamenon... amaldiçoado seja por todas as Deusas e todas as Fúrias! — exclamou Imandra.

— Ele é o comandante dos exércitos aqueus da própria Micenas — disse Cassandra.

— Sim; sabias que ele é casado com a irmã de Helena, que sucedeu à mãe em Micenas? Clitemnestra era a gêmea mais velha, e muito bela, mas nada que se comparasse com Helena. Clitemnestra tinha uma filha, Ifigênia, devotada à Mãe Serpente e, claro, zeladora do santuário e importante sacerdotisa desde os tempos de criança. Ora, quando esta guerra começou, Agamenon, que jurara ajudar o irmão em tudo, tinha portanto que deixar Micenas e receava que Clitemnestra o substituísse como consorte; ela estava furiosa por ele ter ousado fazer tal juramento sem a sua autorização e por isso ameaçara-o de que, se ele a deixasse, ela levaria o seu primogênito para o seu leito. Agamenon ameaçou levar o filho deles, Orestes, para longe; Clitemnestra disselhe para ele fazer o que quisesse do rapaz, mas que se ele pervertesse alguma das suas crianças com os seus Deuses malignos, ela expulsaria pai e filho. Por isso fez do rapaz sacerdote de Posídon (julgo que foi Posídon, o Deus Cavalo) e mandou-o adotar pelos Centauros. Quando os exércitos de Agamenon estavam reunidos para navegar para Tróia, foram retidos na costa por falta de vento, e ele mandou dizer a Clitemnestra que a sua filha Ifigênia deveria ir dirigir os sacrifícios destinados aos ventos. Ela foi, como sacerdotisa, e ele não fez mais nada senão sacrificar a própria Ifigênia, alegando falsos oráculos; isto para que Clitemnestra não pudesse arranjar outro consorte, já que a sua filha mais nova era pequena de mais para ser sua sucessora. E ouvi dizer que esta filha mais nova, Electra, fora convencida a condenar a adoração da Mãe Terra; e quem poderá censurá-la? Se ela se tornasse sacerdotisa como a irmã, poderia morrer também. Mas Clitemnestra jurou vingar-se; e Agamenon, um dia, enfrentará a vingança da Mãe Terra. E não duvides, ele vai morrer. Não se pode zombar assim dos Deuses. .

— Então, nesse caso, é tudo uma questão de saber se o território deverá ser governado por reis ou por rainhas?

— Que mais poderá ser? Por que haveriam os homens de governar a casa ou a cidade, onde sempre mandou a mulher desde que, pela primeira vez, a Mãe Terra criou vida? Melhor era a forma antiga, em que o rei era enviado para a guerra todos os anos, para morrer pelo seu povo, e não existia o

problema de algum homem querer pôr o filho a sucedê-lo. Durante milhares de anos, até estes selvagens Aqueus virem tentar mudar os nossos costumes, eram estas as leis da vida... Mas depois, quem sabe? Talvez tenha havido uma guerra e um rei que fosse um comandante muito hábil para deixar-se matar; ou alguma mulher tonta como eu, que não tenha querido perder o seu jovem amante. — Lançou um olhar afetuoso ao jovem Agon. — Então vieram esses cavaleiros, e os primeiros reis, e impuseram os seus Deuses arrogantes

— mesmo o Senhor do Sol, que afirma ter aniquilado a Mãe Serpente. — Imandra bocejou.

— O mundo está a mudar, é o que te digo; mas a culpa é das mulheres que não mantiveram os seus homens na ordem.

— E tu achas, então, que é essa a causa desta guerra? — perguntou Cassandra.

— Minha querida, tenho certeza! — disse a rainha. — Nunca poderia ter acontecido em Cálcis.

DEZESSEIS

Alguns dias mais tarde Cassandra, instalada nos aposentos do palácio que antes pertenciam às filhas reais (nesse mesmo quarto onde, uma vez, ela e Andrômaca haviam ficado acordadas na cama, de noite, vendo as estrelas candentes) foi acordada pela rainha Imandra em pessoa.

— Minha querida, a sacerdotisa suprema do Templo da Mãe Serpente está disposta a receber-te.

Cassandra acordou as suas camareiras e ordenou que a vestissem com uma túnica simples, sem pregas, como era próprio de uma suplicante. Adrias protestou:

— És princesa de Tróia e sacerdotisa por direito próprio; devias visitá-la como igual, senhora minha.

— Mas eu vou visitá-la em busca da sabedoria que ela possui e eu não — respondeu Cassandra. — Creio que é mais apropriado eu ir ter com ela humildemente, para pedir a sua ajuda.

A camareira torceu o nariz; mas a rainha Imandra disse:

— Acho que tens razão, Cassandra. Quando ela me manda chamar, até eu me mostro humilde na sua presença.

Cassandra suspirou de alívio e prendeu as sandálias macias nos pés. Não gostava nada de usar as roupas complicadas da corte e de andar vestida como uma princesa.

Embora o sol não estivesse ainda muito alto no céu, as neblinas matinais já se tinham dissipado; o calor era enorme sobre a sua cabeça e atravessava os ombros da túnica. Pareceu-lhe longa a caminhada através da cidade, e os seus pés estavam cansados quando finalmente subiram os enormes degraus, construídos por titãs, em direção ao santuário.

Lá dentro, para alívio de Cassandra, estava escuro e fresco, e ouvia-se ao fundo o agradável ruído de água a cair. Uma mulher calada, vestida de escuro, recebeu-as e conduziu-as a um pátio coberto, com chão de mosaico; no extremo mais distante encontrava-se um trono formal onde estava sentada uma mulher idosa, grande e gorda, de cabelos brancos.

— A sacerdotisa Arícia — murmurou Imandra.

Avançou lentamente ao longo da sala. A princípio, Cassandra pensou ver uma serpente viva enroscada a adornar o penteado da sacerdotisa; depois, percebeu que era apenas uma imitação realista em cerâmica moldada e pintada, ou talvez em madeira esculpida. A sacerdotisa vestia uma túnica sem mangas, de tecido carmim ricamente ornamentado com desenhos semelhantes a escamas de serpente; e enrolada na sua cintura estava, agora de fato, uma serpente viva; a maior que Cassandra alguma vez vira: era tão grossa como os braços da sacerdotisa, que eram gordíssimos. A cobra dava duas voltas à cintura de Arícia e a mulher segurava-lhe a cabeça com a mão, fazendo-lhe cócegas por baixo do maxilar, preguiçosamente.

Numa voz suave que não deixava de estar repleta de autoridade disse:

— Saudações, rainha Imandra; é esta a princesa troiana de que me falaste?

— É sim, senhora — disse Imandra — Cassandra, filha da rainha Hécuba de Tróia.

Cassandra sentiu os olhos da velha sacerdotisa pousados nela, escuros e fixos como os olhos da serpente.

— E que desejas tu de mim, Cassandra de Tróia?

Cassandra sentiu-se compelida a ajoelhar-se diante da velha mulher.

— Vim desde Tróia para aprender contigo; ou antes, com a Mãe Serpente — disse ela.

— Bom, diz-me o que pretendes — disse a velha sacerdotisa. — Pela filha de Hécuba, farei tudo o que estiver ao alcance dos meus poderes.

Assim encorajada, Cassandra contou-lhe da morte das serpentes na casa do Senhor do Sol e da sua relutância em substituí-las antes de conhecer melhor os cuidados a ter com elas. A velha sorriu, coçando ainda a cobra por baixo do queixo, ou no lugar onde deveria ser o queixo, se o tivesse. Por fim, disse:

— Eu devia chamar todas as minhas sacerdotisas, Cassandra, para que elas viessem olhar para ti. Porque em Cálcis inteira não consigo encontrar uma única mulher jovem que deseje aprender esta arte; e tu fizeste todo esse caminho desde Tróia, para procurá-la junto de mim. Diz-me, Cassandra, enquanto estiveres no Templo da Mãe Serpente lhe prestará os devidos respeitos?

— Juro, senhora.

Arícia sorriu e estendeu a mão.

— Então seja — disse — te aceito. Podes ficar aqui e nada da nossa ancestral sabedoria te será interdito enquanto viveres entre nós. Podes deixá-la conosco, Imandra; e tu podes retirar-te também — disse ela, lançando a Adrias um olhar penetrante. — Ela não precisa de camareiras no Templo da Mãe; toda a assistência que necessitar lhe será dada por sacerdotisas.

Adrias disse, com firmeza:

— Eu prometi à mãe dela, minha senhora, que não sairia do seu lado por um único dia que fosse, enquanto ela estivesse em terras estrangeiras.

Arícia disse, afavelmente:

— Não posso censurar-te por isso, filha. Mas pensas realmente que ela precisa da tua vigilância quando está nas mãos da Grande Mãe?

— Suponho que não, senhora. Quando colocas as coisas dessa forma, onde poderia ela estar mais segura do que nas mãos da Grande Deusa? Mas não posso quebrar a minha promessa à rainha Hécuba — disse Adrias, relutante.

Imandra disse:

— Ela tem mesmo que ficar alojada no templo, senhora Arícia? Ficaria mais feliz se a tivesse no palácio como minha hóspede e ela poderia estar presente nos serviços do templo sempre que a quisesses.

— Não, isso não pode ser; ela tem de viver entre nós e aprender a viver conosco e com as nossas serpentes — disse Arícia. — Isso te desagrada, Cassandra?

— De modo algum — disse Cassandra. — Eu respeito a rainha Imandra como parente da minha mãe e minha amiga, mas estou mais do que desejosa de viver na casa da Mãe Serpente, como é próprio de uma sacerdotisa.

Imandra abraçou-a, bem como Ádria, e retiraram-se. Quando desapareciam, a velha sacerdotisa, que tinha reparado que Cassandra observava a cobra que se mantinha enrolada, imóvel, em volta do seu corpo, perguntou:

— Tens medo das serpentes, Cassandra?

— Nenhum, senhora. — E acrescentou, impulsivamente: — Esta é bastante bonita.

— É uma verdadeira matriarca entre as serpentes — concordou Arícia. — Gostarias de pegar nela?

— Com certeza, se ela quiser passar para mim — disse Cassandra, embora nunca tivesse pegado numa serpente tão grande. — Não é venenosa, suponho?

— Não se vê logo, ao olhar para ela? Bem, essa é uma das coisas que terei de te ensinar. Mas claro que não é venenosa! Não me arriscaria a manusear assim uma das cobras venenosas; essas raramente têm este bom feitio. E quase nunca são tão grandes como esta.

Arícia segurou a enorme cauda da cobra afastada do corpo.

— Vê, isto faz com que ela se desenrosque, uma vez que não consegue apertar-se contra o meu corpo quando eu a seguro assim. Estende a tua mão e deixa-a cheirar-te.

Cassandra obedeceu, não pestanejando sequer quando a enorme cabeça se aproximou, a língua bífida mexendo-se velozmente para dentro e para fora, roçando ao de leve a sua mão. Depois a cobra moveu-se e deslizou, suave como seda, pelo braço da velha sacerdotisa até aos ombros de Cassandra; esta segurou-a com a mão e começou, delicadamente, a coçá-la por baixo do queixo. Ficou espantada por sentir toda a tensão a abandonar o corpo da serpente, ao mesmo tempo em que um peso surpreendente se aquietava à sua volta.

— Ótimo, ela gosta de ti! — disse Arícia. — Não me valeria muito aceitar-te aqui se ela não gostasse. De qualquer forma, mais cedo ou mais tarde, se ela estiver com medo ou se assustar enquanto estiveres a segurá-la, poderá morder-te. Sabes como agir se ela o fizer?

A velha Melianta, na casa do Senhor do Sol, ensinara isso a Cassandra.

— Sei; não a assustar mais, ou tentar afastá-la, mas sim procurar outra pessoa para desenrolá-la, começando pela cauda — e estendeu a mão, exibindo as pequenas cicatrizes causadas por umas das serpentes do templo que lhe mordera no tempo em que dava assistência a Melianta. Arícia sorriu.

— Certo; mas então, o que precisas aprender conosco?

— Oh, todo o tipo de coisas — disse Cassandra, ansiosamente. — Desejava saber como encontrar e apanhar cobras nos locais selvagens onde vivem; como fazê-las sair dos ovos e ensiná-las a ir e vir, como já vi fazer; como alimentá-las e cuidar delas para que tenham uma vida longa, e como conquistar a sua confiança e mantê-las satisfeitas para que não fujam.

A velha riu, estendendo a mão para contornar a cabeça da grande cobra.

— Está bem; penso que podemos ensinar-te todas essas coisas. É melhor deixares que eu a leve, agora; estou acostumada ao seu peso e não creio que

uma criatura magra como tu possa ir muito longe com ela. Tens de comer bem e engordar, como eu ou como Imandra, antes de poderes tornar-te verdadeiramente uma sacerdotisa da Mãe Serpente. Poderá vir o dia em que terás de sentar-te a mostrá-la ao povo; ela gosta de ser exibida, ou pelo menos assim parece. Mais uma coisa: algumas jovens são muito impressionáveis ou sentimentais em relação aos pequenos animais (pombos, ratos, coelhos) para alimento das serpentes. Isso te perturba?

— Não, nada. Não fui eu, mas sim os Deuses quem determinou que alguns animais devem ser alimentados com outros seres vivos; eu não os criei, e não me compete decidir do

que é que eles devem ser alimentados — replicou Cassandra.

Tinha ouvido Melianta dizer isto, uma vez, quando uma jovem do templo se mostrara escrupulosa em relação a dar ratos vivos às serpentes para alimentá-las.

— Bem — disse Arícia — temos que arranjar um quarto para ti e uma sacerdotisa para tua assistente, e apresentar-te ao resto das pessoas que aqui vivem. Tu és uma princesa de Tróia, e espero que isto não seja muito pequeno e vulgar para ti.

— Oh, não! — disse Cassandra. — Estou desejosa de ser uma das vossas. Arícia abraçou-a ternamente e conduziu-a para dentro da casa da Mãe Serpente.

DEZESSETE

Começou então para Cassandra um tempo como não teria outro na sua vida. Visto ser já uma sacerdotisa, não teve de passar por experiências penosas ou provas fatigantes, apesar de, por ser a mais nova (muitas das sacerdotisas do templo eram idosas e frágeis, pois muito poucas mulheres jovens escolhiam servir a Mãe Serpente), lhe terem sido atribuídas tarefas como cuidar dos animais criados para alimentar as serpentes, limpar os potes e aceitar e registrar as oferendas feitas ao templo. Foi bem recebida por toda a gente e tratada de acordo com a sua condição; a própria rainha Imandra não era tratada com mais deferência e em breve Arícia passou a amá-la como a uma filha.

Em muitos aspectos, a sua estada no Templo da Mãe Serpente assemelhava-se aos seus primeiros anos na casa do Senhor do Sol, com uma grande diferença: todas as devotas da Mãe Serpente eram mulheres e ela não passou por nada de semelhante aos problemas que tivera com Crises. Os únicos homens da casa da Mãe Serpente eram escravos e nenhum deles se atreveria a fazer quaisquer tentativas em relação a uma sacerdotisa.

Aprendeu tudo quanto as sacerdotisas lhe podiam ensinar sobre os costumes das serpentes e das cobras. Em breve sabia como distinguir as venenosas das inofensivas e como domar e lidar com algumas serpentes não venenosas que tinham aspecto idêntico ao de certas serpentes venenosas, fazendo qualquer observador acreditar que estava a desafiar a morte. Ela própria não tinha medo nem mesmo das cobras maiores e em breve era uma das manuseadoras preferidas; freqüentemente, quando a enorme matriarca das serpentes era levada nos cortejos, Cassandra era uma das escolhidas para transportá-la.

Nada lhe escapara da arte das serpentes: como encontrar e capturar cobras no mato, como alimentá-las e manter, como as banhar e cuidar delas quando mudavam a pele. Chegou mesmo a chocar ela própria uma cobra, mantendo o ovo entre os seios durante mais de um mês e abrigando a cria de cobra contra o seu corpo quando rastejou para fora do ovo. Devido a este fato foi-

lhe concedido o ambicionado título de honra entre as sacerdotisas: Mãe Cobra.

Raramente pensava em Tróia. Chegavam de longe em longe notícias a Cálcis, talvez deturpadas pela longa viagem, do decorrer da guerra. Idomeneu de Creta e os reis minóicos tornaram-se aliados de Tróia; a maioria das gentes do continente estava do lado dos Aqueus. Os ilhéus, devido a alianças forjadas quando Atlântida ainda reinava sobre os mares, mantinham-se do lado de Príamo, das Deusas de Tróia e Cálcis.

Por vezes, por alturas de lua cheia, Cassandra ateava um fogo mágico e, à luz deste, consultava a taça-das-visões; assim soube quando Andrômaca deu a Heitor um segundo filho, que morreu antes de o umbigo ter cicatrizado. Desejou poder estar em Tróia naquela noite, para poder confortar a amiga na sua dor.

Soube também quando Helena deu a Páris filhos gêmeos, o que não a surpreendeu totalmente. Páris era, afinal, um gêmeo e Helena também tinha uma irmã gêmea. Ocorreu-lhe que se ela própria alguma vez viesse a ter filhos, podia ter gêmeos, talvez filhas gêmeas. Os gêmeos de Helena eram crianças fortes e saudáveis, embora não tivessem a beleza quer do seu pai quer da sua mãe, e cresceram tão depressa que em meio ano começaram a andar.

Antes de os filhos mais novos de Helena serem desmamados, Príamo sofreu uma queda durante uma escaramuça na praia e um ataque súbito como um relâmpago, durante a doença que se seguiu, deixou-lhe o lado direito do rosto torcido e flácido, ficando depois disso a coxear da perna direita. Fez de Heitor o oficial comandante dos seus exércitos, não surpreendendo ninguém com isso. Os soldados, apesar de serem leais e vitoriarem Príamo nas raras ocasiões em que aparecia perante os exércitos, adoravam Heitor como se este fosse o próprio Ares.

O tempo em Cálcis passava sem qualquer incidente. Cassandra era sempre bem-vinda no palácio e Imandra mandava-a chamar com freqüência; às vezes simplesmente por desejar a sua companhia, ocasionalmente para que consultasse a taça mágica e lhe dissesse como decorria a guerra ou, por vezes, para procurar as Amazonas e se certificar de que as coisas não iam

muito mal para Pentesileia e o seu grupo. Com os seus dias preenchidos pelos deveres e pelo estudo, Cassandra ficou surpreendida por descobrir que já estava longe de Tróia havia muito mais de um ano. Entre as mulheres, o nascimento era sempre uma festa, e no palácio havia sempre alguém a ter um bebê; as mulheres devotas à Mãe Serpente, contudo, não se casavam, e a sua maioria tinha feito votos formais de castidade, pelo que não havia nascimentos no templo. Ela perguntava-se quando teria a rainha a sua criança. Em breve ouviu dizer na cidade que a rainha se passearia pelas ruas para abençoar os seus súditos em nome da Mãe Terra. Cassandra lembrava-se vagamente (era praticamente a sua primeira recordação) de Hécuba o ter feito antes do nascimento de Troilo. Em Tróia era simplesmente um velho costume, meio esquecido e informalmente observado: sempre que a rainha aparecia nas ruas, as mulheres corriam a pedir-lhe a bênção. Em Cálcis, onde os costumes eram mantidos segundo as velhas tradições, Cassandra não ficou surpreendida por descobrir que havia um cortejo formal. Mas certamente que o tinham deixado para muito tarde; o nascimento devia estar iminente. Imandra não andaria pelas ruas a pé, mas sim transportada numa liteira, e Arícia, a representante terrena da Mãe Serpente, seria transportada com ela, as serpentes da sabedoria adornando-a dos pés à cabeça, para que todas as mulheres da cidade pudessem buscar a bênção não só da rainha grávida como da Mãe Serpente.

— Mas por que agora? Quererão que a rainha entre em trabalho de parto nas ruas? — perguntou ela.

— Bem, isso já aconteceu antes — disse Arícia. — Não seria esta a primeira criança de uma rainha de Cálcis a nascer nas ruas da cidade; estarão muitas parteiras da corte no cortejo. Mas os adivinhos da rainha escolheram este dia como auspicioso; e, é claro, quanto mais perto Imandra estiver do tempo, maior é a bênção que pode conferir.

— Sim, claro. — Cassandra entendia que assim fosse.

Chegara a manhã do cortejo e Cassandra, em conjunto com as outras sacerdotisas, ajudava a vestir e adornar Arícia, enrolando-lhe a serpente matriarca em torno da cintura e duas serpentes menores em torno dos braços. Seria cansativo para a mulher, pois as serpentes tinham de ser erguidas para que o povo as pudesse ver. Cassandra desejou poder, visto ser

mais jovem e mais forte, tomar o lugar da mulher mais velha. Disselhe isso mesmo, mas Arícia respondeu-lhe unicamente:

— Ainda é mais difícil para a rainha, minha querida; ela está tão dilatada como uma píton depois de engolir uma vaca. Talvez para a próxima, minha querida; Imandra é uma velha amiga, e eu estou feliz por ir no seu cortejo. Ela para ti também tem sido mais que bondosa. Um pouco mais desse tom de carmim na minha face esquerda, por favor, e algum pó de ervas para ser queimado no braseiro; as serpentes adoram-no e causam muito menos problemas quando podem cheirá-lo. Vens comigo, Cassandra? Podes alimentar o braseiro e estar a postos para pegar as serpentes menores se elas começarem a ficar inquietas. Não é muito provável, mas, é claro, tudo pode acontecer.

Cassandra sabia que este era um privilégio que provocaria a inveja de outras sacerdotisas do templo; mas elas respeitavam-na como princesa de Tróia. Foi imediatamente vestir os seus trajes cerimoniais e enrolou, nos braços, duas ou três serpentes menores, cingindo duas em torno da testa de modo a formarem uma coroa. Assim enfeitada (e pensando que talvez as estátuas da lendária Medusa tivessem sido inspiradas por uma coroa de serpentes como aquela), saiu para a rua e vendo Arícia ser içada para a alta liteira, deixou-se içar depois dela.

Estava frio; um vento forte soprava através das ruas por entre os edifícios altos, e as folhas tinham desaparecido das árvores e dos arbustos. Sentou-se, erguendo bem alto as suas serpentes para que as mulheres nas ruas as pudessem ver distintamente. A liteira de Imandra seguia na sua frente; Cassandra conseguia ver a forma da rainha, agora pesada na sua gravidez, com o cabelo caindo-lhe solto pelas costas. As ruas estavam cheias de mulheres, muitas delas grávidas, correndo para as liteiras, rompendo por entre os guardas, estendendo os braços para suplicar uma bênção.

O vento gelava-a; sentiu-se satisfeita com o peso confortável da serpente em torno da sua cintura. As cobras estavam atordoadas. *"Elas não gostam mais do frio do que eu",* pensou ela, ansiando pelo sol quente da sua terra.

Quase que entrou em transe, observando a alta figura de Imandra na sua carruagem, possuída pela magia e o resplendor da Deusa. As mulheres

acorriam erguendo as mãos, implorando fertilidade, a boa graça vinda do contato com a rainha grávida que encarnava a Deusa. Erguendo mecanicamente as suas serpentes, ouvia as mulheres chamarem por Imandra e pela Mãe Terra, por Arícia e pela Mãe Serpente, e depois, em algum lugar no meio da multidão, ouviu até alguém gritar:

— Olhem, é a princesa troiana, a amada de Apolo!

Aquele grito devolveu-lhe bruscamente a consciência. Seria aquilo ainda verdade? Ou Apolo a esquecido? Talvez fosse altura, pensou ela, de regressar a Tróia, ao seu próprio povo e aos seus próprios Deuses; servindo a Deusa, as mulheres aqui eram mais livres, mas de que lhe serviria a liberdade se tivesse de viver para sempre entre estranhos? Depois o seu coração repreendeu-a; era muito amada ali e tinha muitas amigas; suportaria ela abandoná-las e regressar a uma cidade onde se esperava que as mulheres se submetessem aos seus maridos e irmãos?

O sol tornava-se mais quente; puxou o véu para cima da cabeça e mergulhou um lenço numa taça com água para umedecer as cabeças das serpentes.

— Em breve, pequeninas — murmurou — isto estará terminado e vocês irão para um lugar fresco e escuro. — Uma das serpentes tentava rastejar para a escuridão do interior do seu vestido; as multidões estavam a se dispersar e por isso ela não tentou impedi-la de fazê-lo.

Os carregadores das liteiras abrandaram o passo e depois pararam. Os criados desceram Imandra cuidadosamente da sua cadeira, não sem dificuldade. Esta caminhou pesadamente em direção à liteira onde elas estavam sentadas, rodeadas pelas suas serpentes.

— Cassandra, minha amiga, não quererás vir esta tarde ao palácio e consultar para mim a tua taça mágica?

— Com prazer — respondeu Cassandra. — Assim que tiver cuidado das minhas serpentes; e se Arícia me permitir — acrescentou, olhando de relance para a sacerdotisa mais velha que lhe sorriu e assentiu com a cabeça.

No Templo da Mãe Serpente, ajudou os carregadores a instalar Arícia na sua cama num quarto escurecido, depois ajudou a soltar as cobras e a dar-lhes banho na fonte do pátio interior. Depois de engolir alguns frutos e um pouco de pão, pôs o seu vestido mais simples e saiu de novo para o frio do princípio da tarde. Estava agora ligeiramente mais quente; o pouco calor que havia no sol estava agora no auge da sua força e sendo meio-dia, as ruas estavam cheias de gente; mas ninguém reconheceu naquela mulher franzina de cabelos escuros, com a sua túnica simples, a sacerdotisa que tinha sido transportada, envolta e coroada pelas suas serpentes, pelas ruas.

As mulheres da rainha conduziram Cassandra aos aposentos reais. Estavam agradavelmente aquecidos por um fogo aceso na lareira. Imandra estava deitada numa rede, o cabelo solto e o seu enorme corpo erguido de encontro às almofadas. Tinha perdido o fascínio da Deusa e agora tinha um aspecto cansado; o seu rosto contraído estaria pálido, se ela se tivesse dado ao trabalho de tirar a maquiagem das faces.

"Ela devia ter mantido Andrômaca aqui em vez de tê-la enviado para Tróia; assim não teria de se expor aos riscos de uma gestação tardia", pensou Cassandra, surpreendendo a si própria; *"agora precisa de uma filha que reine depois dela sobre Cálcis. "*

Como se algum sinal do que Cassandra pensava a tivesse alcançado, a rainha abriu os

olhos.

— Ah, filha, vieste para me fazer companhia — disse ela. — Estou satisfeita; penso que a pequenina — pousou a mão sobre a barriga — é capaz de nascer hoje; mas pelo menos o cortejo chegou ao fim e eu não tenho de dar à luz a rainha deles nas ruas. Chamarei em breve as mulheres do palácio; ficariam muito zangadas se eu não lhes dissesse imediatamente; têm direito à sua festa. Cassandra, que idade tens tu, minha querida?

Cassandra tentou calcular a sua idade; em Tróia não mantinham a conta dos anos das mulheres a partir do momento em que chegavam à puberdade.

— Penso que vou fazer dezenove ou vinte este verão — disse ela. — A mãe disseme

que eu nasci perto do meio do verão.

— Um ano mais velha que a minha Andrômaca — disse Imandra. — E disseste-me que o filho mais velho de Andrômaca já é suficientemente crescido para ter o seu primeiro elmo de bronze e lições de espada. Penso que não conheço mais nenhuma mulher da tua idade que não seja casada. Às vezes penso que tu devias ter sido minha filha, visto te manteres fiel aos velhos costumes de Cálcis, enquanto Andrômaca parece ser feliz em Tróia, mesmo como esposa obediente de Heitor. — O seu lábio torceu-se ligeiramente, quase com desprezo. — Mas tu és filha de Príamo, e uma troiana. É teu desejo te manteres solteira até ao fim dos teus dias, minha querida?

— Nunca pensei noutra coisa — disse Cassandra. — Estou prometida a Apolo, Senhor

do Sol.

— Mas estás a perder tudo o que torna a vida digna de ser vivida! — disse Imandra, e suspirou.

Franziu as sobrancelhas e manteve-se imóvel durante algum tempo, depois disse:

— Consultarás a taça mágica e permitirás que esta velha mulher veja por uma vez o filho da sua filha?

Cassandra objetou:

— Talvez neste momento — disse ela — devesses pensar primeiro nesta criança. Tens de poupar toda a tua força e energia até que ela esteja a salvo aqui entre nós, parente.

— Falaste como uma sacerdotisa e as sacerdotisas dizem sempre uma quantidade de disparates! — disse Imandra rispidamente. — Não sou

nenhuma menina de quinze anos no seu primeiro parto; sou uma mulher adulta e uma rainha, e não menos sacerdotisa que tu própria, Cassandra de Tróia.

— Eu não quis sugerir... — começou Cassandra na defensiva.

— Oh, quiseste sim; não o negues — disse Imandra. — Faz o que te peço, Cassandra; se não o fizeres, outras há que o farão, se bem que não haja muitas que vejam a tão grande distância e tão bem como tu.

Tudo o que Imandra dizia era verdade, e Cassandra sabia.

— Oh, muito bem — concordou ela, acrescentando mentalmente, *"sua velha criatura teimosa"*. — Chama as tuas mulheres — disse ela — e deixa que te preparem para o nascimento. Não me consideres responsável se o que eu te disser te causar dor ou pesar; eu sou apenas a mensageira, sou as asas do pássaro portador dessas palavras.

Ajoelhou-se, fazendo preparativos para atear um fogo mágico que lhe permitisse exortar a Visão.

As mulheres de Imandra entravam e saíam do quarto, aprontando tudo para o nascimento. Entre elas estavam as duas aias de Cassandra, que vieram saudá-la e perguntar-lhe discretamente, fora do alcance dos ouvidos da rainha:

— Vamos ficar para sempre nesta cidade estrangeira, princesa? Quando voltaremos a

Tróia?

— Isso será conforme a rainha Imandra o desejar — disse Cassandra. — Não a deixarei enquanto ela precisar de mim aqui.

— Como poderá ela ter mais necessidade de ti do que a tua própria mãe, senhora? Acreditas realmente que a rainha Hécuba não sente a tua falta nem se aflige contigo?

— Têm permissão minha para regressar a Tróia — disse Cassandra com indiferença

— eu fiz uma promessa a Imandra e não a quebrarei.

Ergueu-se e dirigiu-se a passos largos para a cama alta onde as mulheres tinham colocado a rainha para que descansasse até que fosse altura de passar para a cadeira parideira. O quarto enchia-se lentamente com as mulheres do palácio, vindas para testemunhar o acontecimento real.

— Pergunto-me — refletiu Imandra de mau humor — se às vezes não acontece a Mãe Terra enviar o bebê para o ventre errado... Pelo que conheço dela, Hécuba teria achado Andrômaca uma filha perfeita e tu sempre estiveste deslocada em Tróia... — Agarrou com força a mão de Cassandra. — Não, não me deixes — disse ela — os Deuses deterão a Visão até que os nossos olhos estejam prontos para vê-la.

— Não sei quais poderão ser os propósitos da Deusa, tendo-me enviado para o ventre de Hécuba de Tróia em vez de para o ventre de Imandra de Cálcis — disse Cassandra, encostando a sua à face da mulher mais velha — mas quaisquer que possam ter sido, parente, eu amo-te como se fosses minha mãe de verdade.

— Acredito que o faças, filha — disse Imandra, virando a cara para beijar Cassandra.

— Se a Deusa me levar hoje, promete-me que ficarás em Cálcis e que educarás a minha filha de acordo com as velhas tradições.

— Oh, vá lá, não deves falar em morrer; viverás muitos, muitos anos e verás a tua filha com as suas próprias filhas e filhos sobre os joelhos! — disse Cassandra.

Uma das criadas estendeu-lhe uma taça com vinho e uma travessa com bolos de mel; ela bebericou distraidamente o vinho e pôs de lado os bolos.

— Deixa-me observar a taça para ti — disse, e ajoelhou-se de novo sobre as pedras, junto ao fogo mágico, focando a sua mente no dia em que nascera o

primeiro filho de Andrômaca; o rosto pálido e excitado de Heitor olhando para a pequena criatura...

Sombras moveram-se na água, deslizando e imobilizando-se no rosto de Heitor... as plumas carmim enlameadas, cobertas de um carmim úmido e mais escuro... Cassandra susteve a respiração e uma dor súbita trespassou-lhe o coração. Heitor! Estaria ele morto, ou teria ela apenas visto o que estava para acontecer? Quando uma cidade estava em guerra, era mais provável do que improvável que o comandante do exército, que estava sempre à frente das suas tropas em batalha, caísse nas mãos... nas mãos sangrentas de Aquiles...! Aquele rosto escarninho, pálido e belo, belo e perverso... Neve varreu a superfície da água e Cassandra soube que via o que iria acontecer num ano futuro, mas que ano? Cassandra não tinha forma de saber.

Imandra, com os olhos fixos no rosto de Cassandra como se tentasse desesperadamente partilhar da Visão, perguntou:

— Que viste?

— A morte de Heitor — murmurou Cassandra. — Mas para um guerreiro não há outro fim e de há muito que sabemos que isto iria acontecer; mas ainda não aconteceu, talvez não venha a acontecer senão daqui a muitos anos...

— Mas a criança — sussurrou Imandra — fala-me da criança!

— Quando o vi da última vez, estava saudável e bem desenvolvido, e já tinha uma espada de madeira e um elmo de brincar — disse Cassandra, relutante em olhar outra vez e ver uma desgraça, e por qualquer razão não duvidava de que seria isso o que veria. — Os sinais esta noite não são propícios à Visão, Imandra; suplico-te que me dispenses de olhar de novo.

— Como desejares — disse Imandra, mas o seu rosto contorceu-se de desapontamento. — Morreria satisfeita se ao menos pudesse ver o filho da minha filha, mesmo que através da tua Visão e não da minha...

Lampejos de cor correram pela superfície da água; *"a luz do fogo fulgia através das portas de Tróia... "* e ela recordou-se da voz provocadora de Heitor. *"Só sabes uma canção, Cassandra; fogo e desgraça para Tróia; e a cantas noite e dia, como um menestrel que só sabe uma música...*

Sim, eu sei que Tróia perecerá, mas não ainda... Imploro-Te, deixa-me ver algo diferente!"

As chamas extinguiram-se; apareceu um raio de luz, a luz brilhante do sol refletindo-se nas brancas muralhas de Tróia... fundindo-se com o lúgubre rosto de Crises, distorcido pelos habituais traços de desgosto.

"Apolo, Senhor do Sol: se vejo tudo isto na Tua luz, por que não me mostras Tu nada

que eu já não saiba? "

Depois um brilho ofuscante, como se olhasse diretamente o rosto do Sol; pareceu-lhe que Crises crescia e Cassandra via agora a luz ofuscante do Deus, e soube quem percorria agora as muralhas e as fortificações de Tróia, terrível na Sua ira; o Seu arco brilhante retesado, as flechas douradas atingindo... atingindo ao acaso aqueus e Troianos por igual, as terríveis flechas de Apolo golpeando...

Cassandra gritou, cobrindo o rosto com as mãos. A visão nublou-se e correu como água; tinha desaparecido.

— Não sobre nós! — lamentou-se. — Não sobre o Teu próprio povo, Senhor do Sol, não a cólera, não as flechas de Apolo...!

De repente estava toda a gente à sua volta, abanando-a, tentando erguê-la, chegando-lhe vinho aos lábios.

— Que viste? Tenta contar-nos, Cassandra.

— Não, não! — gritou ela, fazendo um grande esforço para evitar que a sua voz se transformasse num guincho. — Temos de partir imediatamente! Temos de regressar a Tróia! — Mas o horror gelou-lhe o coração quando

pensou nas intermináveis léguas de viagem que se estendiam entre Cálcis e a sua terra. — Temos de partir imediatamente! Temos de partir ao romper do dia, ou mesmo esta noite! — gritou ela, procurando as mãos das suas aias que a amparavam. — Temos de ir... não podemos perder um minuto sequer...!

Ergueu-se titubeante e percorreu o espaço que a separava de Imandra, ajoelhando-se a seu lado, suplicando:

— Os Deuses chamam-me imediatamente a Tróia; rogo-te, parente, dá-me licença para partir...

— Para partir agora? — Imandra, os seus corpo e espírito completamente concentrados nas dores do parto que varriam o seu corpo, fixou-a sem compreender. — Não, proíbo-o! Prometeste ficar comigo...

Desesperada, Cassandra percebeu de que não podia impor as suas próprias necessidades àquela mulher presa nas garras da mais imperativa das solicitações. Teria simplesmente que esperar. Limpou as lágrimas que não tivera consciência de lhe correrem pelas faces, e voltou a sua atenção para a própria Imandra.

— Viste a criança da minha Andrômaca? — implorou Imandra.

— Não — disse Cassandra apaziguadora, afastando do seu espírito a visão do corpo desfeito da criança diante das muralhas de Tróia. *"Ela já vira aquilo antes... "* — Não, esta noite os Deuses não me concederam tal Visão. Só vi como as coisas vão mal na minha cidade.

"O mar negro de barcos aqueus, as muralhas de Tróia engolidas pelas turbulentas formigas dos exércitos de Aquiles... as muralhas ruindo, as chamas erguendo-se... Não, ainda não... não aquela destruição final, ainda... mas pior, as terríveis flechas da ira de Apolo voando contra aqueus e Troianos indiscriminadamente... "

Uma das mulheres começou a cantar uma das canções tradicionais dos nascimentos e depois de um momento de silencioso espanto... *"Comopoderiam elas cantar e comportar-se como se este fosse um vulgar*

festival de mulheres? Mas não, elas não tinham visto o sangue ou as chamas ou as flechas do Deus furioso" Cassandra juntou-se ao cântico, encorajando a alma expectante da criança ao entrar no corpo que para ela estava preparado, para que a Deusa libertasse o corpo da criança do ventre aprisionador da rainha. A uma canção sucedia-se outra, e mais tarde algumas das sacerdotisas dançaram a estranha dança da alma percorrendo o caminho que a levaria para lá dos guardiões do Aquém-Mundo. A noite foi se escondendo com lentidão e quando o céu empalidecia para o nascer do sol, a rainha, por fim, com um grito de triunfo, deu à luz. A mais antiga das parteiras do palácio, em cujas mãos a criança nascera, ergueu-a gritando:

— É uma filha! Uma filha saudável e forte! Uma pequena rainha para Cálcis!

As mulheres irromperam num cântico triunfante de boas-vindas à criança, levando-a à janela e erguendo-a para o sol que nascia, passando o pequeno corpo nu de mão em mão em volta do círculo de mulheres para que cada mulher lhe pudesse pegar e beijar a recém-chegada. A rainha Imandra exigiu por fim:

— Deixem-me pegá-la; deixem-me confirmar que é verdadeiramente forte e saudável.

— Só um momento; temos primeiro que a envolver contra o frio — disse a parteira da corte, e embrulhou o bebê num dos xales da própria rainha.

Puseram-na, por fim lavada e embrulhada, nas mãos de Imandra, e a rainha encostou com ternura o seu rosto contra a face da pequenina.

— Ah, esperei muito tempo para te ter nos braços, pequenina. É como dar à luz a minha própria neta. Não conheço mais nenhuma mulher que tenha tido uma criança com a minha idade e que tenha sobrevivido — disse ela — no entanto, sinto-me tão bem e tão forte como quando me puseram Andrômaca nos braços.

Estava a desembrulhar o bebê da mesma maneira compulsiva de todas as mães, contando-lhe cada dedo das mãos e dos pés, voltando a contá-los para

o caso de ter esquecidode algum, dando depois a cada um um beijo em separado, como se fosse um tributo especial.

— É linda — disse ela, sorrindo alegremente quando acabou de fazer festinhas e dar

beijinhos ao bebê, e, retirando um suntuoso anel do dedo, ofereceu-o à parteira:

— Isto é um suplemento ao teu pagamento normal que o meu tesoureiro te entregará.

A parteira balbuciou agradecimentos e recuou, espantada com tanta generosidade. Imandra continuou:

— Lhe daremos o nome no primeiro dia auspicioso. Até lá será a minha pequena pérola... visto ela ser tão macia e cor-de-rosa como as pérolas que os mergulhadores das ilhas trazem das profundezas do mar: E eu a chamarei *Pearl*[1]*,* a minha princesinha de pérola.

Todas as mulheres concordaram que aquele era um lindo nome. Seria usado até que lhe fosse dado um nome formal pelas sacerdotisas e informalmente durante toda a sua vida.

A rainha Imandra fez sinal a Cassandra para que se aproximasse.

— Os teus olhos estão vermelhos, Cassandra, e não pareces partilhar da nossa alegria. Terás visto algum mau augúrio para a minha filha para que não partilhes da minha alegria?

Cassandra contraiu-se; temera não ser capaz de ocultar o seu sofrimento dos olhos perspicazes de Imandra.

— Não, parente, regozijo-me verdadeiramente com a tua felicidade — disse ela, curvando-se e beijando a princesinha — e não consigo exprimir quão grande é a minha alegria por estares sã e salva. Mas os meus olhos ficam sempre vermelhos quando durmo tão pouco como esta noite e — hesitou, a voz tremendo — os Deuses enviaram-me maus presságios para Tróia. Sou

necessária lá. Suplico-te, parente, concede-me licença para que parta imediatamente para a minha casa.

Imandra pareceu ficar perturbada, mas a dor no rosto de Cassandra apaziguou a sua ira. Disse:

— Com este tempo? O inverno aproxima-se e a viagem será terrível. Tinha esperança que ficasses para me ajudar a educar a minha filha. Não tive muita sorte com a educação que dei a Andrômaca para me suceder como rainha. Não tenho muita fé em oráculos e presságios; no entanto, não te consigo negar nada no dia em que a Deusa me enviou esta linda filha. Porém, não é a minha permissão que tu tens de obter, mas sim a da Mãe Serpente. É ela, e não eu, quem tu serves aqui. E tens de esperar pelo menos até que eu consiga juntar os presentes para enviar para Tróia; para Andrômaca e seu filho, para a minha parente Hécuba e, não menos importante, para ti, minha querida filha.

Cassandra soubera que isto lhe seria exigido e disse para si própria que a catástrofe que previra não podia ser tão iminente que um dia ou mesmo uma semana fizessem assim tanta diferença. Os deveres do parentesco e da cortesia não podiam ser ignorados em relação a alguém que fora tão bom para si como o fora a rainha Imandra. No entanto, o seu coração revoltava-se; tudo o que a mantinha naquele momento afastada de Tróia lhe parecia detestável. Estava certa de que Arícia a censuraria por deslealdade; mas não havia qualquer outra saída honrosa. Elas tinham-lhe oferecido com generosidade o seu saber e a sua amizade; não podia, apesar de tudo, escapulir-se de Cálcis como uma ladra.

Por isso, tomou coragem e foi obter permissão para partir da sacerdotisa da Serpente.

Durante aquela noite e o longo dia que se lhe seguiu, enquanto estavam a ser preparados carroções, animais, presentes e tudo o que ela iria necessitar na longa viagem, Cassandra teve tempo para recuperar uma certa calma, mesmo que unicamente por não poder suportar aquela febre de medo e horror e continuar a viver. Sabendo que os Deuses a tinham chamado a Tróia para encontrar o que quer que fosse que constituía o seu destino, nunca lhe ocorreu que ficar em Cálcis poderia servir para evitá-lo. A

história estava repleta de lendas daqueles que egoisticamente haviam pensado evitar o seu destino ao negligenciar algum dever e que, inevitavelmente, haviam atraído sobre si precisamente a sina que tanto temiam.

A visão poderia não significar catástrofe; poderia até querer dizer que Apolo não toleraria aquela guerra tal como ela estava a decorrer. Talvez Ele lhes impusesse qualquer espécie de tréguas e tudo terminasse em bem.

Assim, por fim, embora lamentasse sinceramente deixar Cálcis e a liberdade e as honras que ali tivera, pôs-se a caminho três dias depois, cheia de coragem, satisfeita (ou pelo menos não se lamentando) pelo fato de se encontrar de novo em viagem.

1

- Pearl - Pérola. (N. da T.)

DEZOITO

A viagem iniciou-se com a primeira luz do dia, as três mulheres transportadas num sólido carro puxado por mulas que a rainha Imandra providenciara. Enquanto o carro rodava através da cidade, tudo estava envolto em escuridão, à exceção das faíscas vindas de uma forja onde trabalhava uma robusta mulher ferreira. Adrias e Car estavam manifestamente rejubilantes por voltarem para casa, apesar de falarem com horror das longas milhas de viagem, do perigo de bandidos e centauros, bem como dos caminhos de montanha cobertos de neve, e dos homens e mulheres selvagens e vagabundos que pudessem pensar que elas levavam consigo grandes riquezas; ou mesmo que pudessem achar as suas provisões de comida e agasalhos suficientemente valiosos.

Cassandra seguia em silêncio, sentindo já a falta das suas amigas do Templo da Mãe Serpente, tanto das humanas como das répteis, e lamentando separar-se de Imandra. Era muito pouco provável que voltassem a encontrar-se neste mundo.

Quando passavam os portões de ferro de Cálcis, caíam alguns flocos de neve e os céus estavam cinzentos e carregados. A luminosidade aumentava, se bem que o sol não tivesse aparecido, e Cassandra lançou um último olhar aos altos portões da cidade, de um vermelho que brilhava sob a acinzentada luz da madrugada.

Não devia haver muitas mulheres da sua idade que tivessem feito duas vezes uma viagem daquelas em toda a sua vida; e se fora capaz de percorrer duas vezes aquele caminho, por que não haveria de percorrê-lo três ou mais? Poderia ainda ter muitas aventuras pela frente; e embora estivesse a regressar a Tróia, não havia necessidade de sentir as muralhas da cidade se fecharem de novo sobre si até que isso fosse inevitável.

Na primeira noite, quando ela e as suas mulheres se preparavam, como de costume, para dormir, Adrias inquiriu:

— Vais dormir com essa coisa na tua cama, princesa?

Cassandra deixou a mão perder-se entre os anéis da cobra, quentes e macios dentro da sua camisa.

— Claro que sim! Eu sou a mãe dela. Choquei esta cobra com o calor do meu próprio corpo e ela dormiu no meu peito todas as noites da sua vida. Além disso, à noite está frio; ela morreria se eu não a mantivesse quente.

— Eu faria muita coisa, e já fiz muita coisa, pela filha da tua mãe — disse Adrias. — Mas não partilharei a minha cama com uma cobra! Ela não pode dormir ao pé da fogueira numa caixa ou num pote?

— Não, não pode! — disse Cassandra, intimamente deliciada. — Asseguro-te que ela não te morderá e é uma companhia melhor na cama do que um bebê humano, pois não molha nem suja a cama como um bebê normalmente faz. Nunca dormirás com criatura mais limpa. — Afagou a cobra e disse: — Não precisas de te preocupar; ela fica junto de mim. Tenho certeza de que ela tem mais medo de ti que tu dela.

— Não — disse Adrias suplicante. — Não, por favor, princesa Cassandra, não consigo, não consigo dormir na mesma cama com essa serpente!

— Por que, como te atreves?! Ela é uma criatura da Deusa, tal como tu, Adrias. Tu não vais ser assim tão tola, pois não, Car?

Car disse com teimosia:

— Eu também não vou dormir com nenhuma cobra viscosa. Ela com certeza iria rastejar por cima de mim quando eu estivesse a dormir.

— Ela nem sequer morde... e não te faria mal se mordesse — disse Cassandra, zangada. — ainda não lhe cresceram os dentes. Que idiota que tu és! — Deitou-se, acariciando langorosamente a cabeça da cobra que não se projetava mais do que a largura de um dedo para fora da sua camisa. — Se tivessem o mesmo juízo que os Deuses deram às galinhas — disse Cassandra — e simplesmente lhe tocassem, veriam que ela não é nada viscosa; não mais que um pássaro; é muito mais macia e quente. — Estendeu a cobra, enrolada na sua mão, na direção de Adrias, mas a mulher recuou com um guincho. Cassandra deitou-se, esticando-se sobre as

almofadas. — Bem, eu estou cansada e vou dormir, mesmo que vocês ajam como duas idiotas e durmam no chão frio da carroça. Arranjem para vocês as camas que quiserem, mas apaguem a candeia e deixem-nos dormir, em nome da Deusa. De qualquer Deusa.

Em breve perderam Cálcis de vista, viajando por montes ventosos e através de uma série de pequenas aldeias. Os dias ficavam progressivamente mais frios e uma neve fina começava a cair, derretendo à medida que ia descendo.

Uma manhã, tendo começado a viajar praticamente antes de o sol nascer, Cassandra ouviu um estranho choro, queixoso e insistente.

— Oh, é uma criança, e, pelo som, muito pequena; que estará um bebê a fazer sozinho neste deserto, onde é possível que existam lobos ou mesmo ursos? — disse ela, descendo do carro e olhando em volta através da neve que caía, tentando localizar a origem do som.

Depois de algum tempo, viu uma trouxa de panos grosseiramente tecidos na encosta da colina: era uma menina pequena mas perfeita, com o umbigo ainda não cicatrizado e uma penugem negra cobrindo-lhe a cabeça.

— Não lhe toques, princesa! — disse Adrias. — É apenas um bebê de uma das aldeias que foi exposto; alguma prostituta que não pode educar uma criança, ou uma mãe com demasiadas filhas.

Cassandra inclinou-se e levantou o bebê. Este estava gelado apesar dos panos que o envolviam, mas ainda esperneava com força. Quando Cassandra segurou o bebê contra o peito, o calor acalmou-o e os gritos cessaram, e ele começou a contorcer-se procurando mamar.

— Pronto, pronto! — disse Cassandra apaziguadora, embrulhando a trouxa. — Eu não tenho aquilo que procuras, pobrezinha. Mas tenho a certeza de que encontraremos qualquer

coisa para comeres.

Adrias disse, horrorizada:

— Por que haveriamos de fazer tal coisa? Certamente, princesa, não estás a pensar ficar com ela?

— Ficarias contentíssima por me veres casada — disse Cassandra — e com um bebê, agora já posso ter um sem quebrar os meus votos de castidade, nem ter de suportar as dores de parto. Porque não haveria eu de ficar com esta filha que a Deusa me enviou diretamente? — O bebê estava agora mais quente e adormecera contra o peito de Cassandra. — Certamente que é um ato virtuoso, salvar a vida de uma criança.

A princípio dissera-o para provocar Adrias; mas agora começava a pensar nos inconvenientes e nos incômodos quando a mulher disse:

— E como irás alimentá-la, princesa? Não tem idade suficiente para comer alimentos sólidos e terás de lhe arranjar algures uma ama de leite e arrastá-la até Tróia.

— Nada disso — disse Cassandra, refletindo sobre o problema. — Vai até àquela aldeia e traz-me uma boa cabra, com bastante leite. O leite de cabra faz os bebês fortes. — O rosto de Adrias contorceu-se de consternação e Cassandra disse: — Vai imediatamente! Será um ótimo alimento para todas nós. Ou então guarda a minha cobra enquanto eu vou...

Assim admoestada, Adrias correu para a aldeia e voltou com uma cabra preta e branca, jovem, robusta e saudável, que imediatamente criou um alvoroço com os seus balidos. Nenhuma das camareiras sabia muito sobre a ordenha das cabras, mas Cassandra mostrou-lhes como se fazia e, quando já tinham tirado uma boa quantidade de leite, alimentou o bebê deixando o leite pingar da ponta do seu dedo. A criança bebeu com entusiasmo e caiu de novo no sono, mamando ainda no dedo de Cassandra, como uma trouxa quente entre os seus braços. Cassandra pegou num pedaço de tecido e rasgou uma tira para, quando montasse o burro, o bebê poder viajar com ela sobre a sela, preso ao seu pescoço como os bebês das mães amazonas. Decidiu, pelo menos de momento, chamar *Honey*[1] ao bebê porque, depois de limpa, agasalhada e bem alimentada, tinha um cheiro doce, como o de um favo de mel.

Pelo menos teria algo em que pensar durante a longa viagem até Tróia. E quando lá chegasse, se não lhe conviesse ter uma criança para educar, a daria de presente à rainha ou a um dos templos; as meninas eram sempre úteis em todas as casas para as infindáveis tarefas de fiar e tecer.

De início, Adrias e Car faziam comentários desdenhosos acerca do *"teu fedelho de beira de estrada",* mas em breve discutiam sobre quem levaria Honey no colo durante as longas estadas na carroça, cantando e contando-lhe histórias que ela era muito pequena para entender. Honey foi ficando gorducha e bonita; e elas penteavam-lhe o cabelo encaracolado em canudos e faziam-lhe vestidos a partir das suas próprias roupas. Em breve Cassandra deixou de conseguir lembrar-se de como fora a vida sem aquela menina agarrada ao seu pescoço enquanto viajava montada no burro, ou esgueirando-se para o seu colo quando viajava no carro. Parecia ter percebido rapidamente quem era a sua mãe; as mulheres eram bondosas com ela, mas ela deixava-as sempre (mesmo que estivessem a lhe dar doces) para ir para o colo de Cassandra. Dormia aninhada na parte de trás do carro durante os longos trajetos da viagem, com a cobra de Cassandra enrolada ao seu lado, e queria freqüentemente transportá-la dentro do seu próprio vestido. Quando as mulheres protestaram, Cassandra riu, simplesmente.

— Vêem? Ela tem mais juízo do que vocês; não tem medo de uma das criaturas da Deusa. Nasceu para ser sacerdotisa, e sabe disso.

Os dias transformaram-se em semanas de caminho, enquanto faziam a longa viagem de volta. Quando alcançaram a grande planície, mantiveram-se alerta procurando os grupos de centauros. Cassandra tinha esperanças de encontrá-los; tinha um fraco pela gente cavaleira, embora tanto as suas camareiras como a escolta e os condutores esperassem ser poupados a tal encontro. Mas não encontraram nenhum centauro vivo, embora, uma noite, tivessem visto numa vala o cadáver de um cavalo e, agarrado a ele, o corpo magro e contorcido do seu cavaleiro, morto e frio; os ossos, quase furando a pele, disseram-lhes que o pobre homem morrera de fome e frio.

O coração de Cassandra contraiu-se de compaixão, apesar do condutor e as mulheres dizerem que era bem feito e que esperavam que os seus companheiros tivessem o mesmo fim.

Uma noite, enquanto montavam o acampamento, Cassandra avistou, ao longe, um pequeno grupo de cavaleiros: um velho, esquelético e deformado pelos muitos anos passados sobre a sela e meia dúzia daquilo que pareciam ser crianças, mas que, provavelmente, seriam adolescentes subnutridos. Cassandra não conseguiu certificar-se, mas pensou que talvez fosse Quíron. Fez-lhes sinais e chamou-os na sua própria língua, mas eles não se aproximaram; continuaram a descrever lentos círculos em volta do acampamento, muito distantes para que os pudesse ver claramente ou ouvir o que diziam.

— O melhor é pormos uma sentinela — comentou um dos condutores — senão, enquanto dormimos, eles são capazes de se aproximar do acampamento e matar a todos. Nunca se pode confiar num centauro.

— Isso não é verdade — disse Cassandra. — Eles não nos farão mal; têm mais medo

de nós que nós deles.

— Eles deviam ser todos mortos! — disse Car. — Não são homens civilizados.

— Eles têm fome, é tudo — disse Cassandra. — Sabem que nós temos comida e animais; a nossa cabra lhes forneceria a melhor refeição deste ano. Apesar da desaprovação das suas mulheres e da escolta, ela continuava disposta a dar-lhes presentes e comida, e durante algum tempo tentou atraí-los, mas eles mantiveram-se a uma distância prudente, fazendo círculos com os seus cavalos, e não se aproximaram do acampamento. Por isso, quando se acomodaram para passar a noite, um ou dois dos homens ficaram de vigia; e Cassandra ficou acordada pensando nos centauros lá fora, no escuro, sobre os seus cavalos. De manhã deixou alguns pães de cevada e uma ou duas medidas de leite num pote rachado que o seu grupo tencionava deitar fora.

Enquanto se afastavam do acampamento, Cassandra viu que os centauros se aproximavam; pelo menos ficariam com a comida, que não lhes adiaria a morte pela fome por muito tempo. *"Para Honey",* pensou ela, *"eles nunca passarão de uma lenda e toda a gente lhe dirá como eles eram maus. Mas*

também possuíam sabedoria e um estilo de vida que nunca mais veremos. Será que as Amazonas também irão acabar assim? ”

Depois do quase encontro com os centauros, o caminho parecia longo e vazio; dia após dia, arrastavam-se através da longa planície avistando poucos ou nenhum viajante, os dias distinguindo-se entre si pelo minguar e encher da lua e pelas mudanças do bom tempo para dias de neve. Ao atravessarem a região onde ela esperava encontrar as tribos das Amazonas, não encontraram quaisquer cavaleiros, homens ou mulheres. Teriam todas as Amazonas morrido ou sido raptadas para servir nas aldeias dos homens? Gostaria de enviar uma mensagem a Pentesileia, mas não fazia a menor idéia de como fazê-la chegar até ela ou mesmo se ela ainda era viva. Tentou vê-la na taça mágica, mas não conseguiu encontrá-la.

A neve espessa cobria as estepes e fazia um frio cortante. Cassandra temia pela vida das suas cobras naquele clima; ela e Honey mantinham-se envoltas em cobertores, com um braseiro para conservá-las aquecidas e partilhando o seu calor com as serpentes. Por vezes a profundidade da neve era tão grande que o carro não conseguia progredir e ficavam presos dias inteiros, sem luz, pouco aquecimento e impedidos de cozinhar. Tinham de manter a cabra dentro da carroça, pois ela poderia perder-se durante os densos nevoeiros.

À medida que os meses passavam, também em Honey se produziam alterações; havia horas em que parecia a Cassandra que a menina crescia a olhos vistos, da noite para o dia. Parecia que todos os dias aprendia uma nova gracinha ou que, ao crescer, adquiria algo de novo para fascinar a sua mãe adotiva. Poucos dias depois do aparecimento dos centauros nasceu-lhe o primeiro dente; pouco depois já conseguia beber o seu leite por uma caneca; e pouco depois disso começava a comer pão ensopado em leite ou alimentos esmagados, dados com a colher. Bastante mais cedo do que Cassandra esperara, apresentava a dentição completa, agarrando e comendo tudo o que conseguia apanhar no prato de toda a gente.

Cassandra já não podia sentá-la no chão durante as paradas noturnas, pois ela engatinhava para longe e rapidamente desaparecer se tornou para ela um jogo, já que achava graça a que a chamassem e tentassem apanhá-la. Por fim, chegou uma altura (felizmente após terem passado as neves mais

fortes) em que tinham de vigiá-la constantemente para que ela não gatinhasse para fora do carro, mesmo em andamento; e em pouco tempo corria já por todo o lado durante as paragens. Não era, pensava Cassandra, uma criança especialmente bonita, mas era forte e robusta, nunca adoecia e raramente ficava rabugenta, mesmo quando lhe estavam a nascer os dentes.

Com o passar do tempo e à medida que iam devorando caminho, chegaram a uma região com3 melhores trilhas, onde encontraram mais viajantes. Parecia que o mundo inteiro ia a caminho de Tróia, levando armas e todo o tipo de mercadorias para serem vendidas aos Troianos (ou aos Aqueus; segundo parecia, os Aqueus faziam agora um bloqueio a todas as mercadorias destinadas a Tróia, viessem por terra ou por mar). E por fim, um dia, avistaram os contornos familiares do monte Ida e começaram a viajar ao longo do rio Escamandro, em direção a Tróia.

Quando avistaram a cidade, Cassandra teve a sensação de que uma outra cidade, uma cidade que se estendia, feita de tendas, barracões e abrigos, tinha brotado no sopé das grandes muralhas, e o mar estava escuro devido aos barcos que se aglomeravam no porto. Havia junto do porto um intenso mau cheiro, como se as próprias marés se tivessem tornado fétidas. As ruas dessa cidade recém-nascida estavam atravancadas de carros e carroças e, logo que a escolta de Cassandra se aproximou com a sua carroça, os soldados aqueus equipados com as armaduras que ela recordava como sendo as usadas pelos homens de Aquiles, vieram imediatamente perguntar o que pretendiam eles dali.

A sua escolta não foi bem sucedida nas explicações e por isso Cassandra, que falava um pouco melhor a língua, desceu da carroça com Honey no colo e explicou que era a filha de Príamo, regressando de uma longa viagem a Cálcis. Esta novidade, que Cassandra supunha não ser particularmente surpreendente, foi passada de boca em boca e, finalmente, ouviu-se um grito generalizado reclamando que o comandante deveria ouvir pessoalmente aquilo.

Supusera tratar-se de Aquiles, mas em vez dele apareceu o jovem moreno ligeiramente mais alto e forte, que ela vira na companhia de Aquiles. Tratavam-no por Pátroclo, e ele veio até junto dela e falou-lhe com um

certo grau de cortesia; mais cortesia, sem dúvida, do que a que recordava em Aquiles.

— Dizes então ser a filha do velho rei? Espera um momento; há uma mulher na tenda do rei Agamenon que foi educada lá em cima no palácio; ou, pelo menos, é o que ela diz. Ela poderá confirmar-nos se és ou não quem dizes ser. Espera aqui — ordenou ele, afastando-se.

. Honey estava a tornar-se pesada nos seus braços e Cassandra pediu licença a um dos soldados-guardas para pô-la no chão.

— Deixa-te estar ao pé de mim — advertiu-a; não acreditava que qualquer dos soldados fosse, conscientemente, fazer mal a uma criança a não ser, talvez, no calor da batalha. Mas não tinha a certeza e não confiava o suficiente nos Aqueus para desejar pôr à prova aquela teoria.

Passado algum tempo, Pátroclo regressou com uma mulher velada; esta afastou o véu e olhou para Cassandra.

— Sim — disse ela — esta é a filha de Príamo.

Para sua surpresa e consternação, Cassandra reconheceu a mulher como sendo Criseide.

Cassandra, apesar de chocada, sentiu alívio por saber que Criseide estava viva e de

saúde.

— Criseide, minha querida, tenho me preocupado contigo e sei quão atormentado o teu pai ficou.

Criseide tornara-se mais alta e cheia de corpo, mas ainda tinha o espantoso cabelo louro que lhe dera o seu nome.

Pátroclo falou com um dos soldados; pareciam discutir se deveriam ficar com ela para pedir um resgate ou para trocar por um dos prisioneiros aqueus.

— Não podes fazer isso! — disse o chefe da sua escolta. — Ela é uma sacerdotisa de Apolo e viaja sob as Suas tréguas.

— Ah, é? — perguntou Pátroclo. — Talvez então possamos fazer alguma coisa para silenciar o sacerdote de Apolo que não pára de se queixar ao rei Agamenon ou a quem quer que lhe dê ouvidos. Os nossos próprios sacerdotes não param de exigir que façamos oferendas a Apolo; talvez a devêssemos consultar sobre o sacrifício apropriado.

Virou-se para Cassandra e disse:

— Sacrificarias, então, ao Senhor do Sol para nós?

Ela disse:

— Recordo-me bem demais da sorte da última sacerdotisa que Agamenon enviou para

fazer sacrifícios por vocês.

Pôde ver nos rostos deles que esta resposta não era de todo do seu agrado. Criseide dirigiu-se a ela pela primeira vez.

— Não devias falar assim de Agamenon, Cassandra.

— Ele não é nem meu amigo, nem da minha família — disse Cassandra. — Nem lhe devo qualquer respeito de convidada para anfitrião; falarei dele como me apetecer. Por que mostras tu tanta deferência pelo seu nome?

— Porque ele é meu senhor e é o homem mais poderoso entre os Aqueus — disse Criseide — e tu farias melhor em não o irritar; aqui estamos todos à sua mercê.

— Queres que eu tente chegar a um acordo para conseguir a tua liberdade, quando voltar à cidade? — perguntou Cassandra num murmúrio.

Criseide sacudiu a cabeça e disse com desprezo:

— Eu não pedi nada disso. O meu pai tem invocado Apolo para conseguir que eu regresse, mas Apolo não tem aqui poder que se compare ao de Agamenon e eu antes quero pertencer a um homem do que a um Deus.

Cassandra recordou então a sua terrível visão. Percebeu que tremia; olhou depois para Pátroclo.

— Não me fizeste qualquer descortesia. Te farei, por isso, um aviso sincero: vi cair sobre esta cidade as terríveis flechas de Apolo atingindo Troianos e Aqueus por igual. — Ouviu a sua voz erguer-se num grito e sentiu o calor e brilho familiares do Senhor do Sol — Oh, acautelem-se com a Sua ira; acautelem-se com a cólera de Apolo! Não atraiam as Suas terríveis flechas!

Pátroclo pareceu retrair-se ligeiramente, mas franziu o sobrolho e disse:

— Sim, ouvi dizer que és profetisa. Escuta o que te digo, mulher. Não tenho medo do teu Apolo troiano, mas é sempre insensato provocar o Deus de outro. Sinto-me inclinado a deixar-te seguir; os nossos sacerdotes dirão provavelmente o mesmo e eu não tenho nenhuma paixão especial em guerrear por causa de mulheres. Mas é a Aquiles que cabe tomar a decisão final.

Falou com um rapazinho que os observava e disselhe para ir correndo chamar o comandante.

Tinha se formado um ajuntamento considerável em torno da carroça e todos fixavam as camareiras. Pátroclo ergueu os olhos para as mulheres idosas e perguntou a Cassandra:

— Quem são estas mulheres?

— São criadas da minha mãe; são minhas camareiras.

— Têm, também, votos como sacerdotisas de Apolo?

— Não, não têm; mas estão sob a minha e a Sua proteção.

Cassandra começou a sentir-se desconfortável devido à forma como a olhavam. Pegou em Honey, que engatinhava em volta dos seus pés, e

segurou-a nos braços.

— Não temos, nem de longe, mulheres suficientes no nosso acampamento para fazerem o trabalho feminino. Não lutarei por ti com o Apolo troiano, mas estas mulheres são, legitimamente, minhas prisioneiras.

Dirigiu-se ao carro e agarrou Car por um braço.

— Desce, velha senhora. Tu ficas aqui.

Ela afastou-o com uma sacudidela furiosa.

— Tira as mãos de cima de mim, porco animal aqueu!

Deliberadamente, Pátroclo ergueu a mão e bateu-lhe, não com muita força, na boca.

— Não estou muito certo do que disseste, mas esta é a tua primeira lição, velha; entre nós não se fala assim com os homens. Vai ali para dentro. Encontrarás lá algumas roupas para remendar; se o fizeres bem talvez te demos de comer.

Cassandra exclamou:

— Eu disse que estas mulheres estão sob a minha proteção e sob a proteção do Senhor do Sol! Solta-a... ou acautela-te com a Sua ira!

— E eu dissete — respondeu Pátroclo — que o teu Apolo troiano não me interessa para nada. Honrarei as suas tréguas na medida em que não causarei ofensa à Sua profetisa, mas estas mulheres são minhas prisioneiras e quanto a isso não há nada que possas fazer.

Cassandra reparou que entre a multidão se encontravam umas quantas mulheres, nenhuma das quais parecia surpreendida com as palavras ou as ações de Pátroclo. Car gritou e começou a correr em direção às portas de Tróia; Pátroclo fez sinal a um dos soldados para que a trouxesse de volta e disse a Criseide:

— Vamos, tu! Tu falas a sua língua; repete-lhe o que eu disse. Ninguém lhe fará mal se ela fizer bem o seu trabalho. E podes repetir também o que eu disse à filha de Príamo; também ela me pareceu não ter entendido muito bem.

Criseide começou a repetir a Car as palavras de Pátroclo, mas Cassandra interrompeu-a.

— Diz ao capitão aqueu que eu entendi perfeitamente o que ele disse; mas estas mulheres são minhas criadas e estão tanto sob proteção de Apolo como eu própria. Ele não pode tirá-las de mim.

— Pensas que me vais impedir, princesa? — inquiriu o homem, e arrastou Adrias para fora da carroça. — Ora, esta está muito velha para a cama, mas aposto que sabe cozinhar; Aquiles tem andado a dizer que quer alguém para servir aquela mulher que ele mantém na tenda dele. Que alguém a mande a Briseide.

Um dos homens que assistia disse:

— Então e o bebê? Parece-me forte e saudável... Queres que a apanhe?

— Deuses do Hades, não! — disse Pátroclo, enquanto a mão de Cassandra se crispava sobre o punhal. — Ela ainda molha as calças; achas que vamos ficar aqui pendurados em Tróia até o fedelho ter idade para a cama? Esquece! — Disse para Cassandra: — Agradece o fato de estares sob proteção de Apolo. Sugiro que subas para o carro e te ponhas a caminho. Mas não imediatamente. — Fez sinal aos seus homens e disse: — Revistem o carro e vejam a comida e outras coisas que nos possam ser úteis.

Os homens lançaram-se imediatamente sobre a carroça, arrastando as provisões e atirando-as para o chão. Cassandra não tinha nada para dizer; sabia que não lhe dariam ouvidos. Depois de algum tempo, como já sabia que iria acontecer, chegaram aos rolos de cobertores e começaram a desenrolá-los no chão; um soldado saltou então para trás, com um guincho, quando uma das serpentes maiores se desenrolou ante os seus olhos. Deitou a mão à sua lança, mas Cassandra gritou um aviso na língua dele.

— Não! Ela está consagrada ao Senhor do Sol; não te atrevas a tocá-la!

O homem recuou cambaleante, pálido como a morte; Cassandra tinha estado tanto tempo em Cálcis, que já esquecera o terror com que aquelas criaturas eram olhadas nas ilhas. Mergulhou então a mão no vestido e encorajou a serpente que ali se encontrava a rastejar lentamente para fora. Esta enlaçou-lhe a cintura e escorregou pelo seu braço, ao mesmo tempo em que os soldados recuavam, um a um, presos de um terror supersticioso.

— *A-aaahhhh!* Olhem para ali! O que a magia dela fez aparecer!

— Não sejam idiotas! — disse Pátroclo. — No nosso país, as sacerdotisas também são ensinadas a lidar com elas; mas não lhes toquem. Nós não as queremos aqui. Vai — disse para Cassandra — e leva contigo os teus malditos animais de estimação.

Cassandra sabia que não conseguiria mais nada. Car e Adrias estavam de joelhos, chorando; Cassandra foi até junto delas e disse com suavidade:

— Não tenham muito medo; executem o que eles disserem e não os façam se zangar. Juro por Apolo, hei de levar-vos de volta.

Não tinha grande amor por qualquer das camareiras, mas elas estavam sob a sua proteção e eram queridas à sua mãe.

Podia agora ver as razões para a ira de Apolo. Falaria de imediato com os sacerdotes.

1

- Honey-Mel. (N. da T.)

DEZENOVE

À medida que o carro rodava, barulhento, ao longo do terreno fronteiro às muralhas de Tróia, Cassandra lembrou-se de que todas as sentinelas das muralhas deviam ter visto o que acontecera. O assalto a um carro não devia ser um acontecimento invulgar, caso contrário eles teriam interferido, pelo menos disparado flechas para o acampamento aqueu. Sem dúvida, os viajantes mais bem informados que transportavam mercadorias com destino a Tróia tinham o cuidado de fazer o que ela deveria ter feito, e aproximar-se pelo interior.

Cassandra tinha ainda as serpentes destinadas ao Templo do Senhor do Sol. Ela própria estava ilesa e os aqueus não tinham feito Honey correr sério perigo. As coisas podiam ter corrido pior. Mas ela percebera que nível das hostilidades tinha sofrido uma escalada; deveria ter tido o cuidado de se informar antecipadamente de como a guerra estava a progredir.

Diante dos portões, um soldado troiano deteve-a e, passado um momento, ela reconheceu Deífobo, filho de Príamo e de uma das suas cortesãs.

Este fez uma vênia.

— A rua principal é muito íngreme para o carro, princesa — disse ele a Cassandra. — Terás de ordenar que o levem até ao outro lado, oposto à costa. Mas para ti abriremos a pequena passagem ao lado do portão principal. Este portão, agora, nunca é aberto por receio que os Aqueus se lancem sobre ele; enquanto estiver fechado não poderão rebentá-lo; a menos que algum Deus ou semelhante, talvez Posídon, decida quebrá-lo — acrescentou rapidamente, fazendo um gesto de quem afasta a má-sorte.

— Que esse dia venha longe — disse Cassandra. — Podes arranjar alguém para levar o carro para o Templo de Apolo? Dentro do carro estão serpentes para a casa do Senhor do Sol, e elas não podem assustar-se nem apanhar muito frio.

— Mandarei imediatamente um mensageiro à casa do Senhor do Sol — prometeu Deífobo amavelmente. — Vais já para o palácio, irmã?

— Vou; estou desejosa de ver a minha mãe — disse Cassandra. — Ela está bem,

espero?

— A rainha Hécuba? Oh, sim; embora, como todos nós, não esteja a ficar mais nova — disse Deífobo.

— E o nosso pai? Continua bem de saúde? Ouvi dizer que ele tivera uma doença

qualquer...

— A notícia chegou a um lugar tão distante como Cálcis? Ele sofreu o ataque do Deus; coxeia e o seu rosto está repuxado de um dos lados — disse o jovem oficial. — E agora o príncipe Heitor comanda os exércitos de Tróia.

— Sim, isso soube — disse Cassandra — mas no longo caminho desde Cálcis não tive quaisquer notícias, e a viagem também não foi propícia para a Visão; pelo que eu soube, ele podia ter morrido desde então.

— Não. Folgo em dizer que, embora esteja a ficar velho, está suficientemente bem para vir todos os dias até a muralha ver o que se passa — disse Deífobo. — Enquanto Príamo continuar a chefiar-nos, Heitor não poderá ser muito temerário. Aquiles — fez um gesto desdenhoso na direção do acampamento dos Aqueus — está sempre a tentar atrair Heitor lá para fora, para um combate singular; mas o meu irmão tem bom senso suficiente para não fazê-lo. Aliás, todos nós sabemos que Agamenon pregou uma partida suja à própria filha; portanto, não cremos que eles respeitassem as regras do combate singular; o mais provável era que alguns dez ou mais caíssem sobre ele ao mesmo tempo. Não podes confiar num aqueu nem à distância; costuma dizer-se: se um deles te beijar, conta os teus dentes; estupores de ladrões! Mas vejo que te deixaram passar ilesa...

— Ilesa sim, mas travei conhecimento com o seu modo de roubar — respondeu Cassandra. — O que eles não roubaram, deixaram apenas por temerem as serpentes de Apolo; e não creio que isso se deva a reverência alguma pelo Deus, mas sim ao medo das serpentes em si. E levaram as duas camareiras da minha mãe, que não eram servidoras de Apolo, mas minhas, ou melhor, de Hécuba.

Deífobo aproximou-se e deu-lhe umas leves palmadinhas no ombro.

— Não tenhas medo, irmã. Nós traremos as tuas camareiras de volta. Mas deixa-me mandar buscar homens no Templo do Senhor do Sol, para descarregarem o teu carro, e uma escolta para ti até ao palácio; não fica bem a uma princesa andar sozinha pela cidade. Melhor ainda, deixa-me mandar buscar uma liteira ao palácio; é o que a princesa Andrômaca costuma fazer quando vem aqui embaixo saudar Heitor antes de começarem as batalhas.

Cassandra quis protestar, dizendo que era certamente capaz de caminhar; mas Honey pesava-lhe nos braços e ela concordou em utilizar a cadeira.

Não tardou muito até que aparecessem os criados, com as túnicas características da casa do Senhor do Sol, e Cassandra deu instruções detalhadas sobre as serpentes, prometendo que ela própria iria orientar o seu tratamento depois de cumprimentar os seus pais. Então, Deífobo conduziu-a através da pequena porta lateral até uma pequena casa de guarda.

Enquanto esperava a cadeira que a transportaria até ao palácio, ele foi buscar-lhe um refresco.

Estava desabituada da claridade do sol e do seu calor mesmo naquela estação. Depressa se tornou assustadoramente quente para ela. Além disso, estava preocupada com Car e Adrias.

Honey engatinhava pelo chão da pequena casa de guarda; Cassandra reparou que a túnica dela estava ficando muito suja e os seus joelhos não estavam melhor, mas sentia-se muito cansada para se preocupar.

Deífobo dirigiu a atenção dela para uma pequena escada, talhada na pedra, que conduzia ao interior da muralha.

— Gostarias de dar uma espreitadela do alto da muralha? De lá consegue ver-se tudo o que acontece no acampamento aqueu. O rei vem agora a caminho para observar também (vem todos os dias a esta hora) — disse Deífobo. — Estou a ouvir os guardas dele. — Lançou um olhar a Honey. — O bebê fica em segurança aqui — disse ele. — Ela já é suficientemente grande para que ninguém a pise. — Pegou numa lança que se encontrava encostada à parede e enfiou-a no cinto. — Pronto, não há mais nada com que ela possa machucar-se! Vem comigo.

Cassandra seguiu-o pelas estreitas escadas acima; no topo, ele voltou-se para trás a fim de ajudá-la a subir. Era verdade: dali podia ver toda a extensão do acampamento aqueu. Ele apontou-lhe a grande tenda ornamentada de Agamenon, uma outra um pouco menor que pertencia a Aquiles e Pátroclo e os alojamentos de Odisseu, os quais davam a idéia de que ele tinha trazido a cabina do navio para terra.

— E muitos outros. Há ali uma grande quantidade de navios que pertencem aos Aqueus; havia um bardo que estava a fazer uma canção acerca disso — disse ele. — Quem os ouvir pensa que todos os heróis do continente vieram ajudar Agamenon e as suas gentes. Também há uma lista considerável de aliados nossos, mas suponho que não estejas interessada nisso.

— Não especialmente — confessou Cassandra. — Ouvi o suficiente acerca de ambos os lados, em Cálcis.

— Cálcis — disse ele pensativo. — Agora que penso nisso, Cálcis não se colocou de nenhum dos lados; por que foi que o rei deles não mandou soldados para Tróia?

— Porque Cálcis não tem rei — informou-o Cassandra. — Cálcis é governada por uma rainha e neste último ano ela esteve grávida. A sua herdeira (uma filha) nasceu precisamente antes de eu me vir embora.

— Não tem rei e é governada por uma mulher? Parece-me uma maneira muito estranha de gerir uma cidade.

Antes que ela tivesse tempo de dizer mais alguma coisa, o som dos soldados que se aproximavam interrompeu-os e Príamo, acompanhado por

vários dos seus soldados, muitos dos quais Cassandra reconheceu como filhos das suas cortesãs, surgiram no alto da muralha.

Felizmente estava prevenida pela Visão, caso contrário talvez só reconhecesse o seu pai pelo suntuoso manto que trazia. Ele sempre fora um homem saudável e robusto, com boas cores, a caminho da meia-idade; agora ela via um homem velho, com a pele acinzentada e cheia de rugas, o rosto torcido para um dos lados, uma pálpebra descaída, o canto da boca flácido. A sua fala estava também lenta e empastada.

Perguntou a Deífobo:

— Que aconteceu no acampamento aqueu esta manhã? Esses aqueus estiveram de novo a interceptar armas? Se isto continua assim, teremos de derreter as nossas espadas velhas para fazer novas. Precisamos de um ou dois carregamentos de ferro de Cálcis, mas teremos de preparar uma escolta especial ou subornar alguém para deixá-los passar...

Calou-se de repente e disse:

— Quantas vezes já te disse que não quero mulheres aqui em cima a menos que a rainha esteja presente para garantir que elas se comportam? Sabes tão bem como eu qual o tipo de mulheres que vem aqui olhar embasbacadas para os soldados...

Cassandra disse:

— Não, pai; Deífobo não tem culpa. Ele quis que eu me protegesse do sol e ofereceu-se para me mostrar a vista da muralha, depois de os Aqueus terem assaltado o meu carro...

Não terminou, mas nem precisava; Príamo reconheceu-a e disse:

— Então voltaste, como um mau presságio, Cassandra! Pensei que tinhas decidido passar o resto da guerra em Cálcis; era menos uma mulher com a qual me preocupar caso a cidade se rendesse. Mas a tua mãe sentiu a tua falta. — Aproximou-se e, como era seu dever, beijou-a na testa. — Queres dizer que os Aqueus ousaram quebrar as tréguas de Apolo?

Quando era criança, Cassandra achava aterradoras as fúrias de Príamo; agora, ele soava-lhe simplesmente rabugento, como uma criança crescida e mimada. Com suavidade disse:

— Não tem importância, pai; ninguém se machucou e os bens de Apolo (incluindo eu, suponho) estão em segurança. E logo que a minha leiteira chegue, irei tranqüilizar a minha mãe.

— Tu és forte e saudável; para que precisas de uma cadeira para te levar? — perguntou ele irritado.

"A guerra não está a correr como ele desejaria", traduziu ela interiormente e disse,

hesitante:

— Sim, pai, estou certa de que tens razão.

— A tua cadeira espera-te — disse Deífobo, e Cassandra viu-a subir e entrar na muralha.

Desceu as escadas e pegou Honey, desejando conseguir encontrar uma forma de lhe dar banho e comida, antes de levá-la para junto da mãe; mas naquele momento não havia qualquer solução. Ela própria estava descomposta da longa viagem e do interlúdio no meio da poeira do acampamento aqueu, bem como de segurar na criança suja, mas também não havia solução para isso. *"Epor que hei de vestir a minha túnica mais requintada e lavar as mãos e a cara por causa da minha mãe? "* — perguntou para si mesma. Mas quando foi conduzida à presença de Hécuba e viu o olhar desaprovador da mãe, entendeu...

— Oh, Cassandra! Minha querida, querida filha! — exclamou Hécuba, e aproximou-se para abraçá-la, recuando depois com um leve trejeito de consternação.

— Mas o que andastes a fazer, minha querida? O teu vestido está uma desgraça e o teu cabelo...

— Mãe, depois do meu encontro com os Aqueus, esta manhã, é uma sorte que eles me tenham deixado um vestido para usar na tua presença — disse ela com um sorriso. — Receio que os presentes que eu trazia da tua parente Imandra tenham ficado no acampamento aqueu.

Hécuba pareceu ficar profundamente perturbada.

— Eles não... te insultaram?

— Ninguém me violou, se é isso que queres dizer — disse Cassandra, rindo.

— Como é que és capaz de gracejar com estas coisas? — perguntou a mãe.

Cassandra disse, beijando-a:

— Ora, que mais posso eu fazer? São loucos, todos eles; mas, se vamos entrar nesse campo, também há muitos loucos em Tróia.

Os olhos de Hécuba pousaram-se sobre a criança nos braços de Cassandra.

— Oh, que é isto? Uma criança e tão pequena... o cabelo dela... tem os mesmos caracóis que o teu tinha quando eras desta idade... mas o que... quem... como...?

— Não, mãe — disse Cassandra, prontamente — ela não é minha; ou melhor, não a dei à luz; foi encontrada. — Hécuba ainda parecia cética e Cassandra, suspirando (porque estaria a sua mãe sempre pronta a pensar mal dela?) disse: — Achas que seria fácil encontrar um homem que quisesse partilhar a minha cama havendo nela uma serpente, mesmo uma tão pequena como esta? — Procurou dentro do vestido a serpente que sempre transportava aí enquanto estava acordada.

Hécuba soltou um pequeno grito.

— Uma cobra, e mesmo no teu peito!

— Ela é muito mais minha filha do que o bebê — disse Cassandra, rindo — pois fui eu mesma quem a tirou do ovo; mas qualquer pessoa da minha

caravana pode te contar como encontrei Honey numa encosta, durante uma tempestade de neve, abandonada para morrer por alguma mãe que decidiu não criar uma menina este ano.

Hécuba aproximou-se e olhou de perto para a criança.

— Agora que vejo melhor, ela não se parece nada contigo.

— Eu bem te disse.

— Pois disseste. Desculpa-me; não estava inclinada a acreditar...

"Talvez não estivesses inclinada, mas terias ficado convencida disso ", pensou Cassandra.

Mas então a sua mãe fez a pergunta que ela estivera tentando evitar:

— E onde estão Car e Adrias?

— Nas tendas de Agamenon e de Aquiles — disse ela — mas não porque assim o escolhessem. — Explicou o que lhes acontecera.

— Então temos de arranjar maneira de resgatá-las; ou talvez trocar prisioneiros aqueus por elas — disse a mãe.

— Arranjar a troca delas? Por que haveriamos de negociar com os Aqueus? — perguntou uma voz familiar e Andrômaca entrou no quarto. — Oh, Cassandra! Minha querida irmã! — e Andrômaca correu a abraçá-la, ignorando a sujeira do seu vestido. — Então voltaste! Eu sabia que não eras tão traiçoeira que fosses ficar em Cálcis durante toda a guerra! Que amor de bebê! — exclamou, olhando para Honey. — É tua? Não? Oh, que pena! — Depois viu a cobra e recuou um pouco. — Continuas, portanto, com a tua mania de brincar com serpentes! Eu deveria lembrar-me.

Honey, ao ver a cobra, começou a chorar e estendeu as mãos para ela. Cassandra, rindo, deixou a menina enrolá-la em volta da cintura. Andrômaca encolheu-se, lançando um olhar repugnado, mas a criança estava inegavelmente deliciada com a cobra.

— Por que não lhe arranjas um gatinho, Cassandra? — sugeriu Hécuba. — Seria sem dúvida um animal de estimação mais apropriado.

Cassandra riu.

— Ela fica satisfeita com os animais que eu lhe dou; deviam vê-la com a nossa outra, uma autêntica matriarca das serpentes; é quase da grossura dela.

— Não tens medo (as cobras não têm uma visão muito boa) que a cobra possa se

enganar e engoli-la acidentalmente? — protestou Andrômaca.

Mas Cassandra disse:

— Elas conhecem a sua gente; Honey alimentou-a com pombos e coelhos. Mas, mãe, isto não é assunto próprio para os teus aposentos.

Hécuba perguntou, a rir:

— A cobra... ou o bebê?

— Ambos — respondeu Cassandra, abraçando novamente a mãe. — Deixa-me chamar alguém que a leve para tomar banho e vestir roupas limpas. Ficará mais bonita depois e, além disso, desde manhã cedo que ela não come nada.

E, lançando a Hécuba um olhar a pedir permissão, chamou um criado para levar a criança e a cobra para a casa do Senhor do Sol.

— Receio que também eu tenha de me apresentar lá, dentro de pouco tempo — disse ela — embora esteja certa de que eles de boa vontade me dariam licença para vir apresentar os meus respeitos à minha mãe e à minha família. E gostaria de ver os filhos de Helena — acrescentou.

— Ah, os filhos de Helena! — disse Hécuba secamente. — Correm piadas no exército aqueu dizendo que Helena está a criar um exército para Tróia.

— Coisa que eu não posso fazer por Heitor — disse Andrômaca, e os seus olhos encheram-se de lágrimas. — Mas essa mulher aquéia tão depressa está a parir, como já está prenha outra vez!

— Que modo de falar! — protestou Hécuba. — Tu tiveste azar, mais nada. Deste a Heitor um belo filho e todos os homens do exército sabem o nome dele e o admiram. Que mais queres?

— Nada — disse Andrômaca — e aqui só entre nós, mulheres, estou bastante satisfeita por ser poupada à tarefa de dar à luz todos os anos, ou de dois em dois; disse a Heitor que se desejar ter cinqüenta filhos como o seu pai, tem de arranjá-los da mesma forma que ele. Mas até aqui ele só tem querido partilhar a minha cama e recusou até uma mulher aquéia capturada. Talvez eu não goste tanto de crianças como Helena, mas gostaria de ter uma filha antes de ser velha demais. E por falar em filhas, Cassandra, sabias que Creúsa deu o nome de Cassandra à sua segunda filha?

— Não, isso não sabia — disse Cassandra, e perguntou-se se aquilo teria sido obra de Creúsa ou de Enéias.

— E agora, antes de ires embora — disse Andrômaca — fala-me da minha mãe.

Cassandra contou a Andrômaca do nascimento da herdeira de Cálcis; Andrômaca

suspirou.

— Quem me dera poder ir para Cálcis, para que Heitor pudesse aí ser rei; quem sabe, quando esta malvada guerra terminar isso possa arranjar-se.

— Imandra acha que a sua princesinha-pérola tem de ser educada para ser rainha — disse Cassandra. — E Heitor não ficaria muito feliz em se sentar aos pés do trono (como faz o consorte da tua mãe) e de se entreter a caçar e a pescar com os companheiros.

Andrômaca suspirou.

— Talvez não; mas se habituaria, suponho, tal como eu me habituei a ficar dentro de casa e a fiar até ter os dedos doloridos — disse ela nervosamente. — Agora que voltaste, Cassandra, talvez possamos conseguir fazer umas excursões para fora das muralhas...

— Se os Aqueus o permitirem...

— Ou se se cansarem de estar sentados do lado de fora das muralhas e de atirar pedras aos guardas — disse Andrômaca. — Foi isso, mais ou menos, o que eles conseguiram fazer nos últimos meses, embora procurassem por uma ou duas vezes fazer assaltos às muralhas, e tenham até trazido escadas ultralongas. Mas Heitor teve a idéia de lhes esvaziar o grande panelão da sopa do jantar dos guardas, a ferver, por cima das cabeças e eles desceram por ali abaixo bem mais depressa do que tinham subido, isso te garanto. — Riu com vontade. — Agora eles têm sempre uma grande panela com qualquer coisa a ferver, lá em cima, e se não for qualquer coisa pior do que sopa, os assaltantes estarão com sorte. Da última vez era azeite e desde então não voltaram a tentar. Ai, os gritos que nessa noite ouvimos vindos do acampamento aqueu! Todos os sacerdotes-curandeiros deles saíram, cantando e sacrificando a Apolo até de madrugada. Lhes ensinará a não tentar passar sorrateiramente as muralhas, quando pensam que os guardas estão todos a dormir!

— Tu agora não usas armas... mas não perdeste o gosto pela guerra — comentou Cassandra.

— Tenho um filho para proteger — replicou Andrômaca e Cassandra lembrou-se de como ela própria estivera, de fato, pronta a matar quando os soldados haviam ameaçado Honey.

— E eu tenho muitos filhos, mas todos eles têm idade para lutar por si próprios — disse Hécuba. — E agora, Cassandra, diz-me: quando passaste pelas terras das Amazonas, encontraste a nossa parente? E Pentesileia enviou-me alguma mensagem?

— Só a vi na viagem de ida — disse Cassandra, e contou à sua mãe o encontro com as Amazonas e como muitas das mulheres haviam escolhido

instalar-se em aldeias para viver com os homens. Depois, muito perturbada, contou-lhe como vira centauros a morrer de fome

na viagem de regresso e não encontrara qualquer sinal de nenhuma das mulheres das tribos.

— Que a Deusa esteja com ela — disse Hécuba com fervor. — Não tenho qualquer sensação de que ela esteja morta e penso que o saberia. Éramos tão íntimas como se fôssemos gêmeas; mas ela é quatro anos mais nova do que eu. Não é totalmente impossível que um dia a possamos ver em Tróia.

— Que esse dia possa estar muito distante — disse Cassandra. — Pois ela disseme que, se a guerra nos fosse desesperadamente adversa, ela viria acabar em Tróia os seus dias.

E num estranho bruxuleio de luz, como se o sol se tivesse escondido por trás de uma nuvem, viu Pentesileia cavalgando através das portas de Tróia... triunfante ou derrotada? Não o sabia dizer; a Visão desvaneceu-se e falaram de outras coisas.

Por fim, ergueu-se e espreguiçou-se.

— Estou para aqui sentada entre mulheres como qualquer velha bisbilhoteira — disse ela — e tenho à minha espera as obrigações da casa do Senhor do Sol. Mas foi bom bisbilhotar e estar sem fazer nada — e, pensou, falar de assuntos de mulheres, como a educação das crianças. Tinha pensado em tempos que devia ser muito aborrecido, mas agora que tinha uma criança sua, começava a entender que esse tipo de conversa feminina podia ser absorvente. *Mas não falar de mais nada durante toda a vida.. ”*

— Não é todos os dias que regressas de uma viagem tão longa como esta — disse Andrômaca. — A Helena vai querer ver-te e mostrar-te os seus bebês... E Creúsa, a menina a quem pôs o teu nome. Ela é mais parecida com Políxena do que contigo, tem cabelo ruivo e olhos azuis; e tão bonita como se Afrodite tivesse depositado no seu berço o dom da beleza. Casará com um príncipe, se esta guerra deixar alguma de nós viva para pensar em casamentos.

— Penso que ninguém irá alguma vez chamar bela à minha pequenina — disse Cassandra — mas suponho que, para uma mãe, até a mais vulgar das crianças é adorável. De qualquer modo, tenho intenção de, se os Deuses forem bondosos, enviá-la a Pentesileia para que seja educada para ser guerreira. Ainda hoje desejo que eu própria pudesse tê-lo sido.

— Oh, não podes estar a falar a sério, Cassandra — disse Hécuba, aproximando-se para lhe dar um abraço de despedida.

— Não? Mãe, se alguns dos presentes de Imandra tiverem sobrevivido aos Aqueus, te enviarei assim que o carro for descarregado — disse, e preparou-se para sair.

Andrômaca disse que a acompanharia uma pequena parte do caminho.

— É tão raro eu sair e Heitor fica sempre muito perturbado quando eu saio sozinha; mas ele não pode pôr em causa a proteção da sua própria irmã — disse com desagrado. —

Passeio muitas vezes com Helena; mas ela hoje não vem: Páris foi ferido ligeiramente na última escaramuça; nada que possa causar preocupação, mas o suficiente para lhe dar um bom pretexto para ficar em casa a receber mimos. Caso contrário, estou certa de que ela teria vindo dar-te as boas-vindas.

Separaram-se pouco depois, Andrômaca descendo de regresso ao palácio e Cassandra virando para cima, em direção à alta casa do Senhor do Sol. Tinha começado a atravessar o pátio para ir ver as cobras, quando encontrou Crises. Estava com um ar cansado e envelhecido; havia mais rugas naquele rosto que já fora belo e fios de um prateado baço no seu cabelo claro. Era difícil imaginar que houvera tempos em que, naquele templo, existia quem o considerasse quase tão belo como o próprio Senhor do Sol.

Ele reconheceu-a imediatamente e gritou numa calorosa recepção:

— Cassandra! Todos nós sentimos a tua falta — exclamou, e aproximou-se rapidamente para abraçá-la. Ela deveria ter se esquivado, mas não era desagradável olhar para um rosto familiar e sentir-se bem-vinda; por isso,

permitiu o abraço, mas arrependeu-se imediatamente e conseguiu virar a cara de modo que o beijo dele lhe apanhasse apenas o queixo.

Libertando-se rapidamente, colocou-se fora do seu alcance.

— Parece que tudo correu bem para ti enquanto estive ausente — comentou ela. — Estás com bom aspecto e cheio de vida. — Nem em troca deste mundo e do outro ela lhe diria que vira o seu rosto no oráculo que a fizera regressar a Tróia.

— Mas não é verdade — disse ele. — Nunca mais terei saúde ou felicidade até que os Deuses decidam devolver-me a minha pobre criança desonrada.

— Crises — disse Cassandra gentilmente — não fazem já perto de três anos que Criseide está no acampamento dos Aqueus?

— Não me interessa se foi há uma vida! — disse Crises arrebatadamente. — Hei de lamentar-me e protestar e bradar aos Deuses...

— Brada, então! — disse Cassandra — mas não esperes que eles te ouçam. É do teu próprio orgulho que te compadeces e não da tua filha — prosseguiu ela, secamente. — Eu a vi esta manhã no acampamento aqueu; parecia estar bem, feliz e contente, e quando lhe perguntei se queria que eu tentasse arranjar a troca dela, respondeu-me que me metesse na minha vida. Creio, realmente, que ela está satisfeita por ser a mulher de Agamenon, mesmo não podendo ser a sua rainha.

O rosto bonito de Crises ensombrou-se de raiva.

— Toma cuidado, Cassandra; dizes isso para me magoar e eu não acredito numa única

palavra!

— Por que haveria eu de querer magoar-te? — perguntou ela. — Tu és meu amigo e a tua filha era como se fosse minha. Pensa apenas na felicidade dela, Crises, e deixa-a onde está. Estou a avisar-te: se insistires mais nesta questão, atrairás a ira dos Deuses sobre a nossa cidade.

O rosto dele contorceu-se de fúria.

— E esperas que eu acredite que me desejas o bem de todo o coração? Tu não queres saber de mim para nada; eu, que te amo há tanto tempo...

— Oh, Crises! — disse ela, estendendo as mãos para ele, num gesto absolutamente sincero — por favor, por favor, não recomeces a falar sobre isso. Por que hás de pensar que te quero mal pelo fato de não te desejar?

— Que farias, então, se me quisesses mal? Se assim já destruíste toda a ternura que eu tinha no meu coração...

— Se essa ternura está destruída, por que dizes que foi por culpa minha? Será que um homem não consegue levar a sério uma mulher, a menos que esta queira deitar-se com ele? — perguntou ela. — Falo-te com toda a amizade, Crises; não insistas neste assunto.

— Tu queres é ver a minha filha desonrada e Apolo insultado...!

— Em nome de todos os Deuses, Crises, a questão não está no que tu sentes, mas no que a tua filha sente — disse ela exasperada, lembrando-se do ar orgulhoso de Criseide quando Pátroclo lhe pedira ajuda na tradução.

Mas ela não desejava que a fúria de Crises causasse mais problemas; havia já azedume suficiente e aquilo iria agravá-lo. Falou com toda a brandura que conseguiu encontrar.

— Se não acreditas em mim, por que não vais lá a baixo, ao acampamento dos Aqueus (eles respeitarão as tréguas de Apolo pelo Seu sacerdote) e lhe perguntas pessoalmente se ela se sente infeliz? Se ela desejar deixar Agamenon, juro-te que irei ter com Príamo e tudo será feito para que seja libertada ou trocada! Mas se ela estiver feliz com Agamenon, e ele com ela... Acredita-me, ela não é nenhuma prisioneira; eles pediram-lhe ajuda como tradutora quando me levaram as camareiras, e elas são mulheres idosas que não desejavam, de fato, ficar no acampamento dos Aqueus. Mas eu prometo: se Criseide quiser regressar, eu farei tudo o que me for possível junto do rei e da rainha.

— Mas a desonra... a minha filha, concubina de Agamenon...

— Será que não és capaz de ver que estás a ser irracional? Por que será assim tão desonroso para ela ser a mulher de Agamenon? E se isso te faz tremer tanto de vergonha, por que estás tão ansioso por convencer-me que não haveria mal algum em eu ser tua? A tua filha será diferente da filha de Príamo? — perguntou ela com rudeza, perdendo finalmente a paciência.

Ele estava agora verdadeiramente zangado e Cassandra sentia-se satisfeita com isso; significava que ela já não precisaria recear que ele a agarrasse.

— Como te atreves a referir-te à minha filha como se ela fosse igual a ti? — atacou ele, furioso. — Tu não te importas com o que se passa com a minha filha. O que te interessa é poder continuar com os teus comportamentos anormais e a recusar entregar-te, só para humilhares um homem...

— Humilhar-te? É isso que tu pensas? — disse ela num tom fatigado. — Crises, há centenas de mulheres nesta terra que ficarão felizes por se entregarem a ti. Por que havias tu de escolher uma (talvez a única) que não te quer?

— Eu não escolhi desejar-te — disse ele, olhando-a fixamente — mas não consigo desejar mais nenhuma. Tu enfeitiçaste-me para satisfazeres o teu vil desejo de me humilhar; eu... — Parou, engoliu em seco e disse: — Pensas, feiticeira, que eu não tentei quebrar este encantamento que lançaste sobre mim?

Momentaneamente, Cassandra quase sentiu pena dele e disse:

— Crises, se te lançaram um feitiço, foi qualquer outra pessoa que não eu. Juro pela Mãe Serpente e pela Mãe Terra e pelo próprio Apolo, que ambos veneramos, que não te guardo o mínimo rancor nem te desejo qualquer mal e rogarei seja a que Deus for para que te liberte de tal feitiço. Não quero ter qualquer poder sobre ti e abençoaria a tua virilidade caso encontrasses uma outra mulher com quem a pudesses exercer.

— Continuas, então, sem te compadecer de mim? Mesmo sabendo do estado em que me encontro, continuas a recusar entregar-te a mim?

— Crises — disse ela — basta! Estão à minha espera lá em cima e tenho de me apresentar a Cáris e às outras sacerdotisas. Desejo-te uma boa noite.

Voltou-lhe as costas, mas ele murmurou entredentes:

— Hás de arrepender-te disto, Cassandra; mesmo que eu tenha de morrer, juro que hás de lamentar isto.

"Percorri todo o caminho de ida e volta até Cálcis para escapar ao rancor deste homem; regresso e nada está diferente do que era antes, exceto a sua raiva, que teve dois anos para crescer.

Meu Senhor Apolo, é desejo teu que eu me entregue a este homem que tanto me desagrada?" E perguntou-se, quase receosa dos seus próprios pensamentos: *"Mesmo que Apolo o exigisse, eu me daria eu a Crises? "*

Mas ele não o exigira. E Crises... ele sempre fora de arranjar complicações; teria ela que tomar parte nas complicações que ele arranjava?

VINTE

Cassandra passou a maior parte da noite acordada na cama, revendo mentalmente a sua discussão com Crises, perguntando-se o que deveria ter dito. Decerto ele teria acabado por ouvir a voz da razão, se ela tivesse conseguido encontrar as palavras adequadas.

Por fim, concluiu que, no estado em que se encontrava, ele seria provavelmente incapaz de ser razoável. Seria possível algum homem sê-lo, havendo uma mulher envolvida? Sem dúvida Páris não se mostrara muito razoável quando se lhe pusera a questão acerca de Helena... e ele já tinha uma mulher bonita e virtuosa que lhe havia dado um filho e, tanto quanto sabia, isso era o que os homens mais desejavam.

Mas certamente que não eram apenas os homens; as próprias mulheres pareciam perder toda a razão quando se tratava de homens. Até a rainha Imandra, que era forte e independente, e Hécuba, que fora criada como amazona, se haviam mostrado pouco razoáveis no que dizia respeito aos seus homens. *"Quanto a Criseide, ou Criseides",* pensou Cassandra quase com desprezo, *"são como cachorrinhas que se viram de patas para o ar mal o dono lhes faz uma festa.*

Quem sabe a questão não está no motivo por que elas fazem isso, mas sim no por quê de eu não sentir o mínimo desejo de fazer o mesmo?"

Ajeitou o corpo na cama a fim de criar espaço para a serpente, que se enrolou lentamente no seu braço. Era bom estar a dormir numa cama, em vez do fundo duro da carroça, e o seu último pensamento foi para lembrar a si mesma que deveria inspecionar a carroça e certificar-se de quais os presentes de Imandra que tinham sobrevivido aos soldados aqueus, se acaso sobrevivera algum. O medo das serpentes talvez tivesse evitado que eles explorassem o fundo da carroça.

Acordou ao nascer do sol. Honey brincava aos pés da cama, deixando a serpente deslizar em torno da cintura e ao longo dos braços. Cassandra deu banho à criança, arranjou-lhe uma comida simples e, em seguida, foi para o

alto do templo, onde iriam bater os primeiros raios de sol a alcançar as alturas de Tróia. Pensou que deveria ir, nesse dia, ao Templo da Virgem para saudar as suas amigas que eram aí sacerdotisas e talvez demonstrar gratidão pelo seu regresso, sã e salva, a Tróia. Mas antes que tivesse oportunidade, reparou

que Crises se encontrava entre os sacerdotes reunidos para saudar o nascer do sol.

Estava ainda com pior aspecto do que na noite anterior; as suas feições estavam inchadas e os olhos vermelhos, como se não tivesse dormido. *"Pobre homem ",* pensou, *"eu não devia censurá-lo ou esperar que se mostre razoável quando ele se encontra tão atormentado. Talvez não faça sentido ele sofrer desta maneira; mas quando foi que eu, alguma vez, evitei o sofrimento de alguém?"*

Cáris falava com ele; Cassandra viu Cáris apontar para um e depois para outro dos sacerdotes, dizendo, *"tu, e tu, e tu... não, tu não, tu não podes ser dispensado. "*

Quando Cassandra se aproximou deles, Cáris acenou-lhe.

— Segundo entendi do que Crises disse, tu viste de fato a filha dele no acampamento argivo, quando o atravessaste ontem. Tens certeza de que era realmente Criseide? Já lá vão alguns anos e ela era uma menina em crescimento quando... nos deixou.

— Quando nos foi cruelmente roubada, queres tu dizer — acrescentou Crises ferozmente.

Cassandra disse:

— Sim, claro que tenho certeza; mesmo que eu não a tivesse reconhecido, ela reconheceu-me; tratou-me pelo meu nome e avisou-me que não irritasse Agamenon.

— E disseste isso ao pai dela?

— Disse; mas a notícia enfureceu-o — disse Cassandra. — Chegou ao ponto de acusar-me de estar a inventar tudo só para atormentá-lo.

Crises disse, mal-humorado:

— Sabes bem que ela sempre teve má vontade em relação a mim.

— Se eu quisesse inventar uma história para aborrecer Crises, arranjaria uma muito melhor do que essa — disse Cassandra. — Garanto-te, passou-se tudo exatamente como eu disse.

— Bem, então seria melhor tu ires com eles ao acampamento aqueu — disse Cáris. — Ele está decidido a ir lá abaixo e, em nome de Apolo, exigir aos Aqueus a devolução da filha; eles também têm sacerdotes de Apolo e respeitam as Suas tréguas.

Uma vez que aquilo era exatamente o que ela sugerira que ele fizesse, não ficou surpreendida, exceto por ele não o ter já feito meses ou anos antes. Mas supunha que ele quisera primeiro esgotar todas as outras soluções, fossem elas quais fossem.

Eram bem umas três dúzias deles, exibindo as túnicas e os penteados dos cerimoniais do Senhor do Sol, quando finalmente começaram a descer as longas ruas e chegaram aos enormes portões de Tróia. O guarda não se mostrava disposto a abrir os portões, mas quando

Crises lhe explicou que pretendiam parlamentar com Agamenon para negociar a entrega de uma prisioneira em nome de Apolo, o guarda enviou um mensageiro para combinar o encontro. Ali ficaram então, sob o sol quente, e durante quase meia hora, até que viram um homem alto e forte, de cabelo farto e escuro e com a barba requintadamente encaracolada, aproximar-se com passadas largas e decididas.

Cassandra já tinha estado anteriormente àquela distância de Agamenon; como sempre, o horror e a repulsa percorreram o seu corpo. Manteve os olhos fixos no chão e nunca os ergueu, esperando que ele não reparasse nela.

E não reparou. Fixou Crises com beligerância e disse:

— Que queres? Eu não sou sacerdote de Apolo; se queres combinar tréguas para algum festival ou coisa do gênero, tens de tratar disso com os meus sacerdotes, e não comigo.

Crises deu um passo em frente. Era mais alto do que Agamenon, a sua cabeça imponente apesar do cabelo louro esbranquiçado, as feições energicamente esculpidas. A sua voz, profunda e forte, soou imperativa.

— Se és Agamenon de Micenas, então é de fato contigo que quero falar. Sou Crises, sacerdote de Apolo e tu manténs a minha filha prisioneira no teu acampamento. Foi capturada há três anos, nas sementeiras da primavera.

— Oh!? — exclamou Agamenon. — E qual dos meus homens tem essa mulher?

— Agamenon, senhor, o nome dela é Criseide e creio seres tu quem a tem. Em nome de Apolo, declaro-me disposto a pagar o resgate conveniente e habitual. E se não desejares libertá-la, então exijo que me pagues o seu dote e que a casemos com todas as formalidades adequadas.

— Ah, então exiges? — retorquiu Agamenon. — Perguntava-me o que quererias, com os trajes cerimoniais. Bem, Crises, sacerdote de Apolo, ouve bem: tenciono ficar eu próprio com ela e quanto a casar com ela não posso, porque já tenho mulher. — Deu uma grande gargalhada sarcástica. — Sugiro por isso que tu e os teus amigos marchem imediatamente para o interior de Tróia antes que eu decida que posso utilizar mais algumas mulheres no acampamento. — Os seus olhos varreram as filas de sacerdotes e sacerdotisas. — A maioria das vossas mulheres parecem-me muito velhas para a cama; parece que sou eu quem tem a única bonita. Mas davam-nos jeito umas quantas cozinheiras e lavadeiras.

— Persistes então deliberadamente neste insulto ao Senhor do Sol? Continuas com este insulto ao Seu sacerdote-chefe? — perguntou Crises.

Agamenon falou com lentidão, como se se dirigisse a uma criança ou a um pobre espírito.

— Escuta bem, sacerdote — disse ele. — Eu venero o Senhor do Trovão do Céu, Zeus, e Aquele que Faz Tremer a Terra, Posídon, Senhor dos Cavalos. Não interferirei nos assuntos de Apolo; ele não é o meu Deus. Mas, pelas mesmas razões, o teu Apolo faria melhor em não interferir comigo. Essa mulher que está na minha tenda pertence-me e eu não vou libertá-la nem pagar o seu dote; e isto é tudo o que tenho para te dizer. Agora vai embora!

Controlando a sua ira, Crises replicou:

— Agamenon, eu te amaldiçôo! És um homem que violou as leis sagradas e nenhum filho teu honrará a tua sepultura! E se não temes a minha maldição, então teme a maldição de Apolo, pois é a Sua maldição que eu lanço sobre a tua gente e tu não lhe escaparás. As Suas flechas tombarão sobre todos vós, assim eu o declaro.

— Declara tudo o que quiseres — disse Agamenon. — Já ouvi antes o som da ira dos meus inimigos e esse é, de todos os sons, o mais caro ao meu coração. Quanto ao teu Senhor do Sol, desafio a Sua maldição; que faça o Seu pior. Agora sai do meu acampamento ou digo aos meus arqueiros para vos usarem como alvos para treino.

— Que assim seja, meu senhor e rei — disse Crises — verás por quanto tempo poderás desdenhar da maldição de Apolo.

Um dos arqueiros gritou:

— Queres que atire no Troiano insolente, meu senhor Agamenon?

— De modo algum — disse Agamenon na sua voz forte e profunda. — Ele é um sacerdote, não um guerreiro. Eu não mato mulheres, rapazinhos, eunucos, cabras ou sacerdotes.

As gargalhadas vindas das fileiras dos arqueiros roubou à retirada de Crises muita da sua dignidade, mas ele afastou-se caminhando com firmeza, sem olhar para trás. Cassandra manteve os olhos baixos, mas podia sentir, por alguma razão, os olhos de Agamenon postos nela. Talvez fosse apenas por ela ser a mais jovem das mulheres de Tróia, pois todas as outras sacerdotisas escolhidas para aquela missão tinham, havia muito, passado os

cinqüenta; mas talvez fosse algo mais do que isso. Ela sabia apenas que não queria encontrar o olhar de Agamenon.

"E Criseide foi com este homem... de livre vontade!"

Subiram através da cidade até ao terraço da casa do Senhor do Sol, sobranceiro às grandes planícies diante de Tróia. Crises desapareceu por breves instantes de junto deles; quando reapareceu, trazia posta a máscara de ouro do Deus e o arco ritual. Subitamente pareceu que crescia, que ficava mais alto, mais imponente; os olhos de todos os Aqueus que se encontravam embaixo foram atraídos para o local onde ele se encontrava.

Crises ergueu o arco e gritou: *"Acautelai-vos, vós que ofendestes o Meu sacerdote!"* E Cassandra percebeu quem ali estava por detrás da máscara, e a voz, forte e sonante, muito além do humano, retumbou através de Tróia até o canto mais distante do acampamento aqueu, em baixo.

"Esta é a Minha cidade, Aqueus; aviso-vos solenemente. A Minha maldição e as Minhas flechas punirão todo o homem entre vós, se ao Meu sacerdote não for devolvida aquela que tão ilegitimamente foi levada.

Acautelai-vos com a Minha maldição e as Minhas flechas, aviso-vos, a vós, capitães ímpios!

Mesmo Cassandra, que estava familiarizada com a voz do Deus, ficou paralisada de terror. Não teria conseguido mover um músculo ou dizer uma palavra.

Rapidamente a figura que, simultaneamente, era e não era Crises, disparou três setas através do ar. Uma delas caiu diretamente sobre o teto da tenda de Agamenon; outra caiu à frente da tenda de Aquiles; a terceira mesmo no centro do acampamento. Cassandra olhava, sentindo uma calma angustiante, como se já tivesse presenciado tudo aquilo antes. Era como se estivesse muito distante e uma espessa parede de vidro, ou a massa de um oceano, ondulando na sua frente, eliminasse o que via e ouvia.

"A maldição de Apolo! Desceu sobre nós, oh Senhor do Sol! Será esta uma maldição apenas para os Aqueus?"

“Mas, no entanto”, pensou, *“se os Aqueus estão amaldiçoados, acabaremos por sofrer com isso; estamos à sua mercê. Pergunto-me se Príamo terá consciência disso. Se não tiver, estou certa de que Heitor terá. ”*

Depois, lentamente, retomou consciência do que se passava à sua volta: a luz brilhante do meio do dia, o seu reflexo nas muralhas e nas planícies ao fundo, as gargalhadas de troça dos Aqueus. Pareciam achar que aquilo fora uma charada, uma encenação; nunca lhes ocorreu que o próprio Apolo tivesse amaldiçoado a sua gente e o seu exército.

“Ou será que sonhei? ”

Qualquer que fosse a verdade, tinha de fazer. Foi até ao templo, onde lhe foi distribuída a tarefa de aceitar e registrar as oferendas. Depois de uma hora passada a contar e a registrar frascos de azeite e pães de trigo, sentia-se como se nunca tivesse saído de Tróia.

Trabalhou até ao pôr do sol. Quando acabou de registrar as oferendas, foi tratar das serpentes e ver quais os locais que lhes haviam sido destinados. Depois foi ter com Cáris, a sacerdotisa com mais autoridade e disselhe que, tendo ainda outros deveres, não poderia cuidar de tantas serpentes sozinha; pediu-lhe que designasse alguém que pudesse treinar para ajudá-la a cuidar delas e a quem ensinar a arte das serpentes. Cáris perguntou-lhe se Fílidas a satisfaria.

— Sim, ela sempre foi minha amiga — respondeu Cassandra e Cáris mandou chamar Fílidas e perguntou-lhe se aceitaria.

— Te ensinarei tudo o que aprendi em Cálcis — prometeu Cassandra e Fílidas pareceu ficar satisfeita.

— Sim e se trabalharmos juntas, os nossos filhos poderão crescer como irmão e irmã

— disse Fílidas. — Fui eu quem deu banho à tua pequenina ontem e quem lhe deu o jantar. Ela é muito viva e esperta e um dia será também bonita.

Cassandra teve a sensação de que Fílidas dissera aquilo para ser simpática, mas não lhe desagradou. Quando tudo ficou combinado, saíram de novo para observar o acampamento aqueu. O brilho e o calor do dia tinham diminuído e levantara-se um vento fraco; podiam ver o pó levantado no acampamento aqueu e as silhuetas de muita gente, algumas delas envoltas nas túnicas brancas dos servidores de Apolo.

— Então eles não estavam tão indiferentes como pareciam — disse Fílidas. Ela não tomara parte na missão que se deslocara ao acampamento aqueu, mas tinha ouvido tudo o que se passara e Cassandra podia ver que nada fora omitido ao ser contado. — Olha — disse ela

— eles estão a celebrar rituais para purificar o acampamento e apaziguar o Senhor do Sol.

— Bem podem fazê-lo, se desprezaram a Sua maldição — disse Cassandra. — Não creio que sejam os soldados a desprezar a Sua maldição — disse Fílidas. — Penso que é apenas o próprio Agamenon e nós já sabemos que ele é um homem sem Deus.

— Que estão eles a fazer agora? — perguntou Cassandra.

— Estão a fazer fogueiras para purificar os terrenos — disse Fílidas, e depois se retraiu diante do imenso grito de dor que se ergueu de entre os Aqueus. Tinham arrastado um corpo para fora de uma das tendas e estavam a lançá-lo às chamas.

Estavam muito longe para perceber as palavras dos gritos de desespero, mas já tinham ouvido antes gritos idênticos. Fílidas disse, com a voz entrecortada:

— Há peste no acampamento deles!

E Cassandra disse, horrorizada:

— É esta, então, a maldição do Senhor do Sol!

Todas as manhãs e todos os fins de tarde, durante dez dias, observaram os corpos das vítimas da peste no acampamento serem queimados; a partir do terceiro dia os corpos passaram a ser arrastados pela praia até bastante longe e queimados aí devido ao medo do contágio. Cassandra, que vira a sujeira, a imundície e a desordem no acampamento, não ficou surpreendida por ali haver doenças; apesar de não menosprezar a maldição do Senhor do Sol e saber que os Aqueus acreditavam nela. Ao nascer do sol, quando este estava no seu auge e de novo quando se punha, Crises percorria as ameias de Tróia, exibindo a máscara de Apolo e transportando o seu arco; e sempre que ele aparecia havia gritos e brados no acampamento aqueu implorando piedade.

Príamo decretou que cada soldado e cidadão troiano deveria apresentar-se todas as manhãs aos sacerdotes de Apolo e que quem apresentasse sintomas da doença deveria ser confinado na sua própria casa. Esta medida afetou algumas pessoas com grandes constipações e um ou dois homens que tinham sido promíscuos quando das suas incursões no bairro das mulheres. Mandou fechar dois ou três bordéis e também um mercado imundo, mas não havia até àquele momento sinais de peste no interior das muralhas de Tróia. Decretou um feriado para orações e sacrifícios a Apolo, para implorar que a cidade continuasse a ser poupada à maldição. Contudo, quando Crises pediu uma audiência e requereu a Príamo que exigisse também o regresso de Criseide, este respondeu-lhe bruscamente:

— Chamaste um Deus para te ajudar e se isso não é suficiente, que mais pensas que um mortal, mesmo o rei de Tróia, poderá fazer?

— Queres dizer que não farás nada para me ajudar?

— Por que deveria eu importar-me com o que aconteceu à desgraçada da tua filha? Talvez eu tivesse sentido solidariedade, enquanto pai, se me tivesses procurado há três anos, quando ela foi levada; mas não apelaste para mim antes. Não consigo acreditar que estejas muito necessitado da minha ajuda... exceto talvez para te vangloriares de que o rei de Tróia é teu aliado — disse Príamo.

Crises disse, exaltado:

— Se eu atraí a maldição de Apolo para o acampamento Argivo, poderei facilmente amaldiçoar Tróia...

Príamo ergueu a mão para detê-lo.

— Não! — trovejou. — Nem uma palavra! Ergue um dedo ou pronuncia uma sílaba que seja para amaldiçoar Tróia e te juro pelo próprio Apolo que te lançarei pessoalmente para o acampamento aqueu da mais alta muralha da cidade!

— Como Sua Majestade desejar — disse Crises; fez uma pronunciada vênia e retirou-se.

Príamo ficou de mau humor e muito irritado.

— Aquele homem é muito orgulhoso! Ouviram o que ele disse... ameaçou amaldiçoar Tróia! — Olhou em torno da sala do trono para os seus conselheiros. — Se ele pedir uma

audiência comigo, tratem de assegurar que eu não tenha tempo para falar com ele!

A Cassandra não desagradou aquela entrevista. Lá bem no fundo do seu espírito existira sempre um velho receio: se Crises, como ameaçara uma vez, fosse ter com Príamo e a pedisse em casamento, o seu pai ficaria muito satisfeito em atirá-la, mesmo contra vontade, para um casamento, qualquer casamento, e não encontraria qualquer razão para recusar um aparentemente respeitável sacerdote de Apolo. Agora que sabia que Príamo sentia quase tanto desagrado por Crises como ela própria, pôde suspirar aliviada.

VINTE E UM

Durante dez dias viram a peste devastar o acampamento aqueu. No décimo dia os soldados saíram com um imponente cavalo branco e sacrificaram-no a Apolo; algum tempo depois um mensageiro ostentando o bastão com a serpente de Apolo subiu até a cidade e pediu tréguas com o objetivo de falar com os seus sacerdotes.

— Uma delegação irá ao acampamento — foi-lhe dito. Crises, evidentemente, encabeçava-a. Cassandra não perguntou se podia juntar-se ao grupo; escapuliu simplesmente, para vestir as roupas cerimoniais, e foi com eles.

Agamenon, Aquiles e muitos dos outros chefes, entre os quais Cassandra reconheceu Odisseu e Pátroclo, estavam dispostos em filas atrás dos sacerdotes de Apolo. O sacerdote-chefe dos Aqueus, um homem magro e robusto que parecia um atleta, dirigiu-se a Crises.

— Parece — disse ele — que afinal o Imortal está zangado conosco. Mas eu pergunto-te, colega, aceitarás algum presente nosso?

Crises disse:

— Quero a minha filha de volta ou então convenientemente casada com o homem que a levou, a cujas mãos chegou virgem e inocente...

Agamenon resfolegou, mas não disse nada; tinha, aparentemente, concordado em deixar que os sacerdotes falassem por ele.

— Não podes esperar — começou o sacerdote — que o rei de Micenas concorde em desposar uma prisioneira de guerra, tendo ele já uma rainha.

— Muito bem — disse Crises — se ele não se casar com a minha filha, quero-a de volta com o dote adequado, visto ela já não ser uma virgem e eu não lhe poder arranjar marido sem um dote.

Os sacerdotes conferenciaram durante alguns instantes. Por fim, disseram:

— Supõe que te propomos que escolhas uma de entre todas as mulheres das cidades

que saqueamos na região, virgem por virgem?

— Tomam-me por um devasso? — perguntou Crises, a voz tremendo de indignação. — Sou um pai enlutado e clamo por Apolo para que corrija a injustiça que me foi feita!

— Bem, Agamenon — disse o sacerdote argivo — parece que não existe alternativa; temos de agir com justiça elementar e devolver a filha ao homem.

Agamenon endireitou-se, erguendo-se em toda a sua estatura e cruzou os braços.

— Nunca! A mulher é minha!

— Não, não é — disse o sacerdote. — Raptaste-a quando se partia do princípio que havia tréguas, nas sementeiras da primavera, e por essa heresia a Mãe Terra está zangada.

— Mulher nenhuma, nem mesmo uma Deusa, me diz o que eu posso fazer — contrapôs Agamenon.

Cassandra reparou no nítido estremecimento que percorreu as fileiras dos homens; Odisseu, em particular, parecia não estar satisfeito.

— Os Imortais — disse Odisseu — detestam o tipo de orgulho que só a Eles pertence, Agamenon. Vamos, devolve a mulher e paga ao pai dela o dote devido.

— Se eu desistir da mulher... — Agamenon hesitou pela primeira vez, ao ver o olhar zangado dos seus capitães. — Se eu desistir da mulher — repetiu — por que haverão vocês todos de ficar com os troféus que conquistaram e a rir de mim? Tu, Aquiles: se eu for forçado a desistir da minha, desistirás da mulher que tens na tenda?

Aquiles rosnou:

— Eu não fui tão estúpido que fosse roubar a minha mulher a um sacerdote de Apolo, fazendo com que ficássemos todos debaixo de uma maldição, Agamenon. A minha mulher veio ter comigo porque gostava mais de mim do que de qualquer dos filhos de Príamo, lá em Tróia. E visto que eu vim para Tróia para te agradar, Agamenon, quando por direito deveria estar a lutar ao lado dos meus parentes Troianos, não vejo por que razão a minha mulher é para aqui chamada. Ela é boa mulher. Veio ter comigo de sua livre vontade e é perita em todo o tipo de trabalhos de mulher. Pensei em levá-la comigo para casa (se alguma vez regressar desta guerra) e fazer dela minha esposa visto que, ao contrário de ti, não tive de me casar com uma velha megera de uma rainha para conquistar o reinado na sua cidade.

Agamenon cerrou os dentes; Cassandra podia ver que ele apelava a todas as suas forças para não se descontrolar.

— Quanto à minha rainha — disse ele — recordo-te: a minha rainha é irmã gêmea dessa Helena que é tida por suficientemente bela para que a sua perda desse início a esta guerra. Por ser também, por seu próprio direito, rainha de uma grande cidade, fará isso com

que a minha mulher tenha menos valor? Deu-me belos filhos e já chega de falar dela!

— Sim, chega — disse o sacerdote-chefe. — Agamenon, fizestes um voto de que farias o que quer que fosse necessário para nos salvar da peste; determinamos por isso que a mulher, Criseide, deve ser devolvida a seu pai. Contribuiremos todos para o dote que ele pede.

Os punhos de Agamenon estavam cerrados e os maxilares tão apertados que Cassandra pensou que os seus dentes iriam estilhaçar-se.

— São todos da mesma opinião — perguntou ele — apesar de tudo o que fiz por vocês? Seria muito bem feito se eu vos dissesse *"Arranjem outro para comandar os vossos exércitos"*. Tu, Menelau... apoiarás esta gente no roubo que me fazem?

O homem franzino, de cabelo castanho e uma pequena barba encaracolada, mudou o peso do corpo de um pé para o outro, embaraçado.

— Prefiro não sofrer a ira de Apolo por causa da tua heresia (ou da tua pouca sorte ou falta de maneiras) ao raptares uma jovem que deveria ter sido deixada em paz.

— Como é que eu poderia saber que o pai dessa maldita mulher era um sacerdote, ou ralar-me com isso se o soubesse? Achas que passamos o tempo a discutir o pai dela? — vociferou Agamenon.

A sacerdotisa por trás de Cassandra comprimiu os lábios tentando conter uma risadinha e murmurou baixinho: *"Com certeza não passaste o tempo a aprender boas maneiras ",* e foi a vez de Cassandra apertar os lábios para não rir. A cabeça de Agamenon virou-se na direção das mulheres e pareceu ficar mais zangado do que nunca.

— Muito bem! — disse. — Visto que estão todos combinados para me roubar, levem a mulher e que se danem! Mas então serei recompensado com a mulher que está na tenda de Aquiles.

Aquiles saltou do meio das fileiras aquéias e gritou:

— Não! Só a levarás por cima do meu cadáver!

— Suponho que poderia tratar disso, se tu insistisses — disse Agamenon, descuidadamente. — Pátroclo, não consegues controlar este rapaz insubordinado? Ele dificilmente tem idade para se meter nos assuntos dos homens. Vamos, Aquiles, para que precisas tu, com a tua idade, de uma mulher? Vou mandar-te a caixa de brinquedos que juntei para o meu filho.

Cassandra semicerrou os olhos. *"Agamenon não devia ter dito aquilo; Aquiles é jovem, mas não tão jovem que possa ser provocado desta maneira sem se vingar. "*

O sacerdote-chefe dos Troianos disse:

— Crises, tens uma capa para Criseide? Com a peste que aqui lavra não podemos levar qualquer roupa para a cidade; as que ela usa têm de ser queimadas antes de entrar em Tróia e o cabelo tem de ser cortado.

Crises estendeu uma túnica comprida e uma capa.

— Queimem as roupas que esta gente lhe tiver dado — disse ele. — Mas o cabelo também?

— Lamento; é a única forma de podermos ter a certeza de que ela não trará a peste — disse o sacerdote.

Agamenon voltou da sua tenda com Criseide, e Crises avançou para abraçar a filha. Mas o sacerdote-chefe deteve-o.

— Deixa que as mulheres a dispam e levem a roupa para ser queimada primeiro — disse ele, e Cáris e Cassandra dirigiram-se a Criseide, fazendo as outras mulheres um círculo para escondê-la enquanto lhe tiravam as roupas aquéias e as lançavam ao chão. Com dignidade, Criseide ignorou-as. Mas quando Cáris lhe soltou o cabelo e pegou numa faca para cortá-lo, ela recuou.

— Não. Suportei tudo o resto, mas não que escarneçam de mim cortando-me o cabelo; não sinto qualquer necessidade de purificação ou penitência!

Cáris disse, suavemente:

— É só por temor à peste; vens de um local infectado para uma cidade que, até agora, está limpa.

— Eu não tenho peste nem estive perto de ninguém que a tivesse! — disse Criseide, chorando. — Não me cortem o cabelo!

— Lamento, mas tem de ser — disse Cáris, pegando o longo cabelo e cortando-o junto

à nuca.

Criseide soluçava, inconsolável.

— Oh, vejam o que fizeram! Que figura ridícula eu vou fazer, com toda a gente a rir e a apupar-me! Tu sempre me odiaste, Cassandra! E agora me fizeste isto...

— Que criança idiota que tu és! — disse Cáris bruscamente. — Fizemos o que os sacerdotes nos ordenaram, nada mais. Não culpes Cassandra. Passou a túnica que Crises trouxera pelos ombros de Criseide. — Não tenho alfinete; terás de segurá-la sobre os seios.

— Não — disse Criseide amuada. — Se não tens um alfinete pode ficar aberta, verás que eu não me importo!

Cáris encolheu os ombros.

— Se queres todos os soldados aqueus a olharem embasbacados para os teus seios, o problema é teu — disse ela — mas isso é capaz de perturbar o teu pai. Por amor dele, segura a

tua túnica de maneira que a tua decência seja preservada.

Fez sinal às mulheres para que abrissem uma passagem no círculo, permitindo a Criseide aproximar-se do pai. Agamenon avançou um passo na direção dela, mas Odisseu segurou-o falando-lhe em voz baixa e insistente.

VINTE E DOIS

No dia seguinte a Criseide ter sido devolvida a Tróia, Cassandra foi chamada a jantar com os seus pais no palácio; supôs que Príamo quisesse que lhe contasse como tinham decorrido as negociações. Além do rei e da rainha, estavam presentes Creúsa e Enéias, Heitor e Andrômaca com o seu filhinho, e Páris com Helena com os filhos dela. Nikos, um rapaz bonito, era um ano mais velho do que o filho de Heitor; os gêmeos corriam por todo o lado, mas não causavam especial incômodo, pois cada um deles tinha a sua ama que o mantinha sob um razoável controle.

Parecia estranho a Cassandra que os anos de guerra tivessem provocado tão poucas alterações no salão de jantar do palácio. As pinturas das paredes estavam um pouco desbotadas; supunha que os criados do palácio que deveriam retocá-las teriam outros deveres, se é que não se encontravam no exército. Havia muitos tipos de comida, incluindo peixe fresco, embora, de fato, não fosse muito. Andrômaca disselhe que os Aqueus tinham sujado o porto e que o melhor peixe se mantinha ao largo, no mar alto; e não se podia dispensar ninguém para sair com os barcos de pesca e atravessar o bloqueio dos soldados aqueus.

— E quando um barco, apesar de tudo, sai — acrescentou — os Aqueus arrastam-no para terra e ficam com a maior parte do peixe melhor.

Mas havia abundância de frutos, pão de cevada e mel e vinho extraído das uvas que cresciam, abundantes como ervas daninhas, por toda a cidade. Príamo insistiu com Cassandra para que ela repetisse cada palavra trocada durante as negociações. Abanou a cabeça, zangado, quando soube da arrogância de Agamenon.

— Não vi sinal de mais vítimas da peste no acampamento argivo e que os Deuses permitam que não as haja na nossa cidade. Então a jovem está de novo a salvo entre nós; o que é que o pai vai fazer com ela agora?

— Não sei; não lhe perguntei — disse Cassandra, pensando: *"nem tenho quaisquer intenções de fazê-lo, nem quero saber disso. "* — Suponho que

com o dote que os Aqueus lhe deram lhe arranjará um marido. Eles pareceram-me ansiosos por aplacar a ira do Senhor do

Sol. E, depois da peste, quem lhes pode levar a mal?

— Suponho que nenhum dos chefes aqueus morreu com peste?

— Nenhum, que eu saiba — disse Enéias. — Com certeza nem Agamenon nem Aquiles a apanharam; mas quase que se pegaram à luta assim que Criseide deixou o acampamento. E, por fim, Agamenon foi para a sua tenda e Aquiles para a dele; parece que houve uma disputa...

— Houve — disse Cassandra e contou-lhes como Agamenon insistira em que, se a sua mulher lhe fosse tirada, ele teria de ser compensado com Briseide, e qual fora a resposta de Aquiles.

— Isso explica o que eu vi depois, embora, como é evidente, não tivesse entendido as razões — disse Enéias. — Uns quantos soldados de Agamenon foram à tenda de Aquiles e houve uma escaramuça entre eles e os homens de Aquiles. Depois Odisseu foi lá e conversou com eles todos durante muito tempo. Depois disso os soldados de Aquiles começaram a rasgar estandartes e enfeites; pareciam estar fazendo as trouxas para ir para casa.

— Que os Deuses permitam que assim seja — disse Heitor. — Agamenon é um inimigo honrado; Aquiles é louco. Prefiro lutar contra homens no seu perfeito juízo.

Cassandra tinha a sua homônima, a filha de Creúsa, ao colo. Disse:

— Não creio que homem algum que lute nesta guerra esteja no seu juízo perfeito.

— Todos nós sabemos o que tu pensas, Cassandra — disse Heitor — e estamos fartos de te ouvir.

— Heitor, acreditas realmente que podemos vencer esta guerra? Se os Deuses estão zangados com Tróia...

— Não vi quaisquer sinais da sua ira — disse Heitor. — Agora, pelo menos, parece que o Senhor do Sol está zangado com os Aqueus. Com Aquiles afastado daqui, não tenho medo algum dos restantes. Combateremos e venceremos honrosamente, depois faremos tréguas e viveremos em paz com eles, se tivermos sorte, para o resto das nossas vidas.

— E o que acontecerá conosco? — perguntou Páris.

Ele estava sentado ao lado de Helena que, com uma colher de osso, dava a um dos gêmeos frutos esmagados; parecia calma e em paz. Adorável, pensou Cassandra, mas sem qualquer traço da beleza sobrenatural que ostentava quando possuída por Afrodite.

— Se a paz chegar para nós — disse Andrômaca — haverá paz também para vocês e poderão construir a vida que desejarem para vocês e para os vossos filhos.

— Será um mundo enfadonho, sem a guerra — disse Heitor, bocejando.

Páris discordou.

— Já tive guerra que chegasse. Deve haver coisas melhores para fazer na vida.

— Pareces a nossa irmã — disse Heitor. — Mas a paz virá, quer queiramos quer não; e se tudo o mais falhar, há a paz da sepultura, um fim para todas as batalhas e discursos de honra.

Cassandra disse ironicamente:

— Parece um paraíso especialmente concebido pelo Deus de Aquiles.

— Não é um paraíso para mim, então — disse Páris. — Já basta lutar aqui. Não tenciono passar a vida do Além a fazê-lo.

— Queres dizer que não escolherias passar a vida do Além a fazê-lo — comentou Heitor. — Não estou assim tão certo de que nos seja dada alguma escolha.

Ouviu-se naquele momento um grande grito; as crianças tinham estado a brincar ao fundo do salão, com grande alarido e gritos agudos e infantis; Heitor e Páris viram que o pequeno Astíanax e o filho de Helena, Nikos, estavam deitados no chão, lutando e esmurrando-se um ao outro, ambos gritando incompreensivelmente, os rostos vermelhos e manchados de lágrimas.

Helena e Andrômaca correram a resgatar os seus filhos e quando voltaram, cada uma com um rapazinho aos gritos debaixo do braço, Heitor fez sinal às mulheres para que sentassem os rapazes.

— Então, então, rapazes, o que se passa? Não haverá guerra suficiente do lado de lá dos portões, para ainda termos que tê-la também ao jantar? Astíanax, Nikos é nosso hóspede em Tróia. Um convidado tem direito à nossa hospitalidade. Além disso, ele é menor. Por que estavas a bater-lhe?

— Porque ele é tão covarde como o pai! — resmungou Astíanax, atingindo-o nos olhos com os punhos.

Nikos deu-lhe um pontapé nas canelas e Astíanax balbuciou:

— Bem, foste tu quem o disse, pai.

Heitor lutou para se manter sério.

— Não, Astíanax, eu disse que o pai dele, Menelau, era um inimigo honrado; Páris não é pai dele, sabes? E além disso — ergueu a voz quando os dois rapazes começaram a gritar ao mesmo tempo — não importa quem tenha dito o quê, há sempre trégua à hora do jantar. Se o próprio Agamenon estivesse a esta mesa, seria meu dever de homem honrado dar-lhe de comer se ele tivesse fome; o nosso primeiro dever para com os Deuses é a hospitalidade. Estás a ouvir-me?

— Sim, senhor — murmurou Astíanax, e Heitor voltou-se para Helena.

— Senhora, peço-te que mantenhas o teu filho na ordem ao jantar, por respeito ao meu pai e à minha mãe, ou então que o mandes embora com a sua ama — ordenou ele.

— Vou tentar — murmurou ela.

Páris parecia furioso, mas não se atreveu a contradizer Heitor; ninguém se atrevia, nos tempos que corriam.

Cassandra concentrou-se nos frutos com mel que tinham aparecido no seu prato no fim da refeição; perguntou a Príamo:

— Houve algum sinal de que as camareiras da mãe possam ser trocadas ou devolvidas?

— Ainda não — grunhiu Príamo. — Aquela danada da filha do sacerdote (maldita seja, apesar de Apolo ter tomado o seu partido) fez com que parassem todas as outras negociações tão bruscamente que, se estas fossem um carro, estaríamos todos de pernas para o ar na estrada! Quando pudermos tentaremos de novo, mas neste momento temo que não haja qualquer esperança.

Creúsa ergueu-se, embalando o bebê nos braços.

— Tenho de levar a pequenina para a cama — anunciou aos presentes em geral. — Helena, vens comigo?

Cassandra levantou-se também.

— Também eu vou dar as boas-noites — disse ela. — Mãe, pai, boa noite e obrigada; de fato, comi melhor à vossa mesa do que no refeitório das sacerdotisas.

— Não sei por que razão isso acontece —disse Príamo guturalmente — elas recebem a melhor parte de tudo lá em cima.

Enéias disse:

— Com tua permissão, senhor, atravessarei a cidade com a princesa Cassandra. É tarde e essa gentalha é capaz de andar por aí, agora que todos os homens decentes e aptos estão lá em baixo com os soldados.

— Agradeço-te, mas na verdade, cunhado, não é necessário.

— Deixa-o ir contigo, Cassandra — ordenou Hécuba com firmeza. — Ficarei mais descansada; Políxena não está aqui conosco hoje porque o Templo da Virgem não pode dispensar nenhum homem para escoltá-la.

— O quê, onde está Políxena? — perguntou Cassandra.

Tinha dado pela ausência da irmã, mas tanto quanto sabia Políxena podia estar casada com algum rei ou guerreiro, no fim do mundo.

— Ela serve a Deusa Virgem; é uma longa história — disse Hécuba num tom que dava a entender que, fosse a história longa ou breve, não tinha intenção de contá-la naquele momento.

Cassandra beijou a mãe e as crianças e deixou que Enéias, em vez de um criado, a envolvesse na sua capa. Heitor também se levantou, beijando a mulher e o filho, e despediu-se de Cassandra e Enéias às portas do palácio.

— Estás mais bonita do que quando partistes para Cálcis — disse ele amavelmente. — Há uma balada que diz que a tua beleza é digna do desejo de Apolo; se o desejasses, estou certo de que o pai te arranjaria um marido, sem todo aquele disparate que levou Políxena a ir para o Templo da Virgem.

— Não, querido irmão; eu sou feliz na casa do Senhor do Sol — respondeu ela.

Mas devolveu-lhe o abraço sincera e calorosamente, por saber que ele queria o seu

bem.

A noite não estava especialmente escura, pois a lua ascendia, redonda e brilhante, à medida que eles subiam as ruas íngremes. A certa altura, Enéias fez uma pausa para olhar a planície onde o exército argivo se encontrava.

— Se Agamenon e Aquiles não tivessem brigado, esta seria uma noite em que seria pouco sensato que Heitor jantasse em casa com a família — disse Enéias. — Geralmente, nestes últimos três anos, em noites de lua cheia tínhamos um ataque do lado costeiro. Mas olha, tudo está às escuras lá em

baixo; exceto na tenda de Aquiles onde, tenho quase a certeza, eles continuam a discutir por cima de taças de vinho.

— Enéias, que história toda é esta sobre de Políxena?

— Oh, Deus! — disse ele — eu não sei a história toda; ninguém sabe. Aquiles... bem, Príamo ofereceu-a a Aquiles, na esperança de criar desavenças no seio das fileiras aquéias. O teu pai... depois disto andou por aí a dizer que ela era tão bela como Helena de Esparta e que a entregaria ao mais poderoso...

— O quê? Políxena, tão bela como Helena? Será que ele, com a idade, está a perder a

visão?

— Creio que estava a tentar criar problemas aos Aqueus; ofereceu-a ao rei de Creta...

— Idomeneu? Mas eu ouvi dizer que ele tinha se juntado a Agamenon e se colocado do lado dos Aqueus. É uma traição, claro; as gentes minóicas foram nossas aliadas e parentes desde os tempos anteriores ao afundamento de Atlântida.

— Bem, seja como for, Príamo tentou oferecê-la em casamento a muita gente das ilhas; mas todos os que queriam aceitar eram apoiantes dos Aqueus. E, no fim, Políxena revoltou-se...

— Revoltou-se? Mas Políxena sempre fez tudo o que lhe mandavam! — objetou Cassandra.

— E assim foi, mas por fim disse que se sentia como um pote que estivesse a ser apregoado no mercado e, pelo visto, um pote quebrado que ninguém queria comprar, e fez o voto de servidão à Deusa Virgem. Está lá desde então. Príamo estava mais furioso com ela do que quando tu foste servir o Senhor do Sol.

— Era de esperar — disse Cassandra. — Desde muito pequenina que o meu pai pensou em mim como uma rebelde, mas quando Políxena lhe desobedeceu, deve ter sido como se o coelhinho de estimação de uma criança virasse o dente e o mordesse.

— Sim, acho que foi exatamente isso. A tua mãe ficou muito perturbada.

— Pois é! — disse Cassandra — a mãe educa-nos para que pensemos por nós próprias, mas depois, quando nós o fazemos, fica chocada e aflita. Ainda bem que a minha irmã fez a sua própria escolha.

Moviam-se lentamente pela rua íngreme. Cassandra tropeçou no escuro e Enéias segurou-a imediatamente.

— Vê onde pões os pés! — ralhou ele. — A queda é grande!

O braço dele envolvia-a. Não trazia armadura, mas apenas a túnica e a capa e ela sentiu o calor e robustez dele de encontro ao seu corpo. Deixou que ele a amparasse ao longo de mais alguns degraus; mas quando ia endireitar-se, ele apertou mais o braço em torno da sua cintura e aproximou o rosto do dela. Antes dela se libertar, os lábios de ambos tocaram-se no escuro.

— Não — disse ela suplicante, afastando-se. — Não, Enéias. Tu também, não.

Ele não a soltou imediatamente; mas levantou a cabeça e disse baixinho:

— Desde a primeira vez que pus os meus olhos em ti que te desejo. E, não sei porque, pensei que isso... isso não te desagradaria de todo.

Ela disse, reparando que a sua voz tremia:

— Se as coisas fossem diferentes... mas eu tenho um voto de castidade e tu és o marido da minha irmã.

— Não por escolha minha ou por escolha de Creúsa — disse Enéias suavemente. — Nós casamos por vontade do meu pai e do teu.

— De qualquer forma é um fato consumado — disse Cassandra. — Eu não sou Helena, para quebrar um compromisso de honra... — mas deixou que a sua cabeça repousasse no seu braço vigoroso.

Sentia-se fraca, como se as suas pernas não tivessem já firmeza suficiente para segurá-la de pé.

Enéias disse, calmamente:

— Creio que se fala muito em honra e dever. Porque haveria Helena de manter-se fiel a Menelau? Ela foi-lhe oferecida sem que se pensasse na sua felicidade. Seremos nós postos neste mundo apenas para cumprir o nosso dever para com a família? Não nos darão os Deuses a vida para que possamos criar vidas próprias que tragam algum bem para os nossos corações, os nossos cérebros, as nossas almas?

— Se sentias isso — perguntou Cassandra frontalmente, endireitando-se ligeiramente (sentiu frio longe do braço de Enéias) — por que concordaste em casar com ela, em primeiro lugar?

— Oh, nessa altura eu era mais jovem! — disse Enéias — e toda a minha vida me foi dito que era meu dever desposar fosse qual fosse a princesa que me arranjassem e, nesse tempo, eu ainda achava que todas as mulheres eram praticamente iguais umas às outras.

— E não são?

— Não! — disse Enéias impetuosamente. — Não, não são. Creúsa é uma boa mulher, mas tu és diferente dela como o vinho da água da nascente. Eu não tenho nada a dizer contra a mãe dos meus filhos; mas naquele tempo eu nunca tinha encontrado uma mulher que representasse algo mais para mim do que todas as outras, uma mulher que eu quisesse realmente, com quem pudesse falar como minha igual, minha camarada. Cassandra, eu juro-te: se antes de me casar com Creúsa eu tivesse tido a oportunidade de falar contigo uma dúzia de vezes, teria dito a Príamo e a meu pai que não casaria com nenhuma outra mulher do mundo; que teria a ti ou iria para o meu túmulo sem casar.

Cassandra sentia-se atordoada.

— Não podes estar a falar sério; estás a zombar de mim! — murmurou.

— Por que haveria eu de querer fazer tal coisa? — perguntou ele. — Eu não queria (e não quero) destroçar a minha vida nem perturbar a tua paz, nem magoar Creúsa; mas penso que aquela Deusa do Amor que montou essa cruel armadilha a Páris, decidiu lançar também a discórdia sobre mim. E eu achei que deveria, uma vez que fosse, dizer-te o que sentia.

Cassandra estendeu a mão, mal percebendo o que estava a fazer, e tocou na mão dele. Ele fechou os seus dedos com força sobre os dela. Docemente disse:

— Quando te vi pela primeira vez, Cassandra, sentada no meio das jovens, com os olhos recatadamente baixos, eu soube imediatamente que era a ti que eu queria, e devia ter-me levantado prontamente e declarado isso mesmo a Príamo e ao meu pai...

A idéia fez Cassandra sorrir.

— E o que teria Creúsa dito?

— Não devia ter deixado que isso tivesse importância para mim — disse Enéias. — Era a minha vida que estava em causa. Diz-me, Cassandra, terias me aceitado por marido? Se eu tivesse recusado Creúsa e te tivesse reclamado em vez dela, como preço para combater por Tróia...

O coração de Cassandra batia com tanta violência quanta a agitação das palavras dele.

— Não sei — disse ela por fim. — Fosse o que fosse que eu pudesse ter dito ou feito então, já é muito tarde para pensar nisso.

— Não é forçosamente tarde — disse ele e puxou-a para os seus braços.

Ela não tinha percebido que estava a chorar, até o dedo de Enéias lhe limpar uma lágrima.

— Não chores, Cassandra; não quero fazer-te infeliz. Mas não suporto pensar, agora que descobri seres tu aquela que eu amo, que não possa existir nada entre nós além disto.

Envolveu-a num abraço tão forte, tão profundamente arrebatador que tudo o que lhe era exterior parecia ter deixado de existir; ela afundava-se, sufocada, arrastada para a não existência, incapaz de pensar. Porém, após um período que pareceu muito longo, mas muito breve, ela retomou a posição ereta sobre os dois pés, limpando os olhos com a túnica. *"É então esta a sensação... "*

Percebeu que a voz lhe tremia ao dizer:

— Tu és marido da minha irmã, és meu irmão.

— Pelos meus antepassados Imortais! Pensas que não tenho remoído nisso até à náusea? — resmungou ele. — Só te imploro que não fiques zangada comigo.

— Não — disse ela, e aquilo lhe soou tão disparatadamente inadequado ao momento que ambos viviam, que lhe provocou um riso incontrolável — não, não estou zangada contigo, Enéias.

Ele puxou-a novamente para um abraço que ela não podia nem queria evitar; mas desta vez havia prudência nesse abraço, como se ele estivesse a fazer todos os esforços para não a magoar ou assustar. Disselhe, com a boca encostada ao ouvido:

— Diz-me que também gostas de mim, Cassandra.

— Oh, Deuses! — disse ela, impotente. — Será que precisas perguntar?

A boca dela estava de tal forma comprimida de encontro à de Enéias que a fazia perguntar-se como poderia ele compreender as suas palavras.

— Não — disse ele — não preciso perguntar, mas preciso te ouvir dizê-lo. Acho que não suportarei continuar a viver se não te ouvir dizer essas palavras.

Repentinamente, Cassandra encheu-se do mais incrível sentimento de generosidade. Estava em suas mãos oferecer-lhe uma coisa que ele tanto desejava. Inclinou-se de novo para a frente, de encontro a ele, e sussurrou:

— Gosto de ti, sim. Creio... creio que te amei desde a primeira vez que te vi.

E sentiu-o mover-se suavemente contra ela, como se fosse ali que sempre quisera estar. Tocava-o apenas nos dedos; mas esse contato era, curiosamente, mais íntimo do que um abraço. Desejava que ele a agarrasse de novo; porém, sabia que se ele o fizesse, seria ela e só ela a responsável pelo que viesse a acontecer.

Docemente disse *"Enéias... "* e calou-se.

— Que foi, Cassandra?

— Acho... — murmurou ela, com uma esmagadora sensação de assombro — acho que queria apenas ouvir-me pronunciar o teu nome.

Ele apertou os braços em volta dela, mas o fez com suavidade, como se receasse que o mais leve toque a quebrasse.

— Meu amor. Não sei... não tenho certeza daquilo que quero, mas não é seduzir-te para te levar para a minha cama; isso eu posso obter de qualquer outra, quando quiser. Eu te amo, Cassandra. Queria dizer-te, tentar fazer-te compreender...

— Eu compreendo — disse ela, comprimindo a sua mão contra a dele. Lá no alto, a lua flutuava com tal brilho que ela conseguia ver-lhe o rosto como se fosse à luz do dia.

— Olha — disse ele — todas as fogueiras do acampamento aqueu estão apagadas. É muito tarde. Deves estar exausta; devia deixar-te ir.

Era tarde. Ela afastou-se ligeiramente dele, sentindo frio longe dos seus braços e ofereceu-lhe a mão. Enéias curvou-se sobre ela, aproximando-se muito, mas não voltou a beijá-la. Sussurrou:

— Boa noite, meu amor, e que a Deusa te proteja. Eu ficarei aqui até que estejas em segurança dentro das portas da casa do Senhor do Sol.

Ela subiu sozinha os últimos degraus e bateu no portão, o qual foi aberto do lado de

dentro.

— Ah, princesa Cassandra! — disse um dos criados do templo ao abrir o portão — regressas do jantar no palácio, com os teus pais? Subiste sozinha até aqui?

— Não, o príncipe Enéias escoltou-me — disse ela e o rapaz espreitou lá para fora.

— Será que o príncipe Enéias quer um archote aceso para o caminho de regresso?

— Não, obrigado — disse Enéias polidamente. — A lua está muito clara. — Fez uma vênia a Cassandra. — Boa noite, minha irmã e senhora.

— Boa noite — disse ela. E quando se encontrava fora do alcance de ouvidos estranhos ouviu-se murmurar: — Boa noite, meu amor.

Foi assaltada pela angústia. Tinha jurado, sem saber o que fazia, que nunca serviria a Deusa Afrodite, nem sucumbiria a este tipo de paixão.

E agora ela era igual a qualquer dos outros servidores dessa Deusa dos Aqueus.

VINTE E TRES

Os soldados de Aquiles carregavam os seus navios; era evidente que as desavenças no acampamento dos Aqueus não se tinham dissipado. Um dos informadores favoritos de Príamo, uma velha que vendia bolos no acampamento aqueu e voltava ao interior das muralhas todos os dias, por volta do meio-dia, para se abastecer novamente (e ter uma longa conversa com o capitão da vigia), informou que Aquiles não se mexera da sua tenda. Pátroclo tentara dissuadir os soldados de partir, mas sem grande resultado.

Pátroclo, disse ela, era estimado por todos os soldados, mas estes sentiam que tinham deveres de lealdade para com Aquiles e, se este decidira abandonar a luta, eles a abandonariam também.

No meio da manhã, Cassandra desceu até a muralha para ir ver com os seus próprios olhos, juntamente com as mulheres da casa de Príamo: Hécuba, Andrômaca, Helena e Creúsa.

Escutaram o testemunho da velha vendedora de bolos e perguntaram-se o que significaria isso para a causa dos Aqueus.

— Não significa grande coisa — disse Páris, que nessa manhã era o capitão da vigia. — Aquiles é um maníaco da luta, mas Agamenon e Odisseu são os cérebros da campanha. Aquiles é esplêndido no combate individual, claro, e conduz o seu carro de batalha como um demônio; e esses Mirmídones que traz com ele, o seguiriam numa carga lá para o fim do mundo.

— Que pena não haver alguém que os convença a isso! — murmurou Creúsa. — Isso resolveria grande parte dos nossos problemas, pelo menos em relação a Aquiles. Alguém conhece um Imortal prestável que seja capaz de aparecer sob a forma de Aquiles e mandar os homens dele daqui para fora, numa missão urgente no outro lado do mundo, ou os convença de que são desesperadamente necessários na sua terra?

— Mas a questão é — disse Páris, ignorando-a — que isso é tudo o que Aquiles tem a seu favor: é louco por matar. Não sabe nada de nada acerca

de estratégia ou tática de guerra.

A perda de Aquiles nesta guerra, o fato dele ir para casa como um menininho que diz *"Já não brinco mais",* não causa grande abalo nos Aqueus. Seria bem pior para eles e melhor para nós, se perdessem Agamenon ou Odisseu ou mesmo Menelau.

— Que pena não conseguirmos inventar uma forma inteligente de nos livrarmos de um deles! — disse Hécuba.

— Isso quase aconteceu — disse Páris. — Esta briga entre Aquiles e Agamenon significava que eles teriam de perder um ou outro. Perder Aquiles perturbou os soldados (ele é o ídolo deles), mas os comandantes sabiam que não podiam perder Agamenon ou toda a campanha cairia por terra. Por que outra razão acham vocês que o deixaram ficar com a mulher de Aquiles? Eles sabem o quão importante é Agamenon para toda a campanha. Por que pensam que Aquiles está amuado? Porque lhe foi claramente demonstrado que ele não é, nem de perto (para ninguém) tão importante como Agamenon.

— Bom, algo está a se passar lá embaixo — disse Helena. — Vejam, ali está Agamenon, com Menelau atrás, como de costume, e o seu arauto.

Cassandra já tinha visto o arauto: um jovem alto, provavelmente de constituição frágil demais para ter alguma utilidade com uma espada e um escudo, mas que possuía uma esplêndida voz grave que ele conseguia fazer soar através do acampamento inteiro. *"Um belo músico que se perde ",* dissera Crises uma vez; e, de fato, teria dado um fantástico menestrel ou cantor.

Agamenon estava agora a dar-lhe ordens e o arauto atravessava a passos largos o acampamento e, sim, dirigia-se à muralha. Páris pegou o seu escudo abaulado, colocou o elmo na cabeça e foi para o alto da muralha. O arauto gritou:

— Páris, filho de Príamo!

— Sou o próprio — disse Páris e a sua voz soou fraca e juvenil comparada com o tom trabalhado e ressonante da voz do arauto. — Que desejas de mim? Se Agamenon tem um recado para me dar, por que não vem ele próprio até junto das muralhas, em vez de, covardemente, enviar a ti, que eu não posso licitamente alvejar? — E continuou, rindo: — Quando é que eles se decidem a declarar a abertura de uma época de caça aos arautos? Acho que eles deviam ser todos exterminados, como os Centauros.

— Páris, filho de Príamo, trago uma mensagem de Menelau de Esparta, irmão de Agamenon, o suserano de Micenas...

— Sei perfeitamente quem é Menelau — interrompeu Páris. — Não precisas estar a explicar nem repetir todos os ressentimentos que temos um contra o outro.

— Oh, deixa o pobre homem dar o seu recado, Páris! — disse Helena, numa voz que se ouvia claramente. — Estás a enervar a desgraçada da criança. Ele quer, pelo menos, falar como um guerreiro, já que não pode lutar como tal. É capaz de molhar a túnica se continuas com isso; pensa como iria ficar embaraçado na frente de todas estas mulheres.

— Bom, se tens uma mensagem de Menelau, despacha-te a dá-la! — disse Páris.

O arauto, corando, fez um visível esforço para se compor e endireitou—se.

— Ouve as palavras de Menelau, Senhor de Esparta: “ *Páris, filho de Príamo, a minha desavença é contigo e não com Príamo ou com a poderosa cidade de Tróia. Proponho-te, neste momento, que resolvamos esta guerra num duelo, perante todos os soldados Troianos e Aqueus. E que, se me matares ou eu me render, ficarás com Helena e tudo o que quiseres daquilo que me pertence; e os meus homens, incluindo o meu irmão Agamenon, ficarão comprometidos a não lutar mais, nem mesmo para me vingar e a embarcar nos seus navios deixando Tróia para sempre; e esta guerra chegará ao fim. Mas se eu te matar ou tu te renderes, então Helena me será devolvida, com os seus bens e adornos, e a levaremos para casa sem reclamar qualquer parte do espólio de Tróia. Que dizes? Qual é a tua resposta? ”*

Páris manteve-se de pé em toda a sua estatura, e disse:

— Diz a Menelau que ouvi a sua proposta; consultarei o rei Príamo e Heitor, o chefe dos exércitos Troianos. Parece-me que há muitas outras causas para esta guerra que não Helena, mas se o meu pai e o meu irmão desejarem resolvê-la desta forma, então estarei de acordo.

Rebentaram aplausos vindos de ambos os lados quando Páris desapareceu e regressou ao pequeno recanto da muralha, onde as mulheres se encontravam a assistir. Helena levantou-se sem dizer palavra e beijou-o.

Páris disse:

— Caramba! Para que foi aquilo? Menelau sabe tão bem como eu que há outras coisas por trás desta guerra além de Helena. Como terá Agamenon conseguido convencê-lo a fazer este acordo? Ou será um estratagema para me tirar de trás das muralhas?

— Acredito que Menelau tenha a malevolência para levá-lo a cabo — disse Helena — mas não a inteligência para imaginá-lo.

— Bom, como acham vocês que Príamo gostaria que eu respondesse? — perguntou Páris. — E Heitor? Heitor, provavelmente, achará oportuna esta chance de me tirar do seu caminho, para poder conduzir a guerra a seu bel-prazer.

— Fazes uma idéia errada do teu irmão, meu rapaz — disse Hécuba.

— Que possas sempre pensar dessa forma, mãe! — replicou Páris — e que me seja possível estar sempre por perto para afirmar o contrário.

— O cerne da questão é que tu não podes defrontar Menelau — disse Cassandra.

— Por que? Pensas que tenho medo dele? — contestou Páris.

— Se não tens, és ainda mais louco do que alguma vez pensei — disse Andrômaca.

— Mas Heitor verá com bons olhos a resolução desta guerra através de um combate individual — disse Cassandra — e provavelmente fará Páris aceitar; mas só na condição de ele desafiar antes Agamenon.

— Bem, ele pode oferecer-se para lutar com Menelau em vez de mim — disse Páris. — Eu empresto-lhe o meu manto e todos os exércitos serão levados a crer que sou eu.

— Seja o que for que Heitor ache, podes perguntar-lhe pessoalmente, porque ele vem aí — disse Andrômaca.

Heitor e os seus guerreiros atravessavam as ruas de Tróia em direção às portas. Eram cerca de cento e cinqüenta soldados de armadura e outros a puxar o carro de combate de Heitor pelas íngremes ruas abaixo, para ser atrelado junto dos portões, a fim de Heitor poder saltar para cima dele e sair ao ataque. Ele viu-os, à distância, na muralha e subiu para lhes falar.

— Que aconteceu? — perguntou Heitor. — Ouvi uns gritos nas ruas...

Hécuba contou-lhe do desafio de Menelau, e Heitor franziu o sobrolho.

— É, provavelmente, o melhor que temos a fazer, estando Aquiles fora de cena — disse. — Vais bater-te com ele, Páris?

— Preferiria não ir — disse Páris. — Não acredito que ele me defronte num combate individual; acho mais provável que ele esteja a tentar atrair-me lá para fora para ser alvejado por uma dúzia de arqueiros ou para me montar uma emboscada.

Heitor irritou-se.

— Raios, Páris! Nunca entendo quando estás a falar por covardia ou por puro senso comum.

— Não me parece que haja assim tanta diferença — disse Páris. — Suponho que isso significa que queres que eu vá lá para fora e lute com ele.

— Há alguma dúvida sobre isso?

Cassandra podia ver, pela expressão de Heitor, que ele não conseguia entender como era possível Páris não estar já ansioso e a preparar as suas armas.

— Sim, há — disse Páris. — Se eu o matar, eles irão todos embora e tu nunca terás uma oportunidade frente a Agamenon ou Aquiles. Isso estragaria a tua festa, não é verdade?

— E se ele te matar?

— Estava a tentar não pensar nisso — disse Páris. — Duvido que isso estragasse especialmente a tua festa, mas certamente que eles iriam escarnecer de ti quando levassem Helena e tudo o mais que lhes agradasse em Tróia. E, como digo, poderá não ser o tipo de combate legal que tu considerarias uma questão de honra oferecer a Aquiles, se ele te desafiasse.

— Helena — disse Heitor — tu conheces Menelau melhor do que nós; ele é homem para manter a sua palavra?

Ela encolheu os ombros.

— Eu diria que sim; duvido que seja capaz de arquitetar uma armadilha. Mas, claro, não faço idéia do que Agamenon possa ter engendrado; isso é outra questão completamente diferente.

— Bom, Páris, a decisão é tua — disse Heitor. — Não posso obrigar-te a lutar com ele; por outro lado, não quero ser responsável pela recusa do desafio.

Páris olhou para baixo, onde Menelau, com a sua capa carmim, continuava a andar de um lado para o outro, diante da muralha. Disse:

— Helena, que queres que eu faça? Queres que lute com ele por ti?

— Heitor não te deixará em paz, se não o fizeres — disse ela sagazmente — por isso acho melhor que aceites. Mas temos de arranjar uma forma de te safar; talvez consigamos persuadir algum Imortal a intervir.

— Como vais fazer isso? — perguntou ele.

— É melhor que não o saibas — disse ela — mas não creio que a Deusa do Amor e da Beleza me tenha trazido até aqui para ser arrastada de volta, desonrada, na traseira do carro de Agamenon. Mas enquanto estiveres a lutar vai olhando e, pelo sim pelo não, vamos pôr uma escada de corda pendurada do alto da muralha. E se a Deusa te proporcionar uma oportunidade para a alcançares... bom, não deixes passar esse momento, a menos que Menelau já esteja morto a teus pés.

Páris encolheu os ombros, dirigiu-se à muralha e gritou a Menelau que iria ter com ele dentro de uma hora, se ele assim quisesse.

Depois vestiu a sua armadura e desceu ao terreno com Heitor. Quando o viram em cima do carro, um grito explodiu entre os Aqueus.

— Que vais fazer? — perguntou Cassandra, aproximando-se de Helena.

Ela agarrou as mãos de Cassandra.

— Tu és irmã gêmea dele e és sacerdotisa — disse ela. — Junta-te agora aos cânticos e às orações para que a Nascida do Mar nos envie um dos Seus nevoeiros marítimos. Hécuba, peço-te, se amas o teu filho manda buscar uma escada de corda resistente; não podemos pedir

à Deusa que nos faça aquilo que qualquer cordoeiro faria a troco de uma moeda de cobre.

Hécuba enviou um mensageiro em busca de uma escada de corda e, quando a trouxeram, Helena foi com Cassandra colocar-se de pé mesmo na extremidade da muralha, olhando Páris e Menelau que se armavam enquanto os arautos trocavam insultos. Menelau e Páris contaram cuidadosamente as passadas, para um lado e para o outro, traçando um círculo onde nenhum outro combatente, de qualquer das facções, poderia entrar enquanto um deles estivesse vivo. Feito isto, curvaram-se diante um do outro, cerimoniosamente. Uma trombeta soou e começaram a lutar.

— Canta! — instigou Helena. — Reza! Implora à Deusa que nos envie o Seu nevoeiro

do mar!

As mulheres começaram a cantar. Cassandra estava tão absorvida vendo os dois homens brandir as suas espadas, que mal conseguia articular as palavras da oração, embora fossem bastante simples. A princípio os dois homens pareciam razoavelmente equilibrados. Páris era mais alto e tinha um maior alcance; mas Menelau, embora parecesse estar mais flácido devido à inatividade, era rápido como um *mangusto.* Moviam-se em volta um do outro, trocando golpes, avaliando-se mutuamente com cuidado, mas não estando, ainda, envolvidos numa luta a sério.

Os olhos de Cassandra estavam doloridos. Seria poeira o que via, à sua frente, no círculo do combate? Ou seria mesmo um rolo de nevoeiro que se erguia da praia? Não conseguia ter certeza. Helena deu um passo em direção à borda da muralha e deixou tombar a escada de corda; tinha-a prendido, por questão de segurança, em torno das saliências das pedras da muralha. Depois se ergueu, em toda a sua estatura, e chamou bem alto: *"Menelau!"*

Ele voltou os olhos para o alto da muralha, por momentos, e deteve o golpe a meio. Helena desapertou lentamente a gola do vestido e deixou-o descair até os seus seios ficarem nus.

Enquanto ela ali estava, imóvel, pareceu a Cassandra que o ar se enchia de tênues cintilações douradas, como se o véu entre os dois mundos se fosse tornando mais fino. Helena, invadida por esse fulgor dourado, parecia crescer em altura e majestade e irradiou uma beleza além de tudo o que era humano. Não era uma mulher, mas sim a própria Deusa que se encontrava sobre a muralha.

Quanto a Menelau, ficou como se os seus pés tivessem criado raízes por baixo de si.

O mesmo não acontecera com Páris. Mal os seus olhos se pousaram em Helena, erguendo-se sob a forma da Deusa, escapou correndo para a base da muralha. Das fileiras dos Aqueus irrompeu uma enorme exclamação de espanto e de desejo e de repente Páris estava no alto da muralha, recolhendo a escada. Com todos os olhares postos em Helena, ou antes, na Deusa, era

provável, percebeu Cassandra, que ninguém o tivesse visto subir a escada. Ele enrolou-a e lançou-a para dentro.

Helena permanecia de pé e imóvel, o corpo irradiante de luz. Depois, num abrir e fechar de olhos, a ilusão, se é que fora ilusão, desapareceu e ficou apenas Helena, o rosto ligeiramente queimado do sol, apertando o vestido. Aproximou-se de Páris e disse:

— Estás ferido.

— Nada de grave, senhora — disse ele, com os olhos ainda abertos de espanto; mas o risco vermelho, que surgia junto à orla da sua armadura de couro, começava a gotejar.

— Vem comigo; eu tratarei disso — e levou-o dali.

Ouviam-se agora gritos vindos dos Aqueus.

— Páris! Para onde foi ele? Covarde!

Mas por trás, e entre tudo aquilo, ouviam-se gritos dizendo:

— A Deusa! Ela apareceu diante de nós, sobre a muralha! A Bela, a Nascida do Mar!

O carro de Heitor entrou ruidosamente através dos portões e no minuto seguinte ele galgava as escadas que se erguiam para o interior da muralha. Olhou em volta e perguntou:

— Onde está ele, afinal?

Hécuba disse, com a voz a tremer:

— Não viste a Deusa levá-lo?

— É isso que dizem nas fileiras dos Aqueus — disse Heitor — e quando perguntei ao meu auriga, ele jurou ter visto Afrodite baixar do alto da muralha, lançar o seu manto sobre Páris e levá-lo. No que me diz respeito,

não sei dizer o que foi que vi; talvez fosse apenas a luminosidade do sol nos meus olhos. Onde está Helena?

— Quando a Deusa trouxe Páris de volta, Ela viu que ele estava a sangrar — disse Andrômaca — e levou-o para os aposentos dela para lhe ligar o ferimento; por esta altura, provavelmente estão no banho.

— Não duvido nem um pouco — resmungou Heitor — mas gostaria, se as Deusas querem interferir, que esperassem até as coisas estarem adequadamente resolvidas. Se a Deusa veio, Ela própria, para roubar Páris e o colocar em segurança, gostaria que Ela tivesse roubado Menelau (e Helena também) e os tivesse levado de volta para Esparta. Se Ela foi capaz de fazer uma (e reparem, Imortais, não blasfemo dizendo que Ela não tem poder para tal), é capaz de fazer outra. Cassandra, que foi que tu viste? Vais contar-me histórias fantásticas de que foi a Deusa, de cima da muralha, que o levou?

Por momentos, Cassandra sentiu-se encher de alegria: Heitor apelara para ela como se

ela fosse uma testemunha fidedigna.

— Nem pensar nisso! — disse ela. — Mas deu-me a sensação de que Menelau teve qualquer tipo de Visão; parou de lutar e ficou de olhos fixos na muralha e Páris correu e pôs-se a salvo.

Heitor suspirou e disse:

— Bem, é muito tarde para haver mais combates hoje; mas esperem até que isto comece a saber-se por aí. Mas claro, se a Deusa interveio (mesmo com uma visão para Menelau), ninguém pode culpar Páris.

Mas não parecia nada convencido.

VOLUME TRÊS

A MALDIÇÃO DE POSÍDON

UM

Ao entardecer, toda a gente de ambos os exércitos e a maior parte dos civis da cidade tinha ouvido a história que, evidentemente, ia crescendo cada vez que era contada.

Segundo a maior parte das testemunhas oculares, a Deusa aparecera sobre a muralha da cidade e tirara Páris debaixo da espada de Menelau, livrando-o de um golpe mortal e inevitável; numa das versões, Menelau tinha aberto Páris desde o queixo até ao pélvis, num único golpe e a Deusa o tinha curado com um toque. Ela ligara as feridas dele com néctar e ambrósia e transportara-o até o quarto de Helena.

Cassandra, quando lhe perguntavam, respondia apenas que não tinha a certeza do que vira; o sol estava a bater-lhe nos olhos.

No seu íntimo estava certa de que a Deusa interviera de alguma forma. Mas já não tinha bem certeza de como acontecera aquilo, ainda que estivesse perfeitamente segura de que, pelo menos por instantes, Helena assumira a forma da Deusa. Afinal, não seria a primeira vez.

Durante dois dias, na cidade não se falou de outra coisa senão do duelo e da suposta intervenção da Deusa. Heitor e Enéias regressaram dos conselhos dizendo que os Aqueus insistiam em que Menelau havia vencido o duelo porque Páris fugira, ferido.

— Que lhes responderam? — perguntou Príamo, ansiosamente.

— O que é que tu achas? Dissemos que era óbvio que Páris tinha vencido, pois a Deusa interviera para lhe salvar a vida — replicou Heitor.

Cassandra, que estivera nas muralhas durante parte do dia, olhando, recordando os seus próprios treinos de armas e pensando que poderia ser tão boa como a maioria dos soldados Aqueus ou qualquer dos Troianos, perguntou:

— O que era aquela agitação toda esta tarde? Vi dois soldados que não conhecia preparando-se para um combate, mas antes que tivessem tempo de começar a luta, um deles começou a desarmar-se e acabou por tirar as roupas até ficar só com a tanga. Decidiram lutar corpo-a-corpo, em vez de se baterem com espadas?

Enéias riu, divertido.

— Oh, não! — disse ele. — Sabes quem é Glauco, o trácio?

— Já falei com ele — disse Helena. — Era o mestre de um dos navios que nos trouxeram para cá.

— Bom, ele saiu e desafiou qualquer aqueu para se bater com ele e Diomedes aceitou. Começaram então a recitar a sua linhagem, para saber se poderiam bater-se honrosamente num combate individual e antes de chegarem aos bisavós, descobriram que eram primos.

— Por isso decidiram não lutar? — perguntou Cassandra.

— Não assististe? — perguntou Enéias.

— Não, fui chamada ao templo. Uma das serpentes maiores anda a mudar a pele e precisa de cuidados especiais; nesta altura as serpentes ficam cegas e não podem ser manuseadas por estranhos — disse Cassandra.

— Eles concordaram que deveriam lutar por uma questão de honra; mas decidiram trocar de armaduras. Diomedes disse que a sua armadura vulgar não era suficientemente bonita para constituir uma oferta digna e mandou buscar ao seu navio uma preciosa armadura completa, em prata com incrustações a ouro; Glauco, é claro, teve de andar por aí com os companheiros, a negociar uma armadura para poder oferecer-lhe algo do mesmo valor. Pareciam um par de velhos no mercado de quinquilharias a regatear o valor de uma bugiganga qualquer e aquilo nunca mais acabava; e, é claro, lutaram envergando as armaduras de combate, velhas e amolgadas, enquanto as duas armaduras de luxo eram penduradas em exposição...

— Quem venceu? — perguntou Helena.

— Não faço idéia. Creio que eles se derrubaram um ao outro uma ou duas vezes; depois ficou muito escuro para conseguirem ver. Portanto, agradeceram reciprocamente as

belas ofertas e foram jantar.

Heitor riu, divertido.

— Não houve qualquer vantagem para nenhum dos lados, mas pelo menos preencheu a tarde. De qualquer modo, não tínhamos nada melhor para fazer hoje; até que os conselheiros de ambos os lados se decidam sobre se foi Páris ou Menelau o vencedor do duelo deles, tudo o resto não passa de diversão. Glauco e Diomedes teriam feito melhor em fazer daquilo um combate corpo-a-corpo assim, pelo menos, poderíamos ter feito umas apostas. Tenho andado com tentações de desafiar o grande Ájax para uma luta assim; ele é o maior homem das linhas aquéias. Não sei se ele sabe lutar...

— Sabe — disse o jovem Troilo. — Ele ganhou a grinalda da luta nos Jogos Sacrificiais deles.

— Então não há dúvida de que o vou desafiar — disse Heitor.

— Tem cuidado, para não apanhares com um cotovelo na cara. A especialidade dele é quebrar dentes — disse Troilo.

Ao jantar, Heitor perguntou a Príamo:

— Senhor, o que acontecerá se o Conselho decidir que Menelau venceu o duelo?

Príamo encolheu os ombros.

— Nada — disse. — Os Aqueus se recusarão a aceitar a decisão e a guerra continuará. Eles não querem chegar a acordos; não desistirão enquanto não conseguirem atravessar as muralhas de Tróia e saquear a cidade.

— Eia! Pareces a Cassandra, pai.

— Não — disse Príamo — eu sei o que Cassandra pensa. — Mas desta vez, quando Cassandra ergueu os olhos assaltada de novo por aquele terrível pavor e pela visão de Tróia em chamas que se interpunha entre ela e o mundo real, Príamo sorriu-lhe amigavelmente, como se tentasse afastar-lhe os receios. — Ouvi-a dizer muitas vezes que acha que eles nos vão destruir. Mas isso não é verdade.

— Eles podem derrubar as muralhas de Tróia, pai? — perguntou Páris.

— Não. A menos que consigam persuadir Posídon a auxiliá-los com um tremor de terra — declarou Príamo.

Cassandra sentia agora aquela sensação a percorrer-lhe o corpo inteiro: as muralhas de Tróia se abateriam sob a fúria de Posídon, do Seu tremor de terra. Ela deveria ter sabido sempre que um simples esforço humano não poderia derrubar as muralhas de Tróia; só um Deus seria capaz de destruir a enorme e alta cidadela.

— Então devíamos sacrificar a Posídon o mais cedo possível — disse Heitor — pois

Ele é o único Deus que poderá ajudar-nos.

— Sim — disse Cassandra abruptamente —, façamos imediatamente sacrifícios a Posídon e imploremos-Lhe que ajude a nossa causa! Não é Ele um dos Deuses protetores de Tróia? — Não tendo consciência do que ia dizer até sentir as palavras jorrar através da sua mente como um berro de angústia gritou: — Páris! Tu... Oh, cuidado com o tremor de terra! Sacrifica a Posídon! Faz-Lhe promessas, pois é a ti que Ele vai destruir! ...destruir... destruir!

Conteve-se através de um esforço imenso, chegando a ter de comprimir as mãos de encontro aos lábios. Príamo olhou-a com uma expressão de fúria e desagrado.

— Não teremos tido já o suficiente disto, Cassandra? — inquiriu ele. — Até à mesa da tua mãe? Não conseguirás sequer decidir-te sobre qual dos Deuses vai destruir a cidade? De fato, acho que deves estar louca.

Ela não conseguia falar. O nó na garganta era tão grande que todas as suas forças se esgotavam no simples ato de respirar. Engoliu em seco e sentiu lágrimas correrem-lhe pelas faces. Helena aproximou-se e limpou-lhe o rosto com o véu, e a ternura desse gesto deixou Cassandra de tal modo desarmada que ela só conseguiu ficar de olhos fixos na mulher do seu irmão e murmurar:

— É a ti que Ele vai destruir.

— Minha pobre filha — disse Hécuba — os Deuses continuam a atormentar-te com essas Visões. Deixa-a em paz, Helena; não há nada que possas fazer por ela. Cassandra, volta para o templo; lá, entre os teus companheiros, tenho a certeza de que os sacerdotes terão remédios para ataques como este.

Príamo disse, com firmeza:

— Não voltes a profetizar aqui, Cassandra. É uma ordem. Que seja cumprida!

Incapaz de controlar o seu pranto, Cassandra levantou-se e saiu a correr do salão, precipitando-se pelas ruas acima. Algum tempo depois percebeu os passos que a seguiam na subida e redobrou a passada; mas os passos aceleraram atrás dela e, logo a seguir, foi agarrada por mãos suaves que a obrigaram a parar.

— Que se passa, Cassandra? — perguntou uma voz masculina.

Ela fez uma expressão de pânico e, a princípio, debateu-se violentamente contra as mãos que a prendiam; depois, percebendo que era Enéias quem a segurava, descontraiu-se e ficou parada, em silêncio.

— Não podes dizer-me? — perguntou ele. — O que se passa, realmente, de errado?

— Sabes o que dizem: que eu estou louca — disse ela, aborrecida.

— Não acredito nisso nem por um momento — disse Enéias. — Atormentada por um

Deus, talvez; mas não louca, nem nada que se pareça.

— Não sei qual é a diferença — disse ela. — E não posso ficar calada; quando a Visão vem até mim, tenho de falar... — Ouvia a sua voz tremer de tal forma, que as palavras eram quase indistintas.

— Talvez — disse Enéias docemente, com o braço em volta dela — todos aqueles cuja visão alcança maiores distâncias do que a nossa sejam considerados loucos por aqueles que não conseguem ver mais longe do que o almoço do dia seguinte. Quando fugiste, receei por ti; receei que caísses e te machucasses. Não acredito, um minuto que seja, que a tua razão ande à deriva; pareces-me perfeitamente sensata; tal como não vejo porque hão de considerar uma loucura querer avisar os nossos de que os Deuses estão ansiosos por nos destruir. Desde que vim para Tróia que eu tenho a sensação de estarmos assombrados pela ira de um Imortal ou mais e também eu tenho a impressão de captar em todos os ventos o cheiro do perigo da destruição.

Beijou-a levemente na face.

— Podes agora dizer-me o que vês?

Ela olhou-o nos olhos, subitamente cheia de certeza.

— Vejo que irás sobreviver ao perigo; vi-te deixar Tróia vivo e ileso.

Ele deu-lhe umas palmadinhas carinhosas no ombro.

— É bom saber isso, claro. Mas não foi isso que te perguntei. Vem, deixa-me acompanhar-te até a casa do Senhor do Sol. — Subiram em silêncio durante alguns instantes. Depois ele disse: — Sentes realmente que não há quaisquer esperanças para Tróia nesta guerra?

— Soube isso no momento em que Páris trouxe Helena para cá — disse ela — e, acredita-me, isto não é malevolência: acabei por gostar de Helena

como se ela fosse minha irmã. Soube-o quando Páris entrou as muralhas de Tróia a fim de participar nos jogos; Heitor tinha razão em querer mandá-lo embora, mas pelos motivos errados. Heitor receava que Páris tentasse chegar a rei; mas não era esse o perigo...

Enéias afagou-lhe a face.

— Não possuo a tua Visão, Cassandra, mas confio em ti; tu dizes a verdade. Podes estar enganada, mas não o fazes por maldade ou loucura. E se é isso o que vês, é claro que tens de contar o que os Deuses te enviaram para dizer.

Chegaram às portas do templo; ele abraçou-a e disse:

— Quando falares, te escutarei sempre. Prometo!

— Creio — disse Cassandra — que foi um Imortal a começar esta guerra; mas penso que Afrodite teve já a Sua oportunidade para nos ajudar ou nos destruir e agora, parece-me que não é Ela, mas sim a discórdia entre outros Deuses que está a ameaçar-nos. Quando o pai disse que nenhum mortal poderia derrubar as muralhas de Tróia, eu percebi que ele dizia a verdade. Não será às mãos dos Aqueus que iremos sucumbir, mas sim às mãos dos Deuses e não sei por que razão eles hão de destruir a nossa cidade.

— Quem sabe — disse Enéias — os Deuses não necessitem de razões para os seus

atos.

Ela murmurou:

— É isso que eu começo a recear.

DOIS

O clima de Tróia era consideravelmente mais quente do que o de Cálcis; as serpentes que Cassandra trouxera da cidade de Imandra andavam agora mais ativas e ela passava grande parte do seu tempo a cuidar delas.

Por este motivo não soube imediatamente quando o Conselho determinou que nem Páris nem Menelau haviam vencido o duelo e que seria decretada uma trégua enquanto apreciavam mais profundamente o assunto. Cassandra sabia que isso não faria grande diferença, ambos os lados estavam resolvidos a continuar a lutar, por isso não deu muita importância. Continuava ocupada com as serpentes quando chegou a notícia de que os combates haviam sidos retomados. Mais tarde, alguém lhe disse que as tréguas tinham sido quebradas quando um dos comandantes argivos, que depois afirmou ter sido a Deusa Virgem a ordenar-lhe, disparou uma flecha contra Príamo, que lhe perfurou a sua melhor túnica e só por pouco não o matou.

Alguns dias depois, na segurança da muralha, ela e as restantes mulheres do palácio assistiam à reunião das tropas de Heitor, com carros de combate e soldados armados, a pé. Ouviu as mulheres dizerem que Enéias aceitara um desafio de Diomedes, o aqueu que lutara com Glauco.

Creúsa não levou isso muito a sério.

— Nunca me constou que Diomedes fosse um lutador que desse preocupações — disse ela. — Este disparate de andar a trocar ofertas... que mais poderá ser senão um pretexto para falar em vez de lutar?

— Eu não confiaria muito nisso — disse Helena. — É certo que nesse dia eles estavam ambos a brincar, mas eu já vi Diomedes quando está disposto a lutar e creio que é possível que ele seja mais forte que Enéias.

— Estás a tentar meter-me medo, Helena? — perguntou Creúsa. — Estás com ciúmes?

— Minha querida — disse Helena — eu não estou interessada em marido algum senão no meu, acredita-me.

— Qual deles? — perguntou Creúsa rudemente. — Há dois que te reclamam e ninguém em Tróia fala de outra mulher.

— Não é culpa minha se eles não têm nada para fazer senão meter-se nos assuntos de quem está acima deles — disse Helena. — Diz-me, há alguma mulher em Tróia a afirmar que eu disse ao marido dela uma só palavra que não possa ser repetida diante da minha mãe ou da dele?

— Não digo isso — balbuciou Creúsa. — Mas tu pareces sentir prazer em te mostrar a todos os homens como sendo a Deusa...

— Então a tua desavença é com Ela e não comigo; eu não sou culpada do que Ela faz.

— Calculo que não... — começou Creúsa, mas Cassandra interrompeu-a.

— Claro que não! Não sejas tonta, Creusa! Não será suficientemente mau que os homens estejam lá em baixo na guerra? Se as mulheres começam a brigar também umas com as outras, não restará um mínimo de bom-senso em lugar nenhum de Tróia.

— Se os Deuses e as Deusas estão em conflito, como poderemos manter-nos sem nos envolvermos também? — perguntou Andrômaca. — Penso que talvez os Deuses tenham prazer em ver-nos lutar, tal como têm prazer quando lutam eles próprios. Eu sei que o maior prazer de Heitor é a batalha; se esta guerra acabasse amanhã, ele choraria.

— O que me dá impressão é que ele parece achá-la bem-vinda — disse Helena. — Se poderia pensar que ele busca ser possuído por Ares. Cassandra, tu és sacerdotisa; é verdade que os homens podem ser possuídos pelos seus Deuses?

Ela lembrou-se de Crises e disse:

— É verdade, sim, mas não sei como ou por que razão isso acontece. Não é, creio eu, simplesmente pelo fato de eles o desejarem. Helena, eu te vi possuída pela Deusa. Como é que isso se consegue?

— O que, não me digas que desejas encarnar Afrodite? — disse Helena, rindo. — Julguei que eras uma das Suas adversárias.

Cassandra fez um gesto de reverência.

— Que nunca me aconteça ser adversária de qualquer dos Imortais — disse ela. — Eu não A sirvo, porque me parece que a Bela não é uma Deusa como a Mãe Terra e a Mãe Serpente, ou mesmo a Virgem, são Deusas.

— Quando é que uma Deusa pode não ser Deusa? — perguntou Helena com um sorriso divertido. — Acho que não estou a entender, Cassandra.

— Quero dizer que as Deusas das vossas gentes são diferentes das Deusas do nosso povo — disse Cassandra. — A vossa Deusa Virgem, a guerreira Atena, Ela é uma Deusa tal como um homem A conceberia, porque dizem que Ela não nasceu de mulher alguma, mas sim que saiu, de armadura completa, da cabeça e da mente de Zeus e além disso, apesar de todas as Suas armas, Ela é uma jovem cheia de virtudes domésticas, que daria uma boa esposa para qualquer Deus. Ela dedica-se à fiação e à tecelagem e é a protetora das vinhas, das azeitonas e das uvas. Não seria esta a virgem guerreira que um homem criaria: valente e virtuosa, mas mantendo-se obediente ao mais poderoso dos Deuses? E a vossa Hera: Ela é como a nossa Deusa Terra, mas o vosso povo trata-A apenas como mulher de Zeus onipotente e diz que Ela Lhe deve obediência em todas as coisas, enquanto para nós a Mãe Terra é, em Si Mesma, todo-poderosa. Ela cria todas as coisas, mas os Seus filhos e Seus amantes vão e vêm, e Ela escolhe quem quer; quando o Deus da Morte roubou a filha Dela, Ela fez a terra inteira imobilizar-se de modo a não crescerem nem nascerem frutos...

— Mas nós temos também uma senhora da Terra — disse Helena — Deméter. Quando Hades roubou a Sua filha, Ela provocou (segundo dizem) um inverno de frio e escuridão terríveis e por fim Zeus disse que a jovem teria de voltar para a mãe...

— Exatamente — interrompeu Andrômaca. — Eles dizem que mesmo a Mãe Terra deve obediência a esse Zeus poderoso. Mas isso não faz sentido. Porque haveria a Deusa Terra, que existiu antes de tudo o resto e é todo-poderosa, de estar sujeita a qualquer homem ou Deus?

— Bem, se vamos discutir em termos de qual dos Deuses é mais poderoso — disse Helena — não serão, nesse caso, as forças do amor que conseguem eliminar tudo o resto da vida dos homens (e das mulheres também) e os tornam cegos para quaisquer outras coisas...

— Que criam desordem e destruição, queres tu dizer — disse Cassandra.

— Tu só falas assim porque nunca estiveste sob o domínio de Afrodite, Cassandra — disse Andrômaca — e se tu A desafiares, Ela te fará sofrer por isso.

Aquilo era, sem dúvida, verdade; Cassandra recordou o conflito avassalador que sentira nos braços de Enéias. *"Tu não sabes que Ela já está a fazer-me sofrer."* Mas não podia falar sobre isso a nenhuma das mulheres presentes.

— Espero que tal nunca me aconteça — disse Cassandra. — Eu não provoco ninguém, e muito menos um Imortal. — Porém, enquanto falava, lembrou-se que Crises chamara a sua rebeldia de rebeldia contra o próprio Apolo. Seria verdade ou seria ele simplesmente, como todos os homens, vingativo em relação a uma mulher que se recusasse a submeter-se a ele e à sua lascívia? E ela tinha, ainda que apenas em sonhos, desafiado o poder de Afrodite.

— Até de Apolo, Senhor do Sol — disse ela com um ligeiro calafrio de medo, como se estivesse a lançar um desafio mesmo na face do Senhor do Sol — se diz que matou a Mãe Serpente e Lhe tirou os poderes. Porém, entre todos os homens, aquele que mata a mulher da qual saiu é o mais vil; e achas que os Imortais tolerariam num Deus o que de mais vil existe para um homem? Se isso fosse verdade, Apolo não seria Deus nenhum, mas sim o pior dos demônios, coisa que Ele não é, certamente.

— E quanto à Mãe Terra ter enviado um ano em que não nasceram frutos ou flores e em que as sementeiras não cresceram — disse Helena — no ano

em que Atlântida afundou no oceano, segundo dizia o pai do pai da minha mãe, houve grandes tremores de terra e grandes nuvens de cinza encobriram o sol. Pode dizer-se que nesse ano não houve verão, pois até os próprios alicerces da terra tinham sido abalados. Mas se isso foi obra de algum Deus, quem poderá dizê-lo? Não seria de espantar que os homens pensassem que a Mãe Terra os atraiçoara e procurassem pôr fim ao Seu mau procedimento arranjando-Lhe um suserano que A obrigasse a servir os homens como devia.

— Não me parece — interrompeu Creúsa nervosamente — que seja correto nós estarmos aqui a questionar os procedimentos dos Imortais. Eles não vêem os homens como seres capazes de fazer uma avaliação dos Seus atos e se procurarmos questioná-Los, Eles podem tentar castigar-nos por isso.

— Oh, que disparate! — disse Cassandra. — Se Eles fossem assim tão estúpidos e tão ciosos do Seu poder, por que razão haveria alguém de Os servir?

— Tu, que fizeste um voto de servir os Deuses, não os receias de todo? — perguntou Andrômaca.

— Eu temo os Deuses — disse Cassandra — e não o que os homens dizem que eles são.

Na casa do Senhor do Sol, as serpentes, segundo lhe disse Fílidas quando Cassandra foi ver as suas protegidas, pareciam invulgarmente perturbadas. Algumas delas tinham se recolhido e não apareciam para que as manuseassem ou mesmo para que lhes dessem banho; outras estavam sonolentas e apáticas. À medida que ia passando de uma para outra, tentando chegar à conclusão do que estava perturbando-as, Cassandra recordou o tremor de terra que ocorrera quando da morte de Meliantha. Seria aquilo um prenúncio de outro desses golpes da

mão de Posídon?

"Devia mandar um recado ao palácio " pensou, mas da última vez que profetizara ali, tinha sido escarnecida e humilhada e Príamo proibira-a de voltar a fazê-lo. *"Não seria acreditada, se mandasse um aviso ",* pensou. E

no entanto sabia, sem sombra de dúvida, que não podia recusar-se a escutar a voz que lhe enviava o sinal. Não que ela pudesse fazer alguma coisa para deter a mão de qualquer Deus que viesse a enviar o tremor de terra, mas podia fazer com que parte do pior da sua fúria fosse evitado. Angustiada, pegou uma capa e gritou a Fílidas que tentasse acalmar as serpentes como pudesse. Fílidas tinha deitado Honey e o seu filho, cada um abraçado a uma serpente inquieta. Quando Cassandra se curvou para fazer uma carícia a cada uma das crianças, a sua mente encheu-se de imagens do teto a cair; deu imediatamente ordens para que lhes fizessem camas no pátio onde, caso algum dos edifícios caísse, não seriam esmagados por ele. Depois correu para o pátio e gritou:

— Oh meu senhor Apolo! Detém a mão do Teu irmão que estremece a terra! As Tuas serpentes deram-me um sinal; deixa que todos os Teus servos o escutem!

As pessoas acorreram aos seus gritos. Crises perguntou:

— Que está a acontecer? Foste atingida pela mão do Deus?

Cassandra lutou para controlar o insuportável tremor do seu corpo. Esforçou-se por falar racionalmente, pesando as palavras.

— As serpentes da casa do Senhor do Sol deram-me um aviso — gritou, sabendo que soava descontrolada ou ainda pior. — Tal como quando Melianta morreu, estão inquietas e tentando fugir; a terra vai tremer antes do nascer do dia. Tudo o que for valioso deve ser posto em segurança e ninguém deverá dormir debaixo de um teto esta noite, ou este se abaterá sobre si.

— Ela é louca! — disse Crises. — Há muitos anos que sabemos que ela delira quando profetiza.

— Mesmo assim — disse um dos sacerdotes mais velhos — seja o que for que ela possa ou não ter sabido dos Deuses, em Cálcis ela aprendeu o culto das serpentes com uma sábia dessa arte. Se as serpentes a avisaram...

Cáris impôs-se:

— O aviso está dado; não podemos ignorá-lo. Façam o que quiserem e sofram as conseqüências; quanto a mim e aos meus, farei a cama sob céu aberto, que não vai cair sobre nós, pelo menos por enquanto.

O céu estava já escuro; foram trazidos archotes e as sacerdotisas apressaram-se a iniciar a tarefa de retirar para o exterior tudo o que pudesse ser danificado pela queda de uma pedra ou de uma parede. Crises continuava a resmungar; era vantajoso para ele e ela sabia, fazer crer que nada do que ela dizia era verdadeiro.

Cassandra correu para o portão.

— Abram as portas — gritou. — Vou avisar as gentes da cidade e do palácio de Príamo!

— Não! — gritou Crises. — Detenham-na!

Ele avançou na direção dela e estendeu as mãos para lhe agarrar os braços, a fim de impedi-la, pela força, de sair do templo.

— Se é necessário que seja dado um aviso, toca o alarme; isso levará as pessoas a sair das suas casas sem dar a impressão de que estamos todos transtornados pelo Deus e a causar agitação sem outros motivos para além dos sonhos de uma mulher tonta.

— Não te atrevas a tocar-me! Eu vou avisá-los, tal como os Deuses mo ordenaram!

O grito dela chocou-o o suficiente para que ele a largasse e ela atravessou a porta como uma seta antes que Crises pudesse detê-la. Uma vez na rua, gritou a plenos pulmões:

— Prestem atenção! As serpentes do Senhor do Sol deram-me um aviso: a terra vai tremer! Protejam-se como puderem! Não deixem ninguém dormir debaixo dos telhados, para o caso de eles ruírem!

As pessoas, sobressaltadas pelos seus gritos, precipitaram-se através das portas. Movida por uma terrível ansiedade, continuou a correr, gritando

sucessivamente o seu aviso. Ouvia atrás de si os choros e os gritos. Alguns diziam:

— Escutem o aviso da sacerdotisa de Apolo — e outros resmungavam. — Ela está amaldiçoada pelo Deus; porque havemos de acreditar nela?

Era como se estivesse repleta de fogo: deixava-se conduzir, ardendo no calor provocado pelo aviso que gritava e a devastava por dentro. Voou pelas ruas abaixo, gritando estridentemente o seu aviso uma e outra e outra vez. Quando tomou consciência de onde se encontrava, viu-se no pátio em frente ao palácio, com a garganta dolorida e uma dúzia ou mais das pessoas do palácio paradas a olhar para ela. Roucamente, repetiu ofegante a sua história.

— Não deixem ninguém dormir debaixo de telha; o Deus vai agitar a terra e edifícios vão cair; vão cair... Helena, os teus filhos... Páris...

Ela agarrou-o pelos ombros; ele empurrou-a para longe, rudemente.

— Já basta destas coisas! Juro-te, Cassandra, já ouvi demasiadas das tuas profecias malignas! Te calarei com as minhas próprias mãos!

As suas mãos fecharam-se em torno do pescoço dela; a consciência lhe fugia e, quase com alívio, sentiu a escuridão protetora apossar-se de si com uma enorme explosão de luz, em algum lugar dentro da sua cabeça.

A garganta lhe doía; debilmente levantou a mão para tocá-la. Uma voz meiga disse:

— Fica quieta. Toma um pouco disto.

Sorveu o vinho, tossiu e engasgou-se, mas a mão insistente ficou onde estava até que ela voltou a engolir. Desanuviou-lhe a cabeça; estava deitada sobre as lajes e sentia a cabeça como se tivesse sido fendida por um machado. Enéias curvou-se sobre ela e disse:

— Está tudo bem. Páris tentou estrangular-te, mas eu e Heitor impedimos. Se há alguém que possa ser chamado de louco...

— Mas eu preciso falar com ele! — insistiu ela. — São os filhos dele... de Helena...

— Lamento — disse Enéias — mas Príamo mandou toda a gente do palácio para a cama; diz que tu já incomodaste a todos demasiadas vezes e proibiu seja quem for de te dar ouvidos. Mas, se isso te servir de algum consolo, eu mandei Creúsa dormir no pátio com o bebê e creio que Heitor te escutou também, pois ele diz que, saibas tu ou não alguma coisa acerca dos comportamentos dos Deuses, conheces o comportamento das serpentes. Agora bebe um pouco mais disto e deixa-me levar-te de volta à casa do Senhor do Sol. Ou, se quiseres, podes ficar e partilhar a cama com Creúsa e o bebê.

Apeteceu-lhe chorar ao sentir o amor na sua voz; sabia que era isso e não uma grande fé no seu aviso, que o levava a ser assim amável. Pôs-se de pé, sentindo-se como se cada osso do seu corpo tivesse sido espancado.

— Tenho de regressar — disse ela — e ir ver as pessoas do templo e as serpentes e a minha filha...

— Ah, pois, Creúsa disseme que tinhas uma menina pequena. Enjeitada, suponho?

— Sim, é isso; mas como soubeste?

— Conheço-te bem demais para te imaginar a envergonhar a tua família ao ter uma criança fora de um casamento respeitável — disse ele.

E ela pensou: "Nem a minha própria mãe teve tanta confiança em mim."

— Bem, então, acompanhas-me até lá acima?

— De boa vontade — disse ele — mas tu saíste sem a tua capa. Deixa-me ir buscar-te uma, senão vais ter frio.

Trouxe-lhe um agasalho comprido e grosso que ela já vira Creúsa usar e Cassandra envolveu-se nele. A noite tornara-se fria e, mesmo com a espessa capa, ela tremia, não tanto de frio como devido ao perigo que, sutilmente,

pairava ainda no ar. Era como se conseguisse ouvir a própria terra rugindo nas profundezas do solo; sentia um peso insuportável no coração e no espírito. Mal conseguia reunir as energias e a vontade para colocar um pé à frente do outro e apoiou-se no braço dele. Depois, quando ele se curvou para beijá-la, afastou-se.

— Não, não faças isso! — disse ela. — Devias regressar; tens uma mulher e uma criança em perigo para tomar conta, quando chegar o momento...

— Não me recordes isso — disse ele e puxou-a de novo para o interior da curva do seu braço. Passado um momento disse: — Amo-te, Cassandra.

Tocava-a levemente, daquela forma que tanto a perturbava, e ela afastou-se. Enéias disse, suavemente:

— Meu pobre amor. Juro-te, se eu tivesse o direito de fazê-lo, dava uma sova em Páris por ter-te magoado tanto. Se ele te tocar mais alguma vez, juro que farei com que ele ache que essa foi a coisa mais perigosa que já fez. Não lhe compete mandar em ti.

— Ele não compreende isso — disse ela. Tinham alcançado os grandes portões de bronze da casa do Senhor do Sol, mas ela não entrou. Sentando-se num murinho disse: — Eu não tenho marido por isso o meu irmão pensa que tem o direito de me dar ordens. Calculo que, para aqueles que não vêem e ouvem o mesmo que eu, a minha profecia pode parecer loucura. Eles tentam proteger-se contra ela recusando-se a acreditar. Eu sou tão capaz de ignorar o que não quero reconhecer como qualquer outra pessoa.

— Sim, já percebi isso — disse Enéias branda e intencionalmente, e puxou Cassandra para si, sob a sua capa. Ela deixou que ele a beijasse, mas suspirou de desalento e ele soltou-a. — Falaremos sobre isto amanhã, talvez...

— Se existir um amanhã — disse ela num tom de tal modo exausto que ele pestanejou de surpresa.

— Se o amanhã não chegar, lamentarei mesmo além da morte não ter conhecido o teu amor — disse ele tão apaixonadamente que Cassandra

sentiu o coração apertar-se como se um punho estivesse a comprimi-lo.

Disse, num murmúrio:

— Creio que o lamentarei também. Mas estou tão cansada...

Ele beijou-a ternamente e disse:

— Então, rezemos para que haja um amanhã, meu amor — e deixou-a ir.

A idéia opressiva do estremecer do mundo dava a Cassandra a sensação de que este iria rebentar e abater-se sobre a sua cabeça confusa, à medida que o via afastar-se.

No interior da casa do Senhor do Sol havia gente a dormir no pátio, envolta em cobertores. Tudo parecia sossegado, exceto o pulsar violento dentro da cabeça de Cassandra, que lhe dava a sensação, a cada passo, de caminhar sobre vagas a rebentar. Subiu ao pátio das serpentes; as crianças dormiam ali e Cassandra deitou-se ao lado de Honey, tomando a criança nos braços. Imaginou a terra como uma enorme cobra enrolada em torno da cintura da Mãe Serpente, que ela imaginava como uma mulher grande e imponente como a rainha Imandra. O chão parecia balançar suavemente por baixo de si e, ao deslizar para o sono, quase acreditou que os anéis a envolviam também.

Mas, em vez disso, teve a sensação de vaguear através de nuvens, campos e campos de nuvens e uma imensa extensão de céu e, por fim, flutuava invisível na superfície de uma enorme montanha e percebeu que se encontrava sozinha no topo da montanha proibida onde os Deuses dos Aqueus se reuniam; quando eles falavam, ouvia o som de trovões distantes. Viu Zeus, Senhor dos Trovões, sob a forma de um homem alto e imponente, em pleno auge da sua vida, com uma barba totalmente grisalha; dava a impressão de que pequenos clarões de luz se moviam em torno do Seu cabelo, como uma grinalda, à medida que Ele falava.

“Agora que este absurdo do duelo entre Páris e Menelau terminou, é óbvio que Menelau venceu; sugiro que ponhamos um fim a esta guerra idiota e retomemos os assuntos que são dignos de Nós. ”

“Como podes afirmar que Menelau venceu se ele não matou Páris? ”, perguntou Hera. Era uma mulher alta e majestosa, bastante decidida, com o cabelo penteado numa coroa em volta da cabeça. *“Eu insisto em que Tróia deve ser levada à destruição; os seus governantes e o seu povo não Me servem adequadamente. Além disso, Eu sou a Deusa do Casamento e sua protetora e Páris ofendeu-Me pessoalmente e fugiu para Tróia, onde Helena foi recebida como esposa de Páris sem que quaisquer ritos ou sacrifícios Me fossem oferecidos!”*

“Mesmo assim, eles rendem-Me homenagens e Eu abençoei o seu amor”, disse uma outra Deusa, vestida com roupas fulgurantes e com os cabelos coroados de rosas. Cassandra percebeu, pelas Suas semelhanças com Helena, que se tratava da loira Afrodite.

Hera fez um ar de desdém e disse: “*Os teus ritos não são os do casamento legítimo. ”*

“Não são e orgulho-Me disso”, disse Afrodite, *“pois são Teus apenas os laços desgastantes da Lei e do Dever. Páris e Helena honram o verdadeiro amor e Eu estou do seu lado. ”*

“Tu estarias do seu lado”, disse Hera. *“de qualquer modo. Eu sou rainha dos Imortais e é Meu privilégio exigir a destruição de Tróia!”*

Zeus parecia perturbado pelo tom de Hera, tão incomodado como Cassandra vira Príamo ficar quando as suas mulheres discutiam. Disse *“Minha querida Hera, ninguém põe em causa o Teu direito a fazer tal exigência. Mas isso tem de ser feito como deve ser; não podemos, simplesmente, destruir a cidade. Se os Troianos conseguem defender a sua cidade, ela não lhes pode ser assim tirada, simplesmente. Atena... ”*

Cassandra viu a Virgem das Batalhas, com o Seu elmo e a Sua reluzente lança semelhante às das Amazonas, quando o Deus Lhe fez sinal. Mas foi a majestosa Hera quem falou:

— Vai, Minha filha, e aconselha os Aqueus; eles estão desanimados e prestes a fazer-se ao mar. Ordena-lhes que reatem os combates e diz-lhes que Eu, Hera, não permitirei que sejam derrotados. ”

“Isto parece ir contra toda a sensatez”, disse delicadamente a alta e solene Atena, “pois os Troianos nada fizeram de errado. E os Aqueus são arrogantes. Se Tu lhes deres a cidade de Tróia, garanto-Te, eles irão cometer atos tão vis, com a sua arrogância e maldade, que ofenderão todos os Deuses conhecidos dos mortais. Mas não tenho alternativa senão obedecer à Tua voz, real senhora. ” Fez uma vênia a Hera e partiu; Cassandra, olhando a luz flamejante do Seu elmo como um cometa deu consigo na planície diante da cidade de Tróia onde Atena veio pousar. Diante Dela, um soberbo garanhão branco bloqueava o caminho entre Atena e o acampamento aqueu.

Atena disse: *“Posídon, O que Estremece a Terra, que fazes Tu aqui?”* e a figura do cavalo ondulou como uma imagem subaquática e transformou-se: primeiro num centauro, metade homem, metade cavalo, e depois num homem alto e forte com cabelos de algas.

Posídon, irmão de Zeus, parecia falar com a voz trovejante do Seu irmão divino.

“Tu foste enviada para trair a Minha cidade; não Te deixarei entrar nela!” Enquanto falava bateu o pé; seguiu-se o fortíssimo ribombar do trovão e o solo tremeu...

Cassandra despertou no pátio das serpentes com as duas crianças dormindo a seu lado. Mas o chão agitava-se como água e ela distinguia o som dos trovões, ou seria o bater do pé de Posídon? Soltou um grito e Honey acordou, começando a choramingar. Cassandra abrigou a criança nos seus braços e ficou a olhar o grande arco, por cima dos portões, balançando para trás e para a frente sob a luz cinzenta da madrugada; em seguida desfez-se contra o solo.

Uma candeia que tinha sido colocada a um canto do pátio oscilou e tombou e uma língua de fogo lambeu o pano sobre o qual se encontrava. Cassandra levantou-se de um salto e extinguiu o fogo. Por todo o templo soavam lamentos e gritos de terror. O chão subia e deformava-se; uma enorme fenda abriu-se no solo, percorreu o pátio e voltou a fechar. Cassandra assistia em silêncio, sentindo a enorme angústia dissolver-se no seu espírito. Acontecera; estava liberta.

Se tivessem sacrificado a Posídon, teria Ele detido a Sua mão? Não sabia, nem fazia idéia. Pousou o cântaro de água com que havia apagado o fogo e desceu a correr atravessando os pátios. Vários dos edifícios tinham realmente ruído, incluindo o dormitório onde as virgens sacerdotisas costumavam dormir; o mesmo acontecera com a coluna que suportava um dos portões de bronze da casa do Senhor do Sol, que se encontrava agora suspenso e retorcido nas dobradiças. O templo estava num caos. Cassandra olhou para a cidade entre o espaço aberto dos portões; algumas casas tinham ficado transformadas em entulho e as chamas ateavam-se por todo o lado.

Deveria ela ir lá abaixo, ao palácio? Não; ela tinha ido lá avisá-los e Príamo proibira que alguém lhe desse ouvidos; não lhe parecia que ele ou Páris ficassem muito satisfeitos se ela lá chegasse dizendo *"Eu bem dizia!"* Mas era verdade. Porque seriam as pessoas tão avessas a escutar a voz da verdade?

Lentamente, voltou para o interior do Templo de Apolo. Pelo menos a sua gente escutara o seu aviso; aparentemente, todos haviam sobrevivido e os poucos fogos tinham sido rapidamente extintos. Não podia fazer nada no palácio de Príamo. Voltou para junto das crianças. Deviam ter se assustado com o tremor de terra e precisavam dela.

TRES

A reconstrução da casa do Senhor do Sol começou quase imediatamente. Tinham sido tantos os edifícios destruídos, alguns deles de uma tal envergadura, que Cassandra pensou que seria necessária a lendária força dos Titãs para voltar a pôr de pé as paredes. Algumas das enormes pedras não podiam ser recolocadas com a mão-de-obra disponível; um número muito grande dos homens aptos da cidade encontrava-se lá em baixo, sob o comando de Heitor, a combater os Aqueus.

Graças aos avisos de Cassandra, não se tinham perdido vidas no Templo de Apolo. Alguns dos sacerdotes haviam ficado feridos, pernas partidas, ombros deslocados, um tornozelo quebrado, ao esbarrar com pedras que já não estavam no lugar e houve muitos que se queimaram com alguma gravidade ao extinguir os fogos. Uma ou duas das serpentes que tinham fugido no meio da confusão, ou procurado refúgio debaixo das pedras caídas, não tinham ainda sido encontradas. Uma das sacerdotisas mais velhas enlouquecera de terror e não voltara a dizer fosse o que fosse de racional; as outras a tratavam com poções de ervas e tocavam músicas calmantes, mas os curandeiros mais experientes consideravam improvável que ela viesse a recuperar o seu juízo perfeito.

No entanto, comparativamente, a casa de Apolo havia escapado quase incólume. No Templo da Virgem, dizia-se, algumas sacerdotisas tinham morrido quando do desabamento do telhado do dormitório. Ninguém sabia quantas e Cassandra sentia-se desvairada por causa da sua irmã Políxena, mas não teve tempo para tentar saber notícias suas. Tentou encontrar algum conforto na idéia de que, se Políxena estivesse morta, ela seria avisada.

Como sempre, os bairros mais pobres da cidade, com as suas frágeis casas de madeira e lareiras inadequadamente protegidas, tinham sido os mais atingidos.

Se o tremor de terra tivesse vindo umas horas antes, a devastação teria sido maior, mas, visto a hora ser tardia, os fogos ateados para cozinhar a refeição da noite já tinham sido na sua maioria extintos.

Mesmo assim, um número horrível de mortos jazia nas ruas, sem contar com aqueles a quem as casas em chamas haviam servido de piras funerárias. Alguns cadáveres continuavam soterrados sob os escombros dos edifícios destruídos, os quais teriam de ser removidos para que os corpos fossem recuperados, já que os fantasmas dos mortos sem sepultura se vingavam enviando pestilências. Os sacerdotes de Apolo trabalhavam dia e noite, mas levariam o seu tempo e toda a gente temia a vingança de tantos cadáveres por sepultar.

O palácio de Príamo também não escapara incólume. Os edifícios eram feitos de pedras titânicas que haviam resistido à própria fúria de Posídon, mas um quarto ruíra: o quarto onde dormiam os três filhos de Páris e Helena. A maior parte da família de Príamo, incluindo o próprio Páris e Helena, não tinha sido atingida. O filho de Helena e Menelau, o jovem Nikos, tinha andado a esconder-se das suas amas com o seu companheiro de brincadeiras Astíanax. As duas crianças haviam dormido ao relento num pátio (o que lhes tinha sido proibido) e tinham escapado ilesas, e impunes. Ainda assim o palácio mergulhou no luto pelos filhos de Páris e a trégua sofreu um breve prolongamento para que tivessem lugar os ritos e o enterro das crianças.

Cassandra desceu ao palácio para se juntar à vigília nos alojamentos das mulheres. Já que nenhum dos rapazes tinha ainda sete anos, os guerreiros não se manifestariam oficialmente, pois as crianças estavam ainda entregues aos cuidados das mulheres. Páris estava lá tentando confortar Helena. Ela estava pálida e abatida, e Nikos, que fora oficialmente entregue aos cuidados do seu pai havia apenas alguns dias, estava também presente como que para recordar à sua mãe que ainda tinha um filho.

Helena veio imediatamente ter com Cassandra.

— Tentaste avisar-me, irmã e eu estou grata por isso.

— Lamento imenso — disse Cassandra. — Eu só queria...

— Eu sei — disse Helena. — Esta dor não me é desconhecida. A minha segunda filha não sobreviveu; era um ano mais nova do que Hermíone e dois anos mais velha do que Nikos. Nunca respirou e quando Nikos nasceu

forte e saudável, ficando eu com uma rainha para Esparta e um filho que Menelau poderia educar para vir a ser um guerreiro, jurei que não teria mais filhos; mas nada aconteceu como eu tinha planeado.

— Raramente acontece, neste mundo dos mortais — disse Cassandra.

Páris aproximou-se delas a tempo de ouvir as palavras dela e disse a Cassandra com um olhar zangado:

— Vieste então para te regozijares?

— Não — disse ela, fatigada — vim apenas para vos dizer como lamento o que aconteceu.

— Nós não precisamos da tua simpatia, ave agourenta! — disse Páris, irado. — A tua própria presença nos trará mais má sorte!

— Cala-te, Páris! Tem vergonha! — disse Helena. —Já te esqueceste de que ela veio aqui para tentar avisar-nos da ira de Posídon? Ou de como foi recebido esse seu esforço?

Páris limitou-se ficar amuado, mas Cassandra pensou que ele parecia algo envergonhado. Bem, ela podia viver sem as suas boas graças; preferia ter as de Helena.

As crianças foram convenientemente cremadas e as suas cinzas devidamente sepultadas. As tréguas prolongaram-se por mais dois dias, sendo depois quebradas por um capitão troiano (tal como o aqueu que pusera fim às tréguas anteriores, ele disse ter sido um Deus a instigá-lo, embora se recusasse a dizer qual que, atirando uma seta, feriu Menelau com gravidade, mas (infelizmente, segundo Príamo) não fatalmente. Se Menelau tivesse sido morto, disse o rei, os Aqueus teriam tido um bom pretexto para pôr fim à guerra e ir para casa. Cassandra não tinha assim tanta certeza; talvez os Deuses estivessem mesmo desejosos de destruir a cidade como ela vira no seu... teria sido apenas um sonho?

Apenas as mulheres ficaram perturbadas com o fim das tréguas; Heitor, pensou Cassandra, estava contente por poder voltar à luta. No seu carro de

combate conduziu os exércitos Troianos no dia seguinte, percorrendo para trás e para a frente a longa fila de soldados a pé, encorajando-os, enquanto os Aqueus se agrupavam para a batalha. As mulheres, como de costume, observavam do alto da muralha.

— Heitor é, de fato, o melhor auriga — disse Andrômaca, e Creúsa riu.

— Queres dizer que ele tem o melhor auriga — disse ela — e eu acho que Enéias está, pelo menos, muito próximo dele. Quem é o auriga de Heitor? Conduz como o vento... ou como um demônio.

— Troilo, o filho mais novo de Príamo — disse Andrômaca. — Ele queria tomar parte nos combates, mas Heitor queria ter o rapaz debaixo dos seus próprios olhos. Ficou preocupado porque ele não tem mais de doze anos e é ainda inexperiente em batalhas.

— Heitor pensa realmente que Troilo ficará mais seguro no seu carro? Parece-me que será aí que a luta vai ser mais renhida e, certamente, Heitor não terá tempo para protegê-lo — disse Cassandra, mas Andrômaca apenas encolheu os ombros.

— Não me perguntes o que Heitor pensa — disse ela.

"Claro ", pensou Cassandra, *"Troilo não lhe era nada; era apenas o irmão mais novo do marido. Choraria a sua morte, mas apenas como chorara a dos filhos de Helena: por dever de família, nada mais. "*

Helena estava ainda debilitada e abatida pela dor, os olhos vermelhos e febris, o cabelo baço; nem se dera praticamente ao trabalho de tirá-lo dos olhos, e muito menos de perfumá-lo e escová-lo com óleo. Vestia uma túnica velha e manchada; era praticamente impossível recordar a incrível e ofuscante beleza que a habitara como Deusa do Amor. No entanto, Cassandra recordava-a com a ternura que sempre sentia pela sua cunhada. Seria este um sinal da negligência de Páris? Seria que ele se importava tão pouco com os seus filhos? Calculava que Helena se sentisse grata por não ter perdido o seu primogênito no tremor de terra, mas sentia que os filhos de Páris eram mais queridos a Helena do que o filho que dera a Menelau.

Baixou os olhos para o campo de batalha, onde Enéias corria para baixo e para cima ao longo das fileiras no seu esplêndido carro de combate, gritando algo que ela supôs ser um desafio. As batalhas entre exércitos inimigos, já percebera, tomavam freqüentemente a forma de uma série de duelos entre os campeões. Não eram de todo como as batalhas campais em que combatera quando estava com as Amazonas, batalhas essas em que o combate era confuso e em que se matava o maior número de inimigos possível, de todas as formas possíveis.

— Pronto — disse Creúsa — já encontrou alguém que aceitou o seu desafio. Quem é

aquele?

— Diomedes — disse Helena.

— Aquele que trocou as armaduras.

— Sim, esse mesmo — disse Andrômaca — mas eu acho que Enéias é um combatente mais forte, especialmente com aquele carro e aqueles cavalos.

— A mãe dele era uma sacerdotisa de Afrodite (segundo alguns, a própria Afrodite) — disse Creúsa — e presenteou-o com aqueles cavalos quando ele veio para Tróia... Olhem,

que se passa?

Por baixo delas, Diomedes lançara-se como um louco contra Enéias e conseguira virar o carro de combate com a sua lança, atirando Enéias ao chão. Creúsa gritou, mas o seu marido ergueu-se de um salto, obviamente ileso, com a espada empunhada e pronta. Mas Diomedes cortara os arreios dos cavalos e segurava-os pelas rédeas; pelos seus gestos, era evidente que reclamava como troféu os cavalos e o carro de combate. Enéias soltou um grito de protesto e raiva, tão alto que as mulheres ouviram a sua voz com nitidez, mas não as palavras. Virou-se para Diomedes e enquanto olhavam, ele parecia crescer diante dos seus olhos e a sua cabeça resplandeceu numa aura brilhante; Cassandra pensou subitamente: *"Olha, não sabia que o cabelo dele era da cor do de Helena! "* Percebeu então que o que tinha na

sua frente era a bela Deusa, Ela própria, carregando sobre Diomedes com a fúria de um Imortal. Diomedes vacilou visivelmente; não estava preparado para aquilo. Mas não lhe faltou a coragem: lançou-se contra a alta figura de Afrodite e golpeou com a espada, ferindo a Deusa numa mão.

De repente era de novo Enéias que estava no campo, gritando como uma mulher e abanando a mão de onde jorrava sangue. Diomedes não perdeu a vantagem, levantando a espada e o escudo na defensiva. Enéias, contudo, atacou com força e instantes depois Diomedes estava estendido por terra; alguns segundos depois, Agamenon e quatro dos seus homens cobriam Diomedes, fazendo Enéias recuar com uma saraivada de golpes. Heitor acorreu no seu carro de combate e saltou para o chão, envolvendo-se brevemente num combate de espada e puxou Enéias para cima do carro. Lançaram-se na direção dos portões de Tróia, enquanto uma mão cheia de soldados de Heitor repelia Agamenon e os seus homens do pé do carro de Enéias e conseguia recuperar os cavalos.

— Ele está ferido! — gritou Creúsa, e correu pelas escadas abaixo.

As outras mulheres seguiram-na apressadas, mesmo a tempo de receber o carro de Heitor. Este saltou em terra e fez-lhes sinal para que se afastassem.

— Recuem para podermos fechar estes portões, a não ser que queiram ter aqui Agamenon e metade do exército aqueu — disse ele.

As mulheres recuaram prontamente e os homens uniram esforços empurrando os portões até fechá-los, isolando um infeliz soldado aqueu que ficara encurralado do lado de dentro.

— Lancem-no aos seus amigos por cima da muralha — disse Heitor. — Eles querem-no e nós não.

Creúsa agarrava Enéias com força, chamando os curandeiros para que lhe ligassem a mão. Ele parecia atordoado; mas quando Cassandra se aproximou e se encarregou do

tratamento, ele sorriu-lhe e perguntou:

— Que foi que aconteceu?

— Se tu não sabes — disse Heitor — como é que nós podemos saber? Estavas a lutar com Diomedes e de repente paraste...

— Não eras tu, mas sim Afrodite — disse Helena. — Era Ela quem, através de ti,

lutava.

Enéias deu uma risada.

— Bem, eu não me lembro de nada a não ser de estar furioso com Diomedes por ele tentar reclamar o meu carro e os meus cavalos; a seguir só me lembro de ter a mão sangrando e de ter ouvido alguém gritar...

— Foste tu — disse Heitor — ou a Deusa.

Enéias deu uma gargalhada.

— A Bela — disse ele — voltando aos gritos para o Olimpo, suponho que para se sentar ao colo de Zeus dos Trovões e Lhe contar como lutam os homens maus. Espero que o Senhor dos Trovões Lhe ordene em termos inequívocos que daqui em diante Ela se mantenha afastada dos campos de batalha; não é lugar para senhoras... nem mesmo quando são Deusas — acrescentou.

Cassandra continuou a ligar-lhe a mão.

Os olhos dele sorriam-lhe. Aos olhos dela ele conservava o esplendor da Deusa e o seu coração bateu mais depressa. Se ele a procurasse de novo, sabia que não conseguiria resistir-lhe. *"Será esta a vingança da Deusa por eu me ter recusado a servi-La?* Terá Afrodite me vencido", perguntou-se, *"naquilo que Apolo não conseguiu? "*

Acabara o tratamento; foi com relutância que lhe largou a mão. Havia ali perto uma banca para onde os soldados levavam pão e vinho ao meio-dia; Heitor foi até lá e trouxe dois copos de vinho, dando um a Enéias, que o afastou com a mão. Creúsa disse:

— Bebe-o; perdeste sangue — e ele abanou a cabeça.

— Já me cortei com mais gravidade e perdi mais sangue a barbear-me — disse ele. Mas acabou por beber alguns goles de vinho e soltou uma gargalhada. — Pergunto-me se contarão as mesmas histórias fantásticas que contaram quando a Deusa apareceu durante o combate de Páris com Menelau.

— Sem dúvida! — disse Cassandra. Ele olhava-a diretamente no rosto. — Os Aqueus parecem gostar desse tipo de histórias.

— Bem, os Deuses farão sempre o que desejam e não aquilo que lhes pedirmos que façam — disse Enéias. — No entanto, pela minha antepassada divina, gostaria que eles se fossem embora e nos deixassem continuar com a guerra. Este não é um problema deles, mas nosso.

— Penso que talvez seja mais deles que nosso — disse Helena — e que nós temos pouco a dizer sobre o assunto.

— Mas por que? Por que haverão os Deuses de importar-se com quem vence uma guerra entre mortais? — perguntou Andrômaca.

Heitor encolheu os ombros.

— Por que não?

E, àquilo, nem Cassandra se atreveu a responder.

— Houve uma altura — disse Heitor — em que eu pensei que nós estávamos totalmente à mercê das tropas aquéias. Mas agora que Aquiles os abandonou...

— Isso dificilmente continuará assim por muito tempo — disse Helena.

— Não consigo imaginar o grande Aquiles a continuar por muito tempo amuado na sua tenda como um rapazinho...

— Mas isso é exatamente o que Aquiles é — disse Enéias. — Um rapazinho cruel e arrogante. Pode ser que haja algo de grandioso e heróico

em competir com um homem louco, mas com uma criança demente, é outra coisa.

Heitor disse, sem que a sua expressão se alterasse:

— Não devemos questionar as decisões dos Deuses.

— Se os Deuses tomam decisões que poderiam ser descritas como decisões de loucos — replicou Enéias — talvez não devam ser obedecidas cegamente. Talvez — mas baixou a voz e olhou, temeroso, à sua volta enquanto falava — talvez estejam a testar-nos para ver se temos inteligência suficiente para lhes fazer frente.

— Talvez eles sejam teimosos como Aquiles — disse Helena — e quando não conseguem que um jogo corra à sua vontade, esmaguem os brinquedos.

— Penso que é assim mesmo — disse Heitor — e nós somos os brinquedos.

QUATRO

Nos dias que se seguiram, Cassandra soube as notícias da guerra através da velha mulher dos bolos. Segundo parecia, Aquiles continuava na sua tenda, nunca aparecendo nem mesmo para encorajar os seus companheiros e a guerra arrastava-se sem grandes alterações. Heitor travou um prolongado duelo com Ájax; combateram até ficar muito escuro para que pudessem continuar, sem que nenhum deles estivesse em vantagem. Agamenon tentou pressionar Aquiles, ameaçando retirar-se também ele da guerra, se ele não combatesse; mas os Aqueus receberam com tal júbilo aquela ameaça, correndo para os navios e começando a empacotar o seu equipamento, que ele teve de passar a maior parte do dia seguinte a convencer os seus homens a voltar, oferecendo-lhes presentes e subornos para que continuassem a combater.

Cassandra passou aquela noite perturbada por sonhos confusos acerca de Olimpo. Hera, alta e orgulhosa, ergueu-Se e pediu ajuda para destruir a cidade de Tróia.

"Zeus proibiu-nos de intervir " — disse a alta Atena, melancólica e triste — *"apesar de ter me permitido aconselhar os Troianos, se eles quiserem dar ouvidos à minha sabedoria. Por que os odeias de uma forma tão fanática, Hera? Ainda tens ciúmes por Páris não ter concedido a ti, a coroa da beleza? Que esperavas? Afrodite é, afinal, a Deusa da Beleza; há já muito que aprendi que não posso competir com ela. E porque haverás tu de te importar com o que pensa um mortal?"*

"Então tu, Posídon!" — a orgulhosa senhora virou-se para o hirsuto Deus-Mar, robusto, com barba e musculoso como um nadador — *"concede-me a tua ajuda para destruir as muralhas de Tróia. Zeus ordenou-o, e quando for feito, não ficará zangado. "*

"Eu não" — disse Posídon. — *"Não até que tenha chegado a altura estabelecida. Tenho muito juízo para andar a conspirar com uma mulher contra a vontade do seu marido. "*

Um trovão ribombou quando Hera bateu o pé e gritou:

—Arrepender-te-ás disto! ”

Mas Posídon tomara a forma de um grande garanhão branco e afastou-se a galope ao longo da praia; o bater dos seus cascos soava como o rebentar das ondas ao longo do molhe que os Aqueus tinham construído.

Cassandra acordou aterrorizada ouvindo o som da fúria de Posídon e perguntando-se se pressagiaria outro tremor de terra, mas tudo estava calmo no templo e por fim adormeceu de novo.

De manhã descobriu que uns pratos e vasos haviam caído das mesas e das prateleiras, e uma candeia tinha se entornado, mas consumira-se sobre o chão de pedra sem por fogo a nada. Se houvera um tremor de terra, fora muito pequeno, pouco mais que um encolher de ombros do Deus. Os Imortais pareciam ter querelas não resolvidas, tal como os soldados com os seus duelos inconclusivos. Bem, eles (os soldados) não passavam de seres humanos e dificilmente poderiam ser condenados por se comportarem como tolos; mas Cassandra pensara que os Deuses tinham mais que fazer.

Resolveu que, naquele dia, se manteria afastada das muralhas da cidade; já vira duelos suficientes e supunha que, com Aquiles ainda metido na tenda, mais uma vez nada de novo aconteceria. Era surpreendente, pensou, a quantidade de tempo que desperdiçara ultimamente em mexericos com as outras mulheres enquanto assistiam do alto das muralhas.

Os vestidos de Honey estavam ficando pequenos. Cassandra passou a manhã a procurar entre as suas roupas algo para Honey e a perguntar às outras sacerdotisas; talvez houvesse entre as oferendas algo adequado para fazer umas roupas para a sua filha. Foi lhe dado um pedaço de tecido tingido de açafrão (pensou que ficaria bem com os cabelos e os olhos escuros e vivos da menina) do qual poderia cortar uma túnica e um lenço. Mesmo assim a criança continuava a precisar de sandálias; ela já corria por todo o lado e, depois do grande tremor de terra, os pátios estavam cheios de lixo que poderia lhe ferir os pés. Cassandra ia chamar um criado para que fosse ao mercado buscar couro para as sandálias, mas depois decidiu ir pessoalmente e levar a criança.

Honey já estava suficientemente crescida para trotar ao seu lado e para perceber que ia ter umas sandálias como as das meninas grandes; Cassandra gostava de sentir a pequena mão rechonchuda na sua.

Observou judiciosamente as sandálias dispostas para venda. Os preços não eram, segundo parecia, exorbitantes. Pediu para experimentar um par resistente na criança e, achando-as bem feitas e razoavelmente ajustadas aos pequenos pés, deixou que Honey escolhesse o modelo de que mais gostava.

— E para ti, senhora? — perguntou o fabricante de sandálias.

Por força do hábito, Cassandra ia para dizer que não queria, mas depois seguiu o olhar do homem até aos seus pés. As suas sandálias estavam muito velhas, gastas na sola e com uma das tiras emendada e remendada. Bom, afinal ela as tinha usado na viagem de ida e volta para Cálcis.

— De fato, estas sandálias já correram meio mundo; suponho que merecem ser condignamente postas a pastar, como uma égua velha — disse ela, e deixou que ele lhe

mostrasse vários pares, todos muito grandes. Por fim, ele olhou-lhe o pé e disse:

— Princesa, tens um pé tão pequeno! Tenho de fazer um par por medida.

— Não fui eu quem fiz o meu pé — disse Cassandra — mas se me fizeres um par

deste modelo — indicou as sandálias que melhor se ajustavam entre aquelas que ele lhe

mostrara — serviriam muito bem. Entretanto, suponho que poderás simplesmente remendar uma vez mais a tira destas.

—Não creio que vá agüentar; foi cosida tantas vezes...! — protestou ele. — Se tu, senhora, estivesses disposta a esperar cerca de meia hora na minha humilde loja, as sandálias ficarão prontas. Posso mandar trazer-te uma taça

de vinho? Uma fatia de melão? Qualquer outro refresco? Não? Qualquer coisa para a criança?

— Não, obrigada — disse Cassandra.

Honey tinha de aprender também a esperar pacientemente quando era necessário. Ficou a ver o homem aparar a sola das sandálias, que lhe ficavam apenas ligeiramente grandes, recolocando as tiras e cosendo-as com o seu dedal e uma agulha própria para couro grosso: Tinha uma agulha de ferro que, pensou ela, deveria ser o que permitia um trabalho tão rápido; as agulhas de bronze não conseguiam perfurar o couro tão facilmente. Perguntou-se se ele teria conseguido fazê-la passar clandestinamente através do bloqueio, ou se negociaria com os Aqueus. Provavelmente o melhor seria não saber. Esse comércio era proibido, mas se os capatazes de Príamo fossem pôr na prisão todos aqueles que negociavam ilegalmente, deixaria de haver qualquer negócio e o comércio na cidade cessaria por completo.

Havia já muitos alimentos que eram difíceis de arranjar após o longo cerco; o que tinha salvo a cidade eram os jardins no interior das muralhas, onde existiam videiras e oliveiras, fontes de vinho e azeite, e onde podiam ser cultivados vegetais. Em muitas casas havia pombas ou coelhos em cativeiro, anteriormente guardados para os sacrifícios; agora, eram comidos para afastar a fome mais aguda. O abastecimento de pão era escasso, exceto no refeitório dos soldados e no palácio, embora algumas carroças de cereal tivessem conseguido introduzir-se pelo lado continental, evitando os navios argivos, durante as tréguas.

Agora que as tréguas estavam oficialmente terminadas, iria dar-se uma intensificação do cerco? Ou ficariam os Aqueus fartos de combater sem Aquiles e se retirariam de novo? Isso seria o melhor que poderia acontecer.

Mas se eles achassem que tinham os Deuses do seu lado... e aqui os pensamentos de Cassandra perderam-se na velha dúvida: por que haveriam os Deuses de se meter nos assuntos dos homens? Bem, a resposta de Heitor fora simplesmente *"Por que não?"*. Mesmo assim, ela vinha fazendo essa pergunta desde o início daquela guerra, e não tivera qualquer resposta, exceto em sonhos. *"Sonhos! De que valem eles? "*

Porém, os seus sonhos tinham-na avisado do forte tremor de terra; devia, portanto, confiar neles. De qualquer maneira, não tinha outra alternativa. Os sonhos estavam lá; ignorando-os punha a si mesma em perigo e, tanto quanto sabia, punha em perigo Tróia e o seu mundo.

Encontrava-se perdida em devaneios quando ouviu uma enorme agitação nas ruas; o carro de Heitor atravessava velozmente a cidade em direção aos portões inferiores: Cassandra, que assistia sentada no seu banco no interior da loja do fabricante de sandálias, teve a sensação de que Tróia despejara metade da sua população nas ruas a fim de assistir. Depois de tanto tempo, se pensaria que as pessoas já não dariam qualquer importância e continuariam os seus afazeres. Mas havia um entusiasmo tão evidente como no primeiro dia em que ele desfilara à frente das suas tropas. Bom, isso era agradável para Heitor, pensou ela, não sem uma ponta de sarcasmo, e preparava-se para voltar costas; mas o artesão trouxe-lhe as suas sandálias novas e ficou a olhar para o carro de Heitor em vez de ajudá-la a calçá-las.

— Ele conduz o seu carro como o próprio Deus da Guerra! — comentou. — É teu irmão, princesa?

— Sim; filho tanto do meu pai como da minha mãe — respondeu ela.

— Diz-me, como é ele? É realmente o herói que parece ser?

— É sem dúvida um bravo e valoroso lutador — disse ela. *"Mas seria bravura ou mera falta de imaginação? Páris conseguia simular bravura, mas apenas porque receava, mais do que qualquer outra coisa, ser considerado covarde. "*

— Mas, mais do que isso — disse ela — Heitor é um homem bom, além de ser lutador. Tem outras virtudes além da coragem.

O homem parecia um pouco confundido, como se não conseguisse imaginar quaisquer outras virtudes.

— Quero dizer que ele seria de admirar mesmo que não existisse guerra. E isso, pensou, dificilmente podia dizer-se de qualquer dos seus outros irmãos; pareciam não ser muito mais do que armas vivas, sem se

preocuparem grandemente com aquilo que faziam e por que. Páris tinha algumas qualidades ainda que raramente as revelasse a uma irmã: era afetuoso para com Helena, gentil e respeitador em relação aos seus velhos pais e fora um pai adorável para os seus filhos, enquanto eles tinham vivido. Era meigo mesmo para com o filho de Helena e Menelau. Enéias tinha também este tipo de caráter *"ou pensarei eu assim só porque o amo?",* perguntou a si mesma. O fabricante de sandálias continuava a elogiar os atributos de Heitor e Cassandra disse:

— Ele vai ficar satisfeito por saber que é tão considerado na cidade. O que era, sem dúvida, verdade. Pagou as compras e saiu para a rua. Teve imediatamente que tirar Honey de sob os pés da multidão que bloqueava a passagem e se retirava precipitadamente das ruas onde quatro carros, conduzidos por Enéias, Páris, Deífobo e o comandante trácio, Glauco, rolavam como trovões, descendo nas pegadas de Heitor em direção ao portão principal.

Teria Príamo decidido enviar os seus melhores campeões contra os Aqueus, ignorando o fato de Aquiles não estar com eles, ou com a esperança de atrair Aquiles? A idéia reavivou a sua curiosidade. Honey procurava correr atrás da multidão, por isso Cassandra desceu em direção à muralha e tomou o caminho das escadas até ao ponto de observação favorito das mulheres.

Tal como esperava encontrou ali Helena, Andrômaca e Creúsa, com Hécuba. Todas a saudaram afetuosamente. Helena, observou, parecia menos abatida. Pouco depois confessava a Cassandra que julgava estar de novo grávida. Andrômaca disse:

— Não compreendo como pode alguma mulher pensar em pôr uma criança no mundo quando existe esta guerra tremenda. Eu disse isso a Heitor, mas ele respondeu-me apenas que é nestas horas que as crianças são mais necessárias.

— E as crianças também morrem quando não há guerra — disse Helena. - Eu

perdi o meu segundo filho por negligência da parteira e três dos meus filhos morreram num terremoto. Podiam ter encontrado a morte ao procurar

ninhos nas rochas, ou serem espezinhados por um touro fugido durante uns jogos. Não existe segurança para as crianças neste mundo dos mortais, mas se todos decidíssemos não ter filhos por causa disso, onde estaria agora este mundo?

— Ah, tu tens mais coragem do que eu! — disse Andrômaca. — Assim como Páris é mais ousado a conduzir o seu carro do que Heitor; olha a velocidade com que ele sai os portões!

Era difícil dizer qual dos homens conduzia mais loucamente: numa explosão, os cinco carros passaram as portas quase ao mesmo tempo, com os soldados de Heitor seguindo-os em torrente. Os Aqueus não haviam ainda formado linhas de combate; Cassandra viu o caos e a desordem no acampamento argivo, enquanto as suas tropas surgiam entre as tendas, gritando, procurando as armas. A fila de carros rolou em direção ao acampamento e continuou, atravessando-o. Via agora que cada carro transportava uma braseira de carvão e mais qualquer coisa (breu? resina?) e um arqueiro que preparava velozmente as flechas, mergulhando-as naquela massa ardente e disparando-as contra a linha de navios fundeados no porto, do outro lado do acampamento. Durante alguns minutos, enquanto tentavam aniquilar os carros, os Aqueus não perceberam o objetivo do ataque; depois, um imenso grito de raiva ecoou, mas, nessa altura, os carros já se encontravam na praia e vários navios já estavam em chamas.

Os soldados de Heitor estavam bem organizados, atacando as ainda surpreendidas tropas de Agamenon.

Os barcos, cada um com uma flecha incendiária nas dobras das suas velas enroladas, foram pegando fogo um após outro e os marinheiros, sem estarem preparados para combater as chamas, saltavam pela borda fora e aumentavam a confusão. Os homens de Heitor voltavam agora a sua atenção dos barcos para as tendas dos exércitos. Havia gritos e uma imensa barafunda por todo o acampamento enquanto os homens tentavam, sem grande convicção, organizar formas de combater aquele inferno e ajudar os feridos. Um dos navios (veio a saber-se mais tarde que continha um carregamento de azeite) já ardia até a linha de água e afundou. Um enorme viva saiu entre os homens de Heitor.

Os carros de combate Troianos estavam agora rodeados por soldados aqueus apeados que tentavam derrubar os condutores; mas os arqueiros continuavam a disparar flechas incendiárias para o meio das tendas, até que as mulheres que se encontravam nas muralhas deixaram de conseguir ver o acampamento aqueu através do fumo. Outro navio adornou e afundou no porto, as chamas extinguindo-se na água.

As mulheres aplaudiram; então algo provocou agitação entre os guardas que se encontravam ao longo da muralha e soldados Troianos passaram por elas a correr em direção a um ponto estratégico onde se encontravam alguns arqueiros. Ouviram-se fortes berros, uma combinação de aplausos e gritos de escárnio e um forte estrondo. Quando o comandante dos arqueiros regressou, Andrômaca perguntou-lhe o que se tinha passado. Saudando—a respeitosamente, ele disse;

— A princípio pensamos que era o próprio Aquiles que tinha escolhido este momento para uma diversão. Mas não era ele; era esse amigo dele... como é que chama... Pátroclo; escalou a muralha oeste, onde há pedras soltas devido ao tremor de terra.

— Apanharam-no?

— Não conseguimos, senhora, no entanto, houve uma boa quantidade de flechas a assobiar-lhe junto da cabeça e ele perdeu o equilíbrio e escorregou por ali abaixo. Depois os arqueiros dele devolveram-nos os disparos e cobriram-no enquanto ele nos mostrava como tinha boas pernas e regressava ao acampamento — respondeu o soldado. — Pena não o termos atingido; se ele tivesse sido atingido com uma seta nas goelas, talvez Aquiles ficasse desanimado e fosse para casa.

— Deixa lá — disse Andrômaca — fizeste o melhor que podias. E, pelo menos, ele não conseguiu entrar na cidade.

— Peço desculpa, senhora, mas *"o melhor que podíamos"* não será suficiente para o príncipe Heitor — disse o soldado, pessimista. — Mas reconheço que tens razão: agora não há nada a fazer e não vale a pena preocuparmo-nos com aquilo que não podemos remediar. Talvez ele nos dê outra oportunidade, um dia, e nessa altura havemos de apanhá-lo.

— Que o Deus da Guerra assim o permita! — disse Andrômaca.

As mulheres olharam de novo para fora da muralha; os carros tinham se retirado do acampamento e precipitavam-se agora de volta às portas de Tróia. Cassandra, embora àquela distância não conseguisse distinguir os carros uns dos outros, contou-os e viu que estavam todos. O assalto aos navios fora, portanto, um sucesso absoluto.

Por baixo delas, o vigia gritou *"Preparem-se para abrir as portas!"* e elas ouviram o ranger das cordas que abriam o imponente portão. Helena e Andrômaca desceram as escadas para saudar os seus maridos; as outras mulheres ficaram para trás.

Hécuba aproximou-se de Cassandra e esta perguntou:

— O rei não saiu com os carros de combate?

— Oh, não, Cassandra — disse a mãe — as mãos dele já não lhe permitem conduzir. Os sacerdotes-curandeiros trataram-no com os seus bálsamos e rezas, mas tem piorado de dia para dia. Mal consegue fazer os nós nas sandálias.

— Lamento saber isso — disse Cassandra — mas a velhice, mãe, não há rezas que a curem, nem mesmo tratando-se de um rei.

— Nem tão-pouco, suponho, de uma rainha — disse Hécuba, e Cassandra, olhando atentamente para ela, percebeu como a sua mãe estava frágil, as costas arqueadas e tão magra que os ossos pareciam sair-lhe da pele. A sua pele sempre tivera um ar fresco e radiante; agora mostrava-se acinzentada e doentia e o cabelo estava cheio de madeixas de um branco sujo e amarelado. Até os olhos pareciam ter perdido a cor.

— Tu não estás bem, mãe.

— Vou andando; estou mais preocupada com o teu pai — disse Hécuba. — E com Creúsa: ela está grávida outra vez e tudo indica que vai haver escassez de alimentos ricos na cidade, este inverno. As sementeiras não foram boas e os Aqueus queimaram o pouco que havia.

— Há bastante comida na casa do Senhor do Sol — disse Cassandra — as doses que eles nos dão, a mim e a Honey, trazem sempre mais do que aquilo que conseguimos comer; tentarei assegurar que Creúsa tenha comida suficiente.

— És boazinha — disse Hécuba docemente, estendendo a mão para afagar-lhe o

cabelo.

Desde muito pequenina que Cassandra só raramente recebia carícias da mãe e sentiu-se consolada.

— Nós temos não só comida, como também ervas medicinais em quantidade; deves procurar-me sempre que alguém no palácio estiver doente ou tiver necessidade delas — disse Cassandra. — Todos partem do princípio que nós partilhamos o que temos com as nossas famílias. Mandarei algumas ervas para o pai e tu terás de mergulhá-las em água quente, embeber um pano e aplicar o pano quente sobre as mãos dele. Pode não o curar, mas aliviará as dores.

Hécuba olhou por cima dela para Honey, que estava sentada na muralha, brincando com uns quantos seixos. Cassandra recordou-se de que brincava a algo semelhante quando era muito pequenina, ela e as irmãs, as outras filhas da casa real, escolhiam pedrinhas bem redondinhas e colocavam-nas nos nichos da parede para cozinhar, como se fossem bolinhos ou pães, examinando-os de tantos em tantos minutos para ver se já estavam prontos. Essa recordação a fez sorrir.

Os carros já se encontravam no interior das muralhas e os portões estavam a ser fechados.

— Vens jantar ao palácio? — perguntou Hécuba. — Embora, com certeza, sejas melhor alimentada na casa do Senhor do Sol...

— Acho que hoje não — disse Cassandra — no entanto, agradeço-te; mandarei as ervas para baixo por um mensageiro. Espero que façam bem ao

pai; não podemos passar sem ele neste momento. Nem mesmo Heitor está preparado para governar Tróia, ainda que consiga sobreviver ao pai.

Calou-se bruscamente, mas Hécuba tinha ouvido e olhava para ela chocada. Não disse nada. Cassandra sabia o que ela estava a pensar:

"Ela acredita então que Heitor pode morrer antes do pai, estando Príamo velho e doente como está. Que mais terá ela visto? "

Os condutores tinham abandonado os carros; Heitor e Páris, acompanhados pelas suas mulheres, subiram as escadas e Enéias foi ter com eles. Cassandra pegou em Honey; já que não tencionava jantar com eles no palácio, estava na hora de se retirar.

Creúsa aproximou-se dela e disse:

— Acompanho-te no caminho até a casa do Senhor do Sol, irmã.

— Teria muito gosto na tua companhia, mas o sol ainda vai alto no céu. Não preciso que me acompanhem — protestou Cassandra. — Não deves fatigar-te com esta longa subida.

— Eu vou — insistiu Creúsa. — Gostava de falar contigo.

— Muito bem, então; como disse, tenho muito gosto na tua companhia — disse Cassandra. Creúsa entregou a sua filhinha a uma criada, dando instruções à mulher para que a levasse para casa e lhe desse de comer no caso de, à hora de jantar, ainda não ter regressado; depois se juntou a Cassandra, que atava o chapéu de abas largas de Honey por causa do sol.

— Ela está bem desenvolvida para a idade — disse Creúsa. — Que idade tem ela agora? Quando nasceu?

— Decerto a nossa mãe já te disse que eu não tenho a certeza — disse Cassandra — mas ela não devia ter mais de meia dúzia de dias quando a encontrei e eu saí de Cálcis sensivelmente a meio do Inverno passado.

— Então tem quase um ano; deve andar próxima da idade da minha filha — disse Creúsa — no entanto é mais alta e mais forte, e já caminha ao teu lado

como uma menina crescida. A pequena Cassandra ainda anda de quatro, como um cachorrinho.

— Bem, quem entende de crianças diz que cada uma tem a sua hora própria para começar a andar e a falar, umas cedo, outras tarde — replicou Cassandra. — A mãe diz que eu fui precoce a andar e a falar e eu lembro-me de coisas que devem ter acontecido quando eu não tinha mais do que dois verões.

— Isso é verdade — disse Creúsa. — Astíanax não andou e nem sequer falou até cerca dos dois anos; eu sei que Andrômaca começava a perguntar-se se ele seria completamente normal.

— Deve ter sido muito preocupante — concordou Cassandra.

Sentia-se confundida. Creúsa não iria, decerto, submeter-se ao esforço daquela longa subida para conversar com ela sobre o crescimento e a alimentação das criancinhas, quando havia tantas amas no palácio que poderia consultar.

Fosse o que fosse, Creúsa estava com dificuldade em abordar o assunto; mas no momento em que Cassandra começava a perguntar-se se Creúsa teria, de algum modo, descoberto o que ela dissera a Enéias *"mas como? Algum criado a espiara? Seria capaz de jurar que não tinham sido escutados "* e a sentir-se vagamente comprometida, Creúsa disse:

— Tu és sacerdotisa e dizem que és profetisa; foste tu quem deu o aviso do grande tremor de terra, não foste?

— Pensei que estavas presente quando o dei — disse Cassandra.

— Não; Enéias chegou e disseme que não dormisse dentro de casa nessa noite, e que levasse as crianças lá para fora — disse a irmã. — O que foi que tu viste?

"*Creúsa sabe tão bem como eu, que vi morte e a destruição de Tróia ",* pensou, mas tinha certeza de que a sua irmã teria outras razões, fora do normal, para fazer aquela pergunta.

— Tens certeza de que queres saber? Príamo proibiu toda a gente de escutar as minhas profecias. Talvez seja melhor não o fazer se zangar.

— Deixa-me então dizer-te porque faço esta pergunta — disse Creúsa. — Enéias disseme que tu profetizaste que ele sobreviveria à queda de Tróia.

— Sim — disse Cassandra, embaraçada. — Parece que os Deuses têm planos para ele noutro lugar qualquer; eu o vi partir ileso e Tróia em chamas por trás dele.

Creúsa levou as mãos ao peito num estranho gesto.

— Isso é verdade?

— Achas que eu iria mentir acerca de uma coisa destas?

— Não, não, claro que não; mas por que havia ele de ser escolhido e poupado quando tantos vão morrer?

— Não sei. Por que razão tu e os teus filhos foram poupados, quando Helena perdeu três filhos no grande terremoto?

— Porque Enéias escutou o teu aviso e Páris não.

— Não era isso que eu queria dizer — disse Cassandra. — Ninguém pode dizer porque é que os Deuses decidem que este vai morrer e aquele vai viver e talvez os que ficam vivos não sejam os mais afortunados.

"Quem me dera ter certeza de ser apenas a morte o que me espera ", pensou ela, mas não o disse a Creúsa.

— Enéias ordenou-me que deixasse a cidade logo que fosse possível e que levasse as crianças — disse Creúsa. — Devo ir, talvez para Creta, para Cnóssios, ou mesmo para mais longe. Pensei que deveria recusar-me a ir, dizer que o meu lugar era ao seu lado, na guerra ou na morte; mas se na verdade há a certeza de que ele vai sobreviver, então compreendo que ele queira que eu vá... para que possamos encontrar-nos numa terra mais segura, quando terminar a guerra.

— Tenho a certeza de que ele pensa apenas na tua segurança.

— Ele tem andado estranho, ultimamente; cheguei a pensar se ele não teria arranjado outra mulher e não quereria tirar-me do caminho.

Cassandra disse, sentindo a boca seca:

— E ainda que fosse isso, faria alguma diferença? Uma vez que quase toda a gente desta cidade está destinada a morrer quando ela se render...

— Não, suponho que não; se alguma delas puder fazê-lo feliz por uns tempos — disse Creúsa — e se, de qualquer modo, vão todos morrer, por que me havia de importar? Achas então que devo ir?

— Isso não posso dizer-te; só te posso dizer que são poucos os que vão sobreviver à queda da cidade — disse Cassandra.

— Mas será seguro viajar com uma criança tão pequena?

— Honey não devia ter mais que alguns dias quando a encontrei e ela sobreviveu e desenvolveu-se bem. As crianças são mais fortes do que pensamos.

— Eu pensei que talvez ele quisesse ver-se livre de mim — disse Creúsa. — Mas tu me fizeste perceber por que razão é melhor que eu vá. Obrigada, irmã. — Inesperadamente, pôs os braços em volta de Cassandra e abraçou-a com força. — Tu devias abandonar também a cidade antes que seja tarde. Não foste tu quem provocou esta guerra com esses malditos Aqueus e não existe motivo nenhum para que pereças com a cidade. Pedirei a Enéias que consiga que tu sejas também levada para longe daqui.

— Não — disse Cassandra — parece que o meu destino é este e eu tenho de obedecer-lhe.

— Enéias diz bem de ti, Cassandra — disse Creúsa. — Ele disseme, uma vez, que tu eras mais inteligente que todos os oficiais de Príamo juntos e que se estivesses no comando, era possível que ganhássemos esta guerra.

Cassandra riu, pouco à vontade.

— Pensa demasiadamente bem de mim, nesse caso. Mas agora deves ir, Creúsa; reúne as tuas coisas e apronta-te para partir logo que ele te arranje um barco ou qualquer outro meio de te pôr a salvo, a ti e às crianças.

Creúsa abraçou-a de novo.

— Já que vou partir em breve, é possível que não voltemos a encontrar-nos. Mas seja onde for que o destino te conduza, irmã, desejo-te o melhor e se Tróia for realmente destruída, eu peço aos Deuses que te poupem a ti.

— E a ti — disse Cassandra, beijando-a na face; e assim se separaram. Cassandra ficou a ver a irmã desaparecer, com a profunda certeza de que não voltaria a ver Creúsa.

CINCO

Desde a batalha em que cinco navios aqueus tinham ardido até ao nível da água e outros ficado grandemente danificados, os Aqueus haviam apertado de tal modo o bloqueio que, como dizia Heitor, nem um caranguejo conseguiria passar para a cidade. Por essa razão, Enéias não fez qualquer tentativa para que Creúsa saísse por mar; foi enviada numa carroça, que deu a volta pelo interior e seguiu depois várias milhas além do bloqueio, ao longo da costa, de onde um navio a levaria, primeiro para o Egito e depois para Creta. Cassandra assistiu à sua partida e pensou que Príamo, se tivesse algum bom senso, deveria mandar sair da cidade todas as mulheres e crianças. No entanto, não disse nada; já tinha feito todo o possível para avisá-los.

Mesmo o lado continental da cidade já não era totalmente seguro. Um carregamento de armas de ferro vindo de Cálcis fora interceptado e levado para o acampamento aqueu com grandes manifestações de júbilo. Pouco depois, um pequeno exército de trácios, que vinha por terra para se juntar ao exército de Príamo, fora emboscado pelos comandantes aqueus (havia rumores de que tinham sido os próprios Agamenon e Odisseu). Todos os cavalos haviam sido roubados e os soldados trácios assassinados.

— Isto não é guerra — disse Heitor — isto é atrocidade! Os Trácios não faziam ainda parte do exército de Tróia e Agamenon não tinha nenhuma desavença com eles.

— Nem nunca vai ter agora — disse Páris cinicamente.

Isto desencadeou um novo ataque dos Aqueus, conduzido por Pátroclo, que de novo escalou a muralha à frente dos seus homens; os Troianos conseguiram repeli-los e foi dada a informação de que Pátroclo fora ferido, ainda que sem gravidade.

Cedendo aos insistentes pedidos de Cassandra, a gente da casa do Senhor do Sol construiu um altar e sacrificou dois dos melhores cavalos de Príamo a Posídon. Um novo tremor de terra poderia derrubar todas as muralhas e

portões de Tróia e deixar a cidade exposta ao poder atacante dos Aqueus. Este era agora o único receio de Cassandra; sabia que isso teria de acontecer, mas se os Troianos concentrassem todos os esforços em aplacar da fúria de Posídon, talvez Ele detivesse a Sua mão.

Os exércitos aqueus combatiam sem o seu melhor guerreiro. Aquiles permanecia na sua tenda. Uma vez por outra saía, sem estar vestido para a batalha, e passeava pelo acampamento com ar taciturno, sozinho ou na companhia de Pátroclo, mas ninguém fazia idéia do que falavam. Rumores que partiam dos espiões diziam que Agamenon tinha ido ter com Aquiles e lhe oferecera o direito à escolha, em primeiro lugar, de todo o saque de Tróia, para ele e para os seus homens, mas que Aquiles respondera apenas que já não confiava em oferta alguma que Agamenon pudesse fazer.

— Não o censuro — disse Heitor. — Eu confio tanto em Agamenon quanto acredito ser capaz de levantá-lo com um só dedo. Tremendamente oportuna, no entanto, esta desavença no acampamento inimigo; enquanto brigam uns com os outros, temos tempo para reparar as muralhas e organizar as nossas defesas. Se eles resolvem aquilo e decidem unir-se, então que o Deus ajude Tróia!

— Qual Deus? — perguntou Príamo.

— Qualquer Deus que eles não tenham ainda subornado para que fique do lado deles — disse Heitor. — Supõe que Enéias e eu nos envolvíamos em qualquer tipo de briga e nos recusávamos a trabalhar em conjunto?

— Espero que nunca cheguemos a isso — disse Enéias — pois algo me diz que, nesse

dia, nos teríamos condenado mais depressa do que qualquer Deus poderia condenar-nos.

Príamo, inquieto, afastou o prato no qual se encontrava apenas uma escassa variedade de vegetais e um pouco de pão escuro.

— Talvez pudéssemos organizar uma caçada no lado continental — disse ele. — Seria bom um pouco de veado, ou mesmo de coelho.

— Nunca pensei que voltaria a ouvir-te dizer isso, pai. Ficamos tanto tempo fartos de carne, quando as cabras tiveram de ser abatidas por falta de forragem; deixamos apenas algumas para dar leite para as crianças menores — disse Heitor. — Os porcos podem comer as sobras das mesas e ainda restam algumas bolotas nas matas; mas agora há poucas. Talvez possamos caçar...

— Eu acho que os porcos deviam ser mortos também — disse Deífobo. — Este inverno iremos precisar das bolotas para o pão; devíamos pôr toda a gente nova, que não tem idade suficiente para lutar, a apanhá-las e armazená-las. Vai ser um inverno de fome, façamos nós o que fizermos.

— O que está a ser feito na casa do Senhor do Sol? — perguntou Enéias. — Tu estás aí sentada tão quieta e séria, Cassandra. O que diz a sabedoria de Apolo?

— O que vocês fizerem não terá qualquer importância. — Cassandra falou sem pensar. — Quando chegar o inverno, Tróia não necessitará mais de comida.

Páris avançou impetuosamente em direção a ela, vociferando.

— Eu avisei-te, irmã, do que faria se voltasses aqui para vender as tuas profecias

ruins!

Enéias apanhou-lhe o braço no meio do balanço.

— Bate em alguém do teu tamanho — rosnou — ou bate em mim, pois fui eu quem fez a pergunta que originou a resposta que não querias ouvir! — E acrescentou gentilmente: — É assim tão grave, Cassandra?

— Não sei — disse ela, olhando-os com uma expressão de impotência.-- Pode ser

até que os Aqueus se vão embora e já não seja necessário armazenar comida...

— Mas tu não crês que assim seja — disse ele.

Ela abanou a cabeça; estavam agora todos a olhar para ela.

— Mas as coisas não vão continuar como estão por muito tempo, disso estou certa. Vão surgir alterações muito em breve.

Estava a fazer-se tarde; Enéias levantou-se.

— Vou dormir no acampamento com os soldados —disse — uma vez que a minha mulher e a minha filha foram embora.

Heitor disse:

— Suponho que devia mandar Andrômaca e a criança para outro lugar, se existe tanto perigo aqui.

— Agora já estão a ver porque é que eu acho que Cassandra deve ser silenciada a todo o custo — disse Páris — ela está a espalhar tamanho desespero em Tróia, que antes que tenhamos percebido, todas as mulheres terão ido embora. E depois que motivos teremos para lutar?

— Não — disse Helena. — Eu não irei; eu vim para Tróia para o melhor e para o pior e já não existe mais nenhum refúgio para mim. Ficarei com Páris enquanto ambos vivermos.

— E eu! — disse Andrômaca. — Onde Heitor tiver coragem para ficar, eu aí ficarei, ao seu lado. E onde eu ficar, o meu filho ficará.

Cassandra, recordando que Andrômaca fora educada como uma guerreira, pensou que talvez Imandra, afinal, viesse a orgulhar-se da sua filha. *"Quem me dera ter a coragem dela!",* pensou e depois lembrou-se que Andrômaca não sabia o que os esperava. Talvez fosse mais fácil ter coragem quando era possível ir acreditando que aquilo que se receia não chegará a acontecer. Nos seus ouvidos soaram os trovões de Posídon e ela mal conseguia ver o outro lado da sala devido aos fogos que pareciam ter-se ateado.

Porém, a sala estava silenciosa e fresca e todos os rostos que a rodeavam eram simpáticos e queridos. Por quanto tempo mais os teria à sua volta?Já

tinha perdido Creúsa; quem se seguiria?

Sabia que devia ficar na casa do Senhor do Sol; mas não conseguia manter-se afastada do palácio e todos os dias ia olhar da muralha com as outras mulheres. Assim, foi ela uma das primeiras a ver que as pessoas se precipitavam para os espaços entre as casas com tal rapidez que ela, por momentos, chegou a perguntar-se se seria outro tremor de terra. Depois os gritos cresceram.

— Aquiles! O carro de Aquiles!

Heitor praguejou violentamente e correu escada acima até o posto de vigia na muralha.

— Aquiles voltou? São as piores notícias que poderíamos ter, ou serão as melhores? — disse ele rudemente, correndo para o local onde as mulheres se encontravam a assistir. — Sim, de fato aquele é o carro dele — e pôs a mão em pala a proteger os olhos. Depois se voltou com uma expressão de desdém, — Pelo Deus das Batalhas! Aquele não é Aquiles, mas outra pessoa vestida com a sua armadura! Os ombros de Aquiles têm o dobro da largura daqueles! Talvez seja esse amigo dele. A armadura nem sequer lhe assenta devidamente. Em nome de Ares, que brincadeira é esta? Será que ele acha realmente que consegue iludir

qualquer pessoa que já tenha visto Aquiles lutar?

— Suponho que se trata de um estratagema para encorajar os homens de Aquiles — disse o seu auriga, o jovem Troilo.

— Seja o que for — disse Heitor — vamos dar cabo dele. Eu poderia hesitar em enfrentar Aquiles, mesmo num dia favorável, mas ainda não nasceu o dia em que eu receei bater-me com Pátroclo. Talvez eu devesse vestir-te a minha armadura, rapaz e pôr-te em cima do meu carro e mandar-te lá para fora para o defrontares.

— Eu o farei de boa vontade, se tu me permitisses — disse o jovem ansiosamente, mas Heitor riu e bateu-lhe no ombro. — Acredito que sim, rapaz; mas não menosprezes Pátroclo tanto assim. Ele não é, de modo

nenhum, um mau lutador; não estará ao meu nível ou de Aquiles, é certo, mas tu ainda não tens preparação para ele; nem este ano nem, provavelmente, para o ano que vem.

Chamou o seu armeiro, que veio vestir-lhe a sua melhor armadura; depois os outros ouviram o ranger dos portões ao mesmo tempo em que Heitor se lançava para o exterior.

— Isto me assusta!— disse Andrômaca, apressando-se a colocar-se no melhor ponto de observação para assistir. — Mãe Grande, como aquele rapaz endiabrado conduz o carro dele! Será que Heitor não lhe ensinou a ter cuidado nem bom senso? Vão ser ambos atirados dali abaixo num instante!

Os dois carros precipitavam-se um em direção ao outro como veados no ponto alto da estação do cio. Troilo mantinha-se ocupado com os *mirmídones* que se lançavam em direção ao carro. Afastava-os um após outro enquanto Heitor esperava pelo herói. Depois, avançou ao longo do eixo do carro, deixando Troilo a defendê-lo e enfrentou o homem coberto com a brilhante armadura decorada a ouro de Aquiles.

A espada de Heitor subiu ao encontro do aqueu que arremetia contra ele, num vaivém. Um passo rapidíssimo e Pátroclo estava por terra, mas quando Heitor investia para acabar com ele, o jovem levantou-se de um pulo, como se a pesada armadura fosse apenas um finíssimo manto e recuou. Os homens trocaram uma série de golpes tão rápida, que Cassandra não conseguia notar a mínima vantagem da parte de qualquer deles. Um curto grito de Andrômaca disselhe que o marido dela fora atingido, mas quando olhou, viu que Heitor tinha se recomposto e investia com violência suficiente para fazer Pátroclo se retirar em direção ao seu carro. A espada de Heitor cravou-se com força no ponto onde a armadura se unia à proteção do braço, soltando-se depois com um jato de sangue. Pátroclo cambaleou para trás; um dos *mirmídones* segurou-o pela cintura e levantou-o em peso para o interior do carro; ele continuava de pé, mas vacilante e pálido. O seu auriga (ou seria o auriga de Aquiles?) chicoteou os cavalos e regressaram a galope em direção à praia e às tendas aquéias, com Heitor em acesa perseguição.

Troilo lançou uma flecha que atingiu Pátroclo numa perna e ele perdeu o equilíbrio e caiu; só a rapidez da mão do auriga a agarrá-lo impediu que fosse projetado do carro para fora. Heitor fez sinal a Troilo para que abandonasse a perseguição. Pátroclo estava morto ou então ferido tão gravemente que a sua morte era apenas uma questão de tempo. O carro de Heitor deu meia volta em direção a Tróia. Andrômaca fez menção de correr pelas escadas abaixo ao ouvir os estalidos das cordas que abriam a porta principal, mas Cassandra deteve-a e esperaram que Heitor subisse as escadas. O seu escudeiro aproximou-se e começou a ajudá-lo a tirar a armadura, mas Andrômaca substituiu-o.

— Estás ferido?

— Nada de grave, garanto, minha querida — disse Heitor. — Já tive piores ferimentos em brincadeiras no terreiro.

Tinha um longo golpe no antebraço, mas que não atingira o tendão; poderia ser tratado limpando-o com vinho e azeite e uma ligadura apertada. Andrômaca, sem esperar por um curandeiro, começou a tratá-lo e perguntou:

— O mataste?

— Não tenho a certeza de que já esteja morto, mas garanto que ninguém se recupera de uma estocada nos pulmões como aquela — disse Heitor, e quase simultaneamente ouviram um barulho vindo do acampamento aqueu: um imenso uivo de raiva e de dor.

— Ele está morto — disse Heitor. — Pelo menos, é um soco no olho de Aquiles.

— Olhem — disse Troilo — aí está ele, em pessoa.

Era de fato o próprio Aquiles, vestido apenas com uma tanga, com os seus enormes ombros nus e o seu pálido cabelo esvoaçando. Mesmo no limite do alcance das flechas parou e, erguendo o punho fechado, agitou-o para as muralhas. Gritou algo que se perdeu na distância.

— Que terá ele dito, gostava eu de saber? — perguntou Heitor.

Páris, que se encontrava desarmado ali perto, disse:

— Calculo que alguma versão de *"Heitor, filho de Príamo "*, com alguns comentários escolhidos acerca dos teus antepassados e progenitores, *"vem cá embaixo e deixa-me matar-te dez vezes! "*.

— Ou, o que é mais provável, dez mil vezes — concordou Heitor. — Não consegui entender a letra, mas a melodia era bastante clara.

— Então, e agora vamos celebrar? — perguntou Páris.

— Não — disse Heitor ponderadamente — não me regozijo; ele era um homem corajoso e, segundo creio, honrado. Talvez ele fosse o único a manter a demência de Aquiles dentro dos limites. Estou certo de que a guerra irá piorar pelo fato de Pátroclo não se encontrar entre eles.

— Não consigo entender-te! — disse Páris. — Nos livramos de um ótimo guerreiro e tu não estás deliciado. Se eu o tivesse morto, estaria disposto a declarar um feriado e a fazer uma festa.

— Oh, se tudo o que desejas é uma festa, estou certo de que conseguiremos uma forma de arranjá-la — disse Heitor. —Tenho certeza de que muita gente se regozijará, mas se matarmos todos os adversários decentes e honrados de entre os Aqueus, restarão para combater somente os loucos e os escroques. Eu não temo nenhum homem mentalmente são, mas Aquiles é um caso diferente. Provavelmente, eu lamentarei Pátroclo tanto como qualquer outro homem, salvo o próprio Aquiles.

Enéias avançou e olhou por cima da muralha.

— Onde está Aquiles? Desapareceu!

— Provavelmente regressou à sua tenda tentando convencer Agamenon a interromper os combates para alguns dias de luto.

— Essa seria a hora para lhes dar com força — disse Páris — antes que Aquiles se recomponha: enquanto eles ainda estão desorganizados.

Heitor sacudiu a cabeça.

— Se eles pedirem trégua, temos o dever de honra de concedê-la — disse ele — eles deram-nos uma trégua de luto pelos teus filhos, Páris.

— Eu não a pedi! — rosnou Páris. — Isto não é uma guerra, esta delicada troca de atenções; é uma espécie de dança!

— A guerra é um jogo com regras como qualquer outro — disse Príamo. — Não foste tu, Páris, que reclamaste que Agamenon e Odisseu tinham quebrado as regras ao roubarem os cavalos dos trácios?

— Se temos de lutar — disse Páris — que lutemos para vencer; não vejo qualquer lógica em trocar amabilidades com um homem quando estou a tentar matá-lo e ele a fazer o possível para me retribuir o favor.

Heitor e Páris começaram a falar ao mesmo tempo. Príamo ordenou:

— Um de cada vez! — e Heitor gritou mais alto.

— Estas amabilidades, como tu lhes chamas, são o que faz da guerra uma atividade digna de homens civilizados; se alguma vez deixarmos de ter estas amabilidades para com os nossos inimigos, a guerra certamente não passará então de um negócio imundo dirigido por carniceiros e pela pior espécie de canalhas!

— E se não vamos combater — disse Páris — por que não resolvemos as nossas divergências num concurso de tiro com arco, ou com jogos como o pugilismo e a luta? Neste caso, parece-me que faria mais sentido competir do que combater; estaríamos a competir por um prêmio.

— Com Helena como prêmio? Achas que ela estaria disposta a servir de prêmio num concurso de arqueiros? — zombou Deífobo.

— É provável que não — disse Páris — mas as mulheres são freqüentemente usadas como prêmio para a ganância de alguém e não vejo que isso fizesse assim tanta diferença.

Era ainda muito cedo quando, no dia seguinte, vestido com a túnica branca dos arautos, Agamenon veio em missão de paz ao palácio de Príamo; como oferta de paz, levou as duas camareiras de Hécuba, Car e Adrias, que haviam sido roubadas a Cassandra quando ela pretendia entrar na cidade. Depois, Agamenon pediu a Príamo, por respeito aos mortos, que concedesse uma trégua de sete dias, pois Aquiles desejava realizar jogos fúnebres em honra do seu amigo.

— Serão entregues prêmios — disse ele — e os homens de Tróia estão convidados a competir e serão avaliados, no que respeita aos prêmios, em pé de igualdade com a nossa própria gente. — E acrescentou, passado um momento, que Príamo seria bem-vindo a ajuizar quaisquer competições para as quais se sentisse qualificado: corrida de carros, talvez, ou tiro com arco. Príamo agradeceu-lhe gravemente e ofereceu um touro para ser sacrificado a Zeus, Senhor dos Trovões, e um caldeirão de metal para prêmio da luta.

Após Agamenon ter, solenemente, aceitado as ofertas e ter se retirado, expressando cortesmente os seus respeitos, Páris perguntou em tom de desagrado:

— Suponho que vais competir nesta farsa, Heitor?

— Por que não? O fantasma de Pátroclo não irá negar-me um caldeirão ou uma taça, ou uma boa barrigada de comida nos seus festejos fúnebres. Ele e eu já não temos nenhuma desavença agora e se eu for morto durante o saque final de Tróia (se ele existir) teremos algo sobre que conversar no Além.

SEIS

Um silêncio sepulcral pairou sobre Tróia e o acampamento aqueu durante todo o dia seguinte. No meio da tarde Cassandra foi até as muralhas da cidade; do alto parapeito do muro da casa do Senhor do Sol conseguia ver o acampamento e além dele, até à praia repleta de navios, mas não conseguia ouvir nada ou entender o que estava a se passar.

Andrômaca estava nas muralhas com Heitor e outros membros da casa de Príamo. Deram as boas-vindas a Cassandra e deram espaço para que ela pudesse ver o que se passava.

— Esta seria a hora ideal para atacá-los e queimar o resto dos navios — sugeriu Andrômaca; mas Heitor lançou-lhe um olhar feroz e ela retraiu-se. — Estava a brincar, meu amor; eu sei que serias incapaz de violar as tréguas! — disse ela.

— Eles fizeram-no — recordou-lhes Páris. — Se eu tivesse sido morto e tivéssemos pedido trégua para o meu funeral, acham realmente que eles não nos cairiam em cima no momento alto do festival? Provavelmente, Odisseu e Agamenon estão neste momento a incitá-los a fazer um ataque na hora em que nós menos o esperamos.

— O acampamento parece estar praticamente abandonado — disse Cassandra. — O que estarão eles a fazer?

— Quem sabe? — disse Páris. — E quem se interessa?

— Eu sei — disse Heitor. — Os sacerdotes estão a preparar o corpo de Pátroclo para a cremação e a sepultura; Aquiles está a lamentá-lo e a chorá-lo; Agamenon e Menelau estão conspirando para arranjar uma forma de quebrar a trégua; Odisseu está tentando evitar que eles discutam tão alto que nós os ouçamos; os *Mirmídones* estão a preparar-se para os jogos de amanhã... e o resto do exército está a embebedar-se.

— Como sabes, pai? — perguntou Astíanax.

Heitor disse, rindo:

— Seria o que nós estaríamos a fazer se estivéssemos no lugar deles. Naquele momento um jovem mensageiro, vestido com o traje dos sacerdotes noviços de Apolo, chegou ao topo da muralha.

— Perdoem-me, nobres; uma mensagem para a princesa Cassandra — disse, e Cassandra franziu o sobrolho.

Teria uma das serpentes mordido alguém ou uma das crianças sido atacada por uma febre? Não conseguia pensar em outro motivo para ser chamada; no templo as suas obrigações do dia tinham sido cumpridas e havia lhe sido dada permissão para se ausentar.

— Estou aqui — disse ela. — Que querem?

— Senhora, chegaram hóspedes à casa do Senhor do Sol; vieram pelas montanhas para evitar o bloqueio dos Aqueus e procuram-te. Dizem que o assunto é de grande urgência e não podem esperar.

Espantada, Cassandra fez uma vênia ao pai e retirou-se. Enquanto subia para o templo, perguntava-se de quem poderia tratar-se e por que razão a procurariam. Entrou na sala onde eram recebidas as visitas; ao passar da luz do sol para a obscuridade da sala, os desconhecidos não eram para ela mais que meia dúzia de formas indistintas.

Uma delas ergueu-se e avançou na sua direção de braços abertos.

— O meu coração alegra-se de te ver, filha — disse, e Cassandra, cujos olhos se adaptavam já à obscuridade da sala, viu o rosto da amazona Pentesileia.

Cassandra deixou-se envolver pelo seu abraço caloroso.

— Oh, como estou contente de vos ver a todas! Quando regressei de Cálcis não vi sinais de vocês e pensei que estivessem todas mortas! — exclamou.

— Sim, ouvi dizer que nos tinhas procurado; mas nós tínhamos partido para as ilhas em busca de ajuda e, quem sabe, de uma nova terra para viver —

disse Pentesileia. — Não a encontramos e portanto regressamos, mas eu não tinha maneira de te enviar uma mensagem.

— Mas o que estão a fazer aqui? Quantas de vocês vieram?

— Trouxe comigo todas as que restam de nós e não escolheram ir viver para as cidades, sob o domínio dos homens. Viemos defender Tróia dos seus inimigos — disse Pentesileia. — Príamo disseme uma vez a muitos anos, que para que ele buscasse a ajuda de mulheres na defesa da sua cidade, Tróia teria de estar a passar por tempos muito adversos. Talvez agora eu saiba melhor do que ele quão adversa é a situação em que Tróia se encontra.

— Não sei se o meu pai concordará contigo — disse Cassandra. — O exército está eufórico porque Heitor acabou de matar o segundo mais perigoso combatente do exército aqueu.

— Sim; disseram-me na casa do Senhor do Sol — disse Pentesileia. — Mas não creio que Tróia esteja mais perto de se encontrar a salvo pelo fato de Pátroclo jazer morto.

— Parente — disse Cassandra, com gravidade — Tróia cairá, mas não às mãos de qualquer homem. Acreditas, então, que nos poderemos opor à ação de um Deus?

Pentesileia, com aquele seu velho sorriso, disse:

— Não é a destruição das muralhas que devemos temer, mas a destruição das nossas defesas. Tróia poderá ser derrotada e saqueada, e se é essa a vontade dos poderes das alturas... — interrompeu-se e estendeu os braços a Cassandra, que se lançou neles como a criança que em tempos fora.

— Minha pobre filha, há quanto tempo suportas isto sozinha!? Não há ninguém em Tróia, soldado ou rei ou sacerdote, que acredite na tua Visão? — perguntou ela, segurando-a como a uma criança de encontro ao seu peito magro e envelhecido. — Nenhum dos teus

parentes ou dos teus irmãos? Nem mesmo o teu pai?

— Esses menos que os outros — murmurou Cassandra. — Enfurece-os que eu profetize a desgraça para Tróia. Não querem ouvir. E, visto eu não poder fornecer uma forma de evitar esse destino, mas apenas dizer que ele virá, talvez... talvez eles tenham razão em não querer viver com essa certeza.

— Mas fazerem-te suportar tudo isto sozinha... — começou Pentesileia, mas depois calou-se, suspirando. — Mas agora tenho de me apresentar a Príamo com as minhas guerreiras e saudar a tua mãe, minha irmã.

— Te levarei ao palácio para que ele possa dar-te as boas-vindas — disse Cassandra.

A velha amazona soltou uma risadinha.

— Ele não me dará quaisquer boas-vindas, minha querida, e quanto mais desesperadamente ele necessitar das aptidões guerreiras das minhas mulheres, pior será o acolhimento que irá dispensar-me — disse ela. — O máximo que podemos esperar é que ele não nos recuse; talvez eu tenha esperado o tempo suficiente para ele perceber quão tremenda é a sua necessidade mesmo que apenas de um punhado de boas guerreiras. As minhas são vinte e quatro.

— Sabes tão bem como eu que Tróia não pode se dar ao luxo de desprezar qualquer ajuda, venha ela de onde vier; nem que tivesses trazido um exército de centauros — disse Cassandra.

Pentesileia suspirou e abanou a cabeça.

— Nunca mais voltará a existir tal exército — disse com tristeza. — Os últimos dos seus guerreiros desapareceram; recolhemos meia dúzia dos seus rapazinhos mais novos, quando os cavalos deles morreram. Agora os aldeãos esgravatam o solo por uma colheita de cevada ou de nabos e apascentam as suas cabras e porcos nos locais onde, em tempos, os Centauros vagueavam com os seus cavalos; as nossas éguas também pereceram, à exceção destas poucas que estão num estado lastimável. Vi que existem agora poucos cavalos nas planícies em volta de Tróia. As manadas selvagens foram capturadas pelos Aqueus ou pelos próprios Troianos.

— A manada sagrada de Apolo vagueia ainda em liberdade pelas encostas do monte Ida; ninguém se atreveu a tocá-la — recordou-lhe Cassandra. — Nem mesmo as sacerdotisas do Deus-Rio Escamandro se atreveram a tentar colocar-lhes um freio.

Isto a fez pensar em Enone e perguntou-se como estaria ela. Tinham-se passado anos sobre a última vez que vira a jovem; agora as mulheres do monte Ida nunca desciam à cidade, nem mesmo para os festivais. Páris nunca falava dela e, pelo que Cassandra conseguia perceber, nunca pensava nela apesar de que, agora que os filhos de Helena tinham morrido, o filho de Enone ser o seu único filho vivo.

— Tu e as tuas mulheres devem estar cansadas de viajar; ofereço-vos a hospitalidade da casa do Senhor do Sol. Permitam-me que chame as criadas para vos prepararem um banho e se quiserem trajes de cerimônia...

— Não, minha querida — disse Pentesileia. — Um banho seria mais do que bem-vindo, mas eu e as minhas mulheres iremos apresentar-nos com as nossas armaduras e roupas de montar; somos o que somos e não fingiremos ser outra coisa.

Cassandra foi tratar de tudo, indo depois preparar-se para o jantar no palácio. Enviou uma mensagem dizendo que levaria convidados, mas só revelou as suas identidades à rainha Hécuba. Estava certa de que, como parentes, seriam bem recebidas; mas sabia que Príamo não tinha a mínima simpatia pelas Amazonas. Apesar disso, as leis da hospitalidade eram sagradas e sabia que Príamo jamais as violaria.

Como desafio pensou em vestir as suas velhas roupas de montar em couro e levar as suas armas; Príamo ficaria zangado, mas ela queria identificar-se com as Amazonas. Mas quando tirou as velhas roupas do baú, a macia túnica interior nem lhe entrava pela cabeça; fora feita para a menina que ela era quando cavalgava com as Amazonas. As peças de couro estavam velhas e quebradas e também não lhe serviam; por que as teria guardado todos aqueles anos? A menina que ela fora desaparecera para sempre.

Deitado no fundo do baú estava o seu arco de madeira e chifre; aquele, supunha, ainda poderia usar, e conservava ainda a espada e a lança,

brilhantes e sem pontos de ferrugem. *“Ainda sei montar e tenho a certeza de que ainda sou capaz de lutar se a isso me vir forçada ”,* pensou, *“apesar de já não ter roupas de amazona; talvez, antes da minha cidade cair, eu ainda venha a empunhar armas em sua defesa. Não são as roupas, mas as armas e a perícia que fazem uma amazona. ”* Imaginou-se e sentiu-se (apesar de não ter movido um único músculo) ajustando uma flecha no grande arco, esticando mais e mais a corda, deixando sair a seta... *“mas em direção a quem? não conseguia ver o alvo para o qual a flecha se dirigia velozmente...”*

Apesar disso, sentiu-se encorajada ao pensar que não assistiria impotente à derradeira defesa de Tróia. Cassandra guardou as suas armas no baú. Jogaria fora as roupas, ou melhor ainda, as guardaria para que Honey usasse um dia. Vestiu uma bela túnica de linho, tecida em Cálcis, e pôs os seus melhores brincos de ouro, que eram esculpidos em forma de cabeças de serpente, nas orelhas. Pôs ainda uma pulseira de ouro e o colar de contas azuis do Egito e desceu ao encontro das suas convidadas.

Um homem alto, de armadura, tinha se juntado a elas; surpreendida, reconheceu

Enéias.

— Vim para te escoltar, Cassandra — disse ele — mas tenho estado a conversar com as tuas convidadas. Ficaremos gratos por ter as arqueiras amazonas a defender a torre principal; as disporemos nas muralhas...

— Estou à vossa disposição — disse Pentesileia — e tenho um velho rancor contra o pai de Aquiles; pelo menos uma vez, sairei contra o filho.

Cassandra sentiu de novo a escuridão sufocante apertando o seu punho em torno da sua garganta, fazendo com que lhe fosse impossível falar ou gritar.

— Não! — murmurou, mas sabia que nenhum deles podia ouvir.

Enéias disse de modo amigável:

— Bem, Heitor é o nosso comandante; caberá a ele dizer onde deseja que vocês lutem. Podemos resolver isso dentro de um ou dois dias. Vamos?

Ofereceu o braço à rainha amazona, e saíram da sala, descendo em direção ao palácio. Ainda não estava muito escuro e Pentesileia olhou com desânimo para o entulho que continuava a bloquear as ruas. Uns quantos abrigos haviam sido levantados à pressa, mas a cidade tinha ainda o aspecto de uma caixa de brinquedos que uma criança gigantesca atirara pelos ares, num acesso de mau humor. Enéias disse:

— O meu pai contou-me muitas lendas sobre as guerras entre os Centauros e as Amazonas. Havia um menestrel na nossa corte que costumava cantar uma balada acerca disso... — Cantarolou umas quantas frases. — Conheces a canção?

— Conheço de fato; se os vossos menestréis não a souberem cantar, cantarei eu mesma — disse Pentesileia — se bem que a minha voz já não seja a mesma de quando eu era rapariga.

Movendo-se através dos pátios, Cassandra estudava o pequeno grupo de amazonas. Pentesileia envelhecera mais do que um ou dois anos desde o seu último encontro a caminho de Cálcis. Ela sempre fora alta e magra; agora estava macilenta, os braços e as pernas tensos, os tendões semelhantes a cordas, sem qualquer vestígio de suavidade. Ainda tinha todos os dentes, fortes e brancos; dificilmente poderia ser descrita como *"uma mulher idosa"*.

Nenhuma das outras tinha a idade de Pentesileia; a mais nova, pensou Cassandra, ainda mal entrara na adolescência; era uma jovem esguia que parecia tão forte e perigosa como o seu arco.

"Eis o que eu poderia ter sido ", o *"que eu deveria ter sido "*. Cassandra olhou para a jovem guerreira com mal disfarçada inveja. *"Pelo menos ela não tem que ficar passivamente*

sentada enquanto as defesas da sua cidade se desmoronam. "

— Mas tu não tens estado inativa — disse Enéias baixinho e ela perguntou-se (se bem que nunca tenha sabido ao certo) se ele lera os seus pensamentos ou se ela os dissera num murmúrio. — És uma sacerdotisa, uma curandeira. Não são só os combatentes que servem uma cidade em guerra.

Passou o seu braço pelo dela e percorreram enlaçados o resto do caminho. Quando entraram no grande salão de Príamo, o arauto anunciou os seus nomes:

— A princesa Cassandra, filha de Príamo; o príncipe Enéias, filho de Aquiles; Pentesileia, rainha guerreira das tribos Amazonas e duas dezenas das suas senhoras... *hum*... — o arauto tossiu para disfarçar a confusão — das suas guerreiras... como deverei anunciá-las, senhora...?

— Acalma-te, asno! — disse Pentesileia. — Nenhuma de nós tem mais esperteza do que aquela que os Deuses nos deram. O teu rei e a tua rainha sabem quem eu sou. — Mas estava sorridente e bem-humorada mesmo enquanto o arauto remexia na túnica tentando enxugar o suor das palmas das mãos.

Hécuba desceu do trono, lançando-se na direção da sua irmã e tomando-a nos braços.

— Minha querida irmã — disse, e Pentesileia retribuiu-lhe o abraço.

Príamo também se levantou e desceu vários degraus do seu trono, abraçando Pentesileia exatamente como a sua mulher fizera.

— És muitíssimo bem-vinda, cunhada; toda a mão que possa empunhar uma arma é bem-vinda entre nós neste momento. Poderás escolher a tua parte entre os despojos do acampamento aqueu, tal como os outros guerreiros, prometo! E quem o contestar não é meu amigo — disse ele, lançando um olhar cortante e intencional a Heitor.

— Pai, já chegamos a isto?

— Eu acolheria de bom grado os próprios Centauros para lutar contra o exército de Aquiles — disse Príamo. — Diz-me, irmã, que armas trouxeste?

— Duas dúzias de guerreiras e todas armadas com espadas de ferro de Cálcis — disse Pentesileia. — Cada uma é igualmente perita com o arco; nenhuma das minhas mulheres erraria o olho de um garanhão a galope a cem passos de distância.

— Alguma de vocês vai entrar no concurso de arco nos jogos fúnebres de amanhã? — perguntou Páris. — Aquiles ofereceu o melhor dos carros capturados e, ao melhor arqueiro, o belo arco do próprio Pátroclo.

— Ele não o concederia a uma mulher — disse Heitor. — Nem que ela batesse o Pátroclo em pessoa.

— Ele é obrigado por juramento a conceder os prêmios ao vencedor.

— Nada é sagrado para Aquiles — disse Pentesileia. — Estaria disposta a competir nem que fosse só para demonstrar isso mesmo aos seus homens; mas ele pode surpreender-me. Porém não desejo nem preciso de um carro de combate e o meu próprio arco é suficiente para as minhas necessidades. — Riu-se. — Eu não estou nesta guerra por causa do ouro ou dos despojos; que faria eu com uma mulher prisioneira?

— Se conseguisses despojos suficientes nesta guerra, poderias restaurar as tuas cidades — disse Andrômaca — ou partir e fundar a tua própria cidade em algum lugar, como a gente da minha mãe fez em Cálcis.

— Há idéias muito mais desagradáveis — disse Pentesileia. — Vou pensar nisso. Se eu ganhar então esse belo carro de combate, Príamo, o resgatarás com ouro?

— Se ele não o fizer — disse Hécuba — eu própria o farei. Serás bem paga; tu e todas as tuas guerreiras.

As taças do vinho passaram mais uma vez em volta, todos os homens rindo e gracejando, cada um deles dizendo em que concurso competiria e o que faria com o prêmio se o ganhasse.

— Devias tentar ganhar uma das mulheres, Enéias — disse Deífobo. — Alguém que te aquecesse a cama enquanto Creúsa está em Creta.

— Não — disse Enéias, erguendo a sua taça. — Se eu ganhar uma das prisioneiras, a enviarei para Creta como criada para servir Creúsa e ajudá-la a cuidar das crianças e lhe será pago um salário honesto para que um dia possa comprar a sua liberdade. Não gosto desta história de passar mulheres de mão em mão como troféus. Não desejo mais do que Pentesileia uma mulher que não venha até mim de livre vontade.

Sobre a borda da taça de ouro os seus olhos encontraram os de Cassandra; ela sabia o que ele lhe pedia e qual seria a sua resposta.

Cassandra e Enéias subiram lentamente a colina em direção à casa do Senhor do Sol; não havia luar e as ruas estavam escuras exceto onde, ocasionalmente, a luz do interior de uma casa se projetava. Cassandra tropeçou numa pedra solta e Enéias passou o braço em volta dela para ajudá-la a equilibrar-se ou talvez, pensou ela, procurasse um pretexto para abraçá-la. Ela não estava certa de que o ter tropeçado não fosse um pretexto para se agarrar a ele. Se bem que a noite estivesse quente, ele passou-lhe a capa em volta de ambos e ela estava incrivelmente consciente do calor do corpo dele.

Não se sentia propriamente assustada; mas estava nervosa e um pouco preocupada. Durante muitos anos a sua vida fora a de uma sacerdotisa, e a virgindade tinha estado no centro dessa vida. Deu por si recordando todos os argumentos que usara com Crises e perguntava-se se não estaria a agir como uma hipócrita: agora que resolvera render-se, rendia-se ao marido da sua irmã. Mas ela tinha a palavra da própria Creúsa em como isso não importava; não precisava sentir quaisquer escrúpulos em relação a Creúsa.

E quanto ao Deus? Havia já muito que deixara de acreditar que os seus atos tivessem qualquer importância para o Senhor do Sol. Ele a abandonara havia muito tempo; mas se Ele tivesse falado para proibi-la de dar aquele passo, mesmo naquele momento, ela sabia que não iria desafiá-Lo. Havia no seu interior um pequeno núcleo incandescente de irada desolação: *"Ele não quer saber',* nem sequer Lhe interessava que uma das Suas escolhidas estivesse prestes a abandonar os votos que Lhe havia feito.

Mas na verdade, aquele pensamento estava enterrado lá bem no fundo; na superfície da sua consciência não havia lugar para nada à exceção de

Enéias.

Aproximavam-se dos grandes portões; um sacerdote encontrava-se ali, vigiando as entradas e saídas e ela parou voltando-se para que ele não a visse.

— Não podemos entrar por ali — disse ela. — Se eu te levar para dentro e não te trouxer de volta imediatamente...

Ele entendeu instantaneamente.

— Não, realmente — disse ele. — Tens de cuidar da tua reputação; eu não quero pô-la em perigo, Cassandra. Talvez devêssemos ter ficado no palácio esta noite...

— Não — disse ela baixinho. — Eu não queria isso. Não tenho vergonha... não é

isso...

— Mas não podes causar um escândalo — disse ele, e encaminhou-se para o ponto onde o muro baixo tomava a direção das ruas descendentes.

Cassandra sentiu-se embaraçada; não pensara nisso até àquele momento. Pentesileia e as suas mulheres tinham deixado o palácio mais cedo e Cassandra não vira ninguém nas ruas. Tinha feito Aquiles e Odisseu sair do templo envoltos em capas de noviços, mas não podia fazer o mesmo com Enéias, mesmo que encontrasse maneira de arranjar uma capa. Franziu o sobrolho, tentando pensar numa maneira de levá-lo para dentro sem ser visto; deixá-lo sair de manhã não era grande problema. Disse em voz baixa:

— Há um lugar onde a muralha se desmoronou no grande tremor de terra; até as crianças pequenas conseguem subir. Ainda não foi reparada porque todos os trabalhadores foram empregados nas reparações dos portões da cidade, lá embaixo. Por aqui — disse ela, e conduziu-o ao longo do muro exterior.

A altura não era, em todo o seu comprimento, muito grande e existira em tempos uma porta num dos lados; tinha sido tapada havia apenas uma ou duas gerações e quando o velho arco ruíra, deixara uma pilha de entulho facilmente escalável que ninguém pensara ser necessário guardar ou vigiar. Mesmo com a sua saia comprida, Cassandra subiu facilmente, se bem que as pedras, rolando sob os seus pés e os de Enéias, que subia atrás dela, fizessem bastante barulho.

Pensou que provavelmente não era a primeira das mulheres do templo a fazer entrar assim um amante; era o tipo de coisa que ela esperaria de Criseide. Não queria pensar em si própria nos mesmos termos em que pensava naquela mulher vadia, mas tinha que reconhecer, não era melhor do que ela. Deu a mão a Enéias para ajudá-lo a equilibrar-se enquanto descia e sentiu que lhe faltava a respiração; quantas vezes admoestara Criseide em pensamento por este tipo de coisa!

"Se Creúsa não se opõe e se o Senhor Apolo não fala para evitá-lo, então não existe ninguém, homem ou mulher ou Deus, que possa sentir-se ofendido ", disse a si própria com firmeza. Conduziu-o ao longo das sombras escuras junto ao muro e em vez de levá-lo até a porta do dormitório das sacerdotisas e pelo corredor que dava acesso ao seu quarto, conduziu-o para a janela que se abria para a rua e entrou por aí.

Lá dentro estava escuro e silencioso, com uma única e fraca lamparina acesa sobre uma bandeja, permitindo-lhes ver apenas a sua cama e o catre onde Honey habitualmente dormia. Quando se aproximou da cama, Cassandra viu a cabeça escura da menina sobre a almofada; ao curvar-se para levantá-la, uma longa forma desenrolou-se e ergueu-se, os olhos brilhando como dois seixos achatados. Viu Enéias recuar e disse, baixinho:

— Ela não te fará mal; não é venenosa.

— Eu sei — disse Enéias. — A minha mãe era sacerdotisa de Afrodite e partilhava a cama com coisas mais estranhas do que cobras. O teu animal de estimação não me perturbará.

— Posso pô-la na cama da criança, se quiseres — disse Cassandra, levantando Honey e pondo-a no catre; a menina choramingou e Cassandra

sentou-se junto dela cantando baixinho para adormecê-la de novo.

— Ela não me preocupa — disse Enéias — mas eu sou-lhe estranho; talvez tenha uma noite mais descansada na cama da criança.

Cassandra sentiu o calor subir-lhe ao rosto enquanto agarrava a cobra, pousando-a perto de Honey. A serpente deslizou para baixo e enrolou os seus anéis em torno da cintura da menina. Confortada pelo toque familiar Honey adormeceu e Cassandra voltou-se, pegando a capa de Enéias e pondo-a para o lado.

— Não sabia que a tua mãe era sacerdotisa de Afrodite — disse ela e Enéias

respondeu:

— Quando eu era pequeno, disseram-me que a minha mãe era a própria Afrodite. Mais tarde soube quem ela era, realmente, e vim a conhecê-la como minha mãe. Não me surpreende que ela parecesse ao meu pai como a própria Deusa; era muito bela. Penso que as sacerdotisas de Afrodite são escolhidas pela sua beleza.

— E se servirem a Deusa — disse Cassandra — ela certamente que lhes emprestará a sua beleza.

— Não pode ser apenas isso — disse Enéias — ou tu há muito que terias sido escolhida para o Seu serviço.

O comentário provocou-lhe um arrepio. Estaria ela, então, a ser atraída para o serviço daquela Deusa que lançava a desordenada veneração do amor carnal nas vidas dos homens e das mulheres? Seria então a Deusa desprezada quem tentava conquistá-la e afastá-la dos votos que fizera a Apolo?

Já vira como Afrodite destruía as vidas daqueles que a veneravam. Enéias era seu filho; também ele a adoraria?

Não podia fazer-lhe aquelas perguntas. Ele estava sentado na borda da cama estreita, tirando as sandálias. Aproximou-se dele e ele agarrou-a, tirando de

um só gesto o alfinete que lhe segurava o cabelo e deixando-o cair livremente escondendo-lhe o rosto e as dúvidas. Já não interessava. Todas as Deusas, quaisquer que fossem os seus nomes, eram Uma e ela devia servi-Las como todas as mulheres As serviam.

Ouviu o restolhar da serpente ao desenrolar os anéis. Enéias agarrou-a, pondo o braço em torno da sua cintura.

— Não é para admirar que tenhas permanecido tanto tempo virgem, com tal guardiã da tua castidade — murmurou ele rindo. — Todas as virgens do Senhor do Sol têm destas damas de companhia a protegê-las?

— Oh, não! — disse ela rindo, e recostou-se nos seus braços.

Depois se levantou para apagar a candeia. A escuridão invadiu o quarto e ela ouviu-o rir de novo, baixinho. Além do riso sentiu, muito ao longe, o ribombar de um trovão e depois o súbito tamborilar da chuva lá fora.

— Esplendorosa Afrodite, se eu tenho de Te servir como todas as mulheres, depois de tantos anos recusando o Teu serviço, envia então sobre mim alguns dos Teus dons — murmurou, e sentiu uma luz cintilante a envolvê-la (ou seria apenas o clarão ocasional de um raio lá fora?) quando Enéias a tocou na escuridão

De madrugada deslizou silenciosamente para fora da cama e foi sentar-se à janela, recordando e saboreando cada detalhe daquela noite. Em breve os ventos vindos dos cumes dispersariam a bruma esbranquiçada que cobria a cidade por baixo de si.

No topo da colina, em torno da casa do Senhor do Sol, o vento soprava já ruidosamente de encontro às paredes; Enéias estava de pé, ainda sem a armadura.

— Não existe razão para me equipar, visto ir competir na luta corpo-a-corpo e no pugilismo — disse ele. — Enfrentarei qualquer concorrente, exceto o próprio Aquiles. A noite passada sonhei...

Cassandra perguntou:

— O Deus enviou-te um sonho favorável?

— Se era favorável ou desfavorável, não sei — disse Enéias. — A minha fortuna, segundo me parece, já a conquistei. — Curvou-se e beijou-a. — Diz-me: não sentes remorsos, minha amada?

— Nenhum — disse ela.

Já não lhe interessava. Tinha esperado tantos anos para se entregar, recusando mesmo, estava convencida, o próprio Senhor do Sol e ali, no meio da guerra, nas sombras da morte, encontrara o amor e sabia que ele não poderia durar. Quando Honey, ao fundo do quarto, se agitou e chorou devido a algum pesadelo, ela correu a acalmar a criança. Confortou-a, embalando-a com suavidade e cantando e viu os olhos de Honey virarem-se para a figura desconhecida, no interior do quarto; sentiu uma satisfação súbita e confusa porque a menina era muito pequena para dar voz à sua surpresa ou curiosidade.

Agora que estavam de pé junto um do outro, ela pensava em todas as outras mulheres de Tróia que, durante todos aqueles anos, haviam cingido as armaduras dos seus homens e os tinham enviado para a batalha, ou para a morte, e pela primeira vez partilhou das preocupações e dos medos dessas mulheres.

Ajudou-o a afivelar a última correia da sua couraça peitoral; o resto da armadura seria posta no campo. A trombeta que soava de madrugada para convocar os homens ainda não se fizera ouvir e naquela manhã talvez nem chegasse a soar. Só aqueles que competiam nos jogos fúnebres de Pátroclo precisavam levantar-se ou sair naquele dia, se bem que fosse mantida uma cuidadosa vigilância para o caso de os Aqueus tentarem violar as tréguas.

— Vem cá, dá-me um beijo, amor; tenho de ir — disse ele, apertando-a com força num último abraço; mas ela protestou.

— Ainda não; não queres que eu vá buscar algum pão e vinho?

— Tenho de comer com os soldados, meu amor; não te incomodes. — Hesitou e encostou o seu rosto à face dela. —Posso vir ter contigo esta

noite?

Ela ficou sem saber o que dizer e ele interpretou mal o seu silêncio.

— Ah, eu não devia ter... os teus irmãos são meus amigos, o teu pai é meu anfitrião...

— Quanto ao meu pai e aos meus irmãos... não existe qualquer homem em Tróia inteira a quem eu tenha de dar conta dos meus atos — disse Cassandra com rispidez. — E a tua mulher, a minha irmã, disseme quando nos separamos que não guardaria rancor por nada que te fizesse feliz.

— Creúsa disse isso? Pergunto-me... bem, então fico-lhe grato. Eu podia ter te dito o mesmo, mas foi melhor que o tivesses escutado da sua boca. — Num impulso, apertou-a de novo contra si. — Deixa que eu venha — implorou. — Talvez não tenhamos muito tempo... e quem sabe o que poderá acontecer a qualquer de nós? Mas estes dias de tréguas...

Por toda a Tróia, pensou ela, mulheres recém-saídas da cama dos seus homens estavam a afivelar armaduras, usando esses breves momentos e beijos para demorá-los um pouco mais, tentando não pensar na vulnerabilidade do corpo que haviam acariciado.

Enéias passou-lhe a mão no cabelo.

— Nem mesmo com Afrodite eu tenho agora qualquer disputa, pois foi Ela, creio, quem te trouxe até mim. Lhe sacrificarei uma pomba logo que possa. Havia muitas pombas no santuário de Apolo; mas Cassandra sentia uma certa relutância em sugerir-lhe que comprasse uma. Enéias tinha, de certa forma, roubado algo que pertencia a Apolo, se bem que ela não compreendesse, nem nunca tivesse compreendido, por que razão isso havia de pertencer a alguém que não a ela própria. Depois, asperamente, disse a si mesma que não fosse idiota; ela não era certamente a primeira das virgens do Senhor do Sol a levar um homem para a cama e dificilmente seria a última. Pôs-se nas pontas dos pés para beijá-lo e disse:

— Então até logo à noite, meu amor querido.

Dirigiu-se ao alto parapeito para o ver descer através da cidade. Ainda não clareara totalmente; as nuvens passavam por cima das planícies em frente de Tróia e apenas alguns vultos se moviam nas ruas: soldados que se reuniam para a refeição da manhã.

Sentia-se cansada; devia voltar para a cama. Mas perguntava-se quantas das mulheres da cidade que acabavam de enviar os amantes ou os maridos para a batalha ou, naquele dia, para o simulacro de batalha que eram os jogos, poderiam ir dormir calmamente. Foi ao seu quarto, encontrando Honey ainda enterrada nos cobertores, e vestiu-se rapidamente. Não queria passar pelos pátios; não sabia bem porque, mas estava certa de que iria encontrar Crises e sentia que ele teria consciência imediata do que acontecera e que não conseguiria suportar o olhar dele. Ultimamente deixara Fílidas encarregar-se do tratamento das cobras e, portanto, não havia motivo para ir ao pátio das serpentes.

Surpreendida percebeu que o que sentia era solidão; tinha sido sempre tão solitária e estava, em geral, tão acostumada a esse estado que raramente ansiava por companhia. Lembrou-se então de que existia agora uma pessoa na casa do Senhor do Sol a quem ela podia contar tudo o que lhe ia no coração.

A algumas das mulheres de Pentesileia fora destinado um quarto não muito afastado do de Cassandra; a maior parte delas encontrava-se num pátio ali perto, onde dormiam em cobertores dobrados. Uma ou duas delas estavam acordadas e comiam pão com o áspero vinho novo que era feito no templo.

Pentesileia, como era adequado a uma rainha, dormia sozinha num pequeno quarto ao fundo do átrio. Cassandra percorreu o mosaico antigo de conchas e espirais nas pontas dos pés e sem fazer barulho para não acordar as guerreiras que dormiam. Bateu levemente à porta; a velha amazona abriu-a e puxou-a para dentro.

— Bom dia, querida filha. Oh, mas que aspecto cansado e insone que tu tens! — Abriu os braços e Cassandra recolheu-se neles, chorando sem saber porque.

— Não precisas chorar — disse Pentesileia. — Mas se choras, suponho que deves ter uma boa razão para isso; sei que ontem deixaste o banquete com Enéias. Aquele patife te seduziu, filha?

— Não, não foi nada assim! — disse Cassandra zangada e perguntou-se porque estaria Pentesileia a sorrir.

— Ah, bom, mas se é um caso de amor, porque choras?

— Eu... não sei. Suponho que é por ser uma idiota, como sempre soube serem idiotas as mulheres que se envolvem nestes jogos com homens e falam de amor e choram... — *"E agora ",* pensou, *"não sou melhor do que qualquer uma delas. "*

— O amor consegue fazer de qualquer de nós uma idiota — disse Pentesileia. — Tu descobriste isso mais tarde do que a maioria, é tudo; a altura para se chorar por causa dos romances amorosos é aos treze anos, não aos vinte e três. E como aos treze anos tu não choravas nem fazias grandes alaridos por causa de algum belo e jovem pedaço de homem, eu pensei que serias talvez uma daquelas que procuram amantes entre as mulheres...

— Não, não pensei nisso — disse Cassandra. — Soube o que era desejar mulheres — acrescentou, pensativa — mas pensei que talvez fosse apenas porque as via através do espírito e dos olhos de Páris.

Recordou Helena e Enone, e quão profundamente lhes fora sensível; uma parte de si, acontecesse o que acontecesse, iria sentir sempre uma forte afeição por Helena. Aquilo era algo de totalmente diferente e nada bem-vindo; enfurecia-a fazer uma figura tão idiota por causa de um homem com o qual nem sequer poderia tentar unir a sua vida.

Estava a chorar de novo, desta vez de raiva. Tentou traduzir aqueles sentimentos em palavras, mas Pentesileia disse:

— É melhor sentir raiva do que dor, Cassandra; haverá muito tempo para a dor, se esta guerra continuar. Vamos, ajuda-me a me equipar, Olhos Brilhantes.

O velho nome carinhoso a fez sorrir por entre as lágrimas.

Cassandra pegou na armadura feita de camadas de couro reforçadas com placas de bronze e decorada com anéis e rosetas de ouro. Passou-a pela cabeça da velha amazona, virando-a com suavidade para apertar os cordões.

— Se alguma coisa me acontecer nesta guerra — disse Pentesileia — promete-me que as minhas mulheres não serão feitas escravas ou forçadas a casar; isso as destroçaria. Garante-me que poderão deixar a tua cidade livres e incólumes, se ela sobreviver.

— Prometo — murmurou Cassandra.

— E se eu morrer quero que este arco fique para ti; vê, tenho até umas quantas flechas dos Centauros, aqui no fundo da aljava. A maioria das minhas mulheres usa agora flechas de ponta metálica, pois elas conseguem perfurar armaduras como a minha; mas as flechas dos Centauros... conheces o segredo da sua magia, Cassandra?

— Sim... sei que usam veneno...

— Sim. Venenos pouco conhecidos, extraídos da pele dos sapos — disse Pentesileia

— matam mesmo com um ferimento ligeiro. Poucos dos teus inimigos, mesmo sendo aqueus, usarão armaduras dos pés à cabeça. Estas flechas são, digamos, uma forma de contrabalançar a desvantagem que as mulheres têm em termos de tamanho e força.

— Recordarei disso — disse Cassandra, mas rogo aos Deuses para que não herde nem as tuas mulheres nem o teu arco e para que tu uses as tuas armas até que estas sejam depostas no teu túmulo.

— Mas no túmulo o meu arco não servirá de nada para ninguém — disse Pentesileia.

— Quando eu tiver partido fica com ele, Cassandra, ou o depõe no altar da Virgem Caçadora. Promete!

SETE

Os Aqueus não fizeram qualquer tentativa para quebrar a trégua durante os sete dias dos jogos fúnebres de Pátroclo, nem durante os três dias seguintes, dedicados ao banquete em que foram distribuídos os prêmios. Cassandra não assistiu nem aos jogos nem ao banquete, mas soube o que se passara através de Enéias. Este vencera o lançamento do dardo e ganhara uma taça de ouro. Heitor estava desapontado pois entrara nas competições de luta e fora batido por um capitão aqueu chamado Grande Ájax, mas sentira-se um pouco mais confortado pelo fato do seu filho, Astíanax, ter ganho a corrida pedestre para rapazes, apesar de ser o menor de todos os concorrentes.

— O que foi que ele ganhou? — perguntou Cassandra.

— Uma túnica de seda do Egito tingida de carmim; fica-lhe muito grande e é boa demais para ser cortada no seu tamanho, mas poderá usá-la quando for crescido — disse Enéias. — E no fim do banquete eles agradeceram a nossa companhia durante os jogos e disseram que nos encontraríamos no campo de batalha pela manhã. Por isso vamos dormir, amor, pois a trompa do despertar soará uma hora antes do nascer do dia.

Esticou os braços, puxando-a para si e ela envolveu-o nos seus, alegremente.

Mas no momento seguinte perguntou:

— Aquiles estava lá?

— Sim. A morte de Pátroclo ainda o enfureceu mais do que qualquer dos insultos de Agamenon — disse Enéias. — Devias tê-lo visto a olhar para Heitor; era como se fosse uma Górgona e pudesse transformar o teu irmão em pedra. Sabes que eu não sou nenhum covarde, mas ainda bem que não é meu destino ter de defrontar Aquiles.

— Ele é louco! — disse Cassandra com um estremecimento, depois impediu a continuação da conversa puxando a cabeça de Enéias para si e

beijando-o. Adormeceram nos braços um do outro; mas passado algum tempo, Cassandra teve a sensação de que acordava e se erguia... não, pois ao olhar para trás podia ver-se ainda na cama, enlaçada pelos braços de Enéias.

Leve como um fantasma flutuou através do templo pairando sobre os quartos das amazonas, onde estas, ainda acordadas, afiavam as suas armas; flutuou até ao palácio e entrou nos quartos habitados por Páris e Helena. Páris estava profundamente adormecido e Helena, com o rosto manchado de lágrimas, vagueava pelo quarto onde tinham morrido os seus filhos. *"Ela ainda tem Páris; mas será o suficiente? Se formos derrotados, que lhe acontecerá? Menelau a arrastará até a Esparta só para matá-la? "* Por instantes pareceu a Cassandra que via os capitães aqueus tirarem a sorte pelas mulheres conquistadas, arrastando-as para bordo dos barcos negros que enchiam o porto repleto de lixo e horror...

Não, aquilo não passava de um sonho, poderia até nunca vír a acontecer. A morte de Pátroclo e o regresso de Aquiles tinham, de alguma forma, mudado o curso das correntes do que poderia estar para vir, ela sabia; agora até os Deuses teriam de fazer novos planos. A noite parecia brilhar com reflexos de luar e ela tinha a sensação, enquanto deslizava como um fantasma na direção do acampamento aqueu, de que grandes silhuetas flutuavam no escuro. Sabia que nenhum ser mortal poderia vê-la no seu presente estado, mas os Deuses poderiam avistá-la enquanto espiava aquele mundo de fantasmas...

Não fazia idéia de para onde ia, mas sem saber porque, era impelida por uma firme determinação. Demorou-se por alguns momentos na tenda de Agamenon, onde ele, deitado, dormia. Na realidade ele não era maior do que o normal, era apenas um homem de constituição estreita e aspecto perverso, com uma expressão preocupada no rosto. Aquele homem era casado com a irmã de Helena e oferecera a sua própria filha num sacrifício, em troca de um vento favorável... Exigiriam realmente os Deuses dos Aqueus atos tão odiosos ou teriam eles sacerdotes que o afirmavam para servir aos seus próprios interesses corruptos? Supunha que um homem perverso era perverso em qualquer lugar e entre os Aqueus isso devia ser ainda mais fácil. Enquanto pairava, ele virou-se de barriga para cima e abriu

os olhos; Cassandra teve a sensação de que ele podia vê-la e talvez, se ele estivesse a sonhar, isso fosse possível.

Ele disse num murmúrio, apesar dela pensar que não chegara a falar:

— Foste enviada para me tentar, virgem?

Ela respondeu:

— Tu estás apenas a sonhar que eu estou aqui. Sou o espírito da filha que enviaste para a morte; que os Deuses te enviem sonhos maus.

Flutuou através da parede da tenda e, atrás de si, ouviu-o berrar num despertar súbito e aterrorizado. Não gostaria de estar no seu lugar naquela noite. Continuou a avançar e deu por si na tenda de Aquiles. O príncipe aqueu estava acordado, deitado de costas, os olhos bem abertos e, jazendo sobre uma padiola do outro lado da tenda, estava o corpo de Pátroclo. Cassandra não entendeu; decerto ele deveria ter sido cremado ou sepultado ou mesmo exposto às grandes aves de rapina, como era costume em algumas tribos das grandes estepes. Porém, o corpo tinha sido embalsamado e Aquiles mantinha-se em vigília ao seu lado. Os seus estranhos olhos claros estavam inchados como se houvesse estado a chorar durante muito tempo, e naquele momento chorava audívelmente.

— Oh, mãe! — gritou ele por entre os soluços e Cassandra não fazia idéia se ele estaria a invocar a sua mãe terrena ou uma Deusa. — Oh, mãe, disseste-me que o Deus dos Trovões me prometera honra e glória, e vê o que me aconteceu: fui escarnecido por Agamenon... e agora o meu único amigo deixou-me!

Ela pensou: *"Devias ser o tipo de pessoa que consegue ter mais do que um amigo na vida. "* Ouviu-o gemer de novo, sem articular palavra, e depois gritar para Pátroclo:

— Como pudeste abandonar-me? E que irei eu dizer ao teu pai? Ele disse que ficasses em casa e cuidasses dos assuntos do teu próprio reino; mas eu prometi-lhe que nada de mal te aconteceria e que te levaria de volta a casa

coberto de honra e de glória! Sim, te levarei para casa, mas já não há para ti honra ou glória, agora. — Os seus soluços tornaram-se incontroláveis.

Por instantes Cassandra quase sentiu pena do desgosto do príncipe aqueu, mas conhecia muito bem a sua louca volúpia nas batalhas. Matava sem piedade, infligindo tanto sofrimento quanto lhe era possível, mas quando chegava a sua vez de sofrer, era escassa a sua bravura. Se ele tivesse avançado e lutado por si próprio, nada daquilo teria acontecido; Pátroclo tinha sido morto por se encontrar onde Aquiles deveria ter estado. Subitamente entendeu o que viera ali fazer.

— Aquiles — chamou ela baixinho, imitando o sotaque que ouvira no acampamento

aqueu.

Ele sentou-se, olhando em volta, revirando os olhos de pavor.

— Quem me chama?

— Os fantasmas não têm nome — disse ela, engrossando a voz. — Pertenço ao mundo dos mortos.

— És tu, Pátroclo? Por que vieste assombrar-me, meu amigo? Por que permaneces aqui em lugar de buscares o teu repouso?

— Enquanto permanecer insepulto não poderei repousar; o meu espírito continuará aqui para assombrar aqueles que planejaram a minha morte.

— Então vai-te e assombra o troiano Heitor! — gritou Aquiles, aterrorizado, os olhos quase a saltar das órbitas. — Foi a espada dele que te tirou a vida, não a minha!

— Pobre de mim — gemeu Cassandra — permaneço aqui por ter sido morto quando usava a tua armadura e no lugar que, na batalha, deveria ter sido teu — e depois, com súbita inspiração: — Já não me amas por eu ter passado as portas da morte?

Aquiles uivou.

— Os mortos não têm mais lugar entre os vivos; não me censures ou morrerei de desgosto!

— Eu não te censuro — gemeu Cassandra numa voz sepulcral. — Deixo isso à tua consciência; tu sabes que eu morri a morte que deveria ter sido a tua.

— Não! — gritou Aquiles. — Não! Não vou ouvir isto! Socorro! Guardas!

"Que demônio!", pensou ela. *"Será que ele acredita realmente que os guardas poderão expulsar um fantasma? "* Quatro homens armados irromperam pela tenda.

— Chamaste-nos, meu príncipe? — perguntou o primeiro deles, evitando olhar para o local onde jazia o corpo de Pátroclo.

— Revistem o acampamento — ordenou Aquiles. — Houve um intruso qualquer que entrou sem ter sido visto e que me disse coisas horríveis com a voz de Pátroclo. Encontrem-no e arrastem-no para aqui, e eu lhe tirarei os olhos e os porei a assar espetados num pau! Lhe arrancarei o estômago e o fritarei perante os seus olhos! Eu... mas primeiro encontrem-no! — Ergueu o punho e os homens saíram precipitadamente.

Concluída a sua missão, Cassandra flutuou atrás deles e ouviu um dizer:

— Eu sabia! Ele tem estado maluco desde que se fechou na tenda e isto ainda o afastou mais do juízo, é o que é.

— Achas que há mesmo um espião?

— Eu não me cansaria muito à procura dele, rapaz — disse com cinismo aquele que falara primeiro. — Dentro do seu pobre cérebro doente, era aí que vocês encontrariam o intruso.

Cassandra teria dado uma gargalhada se pudesse. Como um nevoeiro fantasmagórico, moveu-se ao longo da colina até aos cumes ventosos de Tróia, e silenciosamente deslizou para baixo, fundindo-se com o seu corpo, ainda envolvido pelos braços de Enéias.

Dormiu um sono sem sonhos.

Agora que tinha um homem entre os guerreiros, Cassandra sentia mais fortemente do que nunca o impulso que enviava as mulheres para as muralhas para assistir aos combates. Deixava Fílidas a tratar das serpentes e às outras sacerdotisas a tarefa de curar os feridos. Naquela manhã a fila de carros parecia ter uma pintura mais brilhante e mais polida, as armas fulgindo numa ameaça mais terrível que nunca. Heitor seguia à frente, flanqueado por Enéias e Páris, equipados e imponentes como se fossem os Deuses da Guerra em pessoa. Atrás da fila de carros de combate vinham as longas fileiras de soldados apeados com as suas armaduras de cabedal polido, os seus dardos e lanças. Ela pensou que se se encontrasse entre os Aqueus, e visse aproximar-se aquela hoste impressionante, era muito bem capaz de fugir.

As tropas argivas, já alinhadas ao longo das trincheiras que haviam construído entre a planície e a praia onde os seus navios estavam acostados, não vacilaram nem mesmo quando Heitor deu ordem para carregar e soou o grito de guerra troiano. Os carros de combate precipitaram-se, em frente e com estrondo, na direção das fileiras argivas que se mantinham firmes. Os Aqueus soltaram uma chuva de flechas e, num movimento concertado, os escudos

Troianos ergueram-se; a maior parte das flechas caiu inofensiva sobre o teto assim formado pelos escudos Troianos. Uma segunda chuva de flechas seguiu de imediato a primeira; um ou dois soldados caíram entre as fileiras ou cambalearam para fora delas, regressando às muralhas; mas isso não interrompeu a carga dos carros de combate.

Um grande grito soou entre os dois exércitos; no alto das trincheiras erguia-se um grande carro de combate em bronze, adornado por asas douradas e um sol raiado e, dentro dele, encontrava-se uma figura brilhante: Aquiles entrara na batalha, dominando as fileiras dos Aqueus como um galo domina uma capoeira. Toda a gente de ambos os lados da batalha parecia, por contraste, menor e baça.

Gritando, ele ergueu o seu poderoso escudo e lançou-se à toda a velocidade pelas trincheiras abaixo, como uma Fúria, em direção a Heitor. Saltando do

carro de combate, gritou o seu desafio. Heitor estava pronto para aceitá-lo. Lançou o seu dardo, que foi repelido pelo escudo de Aquiles; depois, com a espada numa mão e o escudo na outra, envolveu-se rapidamente em combate com Aquiles. Mesmo do local onde se encontrava, Cassandra sentiu o choque daquela primeira investida, que fez ambos os homens recuarem, cambaleantes, vários passos.

Sabia que Andrômaca estava ao seu lado, apertando com tal força o seu braço que as suas unhas se enterravam na pele de Cassandra. Aquela batalha tornara-se inevitável a partir do momento em que Pátroclo fora morto.

Cassandra soltou um grito de excitação. Atrás dos soldados que avançavam por entre os carros para apanhar os soldados aqueus, vinham os cavalos das Amazonas. As suas flechas e espadas liquidaram muitos dos soldados apeados. Heitor, defrontando-se com Aquiles, parecia agora mais alto e mais poderoso; Cassandra sentiu que aquele não era o seu irmão, quem ali se encontrava era o esplendoroso Deus da Guerra em pessoa. Heitor feriu Aquiles e o aqueu tombou. Os vivas soltados pelas fileiras troianas pareceram reanimá-lo e ele pôs-se novamente de pé, fazendo Heitor recuar até ao seu carro. O príncipe troiano saltou para o carro e lutava com Aquiles de cima do estribo; depois, fazendo o carro girar sobre si próprio, derrubou Aquiles quando este se lançava sobre ele. Aquiles se recuperou e lançou o seu dardo. Este foi repelido pela armadura de Heitor, mas seguiu-se uma estocada com a espada que o atingiu no pescoço. Heitor tombou dentro do carro. Troilo agarrou as rédeas e, derrubando Aquiles de novo, lançou-se em disparada em direção às muralhas. As Amazonas carregaram então sobre Aquiles com as suas lanças, mas este estava rodeado por, pelo menos, duas dúzias dos seus *Mirmídones,* que formavam em torno dele uma sólida parede de escudos. As Amazonas viram-se forçadas a recuar, pois embora tivessem abatido dez ou doze dos

homens de Aquiles, surgiam sempre mais.

Os*Mirmídones* alcançaram o carro de combate de Heitor quando este já se encontrava sob as muralhas de Tróia. Depois, atrás deles, acorreu Aquiles, em disparada no seu próprio carro puxado por um só cavalo; ele soltara o outro.

Lançou deliberadamente o seu carro contra o de Heitor, lançando ao chão o jovem Troilo. O rapaz aterrou de pé e foi submerso por um enxame de *Mirmídones*. Andrômaca gritava. Cassandra virou-se para acalmá-la e quando olhou de novo, Aquiles tomara as rédeas do carro de Heitor e precipitava-se de regresso às linhas aquéias com Heitor, ou o seu cadáver, ainda lá dentro.

Troilo lutava defendendo a sua vida. Uma das amazonas acorreu e matando três dos homens de Aquiles, içou Troilo para a sela. Páris e Enéias haviam se lançado na perseguição de Aquiles, mas os homens no topo das trincheiras repeliam-nos com aquilo que parecia ser uma parede de dardos, nos quais os seus cavalos ficavam empalados. A carga das Amazonas rompeu a parede de dardos e salvou Páris e Enéias, mas os seus carros virados ficaram nas mãos dos Aqueus. Aquiles, com Heitor e o seu carro, desaparecera de vista. Mesmo a coberto de uma chuva de setas disparadas do alto das muralhas, foi necessária uma hora de árduo combate para que os Troianos conseguissem abrir caminho até os portões; Andrômaca foi ter com eles.

— Não conseguiram recuperar o seu corpo? — berrou ela. — Deixaram-no nas mãos

deles?

— Fizemos o que pudemos — disse Páris; tinha perdido a maior parte da sua armadura e apoiava-se no seu amigo, sangrando de um grande golpe de espada numa das coxas. — Mas com Aquiles a comandar os seus homens...

— Aquiles! Maldito seja para sempre! Que os seus ossos apodreçam insepultos nas margens do Estige! — Andrômaca soltou um enorme grito selvagem de lamento: — Heitor está morto! Que Tróia pereça agora, realmente!

Hécuba juntou-se aos lamentos:

— Ele está morto! O maior dos nossos heróis está morto! Morto ou nas mãos dos Aqueus...

— Oh, ele está mesmo morto — disse Enéias, carrancudo.

— Irrita-me ter de admiti-lo, mas sem a carga das Amazonas estaríamos todos mortos — disse Deífobo, que tirara Troilo da sela da amazona e o levava meio ao colo examinando os seus ferimentos. Hécuba correu para ele e tomou-o nos braços, chamando um sacerdote-curandeiro.

— Ah, os meus filhos! Meu Heitor! O meu primogênito e o meu mais novo, perdi os dois numa só hora! Ah, a mais fatal de todas as batalhas! Já começou! — uivou Hécuba e tombou sem sentidos.

Cassandra correu a ajoelhar-se a seu lado, aterrorizada, pensando que o choque matara a sua mãe também.

— Não, Troilo está vivo — disse Enéias, erguendo com gentileza a velha mulher. — Tens de ser forte, mãe; ele precisará dos teus bons cuidados se não o quiseres perder também.

Entregou Troilo a um sacerdote-curandeiro que o reanimou com um gole de vinho, examinando depois os seus ferimentos. Mulheres passavam vinho em volta, Enéias pegou numa das taças e bebeu-a de um só trago.

— Acho que amanhã vou fazer cuidadosamente pontaria a Aquiles daqui das muralhas e tentar mandá-lo para fora do campo, antes mesmo de nos aventurarmos a sair.

— Ele não pode ser morto dessa forma — disse Deífobo. — Aquela armadura dele foi forjada por um Deus; as flechas ressaltam nela como se fossem de galhos!

— Não foi forjada por um Deus — disse Pentesileia — mas sim forjada em ferro maciço. Fazes alguma idéia do que aquilo deve pesar? Nem as flechas das minhas mulheres, que têm pontas de metal, conseguem penetrar nela.

Páris disse com ódio:

— Há uma velha lenda segundo a qual Aquiles está protegido por feitiços para que nenhum ferimento infligido por um mortal o possa tombar.

— Deixa-me só conseguir que uma arma chegue à sua pele —disse Enéias — garanto-te que o mato. Mas temos de ir lá acima dar a notícia a Príamo... a pior noticia do ano inteiro.

Cassandra disse entredentes:

— Já devíamos estar à espera que isto acontecesse. Heitor matou Pátroclo. Aquiles estava pronto para atacá-lo no momento em que ele pôs os pés fora da muralha. Isto não foi um ato de guerra, foi assassínio. — E em silêncio pensou se a diferença seria assim tão grande.

— Temos de ir ter com Aquiles imediatamente — disse Enéias — talvez mesmo antes de irmos dizer ao nosso pai, e pedir uma trégua para sepultar e chorar o nosso irmão.

— Pensas realmente que eles a concederão? — perguntou Páris, com sarcasmo. — Tens deles uma opinião muito boa.

— Têm de conceder! — disse Enéias. — Nós demos uma trégua para os jogos fúnebres de Pátroclo.

— Se for necessário — disse Andrômaca — eu própria me irei ajoelhar perante

Aquiles e implorar-lhe que me devolva o corpo do meu marido.

— Eles o devolverão — disse Enéias. — Aquiles está sempre a falar da honra.

— Só da honra dele, segundo entendi — disse Cassandra.

— Bem, então a sua própria honra irá forçá-lo a agir honradamente — disse Enéias. — Eles conhecem-me; deixem-me ir lá então, com uma delegação da guarda do próprio Heitor para trazer o seu corpo para casa.

— Temos de dizer ao pai primeiro — disse Troilo, erguendo-se depois de ter recebido os cuidados do curandeiro, muito pálido e com a cabeça envolta em ligaduras. — Se quiserem, eu digo. Sou eu o culpado: deixei-o cair nas mãos de Aquiles.

Hécuba abraçou-o fervorosamente.

— Não te culpes, meu amor. Regozijo-me por não o teres seguido na morte. Mas sim, vai ter com Príamo; nada o poderá confortar da perda do nosso primogênito senão saber que ainda somos abençoados com um filho...

— Eu vou dizer-lhe — disse Páris. — Mas primeiro reúnam todos os meus irmãos; todos aqueles de nós que ainda vivemos, iremos diante dele prontos para confortá-lo.

— E eu — disse Cassandra — eu irei ao Templo da Virgem avisar Políxena; ela e Heitor eram quase da mesma idade e gostavam muito um do outro.

Começavam a preparar-se para ir cumprir as suas diversas tarefas, quando Andrômaca se aproximou da muralha e soltou um grito agudo e descontrolado.

— Ah, o demônio, o monstro! Que estará ele a fazer agora?

— Quem? — perguntou Cassandra, mas já sabia a resposta: demônio, monstro, só podia ser uma pessoa. Correu para a muralha.

O sol ia alto. Ainda não era meio-dia; mas a eles parecia que a grande batalha a que haviam assistido durara metade do dia. Havia uma grande nuvem de poeira na planície diante de Tróia; dissipou-se um pouco e ela pôde ver o carro de Aquiles, com o próprio Aquiles de pé em cima dele, conduzindo a sua parelha de cavalos. E no meio do pó, presa à traseira do carro, uma figura cuja identidade era claramente revelada pela armadura.

— Heitor! Mas o que anda ele a fazer? — perguntou.

Era por demais evidente o que ele estava a fazer: arrastava o cadáver de Heitor na poeira, atrás do seu carro, enquanto descrevia violentos círculos em volta da planície. Os Troianos olhavam-no petrificados de horror.

— Céus! — disse Cassandra — mas ele é louco! Eu pensei... — Ela pensara que o chamavam de louco retoricamente, mas não havia dúvida de que um

homem que aviltava assim o corpo de um inimigo morto (mesmo de um inimigo que tivesse morto o seu amigo

mais querido) devia ser realmente louco.

"Deuses, ele não pode ser deixado à solta sem vigilância", pensou, com um arrepio.

Enéias disse:

— Céus, isto ultrapassa os limites da vingança! O homem é desumano.

— Enlouquecido pelo desgosto, talvez — disse Cassandra. — Ele amava Pátroclo para lá do que é razoável e quando o seu amigo morreu, quebrou-se o último dos laços que o prendiam à sanidade.

— Ainda assim, temos de pôr um fim a isto — disse Enéias. — Temos de enviar uma mensagem aos Aqueus (Odisseu, pelo menos, é um homem razoável) e recuperar o corpo de Heitor antes que a notícia chegue aos ouvidos do seu pai.

— Quer dizer — disse Andrômaca, cerrando os punhos — que eu tenho de ficar aqui a assistir a isto sem enlouquecer de dor; mas Príamo, que é homem e é rei, tem de ser poupado até mesmo ao relato, quanto mais à visão... — Lançou a cabeça para trás e gritou: — Irei eu própria lá abaixo, se a isso me vir forçada, e com uma chibata convencerei aquele homem de que não pode fazer isto diante dos olhos de toda a família de Heitor!

— Não! — disse Páris, abraçando-a com suavidade. — Não, Andrômaca, ele não te daria ouvidos. Digo-te: ele é louco.

— Será? Ou estará ele a fingir ser louco para que nós lhe ofereçamos um resgate maior pelo corpo de Heitor? — perguntou Andrômaca.

Cassandra não pensara nisso. Por fim, Troilo, levando consigo mais dois ou três dos filhos de Príamo, foi dizer ao rei que Heitor morrera, enquanto Páris e Enéias se armavam e saíam num carro de combate com o arauto favorito de Príamo. Em vão tentaram fazer com que Aquiles os ouvisse,

mas ele limitou-se a continuar chicoteando os cavalos num frenesi e recusou-se a escutar uma única palavra do que o arauto dizia.

Passado algum tempo eles pararam e conferenciaram entre si, dirigindo-se depois ao acampamento aqueu para falar com Agamenon e os outros capitães. Algum tempo depois, parecendo desanimados, regressaram a Tróia.

Andrômaca correu para eles.

— Que disseram eles? — perguntou, embora fosse óbvio que não haviam sido bem sucedidos.

Embaixo, na planície, o carro de Aquiles continuava a arrastar o cadáver em círculos. Parecia ter a intenção de continuar pelo menos até ao pôr do sol e talvez durante mais tempo.

Enéias disse:

— Eles não farão nada para deter Aquiles. Disseram que ele é o seu chefe e que fará o que lhe apetecer com os seus cativos e prisioneiros. Ele matou Heitor e o corpo pertence-lhe; se vai trocá-lo por um resgate ou não, é uma escolha sua.

— Mas isso é monstruoso! — disse Andrômaca. — Vocês não hesitaram em conceder-lhe uma trégua para chorar Pátroclo! Como podem eles fazer isto?

— Eles não queriam fazê-lo — disse Páris. — Agamenon nem conseguia olhar-me de frente. Ele sabe que estão a violar todas as regras da guerra, regras que eles próprios fizeram e as quais nós concordamos em respeitar. Mas sabem que não têm possibilidades de triunfar sem Aquiles; fizeram-no zangar-se uma vez e não se arriscarão a que ele se zangue de novo.

O sol baixara consideravelmente e a planície de Tróia estava agora, em grande parte, coberta pelas longas sombras das muralhas. Páris disse:

— Só há então uma coisa a fazer: ir lá embaixo e lutar pelo seu corpo. — Chamou a ordenança e começou a vestir a armadura.

— Chamem as Amazonas; a sua carga e as suas flechas poderão cobrir-nos. Elas são combatentes ferozes, mais ferozes do que qualquer homem — disse Enéias. — Sacrificarei o meu melhor cavalo ao Deus da Guerra se Ele nos conceder a graça de recuperar o corpo de Heitor.

— Eu sacrificarei mais do que isso se Ele me der Aquiles — disse Páris. — Heitor e eu nunca fomos muito chegados, mas ele era o meu irmão mais velho e eu o amava e mesmo que não amasse, os deveres de família não me permitiriam que ficasse a ver o seu cadáver ser desonrado. Nem mesmo Aquiles pode ter desavenças com os mortos.

Cassandra disse:

— Recordo-me de Heitor ter dito que ele e Pátroclo teriam muito o que conversar no

Além.

— Sim — disse Enéias gravemente. — Se Aquiles parasse para pensar, saberia que Heitor e o amigo dele celebrarão lado a lado, como camaradas, nos salões do Além.

— Estou certo de que não é da vontade de nenhum Deus que eu encontre Aquiles e seja camarada dele do outro lado da morte! — disse Páris com ferocidade. — Ou juro que, a não ser que eu aprenda lá algo que não me tenha sido dado a conhecer nesta vida, destruirei a paz daquele mundo quando lá encontrar Aquiles

— Oh, *sssh!* — disse Enéias. — Nenhum de nós sabe o que pensará ou fará quando tiver passado essas portas; mas neste mundo a todos nós foi convenientemente ensinado que a inimizade termina com a morte e o que Aquiles está a fazer agora é um ultraje e uma atrocidade, além de ser, pura e simplesmente, falta de educação. Ele devia demonstrar respeito por um inimigo morto; tu sabes, eu sei e os outros aqueus sabem. E dou-te a minha palavra, se

Aquiles não sabe, terei todo o prazer em dar-lhe uma lição, aqui e agora. Os soldados estão armados e prontos?

— Sim — gritou Páris. — Abram os portões!

Príamo caminhou vagarosamente por entre as fileiras e dirigiu-se à muralha onde se encontravam as mulheres. Ele próprio estava pálido como um morto, pensou Cassandra, e estivera a chorar.

— Se recuperares o corpo do meu filho para que seja dignamente sepultado — disse, quando Enéias passou por ele a caminho dos portões — escusado será dizer que poderás pedir qualquer recompensa.

Enéias ajoelhou-se por instantes diante dele e beijou a mão do velho homem.

— Pai, Heitor era meu cunhado e meu irmão de armas; não quero qualquer recompensa por fazer por ele aquilo que, tenho a certeza, ele seria o primeiro a fazer por mim.

— Então, que as bênçãos de todos os Deuses que eu possa invocar desçam sobre ti — disse Príamo e Enéias ergueu-se, dando-lhe um rápido abraço e beijando-o na face. Depois largou-o e desceu com os homens para o portão. Quando Troilo tentou juntar-se a eles, Hécuba gritou:

— Não! Tu também, não! — e agarrou-o pela túnica, mas Troilo soltou-se e Príamo fez sinal à rainha para que o deixasse ir.

Hécuba deixou-se cair, chorando.

— Velho cruel! Pai desnaturado! Perdemos hoje um filho; queres perder outro?

— Ele não é nenhuma criança — disse Príamo. — Ele quer ir, não o proibirei. Não o forçaria se ele procurasse um pretexto para ficar; devias ter orgulho nele.

— Orgulho! — rugiu ela, olhando para baixo, enquanto os carros se lançavam para fora dos portões. — Há mais do que um homem louco, aqui!

OITO

Cassandra já vira as Amazonas lutar muitas vezes; desejou poder estar a cavalgar ao lado delas. Porém, se achara violenta a luta daquela manhã, essa não fora nada em comparação com a ferocidade daquela batalha para recuperar o corpo de Heitor.

A todo o momento os soldados Troianos faziam algo que se assemelhava a uma carga suicida contra o carro de Aquiles, tentando virá-lo ou despistá-lo e cortar a corda que prendia o corpo; mas apesar do esforço conjunto dos soldados de Heitor e das Amazonas, não conseguiam chegar perto dele. Parecia que o próprio Deus da Guerra acompanhava Aquiles e mais de uma dúzia de soldados e sete amazonas morreram naquelas investidas, antes de serem finalmente afastados pela chegada dos aurigas de Agamenon (comandados por Diomedes) e dos melhores arqueiros espartanos.

Quando a escuridão já quase não permitia ver, os Troianos se retiraram por fim e quando Troilo tombou, atingido por uma flecha disparada por Aquiles, Enéias gritou finalmente para suspender o ataque, levando Troilo para o interior das muralhas.

— Ele não queria viver — chorou Hécuba sobre o seu corpo. — Ele culpava a si próprio... eu ouvi... pela morte do irmão...

Sob o pôr do sol ardente, a nuvem de poeira atrás do carro de Aquiles não parecia diminuir.

— Parece que ele tem intenção de continuar com aquilo toda a noite — disse Páris. — Não há mais nada que possamos fazer.

— Eu consigo, provavelmente, ver melhor no escuro do que os cavalos dele — disse Enéias. — Podíamos tentar de novo quando a lua surgisse...

— Não há razão para isso — disse Pentesileia. — Tens um irmão para sepultar e chorar agora; amanhã haverá tempo para pensar de novo em Heitor.

Hécuba, ajoelhada diante do cadáver de Troilo, ergueu o rosto inchado pelas lágrimas parecendo ter, subitamente, envelhecido vinte anos.

— Se for preciso eu irei ao encontro de Aquiles para lhe implorar, pelo amor da sua própria mãe, que me deixe sepultar o meu filho. Certamente ele tem uma mãe e a respeita.

— Achas realmente que algo de humano deu à luz aquele monstro? — disse Andrômaca, chorando. — Decerto que ele foi tirado de um ovo de serpente!

— Como possuidora de serpentes e em seu nome, acuso esta ofensa—disse Cassandra. — Nunca serpente alguma foi caprichosamente cruel; elas matam apenas para comer ou defender as crias e nunca nenhuma serpente fez guerra contra outra, fosse qual fosse o Deus a quem serviam.

— Deixemos isso por esta noite — disse Andrômaca. — Talvez o novo dia o devolva

à razão.

Voltou às costas à muralha, evitando deliberadamente olhar para a imagem do carro de Aquiles e para a nuvem de poeira que ocultava o corpo de Heitor.

Ergueu delicadamente Hécuba pelo braço e, observou Cassandra, tomou sobre si grande parte do peso da mulher mais velha. Juntas, subiram a a rua íngreme em direção ao palácio.

Cassandra curvou-se sobre o corpo sem vida de Troilo. Recordou-se de quando ele nascera, o bebê de rosto doce e vermelho que ele era, guinchando e golpeando o ar com os seus pequenos punhos. Como a sua mãe implorara outro filho e como ficara feliz quando ele nascera! Mas também, ela sempre ficara feliz com qualquer filho nascido no palácio, mesmo os nascidos das concubinas; a rainha era sempre a primeira a tomar qualquer bebê nos braços, por mais humilde que fosse a mãe.

Bem, ela prometera ir falar com Políxena; subiu lentamente as ruas íngremes da cidade, em direção ao Templo da Virgem. Com os ventos que

sopravam àquela altitude a açoitar-lhe a capa e o cabelo, alcançou o pátio exterior onde se erguia a estátua da Virgem.

Vivera já tantos anos como sacerdotisa, que quase deixara de se preocupar com a natureza dos Deuses e Deusas, fossem eles oriundos de algum lugar extra-humano ou de uma espécie de alma humana coletiva buscando celebrar as mais altas virtudes e aquilo que nela existia de divino. Porém agora, olhando o rosto sereno da Virgem, essas questões surgiam-lhe de novo: seria possível alguém, humano ou divino, vir ao mundo sem ser através de uma mãe, e não seria esse próprio conceito uma blasfêmia contra tudo o que existia de divino? Ela não dera à luz nenhuma criança, mas no entanto, dentro de si, uma insatisfeita paixão pela maternidade trouxera Honey para os seus braços, e sabia que a protegeria com a sua própria vida como faria qualquer outra mãe.

Partilhava agora com a sua própria mãe uma dor intensa. Sentia-se culpada por ter subestimado Aquiles; deveria saber que a sua loucura o tornava ainda mais perigoso, da mesma forma que o cão de uma casa se pode tornar feroz e traiçoeiro.

Porém, se tivesse feito o aviso, não teria sido escutada.

Uma das servas do santuário reconheceu-a e veio perguntar-lhe, com toda a deferência, se poderia fazer alguma coisa pela filha de Príamo.

— Desejava falar com a minha irmã Políxena — disse ela, e a mulher foi chamá-la imediatamente.

Não tardou a ouvir passos e Políxena entrou na sala, gritando ao ver a expressão de Cassandra.

— Trazes más notícias, irmã! Foi a nossa mãe, o nosso pai...???

— Não; eles ainda estão vivos — disse Cassandra — embora não saiba o que estas notícias irão provocar-lhes mais tarde.

Políxena, que era agora uma mulher alta, quase a chegar aos trinta anos, continuava a ter um rosto suave de criança. Aproximou-se e abraçou

Cassandra, chorando.

— O que queres dizer com isso? Diz-me.

— Heitor... — disse Cassandra, e sentiu-se quase à beira das lágrimas. Pior! — disse. — Não apenas Heitor, mas também Troilo. — A sua garganta apertou-se e mal conseguia falar. — Ambos mortos no espaço de uma hora, nas mãos de Aquiles e aquele louco anda a arrastar o cadáver de Heitor atrás do seu carro e recusa-se a ouvir falar em entregar o corpo para ser sepultado...

Políxena rebentou num pranto e as duas irmãs agarraram-se uma à outra, unidas como nunca mais haviam estado desde que eram criancinhas.

— Irei imediatamente — disse Políxena. — A mãe vai precisar de mim; deixa-me só ir buscar a minha capa.

Desapareceu apressadamente e Cassandra pensou, com mágoa, que o que ela dissera era verdade; ela não conseguia consolar a mãe. Até mesmo Andrômaca era mais chegada a Hécuba do que ela. Toda a sua vida fora assim: de todos os filhos, Heitor era quem mais próximo estava do coração dos seus pais e ela, Cassandra, a menos amada. Seria apenas por ela ter sido sempre tão diferente dos outros?

Sentia um enorme desgosto por não ser capaz de dar apoio à mãe, mesmo naquele terrível momento. Pelo fato de conseguir sempre manter a compostura e não ficar fora de si com o desgosto, nunca ocorrera a ninguém que também ela necessitava ser consolada. Sabia que a sua insondável tristeza, isenta de lágrimas, se afigurava à sua mãe como frieza e desumanidade, nada próprias do caráter de uma mulher.

Políxena voltou com o manto claro das sacerdotisas, trazendo algo amarrado à cintura com um pano. Os olhos dela estavam vermelhos, mas parara de chorar; porém Cassandra sabia que ela iria chorar novamente quando visse as lágrimas da mãe.

“Quem me dera ser capaz; Heitor merece todas as lágrimas que possamos verter por ele. ” E perguntou-se, desesperada: *“Que haverá de errado*

comigo para, com todo o meu desgosto, não ser capaz de chorar pelo meu irmão mais querido? ”

Porém, no seu íntimo, uma vozinha racional dizia: *“Heitor era um tolo; sabia que Aquiles era um louco que não respeitava quaisquer regras civilizadas de guerra e mesmo assim, em nome de algo a que chamava honra, lançou-se para a morte. Essa honra era mais importante para ele do que a vida, ou do que Andrômaca ou do que o seu filho, ou do que a idéia da dor que os seus pais iriam sentir. ”* E apesar do horror de tudo aquilo ela não conseguia sentir qualquer angústia ou desgosto adicionais pelo que Aquiles tinha feito ao cadáver. Heitor estava morto e isso era suficientemente mau. O que poderia torná-lo pior?

“E todos nós vamos morrer, de qualquer forma e só muito poucos de forma tão rápida e misericordiosa. Por que não havemos de regozijarmo-nos por lhe terem sido poupados maiores sofrimentos? ”

Políxena estendeu o pano para Cassandra e ela sentiu algo duro dentro dele.

— São as jóias que possuo — disse ela. — O pai pode precisar delas para resgatar o corpo de Heitor. Aquiles é tão ávido de ouro como daquilo a que ele chama glória; talvez isto ajude.

— Ele pode contar com as minhas, também — disse Cassandra — embora eu tenha poucas: só os meus anéis e as pérolas de Cálcis.

Desceram juntas a encosta em direção ao palácio. Estava a fazer-se tarde; o sol, já baixo, escondia-se atrás de um espesso banco de nuvens e o vento agreste transportava um cheiro de chuva. Na planície não havia sinais do carro de Aquiles. Pelo menos por essa noite desistira da sua medonha vingança.

— Talvez eles façam uma incursão noturna para recuperá-lo — disse Políxena. — Ou então, se chover, talvez Aquiles concorde em aceitar um resgate; não vai querer conduzir um carro de combate durante o dia inteiro no meio de uma tempestade.

— Não me parece que isso lhe faça grande diferença — disse Cassandra. — Parece-me que a atitude mais sensata seria aceitar isto e fazer o que ele menos espera: deixá-lo ficar com o cadáver de Heitor e amanhã, então, reunir todas as nossas forças e lançar tudo quanto temos numa tentativa conjunta para matar Aquiles e Agamenon e talvez também Menelau.

Políxena olhou para ela, profundamente consternada, enquanto a chuva que começava a cair se confundia com as lágrimas na sua face.

— Peço-te por tudo, irmã, não digas uma coisa dessas à mãe ou ao pai! — disse ela.

— Nunca pensei que pudesses ser desprendida ao ponto de deixar Heitor na chuva, sem sepultura.

— Não é Heitor que ali jaz sem sepultura — disse Cassandra secamente — é um cadáver como outro qualquer.

— Não sei se tu és muito estúpida, ou simplesmente muito maldosa — disse Políxena

— mas falas como uma bárbara e não como uma mulher civilizada, uma sacerdotisa e princesa de Tróia. — Desviou o olhar e Cassandra percebeu que só tinha piorado as coisas.

Voltou a cara a Políxena para esconder as lágrimas que tinha nos olhos, sabendo, no entanto, que Políxena ficaria com melhor impressão sua se as visse. Não voltaram a falar.

Quando chegaram ao palácio, uma criada (Cassandra reparou que os olhos da velha mulher estavam tão inchados e vermelhos como os de sua mãe. Todos, mesmo os serventes das cozinhas, gostavam de Heitor, e todas as mulheres do palácio recordavam Troilo como a criancinha a quem davam mimos) recebeu as suas capas encharcadas, secou-lhes o cabelo e os

pés com toalhas e conduziu-as à sala de jantar principal.

O seu aspecto era praticamente igual ao dos outros dias: um fogo ruidoso projetando luz por toda a sala e castiçais de braços espalhando cintilações que faziam as pinturas das paredes ondularem como se estivessem a ser vistas debaixo de água. O banco esculpido onde Heitor habitualmente se sentava estava vazio e Andrômaca encontrava-se sentada entre Príamo e Hécuba, como uma criança no meio dos pais.

Páris e Helena estavam juntos, de mãos dadas. Avançaram para saudar Políxena e esta foi beijar os pais. Cassandra sentou-se no seu lugar habitual junto de Helena, mas quando os criados lhe colocaram a comida no prato, sentiu que não conseguia engolir e não fez mais do que debicar um prato de vegetais cozidos e beber um pouco de vinho com água. Páris mostrava-se triste, mas Cassandra sabia que ele tinha perfeita consciência de que era agora o filho mais velho de Príamo e da sua rainha, e que iria comandar os exércitos. "*Se quiserem alimentar algumas esperanças para Tróia, alguém vai ter de tirar-lhe essa idéia da cabeça ",* pensou. *"Ele não é o Heitor. "* Depois ficou espantada consigo própria; havia muito tempo que sabia não existir qualquer esperança para Tróia. Por que razão aqueles incontroláveis pensamentos de esperança insistiam em surgir constantemente?

Quereria isso dizer que as suas visões de destruição eram simplesmente alucinações ou insanidade mental, como todos diziam? Ou significaria que, de alguma forma, com o desaparecimento de Heitor nascia uma nova esperança para Tróia? Não, isso é que era, certamente, uma loucura; *"ele era o melhor de nós todos",* pensou, e depois percebeu que alguém (Páris? Príamo?) tinha realmente dito aquelas palavras em voz alta.

— Ele era o melhor de nós todos — disse Páris — mas já não está aqui e nós teremos de arranjar uma forma de conduzir o resto desta guerra sem ele. Não faço idéia de como o faremos.

— É uma guerra essencialmente tua — disse Andrômaca. — Eu disse a Heitor que ele deveria deixá-la contigo, desde o início.

Alguém soluçou sonoramente; era Helena. Andrômaca voltou-se para ela com súbita

raiva.

— Como te atreves? Se não fosses tu, ele estaria vivo e o seu filho não seria órfão de

pai!

— Oh, vamos, minha querida — disse Príamo em tom conciliador — não deves falar assim com a tua irmã; já existe dor suficiente nesta casa, esta noite.

— Irmã? Nunca! Esta mulher que pertence aos nossos inimigos, que está na origem de todos os nossos problemas. Vejam-na: senta-se a escarnecer da nossa desgraça porque agora é

o seu amante quem irá comandar todos os exércitos de Príamo...!

— Os Deuses sabem que não é verdade — disse Helena, reprimindo as lágrimas. — Eu choro a morte dos filhos desta casa, que se tornou a minha casa, e o desgosto dos que são agora meu pai e minha mãe.

— Como ousas... — recomeçou Andrômaca, mas Príamo agarrou-lhe a mão e segurou-a, sussurrando-lhe algo.

— Como desejam que vos prove a minha mágoa?

Helena pôs-se de pé e aproximou-se do trono de Príamo. O seu longo cabelo dourado estava solto, caindo-lhe sobre os ombros; os seus olhos azuis, profundamente cravados no rosto e marcados pelo pranto, estavam luminosos à luz dos castiçais.

— Pai — disse ela a Príamo — se essa for a tua vontade, descerei até ao acampamento e me oferecerei aos Aqueus em troca do corpo de Heitor.

— Sim, vai! — disse Hécuba prontamente, ainda Helena quase não acabara de falar e antes que Príamo pudesse responder. — Eles não te farão mal algum.

Andrômaca interveio:

— Talvez fosse a única boa ação da tua vida e uma atenuante para tudo o resto que fizeste a esta casa.

Cassandra estava pregada ao seu lugar, embora o seu primeiro impulso tivesse sido levantar-se e gritar *"Não! Não!"*. No entanto recordava o que profetizara quando Páris surgira pela primeira vez às portas de Tróia: que ele era o archote que iria gerar o fogo que haveria de consumir totalmente a cidade, profecia que repetira quando ele trouxera Helena para Tróia. Isso acontecera havia muito tempo. Ela já não culpava Helena pelo que viesse a acontecer à cidade: era o destino traçado pelos Deuses. E o seu pai e irmãos, até mesmo o próprio Heitor, não lhe tinham dado ouvidos, naquela altura; e dissesse ela o que dissesse, eles iriam decerto fazer exatamente o contrário. Era melhor ficar calada. Príamo disse suavemente:

— É uma oferta generosa, Helena; mas nós não podemos, de modo algum, permitir que faças isso. Tu não és a única causa desta guerra. Resgataremos o corpo de Heitor com todo o ouro de Tróia, se necessário. Aquiles não é o único comandante dos Aqueus. Com certeza haverá alguns que irão dar ouvidos à razão.

— Não! — Andrômaca levantou-se e ficou a olhar para Helena com uma expressão sombria. Cassandra percebeu de que seria possível que algumas pessoas a achassem mais bela do que Helena, embora a sua beleza fosse de um tipo diferente: morena, enquanto Helena era loira, reta onde Helena era arredondada. — Não, pai, deixa-a ir, peço-te. Também me deves algo; eu gerei o filho de Heitor. Imploro-te, deixa-a partir e se ela não quiser, a expulse à

chicotada! Esta mulher nunca passou de uma maldição para todos nós em Tróia!

Páris pôs-se de pé.

— Se expulsarem Helena — declarou — eu irei com ela.

— Vai, então! — gritou Andrômaca ferozmente. — Isso seria também uma bênção para a nossa cidade! Tu não és menor maldição do que ela! O teu pai agiu bem ao procurar mandar-te para longe.

— Ela está a delirar — disse Deífobo rudemente. — Helena não nos deixará enquanto eu viver. A Deusa enviou-nos Helena e nenhum outro teto a abrigará enquanto eu e os meus irmãos formos vivos.

Príamo fixou o fundo da sala.

— Que hei de fazer? — perguntou a meia voz. — A minha rainha e a mulher do meu Heitor disseram...

— Ela tem de ir! — gritou Andrômaca. — Se ela aqui ficar eu vou embora de Tróia esta noite; desafio todas as mulheres da casa de Príamo a acompanharem-me; será que vamos ficar debaixo do mesmo teto com ela, que lançou a nossa cidade por terra?

— No entanto, as muralhas de Tróia mantêm-se firmes — disse Páris. — Nem tudo está perdido. — Levantou-se e aproximou-se de Andrômaca, pegando-lhe gentilmente a mão e levando-a aos lábios. — Não sinto qualquer ressentimento em relação a ti, pobre mulher — disse. — Estás perturbada pela tua dor e não é de admirar. Garantirei que Helena não te guarde rancor.

Andrômaca afastou-se bruscamente.

— Mulheres de Tróia, faço-vos um apelo: abandonai o teto amaldiçoado que alberga a falsa Deusa que nos conduzirá à ruína e à escravidão...! — a sua voz subira a um tom estridente e histérico; pegou num archote e gritou: — Mulheres de Tróia, segui-me...!

Príamo levantou-se do seu lugar e bradou:

— Basta! Já temos problemas suficientes sem isto! Minha filha — disse ele para Andrômaca — eu compreendo a tua dor; mas peço-te, senta e escuta-nos. Nada vai se resolver com a expulsão de Helena. Os soldados já morriam em combates muito antes de Heitor ter nascido; ou eu. — Estendeu os braços para envolver Andrômaca e, instantes depois, ela cedia completamente de encontro ao seu peito, soluçando. Hécuba avançou para abraçá-la.

— Paz! — disse sombria. — Temos Troilo para chorar e sepultar antes do nascer do sol e vocês mulheres, reúnam as vossas jóias para oferecer como resgate de Heitor.

Cassandra, ao juntar-se às mulheres que se reuniam em volta do corpo de Troilo, deu consigo a pensar se Andrômaca teria razão. De todas as mulheres, apenas Andrômaca não

acompanhara Hécuba; ficara aos pés de Príamo, chorando desoladamente.

— Nem sequer tenho um corpo sobre o qual chorar. — Depois levantou a voz e gritou: — Não deixes Helena tocar no corpo de Troilo, mãe! Não conheces a velha crença de que um cadáver sangra quando o seu assassino lhe toca? E ele tem já pouco sangue para perder, pobre criança!

NOVE

Toda a noite Cassandra ouviu a chuva e o vento batendo com violência em redor do alto palácio de Príamo, enquanto as mulheres da casa real choravam Troilo. Lavaram e vestiram o cadáver, ungiram-no com essências preciosas e queimaram incensos para disfarçar o cheiro doentio da morte. Na calma cinzenta entre a escuridão e o nascer do sol, interromperam as lamentações que tinham durado a noite inteira para beberem vinho e escutarem uma canção de uma das menestréis presentes na sala. Enaltecia a beleza e a coragem do jovem morto, cantando que ele tombara porque a sua beleza era tal que o Deus da Guerra o desejara e tomara a forma de Aquiles para conseguir possuí-lo.

Quando a canção terminou, Hécuba chamou a autora junto de si e ofereceu-lhe um anel como recordação pela sua nobre elegia, e uma das mulheres persuadiu-a a sentar-se e descansar, e a beber uma taça de vinho aquecido com especiarias. Helena, que aceitara também uma taça, foi sentar-se ao lado de Cassandra.

— Posso ir sentar-me noutro lugar qualquer, se não quiseres ser vista a falar comigo — disse ela — mas parece-me que já não sou bem-vinda em lugar nenhum entre as mulheres.

O seu rosto estava magro, abatido até, e pálido. Perdera peso desde a morte dos filhos e Cassandra reparou que existiam zonas baças no meio do brilho dos seus cabelos.

— Não, fica aqui — disse Cassandra. — Creio que sabes que serei sempre tua amiga.

— Seja como for — disse Helena — a minha oferta era sincera. Voltarei para Menelau. Provavelmente ele vai matar-me, mas talvez tenha uma oportunidade de rever a única filha que me resta, antes de morrer. Páris pensa que teremos outros filhos e, de fato, tive esperanças, mas é tarde demais para isso. Penso que ele queria que o nosso filho governasse Tróia depois de nós.

Olhou meio interrogativa para Cassandra, que assentiu com a cabeça, tendo a chocante sensação de que, ao concordar com o que Helena dissesse, era como se desejasse que o destino fosse aquele.

Nos últimos anos tinha se acostumado àquele sentimento e sabia que era disparatado. As culpas, se existiam culpas, cabiam aos Deuses ou a quaisquer forças existentes que faziam com que os Deuses agissem como agiam. Ergueu a sua taça a Helena e bebeu, sentindo o peso do vinho atingi-la fortemente devido à hora pouco usual e ao pouco que tinha comido no dia anterior. Os seus pensamentos pareceram ecoar em Helena, que disse:

— Pergunto-me se a rainha estará a ser sensata ao servir um vinho tão forte não diluído, quando estamos todos quase a desfalecer de desgosto ou de fome; estas mulheres vão estar todas a delirar de embriaguez dentro de meia hora.

— Não é uma questão de sensatez, mas sim de tradição — disse Cassandra. — Se ela servisse algo que não fosse o melhor que possui, iriam pôr em causa o seu amor e respeito pelo rapaz morto.

— É estranho — disse Helena, pensativamente — o modo como as pessoas pensam, ou se recusam a pensar, sobre a morte. Páris, por exemplo, é como se ele achasse que, uma vez que os nossos filhos morreram, talvez os Deuses aceitem o sacrifício das suas vidas e poupem as nossas.

— Se um Deus aceitasse os inocentes como expiação das faltas dos culpados, eu não conseguiria respeitá-lo e, no entanto, há povos que acreditam em Deuses que aceitam o sacrifício de sangue inocente — disse Cassandra. E acrescentou quase num murmúrio: — Talvez seja uma idéia que os Deuses (ou os demônios) colocaram na cabeça de todos os homens. Agamenon não sacrificou a sua própria filha no altar da Virgem, em troca de um vento favorável que trouxesse a sua frota até Tróia?

— É verdade — disse Helena baixinho — embora Agamenon não queira que tal seja dito e afirme que o sacrifício foi obra da mulher dele (minha irmã), um sacrifício à sua Deusa. Os Aqueus temem as antigas Deusas, pois dizem que elas são impuras. O mais corajoso dos homens foge aterrorizado dos Mistérios da mulher.

Cassandra olhou em torno da sala obscurecida onde as mulheres bebiam e conversavam em pequenos grupos.

— Quem me dera que pudéssemos arranjar uma forma de incutir neles esse terror — disse ela e lembrou-se de quando visitara a tenda de Aquiles, em espírito, ou teria sido apenas em sonhos? Essa lembrança a fez pensar que talvez ainda pudesse conseguir ter acesso à mente do herói aqueu; tentaria na primeira oportunidade. Ergueu a taça silenciosamente e bebeu. Helena, olhando-a nos olhos por cima da borda, fez o mesmo.

Uma forte corrente de ar fez-se sentir na sala; a porta abriu-se e surgiu Andrômaca, segurando um archote com longas labaredas que se agitavam devido ao vento forte vindo do corredor. O seu longo cabelo escorria água da chuva, e o seu vestido e a capa estavam ensopados. Atravessou a sala como um fantasma ambulante, cantando baixinho um dos hinos fúnebres. Curvou-se sobre o corpo enfaixado de Troilo e beijou-lhe a face pálida.

— Adeus, querido irmão — disse ela na sua voz clara e aguda. — Vais adiante do maior dos heróis, para contar aos Deuses da sua eterna desonra.

Cassandra dirigiu-se rapidamente a ela e disse suavemente, mas em tom audível:

— A desonra feita aos bravos é apenas desonra para quem comete o crime, não para aquele que é vitimado.

Porém Heitor lutara com Aquiles de livre vontade, fazendo esse jogo em que cada um tenta pontuar sobre o outro. *‘‘Ele fez apenas aquilo que toda a sua vida lhe ensinou a fazer. ”*

Encheu um copo de vinho aromatizado. Estava agora bem forte, ainda menos diluído do que aquele que estava no cântaro quando este se encontrava mais cheio. Talvez fosse bom; Andrômaca sairia dali para ir dormir e isso aliviaria o seu terror, ainda que não a sua mágoa. Colocou a taça na mão da prima, captando-lhe no hálito a presença do vinho; onde quer que tivesse estado, estivera a beber.

— Bebe, minha irmã — disse.

— Ah, sim — disse Andrômaca, com as lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto. — Foi contigo que eu vim para Tróia, quando éramos jovenzinhas e enquanto viajamos, tu contastes tantas histórias de como ele era corajoso e atraente... o meu filho nasceu nas tuas mãos. Tu és a minha amiga mais querida e o serás por toda a nossa vida.

Ela abraçou Cassandra e ficou agarrada a ela, a balançar-se; Cassandra percebeu que ela já estava embriagada. A própria Cassandra não estava completamente intocada pelo vinho que bebera; sentia a inquietação de Andrômaca e as suas carências.

Andrômaca curvou-se novamente para beijar o rosto morto de Troilo e disse para Hécuba:

— Tu és afortunada, minha mãe, por poderes enfeitar o seu cadáver e chorá-lo; o meu Heitor jaz sob a chuva a decompor-se, sem lamentos, sem sepultura.

— Sem lamentos não — disse Cassandra ternamente. — Todos nós o choramos. O seu espírito há de ouvir as nossas lágrimas e lamentações, quer o seu corpo repouse aqui ou além, junto dos cavalos de Aquiles.

A voz faltou-lhe; veio-lhe à idéia aquele dia, pouco depois de Andrômaca ter vindo para Tróia, em que Heitor a proibira de usar armas e ameaçara bater-lhe. Ela dissera aquilo para tentar consolar Andrômaca, mas de repente perguntou-se se não teria piorado as coisas. Os olhos de Andrômaca estavam frios e sem lágrimas. Cassandra conduziu-a ao seu lugar;

mas quando Andrômaca deparou com Helena, afastou-se com os lábios descobrindo os dentes, numa expressão horrível, semelhante a uma máscara que quase lhe transformava o rosto numa caveira.

— Tu, aqui, fingindo que o lamentas?

— Os Deuses são testemunhas de que não finjo coisa alguma — disse Helena, calmamente — mas, se preferires, eu me retiro; tu tens maior direito a estar aqui.

— Oh, Andrômaca! — disse Cassandra — não digas isso. Ambas vieram para esta cidade como estranhas e aqui encontraram um lar. Tu perdeste o teu marido e Helena os seus filhos, por vontade dos Deuses; deviam partilhar a vossa mágoa em vez de se agredirem e se voltarem uma contra a outra. Vocês são ambas minhas irmãs e eu vos amo. — Com uma mão puxou Helena para si e com a outra abraçou Andrômaca.

— Tens razão — disse Andrômaca — todas estamos indefesas e em Suas mãos. — Fungou e bebeu o resto do vinho. A sua voz estava descontrolada e ela disse embriagadamente: — Irmã, somos ambas vítimas desta guerra; que a Deusa impeça que esta loucura dos homens nos separe.

A sua língua encalhava desajeitadamente nas palavras e, abraçando-se, choraram as duas. Hécuba veio envolver as três nos seus braços; chorava também.

— Tantos que se foram! Tantos que se foram! As tuas crianças, Helena! Os meus filhos! Onde está o filho de Heitor, o meu último neto?

— O último não, mãe; já te esqueceste? Creúsa e as crianças dela foram mandadas para um lugar seguro; não correm qualquer risco — lembrou-lhe Cassandra. — Estão fora do alcance da loucura de Aquiles e dos exércitos aqueus.

Andrômaca disse:

— Astíanax já é muito crescido para estar nos aposentos das mulheres; não posso sequer confortá-lo, nem confortar-me vendo o rosto do pai no dele. — A sua voz era mais triste do que quaisquer lágrimas.

— Quando perdi... os pequeninos — disse Helena com voz trêmula — trouxeram Nikos para me consolar; eu vou buscar o teu filho e o trarei para junto de ti, Andrômaca.

— Oh, abençoada sejas! — gritou Andrômaca.

Cassandra disse:

— Deixa-me levar-te para o teu quarto; não vais querer tê-lo aqui, no meio de todas estas mulheres embriagadas.

— Sim, eu o levo para lá — disse Helena. — Ainda te resta o teu filho e essa é a maior de todas as dádivas.

Uma por uma, ou em grupos de duas e de três, as mulheres, exaustas devido à dor e ao vinho forte, iam saindo discretamente para as suas camas. Apenas Hécuba e Políxena, vestidas com as suas túnicas de sacerdotisas, tomaram lugar aos pés e à cabeça de Troilo, para ali permanecerem até que chegassem aqueles que iriam entregar à terra o seu corpo. Cassandra pensou se não deveria ficar também; mas elas não lhe tinham pedido nem mesmo para desempenhar as funções de sacerdotisa na purificação da câmara fúnebre. Andrômaca e a própria Helena precisavam mais dela; sabia que era uma estranha entre as mulheres de Tróia, tal como o eram aquelas mulheres de Cálcis e de Esparta.

Ficou com elas até que Helena escapuliu até os aposentos de Páris e encontrou Nikos e Astíanax. Tinham estado ambos a chorar. A cara de Astíanax estava sujíssima e marcada de lágrimas; era evidente que alguém lhe contara a morte do pai e tentara oferecer à criança algum consolo. Helena levou os dois rapazes até ao poço que ficava no centro do pátio e lavou-lhes a cara com a ponta do véu.

Astíanax lançou-se de boa vontade nos braços da mãe e depois disse, confundido:

— Não chores, mãe! Disseram-me que não devia chorar porque o meu pai é um herói. Então, por que é que tu estás a chorar?

Helena disse, ternamente:

— Astíanax, tens de ajudar a enxugar as lágrimas da tua mãe; é obrigação tua tomar conta dela, já que o teu pai não o pode fazer.

Ao contatar com a criança, Andrômaca, sob o efeito da embriaguez, desfez-se novamente em lágrimas; Helena e Cassandra levaram-na para o quarto, puseram-na na cama e aconchegaram a criança a seu lado.

— Nikos fica comigo — disse Helena. — Oh, por que nos serão tirados tão pequenos? — Mas quando envolveu Nikos nos seus braços, ele afastou-se indignado.

— Não sou nenhum bebê, mãe! Voltarei para junto dos homens.

Reprimindo os soluços, Helena disse:

— Como preferires, filho; mas primeiro dá-me um abraço.

Nikos acedeu contra a vontade e saiu a correr; Helena, com as lágrimas a correr-lhe pelo rosto, viu-o afastar-se, sem protestar.

— Páris não foi melhor do que Menelau no que fez dele — observou. — Não gosto do que os homens fazem dos rapazes — os tornam iguais a eles. Graças aos Deuses que Astíanax ainda não começou a ter vergonha de ficar com a mãe! — disse ela, fixando a chuva cinzenta e intensa que ecoava no exterior do palácio.

— Cassandra! — disse subitamente. A voz dela estava tão impregnada de medo e agarrou-se com tal força à outra mulher, que Cassandra quase deixou cair o archote. — Se cairmos nas mãos dos Aqueus, o que vai acontecer ao meu filho? Quem sabe os Troianos não olhem os meios para garantir que Menelau não o reclame!

— Queres dizer que pensas que o meu pai ou os meus irmãos matariam a criança para evitar que ela fosse levada de regresso a Esparta? — Cassandra mal podia acreditar no que ouvia.

— Oh, não consigo acreditar realmente nisso, mas...

— Se acreditas que é assim, então talvez devas, de fato, voltar para Menelau e pôr a criança a salvo — disse Cassandra. — Certamente que ele te receberia bem, se fosses acompanhada pelo seu filho...

— E eu pensava que Nikos estaria bem melhor em Tróia... que Páris seria um melhor pai para ele do que Menelau — disse Helena tristemente. — E era, Cassandra e era; mas agora... parece odiá-lo por estar vivo, tendo os

nossos filhos morrido... — A voz faltou-lhe e, por instantes, agarrada a Cassandra, chorou.

— Então tu vais..

— Não posso — disse Helena resignadamente. — Não consigo convencer-me a deixar Páris; digo a mim própria que é vontade dos Deuses que eu fique até que já nada exista entre nós. Ele já não me ama, mas eu prefiro estar em Tróia do que em Esparta...

Deixou a voz esbater-se até o silêncio; depois disse:

— Cassandra, estás exausta; não posso reter-te por mais tempo fora da cama. Ou vais voltar para velar Troilo?

— Não, não me parece que me queiram lá — disse Cassandra. — Regressarei à casa do Senhor do Sol.

— Com esta chuva? Ouve o temporal que está — disse Helena. — Estás à vontade para dormir aqui, se quiseres. Podes dormir na minha cama. É pouco provável que Páris ainda venha; eles devem ter bebido tanto em honra do espírito de Heitor, que não seriam capazes de encontrar as escadas. Ou então, mando as criadas fazer-te a cama no outro quarto.

— És muito amável, irmã, mas as criadas devem estar todas a dormir; deixa-as descansar — disse Cassandra. — A chuva vai aclarar-me as idéias. — Pegou a capa e pôs o capuz por cima da cabeça, em seguida abraçou e beijou Helena, dizendo: — Andrômaca não sente as coisas que te disse.

— Oh, eu sei disso; no lugar dela sentiria o mesmo — disse Helena. — Ela está amedrontada; o que vai ser dela agora e de Astíanax? Páris já está decidido a suceder a Príamo e não vai deixar lugar para o filho de Heitor; e se Páris conseguir, de alguma forma,

levar esta guerra a bom termo...

— Não existe qualquer chance de que isso aconteça — disse Cassandra. — Mas não tens de recear, Helena; Menelau não lutou todos estes anos por

vingança.

— Eu sei; falei com ele — disse Helena, surpreendendo-a. — Não sei porque, mas parece-me que ele me quer de volta.

— Falaste com ele? Quando — ia perguntar como, mas lembrou-se de que a mulher de Páris podia ir onde quisesse, mesmo ao acampamento aqueu. *"Mas por que haveria ela de ir conferenciar com os capitães inimigos?"* pensou, desconfiada, mas logo absolveu mentalmente a sua amiga daquela traição. Era absolutamente lógico que Helena tentasse negociar o seu destino e o do seu filho. — Se voltares a falar com ele — disse Cassandra — pergunta-lhe se existe algo que ele possa fazer para convencer Aquiles e fazer com que o corpo de Heitor nos seja devolvido.

— Acredita que já o tentei e tentarei de novo — disse Helena. — Escuta, a chuva está a abrandar um pouco; se saíres agora, talvez chegues em casa antes que ela recomece a cair com força.

Beijou Cassandra novamente e acompanhou-a até a pesada porta principal do palácio. Cassandra saiu para o meio da chuva gelada. Antes de ter subido metade de um lance das longas escadas, a chuva recomeçou a cair com redobrada fúria e o vento puxava-lhe pela capa como as garras de um animal feroz.

Por momentos pensou, arrependida, que deveria ter aceito a oferta de Helena em relação à cama. Enéias devia estar a festejar e a beber com os homens e era improvável que fosse ter com ela nessa noite. Mas não havia razão para regressar agora; foi subindo, lutando contra a tempestade.

Ao virar para a rua da casa do Senhor do Sol ouviu passos ligeiros atrás de si. Depois de tantos anos de guerra, sentia insegurança em relação a estranhos; voltou-se e deparou, à luz pálida das candeias penduradas sobre a entrada, com o rosto e a figura envolta numa capa, de Criseide. Mesmo com a luz das candeias podia ver que o vestido da jovem estava amarrotado e manchado de vinho e os cosméticos do seu rosto borrados. Suspirou, perguntando-se em que cama desconhecida a jovem teria passado grande parte da noite e por que razão teria se dado ao trabalho de deixá-la no meio

daquela tempestade. *"Tem o aspecto de uma gata depois de uma noite de vagabundagem, só que uma gata teria lavado a cara. "*

A sentinela do portão da casa do Senhor do Sol saudou-as com estupefação *("Andam lá fora até tão tarde com este tempo impiedoso, senhoras?")*. Mas jamais alguém demonstrara curiosidade sobre as entradas e saídas de Cassandra; ela poderia, refletiu, ter tido tantos amantes como Criseide, sem que ninguém soubesse ou se preocupasse. Enquanto subiam o pátio inclinado, em direção aos seus quartos situados próximo da parte mais alta do templo, ela abrandou o passo para ficar junto com a jovem.

— Está a fazer-se tão tarde que já é quase manhã — disse. — Queres vir ao meu quarto lavar a cara antes que sejas vista no templo nesse estado?

— Não — disse Criseide — por que haveria de querer? Não me envergonho de nada do que faço.

— Eu pouparia ao teu pai o ver-te nessa figura — disse Cassandra. — Vais causar-lhe um desgosto.

O riso de Criseide soou cortante como um estilhaço de vidro.

— Oh, vamos! Com certeza ele não anda a alimentar ilusões de que eu tenha saído virgem do leito de Agamenon!

— Talvez não — disse Cassandra. — Ele não pode culpar-te pelas vicissitudes da guerra; mas o afligiria ver-te assim.

— Pensas que eu me importo com isso? Eu achava-me muito satisfeita onde estava e preferia que ele tivesse se metido na vida dele e me deixasse lá.

— Criseide — disse Cassandra amigavelmente — fazes alguma idéia do quanto ele sofreu por ti? Quase não pensava em mais nada.

— Mais idiota é, então!

— Criseide... — Cassandra olhou para a jovem, tentando descobrir o que lhe ia no coração, se era que, de fato, ela o tinha. Finalmente perguntou curiosa: — Não sentes mesmo vergonha, quando estás com os homens de

Tróia, sabendo que todos eles te conhecem e identificam como tendo sido a concubina de Agamenon?

— Não — disse Criseide em tom de desafio — não mais que Andrômaca se envergonha por todos os homens saberem que ela pertence a Heitor ou Helena por ser do conhecimento geral que ela é propriedade de Páris.

Existia uma diferença e Cassandra sabia, mas não conseguia organizar as suas idéias de modo a explicar àquela jovem confundida qual era.

— Se a cidade for conquistada — disse Criseide — todas nós seremos entregues nas mãos de algum homem; por isso eu ofereço-me a quem me apetece, enquanto posso. Tu, Cassandra, pretendes conservar a tua virgindade para que te seja tirada à força por um dos conquistadores?

"Neste aspecto não posso criticá-la, de nenhuma maneira. " Cassandra não conseguia falar; voltou-se simplesmente e dirigiu-se para o seu quarto.

Ali uma criada negligente tinha deixado as venezianas abertas de par em par; a chuva batida pelo vento entrava pelas janelas. A enxerga de Honey estava ensopada e a criança rolara para fora das cobertas e para o chão de pedra, fugindo da chuva. Mesmo assim estava encharcada.

Cassandra fechou as portadas e levou a criança para a sua própria cama. Honey estava gelada como uma rãzinha e choramingou quando Cassandra a ergueu, mas não chegou a acordar. Cassandra embrulhou-a nos cobertores e embalou-a, segurando-a junto aos seios até sentir que as mãozinhas e os pezinhos gelados começavam a se aquecer. Ao fim de algum tempo Honey dormia o sono pesado das crianças saudáveis. Pousou a criança e deitou-se junto dela, envolvendo ambas com a sua capa quente. O barulho da tempestade do lado de fora das janelas fechadas era abafado, mas ainda abanava as venezianas com a sua força. Fechou os olhos tentando fazer o seu espírito mover-se para além do local onde estava deitada.

Para sua surpresa, uma vez liberta do seu corpo e ao deslocar a sua percepção para longe da cama, através da janela, não sentia qualquer noção da tempestade, apenas de um profundo silêncio. No nível onde a sua mente agora se movia, não existia bom ou mau tempo.

Veloz como o pensamento, deslizou pela colina abaixo para o centro de um luar claro, sobrevoando a planície entre os portões de Tróia e as trincheiras que protegiam o acampamento aqueu.

Sob aquele luar irreal as sombras estendiam-se agrestes e negras sobre a planície silenciosa e vazia, onde apenas uma sentinela noturna dormitava. Páris tinha razão, pensou: eles deviam ter se lançado com todas as suas forças sobre o acampamento, durante a noite. Depois lembrou-se que, no mundo físico, as trincheiras aquéias estavam melhor guardadas pela chuva torrencial do que por todas as sentinelas do mundo. Conseguia ver a sombra escura de uma estrutura que reconheceu como sendo o carro de combate de Aquiles, e uma sombra informe que devia ser, certamente, o corpo amarrado de Heitor. O seu primeiro pensamento foi de gratidão pelo fato de, naquela analogia do Além (e como teria ela conseguido chegar até ali e mover-se com tanta facilidade nesse mundo dos mortos, quando ainda se encontrava entre os vivos?) o corpo de Heitor não estar exposto à chuva e aos ventos uivantes. E, ao pensar nele, ele apareceu na sua frente, sorrindo.

— Irmã — disse — és tu. Eu devia saber que seria possível ver-te aqui.

— Heitor... — calou-se. — Como te sentes?

— Oh... — parou e pareceu refletir. — Melhor do que alguma vez esperei — disse. — A dor desapareceu, portanto suponho que estou morto. Só me lembro de ser ferido e pensar *"Isto deve ser o fim ";* depois acordei e Pátroclo veio ajudar-me a levantar. Ficou comigo um pouquinho e depois me disse que tinha de ir ficar com Aquiles e foi embora. Depois disso, esta noite fui ao palácio, mas Andrômaca não conseguia ver-me. Tentei falar com ela e depois com a mãe, para lhes dizer que estava bem, mas nenhuma delas parecia ouvir-me de todo.

— Quando estavas vivo alguma vez ouviste a voz dos mortos?

— Bem, não, claro que não; eu nunca aprendi a escutá-los.

— Pois bem: é essa a razão por que elas não te ouviram. Que posso fazer por ti, meu irmão? Desejas sacrifícios ou...

— Não consigo imaginar que vantagem haveria nisso — disse Heitor. — Mas diz a Andrômaca que não chore; é muito estranha a sensação de não poder confortá-la. Diz-lhe que não me lamente e, se puderes, diz-lhe que eu em breve irei buscar Astíanax para levá-lo comigo. Gostaria de deixá-lo a tomar conta dela, mas disseram-me...

— Quem?

— Não sei — disse Heitor —, não consigo lembrar-me, talvez tenha sido Pátroclo; mas sei bem que o meu filho virá ter comigo muito em breve, e o pai e Páris. Mas Andrômaca não: ela vai ficar lá por muito tempo. — Avançou para Cassandra e ela sentiu o imperceptível toque dos lábios dele na sua testa. — Despeço-me de ti também, irmã — disse ele — mas não tenhas medo: haverá muito para sofrer, mas, garanto, tudo correrá bem para ti.

— E Tróia?

— Oh, não! Já está derrotada — disse ele. — Vês?

E com as suas mãos suaves e imateriais a fez dar meia-volta e, diante de si, ela viu um imenso amontoado de escombros e chamas que se elevavam no lugar onde antes se erguera Tróia. Mas, e o som de toda aquela destruição... como era possível não o ter ouvido?

— Aqui não existe tempo — disse ele. — O que é e o que há de ser são a mesma coisa. Eu não compreendo tudo isto — disse ele — pois ainda esta noite passei pelas muralhas do palácio do meu pai, onde estavam a festejar e agora olha: a cidade já caiu há muito tempo. Quem sabe, quando estava na Terra devesse ter tentado saber mais junto daqueles que conhecem as coisas, mas parecia nunca haver tempo. Agora vejo Apolo e Posídon — olha, Eles disputam a cidade entre Si — disse ele, e apontou para cima das muralhas derrubadas onde, atravessando as nuvens, duas monstruosas figuras pareciam erguer-se em combate, os seus músculos reluzindo como raios.

Cassandra estremeceu ante a visão do rosto amado do Senhor do Sol, coroado de brilhantes caracóis dourados; iria Ele voltar-se e vê-la passeando

pelos reinos proibidos? Resolutamente virou-se de novo para a figura sombria de Heitor.

— Que é feito de Troilo? Está tudo bem com ele?

— Ele esteve comigo por instantes; chegou a correr, pouco depois de mim — disse. — Mas ficou no palácio com a mãe; estava a tentar dizer-lhe que não estivesse desgostosa. Não quis acreditar que não lhe seria possível fazer com que ela o ouvisse. Talvez ela te escutasse, se tu lhe dissesses; ela sabe que tu és sacerdotisa e conhecedora dessas coisas.

— Ah, não sei se ela irá escutar-me, querido irmão! — disse Cassandra. — Ela tem as suas próprias opiniões e nelas não há lugar para as minhas. Mas para bem dos nossos pais e da sua paz de espírito... — parou para refletir. — Eu vim aqui para tentar (e talvez conseguir) assustar Aquiles para que ele entregue o teu corpo a troco de um resgate; talvez nisso tu fosses mais eficaz do que eu.

— Achas que ele terá medo de fantasmas? Já matou tanta gente, que deve viver constantemente rodeado por eles — disse Heitor — mas eu vou ver o que consigo fazer. Vai, irmã; volta para o teu lado dessa muralha que se ergue agora entre nós, e diz à mãe e ao pai que não devem perder tempo a chorar-me; muito em breve estarão comigo. E não te esqueças de dizer a Andrômaca que não me lamente: ficarei aqui à espera do nosso filho; dize a ele, que não tenha medo: estarei pronto a recebê-lo. Ela não quererá que ele viva os dias que se aproximam.

Heitor voltou-lhe as costas e flutuou em direção à tenda de Aquiles. Passado um momento virou-se outra vez e parecia já, pensou ela, estranho e distante... um homem que ela não conhecia.

— Não, não me sigas, irmã, os nossos caminhos separam-se aqui. Talvez nos voltemos a encontrar e possamos vir a compreender-nos melhor.

— Não virei juntar-me a ti e a Troilo, e à nossa mãe e ao nosso pai?

— Não sei — disse ele. — Tu serves a outros Deuses; penso que, se encontrares a morte, será possível que vás para outro lugar. Mas é do meu

conhecimento que os nossos caminhos se separam aqui e por muito tempo, senão para sempre. Que tudo te corra sempre pelo melhor, Cassandra.

Ele abraçou-a e ela ficou surpreendida ao sentir a força do seu abraço. Não era o abraço de um fantasma, mas de alguém tão real como ela própria. Depois ele desapareceu e mesmo a sua sombra se esfumou na planície.

DEZ

Já próximo da manhã, a chuva parou e foi substituída por ventos fortes. Cassandra adormecia e acordava, e quando adormecia de novo sonhava que tentava seguir o fantasma de Heitor até a tenda de Aquiles, onde o aqueu se erguera e abrira os olhos, balbuciando incoerências aterrorizadas ao ver Heitor entrar e sair através das paredes da tenda, rindo dele; ou então sonhava que se encontrava na tenda de Agamenon. O rei olhou-a com ferocidade e tentou agarrá-la, mas ela flutuou para fora dos seus braços como se fosse feita de bruma e ele gritou enraivecido e lançou-se atrás dela uivando de frustração.

Quando por fim acordou, um sol fraco entrava pelas janelas e Honey olhava-a espantada. Pensou se teria gritado ou falado durante o sono. Raramente dormia até tão tarde, mas tinha estado acordada até quase de madrugada. Vestindo-se com rapidez, tentou agarrar-se à memória das mensagens que Heitor lhe dera para transmitir; sabia quão rapidamente, tal como os sonhos meio esquecidos, aquelas experiências se desvaneciam. Estava precisamente a atar o cinto do vestido, quando Fílidas entrou a correr.

— Cassandra, vem imediatamente; as serpentes...

— Não posso, tenho de entregar uma mensagem — disse Cassandra. — Suponho que podes fazer sozinha o que for necessário.

— Mas...

— Bem, então vamos lá depressa... fugiram ou meteram-se nos seus ninhos? — perguntou com um medo súbito que fosse o temido sinal de tremor de terra; certamente este seria para breve... só que, os Deuses o permitissem, não fosse naquele dia, não naquele dia!

— Bem, não, mas...

— Então não me incomodes; tenho o espírito ocupado com questões mais importantes e não posso ficar aqui a conversar. Leva Honey contigo; veste-a e dá-lhe qualquer coisa para comer; virei tratar dela quando puder — disse e correu para fora do quarto e pela colina abaixo.

No meio da descida, parou por alguns momentos para espreitar por cima da muralha. Mais uma vez o carro de Aquiles descrevia círculos na planície, os cavalos fustigados até correrem o mais rapidamente possível. O fardo inerte que era o corpo de Heitor era arrastado atrás; no entanto, a sua Visão entre os dois mundos era agora tão clara que ela conseguiu vê-lo, uma sombra brilhante de pé no extremo do campo, rindo-se da idiotice que o capitão aqueu tentava fazer. Ela percebeu do que é que ele achava graça e quando se aproximou dos seus pais que estavam na muralha no lugar do costume, por cima dos portões, riu alto.

Os olhos de Hécuba inchados e quase fechados de tanto chorar, viraram-se para ela, zangados.

— Como te podes rir?

— Mas não entendes, querida mãe, quão estúpido isto é? Olha ali na sombra das trincheiras, Heitor ri-se da estupidez de Aquiles; olha o sol a brilhar-lhe nos cabelos!

Hécuba olhou para Cassandra com a sua expressão de *"Mas é claro, ela é louca e não se pode esperar que sinta o mesmo que uma pessoa normal",* mas Cassandra tomou a mãe nos braços.

— Mãe, o que eu te digo é verdade; a noite passada falei com Heitor na Terra para Além da Morte e digo-te que ele está bem.

— Sonhaste, minha querida — disse Hécuba com gentileza.

— Não, mãe querida, eu o vi como vejo a ti, e toquei-o.

— Quem me dera poder acreditar em ti...! — Lágrimas formaram-se nos olhos da velha e caíram lentamente.

— Mãe, é verdade, tens de me acreditar! E ele disseme para te dizer que não devias chorá-lo...

— A noite passada acho que quase teria te acreditado... pareceu-me ouvir a voz de Troilo...

— E ouviste, mãe, asseguro-te que ouviste! — gritou Cassandra excitada, empolgada pela mensagem que tinha para transmitir. — Não vi Troilo nem falei com ele, porque Heitor disse que ele tinha ficado contigo, tentando confortar-te, tentando fazer com que o ouvisses.

Hécuba disse com lentidão:

— Quando eu e Políxena já estávamos muito cansadas para continuar a velá-lo (o sol já estava a nascer) fui ao jardim por alguns instantes e pensei ter sentido Troilo tocar-me nos cabelos como sempre fazia quando cresceu tanto que só me beijava no alto da cabeça. Ele era um rapazinho tão doce, o mais querido de todos os meus queridos rapazes... — Os seus olhos marejaram-se e choraram de novo, e Cassandra abraçou a mãe com força.

— Ele estava mesmo junto de ti — disse ela — juro—te!

— E Heitor? Dizes que também ele está em paz; mas como poderá o seu espírito estar livre se não temos o seu corpo para sepultar com decência e honrar o seu espírito? — perguntou Hécuba. — E se assim é, porque foram os ritos fúnebres ordenados pelos Deuses?

— Eu só sei o que vi, mãe.

— É escusado — disse Hécuba desesperada, depois de pensar naquilo durante algum tempo. — Não consigo pensar no seu espírito livre enquanto vejo o seu pobre corpo... Vê como se ergue o pó, mesmo depois de uma noite inteira de chuva torrencial! — exclamou, e recomeçou a chorar.

Cassandra tentou secar as lágrimas da mãe com o seu véu, admoestando-a:

— Destroçaria o coração de Heitor ver-te chorar assim. Aquiles agora já não lhe pode fazer mal, faça ele o que fizer. Mesmo que ele cortasse o corpo

de Heitor em pedaços e os desse aos seus cães, isso não afetaria aquela parte de Heitor que nós conhecemos, não o afetaria nada mesmo!

Hécuba encolheu-se e pareceu sentir-se mal.

— Como podes dizer uma coisa dessas, Cassandra?

— Fiz um voto a Apolo de que só diria a verdade; àqueles que não a querem ouvir, só posso dizer que isso não me desobriga de dizê-la — replicou Cassandra zangada, pensando por que razão só a sua mãe conseguia fazê-la se zangar assim mesmo quando, ou especialmente quando, ela tentava não dizer nada que a perturbasse.

— Mas eis que tu dizes que podíamos dar o nosso Heitor aos cães...

— Mãe, eu não disse nada disso! — Cassandra sentia-se agora furiosa, mas fez um esforço e manteve a voz firme e tranqüila. — Não entendestes o que eu disse! Eu só disse que, se Aquiles com a sua loucura o fizesse, isso não faria qualquer diferença a Heitor, mas apenas a nós.

— Mas tu estavas a dizer, eu ouvi, que não precisávamos realizar os seus ritos fúnebres! — disse Hécuba, e Cassandra suspirou como se arrastasse um peso enorme por uma encosta acima.

— Mãe, eu acho que os ritos fúnebres não têm qualquer importância para Heitor ou para os Deuses, eles só são importantes para nós — repetiu como se estivesse a explicar a Honey por que razão não podia comer uma dúzia de bolos.

Hécuba ergueu o queixo.

— E eu acho que essa é apenas mais uma das tuas idéias malucas — disse, e voltou-lhe as costas.

— Sim, muito provavelmente, mãe — disse Cassandra, contendo a fúria. *"Está velha; não posso esperar que compreenda nada que seja novo para ela. "*

— Mas suplico-te que não digas nada disso a Andrômaca; ela já tem de suportar um desgosto muito grande mesmo sem essas coisas.

— Sem o quê? — perguntou Andrômaca, que chegava à muralha mesmo a tempo de ouvir as últimas palavras.

— Eu estava a dizer-lhe — começou Cassandra e Hécuba lançou-lhe um olhar zangado de *"Não te atrevas";* Cassandra percebeu que a discussão com a sua mãe a fizera esquecer as palavras exatas que tencionara dizer. Disse, cansada: — Apenas que, numa visão que tive ontem à noite, falei com Heitor e ele pede que te conformes, pois está bem e em paz, façam eles o que fizerem com o seu corpo.

Havia mais; Heitor pedira-lhe que dissesse a Andrômaca o quê? Que ele viria buscar o seu filho... *"mas não! Não lhe posso dizer que o seu filho morrerá quando ela já perdeu Heitor... ela... o que era... ela não deveria querer que o seu filho vivesse os tempos que estão para vir... "*

Andrômaca olhava-a com a sua expressão cética erguendo as sobrancelhas.

— Ordenou-me que te dissesse que... que ficaria por perto para olhar pelo seu filho.

— E isso há de valer de muito a qualquer de nós — disse Andrômaca, abrindo muito os olhos tentando não chorar — agora que nos deixou.

— Mas ele não quer que o chores e o lamentes — disse Cassandra. — Isso agora já não o pode ajudar.

— Isso é o que nos dizem todos os adivinhos e videntes — disse Andrômaca e as suas palavras soaram amargas. — Eu esperava algo melhor de ti, Cassandra, se é que de fato consegues ver além da morte.

— Eu digo o que o Deus me ordena que diga e não com as palavras que as pessoas estão dispostas a ouvir! — disse Cassandra e virou as costas.

Lá fora, no campo, Aquiles continuava a chicotear os seus cavalos, cada vez mais possuído de um maníaco frenesi. Aquilo continuou o dia todo,

enquanto o sol se erguia e declinava sobre Tróia. Por duas vezes Páris comandou um grupo tentando capturar o carro de Aquiles e o corpo de Heitor e duas vezes foi repelido pelas tropas de Agamenon; três dos filhos menos importantes de Príamo, filhos das suas mulheres do palácio, foram mortos e por fim chegaram à conclusão de que Aquiles estava pura e simplesmente muito bem protegido.

— Basta! — disse Príamo depois do terceiro ataque. — O sol está a pôr-se; quando estiver escuro eu próprio irei ter com Aquiles e tentarei negociar com ele um resgate pelo corpo do meu filho.

"Quão disparatado!", pensou Cassandra, *"e quão inútil! Heitor não se encontra naquele monte de carne em decomposição que está lá fora atrás de Aquiles e do seu maldito carro. "* Por que razão veria isto e os seus pais não? Não deveriam eles ser mais sensatos que ela? Assustava-a que não o fossem.

Sentia-se doente e fraca; tinha estado todo o dia com a sua mãe e nem sequer partilhara do pão duro e do azeite repartido pelos soldados ao meio-dia. Foi comer um pouco de pão e empurrou-o para baixo com alguns goles de vinho aguado, depois foi ter com Hécuba, que ajudava os criados pessoais de Príamo a vestir-lhe os seus trajes mais ricos.

— Se for ter com Aquiles sem ir vestido com as minhas melhores roupas — disse ele

— ele é capaz de pensar que eu não o considero digno de honra. E não considero, é claro, mas não quero que ele o perceba.

— Não estou assim tão certo, pai — disse Páris. Estava de pé junto do pai, aparando meticulosamente a barba com a tesoura que Helena usava para as tapeçarias. — Talvez a vaidade daquele louco fosse mais lisonjeada se te dirigisses a ele vestido com simplicidade, de luto, como um suplicante.

— No entanto, mostrar-lhe o ouro de Tróia é capaz de lhe despertar a cobiça, caso não possamos apelar para a sua honra — disse Andrômaca.

— Dificilmente poderemos apelar à sua honra — disse Páris. — Parece-me óbvio que ele não a tem. A questão está em qual a melhor forma de persuadi-lo a dar-nos o corpo de Heitor para o podermos sepultar.

— Irei ter com ele como suplicante — disse Príamo. E já arrancava energicamente as suas vestes. — Tragam-me a roupa mais simples que possuo. E irei ter com ele sozinho.

— Não! — gritou Hécuba, caindo de joelhos na sua frente, numa desesperada agonia.

— Nós já vimos que ele não tem qualquer respeito pelos costumes e pela honra, senão Heitor estaria agora no seu túmulo! Se te puseres ao seu alcance, ele irá certamente matar-te ou maltratar-te e oferecer talvez o mesmo tipo de insulto ao teu cadáver que aquele que ofereceu ao de Heitor. Não podes ir ter com ele sem escolta.

— Se for preciso irei ter primeiro com o nosso velho amigo Odisseu, que me levará em segurança até Aquiles — disse Príamo — e nós sabemos como ele preza a opinião favorável de Odisseu; não me fará qualquer insulto na presença dele.

— Isso não é o suficiente — declarou Hécuba, agarrando-se com força aos seus joelhos. — Se te obstinares nessa loucura, não darás um único passo, porque eu não te deixarei ir!

Príamo tentou afastá-la empurrando-a, mas ela não o soltou. Ele franziu o cenho, zangado.

— Vamos, senhora minha — disse por fim — que queres então que eu faça? Se eu for ter com Aquiles, acompanhado por homens armados, ele pensará que o estou a desafiar para um duelo; é isso o que queres?

— Não! — gritou Hécuba, mas continuava a recusar largá-lo.

— Bem, então, que queres que eu faça? Por que será que uma mulher nunca consegue ser razoável? — inquiriu Príamo.

— Não sei, meu senhor e meu amor; mas não irás ter com aquele louco sozinho!

— Deixem que eu vá — disse Andrômaca, com uma dignidade calma. — Deixem que ele explique à viúva e ao filho de Heitor por que razão não pede um resgate por ele.

— Oh, minha querida... — começou Príamo, mas Hécuba interrompeu-o indignada.

— Se pensas que eu te deixaria levar o meu neto a sequer uma légua de distância daquele demônio...

— Tive uma idéia melhor — disse Helena — leva um sacerdote, nem que seja apenas como testemunha perante os Deuses; Aquiles teme os Deuses...

— Melhor ainda — disse Príamo — levarei duas sacerdotisas, Cassandra e Políxena. Uma serve Apolo e a outra serve a Virgem, assim qualquer que seja o imortal que Aquiles teme, poderá testemunhar a sua impiedade.

Virou-se para Cassandra e disse:

— Não tens medo de ir com o teu velho pai à presença de Aquiles, pois não, mulher?

— Não, pai — disse ela — e irei desarmada ou armada, conforme o desejares; esqueceste que fui treinada como guerreira?

— Não — disse Políxena na sua voz infantil — armas não, irmã!Iremos descalças com o cabelo solto, implorando a sua piedade. Lisonjeará a sua vaidade ter-—nos de joelhos a seus pés. Vai e veste uma túnica branca sem enfeites ou bordados e sem faixa, e solta o teu cabelo ou, melhor ainda — acrescentou, tirando a tesoura de Páris — corta-o como penhor de luto.

Cortou vigorosamente os seus longos caracóis ruivos, ignorando os gritos de protesto da sua mãe. Começou depois a cortar o de Cassandra e quando Cassandra olhou, chocada, os cabelos compridos, que lhe chegavam à cintura, caídos no chão, Políxena exclamou:

— É de má vontade que sacrificas por Heitor a tua vaidade?

"Não seria, se eu pensasse que isso faria a mínima diferença a Heitor ", pensou Cassandra, mas era suficientemente sensata para não dizer em voz alta. Deixou que Políxena lhe tirasse os seus anéis e o colar de pérolas que usava; a irmã tirou em seguida as suas próprias jóias. Príamo ficou apenas com um belo e enorme anel com uma esmeralda, um presente para Aquiles disse ele, e tirou as suas sandálias. Cassandra pegou um archote, Políxena outro e, com o pai, saíram do palácio e começaram a descer. Quando chegaram às portas de Tróia, Príamo ordenou aos seus criados que regressassem.

— Sei que não querem abandonar-me — disse ele — mas se não conseguirmos fazer isto sozinhos é porque, provavelmente, não existe qualquer modo de ser feito. Se Aquiles não der ouvidos a um pai e duas irmãs enlutadas, então não dará ouvidos nem a todo o poder das armas de Tróia. Regressem, meus filhos.

Muitos deles choravam e gritavam de desgosto e temor pelo que poderia vir a acontecer-lhe; mas por fim, um a um, regressaram e os três suplicantes atravessaram os portões abertos e começaram a mover-se vagarosamente, iluminados pelos dois archotes, através da planície.

O chão estava ainda lamacento sob os seus pés devido à chuva da noite anterior e estava muito escuro, pois o céu encontrava-se encoberto por uma espessa camada de nuvens que se abria de longe em longe deixando ver uma lua mortiça. Cassandra tremia dentro do seu vestido simples, com o frio subindo dos pés enlameados, perguntando-se se o céu se abriria de novo para mais uma chuvarada. Uma missão bem inútil e no entanto, se proporcionava paz ao espírito do seu pai, como poderia recusar-se?

Príamo movia-se com lentidão, reparou ela com um aperto no coração, como se as pernas quase não suportassem o seu peso e avançasse unicamente devido à sua força de vontade. *"Será esta, então, a sua morte? Oh, maldito seja Heitor por ter tido a pouca sorte e a insensatez de se ter deixado matar! ",* pensou, tropeçando atrás de Políxena com os olhos tão cheios de lágrimas que mal via onde punha os pés.

Estaria Heitor ainda ali, naquela planície, ligado de alguma forma àquele monte de carne em decomposição atado ao carro de Aquiles? Por que não viria ele falar-lhes, proibir o seu pai de se humilhar perante Aquiles? Não, Heitor tinha se despedido dela e dito que não voltariam a encontrar-se. Se ela tivesse dito ao seu pai e à sua mãe que vira a ruína de Tróia, teriam eles acreditado? Ou teria isso feito sentir ainda mais ansiosos por ver tudo feito e em ordem enquanto ainda havia tempo suficiente?

Uma sentinela solitária interpelou-os:

— Quem vem lá?

A voz de Príamo soou débil e trêmula; Cassandra nunca reparara quão velha e fraca estava a sua voz.

— É Príamo, filho de Lamedonte, rei de Tróia; pretendo parlamentar com o príncipe Aquiles.

Houve um murmúrio de vozes e passado algum tempo uma candeia brilhou.

— Meu senhor de Tróia, és bem-vindo, mas se tens contigo uma guarda armada, tens de deixá-la aqui.

— Não trago qualquer guarda, armada ou desarmada — disse Príamo. — Venho apenas como suplicante à presença de Aquiles; acompanham-me somente as minhas duas jovens filhas.

Isto soava, pensou Cassandra, como se elas fossem duas jovenzinhas e não mulheres

adultas com mais de vinte anos. Como que explicando, Príamo acrescentou:

— Têm ambas votos como sacerdotisas, uma de Apolo e outra da Virgem; não são esposas de guerreiros.

— Por que estão aqui, então?

— Unicamente para amparar o nosso pai se os seus passos vacilassem no caminho — disse Políxena, enquanto o archote lhe incidia sobre o rosto.

Cassandra acrescentou:

— Sou conhecida dos capitães dos Aqueus; estive presente nas negociações para a devolução de Criseide, filha de um sacerdote de Apolo.

Depois de ter dito aquilo, ficou a pensar se deveria tê-lo mencionado; Aquiles não saíra daquele encontro tão airosamente que pudesse desejar que tal lhe fosse recordado. Mas era evidente que a sentinela não o sabia ou não queria saber disso. Disse:

— Deixem-nas vir, então — e baixou o archote dizendo: — Sigam-me.

Conduziu-os através do terreno sulcado pelas rodas dos carros de combate em direção à luz que se escoava da tenda de Aquiles. O interior encontrava-se aquecido e tinha até certo conforto; cadeiras cobertas por peles e couro, tapeçarias penduradas e uma mesa posta com frutos e vinho. Aquiles estava sentado no centro da tenda, com o aspecto de quem se arranjara para conceder uma audiência. No canto mais distante da tenda, nas sombras deixadas por uma meia dúzia de candeias, jazia o amortalhado e mumificado corpo de Pátroclo, tal como Cassandra o vira na sua visão. Perto da porta encontrava-se Agamenon e a seu lado Odisseu, com uma taça de vinho na mão; pareciam ter sido dispostos para um quadro vivo. Aquiles tinha aparentemente acabado de sair do banho; estava com um aspecto muito limpo, a sua pele tão cor-de-rosa como a de uma criancinha; o seu cabelo, que fora cortado curto, com reflexos prateados sob a luz, estava a ser penteado por uma escrava, que Cassandra reconheceu como sendo a criada de sua mãe, Briseide. Quando o seu olhar caiu sobre Príamo, ele ergueu a mão para que o penteado fosse interrompido e a mulher recuou.

— Então, meu Senhor de Tróia — disse ele, os seus lábios finos arreganhando-se naquilo que Cassandra pensou ser um esgar de desprezo — que te traz aqui numa noite como esta?

"Como se ele não soubesse perfeitamente!" Mas era óbvio para todos eles que Aquiles estava disposto a gozar a situação. Príamo avançou para a luz da candeia; Cassandra e Políxena aproximaram-se uma da outra observando-o. Príamo ajoelhou-se desajeitadamente, estendendo as mãos para o homem mais novo num gesto implorativo.

— Oh, meu senhor Aquiles, estou certo de que não será preciso dizer-te por que vim aqui; suplico-te que me concedas o que é costumeiro e próprio, e que me dês o corpo do meu filho Heitor para que seja dignamente sepultado.

Os músculos faciais de Aquiles mal se moveram e formaram um ligeiro sorriso. Príamo apressou-se a continuar.

— Tu és tão valente, senhor! Há muito que combates, mas em todos estes anos de batalhas, nós devolvemos os teus mortos para que os seus corpos pudessem ser entregues ao fogo e os seus espíritos devidamente enviados para o Além.

— Heitor enfureceu-me — disse Aquiles. — Ele nunca deveria ter tido a arrogância de me defrontar, a mim, que os Deuses juraram proteger.

Príamo parou e engoliu em seco; não conseguia pensar em nada para responder àquilo. Cassandra cerrou os punhos sob as mangas compridas. *"E atreve-se ele a falar de arrogância? "*

Príamo disse por fim:

— Meu senhor Aquiles, um guerreiro desafia o melhor adversário que encontra. E ele tombou; tu que és tão poderoso não poderás ser misericordioso para com a mulher de Heitor e também para com o seu filho?

— Não — disse Aquiles — não posso.

Calou-se e Cassandra conseguia sentir em todos os presentes a expectativa em relação às palavras seguintes; mas ele ficou por tanto tempo em silêncio, que ela pensou que ele tencionava deixar a questão por ali. Mas depois ele disse:

— Jurei que teria a vingança que me foi oferecida.

Príamo inclinou-se para a frente e apoiou as mãos nos joelhos de Aquiles. As suas palavras saíram em torrente.

— Príncipe Aquiles, tu já tiveste um pai; não poderás ser, por amor do teu pai, misericordioso? Heitor era o mais velho dos meus filhos e eu tinha orgulho nele, tal como o teu pai deve ter sentido por ti. E quando o galante Pátroclo caiu na batalha, Heitor não tentou ficar com o seu corpo; honrou um bravo inimigo tombado! Veio aos jogos fúnebres de Pátroclo porque, disse ele, Pátroclo não se faria rogado a proporcionar-lhe um bom jantar e disse que esperava ter muito o que conversar com Pátroclo no Além e que ansiava por isso. Ambos eram guerreiros e quando as batalhas deste mundo terminassem, ele esperava que pudessem ser amigos, como camaradas de guerra. Permite que ponhamos Heitor em descanso, da mesma forma que tu sepultarás Pátroclo.

Aquiles olhou na direção do canto sombreado da tenda e Cassandra viu que os seus olhos tinham, subitamente, se enchido de lágrimas. Podia ver o suceder das emoções na sua expressão: ódio, desprezo, piedade, dor; mas a dor predominava. Era evidente que o seu pai encontrara a única coisa capaz de penetrar a arrogância e o desdém. Aquiles disse lentamente:

— Tens razão, Senhor de Tróia; Pátroclo terá então um amigo no Além! Guardas! — bradou. — Vão lá fora e tragam-me o corpo do real Heitor!

O soldado curvou-se até ao chão e saiu a correr. Aquiles disse:

— Falaste em resgate? Que resgate ofereces, então?

Príamo balbuciou:

— Isso, nobre Aquiles, cabe a ti dizer. — Retirou o anel do dedo e colocou-o no dedo de Aquiles. — Por ofereço-te isto como presente, com os meus agradecimentos.

Aquiles afagou o anel, pensativo. Disse, com um sorriso cruel:

— Calculo que, para ti, Heitor valha mais do que uns quarenta carros de combate capturados.

"O louco está a tirar partido disto. " Para Cassandra era óbvio que ele estava a pensar em algo de ultrajante. Príamo murmurou:

— Jurei que te pagaria o que quer que tu pedisses sem regatear, príncipe Aquiles.

Aquiles esfregou o queixo tentando, como se tornava evidente, extrair da situação o maior efeito dramático possível.

— Agamenon... que deverei eu pedir como resgate?

— Pede um grande — disse Agamenon com indiferença. — O rei de Tróia pode pagar seja o que for que peças; a cidade dele tem metade das riquezas do mundo no interior das suas muralhas.

Odisseu interrompeu-o e disse deliberadamente:

— A tua nobreza será medida pela tua generosidade, Aquiles; vais permitir que um troiano te supere em generosidade?

Estava de rosto virado. Cassandra pensou que ele se sentia envergonhado. Desejou que tivesse sido possível negociar apenas com Odisseu.

— É fácil ver quão amigo dos Troianos tu sempre foste, Odisseu! — disse Agamenon. — Não me esqueci de como, por pouco, não conseguíamos persuadir-te a lutar ao nosso lado.

— A metade das riquezas do mundo... — murmurou Aquiles, olhando gulosamente para o anel. — Mas, apesar de tudo, não quero ser muito ganancioso; o que faria eu com metade da riqueza do mundo? Pedirei apenas, então, o peso do corpo de Heitor em ouro.

— O terás — disse Príamo sem vacilar. — Dou-te a minha palavra.

"Mas isto é intolerável!", pensou Cassandra; *"um tal resgate nunca foi pedido ou pago em toda a história da guerra. "* Só Aquiles ousaria fazer algo assim. Odisseu fez um movimento brusco, como se fosse protestar; mas não disse nada. Cassandra sabia porque: uma palavra errada poderia descontrolar a loucura de Aquiles e então não haveria qualquer resgate.

— Será pesado na frente dos teus olhos, de madrugada, diante das muralhas de Tróia, até a última onça, príncipe Aquiles — disse Príamo e curvou-se

para que Aquiles não pudesse ver o furioso desespero espelhado no seu rosto.

Aquiles sorria; obtivera aquilo que queria e obtivera-o diante dos seus aliados.

— Beberás então, comigo, ao nosso contrato, meu Senhor de Tróia?

— Obrigado — disse Príamo; era muito óbvio que preferiria cuspir na cara de Aquiles, mas ergueu a taça que o príncipe lhe pusera na mão e bebeu alguns goles, depois do que passou a taça a Políxena e depois a Cassandra, que a levou aos lábios, mas não bebeu; sabia que se o fizesse sufocaria.

— Posso então receber o corpo de Heitor, para que a sua mãe e as suas irmãs o preparem para ser sepultado?

— Será devolvido de madrugada, lavado e decentemente amortalhado, ungido com óleo e essências, em frente das muralhas quando o resgate tiver sido pago — disse Aquiles.

— Aquiles, em nome de Zeus dos Trovões! — explodiu Agamenon. — O rei de Tróia não regateia ninharias! Dá-lhe o que ele veio buscar!

— Não pensei que um pai desejasse ver o corpo no estado em que ele se encontra — disse Aquiles, observando o rosto de Príamo enquanto falava. *"Uma criança cruel, arrancando as asas aos passarinhos. "* — Eu o deixaria decente antes de ser visto pela mãe.

— O meu senhor Aquiles tem tanto de generoso quanto o que sempre pensamos ter de nobre — disse Cassandra rapidamente. *"Sim, precisamente o que pensávamos. "* — que assim seja! De madrugada então, príncipe Aquiles — e puxou pela manga do seu pai.

A cabeça de Príamo estava curvada; chorava. Ela amparou-o e Políxena pegou-lhe no outro braço enquanto saíam da tenda, rapidamente, para que Príamo não ouvisse as gargalhadas de Aquiles atrás de si.

ONZE

Mal regressaram a Tróia, Príamo pôs toda a gente da casa em frenética atividade, despindo o palácio dos ornamentos de ouro, pedindo todos os colares, brincos e anéis das mulheres e as taças de mesa, antes mesmo de abrir a sala do tesouro e mandar carregar o ouro para o alto das muralhas.

Príamo mandou chamar um sacerdote do Templo do Senhor do Sol para que montasse rapidamente um par de balanças. Foi Crises quem veio e, desta vez, estava realmente muito ocupado para reparar minimamente em Cassandra, enquanto trabalhava com roldanas e pesos. Ela via-o trabalhar, compreendendo os princípios que regiam o que ele estava a fazer, mas sabendo não possuir a habilidade manual nem os conhecimentos para fazê-lo ela própria. Quando a estranha balança se encontrava já preparada, ele pediu-lhe que se deitasse numa das plataformas para que a pudesse testar.

— Basta fazer de conta que és um peso morto — disse ele.

— Como queiras.

Tomou o seu lugar, olhando as pessoas da casa de Príamo que empilhavam ouro do outro lado da balança. Ficou surpreendida pelo tamanho reduzido do monte de ouro que a equilibrava, levantando-a lentamente no ar. Ele viu a expressão dela e disse:

— O ouro é mais pesado do que muita gente pensa.

Estava certa de que Aquiles sabia, até ao peso dos dedos, quanto ouro receberia. Começou a sentar-se à medida que iam retirando o ouro e o empilhavam.

— O teu peso em ouro, Cassandra — disse Crises — se fosse meu, eu o ofereceria para te desposar.

Ela suspirou e disse:

— Não recomeces com isso, meu irmão!

Ele ficou cabisbaixo.

— Terás tu que destruir todas as esperanças de felicidade que eu possa ter neste mundo?

— Oh, se o que desejas é uma esposa — disse ela com um riso de irritação — há mulheres de sobra em Tróia.

— Sabes que para mim — disse Crises — não há outra mulher além de ti.

— Então receio que vás viver e morrer solteiro — disse Cassandra firmemente — mesmo que todo aquele ouro fosse teu e tu pudesses dotar-me com ele. — Deslizou até ficar de pé, olhando o monte de ouro correspondente ao seu peso...

Nunca ligara grandemente para jóias e não conseguia deixar de ficar espantada com o fato daquele material frio estimular tanto a ganância das pessoas. Não sabia por que, mas, mesmo conhecendo Aquiles como conhecia, nunca pensara que ele pudesse ser convencido apenas pelo ouro; pensara que ele talvez tentasse alguma humilhação suplementar à casa real de Tróia.

Por cima deles, iluminando a superfície das pedras, o sol começava a elevar-se; subiu

os degraus até o topo da muralha e, silenciosamente, abriu os braços na saudação matinal ao Senhor do Sol.

— Canta o hino da manhã, Cassandra — incitou Crises. — A tua voz é doce, mas agora é tão raro ser-nos dado ouvi-la, mesmo em honra de Apolo.

Ela abanou teimosamente a cabeça; se cantasse ele a acusaria mais uma vez de estar a tentar enfeitiçá-lo.

— Prefiro cantar apenas na presença exclusiva do Deus — murmurou e ficou em silêncio.

Chegando com os seus criados e mais um cesto de ouro, pois embora o metal precioso mal cobrisse o fundo do cesto, era tão pesado que este tinha

de ser transportado entre dois homens, Príamo disse:

— Então, sacerdote, as balanças estão prontas?

— Prontas para te satisfazer, meu senhor.

— Para me satisfazer? Grande idiota, pensas que tiro alguma satisfação deste assunto!? — inquiriu Príamo asperamente.

Ele continuava vestido com a túnica branca dos suplicantes, manchada da terra das trincheiras e os seus pés descalços estavam cobertos de uma pasta de lama seca.

Políxena sussurrou-lhe algo e Príamo disse em voz alta:

— Queres tu dizer que por causa desse vilão Aquiles eu deveria tomar banho, pentear o cabelo e vestir roupas bonitas, como se isto fosse um casamento e não um funeral? E não me interessa se este aqui é o chefe dos sacerdotes do Senhor do Sol; não é por isso que deixa de ser um idiota!

Cassandra cobriu a boca com a ponta dos dedos; não seria apropriado sorrir naquele momento. Era certo que havia poucas razões para sorrir, à exceção do embaraço no rosto de Crises; achava que o seu pai falara no tom impertinente da senilidade. Príamo fez sinal aos criados para que pousassem o cesto junto do resto do ouro.

— Agora aguardamos as ordens de Aquiles. Seria bem ao estilo dele exigir um acordo tão degradante como este e fazer-nos esperar o dia inteiro, ou não chegar mesmo a vir.

— Ele fez o acordo diante de testemunhas — lembrou Políxena ao pai. — Eles farão com que venha. Estão ansiosos por continuar esta guerra, agora que não têm de enfrentar Heitor.

Fez-se silêncio enquanto a gente da casa de Príamo se reunia lentamente na muralha, com Hécuba e Andrômaca uma de cada lado do rei.

Cassandra não tinha a certeza do que esperava: talvez do carro de Aquiles, galopando à sua habitual velocidade suicida em direção à muralha. Fixou o

sol até os olhos doerem. Crises se encontrava a seu lado e enfiou o braço por baixo do dela como que para lhe fornecer apoio; ela sentiu-se exasperada, mas não queria atrair sobre si as atenções ao afastar-se. O sacerdote disse:

— Estão agitados no acampamento argivo; de que estarão à espera?

— Talvez de humilhar ainda mais o meu pai vendo-o desmaiar de exaustão devido ao calor — murmurou ela. — Comparado com Aquiles, Agamenon é, sem dúvida nobre e gentil, Crises.

— Sei pouco sobre ele — disse Crises — mas sei o suficiente para não querer ver o futuro de Tróia nas suas mãos; a saúde e a força de Príamo são agora a única esperança que existe para Tróia.

"Esperança bem pequena, essa", pensou ela, mas manteve-se calada. Não tinha a mínima vontade de discutir os receios que sentia em relação ao seu pai e muito menos com um homem em quem não confiava.

— Vejam — disse Políxena, e apontou quase sem levantar o braço.

Ao longe, na planície, viam-se formas em movimento; à medida que se aproximavam, Cassandra distinguiu Aquiles, com o cabelo brilhando sob um ofuscante raio de sol. Caminhava à cabeça de um pequeno cortejo; atrás dele, oito dos seus soldados transportavam um corpo numa padiola (só podia ser o de Heitor) e, a seguir, vinha meia dúzia de chefes aqueus, de armaduras completas, mas não transportando quaisquer armas.

"Ao menos por uma vez, Aquiles cumpriu a sua palavra. " Soltou a respiração, só então percebendo que, até ter visto o corpo de Heitor, nem por um momento admitira que ele o fizesse.

Eles estavam agora mais próximos; conseguia distinguir o rosto de cada um e até mesmo ver os pormenores do bordado da mortalha que cobria o corpo de Heitor. Aquiles curvou-se diante de Príamo e disse:

— Tal como prometi, Senhor de Tróia, eis o corpo do teu filho.

— O resgate está à tua espera, príncipe Aquiles — disse Príamo e dirigiu-se à mortalha, dobrando para trás a pesada cobertura para destapar o rosto. — Primeiro deixa-me certificar-me de que é realmente o corpo do meu filho...

Hécuba veio colocar-se ao seu lado quando ele retirou a mortalha, com Pentesileia junto de si, preparada para o caso dela precisar de apoio. Cassandra estava à espera de ouvir a sua mãe começar a chorar ou a gritar, mas ela apenas assentiu e curvou-se para beijar a testa branca e fria. Príamo disse:

— As balanças foram montadas por um sacerdote de Apolo, Senhor do Sol, que é dotado para estas coisas. Se quiseres verificar pessoalmente os pesos...

— Não, não — disse Aquiles, com invulgar cordialidade — eu entendo pouco dessas coisas, meu senhor.

Crises disse, conduzindo Aquiles para junto da balança:

— Agiste contra os teus interesses, príncipe Aquiles, ao permitir que o corpo de Heitor ficasse tão estropiado; no seu estado perfeito, daria mais ouro.

A piada soou grosseira e inapropriada. Cassandra indagou-se olhando as mãos trêmulas de Crises e o brilho excessivo nas pupilas dos seus olhos, se ele teria estado a beber vinho puro àquela hora da manhã ou alguma infusão com vinho e sementes de papoula, que o tivesse feito perder a noção de quem eram aqueles em cuja presença se encontrava.

Príamo empalideceu e disse rispidamente:

— Vamos lá começar com isto!

Fez um sinal e o corpo de Heitor foi erguido de forma a ficar deitado na plataforma. Os escravos de Príamo, com a ajuda de pás, começaram a colocar o ouro na plataforma, poucas peças de cada vez. Aquiles olhava, sorrindo abertamente, à medida que a plataforma que suportava o corpo

começava a estremecer e a elevar-se do solo. Cassandra perguntou-se se os outros espectadores achariam a cena tão grotesca como ela a achava.

A balança estremeceu e, por momentos, oscilou fortemente, fazendo com que o corpo deslizasse para um dos lados, mas sem cair. Nos cumes que se erguiam acima de Tróia, os ventos começavam a levantar-se; mas ali, na base das muralhas, o ar estava angustiantemente parado, parado ao ponto de dificultar a respiração. Ocorreu a Cassandra que não ouvira, em parte alguma da cidade, um único canto de pássaro. Seria isso parte do aviso que lhe fora feito anteriormente? Estaria Posídon prestes a atacar? Deixá-lo atacar, então, e acabar com aquela obscenidade, com aquela caricatura da decência e da honra. Fixou atentamente os olhos numa das cordas das roldanas e não os desviou dela. Enquanto olhava, a corda tremeu e alguns ornamentos de ouro caíram. *"Oh, vamos, Posídon, é isso o máximo que consegues fazer por Heitor? "*

Um dos escravos de Príamo apanhou os ornamentos e voltou a colocá-los no lugar. Juntou-lhes uma pesada proteção peitoral em ouro e a plataforma que suportava o ouro baixou, ultrapassando agora, obviamente, o peso do corpo.

— Muito pesado — disse Príamo e retirou-a, substituindo-a por um colar de ouro de voltas múltiplas.

— Um cabelinho a menos, agora — disse Aquiles, demorando gulosamente os olhos

na couraça peitoral.

Políxena deu um passo em frente, tirou os seus longos brincos de trama de ouro das orelhas e atirou-os para a plataforma. Os pratos balançaram, imobilizando-se em seguida, perfeitamente equilibrados.

— Aí está — disse ela — é suficiente. Pega no teu ouro e vai-te!

Aquiles deslocou o olhar do ouro para Políxena, com os olhos a luzir.

— Em troca do ouro, uma jovem dourada bastaria — disse ele. — Rei Príamo, perdoarei metade do resgate em troca desta mulher, mesmo que ela seja uma das tuas escravas ou concubinas.

— Eu sou filha de Príamo — disse Políxena — e sirvo a Virgem, que não é grande amante da lascívia, mesmo de um rei ou de um filho de um rei. Dá-te por satisfeito com o teu ouro e com o acordo que fizeste, príncipe Aquiles, e deixa-nos com o nosso morto.

Aquiles apertou os lábios com força e Cassandra viu uma veia a pulsar-lhe na fronte. Por entre os dentes cerrados disse:

— Ah, é assim? Então, a darás (honradamente, em casamento legítimo) em troca de uma trégua de três dias para o enterro do teu filho? Caso contrário, a guerra recomeçará ao meio-dia.

— Não! — a voz de Odisseu explodiu vinda do meio dos chefes aqueus. — Isto é demais! Aquiles, honra a tua palavra, tal como prometeste, ou será comigo que te encontrarás ao meio-dia! Negociamos com Príamo três dias de trégua para o funeral de Heitor e assim será!

Aquiles olhou-o com ar carrancudo, mas disse:

— Então seja — e levantou a mão para os seus homens.

Distribuíram o ouro em cestos e, cada qual carregando um, partiram através da planície pelo mesmo caminho por onde tinham vindo.

Cassandra não ficou para assistir aos planos para os jogos fúnebres, alegando obrigações no templo; tinha de ir imediatamente para ver o que as serpentes prognosticavam. Mais ninguém parecia ter notado o toque da mão, ou da ponta dos dedos, de Posídon. Subiu rapidamente o longo e íngreme caminho em direção à casa do Senhor do Sol. Momentos depois percebeu que Crises a seguia. Bem, deixe-o; tinha tanto direito de entrar na casa do Senhor do Sol como ela. Mas ele não a abordou nem lhe falou até terem atravessado os grandes portões.

— Eu sei o que te vai no espírito, princesa — disse ele. — Eu também o senti. Os Deuses estão zangados com Tróia. — Tinha um ar pálido e abatido; que teria ele andado a beber tão cedo? Talvez alguma coisa para estimular as Visões, ou mesmo os seus sentidos vulgares?

— Não tinha certeza de tê-lo sentido — começou ela. — Não estava segura de não ter sonhado ou imaginado isso.

— Se foi assim, então também sonhei — disse ele. — Agora é apenas uma questão de tempo; por quanto tempo mais poderá Apolo, Senhor do Sol, retardar o golpe de Posídon em toda a sua violência? Também eu os vi lutando por Tróia...

Recordando a sua própria Visão, Cassandra disse:

— É verdade. Nenhum mortal pode destruir as muralhas de Tróia. Mas se um Imortal as fender...

— Está lá fora um exército mais poderoso do que todas as forças de Tróia — disse Crises. — E o nosso melhor combatente aguarda os seus ritos fúnebres, enquanto eles têm, pelo menos, três guerreiros superiores ao nosso melhor.

— Três? Tens razão quanto a Aquiles, mas...

— Agamenon, que pode vencer Páris e Deífobo ao mesmo tempo, se for necessário; e Odisseu e Ájax são equivalentes a Heitor, embora nenhum deles alguma vez o tivesse superado.

— Bom — disse Cassandra, perguntando-se onde quereria ele chegar com aquilo — enquanto as nossas muralhas estiverem de pé, isso não tem importância; e se está destinado que elas têm de cair... bem, enfrentaremos o destino quando ele chegar.

— Eu não quero ficar e assistir à queda da cidade. Se eu fosse guerreiro ficaria para luta, mas eu nunca fui treinado no uso das armas e não serviria de ajuda nem para defender a mim próprio e muito menos aqueles que amo.

Virás comigo para longe, Cassandra? Eu não quero que morras quando a cidade se render.

— Quem me dera ter apenas a morte para recear!

— Tenho intenções de ir para Creta no primeiro navio que consiga arranjar e ouvi dizer que, para lá da enseada, há um navio fenício que se prepara para fazer-se ao mar — disse Crises. — Vem comigo e não terás nada a recear.

— Nada, isto é, exceto tu.

— Não serás jamais capaz de perdoar-me aquele momento de loucura? — perguntou Crises. — Eu tenho-te o maior dos respeitos, Cassandra; casarei contigo se quiseres ou, se continuas decidida a não casar, farei todos os juramentos que quiseres em como viajaremos como irmão e irmã e eu não te tocarei com um dedo sequer.

"Mas eu não confiaria no teu juramento, nem que jurasses pela honra da tua própria

mãe ", pensou ela, e abanou a cabeça, sem animosidade.

— Não, Crises. Agradeço-te teres pensado nisso, acredita-me. Mas os Deuses decretaram que eu tenho algo mais a fazer em Tróia. Não sei o que eles destinaram para mim, mas sem dúvida que me dirão quando chegar o momento.

— Certamente a tua lança não terá qualquer utilidade quando a cidade cair — disse Crises. — Ficas para consolar a tua mãe e a tua irmã quando elas forem levadas como cativas pelos capitães argivos? De que lhes valerá isso?

Cassandra olhou-o atentamente. Parecia haver muito tempo que não tocava em comida, mas não tinha apenas um aspecto faminto. O coração de Cassandra sofria por ele. Ela não o amava da forma que ele desejaria, mas conhecia-o havia muito tempo e já não lhe queria mal.

"Um toque momentâneo do Deus, neste momento, o mataria", pensou e sentiu-se entristecida.

— Se for essa a única tarefa que os Deuses me destinarem — disse firmemente — então será essa a que eu cumprirei.

— Não vejo que valha muito a pena ir sozinho para Creta ou para Terá — disse Crises. — Podias vir comigo tal como foste para Cálcis, estudar a ciência das serpentes, ou para o Egito, onde as sacerdotisas são sempre bem-vindas. No Egito há sempre construções em curso, e há sempre trabalho, tal como em Cnosso, para um homem que seja jeitoso em medições e pesagens. Ouvi dizer que iam reconstruir o palácio que ficou reduzido a escombros no último ataque de Posídon, O que Estremece a Terra.

— Então não vás sozinho — disse Cassandra. — Leva Criseide contigo. Ela nunca foi feliz aqui. E tu não queres que ela acabe novamente como cativa, na cama de Agamenon, não é?

— Não é Criseide que Agamenon quer — disse Crises — e tu sabes disso tão bem como eu.

Cassandra sentiu um arrepio ao escutar o ecoar da verdade na voz do sacerdote, mas

disse:

— Eu obedeço ao meu destino como tu, meu irmão, obedeces ao teu; vai então para Cnosso ou para o Egito ou para onde quer que o teu destino te conduza e que todos os Deuses te protejam por lá. — Movimentou a mão num gesto de bênção. — Só te desejo tudo o que há de bom, mas separamo-nos aqui, Crises, e para sempre.

— Beija-me só uma vez — implorou ele, tombando sobre os joelhos diante dela.

Ela curvou-se e pousou levemente os lábios na sua testa enrugada, como uma mãe que

beija uma criancinha.

— Que transportes a bênção do Senhor do Sol aonde quer que vás e lembra-te de mim com ternura — disse ela.

Continuou a subir, ultrapassando-o, deixando-o ainda ajoelhado e aturdido, no meio da rua. *"Já não está no seu juízo perfeito ",* pensou ela, *"talvez seja uma bênção. Sofrerá menos quando o seu destino o atingir; já não deve faltar muito. Para nenhum de nós. "*

Na Sala das Serpentes encontrou as sacerdotisas correndo de um lado para o outro, meio vestidas, lutando para conseguir recapturar as cobras. Nessa manhã, um grande número delas desertara dos seus lugares próprios e fora refugiar-se no jardim. Uma ou duas das mais dóceis, ao serem recolhidas e levadas para os seus lugares, tinham mordido quem as segurava. Cassandra estava desolada. Fílidas tinha, de fato, tentado falar-lhe disso, mas ela não a escutara. O presságio era verdadeiramente mau, mas já passara o tempo dos receios.

— O Senhor do Sol não enviou às Suas gentes um falso aviso — disse ela. — A mão de Posídon, o que Estremece a Terra, atingiu-nos de fato, mas apenas com uma ligeiríssima pancada. Escutem: os pássaros cantam outra vez. O perigo passou, pelo menos por hoje.

Apesar de tudo algumas pareciam perturbadas.

— A cobra grande, a Mãe das Serpentes, não sai para comer a três dias — disse Fílidas. — Já a tentamos com ratos e coelhos recém-nascidos, depois com um pombo jovem e até mesmo com um pratinho de leite fresco de cabra.

Este último era agora em Tróia uma rara iguaria, já que muitas das cabras tinham de ser abatidas por falta de forragem. O pouco leite que restava era guardado apenas para bebês pequenos ou para as mulheres em princípio de gravidez que não toleravam outros alimentos.

— O que significa este presságio, Cassandra? Será que a Mãe está zangada conosco? E que podemos fazer para afastar a Sua ira?

— Não sei — disse ela. — Não me chegou qualquer mensagem da Deusa dizendo que está zangada conosco. Acho que talvez devêssemos vestir as nossas túnicas dos festivais e cantar para Ela. Isso, pelo menos, não faria mal algum. E depois devemos ir todas para baixo e executar uma dança de adoração nos festejos fúnebres de Heitor.

Aquilo arrancou às mulheres exclamações de prazer. Tal como calculara, facilmente se esfumaram os seus receios sobre o presságio. Mas Fílidas, que aprendera com Cassandra grande parte da arte das serpentes de Cálcis, deixou-se ficar para trás por um momento quando as outras foram trocar as suas túnicas.

— Isto está tudo muito certo, minha querida, mas e se a serpente grande se recusar de novo a comer?

— Suponho que teremos simplesmente que receber isso como o pior dos presságios — disse Cassandra. — Mesmo a Mãe das Serpentes é um bicho, afinal, e nenhum animal passa fome sem motivo. Já alimentei à força serpentes menores, mas não me sinto apta para a tarefa de fazê-lo com esta; e tu? — Fílidas abanou silenciosamente a cabeça e Cassandra assentiu. — Portanto, o que podemos fazer é oferecer-lhe a comida para tentá-la mais fortemente e rezar para que ela ache que vale a pena ingeri-la.

— Em suma, é exatamente o que faríamos com um dos Imortais — disse Fílidas, com um sorriso cínico. — Cada vez mais me pergunto: de que servem os Deuses?

— Também não sei, Fílidas; mas peço-te que não digas isso às outras mulheres — disse Cassandra. — E suponho que era melhor irmos também vestir as nossas túnicas.

Fílidas afagou-lhe o rosto e disse:

— Pobre Cassandra! Não deves sentir-te com grande disposição para dançar e festejar quando Heitor jaz ali morto.

— Heitor está melhor do que muitos dos que ainda estão vivos, na cidade — disse Cassandra. — Acredita-me, minha querida, eu sinto-me feliz por

ele.

— Nenhum dos meus parentes está a combater — disse Fílidas — e já se passou tanto tempo desde a última vez que estive num festejo, que me sentiria contente mesmo se a festa fosse em honra do meu próprio pai. Por isso dancemos para a Mãe Serpente e em memória de Heitor, e esperemos que tanto um como o outro retirem disso todo o prazer possível. — Afastou-se rapidamente e Cassandra curvou-se diante da grande caverna artificial que havia sido escavada na parede para a enorme serpente.

Hesitou, tentando certificar-se de que Apolo não falava a proibir-lhe a entrada e depois rastejou para o seu interior, com uma candeia acesa na mão, para investigar. A velha serpente conhecia o seu cheiro e não lhe faria mal, mas ela também não queria aproximar deliberadamente a candeia acesa. Dentro da caverna, na semi-obscuridade, Cassandra sentiu o velho cheiro que fazia o medo trespassar os ossos dos seres humanos, mas ela fora ensinada a ignorá-lo.

Continuou a rastejar, evitando o monte de sujeira na caverna. As serpentes, em condições normais, eram mais asseadas do que os gatos; esta não teria sujado a sua habitação se tudo estivesse bem. Começou a divisar a enorme pilha de anéis escamosos e, murmurando palavras calmantes, foi rastejando. Estendeu a mão hesitante e afagou-a delicadamente, mas em vez das escamas quentes que antecipara, tocou algo que parecia cerâmica fria. Pressionou com maior firmeza. Imóvel sob a sua mão, a Grande Serpente jazia morta.

"Então era por isso que ela não saía para comer. O presságio é pior do que as mulheres pensam ", pensou Cassandra, suspirando e estendendo-se por momentos ao lado da criatura morta. Deu consigo a interrogar-se: se fosse para a cinzenta planície da morte, onde Heitor vagueava à espera do seu filho, encontraria aí a Mãe Serpente e a cobra falaria à sua sacerdotisa com voz humana?

Bem, tanto fazia: se ela tivesse oportunidade de atravessar de novo aquela planície, talvez descobrisse. Havia tantas perguntas não respondidas sobre a morte, que ela não conseguira compreender por que razão haveria alguém

de receá-la ou sentir, diante dela, algo que não fosse uma profunda curiosidade.

Recuou a rastejar para fora da caverna e colocou a candeia acesa numa plataforma diante dela, como sinal para que não perturbassem a ocupante. Fílidas regressou e perguntou-lhe:

— Entraste na caverna? Ela está bem?

— Muito bem — disse Cassandra, controladamente. — Esteve a mudar a pele e não pode ser incomodada.

Fílidas mostrou-se aliviada.

— Oh, mas tu não trocaste de túnica... nem calçaste as sandálias de dançar.

— Oh, Heitor não liga às minhas túnicas — disse ela — e eu consigo dançar tão bem descalça como com as sandálias.

Logo que as mulheres se juntaram novamente no santuário, ela conduziu-as nos passos da dança, mais antiga do que Tróia. Quando terminou, soltou o uivante grito final, murmurando entredentes uma oração pela velha serpente; depois interrogou-se: será correto rezar pela alma de um animal que, provavelmente, não possuía alma? Bom, se ela tivesse alma a oração seria bem-vinda; caso contrário, também não lhe faria mal algum.

— E agora vamos para a festa — disse ela, e conduziu as mulheres colina abaixo, em direção ao palácio.

Príamo não as esperava, mas, de qualquer modo, foram bem recebidas e Hécuba ficou satisfeita por elas terem vindo prestar aquela homenagem a Heitor. Cassandra ficou no centro do bailado, observando a longa espiral de mulheres, com os seus esvoaçantes vestidos brancos, que girava em torno dela; depois dirigiu o desenrolar dos anéis da velha dança do labirinto. Quando a dança e a canção chegaram ao fim, Cassandra fez sinal às sacerdotisas para que ajudassem a encher as taças dos convidados antes de se sentarem. Ela própria encheu uma taça de vinho e levou-a a Pentesileia. Exausta e amargurada, sentiu que não existia mais ninguém naquela sala

com quem pudesse falar, à exceção da velha amazona. Nem mesmo com Enéias, apesar dele lhe sorrir e acenar, se sentia capaz de falar. Pentesileia não a incomodou com perguntas; puxou-a simplesmente para que se sentasse a seu lado no cadeirão e partilhasse a sua taça de vinho. Só então perguntou:

— O que há, pequenina? Pareces tão abatida. Não é só desgosto por causa de Heitor,

não é?

Cassandra sentiu as lágrimas subirem-lhe aos olhos. Para todas as outras pessoas de Tróia, ela era a sacerdotisa, aquela que carregava os fardos, a dona das respostas, a pessoa a quem todas as perguntas deveriam ser feitas. Nunca ocorria a ninguém que ela pudesse ter os seus próprios receios e interrogações.

— Há horas em que eu desejaria ter optado por ser também uma guerreira — explodiu ela. — Não vejo que utilidade poderá ter, seja para quem for, o fato de eu ser sacerdotisa.

A voz de Pentesileia soou com dureza.

— As nossas vidas raramente são escolhidas por nós, Cassandra. — Por que é, então, que algumas pessoas podem escolher?

— Penso que, possivelmente, no caso de alguns de nós, essas escolhas são determinadas pelas opções que fizemos até então, senão nesta vida, numa outra — disse Pentesileia.

— Acreditas realmente nisso? — perguntou Cassandra.

— Oh, minha querida, eu não sei em que acredito; sei apenas que, como todos nós, faço o melhor que posso das opções que me são oferecidas em cada momento — disse Pentesileia — Mas não devias estar aqui sentada a discutir os quês e porquês dos caprichos da vida com uma velha; olha, Enéias está farto de tentar captar-te o olhar. Alguns minutos com o teu amante te animarão mais facilmente do que todas as minhas filosofias.

Talvez assim fosse, pensou Cassandra, mas ficou sentida. No entanto, olhou para Enéias e devolveu-lhe o sorriso. Ele levantou-se e veio ter com ela, aceitando outra taça de vinho, embora ela reparasse que estava tão diluído que era mais água do que vinho.

— A dança foi linda, nunca tinha visto nada parecido — disse ele. — É uma das danças antigas de Tróia?

— Sim, é muito antiga — respondeu-lhe ela. — Mas creio que deve ser cretense: é a dança do labirinto: as espirais dos anéis da Serpente da Terra. Já era dançada na casa do Senhor do Sol antes de Ele ter morto a Grande Serpente, segundo dizem.

"E, uma vez mais, a Grande Serpente jaz morta, e o Senhor do Sol não nos enviou qualquer sinal ou presságio", pensou ela, esmagada pelo medo... O que poderia significar tudo aquilo? Certamente, a morte de Heitor fora apenas o começo de um desfile de infortúnios...

Enéias estava debruçado sobre ela, com uma expressão de ansiedade, perturbado pela sua angústia. Ela não queria assustá-lo também; com ele talvez ela conseguisse até pôr um fim àquele infinito desespero.

— Deixa-me trazer-te qualquer coisa — disse ele. — Quase não provaste nada da festa e há cabrito assado e *borrego.* Príamo não quis que faltasse nada e Heitor não gostaria de verte infeliz; onde quer que o nosso irmão morto se encontre, podemos estar certos de que tudo está bem com ele e não é pelas nossas lamentações que ficará melhor.

Aquilo soou tão próximo do que tinha estado a tentar dizer, que ela ficou radiante; *"pelo menos Enéias compreende o que eu digo; não tenho de tentar abrir caminho através de uma montanha de receios e disparates supersticiosos relacionados com a morte!"*. O rosto dele parecia brilhar sob a luz do archote. Lembrou-se de que o vira sair ileso da catástrofe de Tróia. Ele ia viver e a luz do seu rosto não era mais do que a luz da vida, quando a palidez da morte cobria todos os outros.

— Não quero comer mais — disse ela, embora momentos antes tivesse sentido fome.

— Bem, então saiamos desta sala de lamentos. Todos os Deuses podem testemunhar que eu gostava de Heitor, mas não vejo de que forma o seu destino, ou a nossa aceitação dele, possa ser beneficiado pelo fato de as pessoas se sentarem a comer até mal poderem se mexer, ou a encherem-se de bebida até à imbecilidade — disse ele, e fez deslizar o braço em volta dela. Abraçados, saíram para o terraço e olharam a negra extensão do acampamento argivo; havia algumas luzes dispersas, mas tudo o resto estava às escuras.

— O que estarão eles a fazer lá em baixo? — perguntou Enéias.

— Não sei; posso ser profetisa, mas não consigo ver a esta distância — disse ela. — Diria que constroem um altar a Posídon. Mas é tarde de mais para isso e eles deveriam sabê-lo.

— Talvez os videntes deles não sejam tão bons como tu — disse ele, apertando-a com força. — Cassandra, deixa-me ir ao teu quarto...

Ela hesitou, mas por fim disse:

— Vem, então. — No dia seguinte haveria tempo para pensar em serpentes mortas e cidades moribundas.

Enquanto caminhavam, subindo a rua íngreme, uma estrela caiu varrendo o céu com uma velocidade tal que, por instantes, pareceu ter sido a terra a inclinar-se. Cassandra apertou o braço de Enéias, lembrando-se de quando ela e Andrômaca tinham visto estrelas cadentes, em Cálcis, era ela ainda uma menina. Desde essa noite, embora ela tivesse vindo a observar regularmente os céus, nunca mais vira outra estrela cadente até àquele momento. Seria alguma

espécie de augúrio? Ou não teria qualquer significado?

— O que foi? — perguntou Enéias, inclinando-se para ela e falando com enorme

ternura.

— Foi apenas a estrela.

— Estrela? — perguntou ele. — Não vi nada, meu amor.

"Agora estou a imaginar coisas. Bom, já basta por esta noite!", disse firmemente a si própria e arrastou Enéias para o seu quarto, percebendo num súbito golpe de dor, que seria a última vez.

DOZE

A trégua, para grande surpresa de Cassandra, não foi quebrada pelos Aqueus. Nenhum deles competiu nos jogos fúnebres de Heitor, exceto um *mirmídone* anônimo que participou na luta corpo-a-corpo, deitou por terra quatro oponentes seguidos (terminando com derrubando Deífobo), embolsou a taça de ouro que constituía o prêmio e desapareceu sem revelar o nome. Mais tarde os boatos na cidade afirmavam ser ele um dos Imortais disfarçado, mas não era. Páris disse que o tinha visto nas fileiras e que ele era apenas um vulgar soldado. Troianos e Aqueus assistiram juntos aos diversos acontecimentos, aplaudindo os vencedores com notável desportivismo.

Pentesileia insistiu em competir pelo prêmio do tiro ao arco, o que provocou alguns problemas quando ela venceu com facilidade todos os adversários, incluindo Páris, o qual tinha, obviamente, destinado aquele prêmio para si. Páris protestou, mas ninguém aceitou as suas objeções. Uma vez que Páris já tinha sido freqüentemente afirmado que nenhum homem da terra poderia batê-lo no tiro ao arco, vários dos filhos mais novos de Príamo (que não estavam de todo contrariados por ver o seu irmão ser batido uma vez) insistiram em que ele não tinha o direito a reclamar visto ter sido batido por uma mulher.

Na manhã do terceiro dia, Cassandra acordou cedo, escutando com alívio o canto enérgico de muitos pássaros nos jardins da casa do Senhor do Sol; pelo menos nesse dia não iria haver nenhum tremor de terra substancial!

Foi cedo para o palácio (Pentesileia tinha se mudado dos seus aposentos na casa do Senhor do Sol) e ajudou a amazona a vestir a sua armadura de couro endurecido com placas de metal.

— Todos nós iremos lutar e hoje vamos (isto é, nós, Amazonas) lançar-nos com todas as nossas forças contra Aquiles — disse ela. — Há muitos anos que lutamos. Um só guerreiro, por muito feroz que ele seja, não poderá derrotar a nós todas.

— Preferia que escolhessem atacar alguém menos temível — disse Cassandra, preocupada. — Há inimigos que cheguem; homens como Idomeneu e Menelau também necessitam ser mortos. Por que não Agamenon? Por que hão de ir logo desafiar o orgulho dos Aqueus?

— Porque se Agamenon ou Menelau forem mortos, Aquiles continuará ali a animar as tropas, mas se Aquiles morrer, eles ficarão como uma colméia de abelhas quando a rainha desaparece — disse Pentesileia. — Os *Mirmídones,* pelo menos, ficarão completamente desmoralizados. Lembra-te de quando Aquiles ainda estava amuado: eles quase não lutavam e muito menos se mostravam como o exército bem organizado que são agora.

— Oh, eu consigo entender porque pensas assim —disse Cassandra — mas esta guerra nem sequer é vossa. Quem me dera que vocês fossem embora antes do combate de hoje!

Pentesileia olhou-a de frente.

— Tivestes algum presságio, Olhos Brilhantes?

— Não propriamente — disse Cassandra e depois percebeu que deveria ter dito que sim; talvez a amazona tivesse acreditado nela. Lançou os braços em volta de Pentesileia e começou a chorar.

— Quem me dera que não fosses — era a única coisa que ela conseguia dizer. Agarrou-se à mulher mais velha, em prantos, e Pentesileia franziu o sobrolho.

— Vamos, então, onde está a guerreira que eu própria treinei? — perguntou. — Estás a comportar-te como uma mulher doméstica e fraca! Ora, isso mesmo! Enxuga esses olhos brilhantes, meu amor, e deixa-me ir.

Relutantemente Cassandra soltou-se dela, tentando reprimir os soluços.

— Mas Aquiles é invulnerável; dizem que há um Deus que o protege e que nenhum homem pode matá-lo.

— Bem, Páris também se gabava de que nenhum homem o poderia bater no tiro com arco — disse Pentesileia com um sorriso divertido. —Talvez isso queira dizer que a morte dele está reservada para uma mulher. E se eu não estiver destinada a fazê-lo, talvez uma das minhas mulheres o faça para me vingar. Querida, nenhum homem mortal é invulnerável e se algum Deus proteger tal monstro, então esse Deus deveria ter vergonha. Nós atribuímos muito poder a Aquiles. Ele é um homem como outro qualquer.

"No entanto, ele matou Heitor", pensou Cassandra, mas não havia nada que pudesse dizer, pois Pentesileia tinha razão. Caminharam lado a lado, rodeadas pelas outras amazonas,

até ao local onde os cavalos e os carros formavam para o ataque.

Pentesileia pôs o braço em volta da cintura de Cassandra.

— Céus, filha, ainda estás a tremer!

— Não consigo deixar de temer por ti — disse Cassandra com a voz sufocada.

Pentesileia franziu as sobrancelhas; depois a sua voz encheu-se de ternura.

— Isso não pode interferir na vida de uma guerreira, Olhos Brilhantes. Não quero que ninguém te veja chorar assim. Vamos, querida, deixa-me ir.

"Não suporto vê-la ir! Ela não voltará nunca... " Mas, embora com relutância, soltou os braços da cintura da sua parente. Pentesileia soltou-a e disse:

— Cassandra, aconteça o que acontecer, fica sabendo que foste sempre para mim mais do que uma filha e mais querida do qualquer dos meus amantes. Foste minha amiga.

Cassandra afastou-se para o lado, vendo, através de uma névoa de lágrimas, a sua tia saltar para cima da sela. As Amazonas cerraram fileiras à sua volta, falando de estratégias de combate em voz baixa; depois, os portões abriram-se e saíram a galope.

Cassandra sabia que deveria ir juntar-se à sua mãe no palácio ou ir para o templo vigiar as serpentes. Estava tudo numa confusão, agora que se soubera da morte da Grande Serpente, mas, em vez disso, foi para o alto da muralha para assistir ao avanço de Pentesileia e do seu grupo contra os Aqueus. Meia dúzia de carros Troianos saiu primeiro, envolvendo-s diretamente com a grande massa de inimigos, usando lanças e espadas. Depois, trovejante, a carga das Amazonas lançou-se sobre Aquiles e os seus homens.

Uniram-se num choque de lanças claramente audível para as mulheres que se encontravam na muralha. Quando a poeira se dissipou, duas das amazonas jaziam no solo, os seus cavalos caídos. Uma delas conseguiu pôr-se de pé e derrubar com um golpe de lança o seu atacante. A outra jazia imóvel, com o seu cavalo a debater-se e a arrastar-se, tentando pôr-se de pé. Um soldado aqueu viu os seus esforços e, rapidamente, golpeou-lhe a garganta; depois se ajoelhou sobre a mulher caída para lhe arrancar a sua belíssima armadura. Cassandra viu que Pentesileia tinha sobrevivido ao primeiro assalto; o seu cavalo fora ferido por uma lança, mas continuava de pé.

A rainha amazona voltou a sua montaria e carregou através de um amontoado de soldados de Aquiles, desviando-os com o impacte e ferindo mais do que um com os seus golpes de lança. Cassandra viu o preciso momento em que Aquiles percebeu a presença dela: quando ela golpeou um homem que devia pertencer à sua guarda pessoal. Viu o salto que ele deu, encarando a amazona como se a convidasse a apear e a lutar com ele cara a cara.

Pentesileia desmontou prontamente para enfrentá-lo, espada com espada. Era mais alta do que ele e tinha maior alcance com a espada. Bateram-se um com o outro com um ruído metálico, numa seqüência de golpes muito rápidos para poderem ser seguidos com o olhar. Aquiles vacilou e, por momentos, caiu sobre os joelhos. Fez um sinal qualquer e os seus soldados acorreram e imediatamente se ocuparam de todas as outras guerreiras. Depois, veloz como o ataque de uma serpente, pôs-se de pé, a sua espada movendo-se a uma velocidade tal que quase não se via. Pentesileia recuou alguns passos até que ficou encostada ao flanco do seu cavalo. Então a

espada implacável de Aquiles pressionou-a até ela tombar. Cassandra ouviu-a expirar num soluço, ao mesmo tempo em que Aquiles se lançava para junto da amazona. O que estaria aquele louco a fazer? Arrancou-lhe a roupa num frenesi, inclinou-se sobre ela e, sob os olhares horrorizados delas, violou selvaticamente o cadáver.

"Monstruoso!", pensou ela. *"Se ao menos tivesse o meu arco!"* Aquiles tinha terminado e lutava com as quatro amazonas que tinham ido atacá-lo. Atingiu duas delas de uma só vez, depois derrubou outra com a lança, ferindo-a de tal modo que, ao afastar-se cambaleante, foi mortalmente golpeada por um dos soldados dele. A mulher que restava precipitou-se desesperadamente na tentativa de recuperar o corpo de Pentesileia, mas com a inferioridade numérica delas era inútil e, poucos minutos depois, não havia uma única guerreira amazona viva. Os soldados se reuniram e levaram os cavalos que tinham sobrevivido. Numa única hora de batalha, o que restava de uma tribo, toda a sua cultura e o seu passado, tinha sido apagado e aquele demoníaco Aquiles havia infligido o supremo insulto à guerreira que ousara enfrentá-lo. Cassandra não acreditava, nem por um momento, que ele tivesse sido dominado por um impulso lascivo; fora um ato cruel de puro desrespeito.

Teria sido o momento apropriado, pensou, para Apolo disparar a sua flecha e atingi-lo, naquele preciso ato de desmedida arrogância e orgulho. O Deus que condenava os excessos na vingança e até na guerra, teria sido o vingador perfeito. Aquiles, concluiu Cassandra, não podia ser considerado como um digno adversário de batalha: era como um cão raivoso.

"Mas os Deuses ficam na sombra e nada fazem. Se Aquiles fosse de fato um cão raivoso", refletiu, *"alguém haveria de matá-lo, não para vingar os mortos, mas sim para proteger os vivos e para acabar com o sofrimento do pobre animal enlouquecido. "*

"E se Apolo não age, não terá sido por acaso que eu fiz o juramento de O servir , nem que seja apenas para fazer o que um sacerdote mais ingênuo esperaria que o Deus fizesse. " Pela primeira vez desde que, em menina, se ajoelhara e pedira ao Senhor do Sol para que a aceitasse, soube claramente por que razão tinha ido para a casa do Senhor do Sol. Olhou uma última vez para o corpo de Pentesileia que jazia, despido e exposto, no meio do

terreno, e depois se afastou. Chorara tudo nessa manhã, quando implorava a Pentesileia que não fosse, e

não tinha mais lágrimas.

Subiu até a casa do Senhor do Sol e foi ao seu quarto. Ali tirou do baú o seu arco, um presente de Pentesileia, elaboradamente decorado e com incrustações em ouro como o do próprio Senhor do Sol.

Pô-lo a tiracolo juntamente com uma flecha simples (poderia necessitar dela para testar o alcance) e na sua aljava colocou a última das flechas envenenadas feitas pelo velho centauro Quíron.

Cassandra percebeu que tremia da cabeça aos pés. Desceu à cozinha e arranjou algum pão duro e um pouco de mel, obrigando-se a comer. As mulheres encontravam-se ali reunidas, cozendo pão fresco para os festejos fúnebres da Grande Serpente e tentaram convencer Cassandra a esperar pela nova fornada, mas ela recusou tudo à exceção de uma taça de vinho aguado. Elas estavam espantadas por ver a sua sacerdotisa armada, mas abstiveram-se de fazer perguntas. O seu estatuto de sacerdotisa mais velha fazia supor que, por muito misteriosas e obscuras que fossem, as suas ações tinham um bom propósito e não poderiam, em circunstância alguma, ser postas em causa.

Depois se dirigiu decididamente para a sala mais secreta do templo e de uma arca da qual apenas algumas sacerdotisas mais importantes possuíam as chaves, retirou uma túnica especial enfeitada de ouro e a máscara dourada do Senhor do Sol. Fazendo um esforço para controlar a firmeza das mãos, vestiu-se e atou os cordões.

Não estava absolutamente certa de se aquilo que fizera seria o maior dos sacrilégios (pensou em Crises vestindo aquelas coisas para persuadir uma jovem inexperiente a submeter-se à lascívia que não podia satisfazer de outra forma) ou se estaria a defender a honra de Apolo fazendo aquilo que o Deus tinha a obrigação de fazer e não fazia.

As sandálias faziam parte da indumentária: sandálias douradas com pequenas asas de ouro presas nos tornozelos. Atou-as, desejando que elas

fossem realmente atadas, para poder sobrevoar o acampamento aqueu. Silenciosamente subiu ao terraço que dava sobre o campo de batalha, recordando-se de como Crises ali chegara, encarnando Apolo, para lançar as flechas da praga para o acampamento aqueu. Fora também com a voz de Apolo que gritara.

Os corpos das Amazonas jaziam no meio de nuvens compactas de moscas. Os cavalos haviam desaparecido. Os condutores dos carros Troianos e os soldados que tinham avançado nessa manhã haviam se retirado para o interior das muralhas de Tróia. Aquiles passeava pelo meio dos seus guardas, aparentemente à espera de que alguém aparecesse a desafiá-lo para um combate. Seria possível os seus próprios soldados não verem que aquele homem ultrapassara todos os limites da sanidade mental e da decência? Porém continuavam a respeitá-lo como seu

chefe!

Não gritou como Crises fizera: Apolo não lhe dera nada para dizer, embora fosse o Deus das Canções. Talvez outra pessoa qualquer fizesse uma canção sobre aquilo, mas não seria com palavras suas. Apenas retesou o arco, fez cuidadosamente pontaria em Aquiles e soltou a corda. A flecha caiu um pouco antes, mas agora ela já tinha a noção da distância. O herói aqueu não vira a flecha e continuava a pavonear-se entre os carros de combate. Para onde disparar quando a armadura de ferro cobria uma porção tão grande do seu corpo? Olhou-o de cima abaixo até descobrir que, apesar de o elmo lhe cobrir o rosto e o cabelo, nos pés usava umas sandálias que não eram mais do que um par de tiras estreitas em pele. Seja, então!Soltou a flecha.

A seta atingiu-lhe o calcanhar desprotegido. Era evidente que ele considerou que aquilo não passava de uma picada de inseto, pois ela viu-o curvar-se para sacudi-lo; depois retirou a ponta e olhou em volta para ver de onde tinha vindo. Um por um, os soldados Troianos levantaram os olhos para o templo para ver o que seria que os *Mirmídones* de Aquiles estavam a apontar e a olhar fixamente. Cassandra ficou imóvel. Estava, provavelmente, fora do alcance de um arco normal, já que o tiro teria de ser disparado na vertical, se era que havia alguém com coragem para disparar uma flecha contra o que parecia ser o Deus. Sentia-se completamente

invulnerável e mesmo que, de entre a luz ofuscante do meio-dia, uma flecha tivesse surgido, ela teria alcançado o que se propusera fazer.

Aquiles continuava de pé, olhando para o ponto de partida da flecha, aparentemente inconsciente da natureza do seu ferimento, mas passado algum tempo, ela viu-o curvar-se e agarrar o pé, fazendo sinal a um dos seus homens para que o ligasse. Ora, deixa-os tentar! Ela sabia que agora, nem que lhe cortassem o pé (e isso fora tentado antes em pequenas feridas localizadas como aquela) o veneno já penetrara no seu sangue e Aquiles era um homem morto.

Durante mais alguns minutos Aquiles passeou arrogantemente pelo terreno, depois cambaleou e caiu. Estava agora no chão, em convulsões. A confusão gerou-se no acampamento aqueu e, subitamente, soou um imenso grito de raiva e desespero não muito diferente do grito provocado pela morte de Pátroclo. Nas muralhas da cidade, de onde as outras mulheres estavam a olhar, ouviram-se gritos de júbilo e, por fim, um enorme grito de agradecimento a Apolo. Mas nessa altura Cassandra já escapara de cima da muralha e encontrava-se na sala secreta repondo a máscara e a túnica na sua arca fechada. Quando voltou a sair, os habitantes de Tróia apinhavam-se junto da muralha, empurrando-se e comprimindo-se para tentar descobrir o que se tinha passado.

— Um dos comandantes aqueus está morto — disselhe alguém. — Pode ser até Aquiles. O próprio Apolo apareceu, dizem, no topo das muralhas, por cima de Tróia, e atingiu-o com uma das suas setas de fogo.

— Ah, sim? — replicou ela, em tom cético. E quando a história lhe foi repetida, disse apenas: — Bom, já não era sem tempo.

TREZE

Agora que Aquiles estava morto, uma vaga de confiança percorria Tróia; todos ansiavam por uma conclusão rápida para a guerra. Não houve um prazo formal para o luto, nem quaisquer jogos fúnebres. Cassandra suspeitava que entre os Aqueus pouco era o desgosto genuíno, se bem que se erguessem alguns lamentos rituais em torno da pira funerária. Recordou Briseide que fora ter com Aquiles de livre vontade e perguntou-se se a mulher choraria o amante que idealizara. Quase desejava que assim fosse. Mesmo tratando-se de Aquiles, não era justo que não houvesse ninguém para chorá-lo.

No entanto Agamenon, que assumira o comando de todas as tropas aquéias e chefiava até mesmo os *Mirmídones* para que estes continuassem a lutar, parecia não ter dúvidas sobre a conclusão final daquela guerra. Os Aqueus começaram a fazer um enorme talude em terra no lado sul, a partir do qual poderiam assaltar a muralha parcialmente desmoronada durante o último tremor de terra. Passaram-se algumas horas até que os Troianos se dessem conta do que eles estavam a fazer e, quando o descobriram, Páris ordenou a todos os arqueiros disponíveis que fossem para a muralha mais alta e abatessem os soldados. Os Aqueus trabalharam durante um tempo considerável sob a proteção de enormes escudos erguidos sobre as suas cabeças, mas como aqueles que seguravam os escudos eram abatidos um após outro e mais rapidamente do que era possível substituí-los, os Aqueus desistiram por fim daquela tentativa e mandaram retirar os construtores.

Cassandra não vira a pira funerária de Aquiles nem a batalha dos arqueiros, embora as mulheres da casa do Senhor do Sol lhe relatassem todos os pormenores. O templo estava de luto pela Grande Serpente e assim continuaria durante bastante tempo ainda. Serpentes daquela espécie não podiam ser encontradas nas planícies de Tróia e teriam de enviar alguém ao interior ou a Cálcis, ou mesmo a Creta, para conseguir outra. Pessoalmente, Cassandra acreditava que a morte da serpente fora um presságio não apenas da morte de Aquiles, que precedera num breve espaço de tempo, mas da queda de Tróia, que não poderia ser adiada

agora por muito tempo.

Falou nisso uma noite em que fora ver a sua mãe ao palácio.

Hécuba nunca se recuperara por completo da morte de Heitor. Estava agora tremendamente frágil e magra e as suas mãos pareciam um feixe de pauzinhos; não queria comer, dizendo sempre:

— Guardem a minha parte para as crianças pequenas; as pessoas de idade não têm tanta fome como elas.

O que de fato parecia bastante sensato, mas havia horas em que Cassandra pensava se o espírito da sua mãe não teria se perdido. Falava freqüentemente de Heitor, mas parecia não ter consciência de que ele estava morto; referia-se como se ele estivesse em algum lugar na cidade a supervisionar os exércitos.

— Que estão os Aqueus a fazer agora? — perguntou Cassandra a Políxena.

— Abateram um grande número de árvores ao longo da costa e estão a cortá-las em pranchas. Falei com a mulher que vende bolos de mel aos soldados aqueus e ela disse—me que eles disseram que planejavam construir um altar enorme para Posídon e sacrificar-Lhe muitos cavalos.

"Posídon seria realmente um bom amigo para esses aqueus, se eles o persuadissem a quebrar as nossas muralhas e os adivinhos deles sabem disso, visto terem persuadido os atacantes a invocar Aquele que Estremece a Terra. "

Ergueu-se do seu lugar ao lado de Políxena e foi falar com Helena. Há muito que aprendera que Páris não lhe daria ouvidos, mas que por vezes era possível abordá-lo através da sua mulher. Helena saudou-a com o seu habitual abraço afetuoso.

— Alegra-te comigo, irmã! A Deusa ouviu o meu desgosto e nos enviará outra criança para o lugar daquelas que perdi sob o golpe de Posídon. — Como Cassandra não sorriu, ela implorou: — Oh, alegra-te por mim!

— Não é que eu não esteja contente por ti — disse Cassandra com lentidão — mas nesta altura em particular... será sensato?

O belo sorriso de Helena fazia-lhe covinhas nas faces.

— A Deusa envia-nos crianças não segundo a nossa vontade, mas segundo a Sua vontade — recordou ela a Cassandra — mas tu não és mãe, por isso talvez ainda não compreendas essas coisas.

— Mãe ou não, penso que tentaria encontrar melhor hora do que o fim de um cerco — disse Cassandra — nem que isso significasse mandar o meu marido dormir entre os soldados quando a lua estivesse cheia ou o vento soprasse do sul.

Helena corou e disse:

— Páris tem de ter um filho; não lhe posso pedir que aceite Nikos como seu herdeiro e ponha o filho de Menelau no trono de Tróia.

— Tinha-me esquecido dessa fraqueza — disse Cassandra — mas eu pensava que era o filho de Andrômaca quem, depois de Heitor, deveria reinar. Páris resolveu, então, usurpar o lugar?

— Astíanax não pode governar Tróia aos oito anos de idade — disse Helena. — É adverso para qualquer terra ter uma criança como rei. Páris teria de governar no seu lugar, pelo menos durante ainda muitos anos.

— Então talvez fosse melhor para Páris não ter nenhum filho — disse Cassandra — para que não se sentisse tentado a derrubar o herdeiro legítimo. — Helena pareceu ficar indignada, por isso Cassandra acrescentou: — Em qualquer caso, Páris já tem um filho da sacerdotisa do Deus—Rio, Enone, que viveu aqui com ele como sua mulher até tu teres vindo de Esparta. Não está certo Páris recusar-se a reconhecer o seu primogênito.

Helena franziu o sobrolho e disse:

— Páris falou-me dela. Ele diz que não existe maneira de ter certeza de ser ele o pai do filho de Enone.

Cassandra viu a expressão nos olhos de Helena e decidiu não continuar com o assunto.

— Não era sobre isso que eu te vinha falar. Terão eles mais cavalos no acampamento aqueu do que os necessários para puxar o carro de Agamenon e os carros dos outros reis?

— Sei lá, não faço idéia; não entendo nada dessas coisas — disse Helena e debruçou-se sobre a mesa para tocar na mão de Páris. Repetiu-lhe a pergunta e Páris olhou-a fixamente.

— O quê? Não, penso que não — disse ele. — Eles têm tentado capturar os cavalos dos nossos carros de combate, mesmo tendo para isso que deixar para trás ouro ou os próprios carros.

Cassandra disse com veemência:

— Se eles estão a construir um altar para Posídon, não acreditas que os reis Lhe vão sacrificar os cavalos que puxam os seus próprios carros, não é? Imploro-te que ponhas sentinelas reforçadas junto a todos os cavalos de Tróia, onde quer que sejam os seus estábulos!

— Os nossos cavalos estão bem no interior das muralhas — disse Páris, despreocupadamente — e os Aqueus conseguirão tanto ficar com eles como se se encontrassem nos estábulos do faraó do Egito.

— Tens certeza? Odisseu, por exemplo, é engenhoso. É capaz de, através de alguma artimanha, conseguir introduzir-se nas muralhas e levar os cavalos para fora — disse ela, mas Páris limitou-se a rir.

— Não creio que ele conseguisse entrar os nossos portões nem que se disfarçasse de Zeus dos Trovões — disse Páris. — Aqueles portões não se abrirão para ninguém, homem ou Imortal; mesmo para o rei Príamo ou para mim, seria difícil convencer alguém a abri-los depois do escurecer. E se ele conseguisse entrar de uma maneira qualquer, como pensas que voltaria a

sair? Se Agamenon quer sacrifícios de cavalos, terá de sacrificar os seus, pois não conseguirá apanhar os dos Troianos.

Cassandra pensou que ele estava a eliminar essa possibilidade com muita ligeireza, mas não havia forma de insistir; Páris não admitiria a falibilidade das suas defesas, certamente não à sua irmã. Se ele fosse o único a sofrer as conseqüências daquela atitude despreocupada, ela não teria dito mais nada, mas se ele estivesse enganado, toda a Tróia pagaria; por isso insistiu.

— Suplico-te, põe mais guardas em torno dos teus cavalos, pelo menos durante algum tempo! — e repetiu o que lhe dissera Políxena.

— Irmã — disse Páris de uma forma não muito áspera — certamente há trabalho de mulher suficiente para tu fazeres de maneira a não teres de te preocupar com a condução da guerra.

Cassandra cerrou os lábios, sabendo que Páris certamente iria ignorar o que quer que ela dissesse.

Cassandra dificilmente poderia, ela própria, guardar os cavalos, mas falou com os sacerdotes da casa do Senhor do Sol e eles concordaram em montar guarda aos estábulos reais.

Já tarde nessa noite o alarme soou nas muralhas e os soldados de Príamo assim despertos apanharam meia dúzia de homens, comandados pelo próprio Odisseu, à saída dos estábulos reais. Os guardas, que não haviam reconhecido o general argivo, disseram que ele havia entrado nos estábulos com um selo real dizendo que tinha ordens para levar meia dúzia de cavalos ao palácio. Tinham acreditado que ele era um mensageiro do próprio Príamo e haviam lhe entregue os cavalos sem protestar. Só quando eles já tinham saído, um dos sacerdotes de Apolo reparou nas sandálias aquéias que usavam, suspeitou de que se tratava de um truque e fez soar o alarme.

Páris ordenou que os guardas enganados fossem enforcados e quando lhe trouxeram Odisseu, disselhe:

— Existe alguma razão para que eu não te enforque no local mais alto de Tróia como

ladrão de cavalos que és?

Odisseu disse:

— Na minha terra, enforcamos os ladrões de mulheres, troiano. Se não tivesses demonstrado a todos nós quão veloz é a tua corrida, não passarias agora de um monte de ossos descarnados dependurados das grandes muralhas de Esparta, e nenhum de nós teria deixado as nossas casas e combater aqui durante todos estes anos.

Príamo tinha sido acordado apressadamente; olhou com ar infeliz para o seu velho amigo e disse:

— Bem, Odisseu, vejo que continuas a ser um pirata. Mas não vejo razão para te enforcar. Sempre estivemos dispostos a aceitar resgates pelos prisioneiros.

— Que resgate queres? — perguntou Odisseu, olhando apenas para Príamo e ignorando Páris.

— Uma dúzia de cavalos — disse Páris.

Odisseu fez um gesto com a mão.

— Ali os tens — replicou, e Príamo franziu o sobrolho perante aquela afronta.

— Aqueles cavalos já são nossos. Queremos uma dúzia dos teus.

— Não tens piedade, meu amigo? — disse Odisseu. — Aqueles cavalos já foram dedicados a Posídon. Não são meus para que os possa devolver; já pertencem Àquele que Estremece a Terra.

Páris pôs-se de pé de um salto, pronto para agredi-lo; Odisseu evitou-o com facilidade.

— Príamo, o teu filho não tem qualquer noção das regras da diplomacia. Eu preferia negociar contigo. Podes ficar com os cavalos se quiseres correr o risco de enfurecer Posídon, O que Estremece a Terra, com a tua

mesquinhez; mas eu jurei sacrificar-lhe esses cavalos. Pensas realmente que ele agraciará Tróia se lhe roubares o seu sacrifício?

— Se votaste os cavalos a Posídon — disse Príamo — então são seus. Não serei mais sovina do que tu para com um Deus. Estes cavalos serão então para Posídon e eu quero mais uma dúzia de cavalos dos vossos como teu resgate.

— Que assim seja — concordou Odisseu, e Príamo chamou o seu arauto para que transmitisse a mensagem ao exército aqueu.

"Agamenon, contudo, não ficaria satisfeito ", pensou Cassandra. Ela não queria mal a Odisseu; apesar de ele se encontrar entre as hostes inimigas, não conseguia deixar de pensar no velho pirata como num amigo, como ele o fora na sua infância. Ainda tinha, numa das suas arcas, o belo colar de contas azuis que ele lhe oferecera anos atrás.

Quando Odisseu se despediu para ir tratar da troca e da entrega do resgate, Páris disse

ao pai:

— Tolo! Vais realmente sacrificar aqueles cavalos? Que valor têm para ti as promessas de Odisseu? Não acreditas que ele fosse sacrificá-los, não é?

— Era muito bem capaz disso — disse Príamo — e que temos nós a perder? Nós também precisamos das boas graças de Posídon e vamos receber mais doze cavalos como resgate de Odisseu, por isso não perdemos nada.

— Acho que eles não farão ao Deus nem metade do jeito que fariam aos nossos exércitos — resmungou ainda Páris, mas quando Príamo tomava uma resolução, não havia nada a fazer.

Na manhã seguinte os cavalos foram sacrificados a Posídon diante das muralhas de Tróia. Cassandra assistiu, perturbada, à matança. Príamo não parecia ter a força necessária. Ela lembrava-se de ver sacrifícios como aquele na sua infância, quando Príamo era suficientemente forte e vigoroso para decepar a cabeça de um touro de um só golpe. Agora as suas mãos

trêmulas mal conseguiam agarrar o machado e ele, depois de ter abençoado a arma, cedeu o lugar a um sacerdote jovem e robusto que entoou preces Àquele que Estremece a Terra.

Quando a primeira metade do sacrifício chegou ao fim e o sexto cavalo tombou no solo, ouviu-se um pequeno som semelhante ao ribombar distante de um trovão e o chão estremeceu ligeiramente por baixo dos seus pés.

"Um presságio? " perguntou-se Cassandra. *"Ou estaria Posídon, simplesmente, a reconhecer o Seu sacrifício? "*

"Apolo, Senhor do Sol", implorou ela, *"nãopoderás Tu salvar esta cidade que é Tua há tanto tempo, apesar de a teres tirado à Mãe Serpente?"*

O brilho do sol a cegava e a voz bem conhecida soou nos seus ouvidos com o som da rebentação distante.

"Nem mesmo eu posso lutar contra o que o Senhor dos Trovões decretou, minha filha. O que tiver de vir, chegará."

O sacrifício prosseguiu, mas Cassandra já não o acompanhava. De que servia sacrificar a Posídon se ele estava destinado pelo Senhor dos Trovões *("que não é um dos meus Deuses, nem um dos Deuses de Tróia"*) a destruir o povo que Lhe oferecia o sacrifício, enquanto Apolo ficava de parte, impotente, vendo Aquele que Estremece a Terra arrasar a cidade, *"a sua própria cidade? "*

Se tudo aquilo estava já predestinado, para que sacrificar e rogar aos Imortais? A rebeldia agitava-se dentro de si (e nunca mais voltaria ao silêncio absoluto) o velho grito

ainda sem resposta: *"De que servem estes Deuses? "*

Parecia agora que, lá nas alturas, por cima da cidade, tal como na visão que uma vez tivera, duas imponentes figuras, feitas de nuvens e tempestade, se defrontavam corpo-a-corpo, como lutadores, debatendo-se e lançando raios e trovões uma contra a outra. O som parecia troar através da sua

consciência. Vacilou, os olhos fixos nos Imortais em combate. Depois tropeçou e caiu, mas perdeu os sentidos antes de tocar o solo.

Quando despertou, encontrava-se deitada com a cabeça no colo da sua mãe.

— Devias ter-te abrigado deste sol do meio-dia — censurou Hécuba, ternamente. — Não está certo perturbar um sacrifício.

— Oh, não creio que os Deuses se tenham importado muito — disse Cassandra, forçando-se a levantar e combatendo a dor aguda por trás dos olhos. —Tu achas que sim?

Mas ao ver a expressão vagamente atônita no rosto da mãe, teve certeza de que a rainha não compreendera ao que ela se referia; ela própria não estava muito certa.

— Desculpa, não quis faltar ao respeito aos Deuses, claro. Todos nós estamos aqui para lhes prestar homenagem; achas que eles sentirão que é uma questão de honra retribuir a amabilidade? — Mas tudo o que viu nos olhos de Hécuba foi a velha expressão, uma expressão que dizia *"Eu não te entendo "*.

— Em nome de todos os Deuses, o que estarão eles a fazer lá? — perguntou Helena.

— Políxena ouviu dizer que estão a construir um altar a Posídon — respondeu Cassandra.

Lá em baixo, no espaço aberto que há tanto tempo era campo de batalha, parecia que todo o exército aqueu estava ocupado a arrastar madeiras e, sob a proteção de uma verdadeira muralha de escudos de couro amarrados uns aos outros, martelava e serrava freneticamente.

— Os sacerdotes deles desenharam os planos — disse Crises, subindo apressadamente para se juntar às mulheres.

Páris avançou na direção delas e curvou-se para beijar a mão de sua mãe.

— Não se assemelha a nenhum altar que eu tenha visto — disse ele — parece mais uma espécie de engenho de cerco. Vejam, se eles o construírem com esta altura, poderão disparar sobre as muralhas ou mesmo subir para o interior da cidade, como na abordagem de um navio.

Hécuba pareceu perturbada pelo tom da sua voz. Perguntou:

— Falaste com Heitor sobre isto?

Páris baixou a cabeça e voltou-se de costas, mas não sem que Cassandra tivesse tempo de ver que os seus olhos estavam rasos de lágrimas.

— Como consegues suportar ouvi-la falar assim? — murmurou ele.

— A questão não está em como nós conseguimos suportá-lo, mas sim no fato de ela ter necessidade de fazê-lo — disse Cassandra, rispidamente. — Tu pelo menos podes ir lá e tentar vingar os males que arrasaram a mente da nossa mãe e estão a arrasar a do nosso pai. Diz-me, irão eles realmente construir aquela coisa com altura suficiente para que possam subir e entrar na cidade?

— É provável, mas não o farão enquanto eu viver — disse Páris. — Tenho de mandar reunir todos os aurigas e arqueiros que restam.

Beijou Helena e desceu as escadas. Pouco depois ouviram o grito de guerra, ao mesmo tempo em que Páris e os restantes carros de combate se precipitavam, desenfreados, em direção à estrutura, disparando enxames de flechas que quase escureciam o céu. O violento assalto atingiu um dos cantos da estrutura, derrubando-o com estrondo, e meia dúzia de homens caíram por terra, gritando.

Os soldados aqueus se dispersaram e começaram a correr com os Troianos em acesa perseguição nos seus carros, golpeando-os mortalmente tão depressa quanto lhes era possível. Quando eles se encontravam já em franca retirada e pareciam querer correr até alcançar os navios, Páris deu ordem para terminarem a perseguição e dirigiu-se de novo à estrutura desprotegida. Encontrando um barril de breu no local, espalhou-o ao acaso a toda a volta e incendiou a construção inteira. Enquanto ardia, os Troianos

ouviram os gritos de Agamenon tentando inutilmente agrupar os seus homens e regressaram ao interior das muralhas antes que Agamenon conseguisse reunir os aqueus para um contra-ataque.

Os Troianos que se encontravam nas muralhas aplaudiram efusivamente. Era a única batalha que tinham vencido claramente desde que haviam incendiado os navios aqueus. Páris subiu e ajoelhou-se diante de Príamo.

— Se eles querem construir um altar a Posídon, não será em solo troiano que o hão de erguer, senhor.

— Bom trabalho! — disse Príamo, abraçando-o, emocionado, e Helena aproximou-se para ajudá-lo a tirar a armadura.

— Estás ferido — disse ela, vendo-o retrair-se quando lhe tirou a proteção do braço.

Páris encolheu os ombros; o movimento o fez crispar-se de novo.

— É um ferimento de flecha. Não atingiu nenhum osso — disse ele.

— Cassandra — disse Helena — vem ver isto. O que achas?

Cassandra aproximou-se e dobrou para trás a manga da túnica de Páris. Era uma ferida na carne, uma pequena depressão logo acima do cotovelo. Vermelha e tumefacta, com lábios

salientes, já estava fechada e uma ou duas gotas de sangue saíam dela.

— Não é, creio eu, muito grave — disse ela — mas devia ser lavada com vinho e banhada em água bem quente e ervas. Se uma perfuração fechar muito depressa, pode tornar-se grave. Deve tentar-se por todos os meios mantê-la aberta e fazê-la sangrar livremente, para limpá-la.

— Ela tem razão — disse Crises, aproximando-se com uma garrafinha de vinho que começou a verter sobre a ferida; mas Páris agarrou o frasco.

— Isso é desperdiçar bom vinho — disse ele, e optou por despejá-lo para dentro da boca, fazendo uma careta de desagrado. — Oh! Nem para isso

serve. Talvez seja bom para eu lavar os pés com ele.

Crises encolheu os ombros.

— Há vinho melhor para beber na casa do Senhor do Sol, príncipe Páris. Este é de uma safra má e foi guardado para limpar feridas. Vem beber um pouco da melhor colheita enquanto te tratamos.

— Melhor ainda, vem para os nossos aposentos no palácio e deixa-me tratar-te — disse Helena. — Já tiveste lutas suficientes por hoje e já não há ninguém lá com quem lutar.

— Não — disse Páris, caminhando para a muralha. — Estou a ouvir Agamenon; juntou alguns dos seus arqueiros para atacar de novo. Vamos lá embaixo correr com eles. Já se comenta que eu passo muito tempo no teu *boudoir* a receber mimos, minha Helena; estou farto de ter reputação de covarde. Vamos, ata isto com o teu lenço e deixa-me ir. — Ajustou a armadura sobre o ferimento ligado e partiu escada abaixo. Ouviram-no gritar pelos seus homens.

— Oh, porque haveria ele de ter este maldito acesso de heroísmo logo agora? — disse Helena em tom zangado. — E se era realmente um altar para Posídon, achas que o Deus ficará zangado por ele tê-lo incendiado?

— Não vejo que outra coisa ele poderia ter feito, fique o Deus zangado ou não — disse Cassandra. — Talvez O que Estremece a Terra se lembre de todos aqueles belos e gordos cavalos que lhe oferecemos, graças a Odisseu, há alguns dias atrás.

— Só rezo para que a ferida não lhe atrapalhe a condução e o manejo do arco — disse ela. — Quando ele voltar (se sobreviver a este assalto) o levarei para que seja tratado pelo melhor dos curandeiros.

— Te enviarei o nosso melhor sacerdote-curandeiro ao palácio para cuidar dele, senhora — disse Crises e partiu colina acima.

Cassandra assistiu ao assalto; Páris lutava como um possesso, como se o próprio Deus da Guerra o habitasse, e ela perdeu a conta dos aqueus que ele

golpeou e deixou a sangrar no terreno.

— Nunca o tinha visto lutar assim antes — disse Helena.

"Rezapara que não tornes a ver " pensou Cassandra.

— Ele conduz como o próprio Heitor — disse Príamo, observando-o da muralha. — Temos sido todos injustos para com o rapaz, ao considerá-lo menos heróico do que o irmão.

Helena fechou os olhos quando uma espada desceu em direção a Páris. Ele deteve o golpe no preciso momento em que parecia que este iria arrancar-lhe a cabeça de cima dos ombros. Foi o último golpe; momentos depois os homens de Agamenon cederam e fugiram, correndo como se não tivessem intenções de parar antes de alcançarem os barcos. Páris gritou como se fosse persegui-los até a água, mas passado pouco tempo deu ordem de retirada aos seus homens.

— Se houver algum novilho, manda-o matar para o jantar dos homens — disse Príamo a Hécuba quando chegou ao alto das escadas para se juntar às mulheres que o esperavam. — Nunca vi lutar assim.

Helena apressou-se a ir abraçá-lo.

— Graças a Afrodite que continuas vivo!

— Sim, Ela continua a olhar por nós. Ela não te trouxe para Tróia para agora, simplesmente, nos abandonar. — Páris olhou para baixo, para as cinzas da estrutura que os Aqueus haviam tentado construir.

— Se isto era dedicado a algum Deus, peço-Lhe que me perdoe. E agora, se me arranjasses esse tal curandeiro, Helena, eu ficaria muito satisfeito com os seus bons serviços; o braço me dói. — Apoiou-se nela enquanto desciam para ir para o palácio e Cassandra ficou a olhá-los apreensiva.

— Seria melhor que fosse também — disse Crises. Ela não ouvira Crises chegar. — És uma curandeira tão boa como qualquer outra da casa do Senhor do Sol.

Cassandra não estava certa disso, mas não sabia como dizê-lo.

— Viste o ferimento mais de perto do que eu; sabes qual a sua gravidade — acrescentou ele. — Não gosto nada desses ferimentos, mesmo quando parecem inofensivos.

Ela dirigiu-se apressadamente aos aposentos de Páris e Helena, sendo-lhe apenas comunicado que os seus serviços não eram necessários.

Essa noite foi tranqüila, mas de manhã os andaimes tinham voltado a ser montados e os Aqueus martelavam e serravam como se nunca tivessem sido interrompidos.

— Bom, vamos dar cabo daquilo num instante, como fizemos ontem — disse Deífobo, que tinha saído com Príamo nessa manhã. O velho apoiava-se pesadamente no ombro do seu filho. — Onde está a dádiva de Afrodite para o sexo feminino, esta manhã? Continua escondido atrás da saia de Helena?

— Cala-te! — disse Príamo, bruscamente. — Ele foi ferido ontem; talvez esteja pior ou tenha apanhado frio no ferimento. — Chamou um dos mensageiros mais jovens e disselhe: — Vai ter com o príncipe Páris, por favor, e pergunta-lhe por que razão ele não se encontra aqui com o seu exército.

— Um ferimento — disse Deífobo, desdenhoso. — Eu vi esse ferimento: um arranhão ou melhor ainda, uma dentadinha de amor.

O rapaz partiu apressado e voltou com um ar pálido. Fez uma vênia a Príamo e disse:

— Meu senhor, a senhora Helena pede que a sacerdotisa Cassandra venha observar a ferida do seu irmão; não está ao seu alcance tratá-la.

— Meu pai — disse Deífobo — dás-me a tua permissão para sair com os carros e correr com estas formigas tal como Páris fez ontem?

— Vai — disse Príamo — mas quando Páris estiver curado, passas-lhe novamente o comando. Nada do que lhe pertence será alguma vez teu.

— Veremos — disse Deífobo. Saudou Príamo e retirou-se.

Cassandra desceu ao palácio, atravessando as salas que nessa manhã pareciam estar frias e úmidas, com farrapos de neblina marítima suspensos no ar. Nos aposentos que haviam sido dados a Páris e Helena, Páris, semi-vestido e muito pálido, jazia numa enxerga, balbuciando. Helena, ao seu lado, tentando banhar a ferida com água quente perfumada com ervas, pôs-se de pé e foi ter com Cassandra.

— Graças a Afrodite que chegaste; talvez ele te escute, já que não escuta a mim — disse ela.

Cassandra aproximou-se e retirou a gaze com que a ferida tinha sido coberta. Toda a porção superior do braço estava muito inchada, a perfuração continuava obstinadamente fechada e a pingar um líquido claro; o braço tinha um aspecto arroxeado, com laivos vermelhos que desciam na direção do pulso.

Cassandra suspendeu a respiração; nunca vira um ferimento de flecha que se parecesse com aquele.

— Os sacerdotes de Apolo já viram isto? — perguntou.

— Estiveram aqui duas vezes esta noite. Disseram-me que lavasse a ferida com água quente e também que, provavelmente, teria de ser queimada com um ferro em brasa, mas eu não tive coragem de fazê-lo passar por tal coisa quando eles não garantiam que isso o curasse — disse ela. — Mas de uma hora para cá ele parece ter piorado; agora não me reconhece. Até a alguns minutos atrás estava a gritar com os criados para que lhe trouxessem a armadura e ameaçando dar-lhes uma sova se eles não o ajudassem a levantar-se e a vesti-la.

— Isso não é bom sinal — disse Cassandra. — Já vi sarar ferimentos piores mas...

— Deveria ter deixado que eles o queimassem?

— Não; se eu aqui estivesse teria dito que a cobrisses com vinho e óleo doce e já tenho visto por vezes usar cataplasmas de pão bolorento ou de teias de aranha para limpar uma ferida profunda — disse ela. — Os curandeiros têm muita pressa em usar os seus ferros quentes; eu talvez lhe tivesse feito um golpe, ontem à noite, para fazê-la sangrar mais livremente, mas nada mais. Agora já é tarde. A infecção alastrou-se, ele tanto pode viver como morrer. Mas não desesperes — acrescentou prontamente. — Ele é jovem e forte e, como te disse, já vi ferimentos piores sararem.

— Não há nada que se possa fazer? — perguntou Helena, desvairada. — Os teus dons mágicos...

— Infelizmente não tenho quaisquer dons mágicos para curar — disse Cassandra. — Mas vou rezar; nada mais posso fazer. — Hesitou e disse: — A sacerdotisa do rio, Enone... ela era perita na magia de curar.

Helena pôs-se de pé num salto, em grande excitação.

— Não podes mandar chamá-la? — implorou. — Roga-lhe que venha curar o meu senhor! Seja o que for que ela peça, será seu. Prometo!

"Mas a única coisa que ela deseja, tu já lhe tiraste ", pensou Cassandra, e disse:

— Vou mandar-lhe uma mensagem; mas não posso garantir que ela venha.

— Mas se ela em tempos o amou, poderá ser tão cruel a ponto de recusar-lhe o seu auxílio se isso significar a sua morte?

— Não sei, Helena. Ela levava muita amargura em relação a ele quando deixou o palácio — disse Cassandra.

— Se for preciso, eu, rainha de Esparta, me ajoelharei diante dela com cinzas nos cabelos — disse Helena. — Devo então ir ter com Enone?

— Não. Eu a conheço; irei eu — disse Cassandra. — Reza e faz sacrifícios a Afrodite, que te protege.

Helena abraçou-a e ficou agarrada a ela.

— Cassandra, tem certeza que não me queres mal? Tantas destas mulheres de Tróia me odeiam; posso vê-lo nos seus olhos, ouvi-lo nas suas vozes... — A voz de Helena soava como a de uma criança suplicante e Cassandra tocou-lhe ternamente na face.

— Só te desejo tudo o que há de bom, Helena; isso te garanto — disse ela. — Mas quando eu cheguei a Tróia, tu me amaldiçoaste...

— Não — disse Cassandra — eu fiz uma previsão verdadeira de que tu nos trarias infortúnio. O fato de eu ter previsto a calamidade não significa que a tenha provocado. Foi obra dos Imortais e não é mais responsabilidade tua do que minha. Ninguém escapa às obras do Destino. Agora vou até a nascente do Escamandro procurar Enone e implorar-lhe que venha tratar de Páris.

Crises saudou-a quando ela saiu do palácio. Cassandra olhou-o surpreendida; nessa manhã tinha se esquecido do que ele dissera e tomara a sua ausência como certa.

— Pensei que, por esta altura, estivesses num navio a caminho de Creta ou do Egito — disse ela. — Por que não foste?

— Pode ser que exista ainda algo que eu possa fazer pela cidade que me acolheu, ou por Príamo, que tem sido o meu rei — disse Crises — ou, quem sabe? até por ti.

— Não deves ficar por minha causa — disse Cassandra. — Ficaria contente de te saber a salvo do que está para vir.

— Eu não quero nada — disse ele num tom estranhamente sóbrio — senão que tu saibas, finalmente, antes que o fim chegue para todos nós, que o meu amor por ti é verdadeiro e desinteressado, não desejando nada que não o teu bem.

"Mas... isto é verdade", pensou ela, e disse suavemente:

— Acredito em ti, meu amigo e peço-te que vás para um lugar seguro logo que possas. Alguém tem de lembrar e dizer a verdade sobre Tróia àqueles que vierem depois. Preocupa-me que, pelas lendas, os filhos das nossas crianças venham a pensar em Aquiles como num grande herói ou num homem bom.

— Não me parece que nos faça algum mal, nem bem algum a Aquiles, seja o que for que digam ou cantem sobre nós nos tempos que hão de vir — disse Crises. — Porém, se eu sobreviver, juro que direi a verdade a quem quiser escutar-me.

Cassandra subiu rapidamente até a casa do Senhor do Sol e despiu a sua túnica convencional. Vestiu uma velha túnica escura, com a qual poderia entrar e sair sem ser notada, enfiou umas resistentes sandálias de couro e uma capa grossa para protegê-la do vento e da chuva. Depois saiu discretamente pelo pequeno portão lateral e apanhou a estrada que subia em direção ao monte Ida, ao longo do agora baixo caudal do Escamandro. O caminho tinha se transformado numa estrada; muitos cavalos e homens tinham passado por ali e as águas que antes haviam corrido fortes e claras, estavam lamacentas e imundas. Da última vez que fizera aquele caminho *(há quantos anos já?)* a água era clara e o trilho quase virgem.

Mesmo agora, se a sua tarefa não fosse tão urgente e desesperada, a viagem teria lhe agradado. O sol estava encoberto pelas nuvens, os cumes das montanhas arborizadas perdiam-se em espessos rolos de névoa e os ventos fracos prometiam chuva e, provavelmente, trovoada. Subia rapidamente, mas embora fosse uma mulher robusta, a ladeira era tão íngreme que, passado pouco tempo, estava sem fôlego e teve de parar e descansar. À medida que ia subindo, o que antes era o rio, corria agora mais estreito e transparente, e nenhum homem ou cavalo poluíra o caminho ou a água. Ajoelhou-se e bebeu pois, apesar das nuvens e do vento, estava quente.

Finalmente chegou ao local onde a água brotava da rocha, guardado por uma imagem esculpida do Deus Escamandro. Tocou o sino que chamava as ninfas do rio e, quando uma jovem apareceu, perguntou se poderia falar com Enone.

— Creio que ela está aqui — disse a rapariga. — O filho dela está com febres de verão; ela não foi ao festival da tosquia das ovelhas com as outras.

Cassandra não tinha se lembrado de que já estava tão próximo o tempo das tosquias.

A criança foi embora e Cassandra sentou-se num banco junto da nascente e gozou o silêncio; talvez Honey, quando fosse mais velha, pudesse ir para ali, para servir com as ninfas do Deus-Rio. Um lugar agradável para uma menina crescer, talvez não tão agradável como cavalgar com as Amazonas, mas isso já não era possível. Cassandra começou a perceber que mal começara ainda a sentir desgosto em relação a Pentesileia. Tinha estado tão ocupada com a vingança e a seguir com as outras mortes, que a sua mágoa tivera de ser posta de lado à espera de tempo livre para o luto.

"Ainda há de passar muito tempo até que eu possa chorar pelo meu irmão", pensou, e perguntou-se o que quereria dizer com aquilo.

Ouviu passos atrás de si e virou-se; a princípio mal conheceu Enone. A jovem e esbelta rapariga transformara-se numa mulher alta e corpulenta, de seios fartos, com os seus caracóis escuros enrolados junto à base do pescoço. Apenas os olhos encovados eram os mesmos, mas, ainda assim, Cassandra hesitou em pronunciar o seu nome.

— Enone? Quase não te reconheci.

— Pois é — disse Enone — nenhuma de nós está tão jovem e bonita como antes. És a princesa, não és... Cassandra?

— Sou — disse ela. — Suponho que também mudei.

— Sim, mudaste — disse Enone — embora continues bela, princesa.

Cassandra sorriu discretamente e disse:

— Como está o filho do meu irmão? Ouvi dizer que tem estado seriamente doente.

— Oh, não, nada de grave, apenas um desses pequenos desarranjos que aparecem nas crianças no verão. Dentro de um ou dois dias estará recuperado. Mas em que posso servir-te, senhora?

— Não é a mim — disse Cassandra — mas ao meu irmão Páris. Ele está de cama, a morrer devido a um ferimento de flecha, e tu és tão hábil em curativos... vens comigo?

Enone ergueu as sobrancelhas. Por fim, disse:

— Princesa Cassandra, o teu irmão morreu para mim no dia em que eu deixei o palácio e ele não proferiu uma única palavra para reconhecer o seu filho. Todos estes anos, para mim, ele esteve morto. Não tenho qualquer desejo de devolvê-lo agora à vida.

Cassandra sabia interiormente que deveria ter previsto aquela resposta e que não tinha o direito de ir ali pedir a Enone fosse o que fosse. Curvou a cabeça e levantou-se.

— Entendo a tua amargura — disse. — E, no entanto... ele está sem dúvida a morrer; será possível que a tua raiva se conserve tão grande? Mesmo diante da morte?

— Morte? Pensas que não foi como uma morte para mim ter sido mandada embora sem uma palavra, como se fosse uma prostituta barata das ruas de Tróia? E ele, durante todos estes anos, não ter dito uma palavra ao filho? Oh, Cassandra, tu perguntas-me se a minha raiva é assim tão grande? Ainda não viste nada da minha raiva, nem me parece que queiras ver. Volta para o teu palácio e chora o teu irmão como eu o chorei todos estes anos. — A voz dela suavizou-se. — A minha raiva não é para contigo, princesa; tu foste sempre boa para mim, tal como a tua mãe.

— Se não queres vir pelo bem de Páris, ou pelo meu — implorou Cassandra — não poderás vir sequer pela minha mãe? Ela tem perdido tantos dos seus filhos... — A voz falhou-lhe e ela mordeu fortemente o lábio, não querendo chorar diante de Enone.

— Se isso adiantasse alguma coisa... — começou Enone. — Mas agora, com a cidade prestes a cair nas mãos de um Deus enfurecido... Ah, surpreende-te que eu o saiba? Eu também sou sacerdotisa, senhora. Agora vai para casa e olha pela tua criança — a envie para lugar seguro, se puderes; já não deve faltar muito. Nem mesmo em relação à rainha espartana eu guardo qualquer ressentimento, mas nada posso fazer por Páris. Quando me abandonou, ele ultrajou o Deus Escamandro, o que é o mesmo que Posídon.

Nunca ocorrera antes a Cassandra que o Deus-Rio Escamandro pudesse ser uma das formas de Posídon, O que Estremece a Terra. Mas Páris abandonara a sacerdotisa do Deus-Rio por causa da filha de Zeus, Senhor dos Trovões e ousara julgar uma controvérsia entre Imortais, esquecendo os seus próprios Deuses para servir a aquéia Afrodite.

— Não carregarei a culpa desta morte — continuou Enone — o seu destino está com

ele tal como o teu e o meu estão conosco. Que os Deuses te protejam, princesa Cassandra!

Ergueu a mão num gesto de bênção e Cassandra deu consigo a descer a colina, sentindo-se como uma camponesa mandada se retirar da presença real.

Ao descer, o caminho de regresso demorou menos tempo e quando voltou ao palácio ouviu o som das lamentações. Páris morrera. Bom, ela já o esperava. Apesar das palavras de encorajamento para Helena, ela tivera a certeza de que, com um ferimento como aquele, ele não sobreviveria por muito tempo.

Dirigindo-se à varanda para olhar a planície onde os Aqueus erguiam a sua construção, pôde ver então, claramente, os contornos grosseiros daquilo que os andaimes rodeavam. Erguia-se enorme, tosca, inconfundível: a imponente figura de um cavalo de madeira.

"É então este o altar deles", pensou ela; *"a precisa imagem do próprio Posídon, O que Estremece a Terra. Pensarão eles que este cavalo irá*

demolir as muralhas de Tróia, ou que atrairá o Deus para que o faça em vez deles? Que infantilidade!"

Então, sem saber porque foi percorrida por um violento acesso de tremores que a obrigaram a enrolar a capa em volta do corpo, apesar da intensidade do sol. A imagem do cavalo, ou do Deus, trespassou-a de terror sem que soubesse ao certo qual a razão.

CATORZE

Mesmo antes de se terem realizado os ritos fúnebres em honra de Páris, Deífobo foi ter com Príamo e exigiu o comando dos exércitos Troianos; quando Príamo protestou, ele disse:

— Que outra alternativa tens, senhor? Existe mais alguém em Tróia, salvo talvez Enéias? E ele não pertence à casa real de Tróia e não é troiano de nascimento.

Príamo, embaraçado, apenas fixava o chão.

— Talvez prefiras entregar o comando dos exércitos à tua filha Cassandra, que já foi amazona? — perguntou Deífobo, escarnecendo.

Pela primeira vez desde a morte de Heitor, Hécuba falou numa voz clara e quase forte.

— A minha filha Cassandra não comandaria os exércitos de Tróia pior do que tu — disse. — Tu eras uma criança cruel e sôfrega e agora és um homem arrogante e ganancioso. Meu senhor e rei, Príamo, peço-te que arranjes outra pessoa para comandar as forças de Tróia ou será pior para todos nós!

Mas todos sabiam que não havia outra pessoa. Nenhum dos outros filhos vivos de

Príamo tinha idade suficiente, ou experiência suficiente, para conduzir os exércitos. Quando Deífobo foi chamado e, diante dos exércitos, Príamo lhe entregou formalmente os exércitos, Deífobo disse:

— Só assumirei este comando se a viúva de Páris me for dada como esposa.

— Estás louco! — disse Príamo. — Helena é a rainha de Esparta por direito, não um troféu para ser passado de homem para homem como se fosse uma concubina.

— Será que não? — perguntou Deífobo. — Não tiveste já experiências suficientes dos problemas que uma mulher pode arranjar quando lhe é permitido escolher com que homem irá partilhar a sua cama? Helena casará comigo e ficará bastante satisfeita com isso, não é verdade, senhora? Ou quererás antes voltar para Menelau? Posso tratar disso, se preferires.

Cassandra viu Helena estremecer, mas ela apenas disse a Príamo, em voz baixa:

— Casarei com Deífobo, se o desejares, senhor.

Príamo parecia embaraçado. Disse:

— Se houvesse outra saída, não te pediria tal coisa, filha.

Ela lançou-se nos braços do velho e abraçou-o.

— Basta-me que seja isto o que desejas para mim, pai — disse ela.

Príamo segurou-a ternamente contra si, com lágrimas nos olhos, e disse:

— Te tornastes uma de nós, criança. Não há mais nada que possa dizer.

— Bem, se isso está resolvido — disse Deífobo — avancemos com a festa do casamento!

Hécuba protestou.

— E esta é altura para festas, quando Páris jaz morto e nem sequer foi posto em descanso?

— Pode não haver tempo para festejar mais tarde — insistiu Deífobo. — Querem que seja eu, entre todos os filhos de Príamo, o único a casar sem ter festas nem honrarias?

— Pouco existe de honroso em tudo isto — disse Príamo entredentes; apenas Hécuba e algumas das mulheres o ouviram. Apesar disso, chamou os criados e ordenou que as reservas de vinho fossem trazidas e que

matassem um cabrito para assar, e que todas as comidas que pudessem ser rapidamente preparadas fossem servidas.

Cassandra foi com as mulheres do palácio, incluindo a mãe de Deífobo, escolher os frutos que estivessem prontos para colher e colocá-los em bandejas. Concordava com Hécuba em que aquela não era altura para festejar, mas se tal casamento tinha de acontecer, havia que fazer com que parecesse ser uma questão de escolha e não de coerção. Se Helena era capaz de pôr boa cara numa situação assim, quem era ela para protestar?

Mas mesmo com toda a comida e todos os menestréis prontamente convocados, o casamento foi bastante triste. O fato de saberem que Páris jazia morto ali perto, assombrava o palácio. Muito antes da noiva e do noivo serem conduzidos juntos para o leito, Cassandra pediu desculpas e retirou-se. Olhando as luzes lá em baixo pensou que, provavelmente, a gente vulgar de Tróia, desfrutando das ofertas de comida e vinho enviadas do palácio de Príamo, acreditava de fato que aquelas celebrações eram genuínas. Se criticavam Helena, era apenas pela sua disposição para ser de novo entregue em casamento quando o seu marido ainda não estava sepultado. Podia não haver muitas mais ocasiões para gozar. E, de fato, os ritos fúnebres de Páris tiveram lugar no dia seguinte. Helena velada, grave e pálida, e Nikos, de nove anos, a seu lado, pequeno e sério. Ele insistira em cortar o cabelo em sinal de luto.

— Eu sei que ele não era o meu pai — dissera Nikos — mas foi o único pai que conheci e era bondoso para comigo.

O seu esforço para não chorar destroçava o coração de Cassandra.

Uma vez completadas as cerimônias, Deífobo disse bruscamente, com uma expressão de alívio:

— Agora que isto acabou, vamos lá embaixo tratar daquele cavalo, tal como Páris fez. Começaremos com um bom barril de alcatrão quente ou resina de pinheiro e umas quantas flechas incendiárias. Acabaremos com aquilo num instante. Que achas disto, esposa minha?

A voz de Helena soou quase inaudível:

— Deves fazer como julgares ser melhor, meu marido.

Tinha um ar submisso e recatado, como qualquer outra mulher de um soldado troiano e poucos vestígios da beleza com que a Deusa a presenteara, fato que todos se haviam habituado a tomar como certo. As palavras eram também submissas, exatamente iguais à que teria dito a Páris, mas ocorreu a Cassandra que, com aquela obediência, Helena zombava dele. Deífobo não parecia achar o mesmo; olhava para ela com satisfação e prazer: possuía agora aquilo que sempre invejara: a mulher de Páris e o comando de Páris. Bem, se aquele casamento conseguisse, pelo menos, trazer felicidade a uma pessoa, já não era mau de todo.

Nada daquilo fora exigido a Andrômaca. A ela fora concedido um período decente para chorar Heitor. Por que não poderia Helena usufruir do mesmo privilégio?

Porém Helena agira de modo a demonstrar a todas as mulheres que podiam fazer o que ela fizera; elas deveriam estar gratas e admirá-la.

Deífobo reuniu os seus aurigas discutindo com eles, sumariamente, as estratégias. Cassandra viu Helena dizer-lhe adeus e pedir-lhe que tivesse cuidado consigo durante a batalha, exatamente como costumava fazer com Páris.

Seria possível que Helena estivesse tão acostumada a submeter-se à vontade de um homem que já lhe fosse indiferente o homem que era? Ou estaria ela simplesmente muito estupidificada pelo desgosto para que alguma coisa tivesse importância para ela? *"Se eu tivesse amado alguém como ela amou Páris e ele me fosse tirado... vejam Andrômaca! Eu amo muito Enéias, mas quando ele está longe de mim, eu continuo a ser a mesma. Se ele tivesse de morrer, em vez de me deixar para voltar para junto de Creúsa, eu lamentaria desmesuradamente a sua morte, mas isso não me destruiria como a morte de Heitor destruiu Andrômaca. "* Estaria então Andrômaca chorando Heitor, ou apenas a perda da sua posição como esposa de Heitor?

Os aurigas lançaram-se ao ataque, numa carga pelo meio dos trabalhadores que retiravam os andaimes em volta do monstruoso cavalo de madeira; estes dispersaram e começaram a fugir, caindo cerca de meia dúzia deles

sob as rodas dos carros de combate. No ar pairava um cheiro estranho e amargo que Cassandra não conseguia identificar e quando os aurigas chegaram junto do cavalo, os seus enxames de flechas incendiárias partiram na direção dele, mas não conseguiram atear-lhe fogo.

Os soldados de Agamenon atacaram, saídos da sombra dos andaimes. Os Troianos, nos seus carros, lutavam energicamente, mas foram obrigados a recuar para as muralhas. No momento em que os portões se abriram para que eles se recolhessem no seu interior, gerou-se um combate para evitar que os homens de Agamenon e, ao que parecia, uma horda dos *mirmídones* de Aquiles, agora sem chefe, se juntassem lá dentro e invadissem as ruas. Uns poucos conseguiram forçar a passagem, mas foram mortos nas ruas estreitas e os homens de Deífobo acabaram por fechar as portas.

— Tudo indica que vamos ter novamente um cerco — declarou Deífobo. — Agora temos, a todo o custo, que mantê-los fora da cidade, o que quer dizer que estas portas não podem ser abertas. A única coisa que aquela monstruosidade que está lá fora faz, é impedir-nos de ter uma boa visão do que se passa no acampamento e no campo de batalha. Nem sequer podemos incendiá-lo, eles ensoparam-no de qualquer coisa para que não ardesse, talvez uma mistura de vinagre e *alúmen.* Talvez tenha sido um erro incendiar primeiro os andaimes; isso os avisou de que seria a primeira coisa que tentaríamos fazer.

— Se pretende ser o nosso Deus Posídon — disse Hécuba — não seria um ato sacrílego queimá-lo?

— Creio que o queimaria primeiro e faria as pazes com O que Estremece a Terra depois — disse Deífobo — mas agora já não arde.

— Mas existe alguma possibilidade de incendiá-lo? — perguntou Príamo.

— Bom, senhor, certamente farei tudo o que puder — respondeu Deífobo. — Podemos tentar lançar flechas cobertas de breu e ter esperança de que alguma fique lá agarrada. Continuo a perguntar-me se eles terão montado esta coisa aqui para nos dar algo em que pensar e desviar-nos a atenção de outras coisas que eles andem a fazer, como tentar escavar túneis sob as

muralhas do lado continental, ou escalar até ao Templo da Virgem e atacar-nos a partir daí.

— Achas que eles podem fazer isso? — perguntou Hécuba, assustada.

— Tenho certeza de que o tentarão, senhora. Está em nossas mãos anteciparmo-nos a qualquer truque que esse rei dos ardis, Odisseu, possa estar a engendrar enquanto nós estamos com os olhos e a mente presos a essa coisa deplorável que ali está. — Olhou para o cavalo com uma expressão de asco e agitou o punho na sua direção.

A imagem do cavalo de madeira vagueou, nessa noite, pelos sonhos de Cassandra. Num dos pesadelos ele ganhara vida, empinando-se como um garanhão e batendo os cascos no solo. Depois deu uma patada e o golpe dos seus cascos poderosos derrubou o portão principal de Tróia, ao mesmo tempo em que um exército jorrava de dentro do cavalo, devastando e saqueando pelas ruas. A sua cabeça erguia-se, negra como a de um dragão, por cima das chamas que consumiam a cidade. Quando acordou, o sonho pareceu-lhe tão profundamente real, que Cassandra foi à varanda, olhou para a planície e viu o cavalo sólido, de madeira e inerte como sempre, sob o luar pálido. Não era sequer, nem de longe, tão grande como lhe aparecera no sonho. *"É apenas uma figura de madeira e alcatrão",* pensou ela, *"inofensiva como a estátua que está junto do Escamandro. "* Alguns archotes ardiam, palidamente, diante dele. *(homenagem a Posídon?)* Recordou a visão em que Apolo e Posídon, frente a frente, se batiam pela cidade, e entrou no santuário para ajoelhar-se e orar.

— Meu senhor Apolo — implorou — não poderás Tu salvar o Teu povo? Se não podes, porque Te chamam Deus? E se podes e não o fazes, que espécie de Deus és Tu?

Depois, aterrorizada com a forma da oração, fugiu do santuário. Percebera subitamente que tinha feito a última pergunta que alguém faria a um Deus e precisamente aquela que nunca seria respondida. Por momentos, receou ter blasfemado; depois pensou:

"Se Ele não é um Deus, ou se não é bom, contra o que poderei ter blasfemado? Diz-se que Ele ama a Verdade e se assim não for, então tudo o

que me ensinaram é falso.

Mas se Ele não é um Deus, quem era aquele que eu vi lutando pela cidade? Quem foi que desceu sobre Crises e Helena?

Se os Imortais são piores do que o pior dos homens, fracos, caprichosos e cruéis, então a Humanidade não deverá venerá-los, sejam eles quais forem. ”

Sentiu-se ludibriada: uma parte tão grande da sua vida havia sido gasta nessa intensa paixão pelo Senhor do Sol! *“Não sou melhor do que Helena. Escolhi amar um Deus que não é melhor do que o pior dos homens. ”*

Voltou para a muralha e ali ficou, entorpecida pelo terror, enquanto o sol se elevava pela última vez sobre a cidade amaldiçoada.

QUINZE

Diante de si, sob a luz da madrugada, estendia-se a planície de Tróia. Na cidade não havia qualquer movimento; do lado de fora, alguns archotes reluziam, mortiços sob a luz do sol-nascente.

O silêncio era absoluto. Até mesmo a distante linha do mar, por trás das trincheiras aquéias, repousava calma e baixa como se a própria maré tivesse cessado de avançar sobre a costa. O tom avermelhado do céu era como chamas longínquas engolindo o último e tênue raio da lua que se escondia. Era de novo como no seu sonho: o cavalo de madeira, diante das muralhas, parecia empinar-se, golpeando a cidade com os seus cascos monstruosos.

Gritou, sentindo a voz morrer-lhe na garganta sem ter sido escutada e voltou a gritar forçando o silêncio até que, por fim, conseguiu ouvir a sua voz soar como se lhe dilacerasse a garganta:

— Oh, cuidado! O Deus está zangado e vai atacar a cidade!

Era como se, por trás do silêncio, pudesse ouvir enormes vagas de um som perturbador, como se Apolo e Posídon, na disputa da cidade, tivessem quebrado o impasse e Posídon tivesse derrubado o Senhor do Sol.

Os seus gritos não foram ignorados; já se viam mulheres debandando dos edifícios nos mais diversos graus de compostura.

— O que foi? O que se passa?

Cassandra estava vagamente consciente do que diziam.

"É Cassandra, filha de Príamo. Não lhe dêem ouvidos: é louca! Não! Escutem o que ela diz. É umaprofetisa; ela vê...!"

— Que se passa, Cassandra? — perguntou Fílidas serenamente, falando-lhe num tom tranqüilizador. — Não podes dizer-nos calmamente aquilo que viste?

Ela continuava a gritar palavras. Tentou escutar a si mesma, estava tão confusa como os que a escutavam e parecia-lhe que a sua cabeça fora aberta com um machado, e pensou:

"Se eu estivesse a ouvir-me, também eu pensaria que estava louca. "

Porém, apesar da confusão, uma parte da sua mente estava lúcida, com a lucidez gelada do desespero, e ela tentou concentrar-se nessa parte e ignorar a porção que se encontrava num caos de pânico e de terror. Ouviu-se gritar:

— O Deus está zangado! Apolo não pode derrotar O que Estremece a Terra!As muralhas da cidade serão destruídas! Escutem-me e fujam!

Mas de que serviam os avisos? Ela sabia que ninguém iria escapar, que apenas antevia morte e desgraça... Tomou consciência de que estava a debater-se entre as mãos de Fílidas, que tentava segurá-la. A amiga dizia em voz baixa para uma das outras sacerdotisas:

— Dá-me a tua faixa para amarrá-la antes que ela se fira. Olha, o rosto dela está a sangrar no lugar onde arranhou a ela própria!

Passou o pano, cuidadosamente, em torno das mãos de Cassandra. Cassandra disse, desesperada:

— Não precisas me amarrar, não vou machucar ninguém.

— Mas eu tenho medo que te machuques a ti mesma, minha querida — disse Fílidas. — Vai, Lykoura, traz-me vinho misturado com xarope de sementes de papoula; isso vai acalmá-la.

— Não! — disse Crises, avançando apressadamente em direção a elas. Afastou Fílidas bruscamente e arrancou a faixa das mãos de Cassandra. — Ela não necessita de drogas; nenhuma poção calmante a pode aquietar neste momento. Teve uma Visão. Que Visão foi, Cassandra? — Pousou-lhe as mãos na testa e disse numa voz forte e inflexível, olhando-a insistentemente nos olhos: — Diz o que foi que o Deus te enviou para dizer; juro por Apolo que ninguém te tocará enquanto eu viver.

"Mas tu estás agora tão impotente como o teu Senhor do Sol", pensou ela agitadamente.

— Então escuta — disse ela, tentando silenciar os batimentos do seu coração pressionando os punhos sobre o peito. — O que Estremece a Terra derrotou o Senhor do Sol, tal como vai derrotar a nossa cidade. Sentiremos a fúria de Posídon mais fortemente do que nunca. Nem uma muralha, nem uma casa, nem uma porta, nem o próprio palácio escaparão desta vez. Avisa as pessoas e diz-lhes que fujam, ainda que para as mãos dos Aqueus! Abafem os fogos nas cozinhas; assegurem-se de que nenhuma lanterna se encontra nas proximidades dos armazéns de resina ou óleo. Não deixem ninguém ficar dentro de casa, para

evitar que o seu corpo seja esmagado pela queda das pedras.

Crises disse firmemente, voltando-se para as mulheres:

— Talvez ainda nos reste algum tempo. Vão depressa libertar as serpentes que não tenham fugido ainda. Depois, duas de vocês vão ao palácio e informem o rei e a rainha de que tivemos maus presságios e digam-lhes que fujam para terreno aberto. Eles podem não dar ouvidos, mas temos de fazer o possível.

— Isso não evitará nada! — gritou Cassandra, tentando conter-se ao mesmo tempo em que falava. — Ninguém pode escapar à fúria de Posídon! Deixa que as mulheres se refugiem no Templo da Virgem; talvez Ela tenha alguma piedade de nós.

— Sim, vão — disse Crises às mulheres. — Levem as crianças para lá e fiquem a céu aberto até que o tremor de terra cesse. Talvez possam se esconder aí dos nossos inimigos, se eles irromperem pela cidade. Há muitos despojos para saquear em Tróia e talvez eles não subam tão alto. — Abraçou Cassandra à medida que ela ia recuperando os sentidos. Na cabeça dela havia uma dor aguda e uma sensação de torpor, como se olhasse para o mundo imersa em águas profundas. — Tenho de ir, Cassandra, e espalhar a notícia como me for possível. Queres a tal poção calmante? Vais abrigar-te nos pátios do Senhor do Sol ou descer à cidade? Que posso fazer para te ajudar?

Descobriu que a voz de Crises lhe chegava como se atravessasse a planície e as legiões de mortos, mas quando ela falou, a sua voz estava calma.

— Obrigada, venerável irmão, não preciso de nada. Vai fazer o que tens a fazer e eu irei tratar de garantir que a minha filha fique em segurança.

Crises afastou-se e Cassandra foi para o seu quarto. Honey estava a dormir, ainda enrolada nos cobertores, mas Cassandra reparou que a serpente desaparecera. Mais sensata do que os humanos, procurara refúgio em algum lugar secreto, conhecido apenas pelas serpentes. Cassandra curvou-se e sacudiu suavemente a criança, acordando-a. Honey estendeu os braços para que a levantasse e Cassandra vestiu-a rapidamente. Tinha de arranjar uma maneira de fazer a criança sair de Tróia em segurança, antes que os invasores atravessassem as muralhas.

— Vem, querida — disse, pegando a mão de Honey. — Temos de ir depressa.

Honey parecia confusa, mas, obedientemente, andou ao lado de Cassandra enquanto cruzavam o recinto. Quando subia apressadamente em direção ao Templo da Virgem, com a mão de Honey na sua, tropeçou e foi agarrada por umas mãos fortes.

— Cassandra — disse Enéias — aconteceu! Era este o teu aviso?

— Pensava que tinhas deixado a cidade — disse ela, tentando controlar a voz.

— Decerto que não vais ficar aqui, agora — disse ele. — Vem comigo; arranjarei uma

ligação de navio para Creta...

— Não — disse ela. — Vem... depressa! Os Deuses abandonaram Tróia.

Conduziu-o velozmente para a zona mais interior do santuário do Templo da Virgem; encontrou ali algumas sacerdotisas e gritou-lhes:

— Rápido! Extingam todos os archotes; sim, mesmo o fogo sagrado! Os Deuses abandonaram-nos!

Ela própria, soltando a mão de Honey, pegou o último archote e extinguiu o fogo que ardia diante da Virgem, enquanto as sacerdotisas se precipitavam para o exterior, Cassandra puxou a cortina.

— Enéias, este é o objeto mais sagrado de Tróia inteira. Toma-o! Puxou a estátua antiga, o Paládio, e embrulhou-a no seu véu.

— Leva-a contigo para onde quer que vás, através dos mares. Constrói um altar à Deusa e reacende o fogo sagrado. Conta a verdade sobre de Tróia.

Ele fez menção de afastar o véu e contemplar o objeto sagrado, mas ela deteve-lhe a

mão.

— Não! Nenhum homem deve olhá-la — disse ela. — Jura que a levarás para outro templo e que, aí, a entregarás a uma sacerdotisa da Mãe. Jura! — repetiu, e Enéias olhou-a nos olhos.

— Juro — disse ele. — Cassandra, não podes ter mais motivos para permanecer aqui. Vem comigo. Deveria ser uma sacerdotisa a transportar isto através dos mares.

Curvou-se para abraçá-la; ela beijou-o impetuosamente e em seguida afastou-se.

— Não pode ser — disse — o meu destino está aqui. O teu é deixar Tróia vivo e ileso. Mas parte imediatamente e que todas as nossas esperanças e os nossos Deuses te acompanhem.

— Não podes ficar aqui... — começou ele.

— Prometo-te, deixarei Tróia antes que o sol volte a nascer — disse ela. — Não é a morte o que me espera, mas não sou livre de ir contigo. Os Deuses decidiram de outra maneira.

Ele beijou-a de novo e pegou no objeto embrulhado.

— Juro-te pela minha própria linhagem divina — disse ele — que farei a tua vontade; e a Dela.

Os olhos de Cassandra encheram-se de lágrimas ao vê-lo deixar apressadamente o

templo.

Não chegara a atravessar o pátio quando, dentro da sua cabeça, ouviu um enorme rugido. O chão oscilou sob os seus pés; cambaleou e caiu com Honey nos braços. Ficou estendida e imóvel, o seu corpo comprimido de encontro à terra subitamente instável, que se agitava e encrespava por baixo de ambas. A sua única reação foi a raiva e não o medo: *"Mãe Terra, porque deixas os Teus filhos brincar deste modo com aquilo que Tu criaste? "*

O movimento parecia ir continuar eternamente, sob os soluços amedrontados da criança que tinha nos braços. Depois se acalmou e Cassandra reparou que o sol exibia ainda apenas uma pequena fração acima do horizonte. O abalo não podia ter durado mais do que alguns instantes. O choro de Honey se acalmou até não ser mais do que um soluçar espaçado.

Cassandra olhou para trás dela e percebeu que o estrondo que ouvira fora o das paredes da casa do Senhor do Sol se abatendo para o interior. Praticamente nenhuma das construções circundantes ficara de pé. Do edifício principal, onde habitavam, não restava mais do que um amontoado de pedras. Decerto não seria possível salvar nada dali. Ouviam-se gritos abafados. Alguém fora apanhado lá dentro pela queda das pedras. Cassandra olhou, impotente, para o monte de escombros, não conseguiria, mesmo que usasse todas as suas forças, mover uma só pedra que fosse, e em breve o som cessava.

Em algum lugar nos jardins um pássaro começou a cantar. *"Quererá dizer que terminou?"*

Como que em resposta, o solo pareceu estremecer e balançar de novo, e depois se imobilizou. Atordoada, Cassandra dirigiu-se ao ponto de

observação onde, na noite anterior, fora olhar a planície.

O grande portão e a muralha frontal de Tróia tinham ruído e, no meio do amontoado de destroços dos portões e da muralha, Cassandra avistou o cavalo de madeira jazendo por terra, com uma pata grotescamente erguida como se, de fato, tivesse golpeado a muralha com os seus cascos gigantescos. Os archotes tinham incendiado a estrutura e esta ardia violentamente, mas quando atingiam o cavalo propriamente dito, as línguas de fogo roçavam-no em vão. Chamas erguiam-se da zona mais pobre, onde as casas eram de madeira. Era como a Visão que tivera pela primeira vez em criança, a Visão em que ninguém acreditara: Tróia ardia.

Através da abertura da muralha caída, vagas de soldados aqueus estavam já se precipitando para as casas ainda não derrubadas e saindo carregados com tudo o que conseguiam transportar. Onde poderia esconder-se? Mais importante ainda, para onde poderia levar Honey? Um edifício no interior do recinto da casa do Senhor do Sol continuava de pé: o santuário. Talvez houvesse lá alguma comida que tivesse ficado das ofertas do dia anterior. Para seu espanto, percebeu uma súbita e violenta fome. Entrou e deteve-se: se se desse um novo abalo, o edifício poderia ruir. Viu então que a estátua do Senhor do Sol caíra e que uma figura humana jazia esmagada sob ela. Aproximando-se com uma curiosidade insensível (não havia nada a fazer) viu que era Crises quem ali se encontrava caído.

"Por fim", pensou, *"o Deus golpeou-o realmente."* Ajoelhou-se junto do homem caído, fechando-lhe os olhos esbugalhados; depois se levantou e seguiu. Na sala por trás da estátua, onde as ofertas eram guardadas, encontrou alguns pãezinhos. Estavam bastante duros, mas ela comeu um, dividindo-o com a criança que parecia atordoada e não chorava. Enfiou outro na dobra do vestido, poderia vir a precisar dele, e parou para refletir. Os Aqueus já estavam a saquear a parte baixa da cidade. Teria o palácio caído? Teriam sido todos mortos, os seus pais, Andrômaca, Helena? Teriam ficado alguns soldados Troianos vivos para impedir o saque? Ou seriam ela e a sua criança as únicas sobreviventes a presenciar a devastação?

Escutou, tentando captar qualquer som que a levasse a pensar que havia mais alguém com vida na casa do Senhor do Sol, mas tudo estava

silencioso. Talvez houvesse alguém vivo no palácio. Teriam ouvido o aviso a tempo de sair para os pátios ou para os jardins?

Embora o sol estivesse já bastante quente, ela tremia. Os seus agasalhos, como todas as suas peças de roupa à exceção das que trazia vestidas, estavam sepultados sob as ruínas do Templo do Senhor do Sol.

Deveria descer ao palácio. Embora soubesse da presença dos soldados aqueus na cidade, estava desesperadamente ansiosa por saber se a sua mãe continuava viva. Pegou em Honey e começou a correr pela rua abaixo.

O caminho estava bloqueado pelo entulho e os escombros das casas semidestruídas. As pessoas que encontrou eram na sua maioria mulheres aturdidas, descalças e meio vestidas como ela própria, e alguns soldados mal armados que tinham acordado cedo para se juntarem a Deífobo. Quando a viram dirigir-se para o palácio, seguiram-na.

O palácio não se abatera. Apenas as portas frontais e algumas esculturas tinham desaparecido, mas as paredes permaneciam de pé e não havia sinais de fogo. Ao aproximar-se, ouviu um sonoro lamento e, reconhecendo a voz da sua mãe, começou a correr. Nas lajes do pátio, agora soltas e desniveladas, viu Príamo estendido. Morto ou inconsciente, não sabia dizer. Hécuba debruçava-se sobre ele em pranto. Helena, envolta numa capa, com Nikos a seu lado e Andrômaca, agarrada a Astíanax, estavam com ela.

Andrômaca ergueu os olhos para Cassandra e disse, agressiva:

— Estás satisfeita, Cassandra, pela maldição que profetizaste nos ter atingido?

— Oh, calma! — disse Helena. — Não fales como uma idiota, Andrômaca! Cassandra tentou avisar-nos, foi só. Tenho certeza de que ela teria preferido deixar tudo isto em segredo.

Folgo por te ver ilesa, irmã. — Abraçou Cassandra e, passado um momento, Andrômaca imitava-a.

— O que aconteceu ao pai? — perguntou Cassandra. Avançou e curvou-se sobre a mãe, levantando-a delicadamente. — Vem, mãe. Temos de procurar refúgio no Templo da Virgem.

— Não! Não! Ficarei aqui com o meu rei e senhor — protestou Hécuba, o seu choro transformado agora em soluços.

Andrômaca abraçou-a e Astíanax aproximou-se e pôs os braços em volta de Hécuba, dizendo:

— Não chores, avó. Se aconteceu alguma coisa má ao avô, o rei, eu olharei por ti.

— Pronto, amor — disse Helena, no momento em que Cassandra se ajoelhou ao lado do pai segurando a fria mão na sua e lhe levantou uma das pálpebras fechadas. Não havia o menor indício de movimento ou de vida; os olhos estavam já baços. Sabia que deveria juntar-se a Hécuba no ritual dos lamentos, mas apenas soltou um suspiro e deixou a mão dele tombar de dentro da sua.

— Lamento, mãe — disse. — Ele está morto.

Os gritos de Hécuba recomeçaram. Cassandra disse, em tom de urgência:

— Mãe, não há tempo para isso; os soldados aqueus estão na cidade.

— Mas como é possível? — perguntou Hécuba.

— As muralhas se fenderam com o tremor de terra — explicou Cassandra, perguntando-se desesperadamente se teriam todos perdido o juízo ou estariam embrutecidos pelo choque; não teriam ouvido nada? — Já andam a pilhar pelas ruas e não demorarão muito a chegar aqui. Onde está Deífobo?

— Creio que deve estar morto — disse Helena. — Ouvimos a mãe chamar, dizendo que o pai tivera um ataque ou um desmaio. Viemos imediatamente e Deífobo carregou-o do quarto até aqui no pátio e depois voltou a entrar a correr para ir buscar a mãe dele. Então deu-se o primeiro abalo, os soalhos

cederam e creio que parte do telhado também. Eu tinha agarrado em Nikos e saído com ele, a correr, atrás de Deífobo.

— E assim nós os seis estamos vivos — disse Cassandra — mas temos de nos esconder em algum lugar, se não quisermos cair nas mãos dos soldados. Não sei quais são os costumes dos Aqueus em relação às mulheres cativas e não me parece que gostasse de saber.

— Oh, Helena não tem nada que recear da parte deles — disse Andrômaca, olhando fixamente para a mulher argiva. — O marido dela em breve estará aqui para reclamá-la, tenho certeza! Vai cobri-la com as jóias de Tróia e levá-la de volta, triunfante. Que sorte para ti que

Deífobo tenha morrido a tempo; não que te importes!

Cassandra estava estupefata com o desprezo que ela demonstrava.

— Não é hora para brigar, irmã; deveríamos estar satisfeitas por uma de nós não ter que temer a captura. Vamos refugiar-nos na casa da Virgem? Foi para lá que mandamos as mulheres da casa do Senhor do Sol e estou certa de que continua inteira. — Pôs o braço em volta de Hécuba e disse: — Vem, vamos embora.

— Não! Eu fico com o meu rei e senhor — disse a velha mulher teimosamente, tombando de novo sobre os joelhos junto do corpo de Príamo.

— Mãe, acreditas realmente que o pai quereria que tu ficasses aqui para seres capturada por algum nobre aqueu? — perguntou Cassandra, exasperada.

— Ele foi soldado até morrer; não o abandonarei no momento da sua rendição — insistiu Hécuba. — Tu és uma mulher nova; vai e esconde-te em algum lugar onde eles não te possam encontrar, se é que existe um lugar assim em Tróia. Eu fico com o meu senhor; Helena ficará comigo. Nem mesmo os Aqueus irão insultar a rainha de Tróia. Rendemo-nos a um Deus, não a eles.

Cassandra desejava sentir-se mais segura disso. Mas já se ouviam os soldados a aproximar-se e ela pegou na mão de Honey. Astíanax estava nos braços de Andrômaca, protestando, tentando descer, mas a mãe não ligava para ele.

— Escondamo-nos numa destas casas humildes aqui ao lado. Eles nunca se lembrarão de procurar lá, onde não há nada para saquear — sugeriu Andrômaca, mas Cassandra abanou a cabeça.

— Confiarei a mim e à minha filha, à Virgem de Tróia. Se os nossos Deuses nos abandonaram, talvez as Deusas não o façam.

— Como queiras — murmurou Andrômaca. — Eu já não acredito em Deuses nenhum. Adeus, então. Boa sorte para vocês.

Enfiou-se para dentro da menor e mais suja das casas e Cassandra, com Honey, correu pela colina acima até o ponto mais alto de Tróia onde o Templo da Virgem se erguia, intacto, com a estátua do pátio frontal ainda de pé.

Cassandra pousou imediatamente Honey no chão e lançou-se aos pés da estátua. Certamente que nenhum homem, nem mesmo um bárbaro aqueu, ousaria abusar de qualquer mulher que ali procurasse refúgio.

Ouviu as vozes das outras mulheres numa das salas mais escondidas. Dentro de momentos se juntaria a elas.

— Ah, ei-la! — era um grito de triunfo na língua bárbara dos soldados. Dois homens vestidos com armaduras surgiram à porta! — Perguntava-me onde se teriam metido as mulheres todas. Esta é boa para mim: é a princesa, filha de Príamo. É profetisa e virgem de Apolo, mas se Apolo quisesse proteger as Suas virgens, o teria feito. Queres ver dentro da sala se há mais?

— Não — respondeu o outro — eu fico com a pequenina. Quando as pessoas acham que elas são suficientemente crescidas, já são velhas demais para o meu gosto. Vem cá, menina, tenho aqui uma coisa bonita para ti.

Cassandra voltou-se, horrorizada, deparando com um soldado gigantesco que acenava a Honey.

— Não! — gritou. — Ela é apenas um bebê! Não, não...!

— Eu gosto delas assim — disse o enorme soldado, arreganhando os dentes; e investiu contra a criança, arrancando-lhe o vestido.

Cassandra lançou-se contra o homem, com unhas e dentes, tentando arrancar-lhe Honey dos braços. Um violento pontapé a fez voar inconsciente para um canto do recinto. Ouviu Honey gritar, mas não conseguia mexer-se; os seus membros estavam tão pesados que não conseguia mover um único dedo. Sentiu o outro homem agarrá-la e debateu-se furiosamente; uma pancada no rosto desferida pelo braço do homem atirou-a para trás ao mesmo tempo em que toda a força se esvaía do seu corpo, como areia num saco rasgado.

Continuou a ouvir os gritos desesperados de Honey até que, para cúmulo do horror, estes cessaram. Estava consciente, embora não conseguisse mover-se ou falar, de que o homem lhe arrancava a túnica e a empurrava para o chão de mármore.

"Deusa! Vais deixar que isto aconteça precisamente no Teu santuário, diante dos Teus olhos?" implorou e depois, chocada, lembrou-se: ela já não venerava os Imortais; por que haveria a Virgem de protegê-la?

"Mas Honey não fez qualquer mal e é um bebê! Se a Virgem vê isto e não consegue impedi-lo, não é uma Deusa. E se pode impedi-lo e não o faz..." Então uma dor aguda dilacerou-a no momento em que o homem a penetrou violentamente, e sentiu a escuridão descer sobre ela.

Sentiu-se abandonar a sua carne destroçada pela dor, consciente das continuadas investidas do homem contra o seu corpo inerte, consciente do corpo de Honey, nu e rasgado, sangrando sobre as pedras, movendo-se ainda ligeiramente enquanto um choro débil lhe saía de entre os lábios escoriados. Elevou-se e saiu, caminhando sobre a planície nua e estranha. O sol esbatera-se até ficar do mesmo tom cinzento de tudo quanto existia ali. Desceu e caminhou através da planície que era, e não era, a da cidade de

Tróia, onde o cavalo de madeira derrubara com as patas as muralhas e que, apesar de já não estar de pé, se erguia ainda, inteiro e aterrador, sobre a cidade morta.

Viu outras pessoas naquela planície: soldados aqueus, alguns Troianos. Pareciam confundidos, olhando em volta à procura de um chefe. Depois viu Deífobo, seminu, carregando ainda a sua mãe nos braços, com o rosto e as mãos chamuscados pelo fogo. Tinham portanto morrido juntos, tal como Helena calculara.

Ele tentou chamá-la, mas ela não tinha a mínima vontade de lhe falar. Voltou-se e seguiu, apressada, na direção contrária, perguntando-se o que teria acontecido a Andrômaca.

Ali estava Astíanax com a cabeça a sangrar e as roupas rasgadas. Parecia atordoado, mas, enquanto ela o olhava, o seu rosto iluminou-se e ele começou a correr através da planície, gritando de alegria. Viu Heitor erguê-lo nos braços e cobri-lo de beijos. Heitor tinha então reclamado o seu filho. Ela não se surpreendia pelo fato dos soldados aqueus não o terem deixado viver. Andrômaca ia sofrer. Ela ignorava que o seu filho se encontrava com o pai, tal como Heitor prometera. Cassandra desejou que a criança não tivesse sentido muito pavor antes de encontrar o fim na ponta de uma lança aquéia, ou o teriam atirado das muralhas?

Depois viu Príamo, alto e imponente tal como ela o recordava dos seus tempos de menininha. Sorriu para ela e disse:

— A cidade desapareceu, não foi? Suponho então que estamos todos mortos.

— Sim, penso que sim — disse ela.

— Onde está a tua mãe, minha querida? Não veio ainda? Bom, esperarei aqui por ela — disse ele, concentrando-se para olhar em volta. — Oh! Lá estão Heitor e o rapaz...

— Sim, pai — disse ela, sentindo um nó na garganta... ele parecia tão feliz. — Acho que vou ter com eles. Se a tua mãe chegar, diz-lhe, sim, querida?

“Mas não é possível que estar morto seja simplesmente isto!”, pensou ela. *“Tem de existir algo mais... ”*

Ergueu os olhos e mesmo na sua frente viu Pentesileia, sem ferimentos, sorrindo, o rosto resplandecente, rodeada por meia dúzia das guerreiras amazonas que haviam lutado a seu lado no último dia. Rindo de alegria, Cassandra correu para os braços da amazona. Ficou surpreendida ao sentir que o contato com a sua parente era tão forte e quente como no dia em que a abraçara quando ela saíra para combater diante de Tróia e morrer às mãos de Aquiles. Cassandra exprimiu a sua surpresa em voz alta.

— Então suponho que Aquiles deve estar também em algum lugar por aí.

— Também eu pensaria que sim — disse Pentesileia — mas parece que ele foi para o lugar dele, seja lá onde for.

Por trás de Pentesileia a planície dos mortos diluiu-se e Cassandra avistou algo que se assemelhava a uma luz ofuscante, duas vezes mais brilhante do que o Senhor do Sol, tal como ela O vira na sua primeira e arrebatadora visão; através da luz distinguiu a forma de um soberbo templo, maior do que aquele onde servira em Cálcis, e ainda mais belo.

— É para ali que devo ir? — sussurrou, em êxtase.

Vinda de trás da luz, ela começou a ouvir música: harpas e outros instrumentos, em crescendo, invadindo o ar com harmonias, como uma dúzia... não, uma centena de vozes unidas num cântico: claras, sonantes e cada vez mais próximas. Fora assim que ela sonhara ser a casa do Senhor do Sol. Crises estava de pé na entrada, acenando-lhe. O seu rosto estava liberto da insatisfação e da cobiça que ela conhecera. Ele era, finalmente, aquilo que ela sempre acreditara que ele era. Estendeu-lhe os braços e ela estava prestes a correr ao encontro deles, como Astíanax correra para Heitor.

Mas Pentesileia barrava-lhe o caminho, ou seria a própria Virgem Guerreira, envergando a armadura da amazona? Segurava Honey pela mão e esta ria, ilesa.

“Então ela também está morta. ”

— Não! — disse Pentesileia. — Não, Cassandra. Ainda não.

Cassandra lutava para articular as palavras. Era aquele o lugar que vira nos seus sonhos, o lugar onde ela sempre soubera pertencer. E não só Crises, mas todos os que ela amara estavam lá, à sua espera, aguardando a sua voz para preencher o lugar vazio naquele imenso e harmônico coral.

— Não! — A voz de Pentesileia era pesarosa, mas inflexível, e ela deteve Cassandra como se refreasse uma criança. — Não podes ir ainda. Há algo mais que tens de fazer no mundo dos vivos. Não pudestes partir com Enéias, não podes vir comigo. Tens de regressar, Cassandra, não chegou a tua hora.

Sob o elmo reluzente, o rosto formosamente esculpido começava a dissolver-se numa profusão de cintilações brilhantes. Cassandra lutou para mantê-lo focado.

— Mas eu quero ir... a luz... a música — disse ela.

A luz morria e à sua volta estava escuro. Percebeu um cheiro medonho, semelhante ao da morte, semelhante ao de um vômito. Estava deitada no chão sujo de uma espécie de abrigo rudimentar. *“Então não estou morta, afinal. ”* A única emoção que sentiu foi um amargo desapontamento. Lutou para se agarrar à memória da luz, mas esta estava já a desaparecer. Tinha consciência das dores no seu corpo. Estava a sangrar e parte do odor que sentia era o do seu próprio sangue no rosto e na túnica. O homem que a violara jazia meio atravessado sobre o seu corpo. Era o vomitado dele que lhe chegava às narinas e, aos poucos, como que emergindo de um profundíssimo transe, ouviu uma voz familiar e viu o rosto (nariz adunco, barba negra) que habitara os seus pesadelos durante anos.

— Eu disse que era a ela que eu queria — disse Agamenon. — Olha, está a recuperar a respiração. Se a tivesses morto, eu teria mandado te esfolar vivo! Sabias que ela me coubera no sorteio, mas tinhas de tentar chegar primeiro do que eu. Sempre foste desprezível, Ájax!

Cassandra sentiu uma agonia percorrer-lhe o corpo: agonia misturada com desespero.

"Não estou morta, afinal; a Virgem salvou-me. Para isto! "

DEZESSEIS

Estava deitada, imóvel, muito infeliz para tentar mover-se.

— Honey? — murmurou com dificuldade através da garganta dolorida.

Mas não houve qualquer resposta. Lembrou-se de ver o seu pequeno corpo num estado deplorável, rasgado e exangue, atirado para um canto pelo homem que a usara.

"Já deve estar morta. Espero que esteja morta. Sim, está com Pentesileia. Vai andar à minha procura. Não quero viver. Quero voltar para junto de Pentesileia, e do pai... e da música."

Mas conseguia sentir a sua própria respiração, o bater sonoro e importunante do seu coração. Viveria. Que dissera Pentesileia? *"Existe algo mais que tens de fazer entre os vivos... " "Se fosse cuidar de Honey, teria regressado, não de boa vontade, mas sem protestar. Mas ela já se foi, não posso ajudá-la agora. Porque estou eu aqui se todos aqueles que amo já partiram antes de mim?"*

Conseguiu perceber, vagamente, que se encontrava deitada no chão de uma pequena construção, rodeada de pilhas de caixas, trouxas e fardos de objetos e produtos: sedas, mantos suntuosos, tapeçarias, jarras e peças de cerâmica, sacas de cereais e potes de azeite: todas as riquezas da cidade saqueada. Andrômaca jazia perto dela, de rosto para baixo, coberta com uma manta grosseira. Cassandra distinguiu-lhe as feições sob a luz mortiça. Os seus olhos estavam inchados e vermelhos de chorar. Abriu-os e olhou para Cassandra.

— Oh! — disse ela — estás acordada! Quando te trouxeram para aqui disseram que estavas morta e Agamenon não queria admiti-lo.

— Tive certeza de que estava morta — disse Cassandra. — Queria estar morta.

— Também eu — disse Andrômaca. — Levaram Astíanax.

— Sim, eu sei; eu o vi a correr para os braços do pai.

Andrômaca refletiu por instantes e disse:

— Sim, se alguém pudesse ver além da morte, suponho que serias tu.

— Acredita-me: ele está livre, feliz e com o pai — repetiu Cassandra. A sua voz tentava, avidamente, capturar a memória. — Estão bem melhor do que nós. Quem me dera estar onde eles estão neste momento!

Passados instantes, perguntou:

— Por que estamos aqui fechadas? Que vai acontecer conosco? Onde fica este lugar?

— Não tenho certeza, creio que é o local onde os comandantes aqueus estão a preparar as coisas para carregar os navios — disse Andrômaca.

— Escuta — disse Cassandra, encolhendo-se — aí vem alguém!

Ela conseguia ouvir o som de passos pesados batendo contra o solo. Mas tinha perdido a Visão sobrenatural dos estados de transe e sentia-se abatida e doente, limitada aos seus vulgares sentidos de mortal. Tinha um sabor repugnante na boca.

— Há alguma água aqui?

Andrômaca suspirou e remexeu-se; depois se sentou reta. Estendeu a mão para um cântaro e entregou-o cuidadosamente a Cassandra, que bebeu até não ter mais sede. Tivera de sentar-se para beber e sentira-se como se a sua cabeça fosse soltar-se e rolar para longe. Ajudou Andrômaca a repor o cântaro no lugar e voltou a deitar-se, exausta por aquele simples movimento.

Cassandra disse, num murmúrio:

— Honey também está morta. Arrancaram-na das minhas mãos mesmo no santuário da Virgem e violaram-na, um bebê tão pequeno... — A voz faltou-lhe.

A mão de Andrômaca fechou-se sobre a sua.

— Sei como deves sentir-te, embora ela não fosse verdadeiramente tua filha.

Cassandra disse, sombriamente:

— Era tão minha como qualquer outra criança teria sido.

— Dizes isso porque nunca geraste uma criança — disse Andrômaca. Puxou de novo o cobertor para cima do rosto.

— Tu estás bem? Fizeram-te algum mal? — perguntou Cassandra, tentando penetrar o mortal desespero de Andrômaca.

Andrômaca voltou-se para a olhar de frente.

— Não, não me tocaram. Suponho que me trouxeram porque os enche de orgulho pensar que têm a mulher de Heitor como escrava — disse ela. — Tal como o meu filho: se ele fosse filho de um homem menos valoroso, era possível que o deixassem viver... — Passado um instante, perguntou: — Então e tu? Foste ferida... — Estendeu a mão, detendo—se pouco antes de tocar o golpe aberto na testa de Cassandra. — Foste espancada, além de...

— Violada? Sim — disse ela. — Pensava... esperava estar morta. Mas, por qualquer razão, fui... mandada de volta.

Recordou penosamente as palavras de Pentesileia: *"Há algo ainda que tens de fazer no mundo dos vivos. "* Mas o quê? Não iriam mandá-la de volta para consolar Andrômaca e dizer-lhe que o seu filho estava em segurança junto do pai. Mas que mais poderia ser? Poderia ela, de alguma forma, vingar-se de Agamenon? Ridículo! Os exércitos todos de Tróia não tinham conseguido derrotá-lo e ela não passava de uma mulher sozinha, ferida e violentada.

Uma forma escura tapou a luz que vinha da porta, e uma voz rude disse:

— Ora bem. Tu, lá para dentro com as outras; e alguém foi empurrado para o interior, tropeçando e caindo ao lado de Cassandra: uma mulher, pequena e frágil. Gemeu e levantou penosamente a cabeça.

— Cassandra? És tu?

— Mãe! — Cassandra sentou-se e abraçou-a. — Pensei que tivesses morrido...

— E eu ouvi dizer que Agamenon te levara...

— Reclamou-me para si — disse Cassandra, tentando falar controladamente — mas eles ainda não carregaram os navios, por isso pelo menos temos uns momentos para nos despedirmos.

— Eles continuam a brigar por causa dos espólios — disse Andrômaca amargamente, sentando-se para abraçar Hécuba. — Incluindo nós.

— Não sei para onde irei — disse Hécuba — nem de que servirei, velha como estou, como escrava.

— Pelo menos, mãe, tu não tens de recear ser tornada concubina — disse Andrômaca.

Hécuba riu por momentos, e depois disse:

— Nunca pensei voltar a ter algum motivo para rir. Mas vocês duas são jovens; mesmo sendo escravas, poderão descobrir ainda algo de bom na vida.

— Nunca! — disse Andrômaca. — Oh, não vamos discutir sobre qual de nós sofreu

mais!

Cassandra sentiu-se gelar e murmurou:

— Alguém vem aí.

Era Odisseu; o seu corpo amplo parecia preencher a entrada. O guarda da porta perguntou:

Que desejas, meu senhor?

— Uma das mulheres que aí está dentro pertence-me. Perdi no sorteio, mas talvez nem tudo seja prejuízo. A minha mulher, Penélope, ficaria zangada comigo se eu levasse para casa uma escrava jovem e bonita.

— Oh, que desgraça! — sussurrou Hécuba, agarrando a mão de Cassandra. — Tantas vezes foi recebido como convidado junto ao nosso fogo. Não consigo suportar esta humilhação!

Odisseu entrou e curvou-se sobre as mulheres. A sua voz soou sem rudeza.

— Bem, Hécuba, parece que tu vens comigo. Não tenhas medo, não tenho qualquer desavença contigo e a minha mulher ainda menos. — Estendeu-lhe a mão para ajudá-la a levantar-se, o que ela fez com dificuldade. Depois se curvou sobre Cassandra e sussurrou: — Não receies pela tua mãe. Olharei bem por ela; nunca lhe faltará um lar enquanto eu viver. Teria todo o prazer em levar-te para casa também, Cassandra; mas Agamenon estava obstinado e decidido a possuir-te, por isso parece que irás ser amante de um rei.

— Quem irá levar Andrômaca? — perguntou Cassandra.

— Ela vai para o país de Aquiles, para o pai dele, como parte dos seus bens.

— Podia ser pior — disse Andrômaca num esgar.

Hécuba perguntou:

— E Políxena?

Odisseu baixou os olhos e disse:

— Está na companhia do próprio Aquiles.

— Que quer isso dizer? — perguntou Hécuba, mas Odisseu mantinha os olhos baixos, evitando encará-la.

Cassandra, porém, vira nos olhos dele o que tinha acontecido e explodiu:

— Foi morta, sacrificada, a garganta aberta e o corpo dela lançado sobre a pira de Aquiles, como se fosse um animal...!

Odisseu ficou perplexo. Hécuba perguntou:

— É verdade?

— Eu te teria poupado de tal notícia — disse Odisseu. — Aquiles havia se oferecido para desposá-la, por isso eles enviaram-na a juntar-se a ele no Além.

Cassandra disse, docemente, no meio dos soluços de Hécuba:

— Não chores, mãe; ela está bem melhor do que a maioria de nós, e tu em breve estarás com ela.

Hécuba enxugou os olhos com o vestido.

— Sim, melhor do que qualquer de nós — disse. — O Além só pode ser melhor do que isto, e em breve me juntarei ao meu senhor e rei, pai dos meus filhos. Bem, leva-me, Odisseu. — Curvou-se rapidamente para abraçar Cassandra. — Adeus, minha filha. Que seja em breve que voltemos a encontrar-nos.

— Nunca será cedo demais para mim — disse Cassandra quando se separavam.

Deitou-se, tentando repousar a cabeça dolorida sobre uma trouxa de lona. Sabia que não voltaria a ver a mãe deste lado da morte e que, aí, Hécuba não estaria só.

A luz movia-se lentamente sobre o pavimento; devia passar do meio-dia. Tinha sido apenas nessa manhã que a cidade se rendera? Pareciam semanas... não... anos.

A luz estava a enfraquecer quando ouviu a voz de um aqueu dizendo em tom de desculpa:

— Não tens de esperar aí dentro com elas, senhora — e o protesto suave e cortês de uma voz familiar.

Depois, uma figura esbelta entrou no abrigo, perguntando docemente:

— Quem está aí?

— Helena? — Cassandra sentou-se. — Que fazes aqui?

— Prefiro estar aqui do que enfiada a bordo do navio de Menelau com todos os marinheiros embasbacados a olhar para mim — disse Helena. — Ele virá buscar-me quando o navio estiver pronto para partir.

Cassandra deitou-se novamente. Sabia que deveria sentir algum ressentimento em relação àquela mulher, mas Helena tinha apenas seguido o destino dela tal como ela, Cassandra, seguira o seu. Helena fixou, chocada, a cabeça de Cassandra ainda a sangrar.

— Oh, que horror!

— Está tudo bem, não estou gravemente ferida — disse Cassandra.

— E tu, que merecias o pior de tudo, nem foste tocada — disse Andrômaca com azedume. — Oh, até estás adequadamente vestida! — Olhou com indignação para a túnica limpa, cor de ferrugem, e o manto impecavelmente cingido com um cinto e fivela de ouro.

O sorriso de Helena foi tênue.

— Menelau insistiu. E mandou Nikos embora com os soldados, dizendo que eu não estava apta a ter uma criança ao meu cuidado.

— Pelo menos o teu filho continua vivo — resmungou Andrômaca.

— Mas perdido para mim — disse Helena. — E Menelau jurou que, se este viver — e Cassandra recordou-se de Helena lhe confidenciar estar

convencida de que estava grávida — ele o expõe. Acredita-me, Andrômaca, preferia ir parar às mãos de um estranho, mesmo que jogada nos dados pelos homens. Não tenho qualquer dúvida de que Menelau irá fazer-me sentir a sua fúria o resto da minha vida. Preferia ser sepultada aqui, tranquilamente, ao lado de Páris, que eu amei.

— Não acredito nisso! — disse Andrômaca, ferozmente. — Tenho certeza que preferirias ter um novo homem a quem cativar com a tua beleza! — Voltou às costas a Helena e não tornou a falar.

Cassandra estendeu a mão a Helena e a outra mulher apertou-a, dizendo:

— Pergunto-me, será que todas as mulheres de Tróia me responsabilizam...?

— Eu não — disse Cassandra.

— Não. E encontrei amigos em Tróia — disse Helena, curvando-se para beijar Cassandra. — Desejava nunca ter vindo aqui para vos destruir...

— Foi Posídon que o fez — disse Cassandra, e ficaram em silêncio, de mãos dadas como menininhas. Não tardou muito até soarem passos no exterior e Menelau, curvando-se, entrar pela porta baixa.

— Helena? — disse ele.

— Estou aqui — disse ela submissa, e Cassandra ergueu o olhar para o clarão de luz que pareceu encher a pequena cabana.

O cabelo de Helena brilhava como ouro e tinha à sua volta a auréola que exibira quando estivera de pé sobre as muralhas de Tróia: a verdadeira aura da Deusa.

Menelau pestanejou como se os seus olhos estivessem encandeados. Então, involuntariamente, curvou-se e murmurou: *"Minha senhora e rainha. "* Como se receasse aproximar-se dela, ofereceu-lhe o braço e ela avançou lentamente em direção a ele.

Deixaram o abrigo, Menelau seguindo Helena, meio passo atrás. Escurecia lá fora quando, finalmente, Cassandra viu a familiar figura de Agamenon introduzindo a cabeça no interior do abrigo.

— Filha de Príamo — disse ele — tu vens comigo; o navio está pronto para partir.

"Que hei de fazer agora? Submeter-me? Lutar? Não há nada a fazer. É o Destino. "

Levantou-se e ele tomou-lhe o braço, sem rudeza, mas com um certo orgulho de proprietário. Disse, sorrindo, a experimentá-la:

— Foste a única coisa que pedi dentre todos os despojos de Tróia; acredita-me, não vou maltratar-te, Cassandra. Não é uma coisa sem importância, ser a bem-amada do rei de Micenas.

"Oh, isso acredito!" pensou ela. Ocorreu-lhe que Príamo, se Agamenon não fosse já casado com a irmã de Helena, poderia muito bem ter querido oferecê-la em casamento àquele homem. O que a esperava agora, à exceção de umas quantas formalidades rituais e bênção da sua família, não seria muito diferente. A mulher de um aqueu não era menos escrava do que qualquer escrava de Tróia. Estremeceu e ele voltou-se para ela, solícito.

— Estás com frio? — perguntou. Curvou-se e tirou uma capa do meio de uma pilha de vestimentas roubadas que estava guardada no abrigo, uma capa azul que ela nunca vira antes.

— Veste isto — disse ele magnanimamente, colocando-a sobre os seus ombros.

Conduziu-a pelo solo irregular, descendo até a borda de água, e segurou-lhe a mão enquanto ela subia para dentro do navio. O convés oscilava e ele guiou-a ao longo dele. Era maior do que parecia visto das muralhas de Tróia. Os remadores, junto aos seus remos, olhavam para cima com curiosidade enquanto ela tentava caminhar sem tropeçar na capa. Sobre o convés estava uma pequena tenda, algo parecida com as tendas em que os

Aqueus tinham acampado durante a guerra. Ele levantou a cobertura para deixá-la entrar. Lá dentro havia tapetes macios e uma candeia acesa.

— Aqui terás privacidade — disse ele cerimoniosamente. — Partiremos com a maré, duas horas antes da alvorada. — Ele saiu e Cassandra deixou-se tombar sobre os tapetes, sentindo o suave sobe-e-desce do convés. Perguntou-se se não conseguiria escapar até o outro lado do navio, deslizar para a água e afogar-se. Mas não, certamente estava vigiada e eles a apanhariam antes que conseguisse alcançar a água. Além disso, fora-lhe dito que ela não estava destinada a morrer e, portanto, seria mandada de volta.

Deitou-se para trás, tentando resignar-se à idéia do momento em que Agamenon iria procurá-la.

Não podia ser pior do que Ájax. E ela sobrevivera a isso. Sobreviveria a isto também.

DEZESSETE

Pelo menos já não sentia vômitos. Cassandra arrastou-se para fora da tenda do convés e mergulhou no ar fresco da noite. Continuava a não suportar pensar em comida, mas conseguia manter-se reta sobre os joelhos. O movimento do navio tornava impensável estar de pé sem uma queda pouco digna e ela olhou com curiosidade para a linha da costa e para as pequenas ilhas rochosas por onde passavam.

Parecia-lhe que estavam no mar havia uma eternidade. Na noite anterior vira a nova lua, fina e pálida e bem-vinda, pois sabia que ela aparecia a sudoeste e isso lhe fornecia alguma orientação, agora que já conseguia ter alguma noção de direção, nesse mar sem trilhos nem direções. Pensou que a sua confusão tinha contribuído para o enjôo; não existia mais nada senão um corpo nauseado e cheio de tonturas, no centro de um vórtice de oceano ondulante, num convés instável. A princípio estivera tão doente que nada parecera ter importância: nem os cheiros do mar ou os sons dos remadores, nem o uso feito por Agamenon do seu corpo indiferente, nem a comida que geralmente recusava. Primeiro pensara que era, em grande parte, a seqüela da pancada que recebera de Ájax (os ferimentos na cabeça causavam freqüentemente náuseas e confusão) e quando vira que não passavam, após um razoável período de tempo, pensou ser do movimento do navio.

Agora, contando o tempo em relação às luas, começava a perguntar-se, com receio e repulsa, se não estaria grávida. Quando levara Enéias para a sua cama pela primeira vez, não se preocupara muito com isso. Às sacerdotisas eram ensinados processos de evitar essas coisas, se assim o quisessem; mas essas artes falhavam freqüentemente e a bordo do navio estivera muito doente para se preocupar com isso. Tinha se resignado ao fato de que, mais cedo ou mais tarde, se encontraria grávida de um filho de Enéias. Mas as possibilidades daquela criança ser de Enéias eram, realmente, muito pequenas; desde aquela pancada na cabeça ela sentia uma certa dificuldade em lembrar-se exatamente de quando fora a última vez que ele estivera consigo, ou de quando tivera a última prova de que não estava grávida.

Portanto, era provável que aquele fosse o filho de Agamenon, ou pior, de Ájax, que a possuíra primeiro. Cassandra raramente costumava dar ouvidos às tagarelices das mulheres, mas ouvira dizer várias vezes que não era provável que se ficasse grávida de qualquer homem na primeira vez. Mas ela tinha visto casos que provavam, fossem quais fossem as suas crenças ou desejos, que uma vez era suficiente. Se pudesse escolher, preferiria que fosse o filho de Agamenon: ela o detestava, mas não fora ele que a possuíra à força por cima do corpo da sua filha morta. O fato de ser considerada como propriedade dele e como troféu de guerra não lhe era agradável. *"Toda a minha vida o receei",* pensou, recordando a sua primeira Visão quando era criança, mas pelo menos ele não se comportara pior do que os costumes permitiam em situações daquelas.

Era sem dúvida um vil costume, mas não fora ele a inventá-lo e não seria muito razoável culpá-lo por seguir a sua tradição. Se ela tivesse sido oferecida em casamento àquele homem pelos seus pais, ele não teria, provavelmente, feito nem melhor nem pior uso dela.

Ele não era, supunha, mais repreensível do que qualquer outro aqueu. Segundo os padrões deles, calculava que ele fosse considerado um bom homem. Lembrou-se até que ele ficara realmente assustado com o seu enjôo constante; a princípio tentara tranqüilizá-la, assegurando-lhe que era sempre assim no início da viagem e que ela em breve se habituaria, encorajando-a a ir apanhar ar fresco. Ao ver que não melhorava, deixara-a sozinha muitas

vezes, pelo que ela lhe estava vagamente grata.

Pensava por vezes que talvez estivesse a tentar mostrar-se amável para com ela. Uma vez, quando ela vomitara para cima dele (sem se desculpar: ela nunca lhe pedira, nem lhe dera permissão para levá-la naquela viagem) ele não lhe batera, coisa que ela estava meio à espera (tinha-o visto bater a um dos seus escravos por ter entornado a água limpa de fazer a barba). Pedira água fresca para limpar-lhe a boca e segurara-a nos braços, cobrindo-a com um manto limpo e tentando aquietá-la para que voltasse a adormecer.

Isso fora no princípio da viagem, enquanto ela se encontrava ainda enlouquecida pela confusão e pela fúria do ódio: não olhava para ele nem falava e ele em pouco tempo deixara de tentar envolvê-la nas conversas

sobre as terras por onde passavam. Agora, desejava tê-lo encorajado a falar. Poderia ser útil se alguma vez conseguisse fugir. Não podia regressar a Tróia, já não existia nada para onde regressar, mas poderia ir para Cálcis, onde a rainha Imandra ou qualquer das sacerdotisas da casa da Mãe Serpente a acolheriam; ou para Creta. E nas ilhas existiam muitos templos onde uma sacerdotisa conhecedora das artes curativas e dos segredos das serpentes poderia encontrar abrigo.

Não estava sob vigilância muito apertada, talvez porque no início se tornara óbvio que, quer devido à ferida na cabeça quer devido ao enjôo, ela era incapaz de andar, de forma a tentar sozinha qualquer tipo de rebelião ou fuga.

Agora, deitada no convés inundado de sol, no exterior da tenda que partilhava com Agamenon, escutava o bater do tambor que marcava o ritmo dos remadores, pensando: *"É mais do que isso. Nunca lhe ocorreria que uma mulher pudesse pensar em fugir. "* Uma semana atrás, quando eles tinham ido a terra, numa pequena ilha, a fim de procurar água fresca para beber, haviam-na deixado sem vigilância. Ela não tentara fugir nessa altura. Era óbvio que a ilha era tão pequena que não lhe seria possível esconder-se ou encontrar abrigo em lugar algum. Se ali vivesse alguém, pedir guarida teria significado lançar a fúria de Agamenon sobre o desgraçado do camponês que pudesse compadecer-se dela. Somente se ali existisse um santuário da Virgem, ou do Senhor do Sol, ela se atreveria a reclamar o direito de asilo.

Poderia ainda vir a fazê-lo, se conseguisse encontrar um desses santuários, embora calculasse que Agamenon poderia reclamá-la legitimamente como um merecido troféu de guerra. Era escassa a compreensão manifestada para com os escravos fugitivos e ela já não podia afirmar-se como princesa, uma vez que Tróia tinha caído. Toda a gente que falava a seu respeito (ela ouvira, por acaso, os soldados e os servos de Agamenon) parecia achar que não existia qualquer razão para que ela não estivesse satisfeita por ficar com ele para o resto da

sua vida.

Percebeu que estava a deixar a sua mente divagar para não ter de pensar seriamente no fato de, provavelmente, carregar dentro de si o filho de Agamenon. Deveria dizer-lhe? Não por enquanto; isso lhe daria demasiado prazer e ele poderia pensar que ela estava a fazer qualquer espécie de apelo à sua simpatia ou gentileza.

Agamenon estava de pé à popa do navio, ao lado do homem que segurava a barra do leme. Estava vestido, como todos os seus homens, com uma simples tanga de linho grosso branqueado, mas a corrente de ouro em volta do pescoço e os ornamentos que exibia tornavam claro quem era o rei e quem eram os súbditos.

Viu-a sentada à sombra da vela e atravessou o convés em passos largos.

— Então, Cassandra, folgo em ver-te desperta — disse ele. — O mar está calmo e o sol vai fazer-te bem. Quando fomos a terra esta manhã para buscar água para beber — ela tinha estado a dormir e percebera apenas vagamente da cessação do movimento — os meus homens apanharam uvas frescas; será que te apetecem algumas? — Sem esperar a resposta dela, gritou para as quatro criadas que passavam a maior parte do tempo agrupadas à proa, em mexericos. — Vocês aí! — Cassandra não fazia idéia de quais os nomes das mulheres, pois Agamenon nunca as tratava por outro nome que não fosse *"mulher"* ou *"tu"* — tragam-nos umas dessas uvas! Vocês não as comeram todas, pois não, suas bestinhas sôfregas?

— Oh, não, meu senhor! — murmurou a mais alta das mulheres, levantando-se.

De um enorme cesto retirou quatro ou cinco cachos de pequenas uvas brancas, colocou-as numa bandeja de prata (Cassandra vira-a no palácio; Hécuba usava-a também para pôr uvas, por ter uma borda decorada com parreiras) e atravessou o convés para trazê-las.

A mulher ajoelhou-se diante de Agamenon; ele fez-lhe sinal para que as oferecesse a Cassandra em primeiro lugar. Ela era-lhe familiar; a teria visto em algum lugar nas ruas de Tróia, quando a sua vida era diferente?

— Princesa... — sussurrou, os olhos humildemente baixos.

Isso fez Cassandra perguntar-se o que teria acontecido a Criseide quando da queda da cidade. Estendeu a mão e arrancou algumas uvas de um dos cachos, mordendo uma delas. A acidez sumarenta era agradável, e ela engoliu, hesitante, como que à espera de ser novamente assaltada pela náusea. Agamenon retirara um cacho e estava a comê-lo, deleitado. Os seus dentes eram grandes, brancos e fortes *"tal e qual os de um cavalo ",* pensou Cassandra com fascinada repulsa. Teve de virar-se para evitar um espasmo convulsivo, mas conseguiu engolir algumas uvas e não se sentiu imediatamente obrigada a vomitar.

— Folgo em ver-te comer outra vez — comentou Agamenon. — O enjôo do mar raramente dura assim tanto tempo e quando estiveres bem de saúde, ficarás tão bela como quando te vi e desejei pela primeira vez.

Cassandra percebeu que ele pensava que aquilo lhe agradaria; estava a tentar mostrar-se amável. Bem, ela parecia estar condenada à sua companhia, pelo menos por uns tempos; se estivesse grávida, teria certamente que pôr de lado as idéias de fuga até que a criança nascesse. E seria insensato obrigá-lo a considerá-la uma inimiga e talvez mantê-la sob vigilância mais apertada, coisa que ele faria certamente se pensasse que ela estava a considerar a hipótese da fuga.

"Mas acreditará ele realmente que eu irei amá-lo e obedecer-lhe como marido, quando foi ele quem assassinou os meus irmãos e os meus pais e destruiu a minha cidade? " Parecia ser exatamente isso o que ele achava.

— Queres mais uvas? — perguntou ele e escolheu um cacho da bandeja.

Ela assentiu e comeu mais algumas. Passado momentos, começou a falar, mas não dissera uma única palavra desde que entrara a bordo e agora a voz faltava-lhe. Teve de aclarar a garganta por duas vezes antes de falar.

— Por quanto tempo mais ficaremos a bordo deste navio?

Ele fez um ar de espanto, como se já se tivesse habituado a que ela se recusasse a falar e estivesse meio convencido de que ela não podia falar. Mas disse, bastante afavelmente:

— Acredito que estejas saturada de viajar. Nunca é possível dizer quanto tempo levará a viagem. Se apanharmos ventos e tempo favoráveis, é possível que cheguemos antes que a lua encha mais duas vezes. Se tivermos mau tempo e os ventos estiveram contra nós, talvez não cheguemos antes do pino do inverno.

Ela desejou não ter perguntado; a idéia de mais dois meses embarcada horrorizou-a. E o que iria acontecer-lhe quando chegasse a Micenas? Esse pensamento deve ter transparecido no seu rosto porque ele disse, em tom animador:

— Não deves recear. A minha mulher, Clitemnestra, é uma mulher benevolente e nunca trataria mal aquela que foi princesa de Tróia. Ela não acha que tem de provar a sua própria realeza tratando os outros como seus inferiores. Todos os da casa, criados ou escravos, são tratados como manda a tradição, nem melhor nem pior.

Não passara pela cabeça de Cassandra sentir medo de Clitemnestra. Ela era gêmea de Helena e Cassandra gostara de Helena e encontrara nela uma amiga. Agora lhe ocorria que era o próprio Agamenon quem tinha medo da mulher e era isso que o fazia pensar que ela pudesse ter também.

Estaria ele receoso por ela ser a rainha dessa terra e ele se ter tornado rei apenas por ser seu consorte? Ela podia alimentar ainda a sua fúria em relação a ele, devido ao pérfido ardil que montara para sacrificar a sua filha Ifigênia ao Deus dos Ventos; afinal, Ifigênia era a sua filha mais velha e Clitemnestra pensava nela como sua herdeira.

Cassandra recordava-se das velhas piadas grosseiras sobre o mau gênio das camponesas de certas terras, que recebiam os maridos infiéis ou embriagados dando-lhes pancadas na cabeça com as pás de revolver os cereais ou com o rolo de amassar. Recearia Agamenon uma recepção desse tipo?

Olhou para ele e viu que o seu medo era mais profundo e negro do que isso. Por instantes pareceu-lhe que havia, no rosto dele, manchas de sangue que jamais poderiam ser removidas; disse para consigo que era apenas a luz do sol poente. E se vira realmente sangue, qual era o espanto? Ele era um

homem sanguinário, um guerreiro que matara centenas de pessoas na sua longa carreira.

Pôs as uvas de lado e mudou de posição. A náusea incômoda, que se acalmara por alguns momentos, voltava. Suspirou e arrastou-se de novo até a tenda do convés, contente por regressar ao repouso. Não, agora já não havia forma de se esquivar às evidências. Tinha dentro de si uma criança, fosse de Agamenon ou de outro, e mais cedo ou mais tarde ele teria de saber.

Nessa noite o tempo agravou-se: o vento norte levantou, batendo o navio com tal força que, mesmo depois de recolhida a vela, ondas altíssimas encharcavam a tenda do convés e Agamenon deu ordem para que todas as coisas fossem amarradas. Cassandra estava muito agoniada com os balanços e sacudidelas do navio para se sentir aterrorizada; estava deitada, agarrada à corda de segurança que Agamenon mandara passar em volta dela, vomitando e desejando, nos intervalos, que o navio fosse lançado contra as rochas ou a tenda varrida borda fora pelas ondas, para que ela pudesse afogar-se e encontrar a paz.

A tempestade continuou por muitos dias e mesmo quando amainou ela desejou apenas ficar estendida no convés e fingir que estava morta. A sua única esperança era que toda a violência daquele sofrimento a fizesse abortar. Isso não aconteceu: A raiva alternava com o desespero: o que iria fazer no cativeiro com uma criança, criá-la para ser mais um escravo de Agamenon?

Chegou finalmente o dia em que, como ela sabia que teria de acontecer, Agamenon olhou para ela e disse:

— Estás grávida!

Ela assentiu contrariada, sem olhar para ele, mas Agamenon sorriu e afagou-lhe o cabelo, dizendo:

— Minha linda, esqueceste de que te prometi que não serias minha escrava, mas sim minha legítima consorte? — De fato, ele dissera algo parecido, mas ela prestara-lhe tanta atenção como havia prestado a tudo o resto que

ele dissera enquanto ela vomitava de hora a hora ou quase. — Não deves temer pelo nosso filho. Dou-te a minha palavra em como ele não será um escravo, mas sim reconhecido e criado como meu filho. Não confio nos filhos de Clitemnestra. Mostrarei ao nosso filho o quanto prezo a sua mãe, que foi uma princesa de Tróia.

Cassandra tinha a vaga noção de que ele estava a tentar agradar-lhe; que se considerava muito generoso e indulgente. Pensaria ele, de fato, que ela poderia ser levada a agradecer-lhe por ele tratá-la como um ser humano?

Supunha que algumas mulheres ficariam gratas por não terem sido tratadas de pior forma, dado que os poderes dele eram ilimitados. Ergueu os olhos e disse, sem sorrir:

— É gentil da tua parte, meu senhor.

Pela primeira vez, temendo o que ele pudesse fazer, proferiu as palavras que prometera a si mesma nunca dizer. Tal como esperava, essas palavras agradaram-lhe. Os homens eram tão facilmente iludidos e lisonjeados! Ele sorriu e beijou-a. Dirigindo-se a uma das muitas e enormes arcas onde guardava os despojos de Tróia, retirou um colar de ouro com quatro cordões, cada um deles formado por pequenos elos e placas gravadas.

Curvou-se e colocou-o em volta do pescoço dela.

— Condiz com a tua beleza — disse ele. — E se a nossa criança for um rapaz, receberás outro semelhante.

A vontade dela foi atirar-lo na cara! Que arrogância, oferecer-lhe como presente uma pequena parte do que roubara à sua família! Depois pensou: *"Se eu conseguir escapar-lhe, este colar, com os elos separados e vendidos um a um, me levará até Cálcis, ou mesmo até Creta. Creúsa está lá e, quem sabe, Enéias também; ela tem apenas filhas e talvez fique satisfeita com um filho, mesmo que o pai seja Agamenon. "*

"Como se sentiria ele se, em vez do filho que ele quer, nascesse apenas uma menina?" Seria quase um prazer para ela, pensou, dar-lhe algo que ele não queria, mas depois perguntou a si mesma: *"Quem escolheria pôr neste*

mundo uma filha mulher, para vir a sofrer o que todas as mulheres sofrem às mãos dos homens?"

Depois, diante da idéia de uma criancinha como Honey, mesmo filha de Agamenon, o seu coração enterneceu-se. Se aquela criança fosse uma menina, a levaria para Cálcis, para que pudesse crescer num lugar onde nunca seria escrava.

Os dias foram passando e ela, tal como vira acontecer com outras mulheres que se encontravam nas mãos das Forças da Vida, foi ficando indolente e com um andar pesado, sem vontade de se levantar, embora Agamenon, agora que sabia da sua gravidez, fosse mais gentil para com ela. Todos os dias, quando o tempo o permitia, ele a acompanhava num passeio pelo convés, insistindo em que ela deveria apanhar ar e fazer exercício. Uma vez ele exprimiu a sua esperança em alcançar Micenas antes de ela ter a criança.

— Temos lá excelentes parteiras, e estarias segura em suas mãos — disselhe ele. — Não sei se alguma das mulheres que estão no navio sabe algo destes assuntos.

Uma delas fora camareira de sua mãe e chefe das parteiras do palácio, mas ela não falou nisso a Agamenon. Contudo, conseguiu arquitetar secretamente um modo de falar com a mulher e contar-lhe o que acontecera.

— Ah, bom, princesa — disse a mulher — se lhe deres um filho, ele te acarinhará ainda mais. Estarás a salvo em Micenas, como mãe do filho do rei.

Intimamente, Cassandra tivera esperanças de que a mulher partilhasse o seu sentimento de ultraje e tencionara perguntar à velha mulher se ela não poderia preparar-lhe uma poção de ervas que a levasse a abortar. Aquilo veio confirmar a sua convicção de que, por todo o lado, as mulheres conspiravam com os seus próprios opressores.

Uma vez, quando Agamenon se encontrava sentado junto dela falando do filho de ambos, Cassandra perguntou-lhe:

— Mas tu não tens já um filho de Clitemnestra? E, sendo o mais velho, não seria ele a ter prioridade?

— Oh, sim — disse Agamenon com um sorriso maldoso — mas a minha rainha apenas dá valor às suas filhas. Ela tinha a pretensão de acreditar que uma delas a sucederia como rainha. Chegou mesmo a mandar o nosso filho para longe do palácio, fazendo-o adotar, de modo a eu não poder instruí-lo na arte de reinar.

Aquela, pensou Cassandra, era a melhor coisa que ouvira acerca de Clitemnestra. Havia se interrogado sobre como seria possível a irmã de Helena ter alguma vez aceitado casar com um homem como Agamenon, ainda que por razões de conveniência política. Mas talvez a sua gente não lhe tivesse concedido outra alternativa, ou desejasse um rei que tivesse uma autoridade férrea para gerir os assuntos da guerra.

— O nosso filho, Cassandra, poderá reinar na cidade de Micenas, depois de mim — disselhe ele. — Isso não te agrada?

“Agradar-me?”

Mas não fez mais do que sorrir para ele. Aprendera que, se sorrisse, ele tomaria isso como assentimento e ficaria mais satisfeito do que se ela falasse. Naquela estação do ano não havia bom tempo no mar, mas sim vento e chuvas intermináveis, e cada vez que avançavam um pouco na direção para onde queriam ir, os ventos levantavam-se e atiravam-nos de volta, de tal modo que corriam sempre o perigo de serem empurrados para as rochas.

Agamenon era freqüentemente obrigado a rumar para o largo a fim de evitar ser lançado para a costa, o que destruiria o navio; parecia que, após dias e meses de navegação, não se encontravam mais próximos do seu destino. Um dia, após um tremendo vendaval os ter atirado de um lado para o outro durante vários dias sem avistarem terra, uma calmaria matinal deixou-os a flutuar à deriva. Um marinheiro foi ter com Agamenon dizendo que tinham avistado uma corrente de água verde, como se fosse um curso independente no meio do mar. Agamenon saiu para o convés praguejando e ela ouviu-o

gritar com os seus homens. Quando voltou vinha furioso, o rosto marcado e sombrio de raiva.

— Que se passa? — perguntou ela.

Estava deitada no convés, tentando desesperadamente reter a pequena quantidade de pão e fruta que comera de manhã.

Ele franziu o sobrolho e disse:

— Avistamos as efusões do Nilo, o grande rio do país dos faraós. Posídon, que domina os mares tal como os tremores de terra, conduziu-nos para longe de casa, para as costas do Egito.

— Isso não me parece nenhuma catástrofe — disse ela. — Tu estavas a dizer que estávamos seriamente necessitados de comida fresca e água para beber. Não será possível obtê-las aqui?

— Oh, sim, mas neste momento a notícia da queda de Tróia já se espalhou por todo o mundo e muito ouro será pedido em troca dos mantimentos — resmungou ele. — E todos contaram uma história diferente sobre o que aconteceu...

— As pessoas não sabem que Tróia sucumbiu, não ao poder das armas e dos exércitos, mas sim ao tremor de terra — disse Cassandra. — Podes contar-lhes a história que quiseres e eles não irão ser grosseiros a ponto de duvidar dela.

Ele olhou-a, carrancudo, mas nesse momento, um grito soou vindo do vigia da proa, anunciando terra à vista. Agamenon dirigiu-se para a frente e em breve regressava para dizer que tinham, de fato, alcançado o Egito.

Uns quantos homens foram enviados a terra, regressando depois com um convite do faraó para um jantar no palácio. Cassandra esperara poder ficar sozinha, deitada no convés, desfrutando simplesmente da pausa nos movimentos do mar, mas tal não iria acontecer. Agamenon retirou das suas arcas uma coleção de vestidos de seda.

— Veste qualquer um destes que te agrade, minha querida. Eu enviarei uma das mulheres para te vestir e trançar o teu cabelo com jóias; tens de estar bela (sim, tão bela como a própria Helena) para que me faças honras na corte do faraó.

Pela primeira vez Cassandra apelou para ele.

— Oh, não, imploro-te! Estou doente... não me peças isso! Nunca te pedi nada, mas, para bem da criança que te hei de dar, poupa-me a isto. Será fácil dizer-lhes que estou doente; não me exibas como escrava diante deste monarca estrangeiro.

— Já te disse vezes sem conta — disse ele, mais pesaroso do que zangado que tu não és minha escrava, mas sim minha consorte. Clitemnestra nunca me satisfez e tu, quando deres à luz o meu filho, serás minha rainha.

Ela chorou de desespero. Ele discutiu, tentou persuadi-la com lisonjas e por fim saiu desenfreado do recinto, dizendo em tom autoritário:

— Não discutirei mais contigo. Veste-te imediatamente! Eu vou mandar-te uma

mulher.

Ela ficou deitada, chorando inconsolavelmente, e só se levantou quando a mulher que fora parteira de Hécuba entrou na tenda.

— Ora, vamos, princesa; não deves continuar a chorar assim. Vais fazer mal ao bebê. Trouxe isto para ti. — Estendeu-lhe uma taça de barro com uma poção fumegante e aromática. — Bebe. Te acalmará o estômago e ficarás bonita para o jantar no palácio.

— És uma mulher malvada — admoestou Cassandra. — Por que há de Agamenon conseguir sempre o que quer? Como foi que acabaste por tornar-te a sua mais leal servidora? Não podes arranjar qualquer coisa que me ponha tão doente que até ele perceba que eu não posso ir?

A mulher pareceu chocada.

— Oh, não! Não podia fazer isso; o rei ficaria muito zangado — disse ela.
— Não devemos fazer o rei se zangar, senhora.

Furiosa, mas sabendo que não havia solução, Cassandra permitiu que a mulher a vestisse; recusou-se a escolher uma túnica e deixou a criada enfiar-lhe um vestido de riscas carmim e douradas que ela vira a sua mãe usar nos banquetes do palácio. Bebeu a poção e esta a fez sentir-se melhor, ou talvez fosse simplesmente a sua própria raiva. Agamenon poderia exibir a sua princesa cativa; que importava isso? Se o faraó, o qual, segundo ouvira, tinha bem mais de cem esposas, tivesse ouvido alguma coisa sobre a queda de Tróia, saberia que ela não estava ali de sua livre vontade; se não tivesse, não teria importância.

DEZOITO

— Não se pode confiar nos ventos nesta estação do ano — disse o homem careca que se autodenominava faraó e que era tido como a encarnação de um Deus pela sua corte. — Nos dariam muito prazer se ficassem como nossos hóspedes até que a estação mude e possam contar com os ventos para vos levar até Micenas, ou onde quer que pretendam ir.

— O Senhor das Duas Terras é generoso — disse Agamenon, objetando em seguida: — Mas eu esperava seguir para a minha terra antes disso.

— O faraó deu este conselho ao nobre Odisseu, quando ele nos visitou e Odisseu ignorou-o — disse um dos cortesãos. — Agora chegou-nos a notícia de que pedaços do barco de Odisseu foram atirados para as rochas de Aeaea; não voltaremos a ouvir falar dele.

— Bem, bem, suponho que é melhor chegar tarde a casa, do que chegar cedo às praias de lugar nenhum — disse Agamenon — e eu aceito o generoso convite que fazes a mim e aos meus homens.

Cassandra percebeu que ele estava contrariado. Aquilo significava que ele teria de roubar às suas arcas ofertas de convidado dignas do faraó e, se ficasse muito tempo, não levaria para casa nada do seu saque. Eles não eram os primeiros vindos de Tróia, a ser lançados para aquelas praias; o salão do faraó exibia já despojos identificáveis como provenientes da cidade, incluindo a estátua do santuário do Senhor do Sol.

Logo no dia seguinte, Cassandra descobriu que alguns sacerdotes e sacerdotisas do Templo de Apolo se tinham refugiado ali, embora nenhum deles se contasse entre os seus amigos mais próximos, para quem pudesse apelar. Teria ficado felicíssima por saber que Fílidas, ou mesmo Criseide, estava viva.

O Egito era quente e seco, cheio dos ventos implacáveis do deserto que podiam apagar todos os sinais de vida se as pessoas não se abrigassem

imediatamente; mesmo no grande palácio de pedra do faraó, os estragos eram visíveis.

Apesar disso, pelo menos era terra firme e era preferível a estar diariamente exposta ao vento e ao mar.

Cassandra estava satisfeita com aquela pausa. Entre os egípcios, Agamenon era comentado, e uma das camareiras disse em segredo a Cassandra que toda a gente no Egito sabia que, depois da morte de Ifigênia, Clitemnestra jurara vingança e tomara publicamente um amante, um primo dela chamado Egisto, e estava a viver com ele no palácio, em Micenas.

A reação de Cassandra foi simplesmente:

— Então e por que não? Agamenon longe, em Tróia, não lhe servia para nada como

marido.

Mas aqueles egípcios eram também adoradores de Deuses masculinos e achavam que a esposa de um homem tinha de fazer o que ele lhe ordenava e que a pior coisa que podia acontecer era uma mulher deitar-se com alguém que não o seu marido. Se fosse a mulher de um rei, o comportamento da rainha traria a desgraça a todo o país. Cassandra podia apenas ter esperança de que Agamenon não ouvisse aquela história e ganhasse outro motivo de ressentimento. Ele falava freqüentemente em afastar Clitemnestra e fazer de Cassandra sua rainha legítima e isso era a última coisa que Cassandra desejava.

Ouviu dizer até que Clitemnestra, sentindo-se rejuvenescida ao levar Egisto para o seu leito, tinha, para todos os efeitos, deserdado a filha que lhe restava, Electra, casando-a com um homem humilde que fora guardador de porcos do palácio, ou algo do gênero. Os povos que veneram rainhas acham geralmente que uma rainha que ultrapasse a idade de gerar filhos deve abdicar em favor da sua filha; deste modo, o povo de Micenas achava que Clitemnestra deveria ter casado Electra com Egisto e permitir que Electra tomasse o seu lugar como rainha. Era da opinião geral que Electra desposara um homem que ninguém poderia aceitar como rei.

Agamenon acabou por ouvir a história (não a do amante de Clitemnestra; todos tiveram o cuidado de não deixar chegar aos seus ouvidos qualquer rumor sobre isso) do casamento de Electra. E ficou zangado por causa disso.

— Clitemnestra não tinha o direito de fazer isso. Foi como se tomasse como certa a minha morte. O casamento de Electra era para ser feito por mim: um casamento dinástico que iria trazer—me aliados. Odisseu falara em casá-la com o filho dele, Telêmaco, e agora que o navio de Odisseu se perdeu, Telêmaco vai necessitar de aliados poderosos se quiser preservar Ítaca contra aqueles que gostariam de conquistá-la — disse ele. — Ou poderia tê-la casado com o filho de Aquiles; ele nunca chegou a casar formalmente com a sua prima Deidamia, mas ouvi dizer que ele seduziu a jovem e ela lhe deu um filho depois dele ter partido para combater em Tróia. Bom, quando eu voltar a casa, Clitemnestra vai saber que eu tenciono pôr a minha casa em ordem e que o reinado dela está no fim — disse ele. — Electra como viúva será igualmente valiosa como oferta de casamento; a menina não deve ter mais de quinze anos ou coisa parecida. E é o teu filho e não o filho de Clitemnestra, Orestes, que irá sentar-se no Trono do Leão quando eu desaparecer!

Cassandra reparara que os Aqueus pensavam muito em pôr os seus filhos a suceder-lhes; parecia ser a forma como eles enfrentavam a idéia da morte, pois pareciam não ter qualquer noção de vida além-morte. Não admirava que não possuíssem quaisquer normas de decência: pareciam não acreditar que os seus Deuses lhes atribuiriam responsabilidades na outra vida por tudo o que haviam sido nesta.

Nas tranqüilas terras egípcias, os dias eram tão semelhantes que Cassandra mal percebia o passar do tempo; apenas o crescimento da criança dentro de si lhe dava alguma noção dos dias que iam correndo velozmente. Por fim, a estação já ia suficientemente avançada e o faraó disse que eles podiam fazer-se ao mar; mas nessa mesma noite Cassandra entrou em trabalho de parto e, na manhã seguinte, ao nascer do sol, deu à luz um pequeno menino.

— Meu filho! — disse Agamenon, pegando no bebê e observando-o cuidadosamente. — É muito pequeno.

— Mas é saudável e forte — disse a parteira, animadamente. — É verdade, rei Agamenon, que as crianças assim pequenas muitas vezes se tornam tão grandes como aquelas que são maiores ao nascer. E a princesa é uma mulher estreita; teria sido difícil para ela dar à luz um filho com o tamanho digno de um filho teu.

Agamenon sorriu e beijou o bebê.

— Meu filho! — disse ele, olhando Cassandra, mas ela desviou o olhar e disse:

— Ou de Ájax.

Ele franziu o sobrolho, não gostando que lhe fosse lembrada essa possibilidade, e

disse:

— Não. Acho que ele parece comigo.

"Bem, espero que gostes dessa idéia ", pensou ela, *"não é isso que fará a pobre criança mais bonita. "*

— Damos-lhe o nome de Príamo, em honra do teu pai, hem? Um Príamo no Trono do

Leão?

— A decisão é tua — disse ela.

— Bem, pensarei nisso — disse Agamenon. — Tu és profetisa; talvez possamos pensar num nome carregado de bons presságios. — Curvou-se e pousou o bebê de novo no peito dela.

"Mas não existe qualquer bom presságio para um filho de Agamenon", pensou ela, recordando-se de que Clitemnestra e o seu rei esperavam Agamenon em casa. Este filho, tal como o filho de Clitemnestra, Orestes, nunca se sentaria no Trono do Leão de Micenas.

Sentiu dentro da cabeça um zumbido distante e familiar e o sol ofuscou-lhe os olhos. A criança parecia menos pesada nos seus braços, ou seria que os seus braços o haviam largado? Tinha pensado que a Visão a abandonara para sempre; não conseguira salvar o seu

povo nem aqueles que amava com as suas profecias e julgara estar, por fim, livre disso.

Agora via o grande machado de dois gumes que decepava as cabeças dos grandes touros de Creta e Agamenon cambaleando, com os olhos cheios de sangue. Comprimiu as mãos sobre os olhos para apagar a Visão.

— Sangue — sussurrou — como um dos touros de Creta. Não vás ao sacrifício...

Ele inclinou-se para lhe acariciar o cabelo.

— Que disseste? Um touro? Bom, em troca de tão soberba dádiva, sem dúvida deveria oferecer um touro ao Deus dos Trovões. Mas não aqui no Egito. Esperaremos até a chegada ao meu país, onde eu tenho touros em quantidade e não preciso pagar as escandalosas quantidades de ouro que os sacerdotes de cá pedem pelos animais para sacrifícios, mas quando conseguires levantar-te poderás levar um par de pombas à Mãe Terra como agradecimento por este belo filho.

"Talvez o que eu vi fosse apenas isso ", pensou ela, *"um sacrifício em que algo saiu errado",* mas imediatamente a sua malícia desapareceu. Ela o tinha odiado e desprezado, mas agora que o via entre os mortos, perguntava-se se ele iria ter de enfrentar todos os homens que exterminara em combate. Heitor dissera-lhe que, quando atravessara as portas da morte, o primeiro a acolhê-lo fora Pátroclo. Mas iria ser diferente para Agamenon, tal como fora algo diferente, ela sabia, para Aquiles.

Prolongou a sua estada na cama, sabendo que, logo que conseguisse andar, Agamenon rumaria ao porto de Micenas. E ela enjoara tanto todos os dias da viagem que os trouxera até ali, que agora tinha pavor do mar.

Decidiu finalmente chamar ao seu filho Agatão. Antes do seu nascimento não conseguia imaginar-se a amar uma criança concebida como aquela o fora e chegara a suspeitar que uma boa parte do seu mal-estar durante a gravidez era apenas repulsa pela simples idéia de que aquele parasita, fruto de uma violação, se agarrava a ela por dentro e não era possível expulsá-lo. Se ele tivesse nascido envenenado pelo seu asco, com duas cabeças ou o rosto desfigurado, ela teria achado isso natural.

E, no entanto, ele repousava no seu peito, pequeno e inocente, e ela não conseguia ver nada nele que se assemelhasse a Agamenon. Era igualzinho a qualquer outro recém-nascido, muitíssimo pequeno, mas tudo nele estava perfeitamente formado, mesmo as mãos com as suas unhas pequenas e delicadas, e as minúsculas unhas de cada dedo do pé.

Que estranho era pensar que aquele ser pequeno e doce, que poderia deitar-se no meio do enorme escudo do seu pai e deixar ainda espaço para um cão de consideráveis dimensões, poderia crescer para destruir uma poderosa cidade. Mas no momento todo ele era suavidade e aroma de leite, e quando ele se aninhou no seu peito, ela não conseguiu deixar de pensar em Honey, indefesa nos seus braços. Por que haveria aquela criaturinha perfeita de pagar pelo que o seu pai tinha feito?

Mas ela sabia que, tal como Clitemnestra fizera, teria de assegurar o envio do seu filho para longe, de modo que Agamenon não o pudesse instruir na arte de reinar. Não sentia qualquer prazer em pensar que o seu filho poderia vir a sentar-se um dia no Trono do Leão. Não queria o seu filho educado da forma como os Aqueus educavam os filhos deles.

Calculava que Helena tivesse já dado à luz o último filho de Páris e perguntava-se se Menelau teria cumprido a sua ameaça de expor a criança. Era o tipo de coisa de que ele era capaz. Aqueles Aqueus pareciam dar valor somente aos seus filhos, como se uma criança pudesse ser de alguém a não ser da mãe que o gerara.

Nem Agamenon tinha certeza se aquele filho era dele ou de Ájax ou, naquela situação, de Enéias. Ela teria o cuidado de não voltar a lembrar-lhe isso. Aquele era o seu filho e não o filho de homem algum. Mas iria manter-

se calada e deixar que Agamenon pensasse que era dele, para sua segurança.

Pegou o bebê vestido com os cueiros que tinham sido providenciados no palácio do faraó e percorreu as ruas da cidade com uma das mulheres da casa real que dera à luz uma criança no dia anterior. No Templo da Deusa, uma repugnante estátua de mulher com seios enormes e cabeça de crocodilo, sacrificou um par de pombas jovens e, ajoelhando-se diante da estátua, tentou orar.

Era uma estranha naquela terra e uma estranha para aquela Deusa. Calculava que não haveria uma grande diferença entre a Deusa dos crocodilos e a Deusa das serpentes, mas não lhe ocorria qualquer oração, nem conseguia olhar sequer um pouco para o futuro e ver se tudo iria correr bem para o seu filho.

Devia procurar a casa do Senhor do Sol. Ali no Egito o Senhor do Sol era o Deus mais poderoso, chamado pelo nome de Rá. Mas ela desconfiava do Deus que não fora capaz (ou não quisera) de salvar a sua cidade, e não iria ter com ele.

"Se ele não conseguiu salvar-nos, não é um Deus; se podia fazê-lo e não o fez, que espécie de Deus é ele? "

No dia seguinte as mercadorias de Agamenon estavam preparadas e carregadas; ele ofereceu os últimos presentes de hóspede ao faraó e partiram. Cassandra andara apavorada pelo regresso aos enjôos; mas desta vez sentiu apenas uma ligeira indisposição na primeira noite em que a tripulação levantou âncora. Na manhã seguinte sentia-se perfeitamente bem. Comeu fruta e o pão duro de bordo com apetite e sentou-se no convés com o bebê ao peito. A sua doença tinha, portanto, sido devida aos efeitos secundários do ferimento na cabeça e depois à sua gravidez.

Não entendia nada de navios nem de navegação, mas Agamenon parecia satisfeito com os fortes ventos que, dia após dia, os conduziam através das águas límpidas e azuis. O bebê provava ser tão bom marinheiro como o pai. Mamava energicamente e ela tinha a sensação de vê-lo crescer todos os dias: as suas pequenas mãos tornando-se mais definidas, o nariz e o queixo

deixando de ser meras saliências para ganharem formas mais precisas. Ela pensou que, afinal, considerando o formato do queixo, talvez ele fosse filho de Agamenon. O pai gostava de pegá-lo e sacudi-lo nos braços, tentando fazê-lo rir. Essa era a última coisa que ela esperava ver. Bem, Heitor e mesmo Páris gostavam de brincar com os filhos deles. Por muito doloroso que fosse admiti-lo, os Aqueus não eram muito diferentes dos outros homens.

Uma manhã, quando começava a clarear, ela saiu para o convés para enxaguar os cueiros da criança num balde de água do mar e estendê-los a enxugar. O navio estava silencioso, com exceção para um único timoneiro à popa, já que os ventos eram suficientemente fortes para que os remadores não fossem necessários, exceto para manobrar nos pontos mais próximos de terra.

Olhou, de horizonte a horizonte; o mar estava tranqüilo e passavam entre duas costas. Uma delas era uma montanha alta que se erguia abruptamente acima deles, a sua sombra quase atingindo o próprio navio. Do outro lado via-se um longo promontório, baixo e despido de árvores. Subitamente, do lado da montanha, um traço de fogo brilhou subindo em direção ao céu, como uma rosa de chamas que aí se abrisse. O timoneiro deixou escapar um grito exultante e berrou para um dos companheiros para que fosse olhar pelo leme.

Agamenon apareceu no convés e gritou para a tripulação:

— Ei-lo, meus valentes! O fogo de sinalização do nosso próprio cabo! Depois de todos estes anos, chegamos finalmente a casa! Um touro para Zeus dos Trovões!

O sol fulgurava nos olhos dele, *"vermelho como sangue ",* pensou Cassandra. Sentia os seus próprios olhos fatigados e secos e ocorreu-lhe subitamente que dificilmente seria caso para ele estar tão eufórico por chegar a casa: quem poderia saber o que iria encontrar?

Aproximou-se da amurada, com a criança nos braços, e ficou de pé ao lado dele.

— O que é isso?

— Quando deixei a minha terra — disse ele — dei ordens para que uma grande pilha de madeira fosse colocada no cabo e um vigia se mantivesse ali a tempo inteiro. Quando me fiz ao mar, mandei uma mensagem por um estafeta veloz para que fosse mantida vigilância em relação ao meu navio. Agora fomos avistados e a notícia será enviada ao palácio; uma festa e uma boa recepção serão preparadas para nós. Vai ser bom estar de novo em casa. Estou ansioso por mostrar-te o meu país e o palácio onde irás ser rainha, Cassandra. — Tirou-lhe a criança, curvando-se sobre o pequeno rosto e dizendo: — O teu país, meu filho; o trono do teu pai. Estás muito calada, Cassandra.

— Não é o meu país — disse ela — e com certeza Clitemnestra não irá receber-me com toda a alegria, ansiosa por reverte como deve estar. E eu temo pelo meu filho; Clitemnestra...

— Não precisas temer nada disso — disse ele arrogantemente. — Entre os Aqueus, as mulheres são esposas obedientes. Ela não se atreverá a dizer uma única palavra de protesto. Tem reinado livremente enquanto eu estive longe; em breve saberá o que espero dela e fará o que lhe mandarem ou sofrerá as conseqüências, acredita-me.

— Está frio — disse ela. — Tenho de ir buscar a minha capa.

— Para mim está quente e agradável — disse ele — mas talvez seja por se tratar do porto da minha cidade natal. Olha, podes agora ver o palácio sobre a colina e as muralhas construídas por titãs séculos atrás. O porto daqui chama-se Náuplia.

Cassandra foi buscar a capa e voltou para o lado de Agamenon, à proa, deixando que a mulher que havia sido parteira da sua mãe segurasse a criança. A enorme vela foi recolhida e os remadores tinham tomado os seus lugares para manobrarem o navio dentro do porto; este deslizava suavemente pelo meio das águas abrigadas protegidas pelo cabo.

Podia ver agora uma quantidade de pessoas que se juntavam ao longo do cais. Quando o navio se aproximou, um homem lançou uma viva e os

soldados de Agamenon, apinhados ao longo da borda do navio, começaram a acenar e a gritar às pessoas que iam reconhecendo na margem. Mas a maior parte dos espectadores ficou em silêncio enquanto o navio encostava ao cais. Aquele silêncio pareceu sinistro a Cassandra. Sentiu um arrepio, embora a requintada capa que vestia fosse quente, e tirou novamente o bebê dos braços da criada, para poder apertá-lo de encontro ao seu corpo.

A proa do navio bateu suavemente contra a terra. Agamenon foi o primeiro a desembarcar. Imediatamente se ajoelhou no solo e beijou solenemente as pedras do cais, gritando em voz alta:

— Dou graças ao Senhor dos Trovões, que me devolveu ileso ao meu país!

Um homem alto e ruivo com uma corrente de ouro em volta da garganta avançou para ele e disse, com uma vênia:

— Meu senhor Agamenon, sou Egisto, parente da tua rainha; ela enviou-me com estes homens para te escoltar com todas as honras até ao palácio.

Os homens rodearam Agamenon e partiram marchando. Cassandra achou que ele parecia mais um prisioneiro vigiado do que um rei recebendo uma escolta de honra. Agamenon estava carrancudo. Ela bem via que ele gostava pouco daquelas coisas. Apesar disso, acompanhou-os sem protestar.

Um dos homens que estavam no porto subiu a bordo e dirigiu-se a Cassandra:

— És tu a filha de Príamo de Tróia? A rainha mandou dizer que tu virias e que deverias merecer todos os respeitos — disse ele. — Temos um carro para ti, para a criança e para a tua criada.

Deu-lhe a mão e ajudou-a a descer para a terra, instalando-a no carro com a criança nos joelhos e a criada acocorada aos seus pés.

Apesar daquele luxo, e a estrada que conduzia ao palácio era tão íngreme que ela odiaria subi-la a pé, Cassandra sentia-se inquieta. As muralhas de pedra do majestoso palácio, quase tão sólidas como as malogradas muralhas de Tróia, pareciam erguer-se, ameaçadoras, por cima de si, mergulhadas na

sombra. Passaram sob um enorme portal ao qual duas leoas, pintadas de cores brilhantes, montavam guarda face a face. Enquanto o carro rodava através da Porta do Leão, Cassandra interrogou-se sobre se elas representariam os antigos Deuses do palácio ou se seriam a insígnia pessoal de Agamenon. Mas eram leoas e não leões e, por outro lado, Agamenon fora para ali como consorte da rainha, de acordo com a velha tradição. Seriam, então, insígnias de Clitemnestra?

Adiante do carro seguiam Agamenon e a sua guarda de honra, com Egisto. No interior da Porta do Leão encontrava-se a cidade, construída na encosta da colina segundo o mesmo modelo de Tróia: palácio, templos, jardins, uns acima dos outros, as muralhas erguendo-se em vários patamares e terraços. Era bonita, porém parecia escura e sombria e as sombras mais profundas desciam sobre Agamenon enquanto ele caminhava no meio dos soldados.

Nos degraus do palácio surgiu uma mulher, alta e autoritária, com os cabelos elaboradamente penteados em pequenos anéis acabados de fazer com um ferro de frisar e resplandecendo, dourados, ao sol da manhã. Estava ricamente vestida ao estilo cretense, com um corpete cingido por baixo dos seios e uma saia de gomos, tingida de variadas cores, uma para cada gomo.

Cassandra viu imediatamente a nítida semelhança com Helena. Aquela tinha de ser a sua irmã Clitemnestra. A rainha passou por entre a escolta e fez uma profunda vênia a Agamenon. A voz dela era doce e clara.

— Meu senhor, é uma grande alegria dar-te as boas-vindas a estas terras e ao palácio onde uma vez reinaste a meu lado — disse ela. — Há muito que esperamos este dia.

Estendeu as duas mãos para ele; Agamenon segurou-as cerimoniosamente e beijou-as.

— É um prazer voltar a casa, senhora.

— Preparamos uma comemoração e um importante sacrifício, adequado à ocasião — disse ela. *"Mal posso esperar pelo momento de te matar!"*

“Não!”, pensou Cassandra, chocada, *“não pode ter sido isso o que ela disse, mas foi o que eu ouvi. ”*

O que Clitemnestra dissera realmente fora: *“Mal posso esperar para ver-te ocupar o lugar que preparamos para ti. ”*

— Tudo está preparado para o teu banho e para a festa — disse Clitemnestra. — Estamos inteiramente prontos para *“te ver estendido, morto, entre os sacrificados. ”*

Mais uma vez Cassandra escutara os pensamentos de Clitemnestra e não o que os seus lábios realmente proferiam. A indesejada vidência uma vez mais se apossava dela.

Clitemnestra indicou convidativamente a Agamenon os degraus do palácio.

— Tudo está preparado, meu senhor; entra e preside ao sacrifício.

Ele curvou-se e começou a subir os degraus. Clitemnestra viu-o afastar-se com um sorriso que fez Cassandra estremecer. No momento em que ele alcançou as grandes portas de bronze ao alto das escadas, Egisto, empunhando o grande machado dos sacrifícios, abriu-as de par em par e impeliu-o para o interior. As portas fecharam-se atrás dele.

Clitemnestra desceu as escadas em direção ao carro e disse:

— Tu és a princesa troiana, filha de Príamo? A minha irmã mandou dizer-me que tu eras a única amiga que ela encontrara em Tróia.

Cassandra curvou-se; não estava muito certa de que o movimento seguinte de Clitemnestra não fosse cravar-lhe uma faca no coração.

— Sou Cassandra de Tróia, e em Cálcis fui feita sacerdotisa da Mãe Serpente — disse ela.

Clitemnestra olhou para o bebê ao seu colo. Perguntou:

— Esse é o filho de Agamenon?

— Não — disse Cassandra, sem saber de onde lhe viera a coragem que a fazia falar com tal ousadia — é o meu filho!

— Ainda bem — disse Clitemnestra — não queremos filhos de reis nesta terra. Poderá viver, então.

Nesse momento um enorme grito ecoou vindo de dentro das portas de bronze; alguém as abriu violentamente do interior e Agamenon surgiu, projetado ao alto das escadas, com Egisto atrás dele empunhando o grande machado sacrifical de dois gumes. Volteou-o bem alto e abateu-o sobre o crânio do rei em fuga. Agamenon cambaleou e tropeçou na borda das escadas, caindo a rebolar pelos degraus abaixo até quase aos pés de Clitemnestra. Ela gritou:

— Testemunhai, gente da cidade: assim a vossa Senhora vinga Ifigênia!

Ergueu-se uma tremenda ovação e um grito de triunfo; Egisto desceu com o machado ensangüentado e entregou-o. Alguns soldados de Agamenon esboçaram um grito de repúdio, mas a guarda de Egisto aniquilou-os rapidamente.

Clitemnestra, ameaçadora, disse para Cassandra:

— Tens alguma coisa a dizer, princesa de Tróia, que talvez pensasse em ser rainha

aqui?

— Só que desejava ter sido eu a empunhar o machado — retorquiu Cassandra, com uma expressão de louca felicidade. Curvou-se diante de Clitemnestra e disse: — Em nome da Deusa, tu vingaste as ofensas que Lhe foram feitas. Quando uma mulher é ultrajada, Ela é ultrajada também.

Clitemnestra fez-lhe uma vênia e pegou-lhe as mãos, dizendo:

— Tu és sacerdotisa e eu sabia que tu entenderias estas coisas. — Olhou o rosto da criança adormecida. — Não te guardo qualquer rancor — disse ela. — Faremos com que a velha tradição reviva aqui. Helena não tem coragem

para fazer o mesmo em Esparta, mas eu tenho. Quererás então ficar aqui e ser sacerdotisa da Senhora? Poderás entrar no templo Dela se quiseres.

Cassandra respirava ainda com dificuldade, com o coração acelerado pela súbita libertação. Nas feições de Clitemnestra continuava a identificar uma fome de destruição; aquela mulher vingara as desonras feitas à Deusa, mas Cassandra continuava a receá-la. A Deusa assumia muitas formas, mas sob aquela forma, Cassandra não gostava Dela. Nunca encontrara antes uma mulher tão forte como aquela, quer como princesa quer como sacerdotisa. Desta vez encontrara uma mente muito mais poderosa do que a sua.

Ou teria ela simplesmente visto em Clitemnestra o poder ancestral da Deusa, tal como Ela existira antes dos Deuses e reis masculinos invadirem aquelas terras? Ela não podia servir aquela Deusa.

— Não posso — disse ela, tão calmamente quanto lhe foi possível. — Eu... este não é o meu país, ó rainha.

— Vais regressar, então, ao teu país?

— Não posso regressar a Tróia — disse Cassandra. — Se me deres permissão para partir, senhora, irei procurar a minha parente em Cálcis.

— Uma viagem dessas, com um bebê ainda de peito? — perguntou Clitemnestra,

atônita.

Então, uma curiosa alteração cruzou o rosto de Clitemnestra. Uma paz sobrenatural suavizou as duras feições e ela pareceu emanar luz. Uma voz que Cassandra conhecia bem, disse: *"Sim, chamo-te para casa. Parte imediatamente deste lugar, minha filha. "* Cassandra curvou-se até o solo; o sinal chegara. Mesmo assim continuava sem fazer idéia de como iria viajar ou do que iria ser dela, mas estava de novo sob a proteção da voz que a havia chamado pela primeira vez, quando ela não passava de uma criança.

Com razão a sacerdotisa de Cálcis dissera: *"Os Imortais compreendem-se uns aos outros. "*

— Peço permissão para partir imediatamente — disse.

E Clitemnestra retorquiu:

— Não devemos reter aqueles a quem um Deus chamou. Mas não queres repousar, mudar de roupa, alimentar a ti e ao bebê?

Cassandra abanou a cabeça.

— Não necessito de nada — respondeu, sabendo que com o ouro que Agamenon lhe dera estava bem prevenida.

Não queria aceitar nada de Clitemnestra ou da Deusa daquele lugar.

Partiu naquela mesma hora. Com a criança dentro do xale amarrado, foi para o porto onde iria procurar um navio para levá-la com a criança naquela primeira etapa da árdua viagem até meio caminho do fim do mundo, que a conduziria finalmente à sua parente Imandra e às portas de ferro de Cálcis. E, acima de tudo, já não estava cega, privada da Visão; voltara a ser ela própria e depois de todas as provações que tinha conhecido, a Deusa não a abandonara.

No cais foi abordada por uma mulher vestida com uma andrajosa túnica cor de terra, o rosto coberto por um xale esfarrapado.

— És tu a princesa troiana? — perguntou. — Eu estou prestes a partir para Cálcis e ouvi dizer que vais para lá.

— Sim, vou, mas porque...

— Também eu quero alcançar Cálcis — disse a mulher. — Um Deus chamou-me para lá; posso fazer-te companhia?

— Quem és tu?

— Chamo-me Zacintia — disse a mulher.

Cassandra fixou-a, mas não conseguiu ver nada. Talvez a mulher estivesse ligada a ela pelo Destino; fosse como fosse, nenhum Deus o proibia. E até

Clitemnestra duvidara da sua capacidade para fazer aquela longa viagem sozinha com uma criança por desmamar. Com um suspiro de alívio, retirou do ombro o xale com que prendera o filho e entregou-o.

— Toma — disse ela. — Podes transportar o bebê até que eu tenha de voltar a dar-lhe de comer.

EPÍLOGO

A mulher era afável e obediente, submissa até; cuidava do bebê, embalando-o e mantendo-o calmo. Cassandra, novamente assaltada pelo enjôo, não tinha muitas oportunidades de prestar grande atenção quer ao seu filho quer à mulher, apesar de tê-la vigiado sem que ela desse por isso durante vários dias, assegurando-se de que a criada (de quem, afinal de contas, nada sabia) merecia a sua confiança não tratando mal nem negligenciando a criança quando ninguém estava a ver. Mas ela parecia ser conscienciosa e atenciosa para com o bebê, cantando e brincando com ele como se gostasse realmente de crianças. Passados alguns dias Cassandra concluiu que tivera sorte ao encontrar uma boa criada para cuidar do seu filho, e abrandou um pouco a vigilância.

E, no entanto, Cassandra começava a suspeitar que a sua companheira não era quem afirmava ser. Por baixo das roupas esfarrapadas, a mulher parecia forte e saudável. Cassandra podia apenas calcular a sua idade: trinta anos, talvez mesmo mais. Quando Cassandra estava por perto, era modesta nas suas atitudes, mas a sua voz era áspera e grave e o seu comportamento em relação aos marinheiros e à tripulação era tão descontraído como o de uma amazona. Foi então que um dia, no convés, Cassandra viu uma rajada de vento fustigar as roupas de Zacintia colando-as ao peito e pareceu-lhe que este era muito plano para ser feminino. As suas pernas, observou Cassandra, eram peludas e musculosas e o seu rosto parecia nunca ter conhecido cosméticos ou óleos amaciadores. Ocorreu a Cassandra que talvez fosse possível que Zacintia não fosse uma mulher. mas sim um homem.

Por que razão haveria um homem, perguntou-se, de procurá-la disfarçado de mulher? Porém se fosse realmente um homem, pensou, era capaz de tentar aproveitar-se dela, apesar de, ao vislumbrar o seu reflexo numa bacia cheia de água, ela não conseguir sequer imaginar que algum homem a desejasse no estado em que se encontrava: pálida devido ao enjôo, vestida com farrapos, o corpo ainda disforme depois do parto. Ainda assim, habituou-se a dormir com Agatão nos braços. Se um bebê mamando no seu

seio não detivesse um violador, provavelmente nada o deteria, a não ser a sua faca.

Numa noite de tempestade, enquanto o navio era lançado de um lado para o outro pelas enormes vagas como se fosse um pedaço de cortiça, Zacintia estendeu o seu cobertor junto do de Cassandra e ofereceu-se para ficar com o bebê na sua cama. As ondas atiravam os seus cobertores um contra o outro, empurrando-os para cima e para baixo na pequena e atravancada cabina; até que por fim Zacintia, que era maior e mais pesada, tomou Cassandra nos braços.

Cassandra, enjoada e exausta, não sentiu mais nada que não fosse alívio pela proteção que o corpo da sua companheira lhe oferecia contra os solavancos constantes.

Depois daquele incidente, parte do seu medo desapareceu; certamente que nenhum homem vulgar teria ignorado uma tal oportunidade. Começou a considerar outras possibilidades. Talvez ele fosse um eunuco, ou um sacerdote-curandeiro com voto de castidade. Mas por que razão, nesse caso, vestiria roupas femininas e diria ser uma mulher? Por fim, decidiu que isso não tinha importância e depois de algum tempo ocorreu-lhe que já não lhe interessava se a sua companhia era um homem ou uma mulher; ele ou ela era apenas uma pessoa amiga na qual confiava e a quem começava a amar. O bebê também gostava da sua companheira e estava sempre pronto a deixar os braços da mãe para ser embalado no colo de Zacintia.

Quando finalmente o navio chegou a terra e desembarcaram, Cassandra percorreu o mercado à procura de cavalos.

— Mas, senhora — disse o mercador — certamente que não irás viajar por terra, com um bebê e uma única criada, no meio do país dos Centauros.

— Não sabia que ainda existiam alguns sobreviventes — disse Cassandra. — E eu não tenho medo deles.

Tinha esperanças de que, na sua viagem, encontrassem alguém dessa raça desaparecida. Em troca de um único elo de ouro conseguiu cavalos e

mantimentos para a viagem. Negociou também uma capa para si, que poderia servir de manta para dormir ou de tenda.

— Devíamos arranjar-te outra túnica, Zacintia — disse ela, rodando na mão um resto de tecido de lã que poderia servir para fazer uma capa para a criança. — Estás tão andrajosa que pareces uma varredora de ruas. Quanto a mim, tenho estado a pensar que, antes de partirmos, talvez devesse cortar o cabelo e arranjar roupas de homem. O bebê poderá ser desmamado em breve e tenho certeza de que criam cabras aqui nas redondezas. Era capaz de ser mais seguro para viajar nestas terras selvagens. O que achas? És mais forte e mais alta do que eu; serias talvez mais convincente como homem.

A sua companheira ficou completamente imóvel, mas ela ouviu-a suspender a respiração, consternada, antes de dizer calmamente:

— Deves fazer como achares melhor, senhora; mas eu não posso vestir roupas de homem, ou viajar como tal.

— Por que?

Zacintia desviou os olhos.

— É um voto. Não posso dizer mais nada.

Cassandra encolheu os ombros.

— Então viajaremos como mulheres.

Cassandra levantou os olhos em direção aos portões de Cálcis e recordou a primeira vez que os vira, quando era ainda uma adolescente entre o grupo de amazonas de Pentesileia. Ela mudara e o mundo mudara, mas os grandes portões conservaram-se exatamente iguais.

— Cálcis! — disse ela baixinho à sua companheira. — Por fim os Deuses trouxeram-nos até ela.

Pôs Agatão em pé no chão; estava finalmente a começar a andar. Se a viagem não tivesse sido tão longa, era possível que, por aquela altura, ele já andasse bem. Mas ela era forçada a transportá-lo ao colo a maior parte do

tempo, em vez de deixá-lo engatinhar e andar à vontade. Ele já tinha quase dois anos e ela podia ver, pela forma enérgica como o seu pequeno queixo se desenvolvia, pelos seus olhos escuros e o seu cabelo negro e encaracolado, que era filho de Agamenon.

Bem, pelo menos não seria educado segundo a noção de virilidade de Agamenon.

Fora uma longa viagem; mas não, sabia-o agora, uma viagem sem fim como antes lhe parecera. Tinham viajado por terra, sobretudo durante a noite, escondendo-se em bosques e valas durante o dia. Tinha gasto vários pares de calçado e a roupa que vestia estava no fio; não tivera oportunidade de substituí-la.

Tinham tido encontros com soldados no caminho (veteranos do saque de Tróia), mas não vira nem ouvira nada acerca dos Centauros; a maioria das pessoas a quem falou deles achavam que estes não passavam de uma lenda, ou então acusavam-na diretamente de inventar histórias, ou sorriam discretamente com desdém, quando ela dizia que os vira na sua juventude.

Haviam se escondido de grupos errantes de homens, comprado a sua liberdade, usado a inteligência e por vezes as suas facas para se livrarem do perigo. Tinham passado fome e frio, por vezes não havia comida disponível nem mesmo em troca de ouro, e parado uma ou duas vezes durante uma estação inteira para procurar trabalho como fiandeiras ou tratadoras de animais.

Durante algum tempo haviam acompanhado um homem que exibia serpentes “bailarinas.” Tinham se juntado uma ou duas vezes a outros viajantes solitários e andaram perdidas, vagueando por grandes distâncias.

E depois de tantas aventuras, que Cassandra sabia que nunca se atreveria a contar, haviam chegado sãs e salvas a Cálcis.

Pegou de novo na criança quando entravam os portões. Sabia que tinha o aspecto de uma mendiga. A sua capa era ainda a mesma com que Agamenon a cobrira a bordo do seu navio; em tempos fora carmim, mas agora estava desbotada, com uma cor acinzentada e indefinida. O seu

vestido era uma túnica disforme de lã crua e o cabelo estava frouxamente amarrado com uma tira de couro que em outros tempos servira para atar uma sandália. O aspecto de Zacintia era ainda pior, se tal era possível. Parecia menos uma pedinte e mais uma espécie de malfeitora. As suas sandálias estavam quase rotas e ela tinha de arranjar outro par em Cálcis caso não fosse essa cidade o seu destino.

Mas haviam conseguido manter a criança agasalhada e bem vestida. A sua túnica, embora estivesse a ficar-lhe pequena, fora feita com uma boa peça de lã, comprada duas cidades atrás, e era presa por um alfinete feito com um dos últimos pedaços de ouro e as suas sandálias eram sólidas e fortes. Por vezes, Cassandra pensava que ele se parecia mais com o seu irmão Páris do que com Agamenon.

— Chegamos ao fim da nossa jornada — disse ela à sua companheira.

Perguntou a uma mulher que passava qual era o caminho para o palácio, e se a rainha Imandra ainda reinava ali.

— Sim, apesar de estar a ficar velha — disse a mulher — há rumores vindos do palácio que dizem que ela está mortalmente doente, mas eu não acredito. — Olhou fixamente para Cassandra e para a sua capa esfarrapada perguntando: — E o que poderá gente como vocês querer da nossa rainha?

Cassandra limitou-se a agradecer à mulher a sua ajuda e não respondeu. Dirigiu-se ao palácio. Zacintia pegou na criança e levou-a ao colo.

Ao subir as escadas do palácio, Cassandra alisou nervosamente o cabelo com os dedos. Talvez devesse ter passado pelo mercado para arranjar roupa decente para visitar a rainha.

Disse à guarda de serviço, uma mulher idosa que Cassandra reconheceu de quando estava em Cálcis muito tempo atrás:

— Gostaria de ter uma audiência com a rainha Imandra.

— Não tenho dúvidas disso — disse a mulher com sarcasmo — mas ela não recebe qualquer Zé-ninguém que a procure.

Cassandra dirigiu-se à mulher pelo nome.

— Não me conheces? A tua irmã era uma das minhas noviças na casa da Mãe Serpente.

— Princesa Cassandra! — exclamou a mulher. — Mas... nós ouvimos dizer que estavas morta... que pereceras em Micenas; que quando Agamenon morreu, Clitemnestra te assassinara também.

Cassandra riu-se.

— Como vês, estou aqui sã e salva. Mas suplico-te que me leves à presença da rainha!

— Certamente. Ela irá regozijar-se por saber que sobreviveste à queda de Tróia — disse a mulher. — Chorou por ti como pela sua própria filha.

A mulher queria levá-la até um dos quartos de hóspedes a fim de prepará-la para a audiência, mas Cassandra recusou. Pediu a Zacintia que esperasse por ela, mas a sua companheira abanou a cabeça.

— Também eu fui conduzida até aqui pela mão da Deusa — disse ela. — E só a Imandra posso revelar o que aqui me trouxe.

Desejosa de saber a história da sua companheira de viagem, Cassandra concordou. Momentos depois estava nos braços da sua parente.

— Pensei que tivesses morrido em Tróia — disse Imandra. — Tal como Hécuba e os restantes.

— Julguei que Hécuba tivesse ido com Odisseu — disse Cassandra.

— Não. Uma das mulheres conseguiu chegar até aqui e disse que Hécuba tinha morrido de desgosto, segundo ela, enquanto os navios estavam a ser carregados. Vai dar no mesmo: Odisseu naufragou e ninguém mais ouviu falar dele desde então e já lá vão quase três anos. Andrômaca foi levada para um dos reis aqueus; não consigo lembrar-me do seu nome bárbaro, mas ouvi dizer que está viva. E esta criança, é tua? — Imandra pegou o

rapazinho e beijou-o. — Houve então algo de bom no meio de todo o teu desgosto?

— Bem, eu sobrevivi e consegui aqui chegar — disse Cassandra e começaram a falar de outros sobreviventes de Tróia. Helena e Menelau, segundo constava, continuavam a reinar em Esparta e a filha de Helena, Hermíone, estava prometida ao filho de Odisseu. Clitemnestra morrera de parto havia um ano e o filho dela, Orestes, matara Egisto e recuperara o Trono do Leão de Agamenon.

— E ouviste dizer alguma coisa de Enéias? — perguntou Cassandra, recordando com terna amargura as noites estreladas do último e amaldiçoado Verão de Tróia.

— Sim, as aventuras dele são entusiasticamente contadas; visitou Cartago e teve um caso amoroso com a rainha. Dizem que, quando os Deuses o chamaram para longe dali, ela se matou de desespero; mas eu não acredito. Se alguma rainha for suficientemente idiota para se matar por causa de um homem, pior para ela, não deve ter muito de mulher e ainda menos de rainha. Depois os Deuses chamaram-no para o Norte, para onde, segundo dizem, ele levou o Paládio do Templo Troiano da Virgem e fundou uma cidade.

— Folgo em saber que ele se salvou — disse Cassandra. Talvez devesse ter ido com Enéias para o seu mundo novo, mas nenhum Deus a chamara. Enéias tinha o seu próprio destino e não era igual ao dela. — E Creúsa?

— Receio não saber qual o seu destino — disse Imandra. — Ela chegou a fugir de

Tróia?

Cassandra começava a interrogar-se. Lembrava-se de se despedir de Creúsa, mas tinha passado tanto tempo que ela se perguntava se não teria sonhado. Tudo o que se relacionava com a queda da cidade era agora, para ela, como um sonho.

— E lembras-te da minha filha Pearl? — disse Imandra. — Vem cá, menina, e cumprimenta a tua parente.

A criança avançou e cumprimentou Cassandra com um porte tal, que Cassandra não a beijou como teria feito com qualquer outra criança da idade dela.

— Que idade tem ela agora? — perguntou.

— Quase sete — disse Imandra. — E irá governar Cálcis depois de mim; conservamos a velha tradição aqui. Se a sorte nos favorecer, nunca mudará.

— Não é muita a sorte que resta neste mundo — disse Cassandra. — Mas não será amanhã nem depois que isso irá mudar.

— Continuas, então, a ter o dom da Visão?

— Nem sempre e não em relação a tudo — disse Cassandra.

— Que desejas então de mim, Cassandra? Posso dar-te ouro, roupas, abrigo; és minha parente e és bem-vinda a ficar em minha casa como uma filha. Isso seria um enorme prazer para mim. Sei que o Templo da Mãe Serpente te acolheria como chefe das sacerdotisas.

Também Clitemnestra lhe fizera uma oferta semelhante, mas ela sabia que já era tarde demais para passar o resto da vida entre quatro paredes.

— Ou, se o desejares — disse Imandra — farei o que o teu pai deveria ter feito há muito tempo e te arranjarei um marido.

Cassandra disse com veemência:

— Sinto-me tão pouco inclinada a tornar-me propriedade de um homem qualquer como antes. Em menos de um ano com Agamenom, o que tive disso valeu por uma vida inteira.

Zacintia interrompeu-as subitamente; avançou e prostrou-se diante de Imandra.

— Ó rainha! — suplicou na sua voz rouca — foi-me destinado pela Deusa que viesse a esta cidade procurar o teu auxílio. Os Deuses chamaram-me para que fundasse uma cidade e não posso fazê-lo sozinha. A princípio pensei que a Deusa me mandara aqui para saber se alguma das amazonas havia sobrevivido, pois enviou-me uma Visão de que apenas uma mulher assim poderia apoiar-me em tal tarefa.

— Quem és tu?

— O meu nome é Zacinto — disse a pessoa que Cassandra conhecera como Zacintia. — Não restou nenhuma das mulheres Amazonas, que possa ajudar-me a fundar uma cidade sem Deuses ou reis, onde a Deusa seja servida? Eu não queria uma esposa vulgar, ao jeito das dos Aqueus, mas sim uma que possa servir como sacerdotisa na cidade. Porém, ouvi dizer que tais mulheres já não existem.

— Não — disse Cassandra — nenhuma amazona sobreviveu àquela última batalha em que Pentesileia morreu.

— Não posso aceitar isso — disse Zacinto, puxando para trás o véu que usara como mulher. — Agora estou livre do meu voto e procurarei pelo mundo inteiro, se preciso for.

— Que voto era o teu? — perguntou Imandra.

— Viver como mulher até chegar aqui a Cálcis para que pudesse conhecer a vida que uma mulher é obrigada a levar — disse ele. — Ainda não tinham passado três dias desde que vestira roupas de mulher e eu já entendera por que razão as mulheres vivem com medo e, portanto, procurei a proteção da princesa troiana e na companhia dela, enquanto viajávamos, descobri a razão pela qual as mulheres procuram libertar-se dos homens. Ela não necessitava da proteção ou da ajuda de homem algum.

— No entanto — disse Cassandra, calorosamente — tu me protegeste, acompanhando-me na minha viagem e partilhando das minhas responsabilidades...

— Mas não foi por ser um homem — disse Zacinto — e jurei vezes sem conta que correria o mundo inteiro, se fosse necessário, para encontrar uma mulher na qual o espírito das Amazonas ainda vivesse.

— E então — disse Imandra — não encontraste uma?

— Encontrei — disse ele, e voltou-se para Cassandra — e acabei por conhecê-la bem.

Cassandra riu e disse:

— Há muito tempo que deixei de sentir qualquer desejo em relação a armas, Zacinto. Mas... como irás fundar a tua cidade?

— Navegarei pelo mar imenso para bem longe, para oeste, e aí procurarei o lugar onde possa ser construída uma cidade — começou ele. — Fora dessas ilhas amaldiçoadas onde os homens adoram Deuses implacáveis e opressores...

Ao escutá-lo, Cassandra não pôde deixar de lembrar-se de Enéias; aquilo fora também o que ele desejara. Ela teria, de boa vontade, ajudado a realizar esse desejo, e Zacinto parecia ter sido movido pelo mesmo espírito.

— Anseio por um mundo onde a Mãe Terra será venerada como antigamente — disse ele com entusiasmo. — Foi Ela que me enviou esta Visão, este sonho de uma cidade onde as mulheres não sejam escravas e onde os homens não precisem passar a vida inteira em guerras e lutas. Tem de existir, para homens e mulheres, um modo de vida melhor do que esta imensa guerra que consumiu toda a minha infância e tirou a vida ao meu pai e aos meus irmãos...

— E aos meus — disse Cassandra. — E aos teus.

Zacinto voltou-se e ajoelhou-se de novo diante de Imandra.

— Eu te suplico, como parente que és desta mulher: dá-me a tua permissão para que a despose.

Imandra disse:

— Mas o casamento é um dos muitos males que nos chegaram com os novos costumes! Quem sou eu para oferecê-la, como se fosse uma escrava?

Zacinto disse, com um suspiro:

— Tens razão! Cassandra, viajamos grandes distâncias juntos, conheces-me bem. Continuarás a viagem comigo... para construir um mundo melhor do que Tróia?

Cassandra, pensando na longa viagem que tinham feito juntos, disse lentamente:

— Mas, tal como os outros homens, tu vais querer um filho...

— Carreguei o teu filho nos meus braços durante pelo menos metade desta enorme viagem — disse ele. — Se fui capaz de ser uma mãe para o teu filho, duvidas que possa ser um pai para ele, também? Pois eu penso que, ainda que procurasse no mundo inteiro, não conseguiria encontrar uma mulher mais adequada aos meus objetivos. E penso que talvez fosse adequado aos teus objetivos também — acrescentou, sorrindo. — Quererás ficar sentada aqui, na corte de Imandra, a fiar?

— Não te perturba que eu tenha sido obrigada a ser concubina de Agamenom e tenha tido um filho dele? Todos os homens irão saber — disse ela.

Ele sorriu com toda a meiguice, e ela pensou de novo em Enéias.

— Não mais do que perturba a ti — disse ele. — E quanto ao rapaz, ele é teu filho, e tu viste bem o amor que eu lhe tenho. Um dia poderemos ter outros para os quais eu possa ser igualmente pai e mãe... — A sua voz soou cheia de ternura ao acrescentar: — Gostaria de ter uma filha como tu.

Ela passara muito tempo da sua vida ligada à idéia de que nunca poderia casar, porém aquela guerra levara toda a sua família e ela não tinha um lugar que fosse seu. E as Amazonas tinham também desaparecido, como Tróia desaparecera.

Aquela nova cidade poderia ser um lugar onde os homens e as mulheres não precisariam ser inimigos, onde os Deuses não seriam os implacáveis inimigos das Deusas...

Se Tróia não conseguira ser eterna, não existia qualquer garantia de que a nova cidade o fosse. Mas se, em troca do trabalho de uma vida, ela pudesse contribuir para a construção de uma cidade onde os homens não transformassem os seus filhos em guerreiros (para que eles não tivessem de seguir os Deuses cruéis nas batalhas) nem as suas filhas em brinquedos para os homens, então a sua vida não teria sido desperdiçada.

Recordou a jovem que fora, sentada na casa do Senhor do Sol, distribuindo sabedoria pelos peticionários. O que costumava dizer, nesse tempo? *"Eu dou as mesmas resposta que eles seriam capazes de dar, se se dessem ao trabalho de utilizar a inteligência que os Deuses lhes deram ",* recordou. Mas acrescentara: *"Antes de falar, eu faço sempre uma pausa e espero, para o caso de o Deus ter outra resposta para ser dada. "*

Escutou o seu coração, mas só captou silêncio e a recordação do sorriso ardente do Deus. Seria possível que chegasse o dia em que ela, como qualquer esposa submissa, veria o rosto do Deus no seu marido? Olhou para Zacinto. Não era nenhum Apolo, mas o seu rosto era sincero e meigo. Era-lhe difícil imaginar um Deus falando através dele, mas, pelo menos, o que ele dissesse não seria cruel ou arbitrário. Agamenon não fora pior que Posídon; Páris pusera Tróia em chamas por vontade de uma Deusa mais cruel e voluntariosa do que qualquer homem. Em toda a sua vida, o mais vil dos homens não fora pior do que o melhor dos Deuses. E todo o mal que haviam feito tinha sido por vontade de Deuses construídos à sua própria imagem.

Escutou, mas nenhuma voz divina falou para detê-la; nesse momento soube qual iria ser a sua resposta. E imediatamente o seu coração se lançou na corrida através do mar imenso em direção a um novo mundo que, se não fosse melhor do que o antigo, seria pelo menos tão bom quanto os homens e as mulheres conseguissem fazê-lo.

— Partamos, Zacinto, partamos em busca da nossa cidade! Talvez um dia aqueles que vierem depois de nós possam conhecer a verdade sobre de

Tróia e da sua queda — disse ela, e tomou a mão dele na sua.

Em algum lugar, uma Deusa sorria. Não lhe pareceu que fosse Afrodite.

POST-SCRIPTUM

A Ilíada nada fala sobre o destino de Cassandra de Tróia. Ésquilo, na sua obra Agamenon, apresenta-a como sua companheira na morte às mãos de Clitemnestra; era considerado perfeitamente admissível apresentar personagens da Ilíada cujo destino não fizesse parte desse poema. Eurípides apresenta-nos Cassandra como uma das troianas cativas. Curiosamente ela é a única mulher que sugere a vingança sobre os seus captores, mas é também claramente demonstrado que ela é louca. Ainda uma outra apresentação dramática mostra-nos Cassandra conduzindo as mulheres de Tróia para um heróico suicídio coletivo.

Contudo, na placa número 803 do Museu Arqueológico de Atenas pode ler-se o seguinte:

ZEUS DE DODONA, RECEBE ESTA OFERTA QUE EU E A MINHA FAMÍLIA TE ENVIAMOS

AGATÃO FILHO DE EKHEPHYLOS, A FAMÍLIA ZAKYNTHIA, CÔNSULES DOS MOLOSSIANS E SEUS ALIADOS,

QUE DESCENDEM DESDE HÁ 30 GERAÇÕES DE CASSANDRA DE TRÓIA

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer especialmente a ajuda do meu marido, Walter Breen, que contribuiu materialmente nas pesquisas para este livro, e cujo conhecimento da Grécia Clássica (língua e história) foi uma ajuda incalculavelmente valiosa na criação desta história, nomeadamente pela inclusão da citação existente no Museu de Atenas e com a qual este livro termina, fornecendo um fundamento histórico para o destino, e a própria existência histórica, de Cassandra de Tróia, de cuja perspectiva esta história é contada.

É provável que os leitores vão levantar objeções: *"Não foi assim que aconteceu na Ilíada. "* Claro que não! Se a narração feita pela Ilíada me satisfizesse, não teria existido qualquer razão para escrever um romance. Aliás, a Ilíada pára precisamente no momento mais interessante, deixando ao escritor as conjecturas acerca do fim, a partir das diversas lendas e tradições. Se os escritores do drama grego se sentiram livres de improvisar, não me será necessário pedir desculpas por ter seguido o seu excelente exemplo.

Uma explicação mais: os conhecimentos de Walter no que respeita à língua persuadiram-me, em nome da "exatidão" lingüística e um tanto contra a minha vontade, a usar a transliteração clássica em substituição das formas latinizadas mais comuns; assim, Akhaians toma o lugar de *Achaeans*[1] (o termo "Gregos" não era ainda conhecido), Akhilles o de Achilles e, pior do que tudo, Kassandra o de Cassandra. Para mim, a diferença é tremenda e altera todo o significado do nome e da personagem. Um cão ou um corvo não seriam, afinal, as mesmas criaturas se lhes chamássemos *kão* ou *korvo*[2]. Para aqueles cuja sensibilidade estética é tão apurada como a minha, e para quem o aspecto de um nome sobre uma folha altera a sua verdadeira essência, não posso fazer mais do que apresentar as minhas desculpas. A lingüística e a estética são, afinal, filosofias muito diferentes, e as discordâncias entre elas nunca serão resolvidas, pelo menos por mim.

Agradeço também a Elisabeth Waters, que, nas muitas ocasiões em que eu fiquei "encalhada" com as angústias de "o que vai acontecer a seguir?", nunca deixou de me ajudar a procurar a solução mais construtiva e aos

outros elementos da minha casa, que sofreram comigo toda a queda e pilhagem de Tróia.

MARIONZIMMER BRADLEY

1

- Devido à decisão de traduzir todos os nomes relativos a povos e elementos topográficos, os exemplos citados carecem de significado na língua portuguesa. Porém, por uma questão de fidelidade ao texto de agradecimento da autora, mantivemos a grafia original nesta parte do texto. (N. da T.)

2

- No texto original, a autora utiliza como exemplo cow (vaca). A sua tradução tornaria o exemplo impossível, razão que levou à sua substituição. (N. da T.)

Table of Contents

PRÓLOGO
VOLUME UM - O CHAMAMENTO DE APOLO
UM
DOIS
TRES
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
CATORZE
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
VOLUME DOIS - O DOM DE AFRODITE
UM
DOIS
TRES
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE

DOZE
TREZE
CATORZE
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOITO
DEZENOVE
VINTE
VINTE E UM
VINTE E DOIS
VINTE E TRES
VOLUME TRÊS - A MALDIÇÃO DE POSÍDON
UM
DOIS
TRES
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
CATORZE
QUINZE
DEZESSEIS
DEZESSETE
DEZOITO
EPÍLOGO
POST-SCRIPTUM
AGRADECIMENTOS